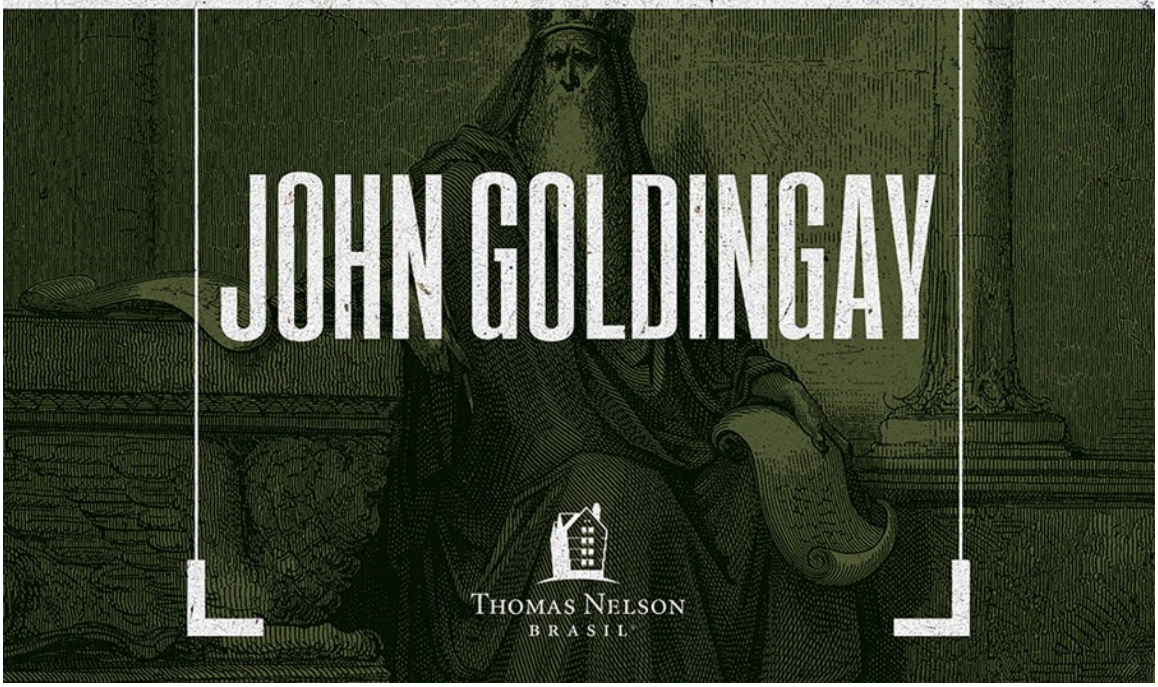


POÉTICOS PARA TODOS

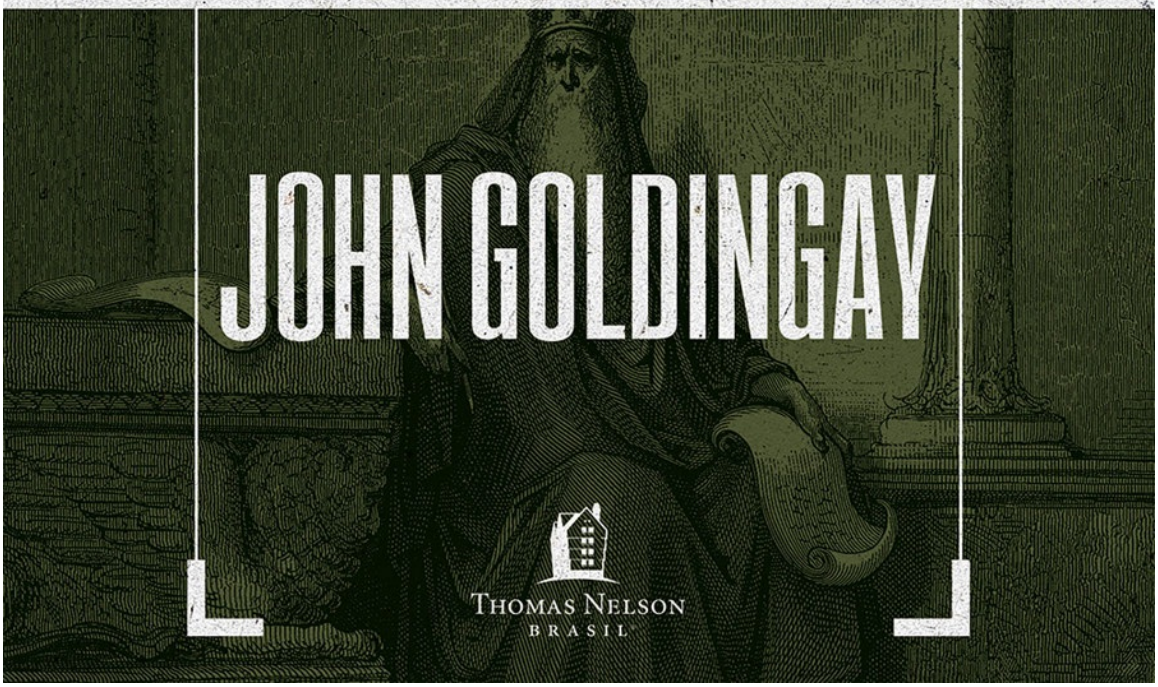


JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL



POÉTICOS PARA TODOS



JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL

Título original: Job for everyone, Psalms for everyone — Part 1, Psalms for everyone — Part 2, Proverbs, Ecclesiastes, and Song of Songs for everyone

Copyright © 2013 por John Goldingay

Edição original por Westminster John Knox Press, Louisville, Kentucky.

Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © Vida Melhor Editora S.A., 2022.

As citações bíblicas são traduções da versão do próprio autor, a menos que seja especificada outra versão da Bíblia Sagrada.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

Publisher	Samuel Coto
Editor	André Lodos Tangerino
Tradutor	José Fernando Cristofalo
Copidesque	Josemar de Souza Pinto
Revisão	Carlos Augusto Pires Dias
Diagramação	Sonia Peticov
Capa	Rafael Brum
Produção do e-book	Ranna Studio

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(Benitez Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

G571p

1.ed.

Goldingay, John

Poéticos para todos/ John Goldingay; tradução José Fernando Cristófalo. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

Título original: Job for everyone, Psalms for everyone — Part 1, Psalms for everyone — Part 2, Proverbs, Ecclesiastes, and Song of Songs for everyone.

ISBN 978-65-56893-75-4

1. Bíblia. A.T. Jó – Comentários. I. Cristófalo, José Fernando. II. Título.

05-2022/138

CDD:223.7

Índice para catálogo sistemático:

1. Bíblia: Antigo Testamento: Comentários 223.7

Aline Graziele Benitez — Bibliotecária — CRB-1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora LTDA.

Todos os direitos reservados. Vida Melhor Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.thomasnelson.com.br

SUMÁRIO

JÓ

Agradecimentos

Introdução

Mapas

Jó

1:1-5 • O homem de integridade

Jó

1:6-12 • Aliança ou contrato?

Jó

1:13-22 • Quando a vida desmorona

Jó

2:1-8 • Pele por pele

Jó

2:9-13 • O silêncio dos amigos

Jó

3:1-26 • Pereça o dia em que nasci

Jó

4:1-21 • Pode um mortal ser justo aos olhos de Deus?

Jó

5:1-27 • Para onde mais eu poderia ir, exceto para o Senhor?

Jó

6:1-30 • Amizade

Jó

7:1-21 • O que são os seres humanos para merecerem tamanha atenção?

Jó

8:1-22 • Sobre aprender com o passado

Jó

9:1-35 • O Deus da ira

Jó

10:1-22 • Sobre nascimento e morte

Jó

11:1-20 • O mesmo de sempre

Jó

12:1-25 • Soberania sem princípio?

Jó

13:1-28 • Você irá apenas ouvir?

Jó

14:1-22 • No meio da vida, estamos na morte

Jó

15:1-35 • Elifaz tenta novamente

Jó

16:1-17 • Consoladores? Parecem mais causadores de problemas

Jó

16:18—17:16 • Uma testemunha nos céus?

Jó

18:1-21 • Jó contesta a fundação moral do mundo?

Jó

19:1-29 • Eu sei que o meu Restaurador vive

Jó

20:1-29 • Como os ímpios obtêm a sua recompensa

Jó

21:1-34 • Se apenas os ímpios obtivessem a sua recompensa!

Jó

22:1-30 • Elifaz reescreve a vida de Jó em vez de revisar a sua própria teologia

Jó

23:1-17 • Quem se moveu?

Jó

24:1-25 • Por que os tempos não são cumpridos por Shaddai?

Jó

25:1—26:14 • Um gemido e um sussurro

Jó

27:1-23 • Odeio as pessoas que te odeiam

Jó

28:1-28 • O discernimento está na submissão ao Senhor

Jó

29:1-25 • Como éramos e como eu pensei que seríamos

Jó

30:1-31 • Como nós somos

Jó

31:1-12 • Como eu tenho andado (I)

Jó

31:13-23 • Como eu tenho andado (II)

Jó

31:24-40 • Como eu tenho andado (III)

Jó

32:1-22 • O jovem irado

Jó

33:1-33 • O cuidado pastoral que piora a posição do sofredor

Jó

34:1-30 • Deus não é bom ou soberano?

Jó

34:31—35:16 • Provado até o limite

Jó

36:1-25 • O Deus que sussurra em nossos ouvidos

Jó

36:26—37:24 • O assombroso Criador

Jó

38:1-15 • O Deus que ordena o amanhecer

Jó

38:16-38 • Sobre aceitar a própria ignorância

Jó

38:39—39:30 • Os mistérios da natureza

Jó

40:1-24 • Quando o silêncio não é suficiente

Jó

41:1-34 • O Leviatã

Jó

42:1-17 • E todos viveram felizes para sempre

Glossário

Sobre o autor

SALMOS 1-72 | PARTE 1

Agradecimentos

Introdução

Salmo

1 • Você tem uma escolha

Salmo

2 • Deus ri-se em favor de seu povo

Salmo

3 • Você não está sozinho

Salmo

4 • A quem posso recorrer?

Salmo

5 • Sobre suplicar ao Rei

Salmo

6 • Como a oração faz diferença

Salmo

7 • O Juiz está do seu lado

Salmo

8 • Até aqui e não mais

Salmo

9:1-18 • Louvor e ações de graças como uma chave para a oração — I

Salmo

9:19—10:18 • Os miseráveis sobre a terra

Salmo

11 • Fugir ou ficar?

Salmo

12 • Deus fala, às vezes

Salmo

13 • Até quando? Até quando? Até quando? Até quando?

Salmo

14 • O que um trapaceiro diz a si mesmo

Salmo

15 • Como habitar com Deus

Salmo

16 • O segredo da vida

Salmo

17 • Vá em frente, olhe o meu coração

Salmo

18:1-24 • Provavelmente, todos já fomos, algumas vezes, resgatados da morte

Salmo

18:25-50 • Autoconhecimento ou autoengano

Salmo

19 • O mistério do pecado

Salmo

20 • Como ser codependente

Salmo

21 • Ser abençoado e ser uma bênção

Salmo

22:1-18 • Meu Deus, meu Deus, por quê?

Salmo

22:19-31 • Sobre enfrentar dois conjuntos de fatos

Salmo

23 • Na escuridão do vale

Salmo

24 • Deus o deixará entrar? Você deixará Deus entrar?

Salmo

25 • Mal posso esperar

Salmo

26 • Lavo as mãos na inocência

Salmo

27 • Uma coisa

Salmo

28 • A nossa obra e a de Deus

Salmo

29 • Quem é realmente Deus (e você o trata como tal)?

Salmo

30 • Resposta à oração fase dois

Salmo

31 • Eles estão tentando nos arrastar

Salmo

32 • O amor cobre uma multidão de pecados

Salmo

33 • O compromisso de Deus enche a terra

Salmo

34 • Eu sobreviverei

Salmo

35 • Eles me odiaram sem motivo; e o tratarão da mesma forma

Salmo

36 • Sobre viver em dois mundos diferentes

Salmo

37:1-20 • Os humildes herdarão a terra

Salmo

37:21-40 • Você fechou os olhos então?

Salmo

38 • Quando o sofrimento está ligado ao pecado

Salmo

39 • Eu irei morrer

Salmo

40 • Louvor e ações de graças como chave para a oração — II

Salmo

41:1-12 • Como aprender com os pobres

Salmo

41:13 • Um ato de louvor intermediário de encerramento

Salmo

42 • Onde está o seu Deus?

Salmo

43 • Quando a vida continua em trevas

Salmo

44 • Desperta, Deus!

Salmo

45 • O desafio do casamento

Salmo

46 • Aquietem-se e saibam que eu sou Deus

Salmo

47 • A confissão ultrajante

Salmo

48 • Esta é a cidade?

Salmo

49 • A morte o alcança quando você menos espera

Salmo

50 • Mantenha o simples

Salmo

51 • Ensina-me o arrependimento

Salmo

52 • Como permanecer de pé — I

Salmo

53 • Não há Deus aqui

Salmo

54 • Como permanecer de pé — II

Salmo

55 • Lançando coisas em Deus

Salmo

56 • Assobio uma melodia feliz

Salmo

57 • Lembrar faz toda a diferença

Salmo

58 • Desafio aos principados e potestades

Salmo

59 • Como ser imoderado

Salmo

60 • Como lidar com promessas não cumpridas

Salmo

61 • Como orar com o seu líder

Salmo

62 • Silêncio em relação a Deus

Salmo

63 • Deus está presente em Jerusalém e também no deserto

Salmo

64 • Quando batem à sua porta

Salmo

65 • O Deus da expiação e o Deus da colheita

Salmo

66 • Ao sentir-se vulnerável e ameaçado

Salmo

67 • Abençoa-nos e capacita outras pessoas a verem por si mesmas

Salmo

68:1-18 • Pai do órfão, protetor da viúva

Salmo

68:19-35 • Nem militarista nem pacifista

Salmo

69:1-18 • Paixão significa perseguição

Salmo

69:19-36 • Confiar em Deus com a sua ira

Salmo

70 • Sobre dizer a Deus o que fazer

Salmo

71 • Do nascimento e juventude até a meia-idade e a velhice

Salmo

72:1-17 • Como orar pelos governantes

Salmo

72:18-20 • Outro ato de louvor intermediário de encerramento

Glossário

Sobre o autor

SALMOS 73-150 | PARTE 2

Agradecimentos

Introdução

Salmo

73 • Deus redime agora

Salmo

74 • Chega de punição!

Salmo

75 • A promessa de um cálice envenenado

Salmo

76 • Medo ou reverência

Salmo

77 • Deus mudou?

Salmo

78:1-37 • A ligação sutil entre a graça de Deus e a resposta do povo

Salmo

78:38-72 • Os que estão de pé cuidem para que não caiam

Salmo

79 • Uma forma de escapar da fadiga por compaixão

Salmo

80 • Traze de volta! Volta!

Salmo

81 • Sobre a relação entre adoração e sermão

Salmo

82 • Sobre desafiar os deuses e Deus

Salmo

83 • Escolha o seu destino

Salmo

84 • Um dia e mil dias

Salmo

85 • Restaura-nos novamente

Salmo

86 • Um servo apoia-se em seu Senhor

Salmo

87 • Coisas gloriosas são faladas sobre ti, Sião

Salmo

88 • Um clamor da sepultura

Salmo

89:1-37 • Há algo estável?

Salmo

89:38-51 • Enfrentando o outro conjunto de fatos

Salmo

89:52 • Amém, seja como for

Salmo

90 • O tempo de Deus e o nosso tempo

Salmo

91 • À sombra do Todo-poderoso

Salmo

92 • Como é a adoração do sábado?

Salmo

93 • A terra é vulnerável?

Salmo

94 • O Deus da reparação

Salmo

95 • Poderá apenas se calar e ouvir?

Salmo

96 • Sim, Yahweh começou a reinar

Salmo

97—98 • O verdadeiro Rei dos reis

Salmo

99—100 • Sobre espaço, atos e som sagrados

Salmo

101 • O desafio da liderança

Salmo

102 • Tenho esperança para Sião, mas há esperança para mim?

Salmo

103 • Como persuadir o seu coração

Salmo

104 • Deus da luz e Deus das trevas

Salmo

105 • Aprendendo com a sua história

Salmo

106:1-47 • Como a nossa infidelidade engrandece a fidelidade de Deus

Salmo

106:48 • Outro amém

Salmo

107 • Que os redimidos do Senhor o digam

Salmo

108 • O que fazer quando as promessas de Deus falham

Salmo

109 • Como lidar ao ser enganado

Salmo

110 • Uma questão de poder

Salmo

111 • A aliança de Yahweh e a nossa aliança

Salmo

112 • O evangelho da prosperidade redefinido

Salmo

113—114 • Sobre estar aberto ao inesperado

Salmo

115 • Confiança ou controle

Salmo

116 • Razão para crer

Salmo

117 • Como dizer muito em poucas palavras

Salmo

118 • Este é o dia que o Senhor fez

Salmo

119:1-24 • As leis de Deus como o caminho para a bênção

Salmo

119:25-48 • Firme nas promessas

Salmo

119:49-72 • Ensina-me

Salmo

119:73-96 • Sobre elevar o teto da nossa esperança

Salmo

119:97-120 • Posso ser mais sábio que o meu professor

Salmo

119:121-144 • O mestre fiel

Salmo

119:145-176 • O apelo da ovelha perdida

Salmo

120—121 • Pacificidade e paz

Salmo

122—123 • Orando por Jerusalém, orando por graça

Salmo

124—125 • Montanhas ao redor de Jerusalém, e Yahweh ao redor do seu povo

Salmo

126—127 • Lamento e insônia

Salmo

128—129 • Bênçãos e atrocidades

Salmo

130—131 • Desejando e esperando

Salmo

132 • Se você construir, ele virá

Salmo

133—134 • Como terminar o dia

Salmo

135 • Vento santo

Salmo

136 • O seu compromisso é para sempre

Salmo

137 • Recordação, de Deus e nossa

Salmo

138 • Como ser desafiador no Espírito

Salmo

139 • Sobre transparência

Salmo

140 • A alternativa a um colete à prova de balas

Salmo

141 • Sobre manter a boca fechada

Salmo

142 • Como fazer a oração funcionar

Salmo

143 • A fidelidade de Deus, não a minha

Salmo

144 • Um mero sopro

Salmo

145 • Teu é o reino, o poder e a glória

Salmo

146 • Não confie em líderes

Salmo

147 • A criação como motivo de esperança

Salmo

148—149 • Dança e matança

Salmo

150 • O louvor de Deus, o Eterno Criador, está terminado e completo

Glossário

PROVÉRBIOS, ECLESIASTES E CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Agradecimentos

Introdução

PROVÉRBIOS

Provérbios

1:1-19 • O dicionário da sabedoria

Provérbios

1:20—2:22 • Estudantes em quatro sabores

Provérbios

3:1-35 • Sobre confiança

Provérbios

4:1-27 • Sobre disciplina

Provérbios

5:1-23 • Louco de amor (1)

Provérbios

6:1-34 • Sobre salvaguardar a concórdia

Provérbios

7:1-27 • Deixe-me contar uma história

Provérbios

8:1-36 • Deixe-me contar outra história

Provérbios

9:1-18 • As duas vozes

Provérbios

10:1-32 • A boca da pessoa fiel é frutífera

Provérbios

11:1-31 • Na modéstia há sabedoria

Provérbios

12:1-28 • Ansiedade e uma boa palavra

Provérbios

13:1-25 • Discipline os seus adolescentes, se puder

Provérbios

14:1-35 • Mesmo em riso um coração pode sofrer

Provérbios

15:1-33 • Uma resposta gentil desvia a fúria

Provérbios

16:1-33 • A arrogância precede o abalo

Provérbios

17:1-28 • Yahweh prova as mentes

Provérbios

18:1-24 • O nome de Yahweh é um refúgio

Provérbios

19:1-29 • Deus tem um plano maravilhoso para a sua vida?

Provérbios

20:1-30 • A bebida leva à briga

Provérbios

21:1-31 • O caminho de um homem pode ser estranho

Provérbios

22:1-16 • O rico e o pobre se encontram

Provérbios

22:17—23:21 • Não tire uma soneca muito longa

Provérbios

23:22—24:22 • Adquira a verdade, não a venda

Provérbios

24:23—25:22 • Sobre amontoar brasas vivas

Provérbios

25:23—26:28 • Coisas complexas e de volta para frente

Provérbios

27:1-27 • Fiéis são as feridas de um amigo

Provérbios

28:1-28 • Para pensar na Quaresma

Provérbios

29:1-27 • Você poderia subitamente se quebrar sem haver cura

Provérbios

30:1-14 • Sou apenas um peregrino cansado, mas tenho algumas palavras de Deus

Provérbios

30:15-33 • Criação e números

Provérbios

31:1-9 • A bebida demoníaca

Provérbios

31:10-31 • A mulher forte

PROVÉRBIOS POR TÓPICOS

Ira

Discussões

Amigos e o vizinho ou próximo

Maridos e esposas, homens e mulheres

Honra, humildade e arrogância

A pessoa interior (mente e coração)

Justiça e julgamento

A boca

Vida familiar e disciplina

Riqueza e pobreza

Trabalho e preguiça

ECLESIASTES

Eclesiastes

1:1-11 • Debaixo do sol, onde o acaso governa

Eclesiastes

1:12—2:11 • O segredo da vida é...

Eclesiastes

2:12-26 • Que legado?

Eclesiastes

3:1-15 • Tudo tem o seu tempo

Eclesiastes

3:16—4:3 • Não há justiça

Eclesiastes

4:4-16 • Se duas pessoas se deitarem juntas, elas podem se manter aquecidas

Eclesiastes

5:1-7 • Venda a sua língua e compre mil ouvidos

Eclesiastes

5:8—6:9 • Não é o suficiente, mas é melhor do que nada

Eclesiastes

6:10—7:22 • Seja realista

Eclesiastes

7:23—8:15 • Não encontrei uma mulher

Eclesiastes

8:16—9:12 • Lembre-se de que você irá morrer e que isso pode ocorrer mais cedo do que pensa

Eclesiastes

9:13—10:20 • As dinâmicas angustiantes da sabedoria e do poder

Eclesiastes

11:1—12:7 • Desfrute da sua vida lembrando-se do seu Criador

Eclesiastes

12:8-14 • Um

Eclesiastes

é bom, mas um só é suficiente

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Cântico dos Cânticos

1:1-17 • Juntos e sozinhos

Cântico dos Cânticos

2:1-17 • O meu amor é meu, e eu sou dele

Cântico dos Cânticos

3:1-11 • Pesadelos e sonhos (1)

Cântico dos Cânticos

4:1—5:1 • Louco de amor (2)

Cântico dos Cânticos

5:2—6:10 • Pesadelos e sonhos (2)

Cântico dos Cânticos

6:11—7:13 • Eu pertenço ao meu amor, e o seu desejo é por mim

Cântico dos Cânticos

8:1-14 • O amor é tão forte quanto a morte

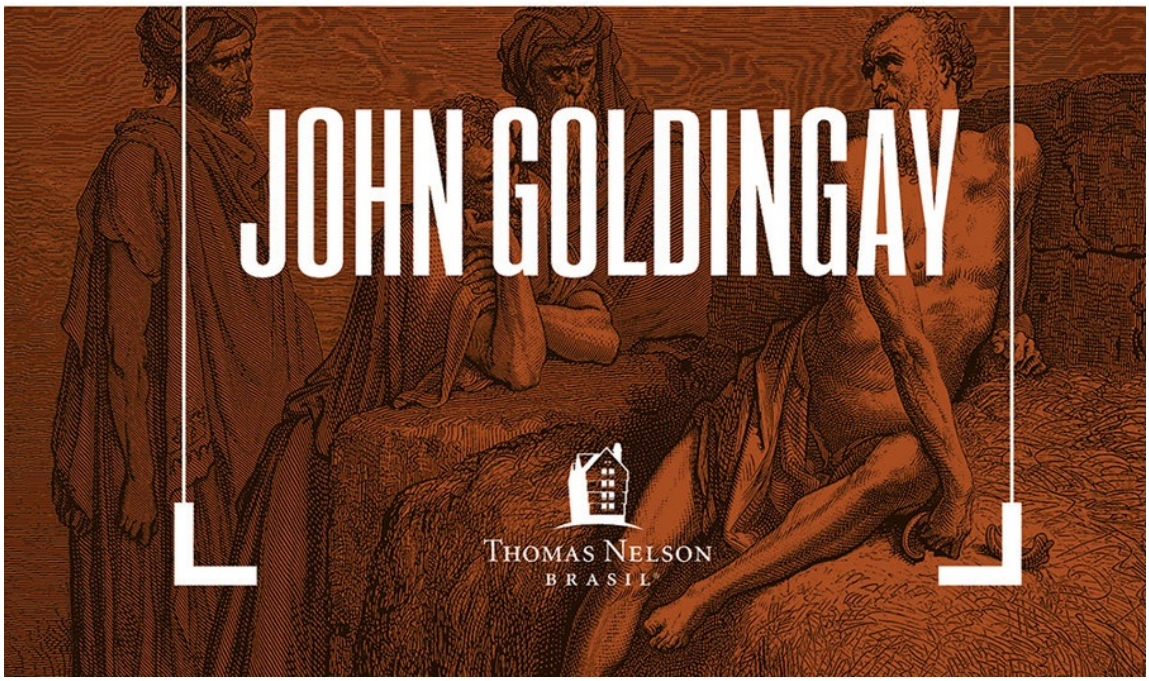
Glossário

Sobre o autor



POÉTICOS PARA TODOS

JÓ



JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL®

POÉTICOS PARA TODOS

JÓ

JOHN GOLDINGAY



THOMAS NELSON
BRASIL®

AGRADECIMENTOS

A tradução no início de cada capítulo (e em outras citações bíblicas) é de minha autoria. Tentei me manter o mais próximo do texto hebraico original do que, em geral, as traduções modernas, destinadas à leitura na igreja, para que você possa ver, com mais precisão, o que o texto diz. Similarmente, embora prefira utilizar a linguagem inclusiva de gênero, deixei a tradução com o uso universal do gênero masculino caso esse uso inclusivo implicasse dúvidas quanto ao texto estar no singular ou no plural — em outras palavras, a tradução, com frequência, usa "ele" onde em meu próprio texto eu diria "eles" ou "ele ou ela". Às vezes, adicionei palavras para tornar o significado mais claro, colocando-as entre colchetes. Ao final do livro, há um glossário de alguns termos recorrentes no texto (expressões geográficas, históricas e teológicas). Em cada capítulo (exceto na introdução), a ocorrência inicial desses termos é destacada em negrito.

As histórias presentes na tradução, em geral, envolvem meus amigos, assim como minha família. Todas elas ocorreram, de fato, mas foram fortemente dissimuladas para preservar as pessoas envolvidas. Em algumas, o disfarce utilizado foi tão eficiente que, ao relê-las, levo um tempo para identificar as pessoas descritas. Nas histórias, Ann, minha primeira esposa, aparece com frequência. Dois anos antes de eu começar a escrever este volume, ela faleceu, após negociar com a esclerose múltipla durante 43 anos. Compartilhar os cuidados, o desenvolvimento de sua enfermidade e a crescente limitação, ao longo desses anos, influencia tudo o que escrevo, de maneiras facilmente perceptíveis ao leitor, mas também de formas menos óbvias.

Pouco antes de começar a escrever este volume, apaixonei-me e casei-me com Kathleen Scott e sou muito grato por minha nova vida ao lado dela e por seus lúcidos comentários sobre o manuscrito, tão criteriosos e elucidativos que ela, na realidade, deve ser creditada como coautora. Minha gratidão, igualmente, a Matt Sousa por ter lido o manuscrito e me indicado o que precisava ser corrigido ou esclarecido no texto, e a Tom Bennett por ter conferido a prova de impressão.

INTRODUÇÃO

No tocante a Jesus e aos autores do Novo Testamento, as Escrituras hebraicas, que os cristãos denominam de Antigo Testamento, eram as Escrituras. Ao fazer essa observação, lanço mão de alguns atalhos, já que o Novo Testamento jamais apresenta uma lista dessas Escrituras, mas o conjunto de textos aceito pelo povo judeu é o mais próximo que podemos ir na identificação da coletânea de livros que Jesus e os escritores neotestamentários tiveram à disposição. A igreja também veio a aceitar alguns livros adicionais, como Macabeus e Eclesiástico, tradicionalmente denominados "apócrifos", os livros que estavam "ocultos" — o que veio a implicar "espúrios". Agora, com frequência, são conhecidos como "livros deuterocanônicos", um termo mais complexo, porém menos pejorativo; isso simplesmente indica que esses livros detêm menos autoridade que a Torá, os Profetas e os Escritos. A lista exata deles varia entre as diferentes igrejas. Para os propósitos desta série que busca expor o "Antigo Testamento para todos", consideramos como "Escrituras" os livros aceitos pela comunidade judaica, embora na Bíblia judaica eles sejam apresentados em uma ordem distinta, classificados como a Torá, os Profetas e os Escritos.

Elas não são "antigas" no sentido de antiquadas ou ultrapassadas; às vezes, gosto de me referir a elas como o "Primeiro Testamento" em vez de "Antigo Testamento", para não deixar dúvidas. Quanto a Jesus e aos autores do Novo Testamento, as antigas Escrituras foram um recurso vívido na compreensão de Deus e dos caminhos divinos no mundo e conosco. Elas foram úteis "para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra" (2Timóteo 3:16-17). De fato, foram para todos, de modo que é estranho que os cristãos pouco se dediquem à sua leitura. Assim, o objetivo, com esses volumes, é auxiliar você a fazer isso.

Meu receio é que você leia a minha obra, não as Escrituras. Não faça isso. Aprecio o fato de esta série incluir grande parte do texto bíblico, mas não ignore a leitura da Palavra de Deus. No fim, essa é a parte que realmente importa.

UM ESBOÇO DO ANTIGO TESTAMENTO

Embora o Antigo Testamento cristão contenha os mesmos livros da Bíblia judaica, eles são apresentados em uma ordem diferente:

Gênesis a Reis: Uma história que abrange desde a criação do mundo até o exílio dos judaítas na Babilônia.

Crônicas a Ester: Uma segunda versão dessa história, prosseguindo até os anos posteriores ao exílio.

Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos: Alguns livros poéticos.

Isaías a Malaquias: O ensino de alguns profetas.

A seguir, há um esboço da história subjacente a esses livros (não forneço datas para os eventos em Gênesis, o que envolve muito esforço de adivinhação).

1200 a.C.	Moisés, o êxodo, Josué
1100 a.C.	Os “juízes”
1000 a.C.	Saul, Davi
900 a.C.	Salomão; a divisão da nação em dois reinos: Efraim e Judá
800 a.C.	Elias, Eliseu
700 a.C.	Amós, Oseias, Isaías, Miqueias; Assíria, a superpotência; a queda de Efraim
600 a.C.	Jeremias, rei Josias; Babilônia, a superpotência
500 a.C.	Ezequiel; a queda de Judá; Pérsia, a superpotência; judaítas livres para retornar para casa
400 a.C.	Esdras, Neemias
300 a.C.	Grécia, a superpotência
200 a.C.	Síria e Egito, os poderes regionais puxando Judá de uma forma ou de outra
100 a.C.	Judá rebela-se contra o poder da Síria e obtém a independência
0 a.C.	Roma, a superpotência

JÓ

Logo após o meio do Antigo Testamento, começa uma sequência de livros poéticos que lidam com aspectos da vida diária, a saber: relacionamentos pessoais, dinheiro, amor, dúvidas, sofrimento e oração. Pode parecer estranho iniciar com o tema do sofrimento (Jó) e, então, abordar a oração (Salmos) e, depois, as questões da vida cotidiana (Provérbios), as dúvidas (Eclesiastes) e, por fim, o amor (Cântico dos Cânticos), mas a ordem reflete a ordem cronológica das personagens às quais os textos estão associados. A história de Jó pode levar as pessoas a pensarem que a sua vida está situada na época dos ancestrais de Israel, como Abraão. Davi é o santo padroeiro da salmodia. Salomão é o santo padroeiro da sabedoria, como expresso em Provérbios, Cântico dos Cânticos e Eclesiastes.

Seguindo a narrativa de Gênesis a Ester, a história de Jó também constitui uma surpresa, pois ela não foca as tratativas de Deus com Israel, ao longo dos séculos, como os livros anteriores. Na realidade, o texto de Jó não faz nenhuma referência ao êxodo, à aliança, à Torá, aos profetas ou ao Dia do Senhor. Nesse aspecto, ele pertence ao grupo formado por Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos. Esses quatro livros não focam os atos de Deus na história, mas as questões sobre a compreensão do mundo, da vida humana e a experiência da nossa vida cotidiana. Os livros anteriores, tais como Êxodo e Deuteronômio, também eram preocupados em nos ajudar a compreender o mundo e a vida humana, além de saber como viver a nossa vida diária. Todavia, Jó, Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos abordam essas questões de uma forma distinta. Em vez de apelarem para o modo com que Deus agiu em eventos como o êxodo, eles recorrem à forma como a própria vida é; refletem sobre a natureza da experiência humana cotidiana. Isso não significa que deixam Deus ou a moralidade de fora — os livros os incluem como parte da experiência humana. No entanto, com o objetivo de mostrar como compreender e viver a vida com Deus, eles olham empiricamente sobre o modo pelo qual a vida funciona. Ao fazer isso, Jó, Provérbios e Eclesiastes, com frequência, usam palavras como “sabedoria” ou “conhecimento” para descrever o seu foco. Mas, embora toda a Bíblia esteja envolvida com sabedoria ou conhecimento, esses livros são, em geral, chamados de “literatura de sabedoria”.

Há, então, dois aspectos em relação ao modo de esses livros retratarem esses temas. Por um lado, eles podem ver que a vida possui regularidades, padrões e lógica. Existem maneiras pelas quais isso normalmente funciona. Com base nesses padrões, pode-se descobrir como viver a vida. Por outro lado, contudo, eles também podem ver que a experiência humana nem sempre se encaixa nesses padrões. Algumas vezes, tem-se a impressão de que há tantas exceções à regras quanto experiências que se encaixam nelas. Provérbios e Cântico dos Cânticos, então, concentram-se nas regras, na ordem que caracteriza a vida humana, embora eles igualmente reconheçam que a vida não é totalmente previsível. Jó e Eclesiastes focam as experiências que fogem às regras, apesar de também reconhecerem essas regras.

Jó discute uma experiência que não se encaixa nas regras, ao contar a história de um homem que era plenamente comprometido com Deus, mas cuja vida desmoronou por meio de uma série de catástrofes; ele, no entanto, foi restabelecido. O livro discute as questões que essa classe de experiência suscita, ao adotar a forma de uma peça teatral, na qual diferentes personagens apresentam percepções distintas sobre como podemos compreender a experiência de Jó. Esse dispositivo possibilita expressar as diferentes percepções sem se obrigar a definir uma delas como correta. Embora algumas dessas percepções possam lançar mais ou menos luz sobre a história particular de Jó, nenhuma delas contém toda a verdade, do mesmo modo que nenhuma delas está totalmente errada.

Apesar de a história de Jó estar ambientada em um período similar ao de Abraão, isso, claro, não significa que foi escrita nessa época. A exemplo de muitos livros do Antigo Testamento, o texto nos fornece poucas indicações concretas sobre quando foi escrito, e muitas datas têm sido sugeridas. Essa questão tem menos relevância do que em relação a outros livros do Antigo Testamento precisamente porque o assunto discutido por ele é de escopo humano eterno. A exemplo de outros livros independentes, tais como Rute e Jonas, presumo que Jó seja baseado em uma história real, mas, caso o livro fosse pura ficção, isso em nada diminuiria a sua importância. Os discernimentos que o livro sugere são independentes de a história ser real ou fictícia. Um dos motivos para duvidar que seja uma obra de ficção é o fato de a vida de uma pessoa boa desmoronar, como ocorreu com Jó, ser uma experiência suficientemente comum. Embora a restauração plena da vida dessa pessoa seja menos comum, isso pode ocorrer. Assim, não há motivos para duvidar de que a história não seja baseada em uma pessoa real. Por outro lado, aqueles que passam pela mesma classe de

experiência de Jó, normalmente, não discutem as suas reações por meio de poesia, e isso, por si só, sugere que a história de algum indivíduo se tornou a base para a discussão das questões que ela aborda, as quais são questões humanas comuns.

Jó é o primeiro livro do Antigo Testamento cuja maior extensão é constituída de poesia, e será de grande auxílio em sua leitura ter ciência de um ou dois aspectos da poesia do Antigo Testamento. Primeiro, ela geralmente apresenta-se em linhas que incluem cerca de seis palavras hebraicas, embora a tradução das seis palavras, regularmente, exija o dobro de palavras em nosso idioma. Habitualmente, cada linha constituirá uma sentença completa, mas que irá se dividir em duas, de algum modo — a segunda metade da linha reafirmará ou esclarecerá a primeira; mas é possível, ainda, que a contraste, a elabore ou, simplesmente, a complete.

Segundo, como a maioria das poesias, a poesia do Antigo Testamento é mais sucinta que a prosa — ela é propensa a deixar de fora as pequenas palavras que preenchem sentenças comuns e as tornam mais fáceis de compreender. Essa característica a torna mais concentrada e significa exigir um esforço maior de nossa parte, os leitores — o que nos atrai a ela e nos envolve. Por outro lado, essa característica também dificulta a compreensão, o que, somado ao fato de o livro de Jó usar palavras hebraicas mais incomuns do que os demais livros, significa que o livro contém mais linhas que podem ser compreendidas em mais de uma maneira ou que são, simplesmente, mais intrigantes do que vemos nos outros livros. Portanto, se você comparar um número de traduções do livro de Jó, encontrará mais diferenças de substância entre elas do que ocorre com outros livros bíblicos. Isso não afeta a floresta, mas, com efeito, afeta as árvores.

Terceiro, a exemplo de grande parte da poesia, a poesia do Antigo Testamento usa imagens — símbolos, retratos, metáforas e simíles. “As flechas de Shaddai estão em mim; o veneno delas o meu espírito bebe”, Jó afirma. “Sua confiança é uma casa de aranha”, afirma Bildade. As imagens intensificam o impacto das coisas que poderiam ser ditas em prosa, bem como possibilitam dizer coisas que seriam impossíveis de ser ditas em linguagem prosaica. Na leitura, temos de ter atenção às imagens para compreender o significado delas e permitir que exerçam o devido impacto.


IMPÉRIO HITITA
(Hati)
lago de Van
mar Cáspio
lago Úrmia
HURRITAS
ANATÓLIA
(Turquia)
MITANI
Carquemis
Harã
Nínive
Assur
ASSÍRIA
Ugarite
CHIPRE
SÍRIA
(ARÃ)
MESOPOTÂMIA
Nuzi
MÉDIA
Mari
rio Eufrates
rio Tigre
O GRANDE MAR
(mar Mediterrâneo)
Damasco
Hazor
Siquém
rio
Jordão
Babilônia
BABILÔNIA
Susã
CANAÃ
delta do
Nilo
Jerusalém
SUMÉRIA
mar
Morto
Tânis
Ur
PÉRSIA
EGITO
lagos
Amargos
ARÁBIA
mar
Inferior
(golfo
Pérsico)
Mênfis
SINAI
rio Nilo
golfo de
Ácaba
mar
Vermelho

© Karla Bohmbach


0
milhas
50
mar Mediterrâneo
monte Líbano
rio Leontes
CORDILHEIRA ANTILÍBANO
HARÃ
Damasco
monte Hermon
Sidom
Tiro
lago Hula
FENÍCIA
BASÃ
GALILEIA
mar da Galileia
rio Jarmuque
monte Carmelo
rio Quisom
VALE DE JEZREEL
Megido
GILEADE
Samaria
SAMARIA
Siquém
rio Jaboque
rio Jordão
Jericó
monte Nebo
Jerusalém
JUDEIA
AMOM
FILÍSTIA
Gaza
Hebrom
mar Morto
rio Arnom
SEFELÁ
deserto da Judeia
Berseba
MOABE
rio Zerede
NEGUEBE
ARABÁ
Cades-Barneia
EDOM
PLANÍCIE COSTEIRA
PLANALTO CENTRAL
VALE DO RIFTE
MONTES TRANSJORDANIANOS

© Karla Bohmbach

JÓ

Esta manhã, na capela do seminário, nos dedicamos ao estudo devocional do salmo 23, que envolveu refletir sobre que sentença do salmo falava a nós de modo especial. A expressão que saltou aos meus olhos foi “o meu cálice transborda”. Estou casado há quatro meses e amo a minha nova esposa e a minha nova vida. Acabamos de comprar uma bicicleta e, pela primeira vez, fomos pedalando até a escola juntos; tenho um emprego que amo; meus dois filhos, minhas duas noras e meus dois netos na Inglaterra estão indo bem; e o sol está brilhando. No entanto, agora, deparo com Jó, e isso me faz lembrar de que já estive nesse caminho antes; quarenta e cinco anos atrás, estava recém-casado, desfrutando uma nova vida e um emprego que eu amava, mas a minha esposa teve uma enfermidade que, com o passar do tempo, a incapacitou e tirou a sua vida. O seu cálice pode transbordar, mas, então, ele pode secar. (Mas, talvez, o raio não caia duas vezes no mesmo lugar.)

O cálice de Jó estava transbordante. Ele tinha uma família repleta de filhos, a aljava dele também estava cheia, como expressa o salmo 127. Jó possuía um rebanho fantástico de ovelhas, camelos, bois e jumentos. Na realidade, Jó é bem-sucedido nos negócios. Ele é o Paul Getty ou o Bill Gates ou, ainda, o John D. Rockefeller de Uz. Ele precisava de todos os sete filhos para administrar as suas posses, bem como necessitava das três filhas para ajudá-lo a lidar com a vida social que resultaria de suas responsabilidades. Além disso, seria necessário um grande contingente de empregados para supervisionar a sua operação.

No entanto, antes de nos contar sobre a sua riqueza, a narrativa nos fala de seu caráter. Primeiro, Jó era reto, um homem de integridade. Mais literalmente, ele era “inteiro” em um sentido moral, a exemplo de Noé e como Deus esperava que Abraão fosse. Havia certa simplicidade nele. O que você via externamente era o que ele era interiormente. Algumas traduções usam a palavra “irrepreensível”, mas esse é um termo enganoso, pois sugere a ausência de qualidades ruins. De fato, não havia muito em Jó que ele precisasse esconder, mas a palavra para “íntegro” ou “direito” estabelece uma avaliação positiva de seu caráter. Além disso, “irrepreensível” sugeriria sem pecado, e o próprio Jó, mais adiante, irá reconhecer que ninguém é sem pecado. Na verdade, o Antigo Testamento não presume que alguém possa ser isento de pecados, mas considera que somos responsáveis pela nossa retidão, por sermos pessoas de integridade. É possível haver uma direção moral verdadeira para a nossa vida.

Segundo, Jó era “reto”; essa imagem sobrepõe-se à retidão. O Antigo Testamento gosta de retratar a vida como andar por um caminho. O nosso trabalho é permanecermos no caminho reto e não nos desviarmos dele nem para a direita nem para a esquerda. O desvio é considerado transgressão, uma das imagens comuns do Antigo Testamento para delito ou pecado. Deus estabeleceu um caminho moral reto diante de nós, e a nossa tarefa é seguir nessa trilha. Jó faz isso.

Terceiro, Jó era submisso a Deus. Nesse sentido, as traduções falam de Jó “temendo” a Deus, o que pode, uma vez mais, dar uma impressão equivocada. O Antigo Testamento utiliza as mesmas palavras para a submissão positiva, a reverência ou o respeito, e o temor negativo. Às vezes, o texto refere-se a circunstâncias nas quais as pessoas estão certas em ter medo de Deus, porque agiram mal; contudo, mais frequentemente, o texto usa as palavras que podem significar “temor” para descrever uma atitude positiva em relação a Deus. Caso você deseje ser uma pessoa de sabedoria, o Antigo Testamento declara, essa submissão, essa reverência, esse respeito ou esse temor por Deus é o início ou primeiro princípio a ser adotado. Na verdade, Jó 28, no devido tempo, nos revelará que essa submissão ou esse temor simplesmente é sabedoria. Considerando que esse respeito por Deus significa obedecer ao que ele diz, isso está intimamente ligado com integridade e retidão. Deus é reto e íntegro, e expressamos respeito por ele ao andarmos no caminho que não é apenas o caminho que ele nos direciona, mas também o caminho no qual o próprio Deus anda.

Quarto e inversamente, então, Jó era uma pessoa que se desviava do mal. Uma vez mais, a sentença sugere a imagem de andar pela vereda correta e, portanto, de evitar a vereda errada. A sentença também reforça a suposição do Antigo Testamento de que as atitudes em relação à vida e a um relacionamento com Deus podem caminhar juntos. Ao lermos o salmo 23, nesta manhã, eu poderia ter me concentrado na citação “não temerei mal algum”, que apresenta essa palavra “mal” para denotar o mal que me acontece, não o mal que eu faço. É interessante que tanto o nosso idioma quanto o hebraico utilizem uma mesma palavra para cada uma dessas formas de mal. Isso aponta para a suposição de que há uma ligação entre elas. Se você evitar fazer o mal, evitará experimentar o mal. Deus criou o mundo como um lugar no qual as coisas se encaixam e, portanto, de uma forma apropriada. O uso pelo Antigo Testamento daqueles outros termos que descrevem a natureza moral de Jó estabelece o mesmo ponto. As palavras para retidão e integridade aparecem com mais frequência em Provérbios, com

promessas de que as pessoas retas e íntegras são aquelas capazes de permanecer em sua terra; aqueles que não são assim a perderão. A retidão de pessoas íntegras as conduz a um destino bom. Yahweh é um escudo para pessoas que andam retamente; os que assim caminham o fazem com segurança (Provérbios 2; 3; 10; 11). “Os meus pés estão firmes na retidão”, declara o salmista, no salmo 26; é com base nisso que posso suplicar pelo auxílio divino. Eis o motivo pelo qual o temor a Yahweh é o primeiro princípio para viver uma vida excelente.

Jó é a prova disso; ele é um homem que não se enganava quanto à retidão, à integridade, ao respeito por Deus e o distanciamento do mal. E o começo do livro mostra como a sua vida incorpora o que acontece a um homem que põe em prática esses princípios na sua vida.

A abertura do livro acrescenta um retrato concreto de sua piedade e da plenitude de seu cálice. Talvez não haja nada que dê a um pai um sentimento de realização e de gratidão maior do que ver os filhos crescerem e se tornarem adultos felizes e responsáveis. No seio de uma sociedade antiga, haveria uma dimensão extra a essa realização e gratidão porque muitos filhos morriam ainda na infância. É possível que isso não tenha ocorrido àquele casal, mas, caso tenha acontecido, eles, no entanto, desfrutavam a felicidade de verem o amadurecimento de dez filhos. Todos vivem em suas próprias casas, a exemplo dos filhos de Davi; talvez sejam casados, embora a história dê a impressão de que as filhas ainda sejam solteiras. É possível que o “dia” ao qual a narrativa se refere, quando cada um deles dava uma grande celebração que, evidentemente durava mais de um dia de 24 horas, fosse o aniversário de cada um. Ao que parece, ainda, os pais não participavam dessa celebração; esse é outro aspecto de ter filhos amadurecidos.

Não obstante, eles jamais deixam de ser filhos, e, assim, os pais jamais deixam de se sentir responsáveis pela condição espiritual deles. Isso está inserido na visão que o Antigo Testamento tem da família, embora em Gênesis e em Jó haja uma faceta extra ao modo pelo qual as coisas funcionam. Não há sacerdotes nem santuário central; na verdade, o cabeça patriarcal é o sacerdote, e, talvez, a implicação seja a de que a capela da família está localizada na sua própria casa. Jó possui responsabilidade sacerdotal por seus filhos e ele não falha em cumpri-la. Suponha que o banquete tenha envolvido alguma transgressão acidental de propriedade — imagine que, acidentalmente, o cardápio incluísse algo que estivesse na lista de alimentos que Deus instruiu para não serem consumidos. Ou, caso os filhos e as filhas fossem casados, não seria nenhuma surpresa se houvesse alguma atividade sexual ao longo dos dias de celebração e, então, fosse

necessário um ritual de purificação antes da adoração que Jó planeja para o dia seguinte (a Torá prescreve essa purificação).

Desse modo, primeiro Jó cumpre essa necessidade de purificação por meio de uma cerimônia de santificação, a qual lidaria com qualquer tabu que seus filhos tenham infringido, abrindo caminho, portanto, para a oferta de sacrifícios no dia seguinte; acordar cedo é, então, um sinal (a exemplo de outras passagens no Antigo Testamento) de adotar um compromisso especial na realização de algo. Os sacrifícios reforçariam um apelo a Deus para perdoar qualquer pecado real em oposição à quebra de tabus. A referência a um possível pecado é intrigante. Presumidamente, não há nada de errado em louvar a Deus no coração; a consideração comum é que seja um eufemismo para menosprezar Deus no coração (daí eu ter colocado o verbo louvar entre aspas). Em outras palavras, eles podem ter se comprometido com Deus apenas no exterior, mas, em segredo, podem ter orado a uma outra divindade, ou podem, no íntimo, ter atribuído as suas extensas posses às próprias capacidades em vez de a Deus. O Antigo Testamento reconhece a importância de que esse compromisso com Deus seja tanto interior quanto exterior. A preocupação de Jó, portanto, demonstra o seu comprometimento com a sua família e com Deus, enquanto busca apelar a Deus com respeito a um possível pecado interno, além dos externos, que seriam evidentes aos demais.

Ontem, o escritório da empresa de manutenção do sistema de ar condicionado/aquecimento ligou. Após enfrentarmos um grande problema com esse aparelho no ano passado, contratei um serviço de manutenção com o intuito de evitar a recorrência de problemas daquela magnitude, de maneira que, agora, pago certa quantia por ano e a empresa contratada faz uma verificação periódica desse aparelho. Enquanto os meus pagamentos estiverem em dia, a empresa virá fazer essa verificação a cada semestre; enquanto eles cumprirem essa checagem duas vezes ao ano, continuarei enviando o cheque. Um contrato é mútuo, como um compromisso condicional desse tipo; é diferente de uma aliança. Quando a minha esposa e eu nos casamos algumas semanas atrás, estabelecemos uma espécie de acordo mútuo. Ele não depende da capacidade de um de nós em assinar cheques; é para os mais ricos e também para os mais pobres. Ele independe de ficarmos doentes e não sermos mais capazes de cumprir plenamente os papéis esperados de um marido ou de uma esposa; vale na saúde e na doença. Não depende dos sentimentos de uma ou de outra pessoa; é até que a morte nos separe. O nosso relacionamento com Deus é mais parecido com um contrato ou com uma aliança?

A questão é levantada durante o encontro do gabinete de Yahweh que a história de Jó, agora, reporta. Eu costumava pensar em Deus solitário no céu, assentado em glorioso esplendor, mas em isolamento. Tratava-se de uma suposição estranha, reconheço, porque as Escrituras deixam claro, do começo ao fim, que é um lugar cheio e agitado. Deus não governa o mundo sozinho, mas possui um vasto exército de ajudantes que estão envolvidos na implementação do desígnio divino no mundo. Tampouco Deus toma as decisões sozinho; a exemplo de qualquer poder soberano, ele possui um gabinete que toma parte no processo decisório. O livro de Jó refere-se a eles como “seres divinos” ou, mais literalmente, “filhos de Deus” ou “filhos dos deuses”. É necessário lembrar que o Antigo Testamento utiliza a palavra para “Deus” ou “deuses” em um sentido mais amplo do que o nosso uso para a palavra “Deus”; ele usa o termo para significar algo como “seres sobrenaturais”. Claro que o Antigo Testamento reconhece, do princípio ao fim, que existe uma distinção entre Yahweh e outros seres sobrenaturais; em nossos termos, somente Yahweh é Deus. Esses outros “seres divinos” ou “filhos dos deuses” não são descendentes de Deus. No salmo 2, Deus chama o rei israelita de “meu filho”. Ser filho de Deus não o torna divino.

Não tenho certeza sobre por que Deus escolheria compartilhar a tomada de decisões e a implementação delas com outros seres celestiais, do mesmo modo que desconheço o motivo de Deus escolher seres humanos no cumprimento do seu propósito em lugar de fazer tudo sozinho. Eu não ficaria surpreso ao descobrir que isso surgiu do prazer em compartilhar responsabilidade em vez de insistir em realizar tudo por si mesmo. Em outras palavras, é uma expressão de amor. Creio também que, de uma forma paradoxal, a consciência de que Deus envolve seres celestiais subordinados como agentes divinos eleva a percepção de que Deus é o verdadeiro Rei; um soberano não faz tudo sozinho. A ideia de que Deus compartilha a responsabilidade e governa dessa forma possui, igualmente, um poder explanatório significativo, a exemplo da consciência de que Deus compartilha a autoridade com os seres humanos. Tanto os seres celestiais quanto os terrenos possuem a capacidade de ignorar as direções dadas por Deus para exercerem o seu poder, e isso oferece parte da explicação do motivo pelo qual as coisas dão errado — no céu, evidentemente, não apenas na terra.

Assim, essa segunda cena no livro de Jó reporta o que talvez seja uma reunião regular do gabinete celestial, à qual os subordinados de Deus comparecem para relatar as suas atividades, ocasião na qual o gabinete também toma decisões quanto ao que precisa ser feito. Na verdade, a reunião pode ser uma que ilustra a capacidade de os seres celestiais se rebelarem contra Deus, porque seria fácil traduzir a descrição do evento como sendo uma reunião deles contra Deus.

Certamente, há um lado agressivo na atitude do “adversário”. A palavra hebraica para adversário é satanás, e as traduções, em geral, usam o nome Satanás como referência a esse adversário, mas essa é outra tradução equivocada. Satanás é um termo hebraico para um adversário; assim, pode ser usado em referência a um inimigo humano. No Antigo Testamento, o termo não representa um nome; regularmente, possui o artigo “o” na frente dele. Em uma das outras ocorrências dessa palavra, como referência a um ser sobrenatural, em Zacarias 3, “o adversário” é, novamente, uma figura em um cenário da corte celestial, de modo que o termo parece denotar especialmente alguém que seja um adversário legal, uma espécie de advogado de acusação. Esse é o papel que o adversário desempenha em Jó. Um advogado de acusação não é um oponente do juiz. Tanto o advogado de acusação quanto o de defesa estão ali presentes para assegurar que a lei seja mantida. Com esse objetivo é que o advogado de acusação trabalha para apresentar o caso mais condenatório possível contra o réu, ao passo que o trabalho do advogado de defesa é apresentar o caso mais sólido possível para a absolvição do réu. No gabinete de Yahweh, então, a função do adversário é

garantir que as pessoas não consigam se livrar daquilo do qual não deveriam se livrar. Nesse aspecto, ele é um servo de Yahweh. Na Grã-Bretanha, referimo-nos ao partido de oposição, no parlamento, como a “oposição leal” do monarca, ainda que o partido de oposição seja contrário ao governo de Sua Majestade. Ser leal ao monarca significa levantar questões sobre as políticas governamentais para garantir que o governo não fique impune das propostas que possuem furos. O adversário desempenha um papel análogo no gabinete de Yahweh.

Claro que o partido de oposição pode se deixar levar por sua contestação ao governo, e, da mesma forma, o adversário pode também se deixar levar por sua função. Talvez essa possibilidade explique o motivo pelo qual o adversário se transforma em Satanás, o governante do reino do ar, o grande dragão, no Novo Testamento. Contudo, é válido observar que algumas passagens do Novo Testamento sugerem uma compreensão do papel de Satanás que é mais parecido com aquele em Jó; a história sobre a tentação de Jesus no deserto constitui um exemplo. E, por outro lado, o Antigo Testamento assume a existência de uma entidade que incorpora uma oposição direta e agressiva a Deus, a exemplo daquela exercida por Satanás; iremos deparar com essa entidade no capítulo 41 de Jó.

O relato no capítulo inicial de Jó protege contra o perigo de Deus ser muito brando. O Antigo Testamento sabe que o instinto divino, afinal, é ser misericordioso, embora Deus também deva assumir a responsabilidade pela condição moral do mundo, não dando a impressão de que o certo e o errado não importam. Deus está em uma posição similar à de um pai ou de uma mãe, cujos instintos são sempre deixar que os filhos saiam impunes, ou a posição de um professor, cujo desejo é que todos os seus alunos obtenham a nota máxima no exame. No entanto, os pais, às vezes, precisam exercer a disciplina, do mesmo modo que os professores, algumas vezes, precisam reprovar alunos. Caso contrário, a noção de padrões se torna sem significado tanto para os filhos quanto para os alunos. A vocação do adversário é levantar questões difíceis sobre as coisas pelas quais as pessoas possam estar impunes, e para provocar Deus a apelar para a sua capacidade de ser rígido e não ceder sempre ao seu instinto de ser misericordioso. Deus é quem designa o adversário para cumprir esse papel, e não é o adversário quem toma a iniciativa na discussão sobre a integridade de Jó. Deus suscita essa questão. O adversário está fora, realizando o seu trabalho de averiguar o que está acontecendo no mundo, e Deus lhe pergunta o que ele pensa de Jó.

Portanto, o retrato sugerido pelo capítulo inicial de Jó é digno de nota. A provação está inserida na maneira pela qual Deus criou o mundo e na forma de Deus se relacionar conosco, conforme a história sobre a tentação de Jesus ilustra (o Novo Testamento reforça o ponto em Romanos 5 e Tiago 1). A provação particular que recai sobre Jó está relacionada à questão sobre contrato ou aliança. Na verdade, a insinuação do adversário é de que a relação entre Deus e Jó pode ser mais parecida com um contrato do que com uma aliança. Bem, Jó é um homem de integridade, de retidão e de respeito a Deus sem igual, disciplinado em evitar o mal. Mas ele também é um homem de inigualável prosperidade. Esses dois fatos estão relacionados de uma forma pouco saudável? O compromisso de Jó com Deus baseia-se apenas no que ele obtém de Deus? Por outro lado, o compromisso de Deus com Jó apenas existe porque Deus aprecia ter alguém que apresente ofertas e que se preocupe com o propósito e os padrões de Deus no mundo? O relacionamento entre Deus e Jó envolve uma forma de codependência insalubre?

Alguns anos atrás, conheci um aluno excêntrico, durante um seminário de pós-graduação, outrora um gerente de produção de Hollywood, que, então, vivia em um iate, ancorado numa marina nas proximidades. Após completar o curso, ele decidiu navegar ao redor do mundo para distribuir Bíblias em lugares nos quais achava que elas eram necessárias. Algumas semanas atrás, o seu iate foi sequestrado por piratas somalis, mataram a ele, à sua esposa e a um outro casal. No mesmo fim de semana, um ônibus transportando jovens de uma igreja em nossa cidade, que possui muitas conexões com o nosso seminário, colidiu em uma estrada nas montanhas próximas. A colisão causou a morte do motorista e ferimentos em outros passageiros, incluindo um pastor, que era um estudante de nosso seminário, além de ferir gravemente a filha de outro aluno.

Como você reage quando esses eventos acontecem? Para Jó, eles atingiram não apenas pessoas de sua comunidade, mas devastaram a sua família nuclear e sua família mais ampla. Há muitos aspectos em relação à sua reação. Primeiro, ele não finge que nada daquilo aconteceu, que pode velejar por mares trágicos sem ser afetado. Ele se levanta do lugar no qual estava sentado, rasga o seu casaco e raspa a sua cabeça, sinais tradicionais de sofrimento e de lamento. Então, cai prostrado no chão. Essa é a atitude adotada diante de alguém superior a você e, portanto, uma conduta que reconhece que Deus é Deus, que denota submissão a esse Deus. Trata-se de uma das atitudes naturais da adoração; o seu corpo expressa a conduta de sua vontade diante de Deus.

Agora, Jó sabe que o reconhecimento de Deus deve ser uma questão de atitude interior; fomos informados de que ele tinha ciência da possibilidade teórica de que seus filhos pudessem estar cultuando algum outro deus em segredo, ainda que, ao mesmo tempo, adorassem publicamente Yahweh. Era um problema regular em Israel, cujos habitantes pertenciam oficialmente a um povo que reconhecia Yahweh, mas que, com frequência, jogavam para os dois lados orando secretamente a outros deuses. De modo similar, as pessoas em algumas regiões do nosso mundo podem frequentar a igreja aos domingos, mas observam outras práticas religiosas, confiam mais em sua conta bancária ou em sua posição social durante a semana. Sim, Jó sabe que a atitude íntima importa tanto quanto a observância externa. Todavia, aqui ele mostra como também sabe que a atitude exterior é tão importante quanto a interior, pois possuímos um corpo do mesmo modo que temos um coração, e nos relacionamos com Deus usando ambos. Jó, instintivamente, sabe que não se pode adorar a Deus apenas sentado;

tudo o que ele pode fazer é cair prostrado, com o rosto em terra.

A adoração não é somente uma questão de atitude e de comportamento; também envolve palavras. As palavras de Jó correspondem às suas ações, e estas sugerem que ele está se desnudando em sua humanidade. Rasgar as próprias roupas é um sinal de desnudamento. O ato de raspar os seus longos cabelos denota remover uma das marcas de sua virilidade e distinção, levando-o de volta à condição na qual nasceu. As tragédias que, subitamente, caíram sobre ele significam que tudo lhe foi retirado. Ele nada mais possui. (Trata-se de um exagero da parte de Jó, pois sua esposa não está entre os que perderam a vida, e ela tem todo o direito de ficar chateada com a declaração do marido, mas um homem que está passando por uma experiência tão trágica pode se permitir a um pouco de exagero.) Ele nasceu nu, e assim irá morrer. Jó fala como se a morte significasse retornar ao ventre materno; na realidade, significa voltar ao ventre da mãe terra.

A adoração por meio de palavras, então, surge na declaração que se segue: Yahweh deu; Yahweh tomou. Tais palavras são expressas como declarações de fato, embora seja possível vê-las, novamente, como um exagero ou uma simplificação excessiva. O acúmulo de casas, de bois, de jumentos, de ovelhas e de camelos dificilmente ocorreria sem muito trabalho e dedicação de Jó. A propósito, sem o seu envolvimento (e também de sua esposa) não haveria filhos. Contudo, Jó também reconhece que, nesse caso, sem o envolvimento de Deus, nada disso seria realidade em sua vida. Da mesma forma, a sua declaração de que Deus tomou tudo de volta é um reducionismo excessivo. Talvez “fogo de Deus” signifique exatamente isso, embora uma expressão como essa, em geral, simplesmente signifique um fogo extraordinário, não natural (do mesmo modo que, às vezes, dizemos: “desfrutamos horas divinas” — ou quando as companhias de seguro falam sobre “um ato de Deus”). No entanto, ainda que o grande vento parecesse mais do que meramente natural, foram os sabeus e os caldeus que causaram grande parte dos danos, e, mesmo que Jó enxergasse a mão de Deus por trás deles, saberia que os inimigos decidiram, em suas próprias mentes, realizar os ataques.

O instinto de Jó de atribuir todos os desastres a Deus contrasta com os instintos de muitas pessoas. Com frequência, apreciamos deixar Deus fora da responsabilidade pelo que acontece ao acusarmos o livre-arbítrio humano, apesar de ainda ser possível acusar Deus por problemas decorrentes de ele ter dado aos humanos esse livre-arbítrio. Jó tem uma rigorosa e ousada doutrina da soberania e responsabilidade divinas. A vantagem dessa doutrina é ela poder ser um

fundamento para a oração. Se Deus está em ação, podemos suplicar a ele que mude as coisas. Jó assume que Deus é, de fato, o presidente do gabinete celestial. Nada acontece sem a concordância divina. Jó reconhece que Deus pode tomar de volta tudo o que ele possui tão facilmente quanto ele o concedeu, em primeiro lugar. A declaração poderia muito bem ser um protesto, não uma expressão de submissão. Entretanto, as palavras seguintes removem qualquer ambiguidade, pois Jó louva o nome de Yahweh.

É digno de nota que a história use o nome de Yahweh como referência a Deus. Ela faz o mesmo ao relatar a cena no céu e, agora, coloca o nome Yahweh nos lábios de Jó. Esse fato suscita a questão sobre a qual povo Jó pertencia. Não sabemos com exatidão a localização da terra de Uz, mas a referência ao povo do Oriente sugere que Uz situava-se em algum lugar depois do Jordão, além dos limites de Israel. Em Lamentações 4, parece que os edomitas vivem em Uz, o que se encaixaria no relato, porque eles vivem a sudeste de Israel. Uma associação entre Jó e Edom seria um fato revelador, pois profetas como Jeremias e Obadias referem-se aos edomitas como se eles fossem um povo que gozava da reputação de serem inteligentes e instruídos. Desse modo, o cenário do livro de Jó reside fora de Israel, e Jó, além de outros personagens presentes no livro, não são israelitas. Portanto, é natural que eles não façam menção ao êxodo, à aliança, e assim por diante. A tentativa do livro de dar sentido à experiência de Jó trabalha com as melhores considerações disponíveis a pessoas comuns inteligentes e instruídas, que não têm ciência do êxodo e da aliança, ou, pelo menos, não fazem as suas reflexões à luz dessas realidades.

Um homem de Uz não saberia a respeito desses eventos caso vivesse na mesma época de Abraão, ou mesmo em um período posterior, e não teria o nome do Deus de Israel em seus lábios, embora os israelitas que escreveram essa história certamente soubessem que Yahweh é o único Deus. Desse modo, caso Jó estivesse adorando a Deus, ele estaria adorando a Yahweh, ainda que não soubesse disso, e, portanto, o autor colocou o nome de Yahweh em seus lábios. De modo similar, a referência a Jó santificando os seus filhos, a questão sobre se eles consumiram algum alimento proibido e a alusão à sua oferta de sacrifícios lembrarão a espécie de instruções sobre alimentação, purificação e sacrifícios dados por Deus a Israel na Torá. O público-alvo da história saberia do que o livro estava falando. Assim, a presença do nome de Yahweh, além das referências à purificação e aos sacrifícios, indica que a localização da história em Uz é uma espécie de recurso literário. Trata-se de uma história destinada a auxiliar israelitas, pessoas que reconhecem a adoração a Yahweh. No entanto, ela

funciona ao não incluir considerações que seriam sugeridas pela citação do êxodo e da aliança. Talvez o motivo seja o fato de esses eventos terem ocorrido muito tempo atrás e não exercerem grande poder sobre as pessoas de hoje. Dessa maneira, a história considera o que pode ser feito com a questão sobre por que coisas ruins acontecem a pessoas boas, quando não lançamos mão do êxodo e da aliança. Ao longo de todo o livro, descobriremos que as verdades sobre o relacionamento de Deus com Israel jazem sob a sua superfície e, às vezes, claramente, emergem acima dela.

As palavras de Jó a Deus sugerem que a submissão simbolizada por sua atitude externa é o fato real. Ele, realmente, submete-se a Deus e não fala de uma forma que poderia constituir uma “ofensa” a Deus. A palavra hebraica é a mesma, regularmente, traduzida por “pecado”, sugerindo frustrar as expectativas de Deus ou falhar em agir do modo requerido por ele. A ofensa seria a de acusar Deus de agir inadequadamente. Jó reconhece que Deus tem o direito de decidir como agir.

Minha primeira esposa viveu com esclerose múltipla por quarenta e três anos. Foi após um terço desse período que a enfermidade começou a ter um efeito permanente sobre ela. Ann passou a ter dificuldades de locomoção, além de momentos difíceis com problemas de compreensão e de memória, e, naturalmente, não tinha mais a mesma energia para se relacionar comigo que tinha antes, quando éramos mais jovens. Então, Ann viveu por mais vinte e cinco anos, com a doença cobrando cada vez mais o seu preço. Uma das minhas reflexões inquietantes, naquela época, passado um terço de nosso casamento, é que, se eu soubesse por quanto tempo mais o seu crescente processo de incapacidade iria durar, creio que não conseguiria lidar com esse conhecimento. No entanto, a natureza gradual do processo permitiu-me uma constante adaptação às novas realidades. A minha imagem de como isso transcorreu é de um treinamento com pesos (não que eu tenha feito isso!). Você aprende a levantar um peso e não se imagina capaz de levantar o dobro daquele peso, mas, gradualmente, aprende e se capacita a levantar pesos cada vez maiores.

Desse modo, pergunto-me se o adversário não errou em sua estratégia de vencer a resistência de Jó. Se ele tivesse atacado Jó pessoalmente, ao mesmo tempo que atacava os seus bens e a sua família, creio que ele teria mais chances de sucesso. Mas, talvez, os músculos espirituais de Jó tenham se fortalecido durante a sua primeira experiência de perda. Apesar da minha experiência com Ann, caso os seus filhos tivessem adoecido, sofrido e morrido lentamente, isso poderia ser mais difícil de lidar do que as suas mortes repentinas. A cena, agora, retrata outra reunião do gabinete celestial; talvez ela ocorra mensalmente, como as reuniões em meu seminário. Uma vez mais, Yahweh convida o adversário a relatar o que ele tem visto no cumprimento de sua tarefa de assegurar que ninguém saia impune das coisas das quais eles não deveriam ficar impunes, garantindo assim que a propensão de Deus a exercer misericórdia não saia do controle. Deus convida o adversário a concordar que Jó ainda demonstra ser íntegro. “Pele por pele”, declara o adversário. Isso pode constituir uma acusação de que Jó considerava válido sacrificar a vida dos seus filhos para salvar a sua, ou que Jó atacará a pessoa de Deus caso seja permitido que o adversário ataque a pessoa de Jó.

Pode-se imaginar que Deus tivesse a resposta ao questionamento sobre a integridade de Jó. Deus não sabe todas as coisas? Deus não é capaz de fazer tudo sem experimentos? Deus não consegue esquadrinhar o coração das pessoas? De

fato, é surpreendentemente difícil encontrar passagens na Bíblia dizendo que Deus sabe todas as coisas, ao mesmo tempo que é fácil encontrar as que implicam o contrário. Deus consulta o seu gabinete e faz perguntas, e em outras passagens da Escritura Deus parece ter surpresas. Decerto, é verdade que Deus pode esquadrinhar o coração das pessoas e rodar projeções de computador, mas parece que Deus nem sempre escolhe fazer isso. Talvez Deus reconheça que o exercício da capacidade divina de saber tudo o que estamos pensando, antes de o expressar verbalmente, introduziria uma espécie de irrealidade (para não dizer tédio) no relacionamento de Deus conosco. Talvez ele aprecie que as coisas sejam estabelecidas em público. Deus não somente joga mentalmente conosco e apenas imagina o que podemos fazer. Deus permite que sejamos reais e que nos mostremos ao mundo e a Deus.

Há outra questão suscitada pelo relato dessas cenas no céu. A Escritura apresenta muitas cenas celestiais ou outras cenas que os autores não poderiam ter testemunhado, mas o relato bíblico também nos revela como as pessoas que descrevem a cena puderam testemunhá-la — por exemplo, Deus lhes deu uma visão. A exemplo de Gênesis 1, Jó 1 e 2 não faz nenhuma afirmação dessa espécie, o que me leva a pensar que seja, mais provavelmente, um produto da imaginação humana do que o resultado de uma visão sobre a qual o autor nada fala. Nesse aspecto, é similar às parábolas de Jesus. O autor tem ciência sobre o gabinete de Deus e sobre o adversário e, então, imagina uma cena no céu que poderia ser o pano de fundo da história de Jó.

O fato de a história ser imaginária não a torna inverídica. Seria como as histórias de fantasia de C. S. Lewis sobre o leão, a feiticeira e o guarda-roupa, que não são factuais, mas que incorporam verdades sobre Deus e sobre o relacionamento de Deus conosco. Muitas pessoas têm compreendido a afirmação de Lewis de que Aslan não é um leão domesticado, mas um leão bom, e isso as tem auxiliado na compreensão de Jesus. De modo similar, o relato dos eventos ocorridos no céu, no livro de Jó, pode nos dar um relato verídico quanto aos aspectos com os quais Deus governa o mundo, determinando os acontecimentos em um gabinete, aos quais não temos conhecimento e jamais teremos (a exemplo de Jó), ainda que a história seja produto de uma imaginação divinamente inspirada.

Não obstante, há uma questão contrária que o relato pode suscitar. Ele pode sugerir que Deus se relaciona com Jó como um gato brincando com um rato, ou que Deus permite que o adversário jogue com Jó daquela maneira. Quer a narrativa ofereça quer não um retrato literalmente factual da cena ocorrida no

céu, ela oferece um relato verídico do relacionamento de Deus conosco? Eu não me importaria em pensar que considerações dessa espécie, que emergem da história, jazem por trás dos 43 anos com esclerose múltipla, vividos pela minha primeira esposa, ou da minha convivência com ela.

Agora, reconhecidamente, iremos descobrir que parte do ponto quanto a uma eventual aparição de Deus a Jó é dizer: “É difícil, mas lide com isso.” E, talvez, Deus diria algo similar para mim (de fato, Deus disse algo assim, uma ou duas vezes). Todavia, quando descobrimos que a Escritura parece estar dizendo algo estranho, pelo menos é válido questionar se esse texto é a única passagem em que ela faz isso e, caso seja, se, de alguma forma, a estamos interpretando equivocadamente. Conquanto outras passagens da Bíblia estabeleçam o princípio geral de que Deus nos coloca à prova, retratem Deus envolvendo o seu gabinete na tomada de decisão e assumam que temos um adversário que, claro, não está do nosso lado como Deus está, os detalhes da história em Jó 1 e 2 não são recorrentes. Seria imprudente fundamentar a nossa compreensão do modo pelo qual Deus trabalha conosco nessa única passagem. Jamais cometeríamos o erro de dar um lugar central em nossa teologia a um tema que aparece em um só texto — a exemplo do milênio —, cometeríamos? (Resposta, caso não tenha refletido: Sim, cometemos, ou, pelo menos, muitas pessoas cometem.)

Quando Jesus nos conta parábolas, não baseamos a compreensão dos ensinos contidos nelas nos detalhes ali presentes apenas para fazer a história funcionar. Mesmo que o relato de Jó inclua uma descrição da reunião celestial em seu pano de fundo, o livro implica que a maioria das histórias humanas de sofrimento não tem tal cena como cenário e, portanto, a mensagem do livro para nós, dificilmente, está na cena celestial. De fato, veremos que Deus não “soluciona o problema de Jó” ao lhe revelar aquela cena; ela jamais chega ao conhecimento dele. O que a abertura do livro faz é viabilizar a imaginação de um cenário que poderia estar por trás dos eventos da história. Isso é o que eu penso às segundas, quartas e sextas-feiras. Às terças, quintas e sábados, penso que é uma história imaginativa que indica um ângulo verídico de como a vida de uma pessoa pode colapsar. (Aos domingos, eu vou à igreja e, então, à praia, se tiver sorte.)

No dia em que a minha primeira esposa faleceu, tínhamos planos de ir à praia, e, assim, fui sozinho no dia seguinte. Isso pode soar estranho, mas pareceu-me fazer sentido naquela hora. Quando voltei para casa, sentia-me feliz por ter ido, pois havia doze mensagens na secretária eletrônica de pessoas que tinham ido me levar comida ou apenas tinham passado e outras que desejavam expressar suas condolências, mas, na verdade, eu não queria ver ninguém. As pessoas consomem energia, e eu não tinha nenhuma. Igualmente, recebi mensagens por meio de cartões ou e-mails e, de certa forma, apreciei que fizessem isso, embora elas não me ajudassem em nada (exceto as que me lembraram de Ann e me fizeram chorar, mas que significavam algo).

Quanto a mim, não sei se resultaria em alguma melhora caso as pessoas viessem e ficassem ao meu lado em silêncio, como os amigos de Jó. Contudo, logo veremos que, tão logo esses amigos começam a abrir a boca, eles jamais cessam de importunar Jó, de modo que, no caso deles, o silêncio seria melhor. No entanto, tanto o silêncio quanto o discurso podem estar mais focados naquele que está falando ou em silêncio do que a pessoa a quem se tenta, supostamente, confortar.

Temã ficava em Edom, provável localidade de Uz; a localização de Suá e Naamate não é conhecida, mas há indícios de que fosse a leste de Canaã. Portanto, os amigos de Jó eram originários da mesma região. A exemplo de qualquer um que queira levar algum consolo a pessoas em sofrimento, os amigos demostram ter sentimentos complexos. Eles desejam expressar a sua tristeza a Jó e por ele. Literalmente, objetivam “tremer” por ele. A consolação dos amigos significará identificar-se com Jó e unir-se a ele, de maneira que seria natural expressar sofrimento. Eles desejam se solidarizar com Jó, e a empatia deles será expressa fisicamente. Os amigos almejam compartilhar da sua dor de um modo corporal. A consolação deles não se restringirá a pensamentos ou palavras gentis. E, talvez, a atitude de compartilhar a dor com ele daquela forma traga, de fato, conforto, porque, com frequência, a compreensão de conforto no Antigo Testamento é de que ele envolve não somente palavras, mas também ações. Idealmente, essas devem ser ações que lidem, de algum modo, com a situação que está causando problemas, mas, pelo menos (em circunstâncias similares às de Jó), a ação de expressar sofrimento de uma forma física mostraria a Jó que ele não está sozinho e poderia lhe trazer algum alívio.

O problema é que, seja qual for o relato que receberam das aflições de Jó, isso não os preparou para a visão de encontrá-lo assentado sobre um monte de cinzas. Ele está irreconhecível como a figura nobre e destacada que fora outrora. Isso extrai dos amigos choros de dor e lágrimas. Eles rasgam as suas vestes, como Jó fizera. Lançam ainda terra ao ar de maneira que ela caia sobre a cabeça deles. Não sabemos o sentido específico desse gesto, embora seja, presumidamente, outra expressão de sofrimento. E eles se assentam ao lado de Jó, sem dizer palavra.

Há indícios no relato de que as falhas dos amigos em relação a Jó podem ter seu início aqui, quando eles, primeiramente, chegam a Uz. Por que motivo eles combinaram de se encontrar antes de chegarem para ver Jó? Estavam com medo de ir ao encontro dele sozinhos? Tinham receio de "pegar" qualquer enfermidade que estivesse sobre Jó? Necessitavam de reafirmação recíproca? O elevar de vozes e o choro contam como "tremer" por Jó, ou eles estão protestando em causa própria? De fato, é assustador testemunhar o sofrimento de outro ser humano, pois levanta questões quanto à possibilidade de o mesmo mal recair sobre nós. Assim, por que eles nada lhe disseram? Essa é a atitude de um consolador? No judaísmo, a tradição é que pessoas intimamente relacionadas a alguém que tenha falecido observem o sit shivah, permanecendo em casa por sete dias (sheva) para lamentos e oração. Os vizinhos e amigos as visitarão, mas a prática tradicional dos visitantes é ficar em silêncio, a não ser ou até que a pessoa enlutada inicie a conversação. Creio desconhecermos o que há por trás dessa prática, embora possa indicar um reconhecimento de que os pranteadores necessitam estar na companhia de Deus, e que os visitantes não devem interromper essa comunhão. Quanto a mim, ficaria contente pelo silêncio das pessoas em vez de conversar. É possível que os amigos de Jó estejam seguindo um costume similar ao do judaísmo, já que eles permanecem sentados ao lado de Jó durante sete dias. Mas, caso estejam, isso significa que os amigos estão se relacionando com Jó como alguém que está praticamente morto? Isso não lhe serviria de muito consolo.

Antes da chegada dos três amigos, a esposa de Jó estava quebrantada pelo sofrimento do homem que ama? Ela não consegue mais observar o sofrimento do marido? Ou ela antecipa a convicção que os "amigos" de Jó expressarão mais tarde: isto é, presume que Jó deva ser culpado de alguma transgressão para merecer as calamidades que caíram sobre a vida dele? Claro que as tragédias também a atingiram, pois ela perdeu os filhos e os bens que garantiam a subsistência da família. Seja o que for que esteja acontecendo em seu íntimo, ela

traz outra tentação sobre Jó. Se ele “louvar” a Deus (i.e., amaldiçoar ou ofender), então ele se exporá ao ataque mortal e direto de Deus ou à condenação por parte da comunidade para que seja morto em nome de Deus por amaldiçoá-lo. Desse modo, amaldiçoar Deus seria uma forma de cometer suicídio ou levar a comunidade a assisti-lo em sua eutanásia. (O Antigo Testamento, na verdade, não diz que um blasfemador deve ser condenado à morte, embora existam uma ou duas ocasiões nas quais isso ocorre, e pode-se ver como essa poderia ser uma suposição natural, uma vez que a pena de morte é prescrita para inúmeros atos menores.)

A esposa de Jó está se comportando como se fosse estúpida, Jó afirma. Ela está falando como se fosse uma mulher desprovida de discernimento religioso, espiritual e moral; ou como se fosse uma mulher comum, não uma mulher com quem um homem como Jó teria se casado. Ela começou a pensar nele, ou em si mesma, em vez de continuar sendo uma pessoa que respeita Deus e se submete a ele. Em circunstâncias similares às que a envolveram, é fácil deixar de ser uma pessoa assim. Até então, tudo ia bem na sua vida, e você se acostumou a considerar essa condição como assegurada. Isso relaciona-se ao fato de as confortáveis pessoas do Ocidente se preocuparem com o “problema do sofrimento” mais do que as pessoas acostumadas a um viver difícil. A possibilidade do sofrimento amedronta a maioria de nós; nos acostumamos a estar no controle. Aqueles que acostumados a uma vida difícil descobrem ser mais fácil seguir regozijando-se em Deus quando experiências particularmente duras os acometem. Bom senso, Jó presume, significa respeito e submissão a Deus. A estupidez significa deixar de fazer isso. Bom senso significa reconhecer a soberania de Deus que a história presume. Deus está por trás tanto das boas coisas quanto das más que cruzam o nosso viver. Ironicamente, Jó utiliza a palavra para “mal”, usada por Deus. Jó não cometeu mal nenhum, mas o mal veio sobre ele. Isso não é justo, mas Jó não declara isso (ainda!).

Nunca conheci o meu tio Billy, o irmão mais novo da minha mãe. No ano em que nasci, ele foi morto em combate na Segunda Guerra Mundial, no norte da África. Todavia, conheci o meu tio Ray, o irmão mais velho da minha mãe, que também foi um soldado combatente naquela guerra. Tio Ray era um homem quieto e reservado. Eu o associo ao galpão do jardim, no interior do qual ele passava grande parte de seu tempo trabalhando com madeira e criando coisas belíssimas. Eu ainda era um garoto, mas lembro-me de quando alguém veio a nossa casa para contar que ele havia se enforcado em seu galpão. Tio Ray não conseguiu mais conviver com as lembranças do que lhe havia acontecido na guerra, das cenas que testemunhara, dos atos que praticara ou das ações das quais foi vítima.

Jó não consegue mais conviver com as memórias do passado e com a realidade do presente, embora a relação entre elas seja o reverso do ocorrido ao meu tio Ray. No caso do meu tio, as terríveis realidades do passado permaneciam como intrusos permanentes no cenário de sua vida familiar do presente. Para Jó, as terríveis realidades do presente contrastam com a vida familiar jubilosamente estabelecida do passado. Ambos, meu tio Ray e Jó, consideram essa tensão intolerável. Isso não significa que Jó contemplava o suicídio. Na Escritura, há dois relatos de suicídios (Saul e Judas), e essas histórias são contadas sem nenhum comentário moral. São um fim trágico a vidas igualmente, trágicas, pelas quais tanto Saul quanto Judas precisam assumir a responsabilidade, ainda que, nos dois casos, a soberania de Deus esteja estranhamente envolvida em suas histórias, a exemplo do que ocorre no caso de Jó. Em seus próprios pensamentos, então, o suicídio apresenta certo sentido. Jó, no entanto, não é responsável pela situação em que se encontra. Ele não pode ser responsabilizado por ter nascido; nem por seu dilema. Assim, não lhe ocorre assumir a responsabilidade por dar um fim à própria vida.

O que ele faz é lamentar o seu nascimento e ansiar pelo fim da vida. Ele evoca toda uma sequência de maldições fúteis sobre o dia em que nasceu. A maioria delas não necessita da minha explicação, como ocorrerá com muito de seu protesto ao longo do livro. É necessário ler repetidas vezes. Talvez seja preciso comentar sobre o Leviatã; já observamos que ganharemos uma familiaridade maior com essa figura monstruosa no capítulo 41. O Leviatã é uma das imagens usadas pelo Antigo Testamento para conceituar a concentração e personificação de forças dinâmicas que se opõem ao propósito positivo e ordenado de Deus no

mundo. O Leviatã é a representação de tudo o que é desordenado, caótico, desregrado, selvagem, disruptivo e violento. Essa imagem incorpora a energia que está fora de controle e focada na destruição. Assim, o ponto de Jó aqui é que o Leviatã poderia ser estranhamente útil, e Jó imagina a possibilidade de haver pessoas especialistas em acessar o sobrenatural e que poderiam fazer o Leviatã exercer o seu poder no dia de seu nascimento. Claro que toda a sequência de anseios expressos nos versículos 3-12 é fútil. Eles, simplesmente, constituem expressões irreais de seu desejo de nunca ter nascido. Todavia, ele nasceu.

Ansiar pela morte é algo mais realista, o que Jó faz na segunda metade do capítulo. Se ele tivesse sido um natimorto, poderia ter ido direto da concepção à morte, sem passar pela vida. Jó sabe que a essência da morte é o descanso. O Antigo Testamento não contém nenhuma noção de que a morte seja seguida pelo inferno mais do que pode ser seguida pelo céu; todos vão para o mesmo lugar. Não se trata de um lugar de sofrimento ou de alegria, mas, simplesmente, um local no qual nada mais acontece. Visível e fisicamente, isso significa que você irá se unir aos seus familiares na tumba compartilhada pela família e, até quando tiver alguma consciência, saberá que está na companhia deles. É fácil entender que a morte, portanto, significa descanso. Uma pessoa pode estar lutando arduamente, a exemplo de meus tios, mas a morte significa repouso. Alguém pode estar em uma duradoura luta contra uma enfermidade, mas a morte significa que essa pessoa desiste de lutar e relaxa. Uma paz pode vir sobre o rosto quando esse momento chega; as linhas de preocupação podem desaparecer.

Para expressar em termos mais próximos de Jó, um rei pode ser responsável por um país ou mesmo um império, mas a sua morte significa ceder essa responsabilidade. Os reis, seus conselheiros e outros líderes de uma nação investem energia na manutenção de edifícios do passado que, de outra forma, estariam reduzidos a escombros, e/ou edificam prédios monumentais destinados pelo tempo a se transformarem em ruínas (pois é uma ação que atinge todas as coisas materiais), mas todo esse esforço inútil cessa quando eles morrem. Igualmente, deixam de ser um fardo para os que, na prática, trabalham em seus projetos condenados e que realizam o esforço gerador do ouro e da prata que eles mesmos não desfrutam. Os líderes param de pressionar os contratados a realizar o projeto. Normalmente, os trabalhadores chegam ao final do expediente exauridos, mas o dia seguinte os espera para mais uma jornada de trabalho exaustivo, e também estes podem descansar na morte. Apesar de os reis, conselheiros e governantes viverem por muito tempo (eles dispõem de cuidados médicos melhores, além de uma alimentação mais saudável do que as pessoas

que eles governam), a morte deles chegará (mas, seja como for, eles serão substituídos por outros), de modo que às pessoas comuns e aos trabalhadores resta apenas esperar o descanso que virá com a própria morte. Contudo, a morte parece não chegar nunca; assim, quando ela chega, eles não poderiam se sentir mais exultantes. Quando a minha esposa morreu, após viver com esclerose múltipla por mais de quatro décadas, embora eu estivesse contente, pois o dia da ressurreição estava chegando para ela, também me sentia feliz por ela (todavia, não por mim), pois ela agora estava livre para descansar, nesse meio-tempo.

Próximo do fim, Jó começa a falar abertamente sobre si em vez de se esconder atrás dos "pequenos e grandes". Ele é um homem cujo caminho está oculto: isto é, ele não tem futuro, pois Deus o cercou de todos os lados (essa é a única menção a Deus, além da citação incidental no versículo 4). Ele não vê um caminho pelo qual ir em direção ao futuro; está aprisionado nesse presente terrível. O adversário comentou sobre Deus o ter positivamente cercado por todos os lados, mas, agora, Jó identifica uma nova cerca. Sua autodescrição final, caracterizada por suspiros, gemidos, medo, temor e trovões (i.e., o trovejar da aflição que o assalta), em lugar de paz, quietude ou descanso, expressa mordazmente a natureza de sua experiência em contraste com tudo o que ele considera atraente na morte.

Embora o conteúdo da maldição e o protesto possam parecer chocantes, o maior impacto do capítulo reside na rapidez da transição desde o início do relato. A expressão desses sentimentos não é o que se espera depois da admoestação de Jó à sua esposa por ela sugerir que ele amaldiçoasse Deus, da declaração sobre aceitar o mal de Deus, ou do comentário de que ele não ofenderia com seus lábios. Havia em seu íntimo mais do que aquelas declarações indicavam? Ou foi o silêncio dos amigos que o levou ao limite? Começou Jó a ofender com seus lábios? Ou sua clara abstenção de não citar ou ofender Deus significa que ele ainda não está falando ofensivamente — que seu lamento e seu protesto são apropriados?

No auge do movimento carismático na Grã-Bretanha, a exemplo de muitas pessoas, eu costumava receber mensagens curtas de Deus, ocasionalmente, a serem transmitidas a outras pessoas, e, às vezes, as recebia de outras pessoas. Um dos meus amigos, líder no movimento, dizia que um terço dessas mensagens era relevante, um terço era trivial e um terço era mentira. O primeiro desses terços, no entanto, não devia ser desprezado. Desde que cheguei aos Estados Unidos, raramente tenho sido o meio transmissor dessas mensagens ou o destinatário delas. Não sei o que fazer a esse respeito. Todavia, outro dia, quando conversava com alguém que havia passado por maus bocados nos últimos dez anos, mas que, recentemente, havia experimentado uma guinada positiva em sua vida, senti novamente que Deus tinha me dado algo para ser transmitido a ela. Pode-se atribuir à mensagem o adjetivo de trivial ou previsível, mas ela, na verdade, foi recebida pela outra pessoa como palavras encorajadoras da parte de Deus.

Elifaz tinha uma mensagem para Jó que veio à sua mente dessa forma. Exagero, pois não passei pela experiência incomum que ele descreve. No meu caso, é somente uma sensação de ter algo para dizer a alguém que, de outra maneira, nem cogitaria dizer, e cuja relevância não faço ideia antes de a pessoa me revelar que a mensagem se encaixa num aspecto de sua situação ou necessidade. E, se alguém me transmitisse uma mensagem, com um relato da forma misteriosa em que ela foi recebida, na verdade isso não me tornaria mais propenso a crer na seriedade daquela mensagem. O fato de um espírito estar envolvido na comunicação da mensagem não prova que ela venha de Deus. O Novo Testamento confirma que há muitos espíritos enganadores no mundo, e Jesus dá muita atenção à confrontação dos maus espíritos. Desse modo, é necessário discernir e testar os espíritos, conforme a instrução do Novo Testamento.

Parece que a experiência de Elifaz quanto a um espírito estar envolvido com ele atua para convencê-lo de que a sua mensagem veio de Deus e/ou que o relato que faz dessa experiência tornará a mensagem mais convincente aos ouvidos de Jó. Mesmo para Elifaz, no entanto, o ponto real reside nas palavras que o espírito transmite, não na experiência em si. Mas, na verdade, a mensagem pode ser considerada trivial ou, pelo menos, lugar-comum. Aos olhos de Deus, nenhum de nós pode ser justo; diante do Criador, ninguém pode ser puro ou pode evitar a insensatez (moral). Trata-se de uma obviedade!

Reconhecidamente, é uma afirmação teológica importante. A ideia de ser “puro”, no Antigo Testamento, é aquela que está por trás da preocupação de Jó, quando ele procura “santificar” os seus filhos após os banquetes. Pureza significa ter cautela quanto a coisas que são inconsistentes com a própria natureza de Deus, tais como a morte, o sexo, a idolatria e a opressão. Pode parecer uma bizarra coleção de tabus, pois a opressão é algo moralmente errado, o sexo é algo que Deus abençoou e o contato com a morte é algo evitável. O que eles têm em comum é que todos conflitam com a própria existência de Deus, de maneira que todas elas exigem que as pessoas se submetam a um processo de purificação antes de se aproximarem dele. Embora seja possível evitar alguns, não se pode evitar totalmente outros. Nenhum de nós pode ser puro diante do Criador.

A ideia de “ser correto” ou de “ser justo”, no Antigo Testamento, é subjacente à convicção de que nossos relacionamentos com Deus, com outras pessoas, com nossos familiares e com as nossas comunidades impõem obrigações a nós. Existe um compromisso mútuo, e estamos debaixo da obrigação moral de fazer a coisa certa por essas relações. A referência de Elifaz a ser justo sugere outra ligação com a abertura da história de Jó, na qual, após se preocupar com a pureza de seus filhos, Jó oferece sacrifícios por eles que constituiriam um apelo a Deus para perdoá-los, caso eles não tenham se comportado do modo “correto” — caso não tenham feito a coisa certa por Deus ou por outras pessoas.

Complementando a referência à pureza e a ser justo, as linhas finais de Elifaz adicionam a terceira forma de descrever a inevitabilidade da pecaminosidade humana ao falar em insensatez. O amigo lembra a Jó que mesmo os servos ou ajudantes sobrenaturais de Deus são passíveis de insensatez (talvez o adversário seja um exemplo). Insensatez é uma palavra diferente daquela usada por Jó ao admoestar a sua esposa sobre o perigo de ser estúpida, mas ali Jó estava indicando ter ciência desse perigo. Se a insensatez é inevitável nos próprios servos sobrenaturais de Deus, Elifaz comenta, quanto mais se aplicará a seres terrenos, feitos de barro, a mesma matéria humilde das demais criaturas do mundo, e que pode morrer sem nem mesmo ganhar discernimento?

Assim, a “revelação” de Elifaz de que ninguém pode ser justo diante de Deus estabelece um ponto teológico importante, mas do qual Jó está ciente. Além disso, é um ponto totalmente irrelevante na situação de sofrimento de Jó. Embora nenhum ser humano possa reclamar de ser tratado como um pecador por Deus, e de ser castigado, nenhuma atitude de Jó justifica o tratamento que ele tem recebido; na verdade, se há alguém que não deve ser tratado assim, é Jó.

Na realidade, Elifaz já deixou esse ponto implícito, o que sugere que as suas palavras a Jó são autocontraditórias ou que elas desconstroem: ele encorajou Jó a confiar em sua submissão, em sua retidão, em sua inocência e em sua integridade. Aqui, Elifaz, também inconscientemente, adota termos que já foram utilizados em relação a Jó na introdução de sua história; apenas o termo "inocente" não apareceu lá. Com certeza, Jó reconhece que pessoas dotadas dessas qualidades, simplesmente, não perecem ou desaparecem. Portanto, o fato de possuir essas qualidades deveria motivar a sua confiança e a sua esperança. Essa confiança, então, contrasta com o medo que é apropriado a uma pessoa insubmissa, que pode parecer tão forte quanto um leão, mas que é esperta o suficiente para considerar que os seus atos irão ricochetear nela própria, quando perceber a sua "casa" colapsando. Em outras palavras, Elifaz entende que o sofrimento de Jó não deve durar para sempre. Se Jó possui aquelas qualidades, Deus trará sobre ele cura e restauração.

Elifaz fala como uma espécie de professor, cujo discernimento aparece em Provérbios, e que não está ensinando simplesmente para ser dispensado. Na realidade, ironicamente, a história de Jó irá, no devido tempo, provar que Elifaz está certo. Deus justifica a submissão, a retidão, a inocência e a integridade de Jó; só não está fazendo isso naquele período. Todavia, requer certa insensibilidade pedir a Jó que, simplesmente, viva à luz da expectativa futura e ignore a realidade do presente. Elifaz está certo também de que lidar com experiências que nos impactam é diferente de somente falar às outras pessoas sobre como lidar com elas, embora Elifaz não tenha aplicado essa verdade a si mesmo.

A ACF apresenta outra forma de traduzir a declaração-chave de Elifaz: "Seria porventura o homem mais justo do que Deus? Seria porventura o homem mais puro do que o seu Criador?" (4:17). Na verdade, trata-se de uma forma mais natural de compreender as palavras de Elifaz. Isso, então, estabeleceria um ponto distinto, sugerindo que Jó não tem razão em levantar questionamentos sobre as ações de Deus em sua vida. Devemos deixar Deus ser Deus. Com respeito ao que significa ser justo ou ser puro, Deus é quem estabelece os padrões. Não podemos fingir que temos padrões mais elevados do que o nosso Criador, mas devemos apenas aceitar o que Deus faz, sabendo que isso deve ser justo e puro. Essa também seria uma percepção importante, ainda que insensível.

Conta a história que, em algum momento dos anos 1930, um professor de música e diácono batista do Mississippi, chamado James Coats, estava à cabeceira da cama de um dos seus vizinhos, cujo nome era Joe Keyes. Joe estava morrendo, e James lhe perguntou se ele sabia onde iria passar a eternidade. Joe replicou: “Para onde mais eu poderia ir, exceto para o Senhor?” Essas palavras ficaram na mente de James Coats e, depois de algum tempo, tornaram-se a linha-chave de uma canção que costumávamos cantar quando eu era apenas um adolescente. Na verdade, não conhecíamos o suficiente sobre o lado difícil da vida para ter uma noção do que a música falava, mas, a despeito disso, a cantávamos com gosto, sobre a nossa vida aqui, neste mundo pecaminoso, incapazes de oferecer algum conforto, lutando para encarar as tentações sem ceder — para onde mais poderíamos ir, exceto para o Senhor, como um refúgio para as nossas almas?

Trata-se de um pensamento-chave na segunda metade das palavras iniciais de Elifaz a Jó. O amigo começa com uma exortação, ao longo dessas linhas, para sugerir que Jó, no contexto de sua terrível aflição, deveria tentar a oração. Esse é um conselho que, com frequência, somos tentados a dar a pessoas em sofrimento. É muito fácil encontrar pessoas que creem em Deus, até perderem o emprego ou sua casa ou os seus filhos em um acidente de carro. A sugestão para que a pessoa busque a Deus em oração é, então, fadada a receber a espécie de resposta que eu dificilmente repetiria aqui. Na verdade, pode-se dizer que é exatamente o que acontece quando Jó responde a Elifaz, no capítulo seguinte.

Talvez seja relevante o fato de que Jó ainda não tenha tentado orar. Com base no relato inicial sobre a história de Jó, sabemos que a oração ocupava uma posição de destaque na sua vida, antes da série de catástrofes ocorrer, mas, até onde conhecemos, Jó não havia orado desde então. Ele se prostrou ao chão, o que pode sugerir a oração, mas o relato não afirma claramente que ele orou. Jó falou muito sobre Deus, declarando que Deus deveria ser louvado e que devemos aceitar dele tanto o bem quanto o mal, afirmando o que Deus deveria fazer e fez. Contudo, ele não falou com o próprio Deus. Em certo sentido, Elifaz pode estar no caminho certo.

Todavia, logo torna-se claro que a exortação de Elifaz é feita de modo irônico, talvez até mesmo com sarcasmo, embora haja mais de uma forma de se compreender esse sarcasmo. (Minha mãe costumava classificar o sarcasmo como

a forma mais baixa de perspicácia — sim, ela dizia isso em resposta à minha especialidade nessa forma de sagacidade.) “Santos” é um termo para seres sobrenaturais, os ajudantes divinos e servos de Deus, a quem Elifaz se referiu anteriormente. Talvez o seu ponto é de que não há a menor chance de esses servos celestiais de Deus virem em socorro de Jó, seja por eles serem falíveis e Deus não confiar neles, seja porque Jó é falível e Deus não estaria interessado em enviá-los para aliviar Jó. Além disso, outra ironia presente nas palavras de Elifaz (uma ironia que ele mesmo desconhece) é a ressonância que elas estabelecem com as cenas de abertura no céu, nas quais esses seres divinos participam das discussões sobre Jó. Eles sabem o que está acontecendo. A implicação dessas cenas seria a de que Deus não enviaria um desses seres divinos para trazer algum alívio a Jó, pois isso afetaria o projeto de provação no qual Deus e, involuntariamente, Jó estão envolvidos. As mãos de Deus estão atadas (porque ele concordou em atá-las).

A menção de Elifaz à irritação e à paixão sugere que ele, na realidade, está preocupado que a própria insensatez de Jó impossibilite a vinda dos agentes celestiais em seu socorro. A irritação e a paixão são características exibidas por Jó em seu protesto pelo nascimento e o anseio pela morte. Com o passar do tempo, os amigos de Jó serão mais explícitos na declaração de que Jó deve ter provocado todo esse mal sobre si mesmo. Aqui, talvez, Elifaz já esteja dando indícios dessa convicção, ou pode estar dando a Jó outra porção de seu “conselho amigável” sobre o que ele precisa fazer, ou mesmo sobre ao que precisa prestar atenção. A ira ou ressentimento e a paixão são qualidades de um tolo, de modo que Jó corre o perigo de se transformar em um. Todos sabem o que ocorre aos tolos... Elifaz prossegue lembrando a Jó o que acontece, pois viu a catástrofe atingir um tolo, sua família e sua propriedade (a exemplo do que ocorreu com Jó!) e foi forçado a concluir que o tolo estava amaldiçoado. Isso mostra como as coisas que atingem a humanidade não são aleatórias. Se formos encrenqueiros, é como se tivéssemos nascido para ser subjugados pelos problemas e experimentarmos as suas catastróficas consequências.

Elifaz segue adiante, declarando que ele mesmo age como alguém que sabe que não há outro lugar para onde ir, exceto para o Senhor, o que pode ser pastoralmente mais sábio do que dizer a alguém para onde ele deve ir. Nessa conexão, Elifaz discorre sobre a grandeza de Deus, como aquele envolvido no crescimento das lavouras, no resgate dos humildes, na frustração aos astutos e na libertação aos necessitados. Ele, então, reverte ao conselho e à promessa de que as coisas podem ocorrer daquele jeito para Jó e oferece mais uma verdade

bíblica. Deus está comprometido em nos reprovar e disciplinar e cumpre esse compromisso. Segundo o Novo Testamento, se Deus não agisse assim, seria como se ele não nos tratasse como um pai trata os seus filhos; é dessa maneira que amadurecemos. Se Deus não agisse assim, estaria nos tratando como se fôssemos filhos bastardos. Ao enfatizar esse ponto, Hebreus 12 segue observando que pais amorosos disciplinam os filhos por um tempo, mas não para sempre, e Elifaz reforça a mesma declaração sobre Deus. De certo modo, ele está reafirmando o seu ponto anterior: Jó tem motivos para manter a confiança e a esperança, com base na natureza divina e na sua própria retidão. Sejam quais forem as calamidades, Deus resgata os seus filhos de todas elas.

O único problema é que a teologia de Elifaz parece ser incompatível com a experiência vivida por Jó, mas a sua resposta ainda é o primeiro impulso ao encontrarmos pessoas na condição de Jó. Igualmente, é o modo pelo qual confortamos a nós mesmos, dizendo que a vida é boa, mesmo encontrando alguém como Jó, que está amaldiçoando o dia em que nasceu. Sentimos a necessidade de desviar o olhar, quando deparamos com essa pessoa, para encontrarmos outra realidade; caso contrário, corremos o risco de ver a assustadora desesperança da vida (ou, pelo menos, a desesperança sem a presença da bênção de Deus).

Próximo ao início do capítulo, Elifaz reconhece que Deus faz coisas que estão além de qualquer exame. No fim, ele diz a Jó que buscou a verdade e avisa Jó sobre ela. Estaria ele se contradizendo?

Na noite passada, sonhei que estava na casa de um amigo e, de alguma forma, eu era a pessoa que sabia sobre o assassinato de sua esposa. Portanto, era aquele que lhe deveria dar essa notícia. Algumas vezes, a amizade envolve ter de dizer palavras duras. Certa feita, um amigo me acusou de ser brusco e, diante de meu protesto, ele lembrou uma ocasião recente que ilustrou muito bem o seu ponto (ainda sou capaz de agir dessa maneira). Mais recentemente, outro amigo me disse que eu deveria refletir mais e autocensurar as minhas palavras antes de expressá-las. Mais de um amigo me disse que não gostava de pegar carona comigo, porque dirijo muito agressivamente.

Antes de instruir as pessoas a amarem o seu próximo, Levítico 19 incentiva a repreender o próximo com franqueza, em lugar de compartilhar a culpa dele; Provérbios 27 traz o ponto inverso, ao dizer que as feridas feitas por um amigo são confiáveis, enquanto os beijos de um inimigo devem levantar a nossa suspeita. Jó sabe que é assim e, em suas palavras finais, ele insta os seus amigos a se comportarem como amigos, embora haja, talvez, mais do que um toque de sarcasmo naquilo que diz, a exemplo das palavras de Elifaz. Este amigo o lembrou de que ele era um pecador. Está bem, então, Jó diz, diga-me a natureza do meu delito. Dificilmente, essa é uma pergunta teórica, uma vez que o seu sofrimento é suficiente para ele, desesperadamente, buscar uma resposta. Jó não tem energia para jogos de palavras, mas sabemos, da abertura do livro, que Elifaz terá muita dificuldade para especificar a transgressão de Jó, pois não é algo corriqueiro. À luz do que lemos aqui, não seria surpresa ou inadequado caso Jó tivesse plena ciência disso — não de que fosse pretensamente sem pecado, mas de que pudesse reivindicar ser alguém fundamentalmente comprometido com o caminho de Deus. A exemplo de Paulo, que foi capaz de afirmar ter combatido o bom combate, os salmistas também reivindicam, com frequência, serem basicamente indivíduos comprometidos. Sugerem que, se as pessoas que seguem Deus não puderem fazer tal reivindicação, então há algo errado.

Desse modo, Jó compromete-se a ouvir o que os seus amigos têm a dizer, mesmo que ouvir francamente sobre onde agiu errado seja algo doloroso. O problema é que eles o repreendem apenas com vagas generalizações (o pronome “você”, ao longo do capítulo, é plural, de maneira que Jó não está se dirigindo apenas a Elifaz, mas este, na verdade, está falando por todos os três amigos). As suas reprovações, na realidade, não reprovam, pois são sobremodo vagas. Muito menos, consideram seriamente as próprias palavras de Jó; os amigos estão

felizes por deixá-lo flutuar ao vento.

Jó iniciou com alguma defesa de suas palavras. Elifaz indicou que a irritação (i.e., ira e frustração) e a paixão (i.e., os sentimentos fortes) são insensatos. Como resposta, Jó sugeriu que os amigos não consideraram com seriedade o que ele alegou como motivo para estar irritado. O que lhe ocorreu é motivação suficiente e razoável para suas palavras serem selvagens ou incoerentes. Deus o atacou; estaria ele fazendo esse escarcéu sem motivo algum?

Elifaz falou duas vezes sobre esperança. Um homem de fé sempre deveria ser capaz de viver esperançoso, sabendo que Deus será fiel a uma pessoa fiel a ele. Deus é aquele que possibilita ao pobre ou ao oprimido ter esperança, pois sabem que Deus liberta. No entanto, essas declarações falham ao não considerarem a posição de Jó como a de alguém sob ataque do próprio Deus. Isso não significa que Jó não esteja disposto a falar sobre esperança, mas ele deixou claro que a sua esperança jaz na possibilidade de encontrar descanso na morte, e Deus, evidentemente, não está disposto a atender a esse anseio. Expressando de outra forma, Elifaz enfatizou a importância de ir a Deus; Jó já fez isso, e Deus não irá atender ao seu pedido de ter a permissão de morrer. Jó não deseja esperar muito tempo pela morte. Naquele momento, ele ainda pode reivindicar ter vivido uma vida fiel, de não ter dado as costas às palavras de Deus sobre como deveria viver, e de não ter cedido à ideia de amaldiçoar Deus e encontrar a morte dessa forma. Todavia, Jó não tem certeza se conseguirá manter essa posição para sempre.

Desse modo, ele realmente necessita do compromisso de seus amigos. Jó não pede (como ele destaca mais tarde) dinheiro a eles, mas, na realidade, pede por algo mais valioso. Ele apela a uma das virtudes-chave do Antigo Testamento, a palavra hebraica, em geral, traduzida por “amor inabalável” ou “amor constante”. Trata-se de uma versão superior de amor ou de fidelidade; é o equivalente do Antigo Testamento ao termo grego agapē no Novo Testamento. Esse termo sugere uma classe de amor incondicional, um amor que emerge daquele que o sente, sem que seja uma mera resposta à necessidade da pessoa a quem esse amor é demonstrado. Trata-se de uma fidelidade persistente, mesmo quando a pessoa-alvo perde qualquer direito a ela por não manifestar fidelidade em troca.

Jó trabalha com uma definição séria de amizade, que implica compromisso mútuo. Falhar em mostrar esse compromisso é falhar em sua reverência ou submissão a Deus. Claro que é assim; a Torá diz que as pessoas devem cuidar de

seus vizinhos ou amigos. O livro de Jó usa para “amigo” a mesma palavra traduzida por “próximo” em passagens como Levítico 19, embora, evidentemente, os amigos de Jó não fossem “próximos” no sentido de pessoas que moravam perto dele. O contexto em Levítico deixa claro que não devemos cuidar dos vizinhos ou do próximo apenas quando nos relacionamos bem com eles; na verdade, pode-se dizer que a Torá espera que cuidemos do nosso próximo mesmo quando ele é nosso inimigo. Ainda que Jó tivesse agido erroneamente com seus amigos, a expectativa da Torá é de que eles mostrem compromisso com Jó. No entanto, a parte delituosa está do outro lado. Os amigos se comportam como um ribeiro ou aluvião no deserto, que flui quando há chuva ou quando a neve da montanha derrete, mas que desaparece na estação de seca, quando você mais necessita de água. Eles mais parecem pessoas que venderão um amigo como escravo ou que lançarão sortes sobre o filho de um homem morto, ao decidirem como os seus débitos serão pagos.

Por que os amigos de Jó o desapontam dessa forma? Eles veem a calamidade, e isso os assusta, Jó diz. Se um homem consegue ser fiel a Deus como Jó tem sido e, mesmo assim, a sua vida pode colapsar, quem estará a salvo disso? Eles precisam estabelecer a existência de algum motivo moral para o sofrimento de Jó a fim de aliviar a própria ansiedade deles. Caso contrário, a estrutura na qual eles vivem e pensam sobre Deus, igualmente, colapsará.

Tenho uma vida estranha, em comparação com muitos dos que vivem na mesma cidade que eu. Jamais deixei de ser grato pelo fato de poder trabalhar em casa, grande parte do tempo. Além disso, quando preciso ir ao seminário, basta pedalar dez minutos e estou lá. A minha vida contrasta com a das pessoas que vejo, de manhã, quando olho pela janela da cozinha, enquanto preparo o café. Elas começam a circular na minha rua logo depois das seis, em direção à rodovia que as leva aos seus empregos, muitas madrugam para evitar o trânsito que se arrasta ao se aproximarem de Los Angeles. Lá, trabalharão durante todo o dia, provavelmente em uma empresa recompensadora e numa atividade estimulante, mas, em geral, isso não acontece, até pegarem o cortejo inverso, ao entardecer, para chegarem em casa. Talvez seja improvável que ainda tenham energia para prepararem o jantar e, assim, optarão por um serviço de entrega ou por comida congelada. Depois, possivelmente, se deixarão cair no sofá, em frente a uma televisão, indolentes, na esperança de algum relaxamento, antes de repetirem a rotina no dia seguinte.

Jó não conhecia como era um dia assim, mas podia imaginar um dia equivalente em sua cultura. Jó era o chefão de uma grande empresa, em uma posição similar à minha, no sentido de conhecer pessoas cuja experiência de trabalho era bem diferente da sua própria.

A visão ideal do Antigo Testamento em relação ao trabalho é de que toda a família possua o seu pedaço de terra e que seus integrantes trabalhem nela juntos. Os homens farão a parte deles nos campos arando, semeando, e assim por diante; as mulheres realizarão a parte delas na propriedade moendo grãos, assando pães, e assim por diante. Tudo consiste em uma operação conjunta, da qual toda a família participa. No entanto, às vezes as coisas não vão bem para a família, e a atividade deles na propriedade não funciona por serem desafortunados, preguiçosos ou ineficientes, levando-os a trabalhar nas terras de outra pessoa — alguém que seja mais afortunado, trabalhador e eficiente e que, por esse motivo, acaba assumindo o controle da propriedade da primeira família em troca do fornecimento de comida. Dessa maneira, pequenas fazendas podem se transformar em agronegócios imensos, como é, aparentemente, o caso de Jó. Trata-se de um processo que, facilmente, leva a abusos, devidamente condenados pelos profetas. No entanto, a história de Jó sugere que não precisa ser assim, caso o fazendeiro de sucesso seja alguém com a mesma retidão e submissão de Jó a Deus.

Caso os menos afortunados, eficientes ou trabalhadores tiverem sorte, o processo significará que eles se tornarão servos de outro fazendeiro, uma servidão que, em teoria, durará alguns anos, até que paguem a sua dívida e coloquem-se de pé novamente. A Torá possui regras para regulamentar esse processo, e outros povos do Oriente Médio tinham regras similares. Caso sejam menos bafejados pela sorte e, talvez, não tenham outra escolha, exceto a de se resignarem a trabalhar para um senhor que não obedeça a essas regras e que os trate como empregados, pagos a cada dia, a probabilidade de se erguerem novamente é reduzida. Contrariando suposições ocidentais, então, a noção de emprego assalariado surge apenas quando a vida de uma pessoa desmorona. O ideal não é ter um emprego, mas estar envolvido nos negócios da própria família. Vender o seu suor é visto como uma triste ideia. Ser um empregado é pior do que ser um servo. (A palavra para "servo" é, com frequência, traduzida por "escravo", mas isso é equivocado. O senhor não possui o servo, não pode tratá-lo a seu bel-prazer e, provavelmente, está sob a obrigação de deixá-lo ir após alguns anos. Um homem como o servo de Abraão, que foi enviado com a missão de encontrar uma esposa para Isaque, evidentemente está em uma posição permanente; contudo, ainda mais claramente, ele não é um escravo, na acepção dessa palavra.)

Com base em sua própria experiência como senhor, e por testemunhar o que acorre em outros agronegócios, Jó pode observar como a vida é para os servos e os empregados —em seu caso, eles são o que a narrativa cita como seus "rapazes". Pode ser gratificante ser um servo em vez de morrer de fome, mas não é o mesmo que toda a família trabalhar na sua própria fazenda. Como servo, trabalha-se durante todo o dia para alguém mais, ansiando pela chegada da noite. Pior ainda, pode-se ser um mero empregado, trabalhando o dia inteiro almejando apenas o momento de receber o pagamento. A sua posição é similar à de pessoas no mundo ocidental que, realmente, são escravos econômicos, incapazes de deixar os seus empregos e voltarem para a "fazenda da família". Elas vivem de pagamento em pagamento, aterrorizadas pela ideia de perderem o emprego, a ponto de aceitarem condições sub-humanas de trabalho, por acreditarem que não há alternativa. "Graças a Deus é sexta-feira", dizem. Não foi assim que Deus criou o ser humano.

No entanto, a realidade fornece a Jó uma imagem para a vida humana como ele, então, a experimenta. De fato, agora Jó sente que a vida humana é assim por sua própria natureza. Trabalhamos durante vinte, quarenta ou sessenta anos e, então, morremos. É isso. Sua imagem é a de uma lançadeira de tecelão, que corre para

a frente e para trás no tear. Parece que ele escolhe essa imagem porque ela lhe permite finalizar com um termo hebraico que possui dois significados; pode significar tanto uma corda ou um fio quanto esperança ou um futuro melhor. O contexto imediato nos leva a pensar no fio do tecelão e como o trabalho dele é interrompido quando o rolo de fio acaba. Já o contexto mais amplo nos faz pensar na esperança de restauração que Elifaz, por duas vezes, encoraja Jó a ter, além da esperança na morte, que Jó descreve como a sua esperança real. A palavra para esperança aparece duas vezes mais no livro de Jó do que em qualquer outro livro do Antigo Testamento, lembrando o leitor de que as pessoas que não estão em posição de autossuficiência ou independência podem ser estimuladas a uma consciência maior sobre a necessidade de esperança. Em Jó, no entanto, essa palavra, normalmente, surge em contextos de desesperança. Jó tanto possui desesperança quanto esperança: ele está desesperançado com a vida, mas esperançoso quanto à morte, na qual nem mesmo Deus será capaz de encontrá-lo e, consequentemente, de impor mais sofrimentos a ele.

Está certo, ceder à irritação e à paixão pode arruinar uma vida, mas, dada a realidade da sua vida e de seus aparentes prospectos, Jó nada tem a perder ao dar voz aos seus sentimentos. Pela primeira vez, ele fala diretamente com Deus, confrontando-o pelo modo com que tem sido tratado — como se ele fosse a personificação de um poder perigoso e destruidor que Deus precisa controlar, ou como se Deus fosse um mau empregador, que não sabe como tratar os seus empregados, transformando-os em pessoas que apenas esperam o término do seu turno. Está certo, Jó é um pecador, como todo ser humano, mas por que as ofensas humanas comuns de Jó importam tanto a Deus? Este não deveria ser aquele que perdoa os pecados? Por que Deus precisa tratar Jó como se ele fosse alguém tão importante? Não pela última vez, mas a ironia é que nós conhecemos a resposta; Jó, porém, jamais a conhecerá.

Salmos 8:4 questiona: “O que é um homem mortal para que te importes com ele, um ser humano para que te preocupes com ele?” Deus criou a humanidade um pouco inferior ao divino, nos deu glória e majestade, e nos colocou a cargo do mundo, obra de suas mãos. Hebreus 2 aproveitará essas palavras e as usará como uma lente por meio da qual devemos olhar para Jesus. Isso reconhece que o mundo ainda não está sujeito a Jesus, mas sabe que um dia será assim. Para Jó, igualmente, as palavras declaram algo que contrasta com a presente forma de ser das coisas. Ao usar as palavras do salmista, ele as retrabalha para que expressem a sua reação distinta à atenção e à preocupação de Deus, as quais têm, para Jó, implicações diferentes daquelas para o salmista. Deus fez a humanidade grande

e/ou o fez grande, mas, agora, Deus põe à prova, constantemente, esse representante da humanidade. Uma vez mais, vemos a ironia de sabermos o motivo da provação de Deus a Jó, mas ele jamais soube.

No outro sábado, estávamos em um restaurante junto ao mar, e uma mulher, que é aluna do seminário, veio falar conosco. Essa praia em particular fica a uma hora de carro da minha casa e, portanto, perguntei-lhe se ela morava nas proximidades. Ela me explicou que costumava ir àquela praia aos sábados para surfar, a fim de se recuperar após uma semana de estudo — não acho que ela tenha usado o verbo "recuperar", mas foi uma expressão similar. Isso me fez refletir: "Por que o seminário tem esse efeito desgastante sobre as pessoas, para elas necessitarem de recuperação?" Há inúmeras respostas possíveis, que diferem de um seminário para outro, e de um indivíduo para outro, mas uma das respostas é que o seminário leva as pessoas a questionarem grande parte do conteúdo que lhes foi ensinado nas igrejas. Elas foram introduzidas a uma tradição cristã, uma forma de compreender a natureza da fé cristã — em outras palavras, uma forma de compreender Deus, a expiação, a salvação, a vida cristã e a oração. Todavia, no seminário descobrem que outros estudantes e professores trazem uma compreensão diferente. A tradição que lhes foi ensinada constituía uma parte apropriada da segurança delas, de maneira que o questionamento dessa tradição gera insegurança e, talvez, a necessidade de ir surfar (embora, no meu caso, surfar seja o que gera insegurança em mim).

Toda a história de Jó é uma sucessão massiva de questionamentos aos quais o livro não oferece respostas; ela versa sobre viver com questões para as quais não temos resposta, e seu discurso reflete a forma pela qual a tradição pode dar segurança ao viver. Se você deseja saber no que acreditar, ele diz, pergunte às gerações anteriores, aos ancestrais. Não se trata apenas do que você crê, mas como você vive. O musical Um violonista no telhado começa com a imagem de cada judeu como um violonista em pé em cima do telhado, tentando arranhar uma melodia sem quebrar o respectivo pescoço. Como manter o equilíbrio? Vivendo de acordo com as tradições quanto ao que comer, como dormir e mesmo sobre como vestir o xale de oração. A aderência às tradições da comunidade expressa a sua devoção a Deus. As tradições dizem quem você é e como Deus espera que você viva. Bildade representa a maneira pela qual o questionamento à tradição por outra pessoa contribui para a insegurança.

A tradição afirma que a vida funciona de um modo justo, e quase todos vivem com base nessa suposição. Seria difícil seguir vivendo sobre qualquer outro fundamento, e já observamos que, no fim da história, Jó afirma isso. Deus também faz essa afirmação a Eli, em 1Samuel 2: "Porque honrarei a pessoa que

me honra, mas desprezarei a pessoa que me despreza.” Embora Deus tanto honre quanto despreze, essas palavras a Eli associaram Deus mais intimamente com a honra do que com o desprezo. A declaração de Deus a Abraão sobre bênção e maldição, em Gênesis 12, é similar; ali, Deus está mais envolvido com a bênção do que com a maldição. Como um pai, Deus não está igualmente equilibrado entre a propensão de abençoar e a de disciplinar. O instinto divino é sempre em favor da bênção, mas Deus pode pender para a punição quando necessário.

Bildade é mais equilibrado. Ele está feliz por afirmar que Deus é aquele que se desfez dos filhos de Jó e que não toma o transgressor pela mão, enquanto, ao mesmo tempo, declara que Deus não rejeita o homem íntegro. Caso Jó se volte para Deus, sugere Bildade, Deus, então, agirá por ele e restaurará a sua justa propriedade. Essa última sentença é condensada. A sua propriedade é a sua casa, o seu patrimônio, e isso é justo na medida em que Jó está lidando com a situação do modo certo — isto é, para agir corretamente em relação a pessoas como seus servos e seus empregados, além dos pobres, que necessitam da sua generosidade, e aqueles com os quais a sua produção é comercializada.

Bildade, portanto, destemidamente, associa Deus com punição tanto quanto com bênção. Ele afirma que Deus não distorce a tomada de decisões ou aquilo que é justo. A palavra hebraica para “distorcer” ou “perverter” lembraria as pessoas do termo para “teimosia” ou “desobediência”. Tanto Deus quanto a humanidade devem andar no caminho reto, não distorcê-lo. Bildade afirma que Deus não faz isso; e a ideia de tomada de decisões de acordo com o que é justo é recorrente na Torá e nos Profetas. Pode-se dizer que ela é central na tradição bíblica quanto ao modo pelo qual os relacionamentos e a comunidade devem funcionar. Muitas traduções apresentam as palavras “justiça e retidão” aqui, mas os termos hebraicos denotam mais precisamente a tomada de decisão que é justa e apropriada à luz das relações com as quais a pessoa está comprometida. Eles formam uma grande descrição dos compromissos pessoais de Deus e dos compromissos pessoais que Deus espera de seu povo — daí aquela descrição sobre a propriedade de Jó como caracterizada por relacionamentos justos. Jó é alguém que reflete Deus na maneira pela qual exerce a sua liderança. Em certo nível, Bildade reconhece isso.

Bildade, igualmente, reconhece que Deus opera tanto a bênção quanto a maldição indiretamente, por meio do funcionamento “natural” da vida. Os atos possuem consequências embutidas. Essa também é uma tradição com a qual a maioria das pessoas se depara na experiência humana. É essa consequência

embutida na própria rebelião dos filhos de Jó que os levou à destruição, diz Bildade. Subsequentemente, ele generaliza o ponto. As coisas funcionam com os seres humanos da mesma forma que funcionam com a natureza — afinal, Deus é o Deus de ambos. A aranha confia na casa frágil e delicada que tece, mas essa casa é espanada. Confiar em si mesmo ou em outras divindades é semelhante a confiar numa casa assim. Papiros e juncos não crescem se as suas raízes não estiverem no meio correto — eles necessitam de água em abundância, caso contrário murcharão. Assim é o homem cuja vida não está em contato com Deus; ele murcha. Estar no meio apropriado significa olhar para Deus, esperar nele e guardá-lo na mente. Por um breve tempo, alguém que deposita a sua confiança em outro lugar pode parecer ir muito bem, a exemplo de uma planta que estende os seus brotos além do jardim, em direção às pilhas de pedras que repousam além de seus limites. Todavia, a planta murcha (semelhantemente ao que ocorre a grande parte das sementes, na primeira parábola de Jesus, em Marcos 4). Assim, o lugar no qual esse homem estava nem mesmo se lembra de tê-lo visto. Essa é a, assim chamada, alegria da experiência dessa planta; outra brotará de seu solo. É no descrente que Bildade, de forma sábia, foca a sua exposição sobre como a vida “naturalmente” funciona. Em contraste, Deus está mais direta e pessoalmente envolvido no destino dos piedosos. Deus agirá e o restaurará, encherá a sua boca de risos.

Bildade aprendeu bem com a tradição. Tudo o que ele diz sobre a natureza e o modus operandi de Deus em relação aos descrentes e aos justos é verdadeiro. Suas declarações sobre como o fiel pode esperar a brevidade de seu sofrimento se provará verdadeira na própria vida de Jó. Contudo, ele não reconhece que há exceções ao ensino da tradição. Isso ocorre em oitenta ou noventa por cento do tempo, não em cem por cento. Há ímpios que morrem felizes em seus leitos, e fiéis que não experimentam restauração. Isso não torna a tradição sem valor, mas a torna perigosa. O resultado terrível de tornar a tradição absoluta é poder reescrever a vida das pessoas sem esclarecê-la. Isso é o que Bildade faz, no início de seu discurso, ao falar dos filhos de Jó.

Na sexta-feira passada, preparávamos o jantar para atender necessitados em um abrigo para sem-teto, quando, do nada, o pastor me perguntou: “O que você diz quando alguém lhe pergunta por que o Deus do Antigo Testamento é tão diferente do Deus do Novo Testamento?” Tão rápido quanto um relâmpago, repliquei: “Eu pergunto de volta se a pessoa já leu o Antigo ou o Novo Testamento”, ao que ele riu. O pastor, claro, referia-se à ideia de que o Deus do Antigo Testamento é um Deus de ira, enquanto o Deus do Novo Testamento é um Deus de amor. O Deus do Novo Testamento, observei, é um que envia trilhões de pessoas para o inferno, o que o Deus do Antigo Testamento não faz; não há menção sobre o inferno no Antigo Testamento. Ao contrário, o Antigo Testamento é a história do Deus de amor trabalhando em prol do seu propósito com Israel e com o mundo, mas mostrando, ao mesmo tempo, que não se deve brincar com ele.

Jó está ficando muito deprimido em relação à classe de pessoa que Deus é. Ele pode reconhecer a verdade nas declarações gerais de Bildade, mas o seu problema é que mesmo que você seja íntegro, mesmo que seja relativamente inocente, não há como ganhar o seu caso com Deus se este não o ouvir. Deus pode tomar decisões com base em seu próprio poder e autoridade, não fundamentado no ouvir. Em alguns contextos, o poder divino representa boas-novas. Como Bildade observou, Deus pode usar o seu poder para derrotar os perversos; pode aniquilar as forças sobrenaturais do Maligno, os “ajudantes de Raabe”. Não se trata da Raabe de Josué (cujo nome é escrito de forma diferente no hebraico); o termo é outro nome para o ser que o livro de Jó já se referiu como o Leviatã ou o dragão, a personificação do poder sobrenatural e dinâmico contrário a Deus.

No entanto, essa capacidade não tem utilidade para um homem como Jó, a quem Deus continua ignorando. Deus poderia passar ao lado de Jó, a exemplo do que ocorreu com Moisés, mas, em vista de sua presente situação, Jó não seria capaz de perceber a presença de Deus. Dado o poder divino, tudo o que, realisticamente, Jó pode fazer é suplicar por graça ou misericórdia (ainda assim, seria falar como se estivesse errado, o que não é o caso). Mesmo se Deus o deixasse falar, Jó pensa que Deus não o ouviria de fato. Deus detém todas as cartas, quer se pense em termos de poder físico ou legal.

Jó fala como se a maneira pela qual ele está sendo tratado represente toda a

verdade sobre a experiência humana e sobre como Deus se relaciona com a humanidade. Caso alguém estivesse em posição de sugerir que Jó pudesse estar, equivocadamente, universalizando com base na experiência de um único homem e, portanto, falando injustamente sobre Deus, poderia fazer prevalecer o seu ponto. Contudo, isso também sugeriria que ele não está fazendo nada diferente do que aparece na tradição teológica expressada por seus amigos. A única distinção é que Jó está empregando a ênfase em um conjunto de dados diferente daquele usado pelos amigos. É intrínseco à posição teológica deles partir da natureza da experiência humana empírica. Isso é tudo o que ele está fazendo. Caso eles queiram fundamentar a teologia na experiência, então que seja.

A ligação entre a generalização teológica e a experiência pessoal de Jó está implícita na transição para o último parágrafo do capítulo. Quando Jó passa a falar, claramente, uma vez mais, sobre o que realmente lhe aconteceu, a transição é apenas aparente; na verdade, durante todo o capítulo, ele falou com base no que lhe aconteceu pessoalmente. O parágrafo também faz uma transição da fala de Jó sobre Deus, enquanto fala para si mesmo, e passa a falar diretamente com Deus — o que, à luz do que ele disse na maior parte do capítulo, é arriscado e doloroso. Ainda que Jó já tenha aceitado que devemos estar contentes ao receber tanto o mal quanto o bem de Deus, agora ele só consegue ver o mal.

Diz-se que, quando alguém perde o cônjuge após uma enfermidade, inicialmente tudo o que se consegue lembrar é o período difícil no fim da vida do cônjuge amado, mas que, com o passar do tempo, a impressão dos momentos derradeiros, de algum modo, se desvanece e a felicidade dos primeiros anos retorna à consciência. Tudo de que Jó pode ter ciência no presente é a severidade de sua experiência. Sua declaração é uma simplificação excessiva em uma direção infeliz. Ele não consegue mais se lembrar dos bons tempos passados nem vislumbrar bons tempos futuros. Jó consegue pensar no futuro, mas somente como um futuro que trará ainda mais dor e rejeição. Ele representa a propensão humana comum de presumir que a situação atual (boa ou má) jamais sofre mudanças, embora um instante de reflexão mostre que não é assim. A nossa experiência está em constante mutação; na verdade, pode-se argumentar que a mudança é mais prevalente que a consistência.

Então, pela primeira vez, Jó imagina a possibilidade de haver alguém para arbitrar entre ele e Deus. Quando as pessoas pensam em termos de um Deus de ira, podem pensar em Jesus como o mediador entre Deus e os pecadores como nós. Nessa conexão, Deus agir com ira em relação a nós seria algo merecido, por

nossa condição de pecadores. Jó não pensa dentro dessa estrutura. Ele sabe que não merece receber a ira de Deus. Apesar de o Antigo Testamento reconhecer que a nossa transgressão tem um efeito na relação de Deus com toda a humanidade, ele não expressa que toda a humanidade está sob a ira divina. A ira de Deus está reservada aos que realmente a merecem, como os superpoderes no exercício de sua opressão a Israel, quando o povo desvia os olhos de Yahweh e dirige o olhar a outros deuses. Desse modo, Jó necessita de alguém para resgatá-lo da ira que ele não merece, mas, ao mesmo empo, ele sabe que isso é apenas uma boa noção teológica. Na realidade, não há ninguém capaz de nos resgatar de Deus; não há ninguém que possa remover a realidade do ataque divino e/ou a ameaça de um ataque adicional de Deus, de maneira que não é possível para Jó ter um argumento apropriado sobre o que lhe ocorreu.

Ontem, uma garota com pouco mais de 20 anos me contava sobre o falecimento de sua avó, ocorrido um dia ou dois antes. A exemplo de muitos jovens da sua geração, ela tinha uma relação próxima com a sua avó, e, assim, a perda lhe fora muito grande. Ainda ontem, outra jovem mulher, parente da minha esposa, entrava em trabalho de parto de sua primeira filha, que receberá o nome da minha enteada. Parece-me que ouvi sobre a gravidez dessa garota poucas semanas atrás, e imaginamos o crescimento gradual do bebê em seu ventre que pode, hoje, ser monitorado visualmente por meio do ultrassom. Não há nada maior do que a diferença entre vida e morte, embora estejam em uma estranha justaposição em nossa existência.

No caso de Jó, essa estranha justaposição surge nesse capítulo. Ambos lutam para chamar a sua atenção. Por um lado, existe o processo pelo qual um bebê chega à existência no ventre da sua mãe. Todavia, não é assim que Jó fala, dizendo que esse processo é realizado por Deus. Sua vinda à existência é resultante do trabalho das mãos de Deus. Trazer um ser humano à vida não é uma realização trivial, algo que Deus realiza às pressas, entre o café da manhã e o almoço, refestelado em sua poltrona. Isso envolve trabalho de parto árduo. Embora o idioma hebraico tenha formas distintas de se referir ao trabalho, ao esforço e ao sofrimento envolvidos no parto, o verbo presente aqui não é usado da maneira pela qual usamos a expressão “trabalho de parto” em nosso idioma, apesar de, mais tarde, em Jó 39, Deus a utilizar em relação à avestruz depositar os seus ovos. Em nosso idioma, a ligação é sugestiva. Do mesmo modo que uma mãe empreende um esforço enorme para liberar o seu bebê do ventre (a expressão “ter” um bebê é muito suave!), Jó reconhece que Deus já empregou um grande esforço na formação do filhote no ventre da avestruz.

Jó prossegue descrevendo Deus como o seu “modelador” e “artífice”. Deus é como um artesão, mais especificamente um oleiro que molda uma figura do barro ou da argila. Foi assim que Deus trouxe o primeiro ser humano à existência, em Gênesis 2, mas Deus não deixou, então, a humanidade e a natureza para fazerem o seu próprio trabalho. Deus molda cada pessoa que vem a existir. Foi o pai de Jó que depositou a sua “semente” no interior da mãe de Jó, para que, então, um feto fosse formado. A imagem reflete a noção tradicional de que é o sêmen do homem que gera a forma do bebê, para o qual o ventre da mãe providencia uma casa, exceto que Jó transforma essa realidade física em uma imagem para o que Deus faz. Pode-se aplicar ao nascimento físico de Jó, ou de

qualquer bebê, a linguagem presente em João 1:13, que se refere aos filhos de Deus, os quais “não nasceram por descendência natural, nem pela vontade da carne nem pela vontade de algum homem, mas nasceram de Deus”. Em outras palavras, os filhos de Deus não nasceram mediante um processo natural, ou como resultado de uma decisão humana ou do marido. Em vez disso, é como se Deus providenciasse tanto o sêmen quanto o ventre.

À medida que o nascimento se aproxima, Deus continua envolvido no processo, que se torna como um ato de tecer ou tricotar a fim de gerar pele e carne, ossos e tendões. Fora do ventre, a mãe do bebê tricota roupas para o futuro filho; no interior do ventre, Deus também está tricotando. Por meio de todo o processo, Deus concede vida, compromisso e atenção, que cuida não apenas do corpo de Jó, mas, igualmente, de seu espírito.

Contudo, aquele último verbo anuncia a mudança no discurso de Jó pelo qual esperávamos. No meio de sua vida, Deus ainda cuida dele, mas de uma forma distinta. Agora, Deus o observa a fim de o flagrar. Deus, agora, oprime e rejeita o esforço de suas mãos, e a mão que modelou Jó é uma mão da qual ele quer escapar. A vida que fora uma dádiva divina tornou-se, agora, um viver que Jó abomina. Embora Deus o tenha modelado com o barro da terra, agora Deus está devolvendo Jó ao pó da terra. Isso suscita a questão sobre o motivo pelo qual Deus está aborrecido, sobre por que Jó não foi direto do ventre para a sepultura. Embora Jó tenha motivos particulares para questionar: “Por que [...] me tiraste do ventre?”, essa é uma pergunta que todos nós devemos fazer, ainda que possamos nem nos lembrar dela quando tudo vai bem em nossa vida.

O problema de Jó é a disparidade entre o cuidado e o esforço empregado por Deus para trazer Jó à existência e a posição que Deus assume, agora, em relação a ele. Pode-se esperar que Deus se alegrasse com os planos de vida de uma pessoa assim. Se o rei lhe sorri, é sinal de que você ganhou o favor dele e sua vida deslanchará; assim é com Deus. O sorrir resulta em bênção. Todavia, Deus sorri aos infiéis, não a Jó (não há um infiel particular em mente; trata-se apenas de outra forma de expressar que o comportamento de Deus é o inverso do que seria esperado). É como se a opressão a Jó fizesse bem a Deus, como se houvesse algum lucro com isso; como se Deus fosse míope ou possuísse uma experiência limitada de vida, a exemplo de um ser humano, que não pode ver o que está em seu próprio interesse e/ou não consegue ver a verdade sobre Jó, como alguém que é (basicamente) íntegro e reto. Ainda, é como se Deus, simplesmente, se esquecesse de Jó, a exemplo de um projeto que funcionou bem

a princípio, mas que, então, falhou e perdeu o interesse do seu projetista, talvez pelo fato de Jó ser enfadonhamente bem-sucedido.

De fato (Jó especula, enquanto procura por alguma explicação quase racional para a ação de Deus), é como se toda a ideia de Deus como um amoroso Criador seja falsa e, na verdade, Deus seja um sádico que criou Jó apenas para julgá-lo e persegui-lo. Na realidade, não faz nenhuma diferença se Jó é fiel ou infiel. Deus já tomou a decisão sobre como irá persegui-lo; Jó usa ao máximo a extraordinária liberdade que é possível ter na oração, que lhe permite expressar qualquer coisa sem ser aniquilado por um raio, e que pode, de alguma forma, provocar a resposta de Deus.

Assim, a descrição poética do processo por meio do qual Deus traz um ser humano à existência dá lugar a uma descrição mais realista da morte. É possível dizer-se que essa descrição seja igualmente poética no sentido de ser figurada, todavia a sua natureza poética assume uma forma distinta. Não há imagens coloridas; apenas diversas formas de descrever a escuridão. Isso indica uma deficiência de nosso idioma quanto a essa palavra. É difícil representar a variedade dos termos usados por Jó. Escuridão, trevas, sombra mortal; essa é a natureza da morte. Anteriormente, Jó ansiava pela morte porque ela representava descanso. Agora, abandona essa conotação positiva. O único elemento, na sua descrição, que não está relacionado à escuridão, a ausência de ordem ou caos, também pode indicar uma reversão da conotação positiva sobre a morte. Nesta vida, há uma ordem na qual todos conhecem o seu lugar devido — reis e plebeus, servos e senhores, pequenos e grandes. Na morte, não há ordem nem estrutura social.

Quando morremos, a família rola a pedra da tumba familiar, e a luz ilumina o interior pela primeira vez, desde que o último corpo foi ali sepultado. Sim, as pessoas ali estão em descanso, mas os familiares vivos não podem evitar de perceber que os corpos de seus amados se deterioraram; é como se os corpos tivessem retornado à terra da qual foram feitos. E, quando a família rola a pedra de volta, para cobrir a entrada da tumba, após colocarem alguém ali, as trevas descem e tomam conta do interior novamente, escuridão, negrume, sombras, a noite que falha em dar lugar ao dia. Ali se deita, para jamais retornar, observa Jó.

Escrevo estas linhas na Semana Santa e, no último domingo, fizemos a leitura da história da Paixão do Evangelho de Mateus, com seu relato exótico sobre as sepulturas se abrindo em Jerusalém, os corpos ressuscitados saindo e andando na cidade após a morte de Jesus, em antecipação à sua própria ressurreição. Trata-se de uma história assustadora e que nos deixa perplexos, mas ela pressupõe uma perspectiva importante. São os corpos de judeus que, como tais, pertenciam a Deus; Mateus os denomina de "santos", uma palavra recorrente em outras passagens do Novo Testamento. É um termo usado em referência àqueles pertencentes à igreja, aos que são discípulos de Jesus. A implicação da história é que as pessoas que morrem, simplesmente, não saem da existência. De algum modo, elas permanecem existindo. Os que pertencem a Deus, mas que já faleceram, aguardam o dia em que serão levantados da morte, um dia que virá por meio da morte e da ressurreição de Cristo.

Reconhecidamente, com base no Antigo Testamento, essas pessoas não sabem que aguardam aquele dia. Até onde sabem, a morte é o fim. Vimos, no último capítulo, como Jó certamente sabe que em sua época nada similar à ressureição irá ocorrer. Quando se vai para o reino das trevas, não há retorno. Somente após a morte e a ressurreição de Cristo é que a morte se tornará um lugar que entrega os seus mortos. Zofar assume a mesma percepção sobre o aspecto definitivo da morte. Logo no início de seu discurso, ele se refere ao Sheol e, no fim, cita a morte em seu caráter final. O Sheol é uma espécie de equivalente imaterial do túmulo físico. No capítulo anterior, Jó pressupôs como as pessoas são lançadas na escuridão da sepultura quando morrem. A Bíblia opera com mais uma unidade entre o corpo e a pessoa do que os cristãos, em geral, assumem; assim, considera como certo que o que ocorre ao corpo e o que ocorre à pessoa estão intimamente relacionados. Os seus autores estão cientes do fato óbvio de que o corpo continua a existir após a morte (mesmo se ele começar a se decompor), mas, agora, é um corpo sem vida. Assumem que algo similar é verdadeiro em relação à pessoa, alma ou espírito. Ela continua a existir, mas, agora, inanimada, de maneira que não pode mais pensar, lembrar ou louvar.

Além disso, terão ciência, como temos, de que, embora o corpo e a pessoa estejam intimamente relacionados, eles possuem independência mútua no sentido de que, enquanto o meu corpo possa estar em determinado lugar (digamos, na sala de aula), o meu espírito pode estar em outro (digamos, com a pessoa amada, com quem me encontrarei após a aula). É possível estar presente

corporalmente em algum lugar, mas não em espírito (um de meus compositores favoritos é autor de uma sentença sobre estar a caminho para ver a mulher que ama; sua alma já está com ela, ainda que seu corpo esteja a uma hora de distância). O fato pode ser parte do que possibilita pensar em termos de espíritos ou almas ou pessoas, dos que já faleceram, estarem, em algum sentido, juntos, no lugar que o Antigo Testamento chama de Sheol. No entanto, o Antigo Testamento não revela muito mais sobre o Sheol, além do que pode ser inferido pela realidade da morte e pelo que se pode ver acontecendo ao corpo; Zofar refere-se a esse fato. As intangíveis verdades sobre Deus são "mais profundas que o Sheol" e, assim, Jó não deve presumir que pode saber muito sobre esse tema.

Tempos depois, o pensamento judaico falará de quatro reinos sobre os quais nada podemos conhecer, exceto pela revelação sobrenatural de Deus. Existem os reinos que estão acima e abaixo de nós, e os que estão à nossa frente e atrás. À frente e atrás, estão o futuro e o passado; de maneira confusa para nós, leitores ocidentais, o Antigo Testamento e o pensamento judaico consideram o futuro como o que está atrás de nós, e o passado à frente (embora essa compreensão seja mais lógica que a do Ocidente, uma vez que podemos, na verdade, ver o passado, mas não podemos ver o futuro — a vida é como remar um barco). O reino acima é o céu ou céus, e o reino abaixo é o Sheol (no Antigo Testamento) ou o inferno (no pensamento judaico posterior). Em outras palavras, necessitamos de uma revelação divina sobre tudo, exceto sobre o que podemos ver com os nossos olhos aqui na terra, no tempo presente. (Na verdade, a história de Jó ilustra como podemos também necessitar de uma revelação quanto ao que estamos vendo aqui, caso este presente for particularmente inacreditável, desconfortável ou confuso.)

Zofar pressupõe algo assim e indica a Jó. Primeiro, ele fala sobre o reino acima e o reino abaixo, mas, então, da terra e do mar. Humanamente, podemos, claro, saber algo a respeito do último par, mas não tudo sobre eles. Eles permanecem sendo mistérios parciais. Jó, pelo menos, não estava em posição de viajar ao extremo da terra ou de cruzar os mares. Não há meios de ele agir em toda a terra ou em todo o mar, ou saber tudo a despeito da vastidão deles. Ainda mais obviamente, Jó não é capaz de agir ou conhecer o céu, em sua altura, ou o Sheol, em suas profundezas. (A forma pela qual a poesia hebraica funciona nos encoraja a concluir que, em um verso como esse, o agir e o conhecer se aplicam tanto aos céus quanto ao Sheol.) Segundo a visão de Zofar, Jó tem discursado como se pudesse obter uma compreensão completa sobre a maneira de Deus agir

na criação, e no mundo, acima e abaixo, mas, evidentemente, ele não possui essa capacidade. Com certa ironia, Zofar estabelece um ponto que se repetirá nas próprias palavras de Deus, quando este, eventualmente, falar, o que também é verdadeiro em relação a grande parte das afirmações dos amigos de Jó. O problema é que eles não veem as implicações de suas declarações.

A ironia adicional nas palavras de Zofar é que, embora ele diga a Jó para não supor ser capaz de compreender o modo divino de agir, Zofar prossegue discursando como se ele mesmo tivesse essa percepção. As coisas são mais complicadas do que Jó imagina, o amigo diz. Há dois lados da compreensão. O contexto pode sugerir que Zofar queira dizer que existem dois lados para uma compreensão de Deus. Jó tem discorrido muito sobre a justiça divina e falado como se fosse uma vítima dessa justiça, embora ele necessite reconhecer que Deus também é caracterizado pela misericórdia e, talvez, que seja um beneficiário dela. Deus está "carregando" algumas de suas transgressões, aceitando a responsabilidade por elas, ao não punir Jó como ele merece (!).

Por outro lado, apesar de haver pessoas que são casos perdidos, moralmente falando, vazias, "ocas", que jamais irão mudar, Zofar, polidamente, permite a possibilidade de Jó não pertencer a essa categoria. Jó necessita apenas voltar-se para Deus, afastar-se de suas transgressões, e, então, Deus irá restaurá-lo. Ele ainda pode enfrentar problemas, mas não precisará temer o modo pelo qual a vida, finalmente, dará certo.

Zofar acredita que as coisas são mais complexas do que Jó imagina, mas não mais complicadas do que ele próprio pensa. O discernimento quanto aos caminhos de Deus está além de Jó, mas não de Zofar. E isso poderia estar certo, caso Zofar prosseguisse oferecendo a Jó, e a nós, alguma sabedoria que nos levasse a exclamar: "Uau! Sim!" Mas Zofar não chega nem perto. Tudo o que ele tem a oferecer já foi dito pelos outros amigos, isto é, que Deus restaurará Jó se este se voltar para Deus. Nesse sentido, existe esperança para Jó. A palavra aparece duas vezes nas linhas finais. Em contraste a essa possibilidade aberta diante de Jó, não há esperança para os infiéis. A implicação é que Jó precisa assegurar que não faz parte dessa categoria, caso contrário a única esperança que terá será um suspiro mortal — literalmente, o derradeiro sopro da morte.

Minha esposa e eu estávamos falando sobre Jó num dia desses, e ela comentou sobre duas pessoas na igreja à qual pertencera antes, que haviam desistido da fé cristã e abandonado a igreja, após passarem pela horrível experiência de perder um filho num acidente de trânsito. Ao falar com pessoas que passaram por uma experiência similar a essa, igualmente elas são propensas a expressar uma grave perplexidade: “Por que Deus permitiu isso?” O mistério, para mim, é o fato de as pessoas fazerem essa pergunta, pois ela implica uma compreensão de Deus distinta de qualquer outra que eu ache natural. Para mim, parte desse mistério é a pressuposição de que Deus possui uma relação de microgerenciamento com o mundo. Com respeito a isso, a história de Jó constitui a exceção que prova a regra. Deus, normalmente, não gerencia a vida das pessoas do mesmo modo que gerencia a de Jó. Outro aspecto do mistério é a suposição de que o mundo e a humanidade seriam melhores se Deus tivesse essa espécie de gerenciamento conosco e com o mundo. Dessa maneira, o mundo seria um lugar no qual nada trágico ocorreria e ninguém teria de tomar decisões responsáveis (pois Deus sempre anularia as decisões irresponsáveis). Uma pergunta que está por trás de inúmeras perplexidades: “O que significa para Deus ser soberano neste mundo?”

Podemos considerar essa questão como um aspecto do problema de Jó. Seus amigos, agora, o deixaram irritado, e ele os confronta nesse capítulo. A exemplo do que ocorre em sua declaração anterior, ele acabará se dirigindo a Deus, mas, antes, começa falando aos amigos sobre Deus. O dilema com seus amigos não é, meramente, a falta de empatia, mas o flagrante ar de superioridade. Eles sabem todas as respostas!

Com frequência, sentimos a necessidade de sermos superiores; não saber as respostas nos deixa em uma posição de insegurança. Por isso, os amigos precisam desconsiderar as questões de Jó, as quais são fundamentadas na natureza de sua experiência, pois ela desmente as respostas dos três. No entanto (Jó pergunta), eles o consideram estúpido ao mesmo tempo que se acham tão cheios de sabedoria? Ele não é nem um pouco inferior a eles a esse respeito. De fato, a alegada sabedoria da qual eles tanto se orgulham não passa de lugar-comum. O que eles dizem qualquer um poderia dizer. Além disso, eles não consideraram com seriedade os fundamentos da história de Jó. Por um lado, Jó tem sido um homem que sabe como viver em um relacionamento íntimo com Deus. Uma vez mais, Jó resume o relato que a abertura da história nos apresentou. Ele é um homem que orava e tinha as suas orações respondidas;

clamava a Deus, e este lhe respondia. Ainda, ele é um homem que viveu uma vida íntegra e correta em relação a Deus e às outras pessoas. A despeito de tudo isso, todavia, mais recentemente ele se tornou motivo de chacota.

Enfrento problemas por rir dos alunos quando eles me questionam. Para mim, o riso é um sinal de afeição e apreciação; tento convencê-los de que ajo assim porque os acho cativantes. No entanto, na perspectiva deles, a risada é dolorosa, pois sugere que os estou desprezando e me dissociando deles. Essa é a espécie de riso que Jó suscitava em seus amigos. Rir dele era uma forma de se distanciarem de Jó e, talvez, garantir que o seu destino não viesse também sobre eles. Os amigos creem que estão imunes a calamidades; a teologia deles lhes assegura que é assim, pois estão vivendo retamente. Mas eles ignoram a implicação da vida de Jó. A tragédia pode estar prestes a cair sobre você, mesmo quando não há motivos para esperá-la nem para merecê-la. Trata-se de um fato contrário a outro abordado por Jó: há pessoas que têm todos os motivos para temerem a calamidade com base em seu modo de viver, que despreza Deus e outras pessoas.

Quando Jó fala sobre o conhecimento dos animais e das aves, ele fala como se estivesse falando de um indivíduo. A expressão “mas, então” sugere que ele está, ironicamente, resumindo a espécie de coisas que os seus amigos “especialistas” estão dizendo, que um professor ensina ao seu pupilo. Tais professores indicam o que veem como as percepções mais básicas da vida, a espécie de conhecimento que até mesmo as criaturas do mundo natural reconhecem e que os mestres, dotados da sabedoria da idade, também afirmam. Deus está no controle do que nos acontece, afirma o ensino tradicional, e Deus está em uma posição de soberania sobre o que ocorre, pois possui o discernimento e o poder necessários.

Ao prosseguir descrevendo a soberania de Deus, Jó segue usando a ironia, mas a leva em uma direção diferente. A forma de oferecer uma descrição de Deus, que aparece na segunda metade do capítulo, seria familiar às pessoas, segundo expressões de louvor como o salmo 104, e lembretes da natureza de Deus por meio de profetas como Amós. No salmo e aqui, em Jó, os particípios são usados para descrever Deus como “aquele que...”. O conteúdo real das descrições lembra, especialmente, o louvor no salmo 107, pois este também fala sobre Deus derramar desprezo sobre os líderes e fazer as pessoas vagarem em um deserto sem caminhos, sobre fazer secar uma terra fértil, e sobre a experiência de sentar em meio a trevas e sombras mortais.

No próprio livro de Salmos, aqueles que passam por experiências terríveis tanto louvam quanto protestam por sua tribulação e imploram para Deus fazer algo a respeito. Na verdade, pode-se dizer que Jó agiu assim no começo da história. Desse modo, os ouvintes do livro sentiriam como se ouvissem Jó seguindo o exemplo do salmista. Contudo, também perceberiam a presença de algo estranho no “louvor” de Jó, em comparação com esses paralelos familiares. Os profetas e os salmistas consideram que o poder de Deus é canalizado para expressar fidelidade a Israel ou, pelo menos, para dar a Israel o que ele merece, quando a nação está cheia de desprezo por Deus e pelos demais povos. Jó não faz tais declarações sobre o modo pelo qual Deus exerce a sua soberania no mundo. Tudo o que Jó pode ver é poder puro. Assim, de certa forma, é mais chocante e assustador declarar que a ação de Deus é caracterizada pela sabedoria, pela capacidade de decidir o que fazer e, assim, agir. Seja você aquele que se desvia ou o que conduz o outro ao desvio, você está dentro do exercício da soberania divina. Quer uma nação prospere quer decline, Deus está por trás dela. Nas inúmeras circunstâncias nas quais os líderes perdem o seu poder, Deus é quem lhes tira o poder. Mas Jó não consegue ver significado moral nesse modo de Deus agir.

Nessa mesma tarde, estava ao telefone com um amigo que se mudou para outra cidade, pois acreditava ter um chamado para ir e trabalhar em uma região difícil ali. Ele se uniu a uma pequena igreja e abriu uma cafeteria que pudesse ser um local de encontro e uma ponte para alcançar pessoas com o evangelho. Ele não esperava que fosse um sucesso imediato, mas cria que Deus estaria com ele e o apoiaria. Todavia, isso não prevaleceu, e ele se sentia abandonado pela igreja, sem o suporte de Deus e achava, portanto, que tinha dado o passo maior que a perna. Deus não estava ali. Embora o meu amigo não queira fazer apenas as coisas para as quais acredita ter recursos em si mesmo, ele, agora, também não sente que pode correr o risco de fazer algo para o qual não possui esses recursos. Ele está discutindo consigo mesmo e com Deus, questionando que esperanças pode ter em relação ao futuro.

Jó sente-se abandonado por seus amigos e precisa confrontar Deus; ele também fala sobre esperança. Jó começa reafirmando aos amigos a convicção de que sabe tanto quanto eles como o mundo funciona. Na realidade, ele dá a entender que sabe mais. A longa declaração de Jó, que ocupa os capítulos 12—14, surge ao fim da primeira rodada de argumentos entre ele e seus amigos. Todos eles argumentaram em favor da mesma compreensão sobre como a vida funciona. Deus opera coisas em nossa vida de acordo com o nosso viver. Todavia, defenderam essa visão em bases distintas. Elifaz alicerçou a sua argumentação em uma mensagem que recebera sobrenaturalmente; Bildade, com base no ensino que lhe fora transmitido no passado; e Zofar, fundamentado em sua convicção teológica. Jó, implicitamente, desconsidera todas elas pela indicação de que as declarações que tem proferido são coisas que ele sabe serem verdadeiras porque são empiricamente verificáveis. Necessita-se apenas observar como a vida é, ele afirma, para ver a verdade nas suas declarações sobre o modo pelo qual Deus opera no mundo. Ele tem visto isso, e eles serão capazes de ver também, se apenas observarem, deixando de lado a compreensão com base na revelação sobrenatural, no ensino que receberam ou na teoria teológica.

A insistência dos amigos em impor as próprias perspectivas sobre Jó os transforma em propagadores de mentiras, pessoas que falham em contar a verdade sobre Deus e/ou sobre Jó (pela implicação de que ele deve merecer o seu sofrimento — uma acusação que se tornará proeminente nos próximos capítulos). Isso significa que eles são médicos vazios, pessoas cujo bálsamo não melhora a condição do paciente, mas a piora. Os amigos são pessoas que

acreditam buscar a honra de Deus com o seu ensino, mas, por não contarem a verdade, dificilmente lograrão êxito em sua busca e não agradarão a Deus. Eles encontram-se cegos por suas próprias explanações.

O melhor que poderiam fazer seria se calarem e ouvirem o que Jó tem a dizer, o qual, ao contrário deles, sabe o que está falando. A despeito do perigo sobre o qual os adverte, Jó pretende conversar com Deus. É nesse momento que ele menciona a esperança, embora seja difícil compreender o que ele diz. As traduções indicam que há duas maneiras de ler o texto aqui. Conforme a forma de soletrar uma das palavras, a linha pode ser traduzida por: “Embora ele possa me matar, tenho esperança nele” (em outras palavras: “Minha esperança nele irá me fazer falar, apesar do risco”), ou: “Ele pode me matar; não tenho esperança” (o que se encaixa no contexto maior das palavras de Jó sobre Deus). Não consigo decidir qual é a tradução correta, e as duas possibilidades aparecem ali, no texto, como alternativas, de maneira que traduzi as suas palavras: “Sim, ele pode me matar; posso ter esperança?”, que é um meio caminho entre as duas. Ao confrontar Deus, a base para Jó de qualquer esperança de escapar com vida é o próprio fato de ele ir a Deus ser um sinal de sua inocência. Decerto, um homem que fosse culpado dos atos dos quais seus amigos suspeitam não seria tão estúpido de imaginar que pode enganar a Deus.

Portanto, Jó fala com Deus. Ele já fez isso antes, mas o que há de novidade em suas palavras é o modo de confrontar Deus, como se eles estivessem em um tribunal. A ironia adicional aqui, desconhecida por Jó, é que a história começou como um caso de tribunal, do qual Jó não teve a chance de participar. Contudo, a sua confrontação é, então, mais comedida do que seria o esperado. As duas coisas que ele pede a Deus não fazer (mais precisamente, apela para que Deus faça) são expressas em termos de Deus retirar ou reter a mão que poderia atacar Jó, enquanto ele tenta falar, e (assim) não o amedronte para que não diga o que quer dizer, por mais confrontador que seja.

Jó solicita detalhes sobre os supostos delitos pelos quais ele mereceu o sofrimento pelo qual está passando. Expressando de outra forma, (pelo menos) em prol do argumento, Jó pressupõe a teologia dos amigos e deseja saber por que a sua vida mereceu receber aquele tratamento. No entanto, essa posição visa apenas alicerçar a sua argumentação, pois ele a introduz com uma renovada declaração quanto à sua confiança de que provará ser um homem íntegro. Deus não será capaz de fazer o que Jó lhe pede. E, claro, que Jó é íntegro; Deus não seria capaz de apresentar acusações que justifiquem o tratamento dispensado a

ele como um flagrante pecador. A posição de Jó antecipa o caso de Joseph K. no romance de Franz Kafka, O processo. Joseph é conduzido para a prisão, ciente de não ter feito nada errado, sendo, por fim, executado, sem descobrir o crime que supostamente cometeu e pelo qual foi acusado. Mesmo um catálogo de falsas acusações faria mais sentido e tornaria a situação menos pesada de enfrentar do que a punição por ofensas não reveladas e das quais ele não tem ciência.

Obviamente, há um sentido no qual Deus não escondeu o seu rosto, como Jó segue afirmando. Deus está prestando o máximo de atenção em Jó. No entanto, falar sobre um rosto brilhando ou escondido é uma forma hebraica de descrever a bênção de Deus ou a retirada dela. É similar ao sol brilhando ou desaparecendo atrás das nuvens. Portanto, a bênção sacerdotal em Números 6 expressa uma oração para que Deus resplandeça o seu rosto sobre nós e seja gracioso conosco, para que Deus possa voltar o seu rosto em nossa direção e operar para que tudo vá bem em nossa vida. No capítulo 10, Jó reclama da maneira que Deus sorri aos infiéis. Em contraste, a face de Deus desvia-se de Jó, cuja posição se torna cada vez mais desesperadora. Mas Deus, simplesmente, o atormenta ainda mais. Podemos concluir que ter mais atenção de Deus seja positivo para nós, mas não necessariamente.

Como pastor, tenho o hábito de ler as palavras iniciais do capítulo 14 de Jó em funerais, especialmente quando o cortejo fúnebre chega à sepultura com o caixão. A versão tradicional do livro de oração apresenta:

“O homem nascido de mulher vive pouco tempo

e passa por muitas dificuldades. Brota como a flor

e murcha. Vai-se como a sombra passageira; não dura muito.”

O livro de oração prossegue:

“No meio da vida, estamos na morte;

de quem podemos buscar socorro,

senão de ti, Senhor, que estás com justiça entristecido com nossos pecados?

Todavia, ó Senhor Deus Santíssimo, ó Senhor onipotente,

Ó santo e compassivo Salvador,

não nos entregues às amargas penas da morte eterna.

Tu conheces, Senhor, os segredos de nosso coração;

não feches teus misericordiosos ouvidos às nossas preces;

mas poupa-nos, Senhor Santíssimo, ó Deus onipotente,

ó santo e compassivo Salvador, Tu, soberano Juiz eterno,

não permitas que, em nossa hora extrema, as dores da morte nos separem de Ti.”

Estas palavras desapareceram, ou, pelo menos, se tornaram voluntárias, nos livros de oração modernos, e não tenho certeza sobre o que devo pensar desse desenvolvimento. Jó expressa uma visão bem sombria de sua própria experiência. A ele, a vida humana parece breve e cheia de trovoadas, isto é, inquietações. No entanto, tornou-se comum entre as pessoas do século XXI evitar encarar o fato de que todos nós iremos morrer e, talvez, necessitemos das palavras de Jó e daquelas que o livro de oração acrescenta. Na condição de seres humanos, somos, de fato, semelhantes a flores, que brotam, florescem e, então, murcham. Não somos mais substanciais do que uma sombra. Ao contrário de uma árvore que, ao ser cortada, pode crescer de novo, os seres humanos, ao morrerem, não se levantam dos mortos, observa Jó. Isso ocorrerá somente quando os próprios céus não mais existirem. A morte é semelhante à evaporação da água de um mar ou à secagem de um rio (a analogia pode não ser boa, pois um lago ou um rio podem se tornar cheios novamente, embora, se isso ocorrer, não será pelo retorno da mesma água).

A questão suscitada por Jó é por que Deus se importa em mostrar tanto interesse em criaturas tão frágeis e passageiras. Valemos o esforço? Deus não poderia apenas nos deixar em paz? Nós, seres humanos, nos contaminamos por nosso contato com realidades que são incompatíveis com a natureza de Deus (realidades tais como a morte e o pecado). Jó, uma vez mais, deixa claro que não pensa ser totalmente isento de pecado e de corrupção. Nada podemos fazer com relação a essa contaminação, mas Deus realmente precisa dar atenção a nós, em nossa corrupção? Uma vez que Deus fixou a duração da vida humana, não poderia ele, simplesmente, nos deixar vivê-la, a exemplo de um empregado a quem se permite cumprir o seu dia de trabalho e desfrutar dele, sem o chefe pegando em seu pé o tempo todo (ele parece apreciar o seu trabalho, ao contrário do empregado do capítulo 7).

Jó está, implicitamente, invertendo a espécie de atitude expressa no salmo 8, do mesmo modo que fez, explicitamente, no capítulo 7. Em outras passagens, a Bíblia expressa admiração pelo fato de Deus demonstrar interesse por criaturas fugazes como nós. Mas, claro, Jó é vítima de uma espécie distinta de atenção.

Esse fato é refletido na seguinte especulação: seria possível chamá-la de peculiar, caso a situação de Jó não fosse tão desesperadora. Em seu primeiro discurso, Jó fala sobre a morte como um lugar de alívio e de descanso das

aflições da vida. O Sheol é um lugar para o qual todas as pessoas vão ao morrerem e ali permanecem para sempre. No entanto, caso seja um lugar de alívio e descanso, talvez ele pudesse ir para lá por um breve tempo, apenas para uma parada, antes de continuar a sua vida esquecida por Deus (ou, antes, excessivamente vigiada)? Poderia Deus escondê-lo lá até que a inexplicável ira divina se dissipasse? Talvez Deus seja como um pai ou uma mãe do qual o filho ou a filha precise escapar até ele ou ela se acalmar? Talvez seja Deus que necessite de uma pausa, mas é Jó que deve aproveitá-la? Uma vez mais, Jó fala de modo inconsistente, mas realista, ao contrário de seu discurso no capítulo 7. Ali, seu tempo na terra é um período de trabalho árduo durante o qual ele anseia pela morte como sua libertação. Aqui, o tempo no Sheol passa a ser um período de trabalho duro durante o qual ele ansiaria voltar à vida como sua libertação.

Na realidade, Jó discorre de modo pungentemente lírico sobre como seria esse tempo, caso significasse que a relação entre ele e Deus fosse restaurada ao que era antes. O modo pelo qual a relação entre eles costumava funcionar é indicado pelo fato de Deus o chamar e ele responder, como um servo atendendo ao chamado do seu senhor, a exemplo da relação entre o servo e Abraão, quando este o chama, em Gênesis 24. O nosso relacionamento com Deus não é igualitário, mas caracterizado pela intimidade e por uma confiança e um compromisso mútuos. Deus ansiaria ver Jó novamente; ele, uma vez mais, prestaria atenção nele, não da forma negativa pela qual está lhe dando atenção no momento. Mesmo se ele e Deus soubessem que, às vezes, Jó cometeu erros, Deus não estaria à espreita, para saltar sobre ele, como parece ser o caso agora. No presente, parece que Deus está mantendo um registro minucioso dos pecados mais ínfimos de Jó (ele não tem ciência de algum grande pecado) a fim de garantir a devida punição a cada um deles. Jó imagina Deus exercendo o mesmo cuidado para selar esse registro em um saco que, portanto, jamais seria aberto. Ou seria como se os pecadilhos de Jó estivessem contabilizados em um muro (por alguém como o adversário?), mas, então, Deus o cobriria para não mais ser observado.

No entanto, tudo isso não passa de devaneio, uma fuga da imaginação, um sonho, uma fantasia da terra do nunca. No mundo real, conforme Jó já declarou, ninguém retorna do Sheol, e a ideia de que Deus irá, novamente, se relacionar com Jó daquela forma amorosa de antes é fantasiosa (quando estamos desesperados, a racionalidade não parece a coisa mais importante; tornamo-nos abertos a toda sorte de opções, mesmo as mais contraditórias e irracionais). Primeiro, Deus destrói a esperança da pessoa. Então, dá um fim à sua vida

(novamente, sem questionar muito sobre consistência, a morte representa más novas). Um dos aspectos pelos quais um pai mais se preocupa é quanto ao destino dos seus filhos; contudo, no Sheol, não há consciência disso, bem como em relação a tudo o mais. A dor é tudo o que há, enquanto o corpo é consumido pelos vermes e o espírito sofre por tudo o que se perdeu. O Antigo Testamento não vê o Sheol como um lugar de sofrimento, mas, novamente, Jó não deve ser pressionado a ser muito literal, enquanto ele se projeta ao seu futuro.

O jornal de hoje contém um longo trecho, extraído de um livro sobre uma fraude gigantesca que resultou no colapso de um império de Wall Street durante a crise financeira da primeira década do século XXI. O dirigente máximo da corporação em questão ludibriou investidores, causando prejuízos na ordem de bilhões de dólares. Entre suas vítimas estão inúmeras instituições religiosas e de caridade, além de hospitais. O homem que elaborou a fraude era uma figura respeitada e proeminente do mundo financeiro, nos Estados Unidos. Ao ser denunciado e julgado, ele foi sentenciado a 150 anos de prisão. Um de seus filhos, supostamente implicado na fraude, cometeu suicídio; seu pai descreve esse ato como o mais terrível aspecto de todo aquele caso.

No noticiário de nossos dias, não é difícil encontrar evidências da tese de Elifaz de que os transgressores recebem a devida retribuição, o que ele reitera no início do segundo ciclo de debates entre Jó e seus amigos. Em seu discurso anterior, Elifaz declarou que as pessoas que cultivam a maldade e semeiam problemas, colhem exatamente isto: os seus atos recaem sobre eles mesmos. Na segunda metade de seu discurso atual, ele reitera esse ponto à exaustão. Grande parte de seu foco reside na turbulência interna presente na pessoa “infiel”. Enquanto a pessoa fiel cumpre com as suas responsabilidades em relação a Deus e ao restante da comunidade, por meio do cuidado às viúvas e aos órfãos e das ofertas generosas aos necessitados, a pessoa infiel age de modo contrário. O infiel é alguém que, na melhor das hipóteses, ignora tais obrigações, ou que, na pior delas, tira vantagem da vulnerabilidade dos mais fracos. Elifaz coloca mais ênfase no modo pelo qual o infiel ofende a Deus, retratando a ofensa como um ataque deliberado, semelhante ao de um guerreiro, que se prepara para a batalha, lembrando a figura de Golias. Os dois lados da infidelidade são expressos novamente ao fim do discurso, em termos de relacionamentos com Deus como impiedosos, uma atitude de indiferença quanto a Deus (mais tarde, a palavra irá significar apostasia) e, em termos das relações com outras pessoas, simbolizada na disposição de operar em uma cultura de suborno, que torna possível perverter as decisões do tribunal e trapacear para acumular terras e outros bens materiais.

A consequência da infidelidade, aqui abordada por Elifaz, é, antes de mais nada, a turbulência mental e emocional que ela acarreta. Os transgressores jamais relaxam, vivendo no permanente perigo de serem desmascarados; o seu viver é dominado pelo medo. A sua riqueza significa que eles vivem na mira de outros, que visam a roubá-los. Como resultado, eles acabam vivendo em lugares nos

quais ninguém mais viveria, talvez porque ninguém se associaria com eles, ou porque se refugiem em ruínas, pois não dispõem mais de recursos para morarem em uma casa adequada. Os infiéis são obrigados a abandonar o sonho de possuir bens em toda a terra.

Eles atraem esse destino sobre si mesmos; são como uma planta que voluntariamente lança as suas uvas ou as suas azeitonas antes de amadurecerem. Embora o vento de "sua" boca, a rajada quente que os resseca como a grama, possa ser uma referência ao vento de Deus, já faz algum tempo desde que Elifaz fez a última menção a Deus, de maneira que, talvez, o que ele tenha em mente é a imagem de pessoas infiéis destruindo o crescimento em seus próprios campos. Eles confiam em estratagemas que são vazios, carentes de substância; eles mesmos são enganados pelos esquemas, pois dão à luz problemas e maldades que recaem sobre si mesmos.

Sim, isso acontece, como pode ser visto nas notícias que mencionei no início. O problema é que, para cada trapaceiro que é pego pelo próprio sistema, parece haver outros que saem impunes, como a história do colapso financeiro de 2008 ilustra muito bem.

Se o transgressor obtém a sua recompensa, esse fato deveria ser um poderoso incentivo à integridade (embora encorajaria as pessoas a agirem certo por motivações erradas, o que T. S. Eliot, em Murder in the Cathedral [Assassinato na catedral], descreve como "a grande traição". Mas os incentivos sempre fazem isso, sejam positivos ou negativos). Ao contrário, o questionamento de Jó quanto à posição de Elifaz põe em perigo o agir certo; as palavras de Jó são perigosas. Portanto, Elifaz principia falando em termos de os tais expressarem o conhecimento (assim chamado) tempestuoso, originário de alguém que está possuído pelo poderoso vento oriental, capaz de destruir pessoas, a exemplo do que ele, mais tarde, descreve sobre os infiéis, como destruidores de si mesmos. As palavras de Jó não apenas carecem de valor positivo, como prosseguem afirmando Elifaz; elas desencorajam a submissão e o lamento. Em outras palavras, elas desencorajam as pessoas de viverem em obediência a Deus (uma das qualidades que Jó incorporava, como sabemos). Além disso, elas desencorajam a oração, especialmente quando as pessoas estão em angústia e necessitam protestar diante de Deus pelas circunstâncias adversas que estão enfrentando. Caso o ensinamento de Elifaz seja correto, as pessoas têm uma base para orar. Todavia, diante da alegação de Jó sobre Deus não ter o hábito de fazer algo para assegurar a correlação entre a nossa ação e o que nos acontece, qual é

o sentido da oração? Portanto, Elifaz acredita que o próprio modo de falar de Jó testifica que ele mesmo pertence à categoria dos infiéis.

No meio de seu discurso, Elifaz resume ou retoma a classe de comentários que ele ou os seus amigos, anteriormente, fizeram. Jó ignora o ensino tradicional (o ensino escritural, podemos dizer), comporta-se como se tivesse uma revelação especial de Deus (a exemplo do próprio Elifaz!), e fala como se fosse a única pessoa no mundo a enxergar com precisão. Elifaz oferecera o conforto de Deus a Jó, prometendo que, por ele ser uma pessoa basicamente comprometida a trilhar o caminho de Deus, a restauração viria sobre ele. Em essência, ele pergunta a Jó: “Essa mensagem gentil não basta?”

Ao examinar o livro de Jó em sala de aula com os meus alunos, eu os convido a revelar as questões que a obra suscita no íntimo deles e, normalmente, alguém pergunta: “Então, quando ministramos a pessoas que estão sofrendo como Jó, o que devemos lhes dizer para evitar os erros dos amigos de Jó?” Digo que o livro de Jó não fornece uma resposta a essa questão, nem há muito o que se poderia usar como resposta em outras passagens da Bíblia. Esse fato possui algumas implicações. Uma delas é levantar a questão sobre o motivo pelo qual nos sentimos obrigados a ter algo a dizer. A outra é que quase não há nada de útil a ser dito. As palavras não são de grande utilidade para pessoas que passam por uma experiência semelhante à de Jó. Certo amigo, alcoólatra, contou-me sobre uma mulher que afirmou, durante uma reunião dos A.A., que ela sentia muita vergonha por haver deixado o seu marido para viver com outro homem e que a melhor coisa que alguém já fizera por ela foi vir em sua direção e se sentar ao seu lado, na reunião dos A.A. — apenas sentar, e mais nada. Às vezes, apenas se sentar ao lado de alguém que está sofrendo é o melhor a ser feito naquela circunstância.

Portanto, Jó, aqui, começa com uma reclamação desgastada contra os argumentos que Elifaz acabou de expressar, similares ao que ele dissera no início, a exemplo de Bildade e Zofar. O seu tema é de que Deus é justo e que podemos confiar no tratamento imparcial que ele dispensa a nós, mesmo quando, aparentemente, isso não está ocorrendo. O problema é que a experiência de Jó não corresponde a essa alegação, e sabemos, desde o início do livro, que Jó está certo em sua avaliação; o fundamento para tratar Jó da forma que ele tem sido tratado não indicava a justiça da parte de Deus. Exatamente por Jó merecer ser bem tratado, com base no princípio da justiça divina, é que essa alegação é questionável. Sabemos que é assim, mas nem Jó nem os amigos o sabem. A questão quanto aos amigos é que eles seguem proferindo aquelas verdades que podem funcionar quase sempre, mas não sem exceções. E Jó já ouviu todas essas verdades antes.

Ouvir o que os teólogos já disseram inúmeras vezes antes poderia, simplesmente, fazê-los parecer enfadonhos, mas, quando eles tentam falar às nossas necessidades mais prementes, eles não são, meramente, desencorajadores; antes, consoladores que trazem ainda mais desconsolo. Trata-se de um paradoxo magnífico, ou melhor, doloroso. Em nosso idioma, “os consoladores de Jó” são pessoas que estão tentando ser solidárias ou encorajadoras (ou se esforçam para

isso), mas que, na realidade, tornam a situação pior. Essa é a única passagem no livro de Jó na qual a palavra “consoladores” surge, embora o substantivo “consolo” seja recorrente; a visita dos amigos tinha por objetivo “consolá-lo”. Na história de Rute, Boaz fornece um exemplo claro de como o “consolo” ou “conforto”, no Antigo Testamento, pode envolver tanto palavras quanto ações. Boaz fala positivamente a Rute sobre o cuidado dela por Noemi e ora a Yahweh para que a abençoe quando ela buscar refúgio debaixo das asas divinas. Igualmente, Boaz adota algumas ações para assegurar que Rute possa colher com abundância e segurança em seus campos. Pode-se ver tanto as palavras quanto as ações como expressões do “consolo” pelo qual ela lhe agradece.

Os amigos de Jó, porém, são consoladores que trazem problemas. Em suas palavras iniciais a Jó, Elifaz discorreu sobre como aqueles que cultivam problemas os colhem. E, agora mesmo, ele falou sobre a pessoa que concebe problemas e dá à luz iniquidade, embora não tenha afirmado que Jó era essa espécie de pessoa. É Jó quem toma a iniciativa de estabelecer essa ligação. O modo bem-intencionado com que os amigos tratam Jó os torna nas próprias pessoas problemáticas cujo destino eles lamentam.

Expressando de outra forma, as palavras dos amigos é que são tempestuosas: elas possuem a força destruidora de um vendaval. Jó, novamente, seleciona uma das próprias expressões de Elifaz; dessa vez, do início do seu discurso anterior a Jó: “Você chama a minha perspectiva de destruidora por causa do impacto que ela pode ter sobre a fé das pessoas? Eu é que chamo as suas palavras de destruidoras por causa do impacto que elas têm sobre mim.” O termo para “tempestuosa” é ruah, que também se refere ao espírito de um homem ou ao espírito de Deus, ou ao fôlego de um homem ou de Deus — que pode dar vida ou destruí-la. Em seu discurso inicial, quando Elifaz falou sobre como as pessoas cultivam problemas e também os colhem, ele prossegue para considerar isso como resultante do sopro de Deus, a ira ruah divina. Na perspectiva de Jó, então, Elifaz e os outros são tão negativos em seus resultados quanto Deus é, quando traz o desastre sobre pessoas que o merecem. Há algo errado com vocês, Jó acrescenta.

Caso Jó estivesse na posição deles, ele poderia falar a um sofredor da mesma forma que os amigos estão lhe falando e adotar a espécie de gesto corporal que, igualmente, expressa compaixão. Todavia, o efeito de suas palavras seria diferente. Elas, de fato, encorajariam e fortaleceriam. Uma vez mais, Jó usa as próprias palavras de Elifaz, em seu primeiro discurso, no qual ele fala sobre o

modo com que Jó fortaleceu pessoas em sofrimento no passado. Nem Jó e, muito menos, Elifaz nos revelam que classe de palavras fortalece, embora a continuação desse discurso de Jó e o eventual final de sua história possam oferecer uma indicação. Jó manifesta a contínua necessidade de seguir falando sobre o horror de sua experiência, sobre o seu anseio para que Deus faça algo a respeito dela e sobre como tudo é tão injusto. Seus amigos seguem na tentativa de impedi-lo de fazer isso para o seu próprio bem e, claro, para o bem deles. No clímax da história, Deus repreende Jó, mas, então, diz a Elifaz e a seus amigos que está irado com eles, pois não falaram a verdade sobre Deus, como fez Jó. No momento, os amigos estão cansados da teimosia de Jó quanto à sua situação, e nós, como leitores, podemos também estar cansados de todo esse discurso. Ele e, talvez, nós temos um longo caminho a percorrer se quisermos dar a Jó a audiência pela qual ele anseia. A extensão do livro dá uma noção do que é suportar uma pessoa passar por algo que não está ocorrendo de acordo com o nosso calendário, algo pelo qual Deus necessita nos fortalecer. Pode parecer excessivo quando somos solicitados a permanecer engajados em uma grande injustiça e em uma dor devastadora por muito tempo.

Aqui, Jó prossegue para declarar que Deus o exauriu e devastou a sua comunidade (i.e, a sua família). Deus o apequenou; as pessoas olham para ele com horror. Quando ele estava em paz, Deus o despedaçou (evidentemente, assegurando que as pessoas que têm uma vida pacífica não estão entre as preocupações primordiais de Deus). Estas são coisas terríveis a serem ditas sobre Deus, mas seria difícil para Deus negar a responsabilidade por elas. As outras formas de Jó descrever a sua experiência, ao citar, por exemplo, pessoas batendo em seu rosto ou reunindo-se contra ele, ou ao falar de Deus perfurando os seus rins e derramando a sua bílis no chão, claro, são metafóricas. Elas seguem a mesma linguagem usada em oração nos Salmos. A relevância de falar dessa maneira é refletir o fato de não haver nada ultrajante nas palavras de Jó; ele está se expressando como alguém em oração. O objetivo da oração é levar Deus a agir, e a oração lança mão das imagens mais vívidas e poderosas possíveis para alcançar esse alvo. As imagens expressam a importância real e palpável do modo com que Deus tem tratado Jó. Sim, Jó está falando a verdade sobre Deus.

Em certo sentido, falar a verdade dessa forma não tem nenhuma utilidade; não oferece alívio da dor nem remove o sofrimento, argumenta Jó. Contudo, ele segue o instinto dos sofredores para articular o que estão atravessando; isso envolve algo semelhante a lancetar uma ferida, mesmo que a ferida venha a produzir mais infecção no dia seguinte. A tarefa de um consolador é facilitar esse

processo em vez de procurar impedi-lo, como os amigos fazem. Na realidade, o objetivo é unir-se ao sofredor ao falar sobre o sofrimento e a Deus dessa forma. A importância da presença dos Salmos no Antigo Testamento é a de permitir a nossa inclusão na oração de pessoas em sofrimento, a exemplo de Jó.

Jó expressou a resposta apropriada ao luto ao vestir pano de saco. O pano de saco é feito do material do dia a dia, que as pessoas comuns do povo usavam e, possivelmente, apenas em seu lar. Portanto, a aparição de Jó em pano de saco é, por si só, humilhante. Isso expressa o modo pelo qual o seu chifre (i.e., a sua força, a sua imponência e a sua condição) são rebaixados. Sua alegação de encerramento utiliza os dois lados da infidelidade da qual Elifaz falou. O seu sofrimento não pode ser explicado por ele estar errado em sua maneira de se relacionar com outras pessoas e com Deus.

Quando ainda era um jovem assistente de pastor, em Londres (o que seria chamado, hoje, de um pastor de jovens, mas essa denominação ainda não havia sido inventada), um dos destacados membros do grupo de jovens, quase todos oriundos da classe média, era um adolescente de um dos projetos locais, com os quais a igreja suburbana tinha pouco contato. Ele se converteu a Cristo por meio da amizade com outro membro mais velho do grupo de jovens (que, mais tarde, se tornou um pastor de tempo integral em áreas mais próximas ao centro), mas ainda se metia em encrencas com a lei. Por conta disso, vi-me obrigado, uma vez ou outra, a comparecer com ele ao tribunal para falar com o juiz a seu favor, testemunhando a sua boa idoneidade. Não consigo me lembrar quanto isso foi eficaz...

Jó imagina ter alguém assim para acompanhá-lo perante o juiz, no tribunal. Até onde pode afirmar, o sistema legal é tendencioso contra ele, a exemplo do que ocorria com Mick, o meu amigo. Jó está convencido de que, ao contrário de Mick, não fez nada de muito errado, pelo menos nada que o torne merecedor da punição que parece lhe ter sido imposta. Ele começa imaginando que está morto e que a sua morte não veio ao fim de um período normal de vida. Logo, irá para o lugar do qual jamais retornará.

As pessoas no Antigo Testamento aceitam racionalmente a morte como o fim natural de uma vida feliz e plena, quando eles morrem “cheios” ou “plenos de dias”, a exemplo de Abraão, Isaque e Davi. Todavia, a suposição racional de Jó é de que ele jamais atingirá esse ponto (essa suposição se mostrará equivocada; a expressão “farto de dias” ou “em idade avançada” é usada em relação a ele no final do livro). Ele se vê mais como Abel, que foi assassinado. Quando o sangue de alguém é derramado daquela maneira, embora a pessoa já não possa mais clamar, o seu sangue continua clamando por ela. Talvez haja uma implicação de que as pessoas não podem descansar mesmo estando mortas, caso a sua vida tenha sido abreviada dessa forma. No entanto, a vítima não é a única pessoa afetada por esse evento. Um monstruoso erro foi cometido, e isso não deve ser ignorado, porque o mundo fica fora de ordem até que algo seja feito em relação ao erro. Essa ação não seria a execução do assassino; pelo menos, isso não ocorreu com Caim, assassino de Abel, nem com Davi, mandante da morte de Urias: Deus não ordenou a execução de nenhum deles. Todavia, o assassinato não pode ser, meramente, ignorado. Pode-se dizer que o sangue de Urias teria clamado do solo, a exemplo do sangue de Abel, e que esse clamor, tanto do

sangue de Urias quanto do sangue de Abel, foi ouvido por Deus, que confrontou Davi do mesmo modo que confrontara Caim, e, ainda que o resultado dessa confrontação tenha sido menos do que o pleno arrependimento, foi suficiente para haver um sentido de que o clamor fora ouvido e o erro cometido fora exposto. Jó deseja que ao morrer, o que anseia ocorrer em breve, haja a percepção de que o clamor do seu sangue seja ouvido e que o erro cometido contra ele seja reconhecido. Para esse fim, não se deve permitir que o clamor do seu sangue descanse; ele não deve ser silenciado.

No entanto, a justificação após a morte, quando ele nada saberá sobre ela, obviamente não é a melhor opção. Jó deseja testemunhar essa justificação. Assim, do nada, ele surge com a convicção de haver alguém nos céus, uma figura no tribunal de Deus, que assumirá o seu caso, mesmo agora. A introdução dessa ideia nos parece repentina, mas, talvez, não teria sido percebido assim pela audiência. O princípio da história de Jó introduziu a figura do adversário como se ele fosse familiar às pessoas, e uma visão no livro de Zacarias (capítulo 3) retrata um ajudante celestial de Deus repreendendo o adversário em relação a outro "caso" que é apresentado diante do tribunal celestial. Assim, talvez Jó esteja apelando a uma ideia bem conhecida. O tribunal celestial é espelhado no tribunal terreno (ou vice-versa). Ele incorpora figuras cuja tarefa é argumentar pela defesa, do mesmo modo que figuras cuja missão é argumentar pela acusação. Essa pessoa "arbitrará" por ele diante de Deus; Jó utiliza uma expressão que já usou ao fim do capítulo 9. Ali, ele declara que não há ninguém a desempenhar esse papel. Agora, aparentemente, ele mudou de ideia. Não há indicação do motivo pelo qual essa mudança ocorreu; talvez a única explicação seja o seu próprio desespero.

Está claro que Jó não possui nenhum advogado entre os seus amigos; eles, meramente, estão zombando dele. Assim, está sozinho, derramando as suas lágrimas perante Deus. Esse comentário aponta para outra responsabilidade que temos em nosso papel de amigos, quando alguém que conhecemos experimenta o sofrimento. A nossa função é advogar por eles junto a Deus. O livro de Salmos, provavelmente, corresponde a essa expectativa. Os inúmeros salmos de protesto a Deus, presentes no Saltério, não estão ali simplesmente para que os indivíduos orem por si mesmos. Eles estão lá para serem orados por familiares e amigos daqueles que estão sob ataque ou se encontram enfermos. Esquecemo-nos de que a oração é a coisa mais importante a ser feita em uma situação que envolve injustiça. Podemos nos apressar para "fazer" algo sem orar e correr o risco de piorar as coisas. Os amigos de Jó falham nisso com ele, obrigando-o a

prantear e clamar sozinho, e confiar na possibilidade de que uma figura no céu assuma a defesa do seu caso. A sua testemunha ou advogado arbitrará por ele ou argumentará a seu favor junto a Deus (Jó usou esse verbo para se referir à sua própria argumentação diante de Deus, no capítulo 13). Dessa maneira, ele agirá do mesmo modo que um ser humano argumentaria a favor de um amigo no tribunal terreno.

Jó está assobiando ao vento. Suas expressões de esperança possuem uma forma de se entregar imediatamente a uma tristeza renovada, e isso ocorre aqui. Seu espírito está quebrantado. Longe de estar no caminho da plenitude de dias, eles são tão bons como se estivessem extintos. O seu destino é a sepultura. Mas, aqui, a noção de quebrantamento retorna porque ele não consegue escapar, dia e noite, da consciência do desprezo e da "recalcitrância" dos seus amigos. Essa última palavra é estranha, pois, normalmente, é usada apenas em relação a pessoas em posição de poder, e especialmente a Deus. Talvez Jó esteja, agora, declarando que o tratamento que os amigos estão dispensando a ele seja um ato de resistência a Deus (uma visão que, no devido tempo, Deus confirmará). Ele está, novamente, sugerindo uma ligação com o livro de Salmos, que fornece, a pessoas na mesma posição de Jó, orações a serem feitas com respeito ao modo com que elas estão sendo tratadas por outros.

Por seu turno, isso conecta-se a um outro movimento inesperado por parte de Jó. Em lugar de sonhar com alguém que argumente a seu favor junto a Deus, ele está apelando diretamente a Deus, como se o juiz estivesse do seu lado, não contra ele. Jó oferece-se como uma garantia de que ele está certo; ele arrisca perder a sua vida, caso não esteja. Ele não tem alternativa, porque os amigos estão contra ele, de modo que não há ninguém, além dele mesmo, para lhe apertar a mão e, assim, comprometer-se em oferecer garantias a ele. Deus fechou a mente dos amigos, ele acrescenta (!), o que enfatiza a maneira desdenhosa deles de julgá-lo incapaz de cuidar da sua família em consequência de seu pecado e o modo com que abusam dele. Eles oferecem um claro contraste com a posição que pessoas íntegras, decerto, adotariam. Confrontando-os, Jó desafia os amigos a retornarem a ele com uma atitude diferente, embora não nutra a esperança de que eles assim ajam.

Essa coletânea de palavras desconexas de Jó é ainda mais difícil de compreender do que as outras, e é difícil encontrar coerência interna entre elas ou a coerência delas com afirmações feitas por ele em outras passagens. É possível que essa aparente incoerência reflita a sua dor. Além disso, essa desarticulação expressa,

na poesia, a incoerência em seu pensamento, resultante de sua própria experiência. Essa passagem, uma vez mais, conecta-se com o material no livro de Salmos. Esteja formalmente se dirigindo a Deus ou não, Jó está desesperado para atrair a atenção de Deus e levá-lo a agir; como já observamos, os salmos mostram que somos livres para usar quaisquer meios, de pensar qualquer coisa, de dizer tudo o que desejamos, para alcançar esse fim.

Na noite passada, assistimos ao grande filme Dogma, que é repleto de palavrões, violência e humor escatológico. Não é um filme para ser visto pelos mais sensíveis, impressionáveis ou melindrosos, mas é um dos filmes mais reflexivos e provocadores, teologicamente falando, de todos os tempos. Sua premissa é que lá atrás, na época do êxodo, o anjo da morte e outro anjo se rebelaram por serem os agentes de juízo de Deus e, por consequência, foram banidos do céu. Estão, portanto, aprisionados na terra para sempre. No entanto, eles, agora, descobrem uma espécie de portal no interior de uma igreja católica que lhes permitirá "voltar para casa"; uma igreja em Nova Jersey está prometendo perdão a qualquer um que atravessar o seu pórtico. O problema é que, se eles lograrem obter a readmissão ao céu com base nisso, destruirão o tecido moral e teológico da realidade ao derrotarem Deus e retornarem ao céu sem o arrependimento devido.

Bildade se solidarizaria totalmente com o dilema apresentado pelo filme. Ele sabe que a ideia de o transgressor receber a sua recompensa é integral a uma compreensão de este ser um universo moral. A questão não é quanto à possibilidade de Deus perdoar pessoas por seus delitos (o que o filme também segue retratando). Deus, na verdade, está disposto a carregar o pecado das pessoas; elas, apenas, precisam estar dispostas a permitir e aceitar a misericórdia de Deus. A questão é se existe qualquer outro fundamento, além da misericórdia de Deus, pelo qual as pessoas que se rebelam contra Deus, ou ignoram o certo e o errado, possam escapar das consequências de seus delitos.

Na visão de Bildade, Jó rejeita esses aspectos fundamentais de uma percepção genuína sobre Deus, o mundo e a humanidade, e sobre como eles se inter-relacionam; daí o protesto com o qual Bildade inicia o seu discurso. Ele deseja que Jó se cale e reflita sobre as implicações das suas próprias palavras. Quando ele estiver pronto a fazer isso, haverá uma base para discussão quanto aos temas levantados por sua argumentação. No momento, essa base inexiste. A possibilidade de diálogo também é colocada em perigo (Bildade afirma) pela posição insultuosa que Jó adota em relação aos amigos. Jó poderia ser perdoado por considerar isso uma observação atrevida, dada a natureza ofensiva das palavras dos amigos a ele, mas, com frequência, é mais fácil enxergar os atalhos nas atitudes dos outros do que em si próprio. Segundo a visão de Bildade, Jó trata os seus amigos como se eles fossem tão inteligentes quanto animais rurais; talvez essa seja uma resposta ao comentário de Jó sobre o que até mesmo os

animais e as aves sabem (capítulo 12). Igualmente, a alegação de Bildade quanto a Jó tratar os amigos como pessoas que estão contaminadas e que, portanto, devem ser evitadas lembra o comentário de Jó sobre contaminação e a impossibilidade (humanamente falando) de evitá-la (capítulo 14) e sugere que os amigos sejam uma má ilustração daquela realidade.

Jó necessita olhar para si mesmo, sugere Bildade. Jó é um homem consumido pela ira; é como se esse sentimento o dilacerasse, e Bildade não está exagerando. A questão que ele suscita é: O que a ira de Jó significa? O que ela busca? O ensino dos amigos é de que Deus assegura que os transgressores e os íntegros tenham recompensas apropriadas e que o que ocorreu a Jó, de algum modo, corrobora essa compreensão. A ira de Jó possui a sua base no fato de que a sua experiência não se encaixa nessa teoria. Por implicação, (Bildade acredita), Jó está questionando se há uma base moral para o modo de o mundo funcionar. Ele está solapando as fundações do mundo. Se Jó prosseguir nesse caminho, removerá o próprio alicerce ou a estabilidade do mundo. Bildade sabe que existe uma relação entre a ordem moral do mundo e a sua ordem natural, porque Deus é o senhor de ambas. Remover a fundação de uma ordem coloca em perigo a outra. Seria semelhante a ameaçar esvaziar a terra de seus habitantes ou mover as montanhas de seus lugares. Uma vez mais, a ironia aqui é que as declarações de Bildade se sobrepõem às que Deus, eventualmente, irá fazer a Jó, ao colocá-lo em seu lugar.

Nesse meio-tempo, Bildade reafirma a natureza moral da operação da vida humana. A experiência dos infiéis é a de que a lâmpada deles se apaga — isto é, eles morrem. O amigo de Jó principia com duas linhas que retratam essa realidade; então, ele retorna a como isso ocorre. O homem com uma mola em seus passos é o que tropeça, mas a segunda metade da linha sugere que isso é uma metáfora. Descreve como o homem infiel pensa que as coisas funcionam e toma as decisões e, então, como os seus próprios planos trazem a sua ruína. Expressando de outra forma, os seus próprios pés o levam a cair em uma armadilha. Três linhas o comparam a um animal para o qual o caçador arma uma cilada; talvez haja uma ligação com a comparação anterior (“é a pessoa infiel que é tão estúpida quanto um animal, não pessoas como nós”). O infiel anda em direção à armadilha que deveria ser capaz de ver, pois ele mesmo está acostumado a preparar armadilhas. Agora, entretanto, ele armou uma para si mesmo. Realidades terríveis o assaltam e provocam a sua queda.

Isso não significa, simplesmente, que o infiel traz problema sobre si mesmo. É

como se houvesse forças externas que trouxessem esse problema sobre ele; como se a iniquidade ou a aflição estivessem famintas por ele, ou como se o desastre fosse preparado para assegurar a sua queda. Isso o consome. Bildade segue personificando as forças que se apossam do infiel, usando imagens do pensamento do Oriente Médio. A própria morte é o rei dos terrores, e o primogênito da morte é, aparentemente, o filho que consome o homem infiel e, portanto, o leva ao reino da morte.

Após morrerem, eles são totalmente esquecidos. Em nossa cultura, com frequência, as pessoas almejam deixar um legado. Podem apreciar a ideia de terem os seus nomes inscritos na parede de algum edifício; desejam ser lembrados. O destino do infiel é ser completamente esquecido. Ninguém quer se lembrar dele; pelo menos, não de uma forma positiva. Igualmente, a maioria das pessoas anseia deixar descendência, pois essa é outra forma de legado, outro meio de ser lembrado dentro da família. O infiel levará os seus filhos com ele. Jó dificilmente deixaria de reconhecer uma alusão ao fato de que a morte já havia levado os seus próprios filhos. No rescaldo imediato da queda dos infiéis, o destino deles produzirá reações horrorizadas em todo o mundo, mas eles, na realidade, serão logo esquecidos.

Sim, eis como a fundação moral do mundo funciona, afirma Bildade, novamente, ao encerrar. Ao falar das habitações ou do lugar dos infiéis, ele pode estar se referindo aos lares que eles deixaram, cuja deterioração ele descreveu, ou ao lar no Sheol, ao qual ele acabou de aludir. Isso não faz a menor diferença. Se você for um malfeitor, receberá a sua recompensa; o delito refere-se, especialmente, à maneira com que as pessoas tratam umas às outras, à opressão e à injustiça. O mesmo é verdadeiro caso você não reconheça Deus. Como frequentemente ocorre, “conhecer a Deus” não é apenas uma questão de possuir uma familiaridade pessoal com Deus, mas de também ter um reconhecimento prático de Deus na vida de alguém. Isso sugere que a pessoa reconhece que Deus é Deus e vive à luz desse fato. Portanto, transgredir e não reconhecer a Deus, uma vez mais, cobre os dois lados da infidelidade: como nos comportamos em relação aos outros e em relação a Deus.

Na primavera de 1741, durante um período de vinte e quatro dias, Georg Friedrich Händel musicou uma compilação de textos bíblicos, a maioria deles extraídos do Antigo Testamento, que havia sido feita por um proprietário de terras e patrono das artes, chamado Charles Jennens. Nesse libreto, Jennens preocupou-se particularmente em encorajar a crença de que Jesus era o Messias predito pelo Antigo Testamento, em um contexto no qual os deístas e judeus não aceitavam essa crença. Considerando que a carreira de Händel estava em declínio nos anos 1730, a obra O Messias restaurou a sua popularidade pública. A parte 3 dessa obra, que olha para a segunda vinda de Cristo, começa com as linhas de Jó 19 (v. 25-27), na ACF:

“Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra.

E depois de consumida a minha pele, contudo ainda em minha carne verei a Deus,

Vê-lo-ei, por mim mesmo, e os meus olhos, e não outros o contemplarão; e por isso os meus rins se consomem no meu interior.”

Jó não está falando sobre o Messias, embora não haja nada de estranho no fato de alguém usar as palavras de Jó para estabelecer um ponto distinto do que foi expressado por ele. O Novo Testamento faz o mesmo com o Antigo Testamento (embora pareça como se não tivesse ocorrido aos escritores do Novo Testamento usarem Jó 19 dessa maneira). O Espírito Santo, que inspirou o texto original, também pode inspirar novos usos do mesmo texto, mesmo que tenham pouco ou nada a ver com o significado original. Pode-se ver que as palavras de Jó 19, lidas no contexto da morte e da ressurreição de Jesus, em lugar do contexto da vida de Jó, seria uma poderosa expressão da importância de Jesus.

No contexto da vida de Jó, elas representam outra declaração da convicção de que, de alguma forma, Jó será justificado como um homem cuja vida é de submissão a Deus, um homem íntegro e reto. Isso está bem claro, mas Jó expressa a sua esperança de uma forma atormentadoramente oblíqua, e os versos

recebem traduções variadas nas muitas versões modernas da Bíblia. Talvez isso, por si só, seja um símbolo de como Jó está tentando expressar algo que é capaz de articular apenas parcialmente. Isso também nos lembra que o homem descrito pela história sofre com dores excruciantes e uma sensação de abandono terrível. Em certo sentido, Jó está em completa lucidez, envolvido em uma interessante discussão teológica ao longo do livro, mas, talvez, o autor esteja mais disposto do que percebemos para deixar Jó e seus amigos alongarem-se em uma expressão mais emocional do que racional.

No Antigo Testamento, um “redentor” ou “resgatador” é alguém que pertence à sua família, mas que possui mais recursos ou poder que você e, portanto, está em posição de ajudá-lo quando estiver em necessidade. Uma situação clássica na qual o assunto surge é quando as pessoas estão com problemas financeiros e correm o risco de perder sua terra ou sua liberdade. Assim, Deus pode usar alguém com recursos para ser um redentor, embora seja possível que essa pessoa use esses recursos para engrandecimento próprio. Dessa forma, Boaz é o redentor ou resgatador de Rute, e Deus é o redentor de Israel, pois Deus trata os israelitas como membros de sua família, aos quais ele deve obrigações familiares. A tarefa de um redentor é, portanto, ficar ao lado do familiar necessitado e agir para restaurar a sua situação, como ela deveria ser — esse é o motivo de eu ter usado a palavra “restaurador”. Nesse contexto, Jó está falando sobre alguém que irá restaurar a situação entre ele e Deus. A mão divina o tocou de uma forma pesada e negativa; Deus o persegue e o vigia (e seus amigos fazem o mesmo), e ele nem mesmo sabe o motivo. Assim, Jó anseia ver Deus para que os dois possam acertar as coisas em uma reunião da assembleia de Deus, semelhante à descrita na abertura da história. Deus deve permitir a possibilidade de que, nesse encontro, seja mostrado a Jó onde está o seu erro. Todavia, Jó está convencido de que será capaz de provar na reunião que é íntegro e reto. O papel do seu restaurador, então, será o de promover esse encontro e de apoiá-lo quando ele ocorrer. A classe de pessoa da qual Jó está falando é descrita no capítulo 16 como sua testemunha ou seu advogado, uma pessoa para arbitrar por ele junto a Deus. (Há, portanto, mais de um problema quanto à ideia de que Jó esteja discorrendo sobre alguém como o Messias e, especialmente, sobre Jesus. Um problema é que o papel de Jesus não é o de provar que estamos certos, mas nos redimir, exatamente por sermos errados. Outro problema é que a ideia coloca Jesus contra Deus, como se Deus fosse contra nós e Jesus fosse por nós.)

Jó começa o parágrafo em questão com uma súplica desesperada aos seus amigos, para que eles o tratem com graça e parem de persegui-lo: ainda não

estão satisfeitos pelo modo com que estão consumindo a sua carne? Consumir os pedaços de alguém é uma expressão de acusação, de modo que o ponto de Jó pode ser o de que eles jamais se cansam de acusá-lo. O trecho de abertura do capítulo fornece a mais detalhada descrição (embora, claramente, hiperbólica) do tratamento que os amigos, as demais pessoas da comunidade e Deus lhe estão dispensando. No entanto, à luz da percepção de que essa perseguição por parte de seus amigos e de Deus persistirá até ele morrer, Jó questiona sobre a possibilidade de deixar algum registro de seus argumentos para que persistam depois dele, inscrito em uma rocha do mesmo modo que os reis, às vezes, faziam, ao deixarem um registro de suas conquistas e realizações.

Se “apenas” isso pudesse ser feito, seria algo a apoiar Jó. Ele já deixou claro que sabe que possui uma testemunha ou um advogado, alguém para dialogar com Deus a seu favor. Como ele pode ter essa certeza? Talvez saiba que, de algum modo, o universo deve ser um lugar justo. Ou, talvez, seja do conhecimento comum a existência de uma assembleia nos céus para decidir sobre questões concernentes a este mundo e que haja nela membros cuja tarefa seja a de assegurar que as decisões sejam justas. Jó sabe que existem muitos ajudantes divinos, membros do gabinete celestial (seres que o Novo Testamento denomina de “anjos”) envolvidos no mundo e conscientes do que se passa aqui. Dessa forma, ele sabe que possui um potencial restaurador no céu. E, embora não esteja satisfeito com a ideia de encontrar justificação apenas após a sua morte, não antes dela, isso será melhor do que nada.

Ao falar sobre o seu restaurador se levantando “sobre o pó” para testemunhar em seu favor, Jó parece imaginar essa assembleia acontecendo na terra. O próprio Jó estará morto; sua carne terá desaparecido há muito tempo. Ele estará no Sheol, mas o Antigo Testamento, ocasionalmente, sugere que, de algum modo, as pessoas no Sheol ainda podem estar cientes das coisas; portanto, mesmo que o corpo de Jó tenha perecido, ele pode ainda ser capaz de “ver Deus”.

As duas linhas de encerramento nos lembram que Jó está falando aos seus amigos no contexto da incansável perseguição deles e da alegação de que a raiz do problema de Jó está nele mesmo, em sua própria vida ou atitude. Elifaz, anteriormente, falou sobre como a espada ameaçava a pessoa infiel. Jó adverte os seus amigos de que a espada os ameaça também por causa da ira deles contra o próprio Jó. Sua convicção, expressa no versículo 7, não é a sua palavra final.

Recentemente, um pastor nos Estados Unidos publicou um livro que questiona se as pessoas que não acreditam em Cristo irão mesmo para o inferno. O pastor é alguém com o dedo no pulso da cultura norte-americana e ele logrou desenvolver uma congregação enorme. Os editores também souberam como trabalhar o potencial do livro, ao postarem um vídeo publicitário na Internet, alguns meses antes do lançamento do livro, causando um grande alvoroço e intensa polêmica antes mesmo que a obra estivesse disponível para aquisição. Assim, estou entre as inúmeras pessoas que estão escrevendo sobre o livro sem nem mesmo tê-lo lido, mas não o estou criticando. Estou apenas enfatizando um aspecto de seu contexto cultural — no qual o inferno não é uma ideia com a qual as pessoas se preocupam muito. Muita coisa mudou desde os dias de Jonathan Edwards. Um amigo meu gosta de afirmar que o motivo pelo qual Deus castiga as pessoas é o desejo de purificar, o que significa que não é punição, mas disciplina. A noção de punição, de castigo, está fora de moda, seja no âmbito geral, seja no âmbito religioso.

Isso seria liberal demais para Zofar, do mesmo modo que para Bildade (e, a bem da verdade, também para Elifaz e Jó), cuja tese Zofar, novamente, reafirma. Um dos motivos pelos quais Zofar sente-se perturbado pela atitude e pelo questionamento de Jó é por ele desonrá-lo ao desconsiderar o seu ensino. Jó está tratando o amigo como um tolo. No entanto, o discurso de Zofar sobre sentimentos inquietantes sugere que ele tem consciência de que Jó está questionando os fundamentos da sua cosmovisão. A base para a sua atitude em relação à vida é que tanto a retidão quanto a transgressão são recompensadas. Se Jó estiver certo sobre as coisas não funcionarem como Zofar crê e diz, qual é, então, o alicerce para a nossa atitude em relação à vida? Involuntariamente, Zofar está insinuando que ele mesmo é vulnerável à crítica do adversário de Jó. Estaria ele comprometido com a fidelidade e a retidão apenas ou, principalmente, porque há uma recompensa? (a questão que é mais fundamental ao livro de Jó do que “Por que o inocente sofre?”) Caso Jó esteja certo e a fidelidade e a retidão não recompensem, isso enfraqueceria o compromisso de Zofar?

Todavia, Zofar acredita que a transgressão deve ter a sua recompensa e que é assim desde o princípio. Se Zofar tivesse sido capaz de ler Gênesis, pode-se imaginar que teria reforçado a sua visão desse livro: Adão e Eva e, então, Caim ilustram o seu ponto, do mesmo modo que a história sobre o dilúvio e o que vem

depois. Claro que a história de Abel é mais parecida com a de Jó, e não ouvimos se Lameque sofreu por sua conduta. Sabiamente, Zofar restringe-se a enfatizar o ponto sobre o infiel. Ele não nega que os “Abéis” deste mundo sofrem, mas simplesmente afirma que os “Cains” obtêm o seu devido pagamento.

É assim, ele acrescenta, mesmo (talvez, especialmente) quando são pessoas que vivem realmente bem e angariam um significativo poder. Aqui, o seu ensino se iguala ao ensino de profetas como Isaías, que enfatiza, principalmente, que aqueles em posição de majestade e de proeminência são humilhados. Isso é verdadeiro em relação a Israel e também aos líderes de superpotências, como o rei da Babilônia. Isaías 14 usa as mesmas palavras de Zofar, ao falar sobre a determinação do rei babilônio de “subir aos céus”. Aqueles que alcançam uma posição de poder, de proeminência ou de prestígio, mas carecem de retidão moral para estar lá, não conseguem manter essa posição, afirma Zofar. Desaparecem tão rápida e completamente quanto o esterco que as pessoas usam como combustível. Podem até parecer financeiramente intocáveis, mas todo o seu império financeiro colapsa.

Zofar observa que a pessoa infiel leva a sua família com ela; nenhum deles sobreviverá. Isaías, de modo similar, comenta que a queda e a morte do rei da Babilônia, igualmente, significarão a morte de seus filhos e potenciais sucessores. Pessoas em uma sociedade tradicional reconhecem que eles não são, meramente, indivíduos independentes, mas partes de um sistema familiar, interligados na teia da vida. Sem pertencerem a uma família, eles, na verdade, não existem em um sentido pleno, e o destino do cabeça da família é decisivo para toda ela. A vida dos familiares está vinculada à vida do cabeça. Ela é beneficiária de sua prosperidade e de suas conquistas, da mesma forma que sofre com a sua queda.

Assim, o homem infiel deve devolver a sua riqueza ilicitamente adquirida, e seus filhos são reduzidos a mendigar dos pobres. Talvez a implicação seja a de que essas pessoas pobres sejam aquelas expulsas de suas terras pelo pai deles. Elas, agora, retomam a sua propriedade e se tornam aqueles aos quais os filhos dos infiéis podem e devem pedir esmola. Zofar, mais tarde, refere-se às casas que foram tomadas das pessoas pelo infiel; ele as esmagou e as abandonou à própria sorte, em lugar de usar os seus recursos para sustentá-las. Não importa quanto ele possua, jamais se sentirá satisfeito; é assim que a ganância funciona. Ele jamais deixou de realizar os seus desejos e, inevitavelmente, às custas de outras pessoas que terminaram empobrecidas. Contudo, como resultado, ele mesmo se

transforma, rapidamente, de um homem que parecia mais jovem do que os seus anos (porque podia se dar ao luxo de comer bem?), em um indivíduo que morre antes de seu tempo.

Zofar apresenta uma vívida imagem para transmitir como isso ocorre. O homem infiel é semelhante a alguém que desfruta de uma boa refeição, mas a comida cujo sabor é tão excelente é fruto da maldade que ele tanto aprecia. Há alguma inevitabilidade quanto ao modo de as coisas colapsarem e o alimento se transformar em veneno. O infiel engoliu a riqueza das pessoas, mas, na verdade, ela jamais vai além da sua boca, e ele termina por vomitá-la. Trata-se de um processo natural, mas no qual Deus está envolvido; ele o faz lançar para fora. Levando a metáfora em uma direção mais literal, o poderoso, de fato, está em posição de se alimentar bem, mas acaba não sendo capaz de comer a luxuosa comida ao alcance de sua riqueza. Deus derrama ira sobre ele, como um guerreiro fazendo chover ataques em batalha. Os céus e a terra têm testemunhado os seus feitos infiéis, e eles proclamam essas ações abertamente para reivindicar e, até mesmo, exigir essa ação da parte de Deus. A ironia final na descrição de Zofar sobre a ação divina é denominá-la como a distribuição de um lote ou posse, palavras que em outras passagens do Antigo Testamento significam dádivas boas e graciosas de Deus para o seu povo, especialmente na forma de lotes de terra.

Zofar não vê problema em orar para que coisas assim ocorram a pessoa infiéis. Ele não tem nenhum infiel particular em mente, de maneira que um significado desse tipo de oração é que ele aumenta a sua própria motivação para um viver fiel e generoso. (Presumidamente, os amigos de Jó são pessoas prósperas e íntegras, a exemplo do próprio Jó, mas eles poderiam ser tentados a se desviar por causa da sua prosperidade e condição social.)

Dois ou três anos atrás, os Estados Unidos e o Ocidente, em geral, experimentaram uma “grande derrocada financeira”, na qual o fator fundamental para a crise foi o processo pelo qual as instituições financeiras emprestavam dinheiro por meio de hipotecas a pessoas que não tinham condições de honrá-las. Parte da responsabilidade pela crise repousa sobre as instituições financeiras que introduziram inovações irresponsáveis no processo pelo qual o investimento operava, resultando em lucros enormes aos seus executivos mediante as taxas envolvidas no sistema de hipotecas. Embora questões nacionais e internacionais, levantadas por essa derrocada, tenham afetado e envolvido as pessoas como um todo, alguns dos mais fortes sentimentos sobre o colapso eram dirigidos aos dirigentes executivos das instituições financeiras. Praticamente nenhum deles foi processado, e muitos continuaram recebendo salários de milhões de dólares por ano. Por outro lado, muitas pessoas comuns perderam as suas casas.

Jó está protestando sobre esse tipo de realidade. Ele sente-se desgostoso com a maneira pela qual o mundo opera para aqueles que prosperam por causa da infidelidade a Deus e aos outros; Jó está furioso por Deus permitir que as coisas funcionem assim. Elifaz acusou Jó de desencorajar o lamento das pessoas e a oração que questiona Deus. Vocês deveriam me ouvir orar dessa maneira, então, afirma Jó.

Sua experiência e, talvez, as próprias palavras de seus amigos o fizeram encarar certas realidades sobre como o mundo opera. Reconhecer essas realidades, agora, o assusta, e ele não sabe para onde ir com os fatos diante dele. Por que os infiéis vivem bem durante toda a sua vida e morrem confortavelmente em seu leito? As generalizações de Jó não são exageradas. Ele não está negando que algumas pessoas ímpias, ou mesmo a maioria, obtêm a sua devida retribuição, embora a sua pergunta “Com que frequência?” chegue perto de implicar que muitos ímpios vivem em prosperidade. Jó almeja que, pelo menos, os seus amigos reconheçam o fato de que alguns não recebem essa retribuição. Por outro lado, algumas pessoas fiéis não obtêm a sua merecida recompensa, que é a matéria que mais diretamente o preocupa, e que os amigos também se recusam a reconhecer.

O retrato da boa vida que os infiéis podem desfrutar segue, naturalmente, aquele ambiente social, mas é reconhecível o bastante para leitores em um contexto ocidental. Tais pessoas podem viver com prosperidade e até mesmo desfrutarem

de uma vida cada vez melhor; podem ter uma vida familiar plena e feliz com seus filhos, cientes de que eles estão crescendo e florescendo, e podem viver com segurança. Eles participam na celebração e festividade da comunidade.

Eles não têm nada a temer; objetivamente, nenhuma ameaça de Deus paira sobre a cabeça desses, apesar de serem “ateus práticos”. Na verdade, não desacreditam em Deus na teoria, mas apenas não veem motivos para considerar Deus na equação de sua vida. Igualmente, não consideram a oração necessária e esperam que Deus se mantenha longe deles. Talvez jamais façam essa declaração verbalmente, mas o seu modo de viver implica que declaram isso internamente. E (Jó diz, mais tarde) ninguém ousa confrontá-los quanto ao estilo de vida deles. Possivelmente, os sistemas que colocam os ricos e confortáveis nessa posição permanecem em operação, em parte porque desafiar o sistema significaria que os menos favorecidos jamais teriam a oportunidade de trocar de lugar com os mais abastados. Talvez prefiramos ter corrupção e maldade e a chance de nos tornarmos ricos a um sistema que nos assegure apenas um viver modesto. Embora, em teoria, prefiramos ser bons e ricos, secretamente acreditamos que essa combinação não seja viável.

Jó sabe que, na realidade, os infiéis não estão no controle de sua boa sorte e ele não tem a intenção de imitar o estilo de vida deles. Mas ele não consegue enxergar a razão de Deus permitir que vivam da maneira em que vivem. Pode até mesmo parecer que, quando o dia da calamidade chegar, os infiéis serão mais favorecidos do que os íntegros. Em nosso próprio mundo, os líderes depostos, normalmente, deixam o seu país com dinheiro suficiente para viver bem em qualquer outro lugar do planeta, possibilidade essa vetada aos pobres. É fato que, algumas vezes, os filhos ou os netos testemunham o colapso do império herdado ou acabam em dor e sofrimento em razão dos pecados dos pais. Essa é uma forma de juízo sobre os pais, mas eles jamais têm consciência disso, e Jó deseja que eles experienciem isso. Ele reconhece, em teoria, que não se pode dizer a Deus como governar o mundo, mas, na prática, está preparado para ir e fazer algumas observações a Deus. Sim, a morte atinge tanto os fiéis quanto os infiéis; ela é o grande nivelador. Na sepultura, todos são iguais. Todavia, os infiéis podem continuar sendo honrados após a morte. Eles obtêm um sepultamento honroso e descansam em paz e esplendor. As pirâmides são um grande testemunho desse fato.

Jó sabe que os seus amigos irão reiterar as verdades irreais que lhes são familiares, usando-as como armas contra ele, pois, caso estejam certos, eles

estabelecerão que Jó não pode ser a pessoa íntegra que reivindica ser. Assim, a sua declaração sobre a trivialidade vazia do consolo oferecido por eles é uma subestimação. Jó vai mais direto ao ponto em sua afirmação final quanto às réplicas dos amigos constituírem uma transgressão, uma afronta a ele. No entanto, eles também afrontam Deus porque estão dando uma descrição das ações de Deus no mundo que, simplesmente, não é verdadeira. Uma afirmação da verdade deve considerar tanto a força do que Bildade e seus amigos dizem (que Deus faz o mundo funcionar de modo moral) quanto a força do que Jó diz (que, com frequência, Deus não faz isso).

Meus anos iniciais de ensino coincidiram com um período no qual muitas igrejas estavam redescobrindo a possibilidade de orar pela cura dos enfermos e de descobrir que muitos foram curados. Foi, de fato, uma redescoberta estimulante, mas ela também suscitou a questão quanto a algumas pessoas serem curadas e outras não (essa era uma questão crucial para mim por causa da minha esposa ter esclerose múltipla e Deus jamais a ter curado, embora eu testemunhasse Deus alcançar muitas coisas por meio de sua enfermidade). É possível comprar livros contendo listas de dez motivos pelos quais as pessoas não experimentam a cura. Ao fazerem essa pergunta, as pessoas levantavam questões complexas para os que oravam e/ou para os enfermos. Além do fardo de estar doente, havia, agora, um fardo adicional. A culpa por não experimentar cura é minha? Não tenho fé suficiente ou sou culpado por algum pecado não confessado?

Jó é vítima de um instinto similar por parte de seus amigos. Alguém disse que eles estão preparados para reescrever a vida de Jó, em vez de revisarem a própria teologia, e esse discurso de Elifaz expõe essa disposição de modo mais explícito. Elifaz principia com a convicção de que os atos dos seres humanos, sejam bons ou maus, não fazem diferença a Deus, pois ele é totalmente independente de nós. Por implicação, a nossa experiência reflete as nossas próprias ações, não um propósito, um desejo ou uma necessidade de Deus. Uma vez mais, a cena ocorrida nos céus, no começo da história, sugere que Elifaz está errado e abre para nós outro significado importante naquela cena desconcertante. Seria o caso de Deus permanecer distante da terra e, de fato, não ter envolvimento conosco? Poderia Deus ter dado início ao mundo e, então, o deixado aos seus próprios dispositivos? Nosso trabalho, como seres humanos, é seguir vivendo uma vida moral no mundo e buscando a justiça aqui, supondo que Deus está sentado na galeria, apenas observando o que ocorre abaixo, mas não ativamente envolvido com o nosso viver? De maneiras distintas, tanto a cena de abertura quanto o discurso premente de Jó a Deus mostram que não é assim. De fato, o mundo interessa ao Criador.

Se, na verdade, a nossa experiência reflete as nossas próprias ações, que ações poderiam ter levado ao sofrimento de Jó? Sua grande vantagem e, ao mesmo tempo, desvantagem, é a sua riqueza e proeminência na comunidade. Ele é “um homem forte [...] um homem honrado”. Elifaz conhece os dilemas que acompanham os privilégios; um interminável séquito de viúvas, órfãos, pessoas que caíram em dívidas e aqueles cujas famílias nada têm para comer, fazem fila

à entrada da tenda de Jó. Ele não pode dizer sim a todos sem comprometer o futuro de sua própria família, e isso significa responder não a muitas deles. O problema não está vinculado às coisas que ele fez, mas ao que ele falhou em fazer. Eis o que Elifaz supõe ser a causa para a experiência de disciplina de Jó. Trata-se de uma hipótese assustadora para os que vivem no mundo ocidental, que se questionam se têm algum direito de viver em condições melhores do que as pessoas em dois terços do mundo, ou quanto aos que possuem uma vida bem mais próspera do que muitos compatriotas. Talvez seja esse o motivo de sermos tão infelizes.

Quando Elifaz tenta imaginar como Jó pode ter pecado (um empreendimento deveras horrível da imaginação, quando se pensa nisso), havia uma outra avenida digna de exploração. Suponha que o problema esteja nas atitudes de Jó tanto quanto em suas ações externas? Talvez ele não tenha adorado outros deuses publicamente, mas, em segredo, buscou o auxílio deles, na privacidade de seu coração ou de seu lar. Essa é uma possibilidade que os Profetas, às vezes, levantam. Ou, ainda, pode ter considerado a possibilidade de Deus não estar envolvido em nossa vida e, assim, na prática, ter vivido como se Deus não existisse. Estranhamente, Elifaz está acusando Jó de uma posição que ele próprio tem assumido: Deus tem poucos motivos para se importar com o que os seres humanos fazem. Isso também lembra a posição que Jó atribui aos infiéis no capítulo anterior. De certa maneira, então, Elifaz acusa Jó de dissimulação ao falar da atitude dos infiéis como se essa não fosse a sua própria atitude. Jó falou como se Deus, nos altos céus, dificilmente fosse capaz de ter ciência sobre tudo o que está acontecendo aqui embaixo. Isso seria muito conveniente para Jó (Elifaz sugere), porque ele pertence à companhia dos infiéis que, realmente, desejam ver Deus distante deles e que não reconhecem que o bem-estar do qual desfrutam deriva de Deus, o grande rio. Portanto, não surpreende o fato de Jó estar experimentando a mesma queda que os infiéis experimentam (de acordo com a teologia de Elifaz).

Contudo, Elifaz é amigo de Jó e deseja que ele retorne de sua posição supostamente descrente. Uma vez mais, com certa inconsistência, Elifaz encoraja Jó a fazer algo semelhante ao que ele mesmo sugeriu ser impossível, no começo do seu discurso, usando o mesmo verbo incomum que ele usou aqui. Não podemos servir ou beneficiar a Deus, ele disse. A inconsistência ou incoerência de Elifaz, nesse capítulo, do mesmo modo que as suas tentativas de inventar falhas pelas quais Jó é culpado, constitui um sinal de que ele está se debatendo para dar um sentido teológico ao que ocorreu com Jó. Ele almeja

levar Jó de volta à sua posição anterior de bênção e, para esse fim, quer que Jó retorne a Deus, mas isso pressupõe que Jó tenha se afastado de Deus. Igualmente, a promessa de que Deus será aquele a quem Jó irá valorizar, deixando de lado a sua riqueza (caso seja a alusão do v. 24), pode sugerir que Jó se apegou excessivamente à sua riqueza. Ao sugerir essa possibilidade, Elifaz estaria fazendo outra suposição sobre a atitude errada que poderia ter causado a vinda dos problemas sobre Jó.

Assim, Elifaz promete que a relação de Jó com Deus pode ser restaurada. Jó poderá desfrutar da relação ideal com Deus, presente no Antigo Testamento, que envolve elevar o rosto a Deus em oração e louvar, recebendo a bênção divina sobre os seus planos e a iluminação de seu caminho, além de estar em uma posição de mostrar misericórdia a pessoas que caíram, e até aos que as levaram a cair. O problema é que essas promessas são alicerçadas em uma suposição falsa: que Jó necessita se arrepender das transgressões que cometeu, a exemplo de um réu que barganha uma pena menor ao admitir culpa quando é inocente.

Uma frase que, com frequência, surge nos quadros de boletins da igreja diz: “Se Deus parece distante, adivinhe quem se moveu?” Obviamente, existe certa verdade no que a sentença sugere quanto ao nosso relacionamento com Deus, mas ela, no entanto, me faz refletir de outra maneira. Conheci períodos nos quais Deus parecia muito distante e eu não achei que me movi ou me afastei dele. Lembro-me de ter saído de um culto na capela de meu seminário, na Inglaterra, totalmente desolado por sentir que não havia estado com Deus da mesma forma que as demais pessoas pareciam ter estado. Disse isso a um aluno que me perguntou o que eu havia achado do culto, e ele respondeu: “Talvez Deus queira que você esteja naquele lugar no momento.” Foi uma resposta dura, mas é possível que ele estivesse certo, e, com o tempo, aquele sentimento foi embora; passei, novamente, a sentir que Deus estava comigo. Agora, ocasionalmente, converso com pessoas que não têm a mesma certeza da presença de Deus que outrora tinham e que sentem estarem fazendo tudo o que podem para chegar a Deus, mas não recebem nenhuma resposta.

Jó sabe que Deus se moveu, mas não consegue chegar a um motivo. Precisamos nos lembrar sempre de que a compreensão do Antigo Testamento sobre a presença e a ausência de Deus é diferente da percepção ocidental. Preocupamo-nos com a sensação da presença de Deus. Com frequência, a evidência da ausência de Deus é a falta desse sentimento. No Antigo Testamento, a evidência da presença de Deus é o que ele faz; Deus age em nossa vida. Quando Jesus exclamou as palavras do salmo 22: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”, ele não quis dizer que Deus estava distante, lá no céu. Deus estava presente, olhando Jesus ser crucificado, sofrendo tanto quanto Jesus, mas nada fazendo em relação ao fato de Jesus estar sendo executado. O abandono de Deus em relação a Jesus consistiu em sua recusa por agir. Foi nesse sentido que Deus havia se movido. Em outras ocasiões, Deus agiu em resposta às orações de Jesus; agora, não.

Havia um motivo para Deus abandonar Jesus, do mesmo modo que havia uma razão para Deus abandonar Jó. Este homem tem sido considerado um “tipo”, um “modelo” de Cristo, e isso está ligado a esse sentimento de abandono. Jó sofreu por nós, para nos possibilitar encarar o sofrimento que não compreendemos, para aprendermos como reagir a ele e como não tentar ajudar alguém que está sofrendo. Ou pode-se comparar Jó com o homem que nasceu cego, não por causa de seu pecado ou do pecado de seus pais, mas por causa do que Deus

alcançaria por meio de sua cura por Jesus (João 9). Elifaz acha que conhece o motivo de Jó ter sido abandonado por Deus. Tudo o que Jó sabe é que Deus se afastou dele e que nada fez para protegê-lo, exceto preservá-lo minimamente vivo (que foi o limite imposto ao adversário por Deus), e que se recusa a oferecer resposta aos seus pedidos por um encontro no qual eles possam conversar sobre que diabos está acontecendo.

Jó começa com uma declaração de quão atormentado ele se sente e com um comentário que sugere que ele está sendo menos incisivo e barulhento do que poderia estar, caso não estivesse se controlando. O motivo particular por ele desejar encontrar-se com Deus é aquele recorrente em seus protestos. Ele quer um encontro face a face a fim de arguir o seu caso junto a Deus, para defender a sua reivindicação de ter um viver íntegro e reto, e de compelir Deus (!) a lhe contar por que ele está sofrendo daquela maneira. A distinção em relação aos protestos anteriores é que, então, ele não tinha muita confiança de que algum dia poderia esperar ganhar um caso com Deus, não porque seu caso não fosse convincente, mas por Deus simplesmente não se dispor a entrar em uma discussão com ele. Nesse caso, então, talvez aqui ele esteja assobiando ao vento, embora, talvez, seja capaz de fazê-lo pelo fato de falar como um homem íntegro. É possível que ainda não esteja certo da justiça de Deus, mas, paradoxalmente, ele ainda acredita na justiça da realidade, do mundo. Se abandonarmos essa crença, será difícil seguir vivendo, nos preocuparmos com qualquer coisa. Caso Jó ainda tenha dificuldades em acreditar na justiça divina, talvez ele possa se perguntar se, pelo menos, a justiça da realidade possibilitará a sua justificação, obrigará Deus a reconhecer a sua retidão; então, ele terá resolvido a sua questão junto a Deus. Jó será capaz de escapar de Deus, aquele que exerce autoridade e toma decisões sobre ele.

O problema é que Jó, na verdade, não sabe onde encontrar Deus a fim de ter esse encontro confrontacional, e, após expressar essa convicção ou esperança sobre o que um encontro assim poderia resultar, Jó reverte para o início de seu protesto atual. Onde Deus vive? Onde Jó pode enfrentar o leão em sua própria cova? Ele olha para as quatro direções da bússola. As expressões hebraicas, aqui, são mais vívidas que as traduções. No hebraico, as pessoas se orientam com base no Oriente, onde nasce o sol, em vez de no norte, a exemplo do funcionamento da bússola. Assim, Jó se imagina indo para a “frente”, para a direção leste; Deus não está lá. Ele, então, imagina-se indo para “trás”, na direção oeste. A seguir, fala em ir para a esquerda, isto é, na direção norte, caso você inicie de frente para o Oriente. A referência ao norte como o lugar onde Deus age pode refletir o

fato de que o norte era imaginado como a localização do gabinete de Deus, o local no qual são tomadas as decisões concernentes aos eventos no mundo; portanto, esse seria um bom lugar para se encontrar Deus, mas também não era. Por fim, Jó volta-se para a direita, isto é, na direção sul, onde o monte Sinai estava; os israelitas estavam acostumados a pensar em Deus vindo daquela direção. Foi para lá que Elias peregrinou ao encontro de Deus, quando o profeta achou que Deus poderia tê-lo abandonado nas mãos de Jezabel, e Deus lhe apareceu ali. Será que Deus, novamente, se retirou para lá? No entanto, Jó também não o encontra ali. Ele olha para a frente e para trás, para a esquerda e para a direita, e nada vê.

Ao falar sobre o seu viver e o seu caminho, Jó reverte para a sua convicção de que merece ser justificado, e que, portanto, certamente será. Jó pode reunir as expressões “seu caminho” e “meu caminho”. Dizem que “I Did It My Way” [Eu fiz do meu jeito] é a canção mais gravada da história, mas Jó jamais cantou essa canção em algum caraoquê na terra de Uz. É perigoso reivindicar que eu fiz do jeito de Deus, mas Jó foi levado por seus amigos a refletir muito sobre se ele fez isso, e persiste em reclamar isso; sabemos, com base na introdução a essa história, que essa reivindicação é justa. O discurso de Jó em termos de provação estabelece uma ligação irônica com os eventos no céu que conduzem ao andamento da história, pois um teste é exatamente o que o adversário leva Deus a concordar. Deus sabia que esse teste provaria que Jó era puro como ouro refinado. Jó também sabe disso, mas o que ele não sabe é que Deus estava convencido disso. Na verdade, a ideia soa inimaginável, pois parece mais provável que Deus necessite ser convencido.

Jó alega ter se comprometido a trilhar o caminho de Deus mais do que havia sido decretado a ele, mais do que a lei de Deus exigia. O modo pelo qual ele estabelece esse ponto é incomum, mas o pano de fundo está na maneira pela qual ele, então, reutiliza a expressão “o que foi decretado a meu respeito”, em referência aos planos de Deus em sua vida, que não tem sido, de modo algum, algo confortável e que pode, muito bem, se tornar mais desconfortável ainda. Não, o fato de Deus ter um plano para a nossa vida pode não ser encorajador. Assim, quando Jó pensa sobre o futuro, ele o faz com uma apreensão maior. No entanto, ele não tem nenhuma intenção de desistir e de reconhecer a culpa quando é inocente. Ele está sangrando, mas não abatido. A sentença vem do poeta William Ernest Henry, uma vítima da tuberculose que se recusava a ser vencido pela enfermidade, mas também significava muito a respeito de Nelson Mandela, quando ele estava na prisão.

Algum tempo atrás, eu costumava seguir um conjunto de leituras bíblicas diárias, chamado Daily Light on the Daily Path [Luz diária no caminho diário], que incluía versículos sobre diferentes tópicos para cada manhã e cada noite. Os versículos eram impressos no corpo principal da página e as referências no rodapé, para que o leitor pudesse examiná-las na Bíblia, embora o propósito das leituras dificilmente tornasse isso necessário. Certa ocasião, estava internado em um hospital e, portanto, dispunha de muito tempo livre. Assim, comecei a examinar os versículos em seu contexto e descobri, para minha consternação e perplexidade, que muitos dos versículos encorajadores sobre Deus e sobre o relacionamento de Deus conosco foram extraídos dos discursos dos amigos de Jó, aos quais conhecia como sendo os elementos maus do livro. Além disso, muitas das declarações de Jó eram indistinguíveis das afirmações de seus amigos e, igualmente, das próprias declarações de Deus, quando, por fim, ele fala com Jó. Isso sugere que o problema com as afirmações dos amigos de Jó não é o fato de elas serem inverdades, mas o fato de eles as considerarem como absolutas. Jó, no entanto, reage na direção oposta e arrisca-se a concluir que elas não contêm verdade alguma.

O último parágrafo dessa declaração, feita por Jó (v. 18-25) soa como se saísse da própria boca de seus amigos. Ele declara que os infiéis recebem a sua devida retribuição. O malfeitor é semelhante a alguém débil, frágil ou inconsistente, levado embora por uma pequena corrente. Sua terra é, igualmente, frágil e inconsistente, que falha em produzir. Não há uvas a serem colhidas em suas vinhas, e a morte o leva tão facilmente quanto o calor do verão seca os rios alimentados pelo derretimento da neve. Sua mãe e os demais se esquecem dele; os vermes o consomem, e ele mais se parece com uma árvore partida pelo vento. O tratamento perverso que ele dá às mulheres vulneráveis o leva a não ser capaz de manter a forte posição que supostamente ele ocuparia. Embora Deus lhe permita desfrutar de alguma segurança temporária, os olhos de Deus permanecem sobre ele. A segurança falha, e ele desaparece. As palavras finais, na última linha, são, então, uma forte afirmação da verdade do parágrafo, que enfatiza o modo contundente pelo qual Jó declara as convicções que os amigos, normalmente, expressam. Talvez Jó esteja imitando as palavras dos amigos e, portanto, falando de modo irônico ou sarcástico. Ou, ainda, dizendo o que gostaria que acontecesse aos infiéis pela mão de Deus. Acho esse discurso provavelmente comparável a algumas declarações presentes em Salmos (e anteriores, em Jó), nas quais as pessoas declaram a sua confiança quanto à

punição dos ímpios, cuja disposição de expressá-las constitui uma indicação de que o orador não pertence à companhia dos ímpios. Se aqueles, a exemplo de Elifaz, estão certos sobre Jó ser um transgressor secreto e/ou ser a espécie de pessoa que negligencia os necessitados, seria preciso uma grande frieza da parte de Jó para fazer essa declaração sobre o destino dos malfeitores.

Essa compreensão coaduna com a primeira parte do capítulo, embora o versículo de abertura, a princípio, pareça ir contra essa percepção. O contexto mostra que os tempos e dias referidos são os tempos e dias estabelecidos por Deus — ou que deveriam ser estabelecidos — para trazer o devido juízo sobre os malfeitores (Jó alterna em termos de falar “eles” e “ele”, o que é mais comum no hebraico do que em nosso idioma). Deus deveria determinar as coisas de modo que as pessoas que o conhecem e vivem fielmente pudessem ver a punição dos infiéis, mas ele não faz isso. A evidência é a predominância das ações opressoras citadas a seguir: mudar as pedras de demarcação significa privar uma família de sua própria terra; Jó segue referindo-se ao roubo paralelo de seus animais. O resultado das ações é o exílio da família da vida regular junto à comunidade e a transformação dela em pessoas que andam à busca de alimento onde seja possível obtê-lo. Elas não podem mais cumprir a sua vocação humana como fazendeiros em sua própria terra ou cuidar de si mesmas. No processo de perder a sua terra, elas perdem os seus filhos, entregues à servidão aos seus credores. Com ironia adicional, as sobras das colheitas com as quais devem se satisfazer são das mesmas pessoas infiéis que os roubaram e os expulsaram de sua propriedade. Além disso, acabam envolvidas na coleta e na prensagem das azeitonas de oliveiras que, outrora, eram suas, e em terraços que, antes, eram seus. A descrição de Jó indica o costume dos povos do Oriente Médio de, normalmente, transformar as encostas das colinas em áreas cultiváveis nas quais oliveiras, vinhas e outras árvores frutíferas eram plantadas. Igualmente, essas pessoas trabalham como diaristas pisando uvas nos lagares e colhendo grãos, mas que não podem beber do suco ou moer os grãos para fazer pão; assim, elas seguem sedentas e famintas. Após perder as suas fazendas, elas perdem também os seus lares, e, embora dormir ao relento possa parecer bom durante o verão, o mesmo não se pode dizer do inverno. Ainda, perder a sua propriedade também significa perder a capacidade de confeccionar roupas apropriadas para mantê-las aquecidas no inverno. A exemplo do que normalmente acontece, isso pode levá-las a buscar refúgio na área urbana, de modo que é da cidade que sobe um clamor a Deus por socorro e pela punição dos opressores. Entretanto, Deus é como um policial que nada faz para acusar e condenar esses transgressores.

O parágrafo intermediário do capítulo segue mencionando a cidade para descrever outros problemas característicos em uma comunidade na qual a vida social está desmoronando e na qual ocorrem assassinatos, roubos e adultérios. Igualmente, também brinca com o significado duplo da luz, tanto literal quanto metafórico. Muitas ofensas nessas categorias são aquelas que as pessoas cometem sob a cobertura da escuridão, o que simboliza o fato de os seus perpetradores serem pessoas que rejeitam a luz, num sentido mais amplo. Portanto, o parágrafo termina descrevendo o temor dessas pessoas pela manhã porque, para elas, a luz do dia carrega a conotação de trevas, no sentido de ser indesejada.

Os primeiros dois parágrafos do capítulo, então, possuem implicações relacionadas àquelas do terceiro. Jó lamenta a maneira pela qual os vigaristas e outros malfeitores se comportam na comunidade e lamenta o fato de Deus nada fazer a respeito. Embora os seus amigos possam tê-lo induzido a retratar os fatos com cores mais sombrias do que elas são, ele está certo de que mesmo que possamos, às vezes, ver a impiedade punida, isso é muito raro (e, portanto, anelamos pelo dia em que isso seja possível). Seria difícil a Jó lamentar dessa forma caso ele fosse, de fato, a espécie de pessoa que Elifaz pensa que ele é. Seus protestos sobre a inação de Deus e suas declarações sobre a certeza de punição aos malfeitores têm a mesma implicação com respeito à própria retidão de Jó. O seu lamento, portanto, levanta questões quanto à nossa cumplicidade na transgressão. Às vezes, somos cúmplices por tornar a transgressão possível; outras vezes, por nossa omissão em agir como poderíamos para impedi-la.

Na noite passada, em nosso grupo de estudo bíblico, discutíamos sobre o relato da fuga de Elias para o monte Horebe, quando Jezabel estava tentando matá-lo. Há vento, terremoto e fogo, além de um leve sussurro — o “murmúrio de uma brisa suave”, segundo a NVI. Qual a relação entre essas coisas? Alguém no grupo questionou se Deus estava alterando entre falar por meio do terremoto, do fogo e, por fim, por meio de um sussurro, o que se encaixa em nosso contexto cultural ocidental. Apreciamos a ideia de Deus nos falar com uma voz calma e suave, mas, na Escritura, não parece ser uma mudança de um meio ao outro.

Jó 26 vê a importância tanto do sussurro quanto do trovão. Primeiro, a contribuição final de Bildade ao debate começa com uma descrição da soberania de Deus. Ele é o único que possui autoridade e, portanto, atrai temor, e Deus faz isso nos céus (embora, não haja dúvidas de que na terra também). Existem tanto forças sobrenaturais quanto terrenas resistentes a Deus; o Leviatã e Raabe já foram citados como símbolos dessa resistência. Deus não considera como garantido que mesmo a lua e as estrelas sejam brilhantes e inocentes; até elas podem estar atuando contra o propósito divino. No entanto, Deus possui a força para superar esses poderes e pode fazer a sua luz brilhar para dissipar as forças de resistência.

Entrelaçados com os comentários sobre os poderes sobrenaturais estão os comentários sobre os seres humanos. A questão sobre se eles são justos ou inocentes diante de Deus, presumidamente, também diz respeito a se eles são verdadeiramente fiéis, genuinamente inocentes, de resistirem a Deus. Jó tem argumentado que ele mesmo é fiel e inocente e que deseja ter a chance de apresentar-se diante de Deus e convencê-lo a reconhecer isso (a ironia contínua é que a história começa com essa afirmação, mas Jó não a conhece). Bildade ridiculariza a ideia com base no que Deus é e no que os seres humanos são. Se Deus é superior aos seres sobrenaturais, decerto é ainda mais superior a seres terrenos como nós, mortais e fracos, a caminho de serem consumidos por vermes e larvas. Como um ser revestido de larvas, Jó questionou o motivo de Deus se importar com um ser humano como ele, em comparação com as entidades tais como o mar ou o dragão. Não poderia Deus ignorar as pequenas rebeliões das quais Jó é culpado (veja Jó 7)? Bildade joga de volta as próprias palavras de Jó em seu rosto, mas lhes dá uma orientação diferente.

Por seu turno, Jó lança palavras de volta a Bildade. Considerando que Jó é,

agora, um homem sem forças e cujo braço não tem poder, que necessita de libertação de sua terrível condição, como as palavras de Bildade o ajudam? Considerando que Jó é um homem que não compreende o que está acontecendo em sua vida, Bildade lhe ofereceu alguma verdadeira sabedoria? Quem Bildade consultou para obter as palavras que ele expressa? (Resposta: ninguém.) Qual fôlego, espírito ou inspiração estava operando por meio de Bildade naquelas palavras? (Resposta: nenhum.) É possível conjecturar que Bildade tenha estado na companhia de seus próprios temores e que esteja dizendo o que ele mesmo precisa ouvir, para reafirmar que não é igual a Jó e que não terminará como ele. Bildade está falando para si mesmo. E, já que ele não está dando ouvidos a Jó, este também está falando para si mesmo.

O último parágrafo dessa passagem bíblica, a princípio, parece dar continuidade ao discurso de Jó, mas veremos que o capítulo 27 inicia nos informando que o próprio Jó é que começa a discursar novamente, o que sugere que não é Jó falando na passagem de 26:5-14. Além disso, nessa parte do livro, as contribuições dos diferentes participantes se tornam um pouco confusas (como já ocorreu no capítulo 24). As poucas linhas de Bildade foram bem mais breves do que o discurso de qualquer outro até aqui, e Zofar não faz outra contribuição para completar a terceira sequência de discursos nesse debate, embora, às vezes, Jó diga coisas que soariam muito bem nos lábios de Bildade ou de Zofar (como ocorreu no capítulo 24). Dessa forma, os estudiosos têm questionado se o livro, outrora, já conteve uma terceira sequência completa de discursos que foram misturados. O problema é que não há um consenso sobre como realocar os discursos, e, assim, eu trabalho com o livro como ele se apresenta. Um dos efeitos desse arranjo é que as contribuições dos três amigos diminuem gradualmente; eles expressaram tudo o que poderiam dizer. Eu, então, concluo que o novo começo, no capítulo 27, confirma que as palavras de 26:5-14 não são as palavras de Jó, mas uma declaração que não é atribuída a ninguém. Por implicação, trata-se de uma declaração do narrador do livro, a pessoa que conta a história (veremos que o mesmo é verdadeiro em relação ao capítulo 28).

Como tal, os versículos 5-14 incluem outra declaração da grandeza de Deus. Eles iniciam adicionando algo às palavras de Bildade sobre a soberania divina em relação às forças sobrenaturais. Deus também é soberano com respeito ao reino dos mortos. Os fantasmas (os mortos) são retratados como vivendo sob a terra e abaixo do mar que está sob a terra, que, em si mesma, é uma espécie de ilha flutuante. Sheol e Abadom são dois nomes hebraicos para o lugar no qual os mortos estão (veja os comentários sobre o capítulo 11). Eles estão expostos aos

olhos de Deus; a morte não é um reino para o qual se pode escapar de Deus. Portanto, se contorce de medo ao ser confrontada pelo poder aterrorizante de Deus.

O poema segue falando sobre as alturas dos céus e descrevendo o processo pelo qual Deus os trouxe à existência. Foi como se Deus tivesse estendido uma grande tenda sobre a terra. O chão da tenda é, então, a própria terra (suspensa sobre o nada); a tenda é o céu e a área no interior da tenda é o espaço entre a terra e o céu. A menção específica ao norte conecta-se com a ideia de que lá está a localização do gabinete celestial de Deus, ao qual, talvez, Jó tenha aludido em suas palavras sobre ir aos quatro pontos cardeais: Leste, Oeste, Norte e Sul. As nuvens são os armazéns da chuva, com sua capacidade de reter a água em vez de deixá-la inundar a terra (o mesmo retrato que em Gênesis 1). Elas também agem como um escudo para o trono de Deus nos céus, para assegurar que a resplandecente visão de Deus não consuma as pessoas que olham da superfície terrestre; uma espécie de véu protetor.

Na terra, estamos cercados por um horizonte circular, o que sugere uma imagem para outro aspecto da obra de Deus. É como se o horizonte defina os limites para o mundo habitado criado por Deus, do mesmo modo que os limites para o reino no qual a luz brilha; além, prevalecem as trevas. Pilares invisíveis sustentam a tenda como mastros de uma tenda real (talvez as montanhas que se elevam em direção ao céu sugiram a imagem de algo sustentando o céu), mas eles estremecem quando Deus age com poder para derrubar os poderes resistentes, retratados como o mar ou Raabe ou a serpente.

Tudo é muito impressionante. Contudo, constituem apenas as orlas dos caminhos de Deus; isto é, a imponência do mundo físico fornece apenas uma leve impressão dos atos reais e do poder de Deus. Ainda mais importante no contexto do livro de Jó é que a palavra ou mensagem que ouvimos é apenas um sussurro das dimensões da verdade sobre Deus. Não surpreende, então, que Jó proteste por Bildade oferecer uma ínfima percepção sobre como a vida funciona e sobre como Deus opera. Compreendemos apenas o contorno disso. O problema com os amigos de Jó é que eles consideram a borda como o todo, o sussurro como a voz plena. Por seu turno, o problema de Jó é que ele acha que deveria ser capaz de compreender o todo, a voz plena. À medida que o debate se encaminha para o fim, o narrador traça um ponto que será elaborado por Deus. O livro, portanto, gradualmente, começa a nos levar a refletir na forma em que precisaremos pensar à luz dessa história como um todo. O sussurro é importante, mas devemos

nos lembrar de que é apenas um sussurro.

Quando participei de “dias silenciosos” para reflexão e oração, os três textos favoritos incluem aquele sobre o “murmúrio de uma brisa suave”, já citado em meu comentário sobre Jó 25 e 26, “Fiquem quietos e saibam que eu sou Deus”, do salmo 46, e o lembrete no salmo 139 de que, não importa para onde eu vá, Deus lá estará. No entanto, em outras ocasiões, fiquei ao lado de pessoas que apreciavam o salmo 139 e, então, descobri que esse salmo, nos seus versículos finais, fala sobre odiar pessoas que odeiam Deus, o que é perturbador. Como alguém, tão sensível espiritualmente na parte inicial do salmo, pode falar sobre ódio no trecho final do mesmo salmo?

Certas palavras de Jó suscitam questões similares, embora com uma distinção. Parte do pano de fundo é que Jó apodera-se do microfone novamente, após o narrador ter comentado que o que vemos são apenas os contornos dos caminhos de Deus, e começa com uma declaração sobre a sua integridade pessoal. Trata-se de uma reivindicação mais forte do que qualquer outra que ele tenha feito até aqui, embora Jó venha a fazer uma ainda mais detalhada no capítulo 31. Primeiro, ele declara uma maldição sobre si mesmo, caso não esteja dizendo a verdade e caso não permaneça assim enquanto o fôlego de Deus estiver nele. Jó pede a Deus para agir contra ele, se esse for o caso. Não há meios de Jó concordar com as difamações lançadas por seus amigos sobre a sua integridade (para falar em não desistir de sua integridade, Jó usa o mesmo verbo que usou em sua referência a Deus desistir de seu caso). Como de costume, ele não está arguindo que é perfeito ou sem pecado, mas apenas que, basicamente, é uma pessoa justa e íntegra. Jó sente que não merece a espécie de experiência por que tem passado, mais do que os seus amigos, e sabemos, conforme a descrição do narrador no início da história, que ele está certo em sua reivindicação. Jó poderia ter exposto esse ponto em termos de ódio, como o salmista, um ódio que denota o compromisso de repudiar mais do que uma justiça autopiedosa ou um preconceito absoluto. O ódio em relação a uma ação iníqua ou a pessoas ímpias (no sentido de repúdio) é uma parte necessária da integridade. Embora seja perigoso estar preparado para “odiar” outras pessoas, às quais vemos como impiedosas ou infiéis, não estar preparado para odiá-las pode ser ainda mais perigoso. Jesus espera que as pessoas estejam preparadas para “odiar” os seus pais. Além disso, estar preparado para “odiar” e amaldiçoar a si mesmo pode indicar a capacidade de exercer, com segurança, o poder de amaldiçoar — ou de abençoar.

Paradoxalmente, na mesma linha na qual ele chama pela maldição de Deus, Jó indica que Deus é o seu problema. Deus afastou o seu caso, que é o tipo de ação que não se deve adotar, caso seja alguém com autoridade para tomar decisões sobre disputas na comunidade. Deus se recusou a tomar uma decisão referente a ele. Isso tem aumentado o seu tormento (algumas traduções utilizam a palavra "amargura", mas Jó não está falando sobre sentimentos amargos, mas sobre a amargura objetiva do destino que Deus lhe impôs). Deus começou atormentando-o com as perdas descritas na abertura do relato, mas, aqui, a observação sobre o tormento segue o comentário sobre Deus ter afastado o seu caso; esse é o segundo tormento de Deus sobre Jó.

Contra esse cenário é que Jó segue declarando o desejo de que o seu inimigo ou a pessoa que se levanta contra ele tenha o mesmo destino do infiel, do malfeitor ou do ímpio. Jó, até então, ainda não havia falado sobre ter um inimigo ou alguém se levantando contra ele ("amigos" está no plural e, em que pese toda a força de sua discussão com eles, Jó jamais se refere a eles como seus inimigos). Ele utiliza outra palavra para se referir a um "inimigo" ou "adversário", mas essa parecia ser uma pessoa hipotética; Jó não tinha uma pessoa particular em mente. Aqui, igualmente, ele está se referindo a qualquer inimigo que possa ter em algum momento, e o ponto do desejo é o que ele pressupõe ser o destino do infiel, do malfeitor ou do ímpio, porque essa é a acusação dos amigos contra ele e o que o tratamento de Deus sobre ele implica que ele é. Com efeito, ele diz: "Suponha que eu tenha um inimigo; então, desejo que ele seja tratado como um infiel, um malfeitor ou um ímpio. E você sabe qual é esse tratamento, não sabe?" Para o caso de você ter esquecido, Jó o relembra. Ele não tem esperança; é cortado por Deus; suas orações não são ouvidas; ele não tem a oportunidade de desfrutar de um relacionamento com Deus; ele não consegue invocar a Deus.

Jó está afirmando que é assim que a vida funciona, ou, pelo menos, como deveria funcionar. Todavia, os seus amigos o veem como um exemplo de um malfeitor. Assim, caso estejam certos, Jó está afirmando como deveria ser o seu próprio destino. Por implicação, isso é implausível. A ironia no discurso de Jó é que ele, implicitamente, está afirmando que Deus o trata como a um inimigo. Jó não consegue crer que Deus esteja agindo errado; Jó deseja que Deus afirme que ele está enxergando da maneira correta, mas algo deve estar incorreto, ou a situação de Jó seria diferente.

Portanto, Jó prossegue dizendo: "Posso dar-lhes uma palestra sobre como a mão de Deus opera." Nesse contexto, a mão de Deus é algo que desce pesadamente

sobre as pessoas; ela desce sobre o malfeitor e desceu pesada sobre Jó, que não é um malfeitor. Os amigos sabem sobre essas atividades da mão divina. O próprio ensino deles enfatiza a primeira, e eles testemunharam a segunda ação sobre a vida de Jó. Obviamente, os amigos pensam que a experiência de Jó seja também um exemplo da primeira, mas a sua própria disposição de afirmar o que ocorre com os malfeitores deveria levá-los a repensar a posição que adotaram. Isso, todavia, não teve esse efeito. Embora sejam testemunhas da vida, da experiência e da afirmação de Jó, os amigos falam como se não agissem assim, como se as suas velhas teorias funcionassem perfeitamente bem. Eles falam em profusão, mas o discurso deles é vazio e repleto de trivialidades; não fazem sentido e não se adequam aos fatos.

Na segunda metade do capítulo, Jó continua a sublinhar o que acontece ao homem que é infiel a Deus e cruel em relação às demais pessoas. Ele, então, refere-se a dois aspectos da integridade: em relação a Deus e em relação às outras pessoas. Os seus filhos perdem a vida ou a sua subsistência, ou serão enterrados pela morte (como foram) — por exemplo, mortos em batalha e privados de um sepultamento adequado, de maneira que as suas viúvas não podem prantear por eles adequadamente. Seus acúmulos de riquezas e de roupas são repartidos entre outras pessoas. Suas casas são tão frágeis quanto ninhos de pássaros ou a tenda provisória de uma sentinela. Tudo isso pode ocorrer com uma subtaneidade que os impede de qualquer previsão.

Jó declarou, em ocasiões anteriores, que a vida humana pode transcorrer dessa forma, mas, nesses discursos, ele argumentou que o processo é aleatório e arbitrário. Aqui, o seu ponto é distinto. Para o bem do argumento, pelo menos, ele afirma o ensino ortodoxo de que a vida dos infiéis, dos malfeitores e dos ímpios funciona dessa forma. No entanto, o seu ponto, uma vez mais, é de que, se ele está preparado para afirmar essa verdade, torna-se pouco plausível acusá-lo de pertencer à mesma categoria de pessoas. Sua lógica, portanto, é paralela ao do salmo 139. Declarar que repudia pessoas que repudiam Deus não é possível, caso a pessoa pertença ao grupo que repudia a Deus. A parte anterior do salmo, que discorre sobre a impossibilidade de ir a algum lugar onde Deus não possa alcançar, corrobora esse fato; isso significa que você está prestes a ser apanhado. A maldição da abertura, que Jó impôs a si mesmo caso abandonasse a sua reivindicação à integridade, igualmente aplica-se a ele mesmo, caso seja, realmente, um malfeitor. Ele também teria ciência quanto ao perigo daquela maldição, pois Deus pode, de fato, alcançá-lo em qualquer lugar.

Em duas semanas, irei pregar em um culto de bacharelado do seminário (uma espécie de culto de comissionamento, como poderia denominá-lo aos leitores do Reino Unido). A cada ano, ao acompanhar com crescente apreciação os sermões desse culto, sempre me perguntei o que poderia falar ali, caso fosse pregar. Como esperado, nunca soube a resposta quando não precisei dela, mas, ao ser convidado a pregar neste ano, a resposta surgiu imediatamente. Não irei pregar diretamente sobre esse capítulo, mas o capítulo 28 de Jó contém o tema. É fácil pensar que a preocupação em um seminário seja a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades, mas, se o seminário passar a impressão de que essas são as únicas coisas que as pessoas precisam adquirir, os seminaristas serão encorajados a perder o ponto principal. A preocupação maior do seminário deve ser com o discernimento.

Tanto Jó quanto os seus amigos necessitam de discernimento. Outra palavra para isso é sabedoria, a palavra que as traduções, em geral, usam. É comum as pessoas morrerem sem nunca terem obtido discernimento, declarou Elifaz. Jó precisa aprender a discernir entre Deus e pessoas como Zofar, este deu a entender. Jó falou com sarcasmo sobre o discernimento dos amigos. O livro, como um todo, tem, implicitamente, levantado a questão que é recorrente nesse capítulo: onde o discernimento pode ser encontrado? Onde podemos obter algum entendimento sobre como a vida funciona?

Embora esse capítulo siga as palavras de Jó, de capítulos anteriores, a sua natureza reflexiva contrasta com a urgência e a paixão de Jó. Além disso, o próximo capítulo inicia com uma informação que sugere que não é Jó quem está falando nesse capítulo. Assim, parece que o capítulo 28 complementa a última parte do capítulo 26, sendo uma reflexão que não vem de nenhum dos participantes do debate, mas uma reflexão do narrador da história. A exemplo da passagem de 26:5-14, o capítulo 28 se afasta do debate e, implicitamente, critica todos os participantes dele. O capítulo 26 observou que vemos apenas os contornos dos caminhos de Deus. Então, como podemos obter esse discernimento?

A princípio, nos perguntamos como o capítulo se relaciona ao debate. Qual é o ponto dessa fascinante descrição sobre os procedimentos de mineração? O capítulo relembra a maneira pela qual, às vezes, os profetas atraem a atenção dos seus ouvintes ao falar sobre algo que nada tem a ver com o que poderia ser

esperado ouvir de um profeta (a canção de amor sobre uma vinha, em Isaías 5, é um exemplo). Contudo, não se trata apenas de uma ilustração caseira ou de uma história para chamar a atenção, mas tem pouco a ver com o ponto final do pregador. Em última análise, estará intimamente relacionado com aquele ponto. Trata-se de uma antecipação da forma pela qual Jesus irá contar histórias que, a princípio, atraem e, por fim, dão um soco no estômago do ouvinte. Sim, há locais onde se pode encontrar ouro, prata e outros metais preciosos, e os mineradores cavam profundidades extraordinárias para obter acesso a eles. São lugares escuros, mas os trabalhadores levam a luz aos lugares mais sombrios, empreendem a sua arriscada exploração longe de onde as pessoas vivem e, portanto, em lugares nos quais ninguém pensará sobre eles. Pensamos na terra imediatamente debaixo dos nossos pés, da qual os alimentos que consumimos crescem, mas não pensamos sobre os que trabalham nas profundezas da terra. Aves ágeis e animais destemidos não se aventuram a ir nos locais que esses mineradores vão.

Portanto, é grande a possibilidade de encontrar metais preciosos nos recônditos da terra, e as pessoas empregam um esforço tremendo para lograr isso. Todavia, e quanto a encontrar discernimento? O parágrafo intermediário faz duas comparações e contrasta com o parágrafo inicial. A primeira é que, embora o esforço sobre-humano possa ser recompensado pela descoberta de metais preciosos, mesmo esse esforço não é capaz de localizar o discernimento. Para piorar a situação, a segunda comparação é quanto ao discernimento ser, na verdade, muito mais valioso do que qualquer metal precioso, no qual os mineradores investem tanto esforço. Não é possível utilizá-los para comprar discernimento.

O terceiro parágrafo começa repetindo a questão e reprisando o ponto sobre a inacessibilidade do discernimento. Assim, intensifica o suspense. Será que obteremos uma resposta a essa pergunta à altura da importância estabelecida pelo capítulo? Ao sermos informados de que Deus conhece o caminho até o discernimento, ou até a sabedoria, podemos considerar esse comentário pouco encorajador. Na verdade, pode parecer um fato óbvio; a questão é se Deus irá manter essa informação para si mesmo. O parágrafo segue aumentando o suspense ao descrever a soberania de Deus em relação ao discernimento, e nos perguntamos se ainda iremos obter alguma percepção de como obtê-lo. Talvez os contornos ou orlas dos caminhos de Deus seja tudo o que iremos conseguir.

No entanto, o capítulo, uma vez mais, assemelha-se às parábolas de Jesus ao

virar o nosso pensamento de cabeça para baixo com o último versículo, e o faz para nos apresentar um desafio crucial. A resposta à questão inicial é muito diferente da que poderíamos esperar. A chave para obter discernimento ou sabedoria não consiste em um enorme esforço físico ou intelectual; mas, para surpresa geral, são as qualidades que a história nos informou, no início, que Jó possuía: submissão e desvio do mal (veja os comentários sobre a passagem de 1:13-22). A implicação é que Jó é um homem de sabedoria! Isso significa que os questionamentos e desafios repetitivos de Jó são expressões de discernimento, não de tolice ou ignorância (como os amigos têm insinuado)? Ou, antes, sugere o contrário, que Jó possui a sabedoria, mas ela não é aquela que possui as respostas a todas as questões levantadas pela experiência de Jó? Seja como for, de modo típico ao desenvolvimento da história, o capítulo apresenta um tema que será explicitado mais tarde. Se, por um lado, Deus repreende Jó por seu questionamento, por outro, ele também comenta o fato de Jó estar dizendo a verdade de uma forma que os amigos não estão dizendo.

O poema não é endereçado a ninguém dentro do livro; como a história principal, ele é endereçado aos leitores. O desafio, então, é destinado a eles (i.e., nós) e declara que se eles (nós) forem pessoas que desejam obter sabedoria, devem submeter-se a Deus e afastarem-se do mal. Muitos decidem estudar o livro de Jó porque pensam que encontrarão em suas páginas a resposta para o problema do sofrimento, mas parece que a “resposta” que a história oferece é diferente daquela que imaginávamos. Inúmeras pessoas chegam ao seminário porque imaginam encontrar ali as respostas às questões teológicas que as têm intrigado e que, ao descobri-las, se tornarão mais sábias. No seminário, elas podem obter um diploma, ou seja, um documento que, implicitamente, atesta que elas possuem discernimento. Elas o recebem sem que ninguém questione a piedade ou a moralidade delas, a submissão a Deus ou a sua rejeição ao mal. Portanto, parece que os certificados do seminário são espúrios. As pessoas podem acumular informações mediante os programas, mas isso não significa que adquiriram sabedoria ou discernimento.

Dizem que, se o seu cônjuge morre, após um período de doença e/ou de um declínio gradual, inicialmente as suas memórias são dominadas pela natureza dos últimos meses, mas que, com o passar do tempo, as lembranças mais antigas voltam para se reafirmarem, memórias do tempo em que a pessoa amada estava bem e exuberante, e o seu casamento era mais jubiloso. Quando a minha primeira esposa faleceu, após muitos anos de enfermidade, duvidei que isso ocorreria, porque fazia quase trinta anos desde a última vez que ela esteve relativamente bem. Tentei encorajar o processo ao olhar as fotografias dos primeiros anos de nosso casamento, e mesmo essa ação gerou uma mescla de sentimentos. A pessoa que ela era, trinta anos atrás, parecia tão diferente da pessoa na qual ela se tornou que, olhar as fotos, simplesmente intensificou o sentido de ressentimento e/ou tristeza quanto ao impacto que a doença teve sobre ela.

Jó possui alguns sentimentos sobrepostos. Suas memórias são pungentes e dolorosas. O seu ponto de partida é a lembrança profundamente penosa do cuidado de Deus sobre ele. (Jó tem falado mais de uma vez sobre a vigilância contínua de Deus sobre ele, mas, agora, Deus o faz de uma forma negativa, como à espreita, aguardando os seus erros para castigá-lo.) Mesmo sem o auxílio de fotografias, ele se lembra do tempo em que a vigilância de Deus era similar ao cuidado de Deus por Jacó, quando ele fugiu de Esaú, a vigília à qual a bênção de Arão se refere, ou o cuidado prometido no salmo 91 ou no salmo 121. Jó guarda essas lembranças, mas a sua experiência mais recente tem sido a de uma vigilância negativa. A antiga vigília expressava-se na brilhante luz de Deus (a bênção de Arão também fala dessa experiência), que lhe dava vida e, igualmente, o capacitava a ver o caminho pelo qual ele andava. Agora, Jó não conhece a bênção que a luz sugere, nem sabe para onde está indo.

Para nós, falar em outono da vida pode sugerir que a vida está chegando ao fim, mas para uma pessoa do Oriente Médio o tempo da colheita é um período de plenitude e realização, quando as plantações começam a frutificar. Pode-se afirmar que Jó estava no auge da sua vida. Expressar que o concílio de Deus estava sobre a sua tenda pode implicar que esse conselho (o gabinete celestial) também estava cuidando dele, ou que as deliberações e decisões desse grupo e de Deus, em pessoa, eram favoráveis a Jó, propiciando-lhe esclarecimento (poderíamos, então, ter usado a palavra “conselho” em vez de “concílio”). Seja como for, há outro vínculo irônico e ponto de tensão com o relato da assembleia

de Deus, mencionada no início da história, sobre a qual Jó nada sabe.

Deus estar com Jó é uma outra maneira de referir-se à presença ativa e à bênção de Deus. Essa noção já havia sido expressa pelo fato de Jó estar cercado por seu "povo jovem", isto é, seus filhos, que, como sabemos do começo do livro, eram jovens adultos. Todavia, quando Deus se retira, os jovens perdem a vida. Diz-se que uma das experiências humanas mais difíceis é quando os pais têm de enterrar os filhos em vez de ocorrer o contrário, e Jó foi obrigado a isso. Outrora, a fazenda de sua família possuía tantas ovelhas e oliveiras que podia-se dizer que o leite e o azeite corriam como rios nas ruas e era possível banhar-se neles. Mas, agora, tudo isso é passado.

Jó passa mais tempo relembrando a posição respeitável que ocupava na comunidade. Regularmente, ele se assentava ao lado de outros líderes na praça, junto ao portão da cidade, onde eles lidavam com os assuntos comunitários e, decerto, compartilhavam fofocas. Ali, Jó era, naturalmente, respeitado não apenas pelos mais jovens, mas também pelos seus pares e pelos mais idosos da comunidade. Eles não expressavam opinião antes de ouvir o que o sábio Jó tinha a dizer.

Por que Jó era considerado com tanto respeito? A segunda parte de suas lembranças explica esse ponto. As pessoas desejavam-lhe boa sorte e testificavam do seu caráter com base no que ele dizia e fazia. Uma das tarefas dos líderes da comunidade era resolver assuntos de conflito entre os habitantes e cuidar para que os necessitados fossem tratados de modo adequado e justo. Com base nos Profetas, fica claro que, na prática, de acordo com o comportamento humano usual, as pessoas no poder usavam os procedimentos dessa reunião para promover os seus próprios interesses. Jó pode alegar ter resistido a essa tentação; ele portanto, seria capaz de usar a sua influência para garantir que os demais membros dessa assembleia também fizessem isso. Dessa forma, Jó podia proteger os pobres, as pessoas sem poder na comunidade, que, caso contrário, pereceriam. Entre elas, estavam as viúvas e os órfãos, os que não tinham nenhum homem adulto para os proteger e ficar ao seu lado. Em sua vulnerabilidade, essas pessoas facilmente seriam contadas entre os necessitados, que não possuíam nenhuma provisão. Entre elas, estariam também os cegos e os coxos, dos quais é fácil obter vantagem, além dos estrangeiros na cidade, pessoas que jamais tiveram família ali, as quais não eram conhecidas por ninguém, tampouco por Jó.

Quando Jó fala sobre quebrar a mandíbula das pessoas, o mais provável é que

esteja falando de modo metafórico; literalmente, era por meio de suas contribuições ao trabalho da assembleia que ele agia. Contudo, as palavras implicam um reconhecimento de que esse conselho precisava usar a força, quando e onde fosse necessário, e Jó estava preparado para isso. Tudo faz parte de ser uma pessoa caracterizada pela fidelidade na tomada de decisões (retidão e integridade, nas traduções mais tradicionais). Deus ou os seres humanos não podem cuidar da justiça social, a menos que estejam preparados para ser firmes ou associados com a determinação, e Jó estava preparado.

Ele tinha uma posição de honra por causa de sua atitude e, ingenuamente, esperava que isso prosseguisse no outono real de seus anos. Ali estava Jó, aconchegado em seu ninho, e por isso imaginou que terminaria a sua longa vida em paz, abastado e preparado até empunhar o seu arco pela última vez — uma vez mais, literal ou metaforicamente. Ele manteria a sua honra, e todos continuariam a valorizar as suas opiniões. Quando Jó expressava apreciação às pessoas, pelas palavras ou pelas ações delas, elas quase não conseguiam acreditar na própria sorte. Decerto, não desprezariam isso (lit., não deixariam cair) — na verdade, fariam o oposto. Na realidade, Jó era uma espécie de chefe ou um rei na assembleia. Por princípio, Israel não acreditava em ter pessoas como prefeitos, pastores seniores, governadores e juízes. Em lugar de indivíduos ocupando essas posições, os israelitas acreditavam em uma liderança corporativa. No entanto, a autoridade informal de Jó, que emanava de sua integridade e submissão a Deus, além dos frutos desse compromisso que eram evidentes em sua vida, era tão forte a ponto de ele, naturalmente, ocupar uma posição-chave na liderança. Jó era até mesmo a pessoa que consolava a comunidade em tempos de desastre. Todavia, ele se tornou uma pessoa enlutada, sem consolador.

Hoje, uma mulher veio para me ver e chorar. Após dez anos de casamento, o marido a abandonou, com dois filhos pequenos para cuidar. Segundo o seu relato, a separação veio do nada; não havia o menor sinal de que o marido era infeliz no casamento. Mas, considerando que ele a deixou para viver com outra mulher, ela concluiu que o marido tivera mais do que um caso extraconjugal. Ambos eram pastores associados de uma igreja local, e ela precisou encarar o fato de que eles estavam em um relacionamento mentiroso com a igreja, onde ela buscara servir a Deus, ao lado do marido, por aqueles dez anos. A igreja havia crescido, e ela imaginava que a família permaneceria ali por um longo período e veria ainda mais crescimento. O marido até havia falado sobre eles envelhecerem juntos. Agora, muitos membros da igreja estão tomando posição ao lado do marido. O passado perdeu todo o significado. Ela não está certa se deve ter alguma esperança da parte de Deus pelo futuro.

Trata-se de uma experiência vivida mais pelas mulheres do que pelos homens. Em uma sociedade tradicional, pelo menos, é mais provável que os homens tenham histórias similares à de Jó para contar, nas quais o senso de perda está relacionado à perda de sua posição na sociedade. Na verdade, o ponto de partida de Jó reside na zombaria das pessoas. Um dos problemas com o escárnio é que ele reforça temores enterrados que podemos já ter. A pessoa passa a ter dúvidas quanto à sua importância e significado. “Claro que você não tem nenhum”, o zombador reforça (caso não tenhamos esses temores, então o escárnio e a zombaria, provavelmente, nos farão rir).

Hoje, enquanto minha esposa e eu caminhávamos na rua principal da nossa cidade, em meio à multidão de transeuntes do sábado, um sem-teto pediu-me alguns trocados. No caso de Jó, os pedintes desabrigados tinham motivos para escarnecer dele em vez de lhe pedirem socorro, o que indica a profundidade do poço no qual ele se encontra. A ironia sobre a zombaria é que ela vem de pessoas incapazes de manter a própria posição na comunidade. Elas foram forçadas a buscar refúgio fora do cenário ordenado da cidade e de seus arredores a fim de encontrar abrigo e alimento nas áreas desérticas, nas quais nada comestível cresce. Ao contrário de muitos desabrigados em nossa sociedade, eles não são vítimas de eventos infelizes ou da negligência social, mas são “filhos de trapaceiros” — tais expressões, no hebraico, sugerem que os próprios zombadores eram trapaceiros, pessoas desonestas. São pessoas às quais você não confiaria a sua ovelha e manteria o olho em sua carteira ou bolsa quando eles

estivessem por perto. Essa é a categoria daqueles que entoam canções provocadoras e contam histórias jocosas sobre Jó —, pelo menos na imaginação dele.

O conteúdo dos insultos no parágrafo intermediário do capítulo pode ser desses párias sociais, embora o seu conteúdo, talvez, sugira, que viessem das pessoas, em geral. Seja como for, uma vez mais, não deveríamos interpretar as palavras de Jó de maneira literal. Elas constituem outra expressão de seus sentimentos e das implicações das atitudes das pessoas que o cercam. Ainda, a exemplo das declarações em Salmos, elas não são, necessariamente, um guia para o que as pessoas, na realidade, fizeram. Esse fato está indicado na linha que declara que as pessoas tanto mantinham distância dele quanto lhe cuspiam no rosto (as mesmas pessoas não podiam fazer as duas coisas, pelo menos não ao mesmo tempo). Afrouxar o arco significa desabilitar a sua arma. Assim, Jó está desarmado e humilhado, e as pessoas não precisam manter o controle nos ataques a ele. De um lado, um grupo o assalta com a intenção de fazê-lo colapsar, avançando sobre ele como um exército sitiante, que constrói rampas para dominar a cidade. Eles bloqueiam o seu caminho de escape, por assim dizer, a fim de garantir a sua destruição. Não há socorro para ele, e, eventualmente, os inimigos abrem uma brecha e invadem a cidade. Forças aterradoras o oprimem e anulam a honra na qual ele se mantém; qualquer possibilidade de resgate desaparece. Expressando de modo mais literal, porém ainda poético, Jó pode sentir a sua vida esvaindo-se. Dia e noite, a aflição o ataca. É como se as pessoas o estivessem roendo aos poucos, ou como se um deles o agarrasse tão apertado quanto a sua própria roupa e o derrubasse na lama, cobrindo-o totalmente. A descrição é excessivamente exagerada, mas o fato de haver certa paranoia não significa que as pessoas não estão contra Jó. E as palavras podem ter um efeito devastador. É por isso que fingimos que paus e pedras podem quebrar os nossos ossos, mas que sermos xingados não nos machuca.

Nos Salmos, as orações normalmente falam em termos de como as outras pessoas estão agindo, do que eu mesmo estou experimentando e do que Deus está fazendo ou não. O terceiro parágrafo relaciona-se a esse último modo de falar. Jó diz: “Tu, Deus, não respondes ao meu pedido por socorro. Tu olhas quando eu me levanto, na atitude de alguém apelando a uma autoridade superior, mas olhar é tudo o que fazes. Em lugar de me responder, como uma pessoa com autoridade deveria fazer, te comportas como as autoridades cruéis que os profetas criticam. Levanta-me para que o vento me carregue embora, como a palha, o que, supostamente, deverias fazer com os perversos, mas não a alguém

como eu. Sei que estás me levando para a morte, para o lugar no qual toda a humanidade, a seu tempo, deve se reunir. E isso significa que estás de uma forma menos que humana. Até mesmo um ser humano não coloca a mão em uma pessoa que já está aniquilada, especialmente se ela está clamando por socorro em meio à tragédia. Não obstante, é isso que estás fazendo. E não há fundamento para essa ação pela forma com que tenho agido em relação aos necessitados e pessoas que passam por um período difícil. Em outras palavras, em vez de me dizeres para ser como tu, eu proponho que sejas como eu."

Quão corajoso é Jó em sua ousada confrontação a Deus e quão longe ele se aventura a ir para provocar uma resposta de Deus, de algum modo, de qualquer forma. Era melhor cair morto por blasfêmia do que continuar a ser ignorado. Suas cinco linhas finais, uma vez mais, lembram a Deus e a nós, leitores, quão desesperado ele se sente. Jó sente-se desesperançado, sombrio, agitado por dentro, envolto em trevas, frio, desprezado, em brasas (novamente, a contradição nos adverte de não considerar suas palavras literais). A exemplo dos exilados na Babilônia, no salmo 137, que penduraram os seus instrumentos musicais porque não havia como eles cantarem salmos de louvor, Jó não consegue compor uma música que seja alegre, apenas triste. Caso você lide com música, não ser capaz de compor constitui uma grande dor.

Um ano após a morte de Ann, a minha primeira esposa, eu jantava com um grupo que incluía um antigo colega cuja esposa havia falecido há mais tempo. Ele se casara novamente, cerca de um ano mais tarde, e fiquei intrigado por ouvir a sua história. Ele começou a partir da consequência da morte de sua esposa, quando outro colega, que é professor de aconselhamento pastoral, lhe disse: “Não se case com alguém jovem o bastante para ser a sua neta.” A história nos fez rir, mas esse foi um sábio conselho, pois, ao vermos fotos de homens de oitenta anos que se casaram com jovens de vinte e cinco, nos perguntamos como eles lidam com a abismal diferença em termos de experiência de vida e expectativas futuras. (Caso você seja parte de um casal feliz com essa diferença de idade, parabéns, pois há exceções a toda regra.)

Portanto, é notável que o relato de Jó sobre a integridade de sua vida principie com a sua abominação pela ideia de pensar ou cobiçar uma garota. A palavra para garota, no original, sugere uma adolescente, alguém jovem demais para estar casada. Jó é casado, mas era normal que um homem com o seu prestígio na comunidade tivesse mais de uma esposa. As histórias de Davi e de Salomão ilustram como as sociedades tradicionais, com frequência, aceitam o fato de um homem importante ter inúmeras esposas (ainda que o Antigo Testamento também sugira um ponto de interrogação sobre se as coisas deveriam ser mesmo assim). Portanto, pode não haver nada ilícito quanto a Jó fantasiar com uma jovem garota, a quem pode desposar, mas o seu compromisso de evitar essas fantasias denota uma conduta sexual digna de nota. Jó é um homem e, como tal, sabe que os homens pensam muito sobre sexo. Portanto, o sexo é o ponto de partida concreto para a compreensão de “malfeitor” e de “perversidade” e para reconhecer que, sem um compromisso com uma conduta sexual apropriada, o homem está sujeito a Deus trazer desastres em sua vida. Esse desastre será a sua “porção” ou “lote” de Deus. Está claro que a indulgência sexual, em qualquer idade, é um caminho aberto para a chegada de aflições na vida de uma pessoa. Embora os cristãos possam ser excessivamente preocupados com o pecado sexual, o sexo é, de fato, uma poderosa força e um grande problema para os homens, de maneira que, igualmente, há perigos em subestimar a importância do pecado sexual.

De modo literal, Jó fala em “cortar” uma aliança por seus olhos. Aparentemente, a expressão refere-se a uma cerimônia que podia estar envolvida no estabelecimento de uma aliança. Cortava-se um animal em dois e uma oração era

feita para que o mesmo destino ocorresse à parte que falhasse em cumprir aquela aliança. Além disso, Jó fala de fazer uma aliança por seus olhos. Quando se faz uma aliança com alguém, a expressão denota um acordo e um compromisso recíproco. O estabelecimento de uma aliança por alguém implica uma ação mais unilateral. A parte que oficializa a aliança não está perguntando a opinião da outra parte envolvida, mas, simplesmente, dizendo: “Estou esperando esse compromisso de sua parte, quer você queira quer não.” Assim, Jó está impondo uma aliança sobre os seus olhos — obviamente, é um compromisso cuja manutenção demandará o seu próprio envolvimento. Essa imposição sobre os seus olhos reconhece que os homens são, caracteristicamente, mais visuais do que as mulheres em seus instintos sexuais. É, portanto, um auxílio aos homens quando as mulheres se vestem com modéstia — mas o problema pertence aos homens, não às mulheres. Além do mais, um homem dar plena liberdade aos seus olhos constitui um encorajamento a pensar em sexo e, portanto, um caminho em direção à indulgência física.

A referência aos olhos é recorrente no parágrafo intermediário, quando Jó passa a comentar sobre o que podemos pensar como um pecado mais social. Primeiro, ele fala sobre não ter nenhuma relação com o vazio; de modo característico, a segunda metade do versículo esclarece o que ele quer dizer, ao seguir citando o engano. “Vazio” tem a conotação de algo sem nenhuma realidade por trás. Jó está se referindo ao equivalente em sua sociedade a golpes e fraudes, truques envolvendo a confiança e esquemas com pirâmides financeiras. O estímulo a essa categoria de enganos é a cobiça; daí a importância de os Dez Mandamentos se encerrar com a cobiça, e o perigo que representa o fato de a economia do Ocidente ser fundamentada na cobiça. O perigo está no fato de que a mente segue os olhos; nosso pensamento e nossos planos passam a focar em como podemos obter o que vemos, ao direcionarmos nossos passos na direção assumida por nossa mente e ignorarmos as prescrições da moral e de Deus. A aquisição, naturalmente, exige as mãos para pegar ou receber, e, se ela envolver desonestidade, então essas mãos ficam manchadas. As palavras de Jó reúnem os olhos, a mente, as mãos e os pés de uma pessoa; “integridade” e “fidelidade” envolvem o ser humano em sua totalidade. Do mesmo modo que a pessoa é contaminada ao estar em contato com a morte e busca purificar-se antes de entrar na presença de Deus, igualmente somos contaminados ao entrarmos em contato com coisas que são, moralmente, incompatíveis com a própria natureza divina. Não podemos ir à presença de Deus. Caso estejamos contaminados nesse sentido, ou não busquemos a purificação antes de irmos, corremos o risco de trazer tribulação para nós mesmos e para a nossa comunidade. Jó admite que o

engano do qual ele fala comprometeria até mesmo a necessidade básica de colher o nosso próprio alimento, quanto mais o êxito em obter os desejos mais distantes. A interdependência interna dos elementos do mundo criado significa esperar que a própria natureza esteja envolvida na garantia desse resultado, e Jó sente-se suficientemente confiante de sua integridade para declarar que espera falhar aqui, caso esteja envolvido com o engano.

No terceiro parágrafo, Jó retoma o tema do sexo, confirmando que essa é a principal preocupação masculina. Quer haja quer não algo inerentemente ilícito sobre ter fantasias sobre uma jovem mulher, sem dúvida isso existe quando a jovem em questão é mulher de outro homem, no caso o vizinho. Trata-se de um retrato vívido, a imagem de um homem como Jó rondando a casa vizinha na esperança de lançar um outro olhar sobre a mulher da casa ou, talvez, esperando mais do que um olhar. Falamos como se fôssemos, simplesmente, sobrepujados pelo amor, mas isso requer a nossa cooperação. O adultério demanda planejamento, pois é uma ação deliberada.

Pode-se, contudo, adulterar por motivos outros que não o sexo. Em nossa cultura, o motivo mais comum é o homem se aborrecer com a esposa ou contrariar-se com aspectos que a constituem e com as ações da esposa. Presumidamente, isso também poderia acontecer aos homens na cultura de Jó. Todavia, quando o décimo mandamento adverte sobre cobiçar a mulher do próximo, ela é colocada ao lado dos bens, dos servos e animais desse próximo, o que pode sugerir que a cobiça possua uma preocupação mais prática. É possível que a mulher da casa ao lado esteja mais próxima de cumprir o ideal de Provérbios 31. Na compreensão do Antigo Testamento, na família ideal o marido e a esposa são parceiros nos negócios familiares, e um homem poderia, facilmente, sentir inveja do seu vizinho por ele ter uma parceira que cumpre as suas responsabilidades na família melhor do que a sua esposa. A história de Davi sugere que o motivo de ele desejar Mical (antes e depois de ela ser a esposa de alguém) e desejar Abigail não era de cunho sexual, mas prático.

Uma vez mais, Jó está preparado, até mesmo de maneira entusiástica, pela punição adequada ao crime. O adultério consentido entre duas pessoas não é apenas uma questão privada. A vida harmoniosa e o funcionamento correto da comunidade são ameaçados pelas relações adúlteras em seu meio, além de acarretar outras formas de conflito. Não se trata apenas de uma questão de famílias não se falarem entre si ou de brigas privadas entre marido e esposa. O adultério ameaça a ruptura na sociedade; ele pode anular a cooperação da qual

depende a própria vida comunitária. Eis o motivo de a resolução das questões suscitadas pelo adultério envolver “mediadores” da comunidade, pessoas às quais qualquer membro pode apelar, quando alguma questão necessita de uma decisão. Os mediadores serão os membros idosos da comunidade, sobre os quais recai a autoridade.

Jó vê como apropriado ao seu suposto adultério que a sua própria esposa venha a se tornar parceira sexual ou vítima de outros homens, com a devida vergonha que isso traria à sua própria pessoa. (Caso pareça que Jó esteja sendo insensível em sua atitude com relação à esposa, então precisamos lembrar que ele está falando apenas em teoria, considerando que o objetivo das suas palavras é enfatizar o fato de ele não expor a sua esposa a esse perigo.) Na cultura do Ocidente, a exemplo do que acontece em uma sociedade tradicional, sabemos quão trágica pode ser a consequência de um adultério. Não é necessária nenhuma intervenção divina, mas o adultério pode ser infernal em seus efeitos.

No domingo passado, participei de uma reunião para discutir o ministério da nossa igreja com pessoas desabrigadas; muitas vivem em nossa área, e estamos ao lado de um centro comunitário. Obviamente, sabem que as manhãs de domingo são adequadas para aparecer e ver se temos comida, e, assim, tentamos manter os nossos suprimentos à mão para atendê-las. Um dos tópicos da nossa conversa, no entanto, foi que o instinto delas é procurar pelo reitor, e o instinto dos membros da congregação é enviá-las ao reitor, o que constitui um problema, não apenas porque ele precisa se preparar para o culto. Todavia, há algo correto nesse instinto, pois há uma percepção de que o reitor é o cabeça de uma família, ou seja, da congregação da igreja, e um dos compromissos do cabeça é assegurar que os recursos familiares estejam disponíveis às pessoas em necessidade.

Jó compreendia esse compromisso e podia reivindicar o cumprimento correto dessa responsabilidade como cabeça da casa ou da família. Reconhecidamente, as palavras “casa” e “família” são complexas, porque numa sociedade tradicional elas significam algo muito maior do que uma casa ou uma família no conceito do mundo ocidental. Em Israel, um vilarejo médio pode compreender até duzentas pessoas, que podem pertencer a cerca de três famílias, que, por seu turno, compreendem uma quantidade de casas. A família e a casa incorporam três ou quatro gerações de pessoas que são diretamente inter-relacionadas — pais, seus filhos adultos, os filhos destes e, talvez, uma geração mais antiga de avós. Mas também incorporam pessoas de outras famílias, como viúvas e órfãos, servos e servas, estrangeiros residentes, pessoas cujos parentes não estão mais vivos ou que, por algum motivo, se separaram deles. Numa sociedade assim, a ideia de um indivíduo viver sozinho não existe como uma noção apropriada ou prática, e a família é a estrutura da sociedade para assegurar que ninguém precise fazer isso. Ela constitui a rede de segurança da sociedade, sendo grande o suficiente para não ter o potencial de ser muito opressora. A família como um todo compreende casas suficientes para permitir que uma pessoa busque abrigo em outra casa para evitar tensões ou abusos em sua própria.

Essa é a teoria, embora o Antigo Testamento deixe claro que as coisas nem sempre funcionem de acordo com a teoria. As famílias são afetadas pelo egoísmo humano, o qual elas também são designadas a combater e a ressarcir por ele. A alegação de Jó é de que cumpriu todas as obrigações impostas a ele como cabeça da família. O seu trabalho é garantir que as disputas e os conflitos no seio familiar sejam solucionados, em vez de varridos para debaixo do tapete,

e agir assim, preocupando-se com as necessidades das pessoas destituídas de poder (outra ironia: dentro da família, Jó tem servido como um mediador e advogado dos impotentes, mas, agora, ele mesmo está necessitando de um mediador). Pode-se imaginar que as pessoas pertencentes à família por nascimento e detentoras de um lugar permanente no futuro da família ficassem tentadas a maltratar as pessoas que estão lá como servos e servas. Algumas traduções referem-se aos servos como “escravos”, mas observamos em nosso comentário sobre o capítulo 7 que esse termo é equivocado. Obviamente, aqueles que eram “escravos”, no sentido em que estamos familiarizados no Ocidente, não seriam pessoas supostamente capazes de reclamar ou contender com o seu senhor. Pode-se imaginar que alguns desses servos e servas estejam a serviço da família durante longo tempo, a exemplo do servo de Abraão, em Gênesis 24. Outros podem ser servos temporários, isto é, aqueles previstos pelas regras na Torá e em outras regiões do Oriente Médio com respeito ao serviço resultante de dívidas.

A existência desses regulamentos pressupõe que os servos fossem passíveis de receber um tratamento injusto, e pode-se imaginar disputas entre os servos e demais membros da casa, incluindo Jó. De qualquer forma, como cabeça da casa, Jó é responsável por tudo o que acontecer. Além disso, ele permite que os membros da equipe de sua casa possam abordá-lo diretamente e alega que eles receberiam um tratamento justo. A linguagem usada por ele no versículo 13 (“o caso”, “eles contenderam”) pertence ao contexto de um procedimento de uma disputa formal — é a linguagem que ele mesmo usa para o caso entre ele e Deus e para a forma por meio da qual ele contende com Deus. Talvez Jó reconheça que a sua reivindicação quanto a ser capaz de contender com Deus e apresentar o seu caso diante dele implique que os seus servos tenham o mesmo direito de contender com ele e apresentarem o caso deles contra Jó. Ou, ainda, é possível que ele sinta que, se os seus servos podem agir dessa maneira, igualmente Deus deveria reconhecer o direito de Jó de fazer o mesmo, ao contender e apresentar o seu caso.

Mais explicitamente, Jó apresenta dois pontos relacionados. Um é que ele reconhece Deus como protetor de seus servos, de maneira que Jó tem um motivo pragmático para tratar os seus servos com justiça. Deus irá atrás dele, caso ele os trate de outra forma. Jó se envolveria em outro caso jurídico, no qual, dessa vez, ele é o réu. Deus seria aquele se levantando na corte celestial para apresentar a acusação, e Jó sabe que ser declarado culpado levaria a corte a determinar uma ação que lhe acarretará problemas. Esse é o conjunto de suposições sobre como a

vida funciona no mundo (i.e., a transgressão leva à punição) que Jó afirma, do mesmo modo que os seus amigos — motivo pelo qual ele protesta, com veemência, que a vida não funciona assim, com base em sua experiência. Jó, pelo menos, confirma esse conjunto de suposições pelo bem do seu argumento. Pode-se suspeitar que ele é a espécie de pessoa íntegra que faz a coisa certa porque é o certo a se fazer, não apenas porque tem medo de ser flagrado (que é a visão cínica do adversário).

O outro ponto é o seu discernimento teológico quanto aos seus servos serem da mesma categoria de ser que ele. A despeito da abismal diferença em termos de posição social, o que eles possuem em comum, como seres humanos, é mais significativo. Senhor e servo foram formados por um único Deus. O reconhecimento desse fato subverteria todo o desenvolvimento do comércio escravagista do Ocidente e, consequentemente, a prática da escravidão.

Jó pode reivindicar uma integridade similar em relação às demais pessoas pertencentes à sua família estendida, ou ter uma alegação moral quanto a isso. Primeiramente, ele fala sobre os “pobres”, que são pessoas que não possuem um pedaço de terra. Talvez a tenham perdido do mesmo modo que os que se tornaram servos, mas não tenham encontrado um lugar entre as famílias como os demais. Noemi e Rute estavam nessa posição ao chegarem em Belém; elas são forçadas a subsistir dos grãos caídos ao chão que conseguem pegar e/ou da generosidade de um homem semelhante a Jó, chamado Boaz. Elas, igualmente, são pessoas “necessitadas” que não têm o suficiente para comer, um lugar para morar, um plano de saúde ou roupas adequadas ao inverno. Jó providenciou para que elas tivessem vestimentas quentes de lã.

Trata-se de uma forte alegação da parte de Jó afirmar que não deixou de atender ao desejo dessas pessoas, propiciando-lhes deleite ou prazer. Ele não se refere, meramente, às necessidades delas. Talvez a menção de não comer sozinho à mesa indique a importância dessa reivindicação. Uma pessoa pobre não deseja, meramente, receber um prato de comida que irá comer sozinha. Ela deseja pertencer, e comer na companhia de outros é uma marca de pertencimento. Quando a nossa igreja promove o jantar para os desabrigados de um abrigo local, esperamos apenas servi-los, não comer com eles. No entanto, há algo errado com o sistema que funciona dessa maneira.

Pode-se imaginar que as viúvas e os órfãos, especialmente, tenham essa carência de pertencer. Eles constituem exemplos dos pobres e necessitados; novamente,

Noemi e Rute ilustram o que é estar na posição de tais pessoas. Viúvas e órfãos são pessoas que caíram na estrutura social familiar pela morte do marido ou do pai, e Jó pode dizer que reconheceu essa reivindicação deles. Na realidade, ao longo de décadas (Jó afirma), ele buscou garantir o cuidado a eles, para que os olhos da viúva não falhassem ao procurar em vão por algo que lhe desse esperança. Jó tem consciência de outro aspecto da vulnerabilidade do órfão. Um homem de prestígio e poder, como Jó, sempre tem amigos entre a assembleia de anciãos, junto ao portão da cidade. Agitar a mão contra ele, talvez, implique algum gesto legal, como levantar a mão jurando contar apenas a verdade; um homem poderoso pode cometer perjúrio e roubar alguém por meio de processos legais e amigos no corpo de jurados. A evidência da integridade de Jó em relação a isso é a bênção recebida por ele dos necessitados, a forma de eles expressarem apreciação pelo cuidado de Jó. Caso duvide que eu esteja falando a verdade, Jó sugere, apenas pergunte a eles.

Há um ano ou dois atrás, um amigo perdeu a sua esposa, após um período de enfermidade. Para meu horror, conscientemente senti certa satisfação pelo evento, pois a minha própria esposa havia falecido recentemente, após ficar doente por décadas. De algum modo, a minha perda pareceu menos injusta, porque alguém mais havia passado pela mesma experiência que eu. De fato, foi uma reação horrível da minha parte, embora seja suficientemente reconhecível, a ponto de haver uma palavra para ela: schadenfreude, isto é, prazer ou alegria pelo infortúnio de outro. (É interessante não haver um termo para esse sentimento em nosso idioma, e, assim, tomamos emprestado um termo da língua alemã.)

Muitas das alegações de Jó quanto à sua integridade, nesse capítulo, trazem-me desconforto, pois me fazem questionar se posso fazer as mesmas reivindicações que ele. Presumo que eu não seja a única pessoa que tenha essa reação, o que constitui um dos motivos para dedicar um grande espaço a ela nesse comentário. É possível que Jó esteja iludindo a si mesmo com respeito às suas alegações, embora isso seja algo arriscado, pois elas formam o fundamento do seu caso contra Deus. Além disso, o argumento de todo o livro estaria prejudicado, caso houvesse uma condescendência excessiva nesse capítulo. Expressando de outra forma, essa ampla reivindicação de sua integridade deixa explícito, aos leitores do livro, que Jó não cedeu um milímetro em relação ao argumento de seus amigos sobre o seu sofrimento ser resultante de seu pecado. Ele mostra ter ciência de que as pessoas podem dizer que ele está dourando a pílula quando se refere à sua consciência das consequências que lhe sobrevirão, caso fosse rebelde ou perverso e ocultasse esse fato. A espécie de rebelião ou perversidade que Jó tem em mente envolve, provavelmente, os atos descritos ao longo do capítulo. O primeiro fator desencorajador com respeito a manter a transgressão em segredo é a opinião pública. Ninguém na vila desejaria manter relações com ele. Mas ele segue declarando o seu desejo de que Deus o ouça e responda às suas reivindicações, o que sugere que Jó nada tem a temer de Deus ou da sua comunidade. Ele imagina Deus lhe dando uma acusação por escrito, a qual Jó, então, ostentaria — talvez porque o documento estaria em branco ou, ainda, por ser manifestadamente falso. E Jó imagina que isso lhe dará a chance de responder a Deus.

Não podemos avaliar as alegações de Jó com respeito à sua própria vida (embora a abertura do livro já nos tenha revelado a avaliação de Deus), mas podemos ver

onde elas nos incomodam. Aquela que me deixa mais desconfortável é quando Jó reivindica, na última seção do capítulo, que jamais se regozijou com a queda de outra pessoa. Jó acredita não ser culpado de schadenfreude. Reconhecidamente, Jó matiza a sua alegação para sugerir um desafio distinto. Enquanto escrevo, as pessoas estão debatendo o assassinato de Osama bin Laden, ocorrido duas semanas atrás. A mídia tem exibido imagens de multidões celebrando e soltando rojões na Times Square ou nos arredores da Casa Branca e especialistas argumentando acharem muito apropriado toda essa celebração porque, afinal, a justiça foi feita, enquanto outros a consideram imprópria. Parece que Jó se alinha com os da segunda posição. A satisfação por um líder inimigo perigoso não poder mais atacar os Estados Unidos pode ser aceitável; a celebração por um ato de vingança é uma questão bem diferente.

Em nosso comentário sobre o capítulo 27, observamos que a palavra para repúdio é, com frequência, traduzida por “ódio”, mas que isso não se refere a uma mera emoção; antes, a uma ação. Ela sugere dar as costas a pessoas, não ter nenhuma relação com elas, exceto a de oposição. Jó sabe o que é ser o receptor final desse tratamento, quando nem é merecedor dele, e também tem passado pela experiência de ver problemas atingindo pessoas que adotaram essa posição em relação a ele. Ele poderia ser perdoado por pensar que Deus os estava punindo pela transgressão deles. Jó concorda com os seus amigos quanto a Deus enviar problemas sobre pessoas que fazem o mal, mas declara que não sente alegria ou regozijo quando isso acontece.

Ademais, no caso de alguém questionar, Jó jamais se envolveu em trazer a calamidade a essas pessoas. Ele não diz, exatamente, que jamais orou para que Deus as punisse, mas diz que nunca as amaldiçoou. Há uma íntima ligação entre a oração e a maldição ou a bênção, mas existe uma diferença. A oração considera que Deus irá tomar a decisão sobre o que acontece, e os Salmos dão a impressão de que é possível orar por qualquer coisa, incluindo a punição de pessoas que nos estão tratando errônea e injustamente. Amaldiçoar e abençoar pressupõem que Deus concedeu algum poder no mundo aos seres humanos, de maneira que palavras de maldição e de bênção podem ter uma eficácia inerente — embora outras passagens da Escritura impliquem que as maldições não terão efeito caso sejam proferidas contra pessoas que não a mereçam. A implicação das palavras de Jó é que as pessoas que o tratam mal não poderiam reclamar se ele as amaldiçoasse, mas ele não as amaldiçoa. Ele reconhece que seria uma ofensa contra o que é certo.

Pelo contrário, as outras pessoas em sua “tenda” diriam (ele prossegue, com um tema já abordado antes em sua declaração). Como de costume, o uso que Jó faz do termo “tenda” não significa que ele mora em uma. “Tenda” é um termo figurativo regular para um lar, que é, com frequência, usado por ele. Aqui, fará mais sentido se ele estiver falando sobre outras pessoas que vivem na mesma vila. Seus colegas pensam que ele está louco, pois Jó recebe e dá comida a todos em sua casa. Eles estão saciados da comida que vem da sua mesa, que ele próprio e a sua família poderiam ter comido. A sua própria família precisa compartilhar o espaço privado com esses estranhos que, provavelmente, não estavam muito limpos. Quando os refugiados líbios chegaram na Tunísia, ao longo das últimas semanas, tunisianos, que também passam por dificuldades, abriram as suas casas e compartilharam a sua comida com os refugiados. “É assim que é; esses são os nossos costumes”, um deles comentou. “Se há alimento para comer, iremos comê-lo juntos. Caso não haja nada para comer, nada teremos juntos.” Muitos no mundo ocidental considerariam esse ato extraordinário e, da mesma forma, muitos moradores na vila de Jó, mas ele era capaz de se identificar com isso.

Essa última seção da declaração de Jó, na realidade, começa com sua reivindicação de jamais ter confiado em seus recursos materiais, o que é algo relevante para um homem bem-sucedido como Jó. Ele prossegue referindo-se à tentação de olhar para o sol e a lua (beijar as mãos, talvez, seja o mesmo que lançar um beijo). Os poderes celestiais são potenciais objetos de confiança, pois outros povos, normalmente, olhavam para eles em busca de orientação e os tratavam como se determinassem os eventos na terra. Dar muita atenção a eles, nesse sentido, transformaria a adesão de alguém a Deus em engano. Além disso, a exemplo do adultério, não seria apenas um pecado privado, mas uma ação que envolveria toda a comunidade e, portanto, diz respeito a todos. A Torá fala sobre a comunidade ter a responsabilidade de lidar com uma pessoa envolvida em idolatria, e a menção de Jó à mediação adota a mesma consideração. A declaração é encerrada com a alegação de sempre ter conduzido o seu trabalho adequadamente. Jó não falhou em dar à terra os seus anos sabáticos, em pagar os seus dízimos ou em pagar os seus trabalhadores de maneira justa e, portanto, de jamais colocar em perigo a vida deles. Jó examinou toda a sua vida e pode reivindicar ter vivido com integridade em todas as áreas dela. Ele está pronto a confrontar Deus ou ser confrontado por ele, e estamos prontos para o confronto; assim, o que vem a seguir será uma surpresa.

Eu era uma “criança da palavra”. Na verdade, ainda sou, embora também seja uma criança da música e das pessoas. A Word Child é um romance escrito por Iris Murdoch sobre um homem para quem as palavras são os meios de sua redenção ou felicidade. As palavras o salvam. No meu caso, foi assim desde o início, e não porque eu tivesse um cenário familiar sombrio, como o do personagem principal do romance. Recordo-me de ter tido problemas com uma biblioteca pública, quando retirei alguns livros pela manhã e queria devolvê-los à noite, para pegar outros livros. Embora estivesse destinado a passar a minha vida trabalhando em fábricas, como os meus pais, caso tivesse nascido uma década antes, na época em que nasci, o céu era o limite educacional para as crianças britânicas comuns. As palavras, então, puderam se tornar não apenas algo que eu amava ler, mas que também adorava escrever. Vocês são as vítimas.

Eliú é uma criança da palavra. Ele as ama, e ama as palavras pelas “palavras” — ele usa três diferentes expressões para “palavras”, as quais traduzi por “discursos”, “coisas para dizer” e “abrirei os meus lábios”. Claro que suas palavras são proferidas em vez de escritas, que é a forma mais comum de expressá-las na cultura ocidental, antes da invenção da prensa. No entanto, a função das palavras ainda se sobrepõe ao encargo que elas têm na cultura moderna. Eliú concorda com os três amigos quanto à importância das palavras quando lidamos com uma experiência similar à de Jó, posição com a qual o próprio Jó concorda. Portanto, no tocante a essa matéria, Deus, igualmente, concorda, a julgar pelas palavras que Deus profere, no devido tempo.

Os três amigos de Jó desistiram das palavras, pois falharam em demover Jó de sua convicção sobre ser justo. Eles colapsaram e, portanto, implicitamente, impõem limites às palavras, o que pode ser totalmente convincente para o orador, mas não tem nenhum impacto sobre o ouvinte — ou, talvez, cause apenas um impacto negativo. Provérbios e Eclesiastes, os outros livros do Antigo Testamento que, ao lado de Jó, buscam oferecer às pessoas discernimento sobre a vida (os quais são, regularmente, chamados livros de Sabedoria), em geral comentam sobre a inutilidade e o perigo das palavras, embora seus comentários descontruam essa noção, pois os livros estão repletos delas. O livro de Jó, igualmente, é permeado de palavras, mas isso testifica quanto à sua inutilidade. (Quando sou questionado sobre o que eu seria caso não fosse professor de Antigo Testamento, minhas respostas favoritas são as de que seria um jornalista especializado em música, especialmente sobre rock, ou um

terapeuta. Hoje, percebo que a primeira alternativa — a exemplo de um professor — depende do uso de muitas palavras, enquanto a segunda depende mais de ouvir palavras do que expressá-las.)

Eliú não consegue enxergar a ironia em sua atitude com relação às palavras. Pode-se imaginar que o seu reconhecimento quanto à inutilidade das palavras dos três amigos o deixasse hesitante no acréscimo a elas. Pelo contrário, ele é como um professor de Antigo Testamento. Há muitos questionamentos sobre a origem dos livros do Antigo Testamento e a sua história, e ninguém sabe como resolvê-los. Já mencionei um deles antes: se algo adverso ocorreu à segunda metade do livro de Jó, causando a ordem incorreta dos capítulos. Inúmeras pessoas sugeriram como organizar o livro na ordem original, mas esse processo não angariou um senso comum para ser efetivado. Isso sugere que, se o livro foi reordenado, não podemos recuperar a ordem original, mas isso não nos impede de gerar novas sugestões. A exemplo de Eliú, descobrimos que a falha das teorias de outras pessoas nos encoraja, em lugar de desencorajar, a apresentarmos a nossa própria ordem.

Parece que Buz, como Uz, está localizado em Edom, e assim Eliú é apresentado como alguém que compartilha a conhecida experiência dos edomitas sobre a sabedoria humana, algo que ele e os três amigos têm em comum. A seu favor, Eliú tem a sua juventude, mas, em uma sociedade que respeita a idade, isso também o desfavorece, pois ele deve se calar enquanto os mais velhos falam e permanecer assim até que eles tenham terminado. No entanto, agora, os amigos de Jó desistiram de argumentar. Eles acreditam no próprio discernimento, mas aceitaram a incapacidade de vencer Jó quanto ao seu modo de pensar. Deus é o único capaz de fazê-lo. Os eventos mostrarão que eles estão certos quanto a Deus mudar a posição de Jó, embora não na direção que eles têm em mente.

Eliú “sabe” o que precisa ser dito a Jó. Por duas vezes, ele se refere ao que “sabe”; certamente, falta de confiança quanto ao próprio conhecimento não é uma característica comum da juventude. Uma citação, atribuída a Mark Twain, declara: “Quando eu era um garoto de 14 anos, meu pai era tão ignorante que eu mal conseguia ficar perto daquele senhor. Mas, quando completei 21, fiquei estarrecido com quanto ele havia aprendido nesses sete anos.” Como afirma um adesivo de para-choque: “Contrate um adolescente — eles sabem tudo.” Talvez o autor do livro de Jó saiba que haverá jovens entre os ouvintes do livro que, a essa altura, estarão murmurando para si mesmos a espécie de argumento que Eliú usa: “Os mais velhos estão presos em sua cegueira sobre como as coisas

realmente são.” Antes de Deus permitir-se entrar em cena, o livro não quer deixar nenhuma dúvida na audiência de que todos os argumentos possíveis foram apresentados e que Jó é um sofredor inocente.

No entanto, a convenção exigia que Eliú se mantivesse calado, e ele sente-se reticente para falar. O relato observa, por quatro vezes, que o seu silêncio o deixou irado com os três amigos e com Jó pelo mesmo motivo que os levou a ficarem frustrados com Jó. A ira de Eliú sugere, todavia, outra ironia. A ira é outro tópico sobre o qual Provérbios e Eclesiastes advertem. Os tolos é que se iram, dizem. A reivindicação de Eliú para compartilhar discernimento é comprometida por sua raiva.

A autoindulgência do jovem é alimentada pela teologia tanto quanto por sua idade. Mas a sabedoria ou o discernimento não advêm da idade, mas do espírito de Deus. Curiosamente, essa é a fonte referida por Elifaz em seu primeiro discurso a Jó, mas ele se referia a uma experiência especial e incomum de receber uma mensagem divina, a exemplo de uma profecia. Por “espírito” Eliú quer dizer que há algo do “fôlego de Shaddai” em todos. Para “fôlego”, ele usa a mesma palavra presente em Gênesis para descrever que Deus soprou o fôlego de vida em Adão, enquanto “espírito” é a mesma palavra usada em Gênesis para descrever o dilúvio destruindo tudo que tinha o espírito de vida. A humanidade comum de Eliú, como um ser criado à imagem de Deus, é que lhe dá algo para dizer.

Há outro significado quanto à sua fala em termos de espírito. Eliú alega não estar falando a respeito de um mero discernimento intelectual. Em certo sentido, ele concorda com Elifaz. Quando a Bíblia fala sobre o espírito de Deus, ela está se referindo a uma realidade que é intensa e dinâmica, não fria e racional. O espírito de Deus capacitou Sansão a matar um leão. Eliú está falando compulsivamente e atribui essa compulsão à atividade do espírito de Deus em seu interior, que foi ali colocado na criação. Quer Eliú esteja se autoenganando quanto ao próprio discernimento quer não, ele oferece um sugestivo ângulo sobre a criação e o espírito de Deus. Quando o espírito de Deus está ativo em alguém, não se trata de um impulso externo, mas da manifestação de um aspecto da maneira pela qual Deus nos fez. Ele nos criou como pessoas que pensam em teorias sobre como a vida funciona e questionam tanto o comportamento de nossos amigos quanto a autoridade deles. Todavia, obviamente isso não significa que sempre estamos certos ao agir assim. O espírito de Deus supera os impulsos, as habilidades e os raciocínios humanos naturais.

Pouco tempo atrás, certa mulher veio me ver para falar sobre uma ocasião na qual ela recebeu um cuidado pastoral de outras pessoas; ela disse que esse episódio a perturbou durante anos. Notei que ela era uma mulher inteligente e talentosa, mas carente de autoconfiança. Ela me contou que no processo de pastoreio dessas pessoas, percebeu que a sua falta de confiança resultava de uma educação complexa que incluía o divórcio dos pais quando era ainda muito jovem. As pessoas que estavam orando com ela sobre as suas necessidades pessoais acreditavam que ela estava possuída por vários demônios e, assim, passaram a noite exorcizando-os. Essa experiência a perturbou muito, o que seria compreensível, independentemente do que se creia quanto as realidades assumidas por esse processo. Igualmente, ela não considerou essa experiência libertadora. Ao contrário, durante os anos seguintes, esse evento a fez dar um passo atrás em sua visão ou em suas expectativas quanto ao envolvimento de Deus em sua vida, bem como em sua compreensão do papel do Espírito Santo em nossa vida.

Não estou certo com respeito à Bíblia nos fornecer uma base para pensar que o demônio possa se apossar de uma pessoa que pertence a Cristo, mas mesmo considerando que seja possível, apenas a pretexto de argumentação, parece-me, todavia, que essas pessoas exerceram um ministério inapropriado àquela mulher. Eliú está correndo um perigo equivalente. Na realidade, os três amigos também, mas a perspectiva de Eliú tanto é mais construtiva quanto mais perigosa que a deles, não apenas por seu apelo à atividade do espírito de Deus de uma forma passível de manipulação.

A exemplo dos amigos, Eliú possui uma teoria sobre como a vida com Deus funciona, especialmente no contexto de sofrimento. Quando estamos sofrendo, podemos pensar que Deus está nos ignorando, da mesma forma que Jó considerou. Deus não nos ignora, afirma Eliú. Antes, Deus fala conosco por meio de nosso sofrimento. Deus busca nos impedir de ações erradas e, portanto, nos providencia uma saída para não enfrentarmos a majestade de Deus ou evitar que o nosso sofrimento se transforme em morte. O problema é que as pessoas não o ouvem. Trata-se de uma teoria plausível, mas é uma explicação que faz os sofredores se sentirem pior, caso estejam, arduamente, tentando ouvir a Deus sem, contudo, conseguir.

Suponha que o sofrimento atinja você na forma de uma enfermidade grave que

ameaça a vida. E imagine que você seja, basicamente, uma pessoa íntegra, ainda que tenha feito algo que exija um castigo divino sério. A teoria de Eliú é a de que, caso tenha sorte, você poderá ter um campeão sobrenatural desempenhando um papel que Jó disse que anseia ou deseja; afinal, há milhares deles. Eliú pensa, então, em termos de um gabinete celestial, embora também fale do campeão ficando ao lado do sofredor. Assim, em certo sentido, a ideia é de que o sofredor esteja ali, na reunião do gabinete celestial, onde o seu caso está sendo considerado (há uma cena similar em Zacarias 3). O campeão assume a defesa do sofredor e fala por ele. Ele, portanto, atua graciosamente em benefício do sofredor. O próprio uso da palavra "graça" sugere que a ação do campeão não seja baseada apenas no mérito do sofredor. Simplesmente, o campeão apela a Deus para "redimi-lo", pois ele encontrou um "resgate". Ele não nos revela que resgate é esse — talvez seja a integridade geral do sofredor, que deveria contrabalançar a transgressão particular que levou ao seu castigo, ou, ainda, seja a disposição do sofredor ao arrependimento, algo que não foi citado ainda, mas que será expresso em breve.

Seja como for, isso deveria significar a sua restauração total. Ele será capaz de adentrar o santuário, orar e descobrir aceitação com Deus ali, e ter a sua oração respondida. Eliú pode não estar observando uma ordem cronológica — possivelmente, a restauração, na realidade, segue a oração. De qualquer modo, o sofredor verá a Deus. Não é comum o Antigo Testamento falar nesses termos, porque isso implicaria olhar para alguém cuja resplandecência é mil vezes maior que a do sol. É possível que seja uma metáfora, do mesmo modo que os cristãos quando falam sobre ver Deus, e Eliú queira expressar que o sofredor terá a experiência de estar na presença de Deus, ou, talvez, que ele verá a ação de Deus — de ver a sua restauração em resposta à sua oração. Considerando que Deus tem retido a sua fidelidade do sofredor, ele, agora, a mostrará uma vez mais. Assim, ele será capaz e terá motivos para unir-se ao tempestuoso reconhecimento de Deus que o restante da congregação oferece. Em vez de permanecer separado dela, como tem ocorrido em sua enfermidade, ele será capaz de unir-se ao seu cântico e acrescentar o seu próprio testemunho daquela fidelidade.

Até aqui, tudo bem. No entanto, agora vem o ferrão na cauda. Até então, Eliú tem recomendado a Jó a mesma espécie de posição e de prática pressupostas nos Salmos. Quando as coisas vão mal em nossa vida, deve-se apresentá-las a Deus e protestar da maneira que Jó faz, na esperança de que Deus responda. Quando a resposta vem, deve-se dar testemunho na congregação. Todavia, o livro de

Salmos dificilmente assume que o sofrimento seja resultante do pecado. Na verdade, os salmos apresentam a mesma categoria de protesto expressa por Jó: a de que a aflição tem surgido a despeito da fidelidade. O ferrão na cauda é que Eliú apresenta o sofredor reconhecendo o delito que cometeu e que resultou em seu sofrimento, independentemente da integridade prévia de sua vida. A despeito de todas as suas alegações quanto a ter algo novo a dizer, a compreensão de Eliú a respeito da posição de Jó e de como a vida com Deus funciona não é tão distinta daquela dos amigos. Jó está sofrendo; então, deve ter pecado e precisa arrepender-se. O ministério pastoral de Eliú possui um paralelo ao ministrado à mulher citada no início de meu comentário. Às vezes, pode ser adequado, mas o seu uso como teoria universal é debilitante e deixa o objeto de sua ministração em um estado pior do que antes. Embora Eliú comece afirmando sua identificação com Jó e dizendo que ele não precisava temer nada dele, na realidade Eliú está tão distante do sofrimento de Jó quanto os três amigos estão, e Jó tem até mesmo mais a temer dele.

Um aluno tem argumentado comigo sobre ser obrigado a ler livros que estão repletos de palavras como “escatologia” e “pneumatologia”, e sentenças sobre “a autocomunicação e a autotranscedência reveladora ontológica” de Deus, ou, ainda, sobre o “teatro supralapsariano-soteriológico”. Esses livros (diz ele, com ironia) são intelectualmente confusos. Lê-los é similar a ter a boca cheia de algodão-doce em lugar de alimento. E as contribuições que os colegas fazem em classe são semelhantes. Uma das minhas respostas é que os alunos são propensos a imaginar que as palavras longas, terminadas com “gia”, sejam uma coisa boa (e, claro, essas palavras extensas constituem termos técnicos úteis). Tais expressões soam como se dissessem algo impressionante, embora sua tendência seja a de se dissolverem como algodão-doce, caso alguém pergunte o que elas significam.

As palavras de Eliú, proferidas a Jó, nos transmitem uma sensação similar. Trata-se de um problema do rapaz. Talvez, a exemplo de muitos jovens, Eliú esteja procurando por um fórum no qual possa apresentar um discurso que preparou, com o objetivo de mostrar quanto ele é inteligente. Eliú prossegue sem parar, e tudo o que queremos fazer é interrompê-lo para gritar: “Você não está dizendo nada; é, pelo menos, tão ruim quanto os amigos que criticou.” O principal fardo de seu discurso é, simplesmente, reafirmar o ponto já proferido pelos amigos, sem levar em conta o questionamento pelo que aconteceu a Jó. O caso é que Deus age justa e fielmente; afinal, ele tem poder, e não há ninguém mais a cargo do mundo, nem ninguém que o tenha colocado nessa posição. Além de possuir uma natureza moral, Deus tem o poder que torna possível, e também necessário, cuidar para que o mundo funcione de uma forma justa. Confrontado pela questão: “Se Deus é poderoso e bom, como podemos levar em conta as coisas ruins que ocorrem a pessoas boas?”, é possível correr o risco de comprometer a bondade divina pela anuência de que Deus faz coisas que parecem bem questionáveis (essa era a proposição de Jó e, regularmente, do Antigo Testamento). Ou seria possível arriscar comprometer a soberania de Deus pela atribuição dos eventos malignos a Satanás e/ou ao livre-arbítrio humano (essa é a proposição cristã comum). Ainda, seria possível negar que coisas ruins ocorrem a pessoas boas (a proposição de Eliú).

O seu discurso segue focando a soberania de Deus como o que avalia os governantes e os derruba conforme inúmeras histórias do Antigo Testamento mostram (Reis, Crônicas e Daniel oferecem muitos exemplos). Deus não presta

mais atenção aos governantes do que às pessoas comuns e ele os derruba, às vezes usando pessoas comuns do povo, mas isso inclui eventos tão notáveis que é difícil atribuir a queda desses governantes apenas à mera ação humana. Deus não precisa empreender inquéritos ou investigações complexas sobre o que está ocorrendo ou quanto ao que fazer. Ele pode apenas fazer e agir publicamente para que todos vejam. Portanto, quando Deus não age, ninguém pode, legitimamente, perguntar o que está ocorrendo ou desafiá-lo.

Assim, Eliú coloca Jó em uma espécie de vínculo duplo. Sabemos que Deus é bom e soberano, de maneira que o relato de Jó sobre a sua experiência não pode estar correto; e essas verdades quanto ao governo excluem o seu próprio questionamento quanto aos atos divinos. Por definição, esses atos são bons e soberanos e, portanto, não há o que discutir. Essa conclusão estaria perfeita caso você fosse Eliú, mas deixa Jó sem saída quanto à sua consciência sobre o que lhe aconteceu e como a natureza de sua relação com Deus era antes de a calamidade o atingir. Muito menos Jó está sozinho em seu dilema, pois não é apenas a sua experiência individual que não se encaixa com o relato de Eliú sobre a atividade divina no mundo. O discurso de Eliú seria risível caso não fosse tão sério e grave em suas implicações. Claro que é possível assegurar que Deus, às vezes, derruba o mal e age em favor dos fracos. Entretanto, seria necessário manter os olhos firmemente fechados para afirmar que sempre é assim.

Formalmente, os discursos de Eliú diferem daqueles dos três amigos pelo fato de os quatro discursos de Eliú serem apresentados em continuidade, mesmo que o sejam como unidades separadas; ele, na realidade, fala mais extensamente que os demais. Uma característica dos discursos de Eliú é a forma pela qual ele, diretamente, cita ou resume as palavras de Jó. Eliú descreve Jó bebendo o desprezo como água, um modo estranho de indicar que (como poderíamos dizer) sua crítica jocosa quanto ao ensino dos amigos é derramada de sua boca como uma torrente. O seu breve resumo é a alegação de que Jó afirma não haver ganho algum em se viver para agradar a Deus. Isso o assusta, pois Eliú considera que isso remove a base para um viver moral. Igualmente, o priva daquilo que ele acredita ser a chave controladora de como a sua própria vida funciona e o expõe ao risco de parecer um tolo por viver moralmente.

Eliú, na realidade, não acusa Jó de ser ímpio ou infiel, mas o acusa de andar ao lado de tais pessoas, pois as suas declarações as encorajam a prosseguir vivendo de forma ímpia e infiel. É importante que as pessoas creiam que Deus pune a iniquidade, ainda que isso não seja verdade, porque, caso contrário, que

motivação elas teriam para viver de modo agradável a Deus? Uma vez mais, há certa ironia na acusação de Eliú, pois o ponto de partida do livro é se Jó vive de modo justo apenas porque isso compensa. Jó realmente falou o que Eliú alega, e a persistência em seu compromisso de viver uma vida de integridade, mesmo que isso não compense, é o que comprova que ele não vive assim apenas porque é compensador. O grande significado do livro é argumentar que o nosso viver será tanto bom quanto autêntico apenas se vivermos com esse compromisso, não pelo lucro que podemos obter. Esse argumento é o que Paulo pressupõe em Romanos 6. Em resposta à pergunta: “Continuaremos pecando para que a graça aumente?”, o apóstolo não diz: “Se você adotar essa atitude, descobrirá que a graça não transborda.” Antes, ele responde: “Se adotar essa atitude, isso mostra que, até aqui, não compreendeu nada sobre o meu argumento quanto ao propósito de Deus nos redimir.” Ambos, Jó e Paulo precisam enfatizar o ponto, porque é contrário ao senso comum aceitar que Deus espera que ajamos com retidão independentemente das nossas circunstâncias, dos nossos sentimentos ou do tratamento que recebemos das pessoas que nos rodeiam.

Um aspecto dos quarenta e dois anos durante os quais a minha primeira esposa sofreu com a esclerose múltipla foi o de ser uma experiência de provação periódica, ou mesmo de teste contínuo (mas isso também foi jubiloso). À medida que ela passou a se sentir recorrentemente cansada, não conseguiu mais fazer coisas na casa, não pôde mais demonstrar muito interesse em minhas preocupações e ansiedades, passou a andar cada vez mais lentamente, não pôde mais cuidar de suas necessidades pessoais, começou a ter problemas de memória, se irritou cada vez mais comigo, passou a necessitar de ajuda para deitar ou se levantar da cama, não conseguiu mais se alimentar ou mesmo falar — como eu deveria lidar? A minha imagem em relação a isso é que foi semelhante a um treinamento para levantamento de peso. Ao conseguir levantar determinado peso, o resultado era o de não desistir, mas prosseguir treinando. E logo vinha um peso maior, para ver se eu também conseguiria levantá-lo. Às vezes, o meu sentimento era de que estava sendo testado em meu limite, mas isso me fazia crescer.

Eliú fala em pessoas pensando que seria bom para Jó ser “testado até o limite”. Isso é exatamente o que está acontecendo a Jó. O primeiro parágrafo (34:31-37) principia com Eliú falando a Jó sobre uma pessoa hipotética, mas o próprio Jó é a pessoa que Eliú tem em mente. O conselho de Eliú é que Jó necessita reconhecer diante de Deus, pelo menos, a possibilidade de ele ser injusto e de mudar os seus caminhos, caso necessário. Ao reconhecer a possibilidade de não ser justo, Jó deve também reconhecer que aceitará as consequências em vez de protestar contra a maneira pela qual Deus o está tratando. Caso seja culpado, certamente não deve esperar poder decidir o que lhe ocorrerá como punição. Além de desafiar Jó a reconhecer isso, Eliú o confronta com o que as demais pessoas (supostamente) dizem: que, na realidade, Jó não possui o discernimento necessário para reconhecer o que está acontecendo entre ele e Deus. É em conexão com isso que elas pensam que Jó necessita ser provado. Jó fala muito como a pessoa infiel, ao questionar se a transgressão recebe a sua recompensa (obviamente, é do interesse dos infiéis questionar essa verdade). As pessoas acreditam que Jó seja um declarado e entusiasta rebelde contra Deus. Eis o motivo pelo qual ele precisa ser testado. A ironia é que o próprio processo de falsa acusação que Jó está sofrendo da parte de Eliú e das (possivelmente imaginárias) pessoas que concordam com Eliú já é resultante de uma provação que leva Jó ao limite.

Eliú prossegue atribuindo palavras ainda mais severas a Jó, como se ele estivesse perguntando a Deus se as ações de Jó fazem alguma diferença, ou se, de acordo com a visão de Jó, não há nenhuma vantagem em se evitar o pecado. É difícil imaginar palavras mais céticas ou desesperançadas. Elas implicam, simplesmente, que inexiste qualquer ponto de contato entre Jó e Deus, pois Jó não faz nenhuma diferença para Deus; este não faz nenhuma diferença para Jó. Humanidade e Deus vivem separados, em mundos hermeticamente selados. Eliú, de modo algum, está em completo desacordo com a visão que ele mesmo atribui a Jó, mas extrai conclusões diferentes. Sim, Deus está nas alturas, e nada do que fazemos pode, de fato, afetar a Deus, mas a nossa fidelidade ou infidelidade afeta outras pessoas. Trata-se de uma profunda e inteligente meia verdade, estranhamente agradável para uma cultura liberal na qual a religião pode não parecer nem aqui nem lá e onde amar o seu próximo e ser socialmente engajado era o que realmente importava.

Um judeu ou um cristão pode responder com gratidão ao fato de sabermos que o nosso relacionamento com Deus é semelhante ao de um pai com seu filho. Embora haja um mundo de diferença entre pai e filho, e o pai tenha toda sorte de interesses e atividades dos quais o filho não compartilha, os pais se importam passionalmente com a vida e as ações de seus filhos, e são profundamente afetados por elas. Essa condição permanece inalterada quando os filhos crescem e se tornam adultos. Assim é com Deus, cuja relação conosco é como a de pais com seus filhos e suas filhas (não dos pais com seus filhos pequenos) — ainda com a espécie de autoridade que os pais têm em relação aos filhos adultos em uma sociedade tradicional. O livro de Jó pode estabelecer o ponto de uma forma distinta. Ele não vê Deus e Jó como pai e filho, ou fala sobre a relação como sendo de amor. No entanto, o livro os vê como senhor e servo, e, ainda que haja um abismo de diferença entre senhores e servos, esse relacionamento é de compromisso e envolvimento mútuos. O que o servo faz importa ao senhor e é de real utilidade para ele. A cena no céu mostrou como o comportamento particular de Jó, de fato, importa para Deus, a ponto de Deus apostar a sua reputação nisso. Embora Eliú esteja certo quanto à conduta de Jó importar consideravelmente a outros seres humanos, ela é importante também para Deus.

Na visão de Eliú, parece equivocado ter elevadas expectativas quanto ao envolvimento divino no mundo. Ele encerra com algumas explicações parciais sobre a falha de Deus em intervir no mundo, quando os oprimidos clamam ao serem submetidos ao poder de pessoas poderosas. Deus não intervém apenas porque as pessoas estão em dor. Às vezes, o problema é que as pessoas clamam,

mas não a Deus. Elas não incluem Deus na equação, o Deus que é o Criador delas (mesmo que, agora, não façam diferença para ele), o Deus que lhes dá cânticos para cantar à noite (em outras palavras, que os capacita a cantar em louvor, mesmo quando as circunstâncias são sombrias), e o Deus que lhes concede uma compreensão sobre como a vida funciona.

O Antigo Testamento apresenta alguns exemplos de pessoas clamando, sem, contudo, trazer Deus para o quadro. Os israelitas no Egito clamaram, mas o texto não diz que eles clamaram a Deus ou faz menção a ele. O povo de Israel no deserto clamou a Moisés, não a Deus. Os judaístas no exílio babilônico se referiram a Deus; eles reclamaram que Deus não deu atenção às necessidades deles, nem à condição na qual viviam. Mas eles também estavam falando sobre Deus, não a Deus. Em cada caso, Deus responde, mas o ponto defendido por Eliú pode ser válido: as pessoas que não incluem Deus na equação ou que reclamam dele segundo o modelo de Salmos dificilmente podem reclamar caso Deus não lhes responder.

Está Eliú sugerindo que Jó não incluiu Deus na equação? Certamente, Jó, às vezes, apenas lamentou ou se referiu a Deus em lugar de falar com ele, embora tenha dirigido suas palavras a Deus com certa frequência. Todavia, Eliú expressa outro motivo para Deus não responder ao clamor das pessoas, no qual ele considera apanhar Jó. Deus pode não responder ao clamor dos oprimidos quando eles são infiéis. Nem toda pessoa oprimida é uma vítima da iniquidade. Elas também podem ser seus perpetradores. Jó protesta que Deus não dá atenção ao seu caso, independentemente de quanto tempo ele espera, a exemplo de um suplicante que espera o rei agir. Quando a opressão está em derredor, Deus deveria mostrar alguma ira. O comentário de Eliú é que, na verdade, Deus não dá atenção a casos que não têm substância. Jó está falando bobagem.

Ocasionalmente, recebo a visita de um jovem para discutirmos o que está acontecendo entre ele e Deus. Ele costumava parecer deprimido, mas a depressão se dissipou quando ele compreendeu que sentia atração por outros homens, não por mulheres. Ele se envolveu em inúmeros relacionamentos homossexuais e, então, decidiu que, embora não devesse se sentir culpado quanto à sua orientação, precisava renunciar ao equivalente à promiscuidade em seus relacionamentos. No entanto, manter uma vida celibatária também era difícil e, mais recentemente, ele (como ele mesmo expressou) "caiu" novamente no estilo de vida ao qual havia renunciado. Todavia, ele tinha a sensação de que Deus o estava "seguindo" aos lugares para os quais ia, e o estava "observando", não num sentido hostil, mas, simplesmente, pelo fato de estar lá. O rapaz sabia que precisava retornar à prática do celibato que abandonara. (Não estou aqui pressupondo uma resposta para a questão ética mais ampla quanto aos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, que envolvam um compromisso e uma aliança; era o envolvimento mais efêmero e passageiro que suscitava a questão ética, como seria no caso de relacionamentos heterossexuais.)

Embora Eliú tenha a rudeza própria de um jovem, ele não está totalmente iludido ao reivindicar oferecer um discernimento que falta aos amigos, e sua conversa sobre Deus nos "seguir" e nos "observar" (para usar as palavras do rapaz com o qual eu converso) quando "caímos" em malfeitos é digna de reflexão. Jó disse que o fato de Deus o ter criado é uma expressão do compromisso, do amor de Deus, mas ele não consegue ver nenhum compromisso ou amor na maneira em que Deus está se relacionando com ele agora. Jó falou sobre como Deus, então, o está observando, e sabe que ainda está sob a observação divina, mas, agora, parece uma espécie de vigilância negativa.

Eliú sabe da verdade expressa em 2Pedro 3, de que Deus não quer que ninguém pereça, mas deseja que todos cheguem ao arrependimento. Essa declaração tornou-se uma bola de futebol chutada entre calvinistas e arminianos, o que é uma vergonha, pois ela expressa uma verdade que nos encoraja, sejamos ou não pessoas que necessitam de algum arrependimento no momento. Eliú sabe que Deus nos observa à semelhança de um pai ou de uma mãe que estão mais interessados em nos ver distantes de estilos de vida errados do que em nos castigar, ainda que não se furte a isso, caso seja necessário. De igual sorte, Deus é como um senhor interessado em ver se estamos realizando o trabalho que ele deseja que seja feito, um soberano que está interessado em nossa lealdade e em

nosso compromisso, ou como um professor interessado em ver os seus alunos anotando o que ele diz.

Eliú não está preocupado, aqui, com pessoas escandalosamente perversas, pessoas que ele menciona como os ímpios que não clamam a Deus quando o problema os atinge, que estão acumulando a ira divina para si mesmos. A sua preocupação é com aqueles que pertencem às fileiras dos fiéis, mas que caem em algum delito particular. Ele os cita como os humildes — são pessoas comuns sem nenhum poder. Os que são humildes nesse sentido objetivo podem não ser humildes no sentido de mansos, embora isso possa ocorrer. Similarmente, as pessoas em posição de poder podem não ser orgulhosas, mas é difícil conciliar poder e mansidão.

Portanto, pessoas fiéis podem agir com soberba, e Deus pode, desse modo, necessitar derrubá-las dessa exaltação, mas ele não simplesmente as destrói. Deus "abre os seus ouvidos" para atraí-las de volta ao "ouvir e servir", a atitude de submissão a Deus (e a outras pessoas?) que está envolvida em uma humildade que significa mansidão de atitude, não apenas ausência de poder na sociedade.

Há dois aspectos quanto ao aprendizado dos alunos: o professor falar e o aluno ouvir. A interface entre esses dois aspectos é um mistério. Como professor, digo a mesma coisa para um grande número de estudantes; alguns compreendem, e outros não. Meu maior desafio é levá-los a abrir os seus ouvidos. Apenas falar com clareza pode não bastar para alcançar esse objetivo. No último fim de semana, meus ouvidos se fecharam por causa do excesso de cera, como ocorre de tempos em tempos. Até conseguir amolecer a cera e extraí-la, as pessoas falavam claramente, mas eu não conseguia ouvi-las. O ponto defendido por Eliú é que Deus não se restringe a apenas falar claramente. Expressando nos termos de Jeremias 31, não é suficiente apenas inscrever com total clareza em tábuas de pedra o ensino de Deus quanto a cultuar somente Yahweh, não fazer imagens e guardar o sábado. Esse ensino precisa ser escrito na mente das pessoas. Quando isso acontece, agimos com base nele. O grande mistério é como escrevê-lo em nossa mente. Eliú declara que Deus conhece esse desafio e o cumpre. Talvez Deus, simplesmente, se aproxime do ouvido das pessoas para que elas não percam as suas palavras, do mesmo modo que eu preciso que as pessoas falem mais perto de mim quando a minha audição é prejudicada pelo excesso de cera. As pessoas, então, ouvem a correção de Deus. Em outras passagens a palavra para "correção" sugere uma ação que castiga (como em nosso eufemismo "instituição correcional"), mas, aqui, o termo é explicado pela segunda linha do

versículo, na qual Deus diz que elas devem se afastar da iniquidade (a exemplo do que ocorre no fim do poema, no capítulo 28).

Eliú prossegue aplicando o seu discernimento a Jó. Deus o tem tirado das garras da angústia. O verbo, aqui, é sugestivo; ele é, com frequência, traduzido por "atrair" ou "seduzir". Isso nos convida a imaginar Deus sussurrando no ouvido de uma pessoa: "Vamos, você sabe que o que está fazendo não é certo nem é sábio. Pare com isso!" A expressão para "angústia", igualmente, significa "estreito" ou "estreiteza", e Eliú trabalha com essa imagem. Deus deseja que estejamos em um lugar amplo e espaçoso, não em um lugar restrito. A imagem sugere uma vida boa, e isso conecta-se com a ideia de luxo, expressa na imagem de uma mesa cheia de riquezas, isto é, de boa comida. Por esse sussurrar, Deus abre caminho para livrar os humildes em sua humildade. A alternativa para o local amplo é a travessia prematura do rio, é jamais aprender as lições necessárias sobre a vida. As pessoas morrem na juventude mediante os santos (uma expressão, de fato, estranha, talvez referente aos agentes sobrenaturais por meio dos quais Deus age).

Eliú vê Jó na posição de alguém sob a ação cuidadosa e pastoral de Deus, para afastá-lo de sua transgressão incomum. Eis por que Jó está experimentando o pleno juízo por causa de pessoas infiéis, o motivo de ele ser a vítima da tomada de decisão divina. Jó corre o perigo de zombar de pessoas como Eliú, capazes de interpretar a sua posição, e ele não deve pensar que a sua riqueza pode, de algum modo, comprar a saída da situação em que se encontra, nem deve ceder à tentação de se unir aos malfeitores em seus atos sob a cobertura da noite ("Se estou sendo tratado como um malfeitor, então devo agir como um"). Embora a descrição iluminadora de Eliú sobre como Deus exerce o cuidado pastoral seja irrelevante para Jó, na medida em que Deus não está em posição de precisar afastar Jó da transgressão, os seus comentários sobre essa tentação estão alinhados com o que sabemos do início da história.

A janela junto à minha escrivaninha fornece uma vista para o nosso pátio, pela qual posso ver gerânios começando a florescer, gaios azuis vindo se banhar na fonte, e esquilos tentando lembrar onde esconderam as suas nozes. Um pé de manjericão fica sobre uma mesa e providencia as folhas para preparar mais molho pesto, quando usamos todo o lote anterior. Há dois ou três potes de marias-sem-vergonha de diferentes cores, com sua incrível tolerância à sombra e à negligência. Nesta tarde, o sol alcançará o nosso lado do prédio e, próximo ao entardecer, a sua luz brilhará por entre os galhos das árvores, fazendo cintilar as folhas que estão, cada dia, mais grossas. Isso basta para fazer uma criatura urbana como eu vibrar de alegria pela maravilha da criação.

Minha admiração pela criação está mais relacionada ao romantismo do século XIX do que pela maravilha da criação presente na Bíblia. O mesmo sentimento de assombro em Eliú é comparável com as maravilhas que aparecem nos Salmos. O que impressiona Eliú, e também os salmistas, no tocante à criação não é a tranquilidade de um riacho ou a delicada beleza de um floco de neve, mas a assombrosa energia e magnitude presentes nela. Esses fatos sobre a criação é que norteiam a observação de abertura, expressa por Eliú, sobre a grandeza divina. Eliú não é específico quanto ao que não sabemos — talvez seja a magnitude da grandeza de Deus, ou a menção seguinte sobre o número de anos de Deus. Eliú não implica que Deus possui um número finito de anos. Antes, o seu ponto é que Deus, o Criador, obviamente, tem estado por perto muito tempo antes de todas as coisas serem criadas, de maneira que a assombrosa imponência da criação gera em nós uma consciência da grandiosidade de Deus. Ao tentarem provar a existência divina, às vezes as pessoas argumentam quanto à natureza da criação — alguém deve ter trazido o mundo à existência. A evidência de que a criação foi projetada implica a existência de um projetista. Eliú não está tentando provar que Deus existe; em uma sociedade tradicional, essa tentativa seria considerada estranha; as pessoas sabiam sobre a existência de Deus. A preocupação de Eliú é fazer as pessoas extraírem as conclusões corretas, com base no que elas sabem.

É típico do Antigo Testamento considerar a chuva e a tempestade como os fatos da natureza que mais impressionam as pessoas. Eliú segue para indicar dois motivos, nenhum deles tão relevante para um morador de Londres ou Seattle quanto o são para os que vivem no Oriente Médio ou na Califórnia. Um deles é que a chuva é sobremaneira importante para o crescimento de alimentos e, portanto, crucial para a sobrevivência humana, mas que não pode ser

considerada como garantida. O outro é que, quando a chuva cai, com frequência vem sob a forma de tempestades assustadoramente poderosas e violentas, acompanhadas de trovões e relâmpagos em abundância. Nas enigmáticas palavras do versículo 13, a chuva pode ser para exercer castigo ou pode ser uma expressão do compromisso de Deus com o mundo.

O interessante ponto de partida de Eliú, no entanto, é que ele, obviamente, conhece como o suprimento de água ocorre em círculos. O Antigo Testamento, com frequência, retrata o suprimento de água da terra como reservatórios situados atrás da abóbada celeste, que evitam que as águas inundem toda a terra, ou como armazenadas em tanques subterrâneos que emergem em fontes. Mas os autores do Antigo Testamento também retrataram que a água evapora dos oceanos e dos lagos e retorna à terra sob a forma de chuva, e reconhecem que Deus é quem opera esse ciclo. Eclesiastes comenta sobre os mesmos fenômenos e os adota como um sinal da deprimente verdade de que tudo na vida humana e no mundo opera em círculos; todavia, Eliú está impactado por esse processo na natureza.

Ele, igualmente, sublinha o envolvimento divino na tempestade. Deus enche as mãos de relâmpagos e, então, os comissiona cada qual para o seu alvo, a exemplo de um soldado com um lançador de foguetes. A tempestade é o meio divino de exercer o seu governo no mundo; ela expressa a ira passional contra a iniquidade. O efeito da neve e da chuva sobre a humanidade é o de selar ou encerrar todos no interior de suas casas, bem como manter os animais em suas tocas. (Em Londres ou Seattle, se você decidir ficar em casa toda vez que chove, jamais sairá dela; mas, na Califórnia, jogos de futebol são cancelados caso esteja chovendo, e as pessoas não vão à igreja porque têm medo de dirigir com a pista molhada.) De um modo estranho, isso significa que as pessoas reconhecem Deus. O calor inclemente do sol de verão, quando o vento quente sopra do deserto e o céu fica tão duro quanto o ferro, tem o mesmo efeito; ele também mantém as pessoas em casa.

O ponto de Eliú torna-se explícito quando ele pergunta a Jó o que, então, devemos dizer a Deus. Isso não significa a impossibilidade de conhecer ou de nos relacionarmos com Deus, mas que não podemos fazer o que Jó tem feito. O fato de estarmos em trevas quanto aos motivos pelos quais as coisas funcionam (ou não funcionam) em nossa vida, não significa que podemos pressionar Deus por respostas e esperar recebê-las. A criação mostra que Deus é grandioso demais para podermos lhe dizer como governar o mundo; e isso nos lembra que

dificilmente podemos nos apresentar diante de Deus para fazer tais perguntas e oferecer conselhos. Se nem mesmo somos capazes de olhar diretamente para o sol, muito menos podemos mirar os olhos de Deus. Pessoas sábias focam na reverência e submissão a Deus em vez de esperar vê-lo.

A surpresa quanto ao argumento de Eliú é o fato de ele ser próximo ao que Deus apresentará nos dois capítulos seguintes. Do mesmo modo que se considera que a terceira rodada de discursos entre Jó e seus amigos foi submetida a alguma interrupção, imagina-se, com frequência, que os discursos de Eliú constituem uma adição posterior ao livro em relação aos discursos de Jó e dos três amigos. Uma vez mais, não estou convencido de que isso tenha ocorrido (embora não me incomode, caso seja um fato). O principal motivo para chegar a essa conclusão é a maneira pela qual os discursos de Eliú antecipam o de Deus e a forma com que Deus repreende os três amigos originais, mas não Eliú. Contudo, a antecipação de Eliú em relação ao discurso divino seria um motivo para Deus não o repreender. Eles agem como uma propaganda positiva para o discurso de Deus. Eliú nos leva a pensar da maneira de Deus, ou, pelo menos, introduz a ideia de refletir sob a perspectiva divina.

Com base no cálculo de algumas pessoas, o mundo deve acabar hoje, enquanto escrevo estas palavras. Caso esteja lendo este livro, ele não acabou, ou, alternativamente, você e eu fomos deixados para trás. Tenha plena confiança de que não terminará, embora o fundamento da minha confiança seja distinto do pressuposto pela divertida reportagem sobre essa expectativa. O Dia do Senhor irá chegar algum dia, e Jesus irá aparecer, mas os cálculos que identificam hoje como esse dia são falsos. Se eu fosse Deus e ocorresse de hoje ser o dia final, estaria tentado a mudar a data para colocar os mortais em seus devidos lugares. Alternativamente, se hoje não fosse o derradeiro dia, estaria tentado a alterá-lo para hoje (ou, pelo menos, para determinar um terremoto, de preferência, em algum lugar inofensivo), para colocar as pessoas céticas e jocosas em seus devidos lugares.

Deus é aquele que dá ordens à manhã e diz à alvorada quando deve irromper, aquele que fundou a terra em primeiro lugar, e Deus será aquele que agirá para transformá-la. Igualmente, Deus é aquele que lida com a criação de modo a responder à infidelidade, à zombaria e à estupidez da humanidade. A própria experiência de Jó o fez questionar essa ideia e criticar a maneira pela qual o propósito de Deus opera no mundo. Deus declara que Jó não sabe do que ele está falando e retorna o desafio a Jó para debater a questão.

Falar do meio da tempestade seria suficientemente assombroso, mas, de um modo estranho, também seria tranquilizador, em parte por ser característico de Deus falar dessa maneira no Antigo Testamento (p. ex., a Ezequiel). Não há dúvidas de que é Deus quem fala quando a voz vem assim. Além disso, aquele que fala é Yahweh, como Deus se fez conhecido a Israel, outro lembrete de que, embora a história de Jó esteja dramaticamente situada em Edom e não faça referência a outros eventos distintivos do envolvimento de Deus com Israel como o êxodo ou a aliança, o genuíno e único Deus, a quem Israel conhecia, é o Deus sob discussão no livro. As pessoas que escreveram e leram o livro eram membros do povo de Yahweh, que agonizam quanto à natureza do relacionamento de Deus com eles e vice-versa. Ainda, embora a título de argumentação o livro aborde, principalmente, essas questões sem falar sobre aquelas características distintas da relação de Deus com Israel, restringindo-se ao modo pelo qual todos podem ver que a vida funciona, o surgimento de Deus mostra como, no fim, o livro reconhece os limites do que pode ser dito a partir dessa base. A aparição de Deus é uma ideia presente na Torá e nos Profetas, não

nos livros focados numa sabedoria mais empírica, mas, definitivamente, o livro de Jó não pode seguir sem ela.

Portanto, Deus aparece e responde a Jó, mas o conteúdo da resposta divina em nada se parece com o esperado. Na verdade, observamos em relação ao discurso final de Eliú que ele diz a mesma sorte de coisas que Eliú havia dito (e, igualmente, os três amigos). Ele indica a Jó a natureza da criação e infere que devemos aceitar a nossa ignorância sobre muitos aspectos da obra divina no mundo. O discurso de Deus vai muito além, ao explicar a importância desse ponto, mas continua trabalhando dentro da estrutura que todos podem ver. Em outros contextos, confrontado pela questão sobre o motivo de coisas ruins acontecerem a pessoas boas, um israelita poderia ter respondido: “Eu não sei, mas o que Yahweh fez com Israel no êxodo, o que ele tem feito com Israel desde então, e a forma pela qual Yahweh respondeu às orações pela saúde da minha mãe, quando ela estava doente, capacitam-me a prosseguir confiando em Yahweh, ainda que coisas ruins aconteçam a pessoas boas” (do mesmo modo que os cristãos seguem confiando em Deus por causa do significado do que Deus fez em Cristo; e o que Deus tem feito pela igreja nos capacita a fazer o mesmo). No entanto, suponha que, por algum motivo, esse recurso não esteja disponível ou não funcione — imagine que o êxodo pareça ter ocorrido muito tempo atrás. Talvez olhar para a criação tenha o mesmo efeito, embora a sua mensagem seja mais complexa do que Jó poderia esperar.

Deus aponta para o fato óbvio de que Jó não estava presente no processo da criação e observa a maneira pela qual realizou esse projeto de construção. Deus agiu como um homem construindo uma casa; talvez a ideia é de que Deus estivesse construindo uma casa para viver nela, o que nos faz pensar no templo, mas também no cosmos como um todo para ser a morada divina. Sendo o construtor da casa, Deus garante que este lar tenha fundações sólidas. Igualmente, Deus fala de modo metafórico. Jó implicou que o mundo não está seguramente alicerçado; expressando nos termos usados pelo salmo 11, é como se as fundações morais da vida humana estivessem destruídas. No salmo citado, as fundações estão sendo destruídas pelos ímpios; em Jó, é como se Deus não tivesse dado à vida humana uma fundação adequada. Deus, aqui, alega ter feito isso no princípio e observa como as próprias estrelas e os seres divinos reconheceram a maravilha da obra criadora de Deus. Os seres divinos são os membros do gabinete celestial, aos quais fomos apresentados no capítulo 1. As estrelas, igualmente, são as entidades por meio das quais os propósitos de Deus são alcançados no mundo. A implicação é que as estrelas e os seres celestiais

estão felizes o suficiente com a evidência de que Deus pode formular um propósito e implementá-lo de forma a dar à vida humana uma fundação segura. Jó possui mais discernimento que eles?

Ainda, o processo de criação envolveu estabelecer um limite para o poder de forças dinâmicas e perigosas na criação. O mar é um símbolo comum no Antigo Testamento para essas forças; o seu tumultuoso poder fornece uma ilustração vívida e as personifica. O poder assustador de um tsunami nos serve como exemplo. De tempos em tempos, o poder dinâmico do mar sai do controle; mas, em princípio, Deus estabeleceu limites para assegurar que isso não ocorra. Igualmente, Deus fala sobre o poder dinâmico das águas que caem do céu, o perigo de aguaceiros e inundações. Da mesma forma, Deus certificou-se de que esse poder fosse mantido sob controle, retendo-as entre o céu e as nuvens, além de, em geral, negar a possibilidade de haver inundação no mundo.

Por fim, o processo de criação envolveu estabelecer o ritmo do dia e da noite. Em seu livro Ortodoxia (São Paulo: Mundo Cristão, 2000, cap. 4), G. K. Chesterton questionou, caso o sol não se levantasse a cada manhã por conta própria: "É possível que Deus, todas as manhãs, diga ao sol: 'Faça de novo'; e todas as noites, à lua: 'Faça de novo.'" Deus afirma que, de fato, é assim; ele dá ordens ao amanhecer. No presente contexto, então, o ponto de Deus é que há uma relação entre a luz do amanhecer diário e a exposição de malfeitores no mundo. A noite é o período natural para as transgressões, contudo de manhã as dobras nas montanhas se tornam visíveis como os vincos de uma roupa, e os malfeitores são sacudidos de seus esconderijos como aranhas ou como os farelos são sacudidos das vestes. Assim, com o amanhecer, os infiéis perdem a luz que mais apreciam (i.e., o que as demais pessoas chamam de trevas) e não podem mais exercer o seu poder violento para a prática do mal.

O que Deus está fazendo aqui é pregar um sermão sobre a criação de forma a aplicar a sua importância à pergunta em questão quanto a Deus estar realizando, adequadamente, o seu propósito no mundo. O relato de Deus sobre a criação lembra a descrição em Gênesis 1, no tocante a falar sobre a formação do mundo, das estrelas, das águas sendo contidas pelo céu, da separação entre o mar e a terra, além do ciclo entre dia e noite. No entanto, em cada ponto, a exemplo de um bom pregador, Deus não descreve meramente como algo aconteceu, mas também extrai as suas implicações para a audiência — no caso, formada por um único indivíduo, e pessoas, como nós, que acompanhamos a conversação.

Em meu seminário na Inglaterra, certa ocasião, produzimos uma versão dramática da história de Jó; eu elaborei o roteiro, e uma de minhas colegas foi a diretora. Ela queria que Deus surgisse no palco, durante os diálogos entre Jó e seus amigos, estendendo silenciosamente o seu abraço a Jó, a fim de expressar a sua presença e o seu cuidado com ele, enquanto Jó atravessava a sua provação. Mas não concordei com ela, pois não há sinal disso no livro. Creio que isso interferiria no objetivo do livro em mais de um sentido. Inúmeras pessoas que passam pela mesma categoria de experiência de Jó não têm nenhuma percepção da presença e da preocupação de Deus. Além disso, o adversário teria motivos para reclamar que Deus havia comprometido o teste. O ponto era ver se Jó permaneceria fiel caso as bênçãos divinas desaparecessem. A provação dependia da severidade absoluta do que ocorria a Jó. Deus estava ausente, e era necessário que Jó experimentasse a ausência divina. Deus precisava ser duro.

Essa dureza prossegue quando Deus, por fim, fala a Jó. Não há expressão de simpatia com o sofrimento de Jó. Ao contrário, Deus o coloca em seu devido lugar, e o faz com sarcasmo: “Pois sim, você compreenderá tudo sobre a criação, não é mesmo, Jó, porque tem estado por aí há tanto tempo!” O primeiro parágrafo na transcrição anterior chama a atenção de Jó para o fato de ele nada conhecer sobre as profundezas ou as dimensões do mundo criado, os seus limites e o que está por trás dele. Ele, portanto, desconhece tudo sobre o reino da morte e das trevas que existe além do reino da vida e da luz. Esses são os tópicos sobre os quais Jó tem falado com frequência. O livro de Jó apresenta a palavra “trevas” mais vezes que qualquer outro livro do Antigo Testamento, ligando-a, especialmente, à morte. Quando o ser humano morre, o colocam em uma tumba, fecham a entrada com uma rocha e ali ele permanece nas trevas. De fato, é um local de “sombra mortal”. Essa expressão representa um termo hebraico, outro que surge mais vezes em Jó do que em qualquer outro livro. Parece uma combinação das palavras “sombra” e “trevas”; essa seria a provável conotação transmitida às pessoas. Jó tem se pronunciado como se soubesse sobre a morte e tivesse consciência de que ela seria preferível à sua vida atual, mas ele, realmente, não sabe do que está falando. Jó conhece o que acontece ao corpo humano na tumba, mas há outro sentido no qual morrer significa ir para o reino da morte e da sombra mortal, alguma outra dimensão na qual estamos nos domínios da morte. Jó ainda não atravessou os seus portões para verificar como as coisas são ali. Então, o que ele sabe sobre o tema e o que tem pontificado sobre ele?

Segundo, Deus é o Senhor da neve, do granizo, da tempestade, da chuva, da geada e do gelo. São recursos que Deus mantém sob controle e os direciona. Esses eventos não ocorrem aleatoriamente. Deus chama a atenção de Jó para dois aspectos da maneira proposital em que ele usa esses recursos. Um está relacionado a eventos históricos, como as batalhas, que, às vezes, são decididas pelas condições climáticas (Josué 10 nos dá um exemplo, quando Deus fez cair do céu grandes pedras de granizo sobre um exército). O outro é que a chuva, ocasionalmente, cai sobre regiões desérticas nas quais não há habitantes, áreas caracterizadas por um "deserto devastador"; Deus escolhe uma sentença, usada por Jó no capítulo 30, em seus comentários depreciativos sobre pessoas com as quais ele não deveria ser comparado. A queda da chuva em regiões consideradas inúteis gera grande produção de grama que não serve a ninguém.

Deus, pela primeira vez, apresenta um ponto que será recorrente. O mundo não é organizado para servir apenas à humanidade. Uma vez mais, é possível fazer uma comparação com Gênesis 1, capítulo no qual Deus criou a humanidade somente na última tarde daquela semana de trabalho. O mundo não existe para o benefício dos seres humanos. Como revelado em Gênesis 2, a humanidade foi criada para cuidar do jardim divino. Em Jó 38, a chuva não cai em padrões designados a beneficiar a vida humana, mas adequados ao mundo de Deus. Uma pressuposição da atitude de Jó é de que o mundo gira em torno dele e de sua felicidade; um tema da resposta de Deus implica que ele está completamente equivocado.

O terceiro parágrafo fala das estrelas e dos planetas. Igualmente, eles aparecem em outras descrições sobre a criação, presentes no Antigo Testamento, mas, especialmente, no contexto da crença de outros povos de que as estrelas e os planetas determinavam o que ocorria na terra. Na cultura e na religião do Oriente Médio, eles são muito importantes, e há uma meia verdade nessa crença sobre eles (Gênesis 1 e Isaías 40 sugerem): eles estão sob o controle de Yahweh e são meios de implementar a vontade divina no mundo. Em seu nível mais básico, eles governam as estações e dizem às pessoas quando celebrar os festivais. Jó não é capaz de controlá-los e, portanto, de controlar o que acontece no mundo: Yahweh é capaz e o faz.

Yahweh retorna ao fato de que, similarmente, Jó é incapaz de controlar as chuvas. Seria um recurso monumental ter esse controle. As pessoas poderiam, então, ter a certeza de obter a chuva quando necessitassem dela; primeiro, para amolecer o solo, solidificado pelo calor do verão, e que precisa ser preparado

antes do ciclo de aragem e de plantio ser iniciado, e, então, para regar as plantações, quando estiverem em crescimento ativo. O controle sobre a chuva permitiria às pessoas pôr fim ao ciclo vicioso da seca, da quebra de produção agrícola e da fome. Mas esse controle não é possível, pois não é a forma com que Deus organizou o mundo. O ponto sobre a referência à íbis e ao galo é que eles, às vezes, parecem capazes de anunciar a chegada da chuva — de modo mais consistente, o galo sabe quando o amanhecer está próximo. Essas aves possuem mais entendimento que os seres humanos. Não estar no controle do que ocorre no mundo ou não ser capaz de compreender o que acontece aqui aprofunda a frustração do ser humano.

Jó tem experimentado o sofrimento vindo sobre ele de modo aparentemente aleatório. Seus amigos negaram que seja aleatório. De certa forma, ele é o culpado pelo que lhe está acontecendo. Em breve, Deus deixará explícito que os seus amigos estão errados em afirmar que Jó é responsável pela tragédia que o atingiu, mas Deus observa que nada disso é meramente aleatório, nem mesmo o que ocorre na natureza. Deus está no controle de tudo o que acontece. Jó está errado em presumir que possui o direito ou a oportunidade de conhecer o fundamento sobre o qual Deus age. Uma das deliciosas ironias do livro é que, bem no início, ele dá uma explicação perfeitamente boa para os acontecimentos trágicos na vida de Jó (bem, você pode ou não considerar que seja uma boa explicação, mas, pelo menos, é uma explicação), que Deus poderia ter revelado a ele nesse momento. Pode-se imaginar o diálogo; em vez de atacar Jó, Deus poderia ter dito: “Está certo, Jó, eu lhe direi o que está acontecendo...”, e Jó poderia (ou não) dizer: “Bem, eu entendo; está certo, então.” Todavia, Deus não faz isso. Um significado para esse fato é que Jó precisa viver com a sua experiência da mesma forma que nós, e o desafio que o livro lança em nossa direção é viver da maneira que Deus desafia a Jó — com submissão a Deus, mesmo quando não entendemos os motivos do agir divino.

Com frequência, o primeiro som que ouço pela manhã é o grasnar de um grupo de papagaios que vagueiam por nossa cidade, os descendentes (assim diz a lenda urbana) de aves de estimação que escaparam de suas gaiolas ou foram soltas por seus donos. Quando me assento diante da minha escrivaninha, vejo esquilos à procura de nozes e, possivelmente, gaios azuis se banhando em uma fonte. Se saio para uma caminhada nos arredores, posso ver dois patos selvagens que aparecem aqui, vindos de um lago não muito distante. À noite, uma espécie de gambá, ocasionalmente, passeia por nosso pátio. Antes de dormir, algumas noites atrás, matei uma viúva-negra no armário. A qualquer hora, ao entrar na cozinha, tenho a impressão de que fomos invadidos por um exército de formigas. Considero a nossa cidade uma confirmação de que a nossa área urbana pertence à humanidade, mas os antepassados da maioria dessas criaturas já estavam aqui antes dos indígenas, que dirá dos europeus.

O discurso de Yahweh a Jó segue lembrando que ele, como ser humano, não é o centro do mundo animado. Este existe por seu próprio direito. Deus é o único que pode prover aos leões e aos corvos. Embora os seres humanos, em uma cultura tradicional, saibam tudo sobre cabras e ovelhas domesticadas, é Deus quem vigia o nascimento e o crescimento das cabras selvagens e das corças. Ele é quem providencia um lar na estepe para o jumento e o boi selvagens. Em que pese a importância dos jumentos e bois domesticados para os seres humanos, os que ainda vivem indomados são inúteis, pois não se tornam subservientes à necessidade humana, mas ainda permanecem como importantes membros do mundo animado, e Deus provê para eles. A avestruz é uma criatura ainda mais estranha; trata-se de uma ave, mas suas asas não lhe possibilitam voar adequadamente, embora possa correr a velocidades extraordinariamente elevadas. Ela deposita os ovos, mas (de acordo com a lenda) não cuida muito bem deles para que a sua postura se torne frutífera. Parece ser uma criatura pouco inteligente, embora Deus a tenha feito assim, com suas características exóticas. O cavalo é um animal a ser tratado com seriedade. Nos tempos do Antigo Testamento, não era um animal domesticado no sentido regular, contudo o seu uso era mais associado a batalhas; os reis é que possuíam manadas de cavalos. O falcão e a águia possuem mais recursos e inteligência que a avestruz; do mesmo modo que Deus está por trás das peculiaridades da avestruz, o mesmo ocorre em relação a essas aves predadoras.

Uma explicação do retrato feito por Deus sobre essas criaturas é que elas tanto

fazem sentido quanto não fazem. O leão precisa se esforçar muito para encontrar comida; ainda mais explicitamente, o corvo, cujos filhotes choram por sustento. Para os animais selvagens, o parto pode ser muito doloroso, a exemplo de outras criaturas, e assim é o processo de alimentação — eles são alimentados, crescem e vão embora para nunca mais voltar (estamos falando sobre a síndrome do ninho vazio). O jumento selvagem precisa ir cada vez mais longe à procura de pastagens. A avestruz discorre sobre a maternidade de um modo mais pungente. Além de precisarem procurar por comida, o falcão e a águia têm em comum o fato de buscarem refúgio nos penhascos. Todavia, Deus está envolvido na vida de todas as criaturas, ainda que, para Jó, isso não faça o menor sentido. Portanto, talvez Deus esteja envolvido no cuidado a Jó; é possível que Deus responda quando Jó clama, ainda que a resposta não seja imediata; talvez Deus observe Jó enquanto ele atravessa a sua dor; ou esteja envolvido em situações sem sentido para o homem; ou esteja no controle de realidades gigantescas às quais Jó não pode controlar; ainda, Deus pode providenciar proteção para seres que, de outra forma, estariam sob uma desesperadora vulnerabilidade.

Deus não desenha essas inferências a Jó e, portanto, não cai na armadilha de fornecer respostas prontas, a exemplo dos amigos. Jó acha que deseja respostas, mas, na prática, as respostas dadas pelas pessoas aos sofredores, normalmente, falham em satisfazer o sofredor da mesma forma que satisfazem o consolador. Para ser sincero, o objetivo das respostas é satisfazer o consolador, porque o consolador não se sente confortável sem elas. Na maior parte do tempo, o que necessitamos (não o que achamos que precisamos) é a capacidade de viver com as questões. Em certo nível, isso é o que Deus deseja de Jó, que ele seja capaz de viver confiante em Deus, mesmo quando não tem as respostas que deseja ouvir.

As respostas úteis a nós são, com frequência, aquelas às quais nós mesmos chegamos; outra implicação para Deus não revelar as inferências é que elas beneficiarão Jó apenas se ele chegar a elas sozinho. Nesse sentido, o livro de Jó traça um paralelo com o livro de Jonas, que termina com uma pergunta. O ouvinte da história deve responder a ela e, então, refletir sobre as suas implicações. O livro de Jó, uma vez mais, opera de maneira similar às futuras parábolas de Jesus. Quando Jesus termina de contar uma história, pode-se imaginar a audiência coçando a cabeça e perguntando: “O que foi isso?” Às vezes, os Evangelhos nos contam que essa era a reação dos discípulos. Esse modo de comunicar evita deixar a mensagem mastigada demais para os que não estão dispostos ou preparados para recebê-la.

O próprio ponto de Jesus em Marcos 4 é que contar parábolas é um ato de juízo sobre as pessoas: ele fala dessa forma para que elas não compreendam. A pressuposição é a de que os ouvintes não querem compreender, e o ato indireto de juízo é parar de compartilhar as suas boas-novas com eles. Aqui, Deus seguirá em sua reprimenda a Jó. Será que Deus está, deliberadamente, confundindo Jó com o relato sobre a criação? Claro que os ouvintes de Jesus são livres para provar que ele está errado, mas, se eles forem incapazes de resistir à reflexão das histórias de Cristo em sua mente e, então, a compreenderem, se voltarem e crerem — Jesus terá alcançado o seu real propósito. O mesmo se aplicará a Deus em relação a Jó.

Dos anos durante os quais a minha primeira esposa sofreu com a esclerose múltipla, ainda retenho memórias de quando, por duas ou três vezes, tentei confrontar Deus quanto a isso. Angustiado pela maneira com que a enfermidade a afetava, numa dessas ocasiões recordo-me de ter dito: “Eu não confio em você com respeito a Ann”, e de sentir Deus respondendo: “Caso estivesse em meu lugar, confiaria em você a respeito de Ann?” (Resposta: Muito provavelmente, não!) Em outra ocasião, lembro-me de haver protestado pela forma com que a enfermidade estava dificultando, cada vez mais, o relacionamento de Ann com Deus; então, senti Deus dizendo: “Como Ann e eu nos relacionamos deve ficar entre mim e ela; portanto, cale-se.”

De uma forma muito mais assustadora, Jó também descobriu que a grandiosa, mas solene, coisa sobre confrontar Deus é a possibilidade de ele responder e adotar uma posição tão confrontadora quanto a nossa. O nosso relacionamento com Deus não é tão distinto das nossas relações humanas (surpresa!). Podemos estar confiantes quanto ao modo de olharmos para determinada situação, mas, então, descobrimos a outra pessoa com uma visão totalmente diferente e colocando o nosso modo de pensar em um contexto mais amplo. Isso não significa que estávamos cabalmente errados; antes, que não estávamos tão certos quanto imaginávamos. E, quanto mais próximo for o nosso relacionamento com a outra pessoa, tanto mais contrária a resposta pode ser. Em outras palavras, a poderosa natureza da resposta de Deus a Jó não constitui um sinal de superficialidade, mas de maturidade no relacionamento, que nos é revelada logo no início do livro.

As palavras inaugurais de Yahweh formam a conclusão ao questionamento de Jó ao longo dos dois últimos capítulos, e essas mesmas palavras, apropriadamente, assumem a forma de uma questão. Jó tem contendido com Yahweh, como se este fosse outro ser humano, isto é, corrigindo-o. A coletânea de perguntas, expostas por Yahweh, implicitamente, forma a resposta de Yahweh ao caso apresentado e à tentativa de correção. Portanto, Jó deve responder a elas. De volta ao capítulo 9, Jó comentou que seria impossível contender com Deus; simplesmente, não haveria resposta. Não se pode agir duramente com Deus e sair inteiro. Embora Jó, desde então, tenha falado mais em contenda, isso tem sido em termos de Deus contender com ele, não o contrário. No entanto, discutir com Deus, tentar colocá-lo sob julgamento, é tudo o que Jó tem feito, e, agora, Deus o chama para debater o assunto. Igualmente, qualquer conversa sobre correção diz respeito à

correção de Jó por Deus (ou dos amigos por parte de Jó), não a correção de Deus por Jó. Claro que a direção apropriada da correção é do professor ou pai para o aluno ou filho, não o contrário. Contudo, Deus pode, razoavelmente, sugerir que Jó o tem corrigido, ao fazer declarações sobre como Deus governa o mundo, e sobre as alegações de Deus quanto ao funcionamento do mundo. O questionamento divino tem sido a resposta à confrontação e à correção por parte de Jó, e, agora, Deus é que deseja algumas respostas.

A reação de Jó é não responder, mas fazer o que disse que faria lá no capítulo 9: ainda que fosse justo, ele não responderia a Deus, mas pediria por graça e por misericórdia. Da mesma forma, no capítulo 13, Jó disse que, se Deus contendesse com ele, permaneceria em silêncio. Assim, aqui, a sua resposta a Deus é apenas ceder e desistir da oportunidade de responder aos desafios de Deus, com a alegação de possuir pouca ou nenhuma importância. Alguém poderia supor que o estratagema funcionaria bem, mas também no capítulo 13 Jó declarou que responderia, caso Deus o convocasse; na verdade, Deus o convoca nessa proposição. Igualmente, é característico das relações humanas que, ao tentarmos sair de um argumento meramente dizendo: “Sim, você está certo”, essa admissão pode não aliviar a pressão da discussão. Jó descobre que a voz, vinda da tempestade, continua a falar. Gosto de imaginar Jó pensando que a sua submissão colocará um ponto final naquele confronto indesejado, agora que Deus o colocou em seu devido lugar, e seu coração congelando ao ouvir que Deus retoma o discurso.

Ao falar sobre pedir por graça, no capítulo 9, Jó descreveu Deus como “aquele que toma as decisões em relação a mim”. Aqui, Deus não está certo de que a submissão de Jó é mais do que um mero reconhecimento do poder de fogo superior de Deus como debatedor. Certamente, Jó não questionou se o poder de decisão de Deus é uma realidade; ele, frequentemente, expressa o seu reconhecimento disso. Mas Jó tem questionado a maneira pela qual Deus exerce essa autoridade. Uma vez mais, foi no capítulo 9 que Jó se disse aberto ao desafio de Deus nessa conexão. Lá, reconheceu que ninguém pode forçar Deus a um encontro para discutir as decisões divinas. Ainda, expressou a suspeita de que, mesmo se pudesse conseguir um encontro com Deus, de alguma forma terminaria se declarando culpado, mesmo sendo inocente. No capítulo 19, Jó reclamou que ninguém tomava decisão em resposta aos seus pedidos por socorro; por implicação, Deus é que estava falhando no exercício de sua autoridade. No capítulo 22, Jó sugeriu que a tomada de decisão de Deus era aleatória. Faz sentido Deus sugerir que Jó deseja anular a decisão divina em

relação a ele, além de outras conexões; ao que parece, Jó imagina que poderia fazer melhor do que o próprio Deus.

A reação de Deus não é questionar se Jó possui discernimento moral para tomar decisões melhores que ele, mas questionar se Jó possui a capacidade de implementá-las. Com efeito, Deus diz: “Continue, então, Jó.” A questão é se Jó possui um braço como o de Deus para empunhar uma arma contra os infiéis, se ele é capaz de rugir como Deus, enquanto se lança à batalha contra os ímpios. As pessoas que precisam ser derrubadas são as que estão no poder, em posições de eminência e majestade; Jó possui a majestade para se levantar contra elas? Possui a capacidade para direcionar a sua ira como Deus tem? A história, até aqui, observou que a ira exercida por seres humanos é, normalmente, negativa, mas também que o exercício da ira por Deus é uma questão distinta; trata-se de uma importante fonte de energia para fazer a coisa certa. Será que Jó possui o suficiente dessa categoria de ira ao ser confrontado pelos infiéis?

A indicação do Beemote a Jó personifica o ponto. A palavra behemoth constitui uma versão aprimorada de um termo hebraico para um animal e, aparentemente, sugere um animal gigante. Se fôssemos identificá-lo como um animal atual, seria o hipopótamo, mas o seu significado é a personificação ou símbolo de uma força imensa. Obviamente, Jó não pode ter a expectativa de domar ou controlar uma criatura assim, mas ela é uma das criaturas que Deus fez, como criou Jó. Na verdade, Deus revela que é a primeira das criaturas de Deus. Quer isso signifique que ela foi criada primeiro, cronologicamente falando, quer que é uma criatura imponente, ela está sob o controle divino. Deus empunha a espada, e a criatura faz o que ele diz.

A minha esposa tem certo receio de monstros e pode, ocasionalmente, assustar-se com uma sombra que pode ser de alguma criatura estranha. Todavia, em nossa lua de mel, ela estava ansiosa para ir à Escócia, de onde os seus ancestrais vieram, apesar de a Escócia também ser o lar do monstro do lago Ness. Diz-se que, em 1933, ano da descoberta da legendária criatura marinha, o secretário de Estado da Escócia ordenou à polícia que evitasse ataques a ele. No entanto, relatos sobre essa criatura remontam ao século VI, quando um homem foi supostamente atacado e morto pelo monstro. Então, a criatura ameaçou atacar um dos seguidores de São Columbano; o monge fez o sinal da cruz e ordenou ao monstro que parasse — o que ele fez. Trata-se de uma típica história contada sobre os santos, que ilustra a forma pela qual criaturas estranhas, especialmente as marinhas, têm sido símbolos de um poder ameaçador e assustador desde os primórdios.

No mundo do Oriente Médio, o Leviatã é uma delas. Embora, nas histórias do Oriente Médio, haja criaturas que nos fazem lembrar do Beemote, não existe uma criatura que tenha um nome similar. No entanto, uma criatura mítica com um nome similar a Leviatã aparece em uma narrativa dos cananeus. Ambas são figuras que simbolizam um poder negativo extraordinário e amedrontador. O relato sobre o Leviatã o torna parecido ao crocodilo, do mesmo modo que o relato sobre Beemote faz lembrar o hipopótamo; contudo, igualá-los seria uma simplificação excessiva. Em vez disso, os eruditos do Oriente Médio, nos tempos antigos, imaginaram as mais poderosas, aterrorizantes e incontroláveis criaturas possíveis e convidaram as pessoas a retratarem o poder que encorajava a desordem e o tumulto no mundo como uma versão aprimorada dessas criaturas. Eles, então, afirmaram que esses poderes não estavam, na verdade, fora de controle; mas o poder delas estava sob a contenção divina.

Em outras passagens do Antigo Testamento, o Leviatã aparece no salmo 74, no qual Yahweh é aquele que esmaga as cabeças do Leviatã. O salmista fala de uma forma que poderia levar as pessoas a pensarem tanto na criação quanto na libertação de Israel junto ao mar Vermelho, ocasiões nas quais Deus quebrou a espinha de poderes resistentes. Em contraste, Isaías 27 apresenta a promessa de que Deus irá matar o Leviatã “naquele dia”, o dia em que Deus consumará o seu propósito. Isso está de acordo com o que Jó 3 já falou de pessoas que estão prontas a despertar o Leviatã. Em adição, Jó 9 faz referência a Raabe, outra forma de conceituar a mesma realidade. Por outro lado, o salmo 104 descreve

Deus criando o Leviatã para com ele brincar no oceano. Parte do que está acontecendo, quando o Antigo Testamento se refere ao Leviatã, é que ele declara: “Sabe que os cananeus dizem que um de seus deuses derrotou o Leviatã? Bem, eu lhe contarei quem realmente fez isso e quando.”

Essas variadas referências ao Leviatã nos ajudam a compreender o retrato complexo que precisamos formar em nossa mente quanto à soberania de Deus sobre o mal. Deus derrubou o Diabo na criação (como veio a existir o mal com o qual Deus teve de lidar, então não é uma questão que a Bíblia responde) e ao libertar Israel do Egito, que se torna uma espécie de personificação do Leviatã. Por esse motivo, há um sentido no qual não necessitamos considerar a sua natureza ameaçadora tão seriamente; podemos sorrir para ela. Todavia, a experiência mostra que Deus não derrotou o Maligno de forma a torná-lo totalmente incapaz de afirmar-se; ele pode ser contido, mas não eliminado. Daí a promessa de que Deus, um dia, irá completar a sua sujeição. (Estranhamente, podemos pensar, o retrato do adversário na abertura do livro de Jó não corresponde ao retrato de Satanás, presente nos textos judaicos posteriores e no Novo Testamento. No entanto, a descrição do Leviatã está muito mais próxima disso. Em outras palavras, o Leviatã, no Antigo Testamento, corresponde a Satanás, no Novo Testamento.)

O desafio de Deus a Jó ocupa um lugar coerente dentro desse esboço. Pode-se dizer que o Maligno é como uma criatura poderosa que Deus mantém presa a uma coleira. O seu poder está contido, mas não eliminado. Uma vez mais, por que Deus teria colocado uma coleira no Maligno em vez de destruí-lo não é uma questão com a qual a Bíblia lida, embora nos seja possível arriscar algumas respostas. Quando uma catástrofe é causada pela irresponsabilidade humana, por que Deus não a evita? Talvez parte da explicação seja a de que isso destruiria a realidade da responsabilidade humana. Observamos, em nosso comentário sobre o capítulo 12, que Deus não criou o mundo como um lugar no qual, simplesmente, relaxamos e nos regozijamos, mas amadurecemos ao aceitarmos a responsabilidade pelas nossas ações. A obrigação de lidar com o mal (evitando-o) cumpre uma função similar. Mas a Bíblia não afirma esse ponto (é a espécie de teoria que Eliú poderia ter exposto); um dos objetivos do livro de Jó é discutir as questões suscitadas por vivermos em um mundo no qual não temos resposta para a pergunta: “Por que coisas ruins acontecem a pessoas boas?”

Sabemos porque elas ocorreram a Jó, mas o livro pressupõe que a sua história não é a história de todos, o que pode estar ligado ao fato de Deus jamais revelar

a Jó o pano de fundo e o propósito por trás de sua experiência. Embora esse conhecimento pudesse ser útil a Jó, revelá-lo em nada nos beneficiaria. Dar-nos discernimento sobre como viver sem saber por que as coisas nos acontecem é muito mais útil. A chave é reconhecer que Deus é fiel e que podemos viver em confiança e submissão a ele, mesmo quando não sabemos o motivo e o propósito das coisas ruins em nossa vida. O capítulo sobre o Leviatã desempenha o papel de orientar Jó (e, portanto, nós) nessa direção. Ele chama a nossa atenção para o temível poder e ameaça dessa personificação e nos convida a reconhecer que: (a) não podemos controlá-lo e (b) Deus pode e o faz. Esses dois atos são motivos suficientes para a confiança e a submissão.

Portanto, os dois discursos confrontadores de Yahweh, direcionados a Jó, buscam estabelecer dois pontos. Eles indicam que Jó não é o centro do universo; este não gira em torno dele. Ainda, argumentam que Yahweh não realiza um trabalho ruim no controle das forças que resistem ao seu propósito no mundo, e que o próprio Jó dificilmente faria melhor. Yahweh, então, deixa para Jó refletir sobre as implicações com respeito ao seu sofrimento.

Frequentemente, pergunto às pessoas se elas desejariam ter o fim do livro de Jó. A maioria responde que não porque o consideram irrealista, pois conhecem muitas pessoas que não tiveram um final feliz em sua história da forma que Jó teve. Minha própria reação opera a lógica na direção contrária. A minha primeira esposa foi acometida pela esclerose múltipla e faleceu como resultado de sua enfermidade, e não me perturbo ao pensar que a sua história, simplesmente, terminou daquela maneira. Sinto-me feliz pela certeza de saber que toda a sua pessoa será renovada no dia da ressurreição e também estou feliz pela história de Jó terminar com a sua restauração. O próprio fato de tantas pessoas não terem um final feliz em sua história de vida é o motivo pelo qual uma história com um término feliz é importante — não porque estejamos evitando a dureza de um final infeliz e nos enganando, mas porque Deus é, de fato, aquele que leva as histórias a um final feliz. Os israelitas não sabiam que os seus familiares, mortos sem terem um epílogo feliz, iriam experimentar essa felicidade no dia da ressurreição, o que torna a declaração de fé em Deus quanto a finais felizes, presente na história, ainda mais notável.

Evidentemente, o segundo discurso de aceitação de Jó satisfaz Yahweh de uma forma que o primeiro não conseguiu. O primeiro falhou por ser, na realidade, um discurso condescendente; reconhecer que a outra parte venceu não implica o reconhecimento de que a parte contrária mereceu vencer. De fato, Jó simplesmente reconheceu que Deus era maior, que possuía um poder de fogo superior. Aqui, ele usa as próprias palavras de Deus quanto à sua falta de discernimento para discorrer sobre as questões que têm expressado e reconhece que Deus está certo. Jó aceita que a verdade é aquela dita por Deus: Deus pode fazer o que desejar e pode implementar os planos que faz.

Embora Jó diga que viu e ouviu Deus, a história não diz isso. Em outras passagens do Antigo Testamento, o relato de Deus aparecendo em uma nuvem é, regularmente, uma forma de indicar que Deus realmente está presente, falando e agindo, mas o faz de um modo que as pessoas não o veem. Observamos em nosso comentário sobre a promessa de Eliú em Jó 33, de que a visão de Deus nos cegaria. Deus falar do meio da tempestade tem um significado similar, isto é, que Jó ouviu Deus com seus ouvidos, mas também que, metaforicamente, viu a Deus, como Eliú prometera. “Vejo você no tribunal”, diz a sentença, e esse foi o desejo de Jó (p. ex., “eu sei que o meu Restaurador vive”, na passagem do capítulo 19). Na verdade, Deus atendeu à sua súplica ou ao seu desafio, mas a

declaração que ele faz é muito diferente daquela que Jó estava procurando. No entanto, ela resultou na retirada do caso por Jó.

Talvez, então, seja o seu próprio caso que Jó rejeita e, portanto, se arrepende da fraqueza da sua natureza humana e a considera pó e cinzas. A ACF o apresenta se arrependendo “no” pó e cinzas, mas a expressão, normalmente, denota se arrepender “do” pó e “das” cinzas. Além disso, embora a história relate Jó assentado “em meio a cinzas”, foram os seus amigos que jogaram terra em sua própria cabeça, não Jó. Quando a expressão “pó e cinzas” aparece no Antigo Testamento, trata-se de uma descrição da fraqueza e da mortalidade humanas. O pó ou a terra é como começamos, e terminamos como cinzas. Jó está, portanto, usando a expressão em relação ao próprio arrependimento quanto às suas pretensões de, como um mero mortal, tentar refletir sobre questões que ele mesmo suscitava.

Comparado a Deus, falta discernimento a Jó; no entanto, o aparecimento de Deus lhe propiciou o reconhecimento de algumas verdades sobre o Criador. Embora Jó tenha, implicitamente, superestimado a sua própria capacidade de comandar o mundo ou de compreender as questões envolvidas nesse comando, ele aceitou as suas limitações. Em comparação com os três amigos, portanto, Jó é um homem de entendimento — um fato irônico, considerando quão cheios de si os amigos têm agido. Elifaz e os demais falaram com firmeza sobre as pessoas que acendiam a ira de Deus, sem, no entanto, perceberem que eles mesmos corriam o risco de agir como essas pessoas que inflamam a ira divina. Deus não faz nenhum comentário sobre Eliú, que era tão cheio de si quanto os demais amigos, mas que, todavia, levantou pontos que parcialmente anteciparam os argumentos divinos. Igualmente, não há nenhuma cena de volta ao gabinete celestial que mostre Deus dizendo ao adversário: “Eu lhe disse.” Contudo, não há dúvidas quanto a Jó ter sido aprovado em seu teste.

Deus instrui uma nova reversão de posições entre Jó e seus amigos. Seria sensato imaginar que os amigos é que iriam orar por nós caso estivéssemos na situação de Jó. Talvez os amigos de Jó tenham feito isso ao levantarem a voz, prantearem, rasgarem os seus casacos e jogarem terra ao ar e a deixarem cair sobre a própria cabeça. Para pessoas como Jó, essas ações seriam um acompanhamento apropriado às orações que seguem o modelo das orações presentes no livro de Salmos. No entanto, o relato jamais afirma que eles oraram, ainda que tenham, implicitamente, visto Jó como objeto da ira divina. Eles é que são, agora, alvos da ira de Deus. Claramente, Deus os instrui sobre o que fazer caso queiram sair

da mira da ira divina — pois a restauração da relação entre Deus e eles requer um movimento de ambas as partes. Apenas perdoá-los não alcançaria essa restauração. Se pedirem a Jó para que faça uma oferta e ore em favor deles, então a relação pode ser restaurada. Trata-se de uma oferta generosa também, pois, embora o Antigo Testamento permita ofertas de pequena escala por pessoas que não podem oferecer mais, os três amigos são pessoas ricas. Claro que Deus poderia lhes dizer para levarem as suas próprias ofertas e fazerem as suas próprias orações, mas obrigá-los a envolver Jó constitui uma expressão mais forte de reconhecimento pelo erro cometido e da retidão do amigo. Igualmente, evita que Jó guarde algum ressentimento pelo tratamento recebido deles. A resolução de questões em nossa vida, com frequência, é incompleta se as resolvermos apenas entre nós e Deus; é necessário garantir que as relações com as demais pessoas envolvidas sejam restauradas também. E não há nada como orar por alguém para assegurar que a sua atitude em relação a ela esteja em ordem. Assim, há uma ligação entre a disposição de Jó de orar por seus amigos e a própria restauração da vida de Jó, o que somente ocorre após essa oração. De acordo com essa ideia é que Jesus afirma que seremos perdoados apenas se perdoarmos os outros, não o contrário.

A natureza e a magnitude da restauração de Jó podem fazer levantar uma sobrancelha ou duas, levar alguém a questionar o que a esposa de Jó achou de gerar mais dez filhos. Reconhecidamente, a história pode bem sugerir (como observamos em relação a Jó 31) que um homem da posição de Jó provavelmente tinha mais de uma esposa, embora isso possa tornar a leitura da história um pouco desconfortável para os ocidentais. Devemos também ter consciência de que dez novos filhos não cancelam a perda dos primeiros dez. Considerando que o final da história objetiva enfatizar a maravilhosa restauração de Jó por Deus, é possível permitir a hipérbole característica do Oriente Médio e aceitar os detalhes sem uma rigorosa literalidade. Por outro lado, a informação contracultural sobre Jó ter dado propriedades às suas filhas significa que o livro (quase) termina com um testemunho final sobre o extraordinário homem que Jó era, capaz de afrouxar as normas sociais e demonstrar amor e compromisso às filhas de sua vida restaurada.

Com uma ironia final, nesse livro repleto delas, a cena derradeira da história confirma que o ensino tradicional expressado pelos amigos e por Jó (e, subsequentemente, por Jesus) está certo. Aqueles que honram a Deus são honrados por ele. A submissão ao Senhor é sabedoria; desviar-se do mal é entendimento. Todavia, de algum modo, isso não dispensa as questões que o

restante da história suscita. O livro abordou variadas formas possíveis de olhar para o sofrimento humano, nenhuma delas aplicável em todos os casos, mas todas elas são, às vezes, aplicáveis. Isso começa com a possibilidade de o sofrimento ser um teste para revelar se o compromisso da pessoa com Deus é genuíno; tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos confirmam que esse teste ou essa provação é uma realidade na vida de Israel e da igreja. O sofrimento é designado a justificar a natureza de nosso relacionamento com Deus. O livro apresentou a percepção de Eliú de que, quando estamos sofrendo, Deus nos alcança em amor e preocupação para nos atrair a ele. Também incorporou os apelos de Yahweh para aceitarmos os limites da nossa compreensão e do nosso poder e confiarmos em Deus mesmo quando não conseguimos enxergar o que ele está fazendo em nossa vida. Ainda, implicou o reconhecimento de que, mesmo quando há uma resposta sobre o motivo de seu sofrimento, é possível que você jamais chegue a conhecê-lo.

O livro, igualmente, apresentou as súplicas e protestos inflamados de Jó, semelhantes aos que encontramos no livro de Salmos, mas aparecem aqui em uma escala colossal, sugerindo que, embora Jó acabe se submetendo a Deus em reconhecimento à sabedoria superior do Criador, sua atitude é aquela que Deus prefere, em detrimento da ação dos amigos. Pouco tempo atrás, um casal conhecido teve um filho que faleceu alguns dias após nascer. O culto memorial envolveu uma série de versículos do livro de Jó, que expressavam dor e protesto, submissão e esperança. Um dos presentes afirmou que passaria a frequentar a igreja, pois não conhecia outra igreja na qual esses sentimentos e perguntas pudessem ser verbalizados.

Todas essas percepções a respeito do sofrimento e sobre como responder a ele precisam fazer parte da nossa consciência, não apenas quando algo terrível acontece, mas antes que aconteça, para que se tornem recursos disponíveis quando a calamidade vier. Caso contrário, será muito tarde para descobrir que atitude devemos ter diante do sofrimento. Antes, a experiência revelará como já pensamos.

Nesse sentido, tenho dúvidas quanto ao livro ter como público-alvo os que sofrem, embora possa ser de grande utilidade saber que outras pessoas sentiram o que eles agora estão sentindo. Portanto, ao conhecer Jó, sua esposa, qualquer um dos seus dez primeiros filhos ou os servos no céu, e lhes perguntar o que eles pensaram sobre tudo o que lhes aconteceu, é possível que respondam que, na época, acharam muito injusto, mas, agora, por saberem que inúmeras pessoas

têm sido beneficiadas por sua história ao longo de quase três mil anos, eles não se importam de terem sofrido dessa maneira, especialmente por terem a inesperada ressurreição para uma nova vida.

Certamente, o livro não é designado a nos ajudar na elaboração de respostas para quem está sofrendo. Na verdade, não há nele nenhuma sugestão de que alguém tivesse algo a falar para Jó. Por outro lado, o livro não reflete muito sobre o que lhe disseram e também não sugere haver outras coisas que poderiam ser ditas. Talvez isso signifique que devemos nos manter calados. Não estou bem certo se o silêncio dos amigos foi um bom silêncio, mas existe algo como um bom silêncio, especialmente se for o de um ouvinte e de uma testemunha, um silêncio capaz de encorajar o sofredor a verbalizar a mágoa, os questionamentos e os protestos que jorram de seu coração e, então, não apenas aplicar um curativo na ferida.

GLOSSÁRIO

Abadom. Uma das palavras do Antigo Testamento para o lugar no qual as pessoas mortas estão, a exemplo de Sheol. A palavra comum é similar a um termo hebraico com o significado de "perecer", o que pode não ser uma mera coincidência. Na verdade, o verbo pode sugerir "destruir" de modo a possibilitar uma ligação com o fato de a morte significar a decomposição do nosso corpo. No entanto, os textos não fazem nada disso; a palavra é apenas um nome.

Aliança. A palavra hebraica berit abrange alianças, tratados e contratos, mas todas essas são formas pelas quais as pessoas estabelecem um compromisso formal sobre algo. Tenho, porém, utilizado o termo "aliança" para expressar todas as três. Onde há um sistema legal ao qual as pessoas podem apelar, os contratos pressupõem um sistema para resolver disputas e ministrar justiça que pode ser utilizado caso uma das partes não cumpra com os seus compromissos. Em contraste, um relacionamento de aliança não pressupõe uma estrutura legal executável dessa espécie, mas a aliança envolve algum procedimento formal que confirme a seriedade do compromisso solene que as partes assumem uma com a outra. Desse modo, o Antigo Testamento frequentemente fala sobre selar uma aliança; textualmente, cortá-la (o pano de fundo reside no tipo de procedimento formal descrito em Gênesis 15 e Jeremias 34:18-20, embora esse tipo de procedimento dificilmente fosse exigido toda vez que alguém assumia um compromisso de aliança). Às vezes, as pessoas selam alianças para outras pessoas e, às vezes, com outras pessoas. A primeira implica algo mais unilateral; a outra envolve algo mais recíproco.

Compromisso. O termo corresponde à palavra hebraica hesed, que as traduções expressam de modos distintos: amor inabalável, benignidade, bondade ou fidelidade. Trata-se do equivalente, no Antigo Testamento, à palavra para amor no Novo Testamento, isto é, agapē. O Antigo Testamento

utiliza a palavra “compromisso” em referência a um ato extraordinário por meio do qual uma pessoa se dedica a alguém, numa atitude de generosidade, lealdade ou graça, quando não há um relacionamento prévio entre as partes e, portanto, nenhum motivo para isso. Desse modo, em Josué 2 Raabe fala, apropriadamente, de sua proteção aos espias israelitas como um ato de compromisso. Pode também referir-se a um ato extraordinário similar que ocorre quando há uma relação prévia, na qual uma das partes decepciona a outra e, assim, não tem o direito de esperar qualquer fidelidade da outra parte. Caso a parte ofendida continue sendo fiel, trata-se de uma demonstração desse compromisso. Em resposta a Raabe, os espias israelitas declaram que irão se relacionar com ela dessa maneira. No Novo Testamento, a palavra traduzida por amor, agapē, é equivalente a hesed.

Shaddai. Shaddai é um nome para Deus que aparece, com frequência, no livro de Jó. Não sabemos se o nome tinha um significado particular. O termo lembra palavras com o significado de montanha, peito e destruição. O Antigo Testamento, ocasionalmente, sugere que Shaddai seja o Destruidor, mas, de modo geral, não implica que a palavra tenha um significado específico. A sua profusa aparição no livro de Jó reflete o sentido de ser mais apropriado nos lábios dos israelitas do que o nome Yahweh. A tradução convencional por “Todo-poderoso” deriva de uma antiga tradição grega do Antigo Testamento, a Septuaginta.

Sheol. O termo hebraico mais frequente para o lugar ao qual vamos quando morremos (veja também Abadom e os comentários em Jó 11). No Novo Testamento, esse lugar recebe o nome de Hades. Não se trata de um lugar de punição ou de sofrimento, mas somente um local de descanso para todos, uma espécie de análogo imaterial da sepultura como local de descanso para o nosso corpo.

Torá. A palavra hebraica para os cinco primeiros livros da Bíblia. Eles, em geral, são referidos como a “Lei”, mas esse termo propicia uma impressão equivocada. No próprio livro de Gênesis, não há nada como “lei”, bem como

Êxodo e Deuteronômio não são livros “jurídicos”. A palavra torah, em si, significa “ensino”, o que fornece uma impressão mais correta da natureza da Torá.

Yahweh. Na maioria das traduções bíblicas, a palavra “Senhor” aparece em letras maiúsculas ou em versalete, como ocorre, às vezes, com a palavra “Deus”. Na realidade, ambas representam o nome de Deus, Yahweh. Nos tempos do Antigo Testamento, os israelitas deixaram de usar o nome Yahweh e começaram a usar “o Senhor”. Há dois motivos possíveis. Os israelitas queriam que outros povos reconhecessem que Yahweh era o único e verdadeiro Deus, mas esse nome de pronúncia estranha poderia dar a impressão de que Yahweh fosse apenas o deus tribal de Israel. Um termo como “o Senhor” era mais facilmente reconhecível. Além disso, eles não queriam incorrer na quebra da advertência presente nos Dez Mandamentos sobre usar o nome de Yahweh em vão. Traduções em outros idiomas, então, seguiram o exemplo e substituíram o nome de Yahweh por “o Senhor”. O lado negativo é que isso obscurece o fato de Deus querer ser conhecido por esse nome. Por esse motivo, o texto utiliza Yahweh, com frequência, não algum outro nome (assim chamado) deus ou senhor. Essa prática dá a impressão de Deus ser muito mais “senhoril” e patriarcal do que ele o é na realidade. (A forma “Jeova” não e uma palavra real, mas uma mescla das consoantes de Yahweh e das vogais da palavra Adonai [Senhor, em hebraico], com o intuito de lembrar as pessoas que na leitura da Escritura elas deveriam dizer “o Senhor”, não o nome real.)

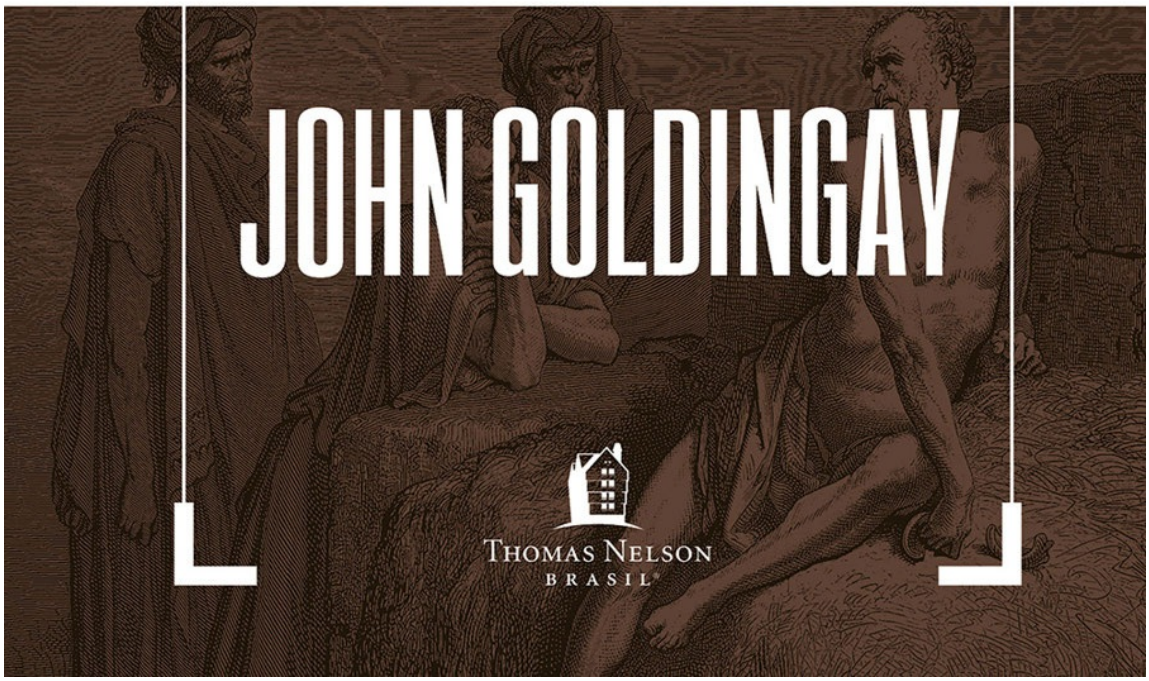
SOBRE O AUTOR

John Goldingay é pastor, erudito e tradutor do Antigo Testamento. Ele é professor emérito David Allan Hubbard de Antigo Testamento no prestigiado Seminário Teológico Fuller em Pasadena, Califórnia. É um dos acadêmicos de Antigo Testamento mais respeitados do mundo com diversos livros e comentários bíblicos publicados. O autor possui o livro Teologia bíblica publicado pela Thomas Nelson Brasil.



POÉTICOS PARA TODOS

SALMOS 1-72 PARTE 1



JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL®

POÉTICOS PARA TODOS

SALMOS 1—72 • PARTE 1

JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL®

AGRADECIMENTOS

A tradução no início de cada capítulo (e em outras citações bíblicas) é de minha autoria. Tentei traduzir os Salmos em um comentário anterior (Psalms [Salmos], em três volumes, publicado pela Baker Academic, em 2006-2008); embora tenha iniciado do zero para este livro, algumas vezes adaptei sentenças extraídas desse trabalho anterior. Estabeleci como alvo me manter o mais próximo do texto hebraico original do que, em geral, as traduções modernas, destinadas à leitura na igreja, para que você possa ver, com mais precisão, o que o texto diz. Da mesma forma, embora prefira utilizar a linguagem inclusiva de gênero, deixei a tradução com o uso universal do gênero masculino caso esse uso inclusivo implicasse dúvidas quanto ao texto estar no singular ou no plural — em outras palavras, a tradução, com frequência, usa “ele” onde em meu próprio texto eu diria “eles” ou “ele ou ela”. Às vezes, acrescentei palavras para tornar o significado mais claro, colocando-as entre colchetes. Ao final do livro, há um glossário contendo alguns termos recorrentes no texto, tais como expressões geográficas, históricas e teológicas. Em cada capítulo (exceto na introdução ou nas seleções da Escritura), a ocorrência inicial desses termos é destacada em negrito.

As histórias presentes na tradução, em geral, envolvem meus amigos, assim como minha família. Todas elas ocorreram, de fato, mas foram fortemente dissimuladas para preservar as pessoas envolvidas. Em algumas, o disfarce utilizado foi tão eficiente que, ao relê-las, levo um tempo para identificar as pessoas descritas. Nas histórias, Ann, minha primeira esposa, aparece com frequência. Dois anos antes de eu começar a escrever este volume, ela faleceu, após negociar com a esclerose múltipla durante 43 anos. Compartilhar os cuidados, o desenvolvimento de sua enfermidade e a crescente limitação, ao longo desses anos, influencia tudo o que escrevo, de maneiras facilmente perceptíveis ao leitor, mas também de formas menos óbvias.

Pouco antes de começar a escrever este volume, apaixonei-me e casei-me com Kathleen Scott e sou muito grato por minha nova vida ao lado dela e por seus lúcidos comentários sobre o manuscrito, tão criteriosos e elucidativos que, na realidade, ela deve ser creditada como coautora. Minha gratidão, igualmente, a Matt Sousa por ter lido o manuscrito e me indicado o que precisava ser corrigido

ou esclarecido no texto, e a Tom Bennett por ter conferido a prova de impressão.

INTRODUÇÃO

No tocante a Jesus e aos autores do Novo Testamento, as Escrituras hebraicas, que os cristãos denominam de Antigo Testamento, eram as Escrituras. Ao incluir essa observação, lanço mão de alguns atalhos, já que o Novo Testamento jamais apresenta uma lista dessas Escrituras, mas o conjunto de textos aceito pelo povo judeu é o mais próximo que podemos avançar na identificação da coletânea de livros que Jesus e os escritores neotestamentários tiveram à disposição. A igreja também veio a aceitar alguns livros adicionais, como Macabeus e Eclesiástico, tradicionalmente denominados "apócrifos", os livros que estavam "ocultos" — o que veio a implicar "espúrios". Agora, com frequência, são conhecidos como "livros deuterocanônicos", um termo mais complexo, porém menos pejorativo; isso simplesmente indica que esses livros detêm menos autoridade que a Torá, os Profetas e os Escritos. A lista exata deles varia entre as diferentes igrejas. Para os propósitos desta série que busca expor o "Antigo Testamento para todos", consideramos como "Escrituras" os livros aceitos pela comunidade judaica, embora na Bíblia judaica eles sejam apresentados em uma ordem distinta, classificados como a Torá, os Profetas e os Escritos.

Elas não são "antigas" no sentido de antiquadas ou ultrapassadas; às vezes, gosto de me referir a elas como o "Primeiro Testamento" em vez de "Antigo Testamento", para não deixar dúvidas. Quanto a Jesus e aos autores do Novo Testamento, as antigas Escrituras foram um recurso vívido na compreensão de Deus e dos caminhos divinos no mundo e conosco. Elas foram úteis "para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra" (2Timóteo 3:16-17). De fato, foram para todos, de modo que é estranho que os cristãos pouco se dediquem à sua leitura. Assim, o objetivo, com esses volumes, é auxiliar você a fazer isso.

Meu receio é que você leia a minha obra, não as Escrituras. Não faça isso. Aprecio o fato de esta série incluir grande parte do texto bíblico, mas não ignore a leitura da Palavra de Deus. No fim, essa é a parte que realmente importa.

UM ESBOÇO DO ANTIGO TESTAMENTO

Embora o Antigo Testamento cristão contenha os mesmos livros da Bíblia judaica, eles são apresentados em uma ordem diferente:

Gênesis a Reis: Uma história que abrange desde a criação do mundo até o exílio dos judaítas na Babilônia.

Crônicas a Ester: Uma segunda versão dessa história, prosseguindo até os anos posteriores ao exílio.

Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos: Alguns livros poéticos.

Isaías a Malaquias: O ensino de alguns profetas.

A seguir, há um esboço da história subjacente a esses livros (não forneço datas para os eventos em Gênesis, o que envolve muito esforço de adivinhação).

1200 a.C.	Moisés, o êxodo, Josué
1100 a.C.	Os “juízes”
1000 a.C.	Saul, Davi
900 a.C.	Salomão; a divisão da nação em dois reinos: Efraim e Judá
800 a.C.	Elias, Eliseu
700 a.C.	Amós, Oseias, Isaías, Miqueias; Assíria, a superpotência; a queda de Efraim
600 a.C.	Jeremias, rei Josias; Babilônia, a superpotência
500 a.C.	Ezequiel; a queda de Judá; Pérsia, a superpotência; judaítas livres para retornar para casa
400 a.C.	Esdras, Neemias
300 a.C.	Grécia, a superpotência
200 a.C.	Síria e Egito, os poderes regionais puxando Judá de uma forma ou de outra
100 a.C.	Judá rebela-se contra o poder da Síria e obtém a independência
0 a.C.	Roma, a superpotência

SALMOS 1—72

O livro de Salmos inclui cerca de 135 exemplos de coisas que podem ser ditas a Deus. Eles oferecem variados modelos no tocante às quatro formas de falar a Deus que, igualmente, correspondem às maneiras por meio das quais os seres humanos falam entre si.

Primeiro, dizemos a Deus (e uns aos outros): “Tu és grande.” O salmo 8 é um exemplo conveniente. Ele inicia-se com “Yahweh, nosso Deus, quão poderoso é o teu nome em toda a terra”. Embora o termo técnico para o livro de Salmos seja Saltério, o título hebraico do livro é Tehillim, que significa Louvores (há relação com a palavra “aleluia”). Nos salmos de louvor, reconhecemos o poder e a fidelidade de Deus — não da maneira pela qual essas verdades se aplicam a nós, mas como fatos sobre Deus, que permanecem verdades independentemente dos nossos sentimentos ou das nossas experiências. Eles também estão relacionados com as grandes obras que Deus fez na criação, na libertação de Israel da servidão no Egito e na condução do povo israelita a uma terra de sua propriedade. Os cristãos se unem a esse louvor pelo que ele realizou por meio de Jesus Cristo. Pode-se imaginar que esses cânticos de louvor dos israelitas fizessem parte do culto regular do templo e como acompanhamento dos sacrifícios ali realizados.

Segundo, dizemos a Deus (e uns aos outros): “Socorro!” Portanto, o salmo 3 assim se inicia: “Yahweh, quantas pessoas me incomodam, quantas se levantam contra mim! Muitas pessoas estão dizendo de mim: ‘Não há libertação de Deus para ele!’” Histórias em outras passagens do Antigo Testamento sugerem que, às vezes, orações semelhantes a essas devem ser oradas pelo rei e pela comunidade como um todo, ao enfrentarem uma crise nacional. Certas ocasiões, essas orações deveriam ser proferidas por indivíduos comuns do povo em necessidade, idealmente com um grupo de familiares ou de amigos. Portanto, os que oram esses salmos não incluiriam apenas aqueles carentes de auxílio, mas também as pessoas que se identificam com os necessitados. São salmos de intercessão (oração por outros), do mesmo modo que são salmos de súplica (oração por si mesmo).

Às vezes, podemos nos sentir menos desesperados, quer a situação seja desesperadora quer não. Assim, uma terceira forma de falar com Deus (e uns aos outros) é expressar: “Em ti confio.” O salmo 23 constitui um exemplo; esse salmo pertence à espécie de contexto de vida no qual a pessoa está caminhando por um vale profundo, caracterizado por uma sombra mortal, e quando ela está cercada por inimigos. Todavia, o salmo expressa a confiança de que Deus irá proteger e libertar.

Por fim, podemos ter a experiência de Deus (ou de outra pessoa) agindo para lidar com a nossa situação. Então, naturalmente, dizemos a Deus e uns aos outros: “Obrigado.” O salmo 30 é um modelo. Ele começa assim: “Eu te exaltarei, Yahweh, pois tu me derrubaste, mas não deixaste os meus inimigos se regozijarem contra mim. Yahweh, meu Deus, clamei a ti por socorro, e me curaste.” As ações de graças são um subconjunto do louvor, mas há uma diferença importante entre eles. Os salmos de louvor honram a Deus pelo que Deus é e sempre foi e pelas grandiosas obras que fez para redimir o seu povo. Os salmos de ações de graças relacionam-se ao que Deus nos tem feito no presente, seja como indivíduos, seja como povo. De modo característico, eles operam ao relatar o que Deus fez agora. Uma vez mais, é possível imaginar a comunidade, ou a pessoa com seus amigos ou suas amigas, reunida no templo para oferecer sacrifícios de ação de graças em reconhecimento do que Deus fez em seu favor, acompanhando os sacrifícios com o testemunho expresso em um salmo de gratidão.

Essas quatro categorias distintas de salmos abrangem palavras ditas a Deus, não por Deus. Há cerca de quinze salmos que apresentam o próprio Deus falando ou por meio de um sacerdote ou de um profeta — esses salmos falam a nós. Na verdade, o Saltério começa dessa forma. O salmo 1 declara uma bênção sobre a pessoa que medita no ensino de Yahweh. O salmo 2 apresenta uma promessa ao rei israelita de que Deus o usará como o agente divino no governo das nações — portanto, aquele que será sábio o bastante para se submeter a ele.

Não sabemos quem escreveu o livro de Salmos. Inúmeros salmos apresentam notas introdutórias, descrevendo-os como “de Davi”, mas essas introduções podem descrever os mesmos salmos como “do líder” (o que parece denotar o líder da adoração). Isso sugere que não são relativos à autoria. Embora o Antigo Testamento afirme que Davi tocava um instrumento equivalente à harpa, ele dá muito mais proeminência ao seu papel de patrono e promotor da adoração no templo. Desse modo, a designação particular de salmos como sendo “de Davi”

pode significar que esses salmos pertençam a uma coletânea de salmos comissionados por Davi. Eles poderiam, então, também ser “do líder”, no sentido de pertencerem a uma coletânea mantida pelo líder da adoração. O livro de Salmos, provavelmente, surgiu quando diversas coleções de salmos foram reunidas, um processo não muito distinto daquele que deu origem aos nossos hinários cristãos. A natureza do processo explica o motivo de o salmo 72, o último salmo a ser considerado neste volume, se encerrar com a declaração de que as orações de Davi, filho de Jessé, chegaram ao fim. Todavia, no Saltério, como o temos hoje, há mais orações atribuídas a Davi depois disso.

O melhor é assumir que praticamente nada sabemos quanto à autoria e à datação do livro de Salmos. Paradoxalmente, isso é benéfico em vez de prejudicial ao uso e à nossa apreciação deles. Embora eles apareçam em contextos concretos e, com frequência, reflitam experiências sólidas de sofrimento e de libertação de Deus, os salmos não nos revelam a natureza precisa dessas experiências, pois são designados para que os usemos em conexão com o que nos acontece. De modo similar, normalmente não conhecemos quando os hinos e as orações foram escritos, mas isso não nos impede de usá-los como meios de adoração e de expressão de nosso relacionamento com Deus. Assim também ocorre com o livro de Salmos.

O fim do salmo 72 possui outra característica, pois inclui um grito de bênção a Deus, seguido por “Amém e amém”, o que parece não ter muito a ver com o próprio salmo. Há notas semelhantes ao fim dos salmos 41, 89 e 106. Essas notas marcam as divisões do Saltério em cinco partes. Caso consideremos Davi como o patrono dos Salmos, existem, portanto, cinco livros de Davi em paralelo aos cinco livros de Moisés com os quais o Antigo Testamento inicia (nesse sentido geral — não significa que o Livro Um seja paralelo a Gênesis, e assim por diante). Os cinco livros mosaicos ensinam as pessoas sobre como viver; os cinco livros de Davi as ensinam sobre como orar e louvar. Os capítulos 5 e 6 de Efésios, no Novo Testamento, instruem os cristãos a se deixarem encher pelo Espírito Santo e a falarem uns com os outros por meio de salmos, hinos e cânticos espirituais; a entoar e fazer música do coração; a dar graças a Deus; a orar no Espírito em todas as ocasiões com toda a oração e súplica; e a orar por outras pessoas. Como fazemos isso? O Saltério está presente na Escritura para nossa instrução.

Alguém que leu a versão preliminar desse livro comentou que eu fiz mais referências a Jesus do que nos volumes anteriores e questionou-me o motivo de

tê-lo feito. Na verdade, não tinha consciência desse fato, mas um dos motivos pode ser o fato de Jesus ter feito frequentes menções ao livro de Salmos. Outro motivo pode ser porque alguns aspectos do Saltério incomodam os cristãos, pois estes enxergam conflitos entre os salmos e Jesus e o Novo Testamento. Gosto de indicar que essas partes são, às vezes, aquelas explicitamente afirmadas pelo Novo Testamento. Se temos algum problema com relação aos Salmos, saiba que Jesus não teve.

SALMOS

Hoje, nos Estados Unidos, celebra-se o Dia da Independência, e no domingo a nossa pregadora convidada, mais de uma vez referiu-se à liberdade que temos de fazer escolhas como um bom motivo de júbilo. Imagino que, além da liberdade de não ter o próprio destino forjado por indivíduos do outro lado do Atlântico, ela estava se referindo à nossa liberdade de escolher onde viver, a escola à qual enviamos nossos filhos, o momento da aposentadoria, o plano de saúde ou mesmo que tratamento ter ao procurarmos os nossos provedores de assistência médica. Claro que o outro lado dessa moeda chamada liberdade é o ônus da responsabilidade. Quanto mais escolhas temos, mais as chances de optarmos por uma escolha má. As pessoas são mais propensas a comprar geleia quando há apenas três marcas diferentes na prateleira do supermercado do que se houvesse trinta. Fazer escolhas pode ser uma tarefa confusa.

Salmo 1 acredita na importância da escolha, crê que a escolha-chave a ser feita por nós é de extrema relevância, mas também acredita que é simples. Há dois caminhos que se colocam à nossa frente, como indivíduos; Jesus abordou essa ideia em Mateus 7, ao nos falar sobre o caminho amplo e o estreito. Somos como viajantes que encontram uma bifurcação na estrada e temos de decidir em qual delas vamos seguir em nossa jornada. Um desses caminhos envolve “andar” na torá de Yahweh; a imagem sugere andar por uma estrada muito bem sinalizada, similar a possuir um GPS ou outro sistema de navegação.

Caminhar nessa vereda é, ao mesmo tempo, fácil e difícil. A espécie de instrução que a Torá dá: “Curve-se somente a Yahweh; não faça imagens; guarde o sábado; não cometa adultério; diga a verdade no tribunal; não cobice a propriedade alheia.” Não é nenhum bicho de sete cabeças; Deus não espera nada muito complicado de nós. Mas as expectativas da Torá, igualmente, constituem uma vereda estreita, pois elas vão contra os instintos humanos. Gostamos de garantias quanto ao nosso objeto de culto; apreciamos adorar pelas formas mais úteis ou convenientes; tratamos todos os dias da semana como se pertencessem a nós; e se outro homem ou outra mulher nos atrair — o que pode estar errado com amar e ser amado? O salmo denomina esse caminho como dos infiéis, dos ofensores, das pessoas que não dão atenção ao que diz a Torá.

Caso queira evitar esse caminho e permanecer na companhia dos fiéis, é necessário observar onde pisa, onde se assenta e quem são os seus amigos. Além disso, é preciso fazer do ensino da Torá o seu deleite e o seu falar. A palavra

hebraica para “falar” sugere meditação, mas não um meditar que ocorre apenas em nossa mente — antes, o ensino de Deus deve estar em nossos lábios. E, caso necessite de encorajamento para deleitar-se no ensino de Yahweh, então um deles é a promessa de que a rota bem sinalizada e que parece tão estreita (você já não se aborreceu quando o seu sistema de navegação lhe disse para seguir um caminho que você não queria?) é o caminho que conduz à bênção. Jesus, uma vez mais, aborda a perspectiva do salmo ao comentar sobre a bênção que vem às pessoas que ouvem a palavra de Deus e obedecem a ela (Lucas 11:28). Em contraste, a rota que parece ampla, com muita liberdade de trânsito e de boa companhia, na verdade é o caminho que não leva a nenhum lugar ao qual você queira realmente ir.

Como o paralelismo sugere, o “julgamento”, citado pelo salmo, não é um juízo final a ocorrer no fim dos tempos. O Antigo Testamento foca mais na forma pela qual o propósito de Deus é trabalhado em nossa vida cotidiana. Qualquer comunidade local possui uma “assembleia dos fiéis”, uma reunião de seus anciãos, com o objetivo de solucionar questões conflitantes no seio da comunidade, com a realização de um julgamento ou uma tomada de decisão sobre os conflitos que surgem. O salmo contém uma comovente fé nos processos civis na comunidade e convida as pessoas que oram os Salmos a confiar neles. Deus cuidará para que a vida civil opere de maneira justa. Desse modo, Deus, então, reconhece os fiéis.

O fato de o Saltério iniciar com esse salmo nos faz lembrar que a vida de adoração e de oração, que está no foco do livro, não pode ser separada de um viver à luz da Torá; não se pode esperar adorar ou orar se você não está vivendo de acordo com aquele ensino. Muitos salmos, que constituem uma súplica por socorro, incluem a declaração de seguirmos uma vida de fidelidade. Eles, portanto, declaram que a confusão em que nos encontramos não é resultante da nossa própria infidelidade, mas que não podemos orar dessa forma, exceto se vivermos à luz do salmo 1. Caso esteja vivendo de acordo com o ensino da Torá, então a confusão em sua vida implica que Deus não tem cumprido as promessas desse salmo inicial. Em tais circunstâncias, o Saltério o convida a viver com a tensão entre o salmo 1 e a confusão em que você está. Você não deve fechar os olhos à confusão, mas também não deve parar de crer no salmo 1. Na verdade, isso instrui a sua oração, pois, quando estiver em meio a uma confusão, você estará na posição certa para perguntar a Deus: “Perdoe-me, mas e quanto ao que tu disseste no salmo 1?”

Ontem à noite, acompanhamos os fogos de artifício em comemoração ao Dia da Independência e lembrei-me de como, às vezes, as pessoas me perguntam: “Vocês celebram o Dia da Independência na Grã-Bretanha?” Então, respondo: “Sim, claro: os pais ficam felizes quando os seus filhos crescem e assumem o controle de suas próprias vidas, tornando os pais livres da responsabilidade por eles.” Vivendo na Grã-Bretanha, raramente eu me lembrava do fato de que os Estados Unidos haviam sido uma colônia britânica. Apenas quando passei a viver em solo norte-americano é que comecei a apreciar a importância da bem-sucedida rebelião empreendida pelas desorganizadas milícias coloniais contra as autoridades britânicas. Para os cidadãos dessa superpotência do século XXI, também deve ser difícil imaginar a natureza dessa conquista.

No Antigo Testamento, Israel possuía algo mais similar ao poder dos Estados Unidos no século XVIII do que no século XXI, pois, praticamente, durante toda a sua história, a nação desempenhou um papel de subserviência. Diz-se que um chefe do departamento de antiterrorismo do FBI denominou a força-tarefa que buscava as pessoas por trás do primeiro ataque ao World Trade Center de “um pequeno e desorganizado exército de chantagistas, bandidos e assassinos”; seria possível definir o exército de Davi com os mesmos termos. Todavia, Deus disse a Davi e aos seus sucessores que eles iriam controlar as nações. Yahweh se tornou o pai de Davi; ele o adotou como seu filho. Davi irá se tornar o meio pelo qual a soberania de Deus operará no mundo. Seria possível esperar que Deus comandasse as forças de uma superpotência, mas agir por meio de um exército desorganizado e amador está de acordo com o modo regular de Deus atuar, virando as nossas expectativas de cabeça para baixo.

Houve um breve período na vida de Davi durante o qual o rei de Israel esteve à frente de um pequeno império, mas, em geral, nações como Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia poderiam, na realidade, rir-se da ideia de que Yahweh iria controlar os seus destinos por meio do rei que ele ungiu. O mais comum era essas nações invadirem, sitiarem, derrotarem, matarem, transportarem pessoas, cobrarem impostos e, constantemente, tornar a vida insuportável para Israel. É fácil retratar os israelitas orando, século após século, os salmos que tratam de invasão e derrota que se seguirão. Portanto, podemos ver a ligação entre os salmos 1 e 2, na abertura do Saltério. O que o salmo 1 faz pelo indivíduo, o salmo 2 faz pela nação. Ele convida Israel a reconhecer a severidade de sua existência ao longo dos séculos, mas também a não presumir que essa realidade

determinará a última palavra. Do mesmo modo que a vida do indivíduo está debaixo da promessa expressa no salmo 1, a vida de Israel está sob a promessa presente no salmo 2. Às igrejas que viviam sob a soberania autocrática de outra superpotência, o Jesus ressurreto promete que elas exercerão a espécie de governo rigoroso sobre o qual Deus, aqui, discorre (p. ex., veja Apocalipse 2:26-27). Claro que nem a promessa do salmo ou a de Jesus destina-se a pessoas que pertençam a uma superpotência. No salmo 2, os leitores ocidentais constituem as nações, não Israel. No entanto, ler o salmo como se fôssemos o pequeno Israel pode nos ajudar a refletir sobre a posição das pequenas nações que estão sob o nosso domínio.

Quando um superpoder como a Assíria controlava o destino de pequenos povos como Efraim, Judá, Síria, Filístia, Moabe e Edom, de tempos em tempos essas pequenas nações se uniam para tentar remover o jugo assírio e obter a sua independência (o que, normalmente, terminava em tragédia). A abertura do salmo imagina o sapato calçado em outro pé, com as nações que formam a superpotência se reunindo em um conclave para derrubar a soberania que Yahweh objetiva exercer por meio do reino davídico. Israel, com frequência, ouviu o riso de escárnio de uma superpotência, desdenhando a confiança dos israelitas em Yahweh (o relato em 2Reis 18—19 representa um grande exemplo). O salmo 2 nos faz lembrar de outro riso que ressoa ao redor de uma corte superior. Essa risada, igualmente, tem uma vantagem. Caso as nações persistam em se rebelar contra a soberania de Yahweh, elas serão colocadas no centro do alvo da ira divina. Como Jesus expressou, de forma mais assustadora, em Mateus 25, as nações que estiverem à esquerda do Rei estão amaldiçoadas e serão enviadas para o fogo eterno. No entanto, idealmente, todas as nações terão um lugar à direita do Rei. Nos termos do salmo, elas experimentarão as bênçãos de pessoas que confiam nele (portanto, o salmo 2 termina com uma promessa similar àquela que abre o salmo 1). Embora elas tenham de se submeter e tremer diante de Yahweh em rendição genuína à autoridade divina, as nações, paradoxalmente, podem fazê-lo com júbilo, a exemplo de Israel.

Do mesmo modo que os indivíduos, as nações têm uma escolha e, igualmente, podem ser abençoadas ao se submeterem a andar no caminho de Yahweh.

Ao assistir a um filme de ação e suspense como a trilogia A identidade Bourne, pergunto-me como seria ter todos contra mim e não ser capaz de confiar em ninguém. Então, no fim do filme, lembro-me de que é apenas uma história. No entanto, na noite passada, assistimos a um filme chamado Jogo de poder, sobre uma agente da CIA e seu marido, um ex-embaixador, que, acidentalmente, envolve-se na exposição das inverdades nos relatórios da inteligência sobre a existência de armas de destruição em massa no Iraque, o que legitimou a invasão desse país pelos Estados Unidos. Uma vez mais, vemos o mesmo cenário; todos contra a agente: membros da Casa Branca, seus antigos colegas da CIA, os repórteres acampados à sua porta, as pessoas que lhe enviam ameaças de morte, os amigos que achavam que a conheciam e aos quais ela não consegue explicar os fatos, além do marido, do qual ela se separa por um tempo. Ao contrário do primeiro, uma ficção, dessa vez o filme era "baseado em fatos reais". Reconhecidamente, uma história inspirada em fatos verídicos não é uma história pura (Jogo de poder foi feito pelo mesmo diretor de A identidade Bourne!), de maneira que não se pode levar a sério todos detalhes da história. Contudo, a paranoia não exclui a possibilidade de que, na vida real, todos podem estar contra você.

O salmo 3 é designado para essa experiência. Pode-se considerar intrigante que Davi tenha feito essa oração quando Absalão realizou o seu golpe de Estado (2Samuel 15), mas há sobreposições a esse episódio que mostram como é possível aprender algo ao colocarmos o salmo e a história no mesmo quadro, mesmo que eles, originariamente, não estejam conectados (veja a história de Davi). Outros reis davídicos passaram pela experiência descrita pelo salmo. Em nosso comentário sobre o salmo 2, observamos o relato sobre a invasão de Judá pela Assíria (2Reis 18—19). Naquela ocasião, os assírios dirigiram a Davi exatamente a provocação que aparece no salmo 3: "Não se iluda pensando que Yahweh irá libertar você." O rei assírio possuía um imenso exército e tinha toda a inteligência ao seu lado. Isso lhe angariou inúmeras vitórias, levando-o a conquistar muitas cidades judaítas. Além disso, se entre os "muitos" que afirmavam não haver meios de escapar da derrota e da morte incluíam-se os seus próprios súditos, não seria possível culpá-los por pensarem assim.

Como é possível seguir em frente nessas circunstâncias? Primeiro, encare os fatos; mais ainda, questione Deus com os fatos. Há toda sorte de motivos para não se enfrentar a realidade; a convicção da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos

de que seria necessário derrubar Saddam Hussein levou ao ocultamento de alguns fatos. Os fatos podem ser considerados inconvenientes ou assustadores, mas, se Deus faz parte do retrato, eles podem ser enfrentados. Caso desejarmos nos apegar a Deus em relação aos perigos que nos ameaçam, os fatos precisam ser encarados.

Segundo, lembre a você mesmo, a Deus e a qualquer outra pessoa que esteja ouvindo as verdades sobre Deus que podem ser esquecidas durante uma crise. O salmo menciona duas verdades em relação a Deus. Uma delas é que, mesmo que digam que estou irremediavelmente vulnerável, na verdade há um escudo sobre mim. Deus não é um daqueles escudos ineficientes que empunhamos em uma das mãos, mas que nos deixam muito expostos; ele é como um daqueles escudos gigantes, fincados no chão, que bloqueiam todo o nosso entorno, impossibilitando que um míssil inimigo nos atinja. A outra verdade é que Deus vê que sou honrado e mantém a minha cabeça elevada. Uma vez mais, o salmo 2 sugeriu a base para essa convicção sobre Deus. Por nenhum motivo imaginável por Davi ou outro rei davídico, Deus decidiu fazer dele o meio divino de governar o mundo. O objetivo não era trazer honra a ele, mas isso seria o resultado natural.

No entanto, imagine que você estivesse tentado a questionar se tais convicções eram apenas fantasias elaboradas por um rei. Há algum fundamento para elas? Terceiro, lembre-se das experiências passadas. É fácil, durante uma crise, nos esquecermos de tudo o que ocorreu antes, mas o salmista sabe da importância de estarmos atentos ao que Deus já lhe fez antes. São fatos a serem mantidos bem vivos na memória. O rei já passara por crises antes (Davi, certamente, passou por tudo isso, quando estava fugindo de Saul). Ele sabe o que é clamar a Deus e receber a resposta divina de onde ele se dignou a viver, no templo sobre o monte Sião, no qual instalou o rei (veja, novamente, o salmo 2). Davi sabe o que é ir para a cama sem saber se poderá ser morto durante a noite, mas, então, despertar vivo e bem na manhã seguinte (ao contrário do exército de Senaqueribe, no relato de 2Reis 18—19). Ele não precisa acertar o queixo dos seus inimigos, pois é capaz de ver Deus fazer isso (novamente, isso é o que acontece naquela história sobre Ezequias). Ele pode virar a outra face.

Essas considerações significam que você é livre para dormir e não ter medo. O que Deus fez antes, ele repetirá, pois não é um ato de livramento aleatório, mas uma ação relacionada a uma estratégia de longo prazo. Além disso, Davi está orando não apenas em seu próprio favor, mas em benefício de todo o seu povo. É

a bênção sobre eles que pode vir por meio da ação divina de salvar o seu líder.

Tudo isso significa que ele pode orar confiantemente pela salvação de Deus (“libertação” e “libertar” são palavras-chave nessa breve oração).

Estávamos num mercado de produtores (na Grã-Bretanha, denominaríamos como feira livre). Eu queria comprar batatas grandes e frescas, e o New York Times assegurou que estariam disponíveis, mas não fiquei surpreso por descobrir que a informação para a Costa Leste não seria, necessariamente, válida para a Califórnia. Tudo o que consegui comprar foram batatas mirradas que, nem de longe, pareciam as que eu tinha em mente. Admiramos os tomates, os morangos, a couve-flor e os pêssegos, mas constatamos que eram duas vezes mais caros do que os produtos em nosso armazém hispânico local e, assim, voltamos para casa de mãos vazias. Adotamos uma posição de interesse casual e turístico pelos produtos, pois não precisávamos comprá-los — além de podermos obtê-los em algum outro lugar. Minha esposa estava mais interessada na ideia de pintar os produtos em vez de adquiri-los.

Os israelitas que oram o salmo 4 possuem uma relação muito distinta com os alimentos. Não há um armazém hispânico local no qual possam comprar ou um supermercado com pilhas de melões. Pode haver um local para permutas na vila (p. ex., “Trocarei alguns de meus figos por alguns cachos de suas uvas”), porém o dinheiro ainda não foi inventado, e as pessoas comem o que cultivam e colhem; sem plantação, sem alimento. Cultivar a sua própria comida depende de muito esforço e dedicação, além de conhecimento sobre como fazer as sementes crescerem. No entanto, você pode ser o fazendeiro mais esforçado e competente do mundo e ainda morrer de fome caso não chova na quantidade e no momento adequados, ou, ainda, haja uma praga de gafanhotos na hora imprópria. E, com frequência, Israel experimentou períodos de seca ou a visita de nuvens de gafanhotos.

Eis o pano de fundo do salmo. Cada vez mais pessoas na comunidade estão perguntando quem será capaz de ver as coisas boas — de ter uma colheita decente de grãos, figos, azeitonas e uvas, ou seja, as necessidades da vida. A bênção anunciada pelos sacerdotes ao povo prometia que a luz do rosto de Yahweh resplandeceria sobre eles (veja Números 6). Quando alguém sorri e a luz emana do rosto dessa pessoa, isso significa que ela deseja o melhor para você, que você receba uma chuva de bênçãos. Contudo, a luz do rosto de Yahweh desapareceu. Não adianta olhar para Yahweh em busca das boas coisas das quais necessita para seguir vivendo. Consequentemente, as pessoas olham e buscam em diferentes direções. Os vizinhos cananeus procuram o auxílio de outros deuses no cuidado de suas colheitas, e os israelitas estão cedendo à

tentação de olhar na mesma direção. Eles cessaram de honrar a quem deveriam prestar honras e o estão envergonhando ao olharem para essas outras direções.

O salmista sabe que os deuses aos quais eles buscam e oram não possuem nenhum poder real; eles são fúteis e falsos. Todavia, quando você está sob pressão, sem saber se a sua família sobreviverá a mais um ano de colheitas pobres e de consequente escassez, é possível pensar que não tem mais nada a perder ao se voltar para os outros deuses. Já que Yahweh não entrega o que você necessita para sobreviver, o que tem a perder? O salmista tem ciência dessa tentação; afinal, ele também tem uma família para alimentar. No entanto, a sua descrição quanto ao dilema enfrentado pela comunidade é entretecida ou entrelaçada com súplica, lembrança, exortação e uma declaração de confiança.

Primeiro, o salmista inicia com uma oração para que o fiel Deus seja gracioso, mas não faz nenhum outro pedido concreto além de apelar para que Deus ouça e responda; essa será uma expressão de fidelidade e de graça. Se o salmista deseja apenas obter a atenção de Deus, certamente Deus não resistirá à propensão de fazer algo. Segundo, entremeada na súplica está uma lembrança: “Já passei por caminhos estreitos antes, e tu me levaste para lugares mais espaçosos, por isso sei que fazes essas coisas, e tu o sabes também; não podes dizer que jamais irá intervir.” Terceiro, o salmista, no entanto, passa mais tempo falando a outras pessoas do que a Deus (compare com a exortação em Efésios 5 sobre falar uns aos outros com salmos). O salmista deseja encorajar outros membros da comunidade a serem fiéis a Yahweh, de acordo com o fato de serem um povo que Deus separou para si. Eles precisam considerar com seriedade quem é Yahweh e manter o compromisso tanto na privacidade de seus leitos quanto no culto oneroso que oferecem.

Quarto, o salmista conclui com uma declaração de confiança e de esperança. As pessoas que, por não colherem os alimentos necessários, desistiram de esperar em Yahweh e buscaram o auxílio de deuses dos cananeus, a quem o salmista chama de fúteis e falsos, viram que isso funcionou. O aumento na sua produção de grãos e de vinho intensificou a pressão sobre os que insistem em manter o compromisso com Yahweh. Paradoxalmente, o que o salmista conhece sobre Deus e suas experiências com ele no passado não apenas o leva a manter o compromisso; igualmente, produz alegria, com base na certeza de que Deus virá por seu povo. Isso resulta na confiança de desfrutar um bem-estar e de ser capaz de dormir à noite sem preocupações quanto ao futuro.

Amanhã, o Sudão do Sul se tornará um país separado, independente do Sudão. Ninguém sabe o que o futuro reserva a essa nova nação, mas, caso pertença a ela, decerto espera que a independência signifique o fim do conflito entre o Sul e o Norte daquela região africana e do que se considera a opressão do Sul pelo Norte. Embora seja uma simplificação pensar no Norte como muçulmano e no Sul como cristão (muitos no sul são adeptos das tradicionais religiões africanas), pode-se retratar os cristãos sulistas e seus líderes orando do mesmo modo que o salmo 5. O presidente do Sudão (do Norte) é (segundo o New York Times, de 8 de julho de 2011) "o autor da guerra assassina em Darfur", na região oriental do Sudão. Caso os leitores do livro de Salmos, em outras partes do mundo, não necessitem orar por si mesmos à maneira do salmo 5, então, por meio desse salmo, podem se identificar com seus irmãos e irmãs que vivenciam a experiência descrita pelo salmo. Oramos em benefício deles, não por "eles", mas pensando neles como "nós".

Então, oramos a Deus como o rei. Faria sentido caso o orador desse salmo fosse, ele mesmo, um rei ou um líder como Neemias, atacado por seus inimigos e familiarizado com a experiência de estar sob a vigilância deles. Assim, ao orar o salmo 5, podemos pensar nos líderes de povos vulneráveis como os sudaneses do Sul, expostos ao ataque de agentes de nações rivais ou mesmo de rivais dentro de seu próprio povo que gostariam de estar no poder ou que pensam que os seus líderes não são agressivos o suficiente na defesa do país.

Ser um líder ou um rei significa assumir uma posição de extrema responsabilidade e, com frequência, de grande perigo. Ao mesmo tempo, o rei ou líder está acostumado a receber pessoas que são vítimas de um tratamento injusto. Pode haver uma fila dessas pessoas aguardando a sua chegada ao palácio real, ansiosas para apresentar o seu caso e clamar por socorro, suplicando ao rei para agir como juiz em favor delas. O rei ou líder detém a responsabilidade de promover a justiça. Espera-se que ele personifique o compromisso e a justiça de Deus e não tolere que inescrupulosos roubem a terra e a vida de pessoas por meio de perjúrio, que impeça os planos dos maquinadores do mal, cujas gargantas são sepulcros abertos (i.e., cujas palavras podem levar à morte); todos que em seu ser interior, pensamento e planejamento foquem apenas a destruição das pessoas. Não se deve permitir que tais pessoas coloquem-se diante ou "permaneçam" com você (o verbo hebraico significa hospedar-se por uma noite). Elas são hábeis na arte do ocultamento. (A história de Nabote, em 1Reis 21,

ilustra a forma pela qual os perversos operam, em que pese a terrível ironia desse episódio, pois é o próprio palácio que está envolvido na corrupção e no derramamento de sangue.) Todavia, pelo menos, a experiência dessa responsabilidade traz com ela a possibilidade de olhar para Deus com o fim de personificar a justiça que se espera ser implementada.

Como pessoas comuns, podemos agir assim em nosso próprio benefício, se necessário, e em prol de vítimas de opressão, as quais somos incapazes de proteger. Podemos nos apresentar, logo de manhã, no palácio de Deus com base no compromisso e na identificação de Deus com a fidelidade em detrimento da infidelidade. Podemos suplicar a Deus para enfatizar como as pessoas estão nos vigiando em busca de uma oportunidade para nos atingir ou a outros, pedindo-lhe que venha, sem demora, nos proteger. Podemos lembrar a Deus que essas pessoas não estão apenas se rebelando contra nós, mas contra ele mesmo e o desafiando. Elas estariam fazendo isso se o salmo fosse orado pelo rei davídico, o ungido de Deus, a quem os outros povos devem se submeter. Contudo, o salmo não estabelece essa conexão e implica que elas estão se rebelando contra Deus simplesmente por serem conspiradores assassinos.

Os ocidentais, com frequência, desaprovam o desejo de que os conspiradores sejam apanhados por seus próprios estratagemas, embora o Antigo e o Novo Testamentos, de modo consistente, afirmem que as pessoas devem pagar por transgredirem dessa forma. Além disso, os que estão orando conforme o salmo não estão tomando a implementação da justiça de Deus em suas próprias mãos. Quando você, confiadamente, entrega a Deus, como o único a quem a reparação pertence, isso o libera de buscá-la por si mesmo. Na verdade, é por amor a Deus que o salmista implora por uma ação — para que os rebeldes não saiam impunes de seu desafio a Deus. Seria possível disfarçar um desejo pessoal por vingança com o interesse de que o nome de Deus seja honrado. Para nós, então, o que importa é termos cuidado com o que está em nosso coração ao orarmos esse salmo.

Um casal amigo está celebrando bodas de ouro, e fui solicitado a contribuir com o livro de cumprimentos que lhes será apresentado na festa comemorativa. Assim, escrevi que Ann, a minha primeira esposa, se sentou em seu leito, no quarto de hotel em que está dormindo sob o olhar carinhoso de Jesus (João 14:2), e declarou: “Que maravilhoso!”, e então voltou a dormir até o dia da ressurreição. É claro que trata-se de uma imagem, mas é baseada na realidade da maneira com que o Novo Testamento descreve a nossa situação ao morrermos, e é mais fantasiosa que os relatos bíblicos sobre Samuel despertando para dar a Saul uma última admoestação ou dos mortos deixando a sepultura e andando pela cidade após a morte de Jesus (1Samuel 28; Mateus 27). A ideia subjacente de que a morte significa descansar no Sheol perpassa toda a Bíblia — a diferença entre o Antigo e o Novo Testamentos é, precisamente, que a morte e a ressurreição de Jesus alteram a situação ao estabelecerem que a nossa permanência nesse local será temporária. Nesse ínterim, contudo, tudo o que se faz ali é dormir, sob o olhar amoroso de Jesus.

O problema é que (como o salmo 6 diz), no Sheol as pessoas não podem louvar a Deus. Um dos motivos é pelo fato de o louvor a Deus envolver, essencialmente, exultações, elevações, reverências, danças e agitar de mãos. Nada disso é possível quando se está morto. O outro contratempo é que o louvor a Deus envolve falar sobre o que Deus é e faz por você, no dia que passou, durante a semana ou mesmo no último mês. O louvor envolve o que o salmo denomina de confissão. O hebraico usa a mesma palavra para confessar tanto o que você fez quanto o que Deus fez, porque as duas confissões envolvem contar uma história. O problema é que Deus não faz nada para aqueles que estão no Sheol; eles estão apenas dormindo. Nada acontece ali que motive o louvor a Deus.

O salmista, portanto, lança mão de um argumento para levar Deus a nos libertar quando estamos em apuros: “Liberta-me, e obterás louvor. Deixa-me morrer, e nada obterás.” Os filhos usam os argumentos mais ardilosos para obter dos pais o que eles desejam, e, às vezes, os pais abrem um sorriso e se deixam persuadir. O livro de Salmos opera como se o nosso relacionamento com Deus, por meio da oração, fosse similar ao de filhos com seus pais (que surpresa!). Qualquer argumento é válido para convencer o Pai celestial a fazer o que você deseja ou necessita.

O salmista também pressupõe um aspecto mais solene da relação paternal de

Deus conosco. Os pais detêm a responsabilidade de reprovar e corrigir os seus filhos. Às vezes, cumprem essa função com ira, o que, em si, não é uma ação errada (a ira por si só não é pecaminosa), mas pode ser temerária para a criança, pois o pai (ou a mãe) é muito maior e mais poderoso(a), e a ira pode resultar em uma correção excessiva e abusiva. Assim, o salmo começa com um apelo a Deus para não agir assim. O salmista parece sentir que a correção saiu do controle. Ele discorre sobre estar fraco e angustiado, de necessitar de cura e de libertação. De modo característico, a colocação de palavras torna impossível definir qual o problema enfrentado pelo salmista; portanto, é mais útil na boca de outras pessoas que oram o salmo, pois a sua aplicação não está limitada a um único conjunto de necessidades. O salmo fala em termos hiperbólicos: a quantidade de lágrimas é tão grande a ponto de transformar o leito em uma piscina; como se os olhos tivessem se desgastado de tanto esperar pela ação libertadora de Yahweh. Parte da severidade da experiência é determinada pelo fato de ela perdurar por muito tempo, mas isso não impede o salmista de orar. Em uma cultura na qual esperar por alguns minutos é motivo de queixas, muito mais a espera de umas poucas semanas, imagine quão difícil é apreciar as implicações de suplicar continuamente a Deus por algo, mês após mês. No entanto, o salmista segue pedindo por graça e pela expressão do compromisso de Deus, para que Deus dê meia-volta, em vez de seguir caminhando para o lado contrário (trata-se do verbo que seria traduzido por “arrepender-se”, caso fosse aplicado a um ser humano), e salve e liberte.

Então, uma mudança surpreendente ocorre nos três últimos versículos. No livro de Salmos, pode haver dois estágios de respostas a uma oração. O primeiro é quando Deus ouve a oração e estabelece o compromisso de lidar com o assunto levantado por ela. O segundo estágio é quando Deus, então, age. O salmista ainda não viu o estágio dois, mas, evidentemente, o primeiro estágio já ocorreu. Será que, entre os versículos 7 e 8, alguém ministrou ao que ora e lhe deu a garantia de que Deus ouviu a sua oração e agirá? Ou o que ora, simplesmente, sabe que, quando um filho apela ao seu pai ou à sua mãe, o apelo sempre é ouvido? Não sabemos a resposta a essas questões, e não precisa ser a mesma para cada vez que o salmo é usado. O que está claro é a presunção de que a oração faz diferença, não porque ela muda a pessoa que ora, mas porque Deus a ouve e estabelece o compromisso de agir. Esse ouvir de Deus, portanto, muda a pessoa que ora e torna possível enfrentar as questões abordadas na oração com uma nova atitude e confiança, incluindo até mesmo um sono tranquilo, quando antes isso não ocorria. Isso não significa que a pessoa que ora deixará de retornar amanhã, caso o segundo estágio ainda não tenha se cumprido.

Caso você seja um judeu ortodoxo do Brooklyn e for acusado por algum delito, você pode contratar um detetive particular, igualmente ortodoxo, que veste um sobretudo preto e um chapéu no estilo Fedora — embora quando ele se disfarça, se limite a um solidéu e a um xale de oração com franjas, que podem ser usados debaixo de um gorro e uma camiseta dos Yankees. Segundo o New York Times, de 8 de julho de 2011, um de seus casos mais relevantes envolveu abuso infantil e resultou na prisão de um homem. O detetive descobriu evidências de que uma das testemunhas do caso havia recebido suborno, o que possibilitou, portanto, a libertação do acusado. O detetive particular declarou: "Quando acordo pela manhã, oro a Deus e desejo acreditar que há pessoas boas no mundo. Mas, quando saio para o trabalho, todos os dias, e vejo o que vejo, isso se torna um grande desafio para mim."

Ele trabalha no mundo com o qual o salmo 7 está familiarizado. O salmista fala por alguém acusado de ter a maldade em suas mãos ou sobre elas; a expressão relembra a sentença em Isaías 1 sobre as mãos cheias de sangue. Havia pessoas com as quais ele entrara em uma espécie de relacionamento de compromisso. Eram aliados, indivíduos com os quais ele mantinha uma relação de paz ou que achavam que era assim, mas que foram prejudicados por ele. Por outro lado, ele é acusado de falhar em considerar com seriedade o delito de outras pessoas; como se estivesse se relacionando com malfeitores, de modo contrário ao salmo 1, que nos exorta a mantermos distância de tais pessoas. (Segundo Samuel 16—20 fornece o pano de fundo que pode sugerir as ligações com a história de Davi, mencionadas na introdução do salmo.)

Essas eram as acusações. Até onde sabemos, não havia investigadores em Jerusalém para serem contratados com o objetivo de limpar o seu nome, mas o salmo oferece a possibilidade de clamar a Deus para isso. Trata-se de uma manobra razoável, pois Deus é, afinal de contas, um juiz com autoridade. O juiz constitui um escudo para as pessoas comuns. A suposição aqui é de que, ao contrário do Ocidente, que costuma separar a tomada legal de decisões (função exercida pelo tribunal) da aplicação da lei (função exercida pela polícia), no Antigo Testamento o juiz é um líder que tanto toma a decisão quanto executa a ação resultante da decisão.

Assim, a primeira parte do salmo apela a Deus para que ele se levante e se zangue e, portanto, seja energizado para agir e libertar. O salmista, então, fala em

termos específicos sobre decretar julgamento. Deus deve ordenar uma decisão (a palavra hebraica, com frequência, é traduzida por “juízo”). É necessário haver uma assembleia apropriada. Deus deve emitir um juízo sobre o caso em questão e decidir pelo suplicante de acordo com os fatos do caso, ou seja, de que as acusações são falsas. O acusado é alguém de retidão ou de integridade e de fidelidade — outra expressão recorrente no contexto sobre a tomada de decisões quase jurídicas: sugere ser justo por agir de modo correto em relação a outras pessoas. Ousadamente, o salmista declara: “Se agi errado, que eu seja punido”, pois sabe que não agiu assim.

A segunda metade do salmo está ligada a essa convicção e constitui, simplesmente, uma declaração de fé em Deus como Juiz. Dificilmente você ousaria proferir essa declaração caso a sua reivindicação quanto à integridade, retidão e fidelidade fosse falsa, não apenas porque Deus testa a mente e o coração — os de seus acusadores e também os seus. Aqui, o salmo declara a confiança com a qual a pessoa que faz essa oração irá se aproximar hoje, amanhã e depois de amanhã, esperando por justificação. Você ora e sabe que a oração faz toda a diferença; que a indignação de Deus, a exemplo da ira divina, opera em seu favor, e que Deus não permanece sentado de braços cruzados, mas que empreende uma ação decisiva contra os malfeitores. Deus está preparado a exercer a força para derrubá-los e resgatar as suas vítimas. E uma das formas pelas quais Deus aprecia agir é tornar o mundo um lugar no qual as pessoas são apanhadas nas próprias armadilhas que instalaram para vitimar outros.

O nosso sistema legal terreno nem sempre funciona dessa maneira; nem o modo divino de administrar as coisas no mundo. Contudo, as ocasiões nas quais deixa a desejar não evitam que as pessoas orem para que funcione. Na verdade, fazem as pessoas orarem com mais fervor.

O choro dos bebês e dos lactentes é difícil de ouvir e muito menos de resistir. Na área que, hoje, constitui o Sudão do Sul, uma em cada sete crianças morre antes de completar cinco anos de vida. Em Darfur, incontáveis jovens adolescentes têm sido estupradas e sequestradas. A mídia relata que a rebelião da região sul do Sudão contra o Norte levou à escravidão de crianças sulistas; o conflito mutuamente destruidor também envolveu o empalamento de crianças em postes. Caso tenham sobrevivido à infância, muitos terminaram recrutados como meninos soldados. Em outras áreas do continente africano, meninas foram capturadas e recrutadas em exércitos rebeldes, nos quais também eram estupradas. Nos Estados Unidos, diz-se que um caso de abuso infantil é denunciado a cada dez segundos e que quatro ou cinco crianças morrem diariamente vitimadas por abusos. Então, há os bebês que são concebidos, mas nem chegam a nascer; estima-se que, em solo norte-americano, cerca de três mil abortos são realizados a cada dia.

Quando o Antigo Testamento fala sobre crianças e lactentes, em geral as retrata como vítimas da opressão, da guerra e da morte; elas choram de dor ou de necessidade. O choro infantil ressoa mais alto no livro de Lamentações, uma série de orações similares aos salmos, referente ao período posterior à queda de Jerusalém para a Babilônia. O cerco à cidade resultou na absoluta falta do que comer e beber, e a sua queda trouxe um pequeno alívio. Lamentações 2 expressa o tormento de testemunhar o enfraquecimento e a morte das crianças e lactentes nos braços de suas mães. O nascimento de Jesus leva ao assassinato de toda uma população de crianças com menos de dois anos em Belém.

Poderia o abuso infantil ter se generalizado em todo o mundo? Jesus fala sobre as guerras se tornarem uma realidade geral na experiência de seus seguidores. Suas declarações parecem mais precisas agora do que em qualquer outro período da história. Poderia o planeta ser envolvido por um conflito geral que destrua a humanidade? Seria possível outro Herodes fazer no mundo o que o Herodes histórico fez em Belém?

O salmo proclama que Deus estabeleceu limites à capacidade da humanidade de se autodestruir. Com efeito, Deus disse: “Pode vir até aqui, mas não além.” Na Bíblia, o mar com seu tumultuoso poder é uma imagem para forças destrutivas que poderiam ter capacidade de frustrar o propósito divino, mas Jó 38 declara que Deus assim ordenou aos mares, ao estabelecer a fronteira entre eles e a

porção terrestre. Jó 40 e 41 estabelece o ponto de outra forma: essas forças maléficas possuem a energia de um monstro temível, mas é um monstro que Deus mantém sob uma coleira. Ele pode ser destruidor, mas Deus impôs limites à sua capacidade de destruir.

O modo pelo qual o salmo estabelece esse ponto é retratar Deus instalando uma barricada para restringir as pessoas e as forças contrárias ao propósito divino no mundo, a exemplo das barreiras que os pastores constroem para proteger as cabras e ovelhas do ataque de lobos e de outros predadores. Os seres humanos possuem o instinto de contra-ataque quando alguém age para ameaçar ou prejudicar seus interesses; queremos "dar o troco" e nos referimos a isso em termos de "justiça", o que torna a ação de vingança mais aceitável. Constitui um processo suficientemente nocivo mesmo quando envolve apenas indivíduos, mas nações operam dessa maneira também, e os resultados podem ser cataclísmicos. Graças a Deus, então, que existem limites à nossa capacidade de arruinar a nossa própria justiça.

O salmo, portanto, considera um grande alívio que o nome de Deus seja poderoso em toda a terra, isto é, que o próprio Deus seja poderoso. É tranquilizador saber que Deus estabeleceu a sua majestade nos céus; na realidade, acima dos céus. As Escrituras reconhecem como a rebelião contra Deus e a oposição aos caminhos divinos não são um fenômeno meramente terreno; há um aspecto sobrenatural. Contudo, a obstinação terrena e a celestial jamais escapam totalmente ao controle. É como se mesmo antes da criação Deus tivesse se antecipado ao choro das crianças e dos lactentes, as maiores vítimas dessa obstinação, e atendesse a esse clamor com a declaração "Até aqui e não mais".

O choro dos infantes e dos lactentes pode fazer parecer ainda mais extraordinário que Deus tenha prestado atenção à humanidade e nos dado um poder no mundo que é quase divino. Pode até parecer um tanto irresponsável da parte de Deus permitir à humanidade um papel no mundo criado. Contudo, trata-se de um padrão consistente da obra divina no mundo assumir riscos na delegação de responsabilidade e de poder, para que atuem como seus agentes, a pessoas propensas a abusar desse poder. Decerto, o fato de Deus dar aos seres humanos uma posição de autoridade em relação ao mundo animal levou ao abuso que, hoje, alcançou níveis sem precedentes. Ainda assim, o salmo implica que a majestade e o poder de Deus prevalecerão. Deus assume riscos, mas está comprometido a levar a criação ao seu destino.

Ontem, um pastor da Flórida convidou-me para ver o que ele havia escrito em seu blog sobre o avivamento da igreja por Deus. Quando Deus avivou a igreja (a exemplo do que ocorreu com o surgimento do pentecostalismo, um século atrás), ele sublinhou, sempre houve pessoas orando e se arrependendo. O ato divino de avivamento foi uma resposta à oração e ao arrependimento dessas pessoas. Observei a ele, então, que precisamos ter cautela na formulação de regras sobre como Deus age e em dar a palavra final quanto a alcançarmos Deus em vez de sermos alcançados por ele, mas também lhe falei sobre quão encorajador o seu texto era. Quando se vive em um contexto no qual a igreja está em um processo de diminuição como ocorre no Ocidente, é crucial ter lembretes sobre como Deus agiu no passado (além de lembretes sobre como Deus tem agido no presente em outras partes do mundo, mas isso é outra história). O conhecimento quanto aos atos divinos do passado alimenta a nossa convicção a respeito do que Deus pode fazer novamente. Portanto, esse processo nos incentiva a orar em conformidade com as linhas encorajadas por seu artigo.

A mesma percepção encontra-se subjacente nesse salmo. Esse fato fica mais claro quando se percebe que os salmos 9 e 10 constituem um único salmo que foi dividido em duas partes, talvez para que pudessem ser usados separadamente na adoração dos israelitas. O salmo 10, portanto, não possui uma introdução, e os dois constituem um só salmo na antiga tradução grega desse livro. A evidência interna de que são duas divisões de um único salmo é que são salmos alfabéticos, isto é, os sucessivos versículos do salmo 9 iniciam-se com as primeiras dez letras do alfabeto hebraico (na média, dois versículos por letra), e os versículos do salmo 10 começam com outras nove letras. A exemplo das formas que os poetas usam em outras linguagens, essa estrutura “artificial” auxilia a criatividade poética. Há, na verdade, 22 letras no alfabeto hebraico e, portanto, três letras não são utilizadas. Além disso, algumas letras aparecem em uma ordem ligeiramente incomum (talvez a ordem do alfabeto ainda não estivesse bem definida). Essa forma poética particular encoraja uma oração que funcione de A a Z e aborde tudo o que precisa ser dito; no entanto, a omissão de algumas letras também pode ter o efeito de espelhar a maneira pela qual a própria vida não funciona como deveria, caso operasse segundo regras tais como: “O arrependimento é a chave para o avivamento da igreja.”

Em conteúdo, esse salmo opera dando grande ênfase aos atos passados de Deus. Considerando-se a maioria dos dezoito primeiros versículos, esse salmo poderia

ser denominado como um salmo de louvor e, de modo mais específico, de ações de graças, confessando o que Deus fez pelo salmista, no âmbito pessoal, e convidando aqueles que estão orando a falar sobre o modo pelo qual Deus os regatou dos ataques de outras pessoas no passado. A exemplo do salmo 7, o salmo 8 retrata Deus como uma autoridade que pode tomar decisões e implementá-las, visando derrubar os que atacam outras pessoas injustamente. Esse salmo fala mais diretamente sobre nações e comunidades que atacam outras nações e comunidades. Afirma que Deus é soberano na história e na política. A soberania divina não é mera doutrina, mas uma realidade experimentada pelos que oram. Assim, do mesmo modo que aquele pastor blogueiro, o salmo convida as pessoas que oram a desviarem os olhos das pressões atuais e olharem para trás, relembrando ocasiões nas quais Deus agiu em situações similares àquelas nas quais elas estão, no presente, o que também significa que podem confiar em Deus quanto ao futuro.

Deus não ignora o clamor dos oprimidos; isso não é da natureza divina. Deus "olha o sangue derramado" — talvez isso signifique que, quando as pessoas derramam sangue, Deus não permite que elas saiam impunes do ato, ou talvez isso reforce o ponto de que Deus está preparado para derramar o sangue de quem derrama o sangue de outros. Uma vez mais, esse fato significa que os seres humanos não precisam fazer justiça com as próprias mãos. Podem confiar em Deus para que isso ocorra.

Apenas uma linha na primeira metade desse salmo duplo explicita que o salmo é, em essência, uma oração. O restante se concentra em encorajar a fé dos que oram e incentivar Deus a agir novamente de acordo com o que sabemos ser verdadeiro com respeito a ele.

Minha enteada e o seu marido dedicaram a vida à divulgação da dramática situação dos refugiados darfuri, no Chade; de tempos em tempos, ambos fizeram inúmeras visitas àquela região. Eles relatam histórias horríveis sobre o tratamento dispensado pelo governo sudanês a esses refugiados quando ainda estavam no Sudão. Em razão disso, Omar Hassan al-Bashir, o presidente sudanês, foi indiciado pelo Tribunal Penal Internacional (TPI) por crimes de guerra, crimes contra a humanidade e genocídio. O procurador-chefe do TPI, na verdade, acusou Bashir de empreender uma campanha de genocídio durante quatro anos contra o povo darfuri, na região ocidental do Sudão, matando dezenas de milhares e forçando a fuga de milhões de suas casas. O que se pode fazer a favor desse povo e contra tal opressor? O envolvimento da nossa família nessa questão nos levou, minha esposa e eu, a começarmos a orar os Salmos em prol do povo de Darfur e contra Bashir.

Os salmos 9 e 10 parecem designados a essa oração. A segunda metade desse salmo duplo, primeiramente, desafia Deus à ação. Meros seres humanos deveriam ser impedidos de agir no mundo ao seu bel-prazer. Trata-se de uma importante convicção para as pessoas que são oprimidas, embora contraste com a certeza ocidental quanto à importância de as pessoas serem livres para fazer o que desejarem. A palavra hebraica para “ser humano”, que aparece três vezes, no início e no fim dessa passagem, denota humanos em sua relativa debilidade e insignificância. O salmista pergunta a Deus: “Como é permitido que tais criaturas se comportem como se fossem muito mais importantes do que são?” A palavra para a humanidade em sua insignificância contrasta com a menção a “eminência” e “exaltação”. O salmo fala sobre pessoas em posições de importância, e, quando estamos nessa situação, é fácil nos esquecermos de que somos meros e limitados seres humanos. Todavia, o salmo também discorre sobre as nações lideradas por essas pessoas eminentes. As nações devem aceitar a responsabilidade pelas ações de seus líderes; ainda mais em uma democracia. Devemos, igualmente, aceitar a responsabilidade pelas formas desiguais de tratamento, com as quais algumas pessoas são beneficiadas em prejuízo de outras, talvez a maioria.

O outro lado da moeda é que Deus possui a capacidade de agir quando as pessoas fazem mau uso de suas posições de liderança. Deus deveria estar tomando algumas decisões contra essas pessoas. Em vez disso, Deus nada faz, permitindo que os eventos sigam o seu curso. Deus tem o poder de intervir no

mundo, mas não o faz com frequência. Em certo sentido, o “por quê” da questão tem uma resposta. Deus delegou à humanidade a responsabilidade pelo mundo (Salmos 9—10, claramente, seguem o salmo 8, que faz essa afirmação). Os pais não intervêm toda vez que os seus filhos discutem; eles sabem que os filhos precisam aprender a resolver os conflitos por si mesmos. No entanto, às vezes a situação atinge um nível no qual a intervenção dos pais é imperativa. De modo similar, haveria um comprometimento do propósito de Deus em criar o mundo caso o Criador interviesse em todo e qualquer conflito, mas o salmo implica que não há problemas em se dizer a Deus: “NÃO VÊS QUE ESTA SITUAÇÃO REQUER A TUA INTERVENÇÃO?” O “por quê”, presente no livro de Salmos, não é um pedido de informação, mas um desafio para agir. Deus pode estar exercendo a sua soberania lá nos céus, mas as decisões tomadas ali por Deus não fazem a menor diferença aqui embaixo, permitindo que os infiéis ignorem a soberania divina e vivam indiferentes a qualquer pensamento contrário.

O salmo mostra que é possível desafiar Deus para que ele puna as pessoas por seus delitos e transgressões, do mesmo modo que o Novo Testamento (veja a reação de Deus à súplica dos mártires, em Apocalipse 6). Uma vez mais, o Saltério reforça a ideia de que obter reparação é assunto de Deus, não nosso, mas que somos livres para incitar Deus a agir; dar a outra face não significa ser passivo em relação a Deus. Diante da perversidade dos opressores humanos e da recusa deles em reconhecer a divindade de Deus e desvalorizar outros humanos como seres inferiores, seria estranho dar de ombros e não pressionar Deus a derrotar o mal. E não se pode acusar as pessoas comuns, impotentes e humildes, de chegarem à mesma conclusão de seus poderosos opressores — Deus, simplesmente, não dá atenção ou se interessa pelo que acontece no mundo. É necessário que Deus faça alguma coisa a respeito!

O salmo duplo termina onde inicia, embora a renovada declaração de louvor tenha um significado distinto no novo contexto. O salmo 9 inicia-se com louvor baseado no que Deus fez. O salmo 10 é encerrado com louvor que ignora o que Deus não está fazendo e o exalta pelo que ele irá fazer, em que pese não haver motivos para presumir que Deus fará deste um momento de intervenção. É quase como arriscar o próprio pescoço diante de Deus, ao desafiá-lo a não agir, e, assim, perder qualquer direito à descrição de Deus na derradeira linha.

Nessa primeira semana após a declaração de independência do Sudão do Sul, o presidente do Sudão discursou diante da assembleia nacional, quando o seu país, agora reduzido, inicia uma nova fase de sua vida. Ele a descreveu como uma "segunda república" que afirmará o estado de direito, a extensão da justiça, a garantia dos direitos dos cidadãos, a integridade e a responsabilidade nos gastos públicos. Um professor da Universidade de Cartum minimizou o discurso como mera tática designada a convencer a população de que as coisas irão mudar e que a administração não mais será vulnerável ao espírito revolucionário que tomou conta da Tunísia e do Egito. Seu comentário foi corajoso, pois, se estiver certo e houver alguma verdade nas acusações do Tribunal Penal Internacional (TPI), suas palavras o tornarão vulnerável à administração. Com frequência, essas vozes dissidentes consideram a saída do país como um ato de sabedoria.

Portanto, é possível imaginar os amigos desse professor tentando convencê-lo a voar como um pássaro. Eles sabem que a administração do país é infiel e que estará lançando algo mais poderoso do que flechas em sua direção. As montanhas são um lugar seguro para um pássaro; ele pode voar até um cume, fora do alcance das armas dos caçadores. Em uma sociedade humana, é sinal de que as fundações da ordem social colapsaram; quando os infiéis estão no controle e mantêm as pessoas de integridade sob a mira de suas armas. As coisas estão viradas de cabeça para baixo. O que uma pessoa fiel pode fazer?

Evidentemente, o professor responde que deveria ficar e resistir; ele não solicitou asilo político nos Estados Unidos e conseguiu emprego em um lugar seguro como o sul da Califórnia. Não sei se ele é um homem de fé e se essa fé o encorajou a assumir essa corajosa posição. No salmo, essa consideração predomina. Reconhecidamente, o salmista poderia interromper para dizer que falar sobre ser um homem de fé o coloca no caminho errado. A questão não é a fé, mas em quem essa fé é depositada. O salmo fala sobre fatos, não sobre fé. Com efeito, o salmista repreende os amigos que aconselham a fuga, relembrando-lhes alguns fatos sobre Deus. Yahweh está em seu palácio santo. Em outros contextos, seria possível pensar no templo em Jerusalém, o qual o Antigo Testamento, com frequência, chama de o palácio de Yahweh. Todavia, aqui o paralelismo mostra que o salmo está se referindo ao palácio celestial de Deus, a sede do governo nas alturas, no qual a corte de Yahweh se assenta.

A exemplo do salmo 5, esse salmo contrasta uma administração terrena

ameaçadora com uma administração celestial muito mais impressionante. O fato de não conseguir vê-la, não a torna menos real e poderosa. Segundo Reis 6 nos relata uma ocasião na qual um exército veio para prender Eliseu, o profeta. Naturalmente, seu ajudante está muito assustado, mas Eliseu, imperturbável, pede a Deus para abrir os olhos de seu ajudante a fim de que ele veja a presença de um exército de cavalos e carros de fogo, cercando-os e protegendo-os. Os amigos do salmista fazem lembrar o ajudante de Eliseu; o salmista é capaz de ver coisas que são invisíveis a eles.

O fato de Deus estar nos céus pode sugerir que ele esteja alheio aos eventos deste mundo, mas o salmo opera com a lógica oposta. Em uma cidade como Jerusalém, o palácio está em seu ponto mais elevado, porém isso não significa que o rei vive isolado das pessoas comuns do seu povo. Significa que o rei está em posição de acompanhar o que está acontecendo na cidade e de adotar as ações devidas, para proteger os fracos e necessitados; o som se propaga melhor morro acima do que morro abaixo. Igualmente, Yahweh observa por entre as muralhas da cidade celestial, ele vê o que está acontecendo no mundo, aqui embaixo, e age em benefício dos fiéis e contra os infiéis.

Deus nem sempre age assim, e pode ser tentador pensar que ele jamais agirá. O salmista convida as pessoas a não cederam a essa tentação e nos convida a orar continuamente por pessoas como aquele professor, conclamando Deus a tornar as suas declarações em realidade.

Antes de mudar para os Estados Unidos e ser um professor comum, eu era diretor de uma faculdade teológica na Inglaterra, uma posição que está entre os cargos de presidente, reitor e deão de seminário nos Estados Unidos, mas em uma escala muito menor. Tornei-me diretor na época em que a esclerose múltipla da minha primeira esposa começava a afetá-la mais do que quando ainda éramos jovens, quando iniciei o meu trabalho na faculdade. Fiquei sobremodo preocupado sobre como lidar com as duas responsabilidades; de cuidar do seminário e de Ann — do mesmo modo, suspeito eu, que alguns colegas e membros do conselho. Assim, comecei a orar sobre essa questão e penso que eles também, Então, durante o culto de posse, um de meus amigos recebeu esta palavra de Deus, endereçada a mim: “Farei do vento norte o seu calor, da neve a sua pureza, da geada o seu brilho e da noite de inverno a sua iluminação.” Isso ficou mais do que provado durante os dez anos seguintes.

O salmo 12 possui uma dinâmica similar no sentido de que a mensagem de Yahweh é o ponto de virada, embora ela surja em uma situação distinta — no meu caso, não havia pessoas de mente dupla envolvidas, e a mensagem de Deus é diferente. O salmo começa com uma oração, relata uma palavra de Deus e, então, se encerra com uma resposta à palavra divina. No Antigo Testamento, inúmeras histórias manifestam essa mesma dinâmica (um problema, uma oração, uma palavra de Deus e uma resposta), embora esse seja quase o único exemplo dessa estrutura no livro de Salmos. Alguns manifestam a transição de uma oração urgente à confiança quanto à libertação de Deus (o salmo 6 é um exemplo), mas não revelam o que provocou a transição. Talvez o salmo registre apenas as palavras da pessoa que ora, não as palavras de Deus. Pode-se escrever o roteiro para as orações, mas não um roteiro para as palavras de Deus. Ou pode ser que as pessoas não recebam uma palavra de Deus com tanta frequência assim. Embora tenha havido outras ocasiões nas quais Deus deu, a outras pessoas, uma mensagem endereçada a mim, ou mesmo deu-me uma palavra para que eu a transmitisse a alguém mais, a ocasião da minha promoção a diretor foi a única na qual recebi uma mensagem em resposta a uma necessidade específica pela qual eu e outras pessoas estávamos orando. É possível que também fosse em um evento para os israelitas. Seja qual for o motivo da distinção presente no salmo 12, ela é digna de nota.

O salmo começa com uma situação similar a tantos outros incluídos no Saltério, embora possa ser uma oração de pessoas que não estão tão afetadas

pessoalmente pela situação, a exemplo de outros salmos. Novamente, o salmista pressupõe uma sociedade na qual a ordem social está próxima de colapsar. Parece não haver mais ninguém de confiança, nenhuma pessoa com compromisso ou verdadeira o suficiente para que sua palavra seja confiável. As pessoas falam palavras macias e plausíveis; em circunstâncias regulares seria possível confiar nelas, mas você suspeita que falte substância no que elas dizem e nos planos que lhe oferecem. Elas são inconstantes e ambíguas — dão a impressão de que pretendem uma coisa, mas, na realidade, suas intenções são totalmente diferentes. São vigaristas e trapaceiras. Se não tiver cuidado, perderá a sua casa e a sua fazenda para elas.

Tais pessoas são muito espertas para serem derrotadas por uma pessoa comum e, portanto, são confiantes quanto a própria capacidade de alcançar os seus objetivos e de enganar o próximo. Não, uma pessoa comum não é capaz de derrotá-las. Desse modo, o salmista ora a Deus para lograr isso. Suas palavras são um problema, e Deus precisa fazer algo com a língua e os lábios dessas pessoas; ou seja, cortá-los fora. Isso solucionaria o problema. (O salmo não deveria ser considerado muito literalmente, a exemplo da instrução de Jesus para que as pessoas cortassem a própria mão; trata-se de uma forma enérgica de expressar: “Você tem de pará-las.”)

Nesse ponto do salmo é que Deus responde — ou intervém, como podemos dizer. É possível orar o salmo no contexto de adoração, e sabemos de outras passagens do Antigo Testamento que pessoas com dons proféticos estavam envolvidas no ministério do templo. Podem ser sacerdotes, ministros assistentes (levitas) ou pessoas comuns. Deus dá a alguém a palavra que aparece no versículo 5. Deus estabelece o compromisso de agir para libertar a pessoa que está sob a opressão dos malfeitores. Enquanto há pessoas cujas palavras não são confiáveis, as palavras de Deus são puras; elas sobrevivem ao teste na fornalha, ao passo que as palavras dos vigaristas são reduzidas à escória.

A última parte do salmo apresenta a resposta da pessoa que ora. Trata-se de uma declaração de confiança na palavra de Deus e de confiança no futuro, uma posição diferente da expressa na parte inicial do salmo. A multidão de trapaceiros e desonestos que governa a cidade parece determinada a fazer isso para sempre, mas, agora, a pessoa que ora sabe que Deus a protegerá. O terceiro elemento na resposta é uma surpresa. Deus falou, e isso constitui o estágio um em uma resposta à oração; ao deixar o templo, o fato de Deus ter falado muda tudo. No entanto, igualmente não muda nada. A pessoa infiel ainda está andando

por aí, cuidando de seus negócios desonestos, com a cabeça erguida, embora seja a personificação da inutilidade. Assim, uma resposta adequada à palavra divina é lembrar Deus para que ele aja de acordo com a sua promessa.

Quase na mesma época do episódio descrito em meu comentário sobre o salmo 12, eu tive um sonho ou uma visão — não estou bem certo do que era. Eu empurrava Ann em sua cadeira de rodas, por uma planície desértica, em direção ao horizonte. Era uma tarefa árdua, mas havia pessoas que se importavam conosco e que me ajudavam a empurrar a cadeira; na verdade, às vezes, elas me forçavam para fora do caminho para que empurrassem e eu apenas caminhasse. Então, como um espectador, fui elevado em uma plataforma hidráulica para observar aquela cena de cima, e daquela privilegiada posição vi que o horizonte estava muito distante e que a distância que eu teria de percorrer era muito maior do que poderia perceber no nível do chão, embora soubesse que tudo ficaria bem, pois eu tinha aqueles ajudantes. Em retrospectiva, agora sei que o horizonte estava bem mais distante do que podia imaginar — eu empurrei a cadeira de rodas por vinte anos. Apesar do auxílio, com frequência questionei: “Até quando?” Olhando para trás, fico feliz por não saber a resposta, pois não estou certo se sobreviveria com esse conhecimento.

Eu não diria que Deus me ignorou ou que escondeu o seu rosto de mim durante aqueles vinte anos, no sentido que essas expressões possuem no pensamento ocidental. Eu sabia que Deus estava comigo; que era como um pai, um professor ou um técnico, deixando que o seu filho, aluno ou pupilo seguisse avançando naquela árdua tarefa, e Deus estava me observando, não me ignorando. Contudo, no sentido que essas expressões possuem no pensamento bíblico, sim, Deus estava me ignorando e escondendo o seu rosto de mim, na medida em que ele estava se recusando a agir para me aliviar e curar Ann (embora Deus estivesse envolvido conosco de outras formas, não apenas por meio das pessoas que nos ajudavam). Essa é a experiência que o salmista tem em mente.

O pano de fundo do salmo é a hostilidade de outras pessoas em lugar da enfermidade de uma pessoa amada, mas ele suscita questões sobrepostas. Ele sugere a ciência de que outras pessoas, poderosas, estão tramando o mal, talvez alguma forma de enganar a família e expulsá-la de sua propriedade. A preocupação associada com essas realidades domina o pensamento da pessoa. Uma vez mais, a história de Nabote (1Reis 21) ilustra o cenário sugerido pelo salmo. Lá, expulsar alguém de sua terra mediante trapaça, de fato, significou a morte dessa pessoa; “acabaram com ela”.

Até quando? Até quando? Até quando? Até quando? O salmo é escrito para

alguém que enfrenta uma longa jornada e o desafia a continuar confiando no compromisso de Yahweh e permanecer na expectativa de celebrar a libertação de Yahweh. O salmo o desafia até mesmo a falar sobre o momento em que ele cantará a Yahweh porque ele agiu em livramento, fez aquilo que, no momento, ainda não se pode ver. Uma coisa é afirmar ter confiança no compromisso de Deus; outra coisa é agir como se a libertação já tivesse ocorrido. O salmo, lindamente, justapõe dois usos do verbo “regozijar” ou “celebrar”. Os inimigos imaginam que irão celebrar. O salmo desafia a pessoa a orar crendo que é ela quem irá celebrar.

Nas décadas finais do século XX, houve um movimento, denominado carismático, que enfatizava o sentir da presença de Deus e a realidade perceptível da palavra e do agir de Deus na cura de pessoas. Um dos meus superiores contrastou essas percepções com o que ele chamou de teologia "Deus-na-galeria". Com frequência, os cristãos retratam Deus como realmente existente e preocupado conosco, embora sem estar, de fato, envolvido no mundo. É como se ele permanecesse sentado na galeria da igreja, nos observando com preocupação, mas de braços cruzados. O movimento carismático testificou o envolvimento e o agir de Deus, não apenas o seu olhar.

O trapaceiro do salmo 14 possui uma teologia "Deus-na-galeria". A palavra hebraica é, em geral, traduzida por "tolo", o que não está totalmente equivocado, mas existem outros termos para "tolo" e, no original, a palavra tem mais a conotação de "patife" e "salafrário". Primeiro Samuel 25 relata a história de um próspero, porém truculento, criador de ovelhas, chamado Nabal, que não foi sensível o suficiente para perceber que seria sábio reverenciar Davi, um fora da lei bem-sucedido; nabal é essa palavra para "trapaceiro estúpido". As traduções também apresentam o trapaceiro no salmo declarando que "Deus não existe", mas isso transmite uma impressão equivocada. Em uma sociedade tradicional, como Israel, o ateísmo ainda não havia sido elaborado. A observação do desonesto diz respeito a se Deus está por perto ou não, se Deus está envolvido, não se ele existe ou inexiste.

Embora o comentário sobre as pessoas se tornarem corruptas possa ser do próprio salmista, eu o considerei como um complemento da observação do trapaceiro. Ele expressa o seu ceticismo, ou talvez a sua desilusão ou racionalização, quanto ao próprio comportamento. Quando ele olha ao redor de seu mundo, o desonesto consegue apenas ver corrupção. Não há ninguém que faça o bem aqui, e Deus não está presente; ele nada faz a respeito disso. Trata-se de uma declaração maliciosa; o seu cinismo enfraquece o compromisso com uma ordem adequada na sociedade.

Não obstante, o próprio salmo parece isentar o salafrário por sua desilusão com Deus. O texto retrata Deus olhando dos céus para a terra, aqui embaixo, que fica muito mais distante do que uma simples galeria de igreja. Além disso, a avaliação da situação na comunidade humana, por parte de Deus, é a mesma do desonesto. Com certa ironia, Deus observa que não há ninguém com

discernimento — em outras palavras, todos são tolos, não apenas a pessoa sobre a qual o salmo, inicialmente, fala. Não há ninguém que consulte, que busque a Deus, que pergunte o que ele está fazendo, que o desafie a se envolver — é disso que o desonesto insensato desistiu. As pessoas não reconhecem Deus ou a realidade sobre as suas próprias ações. Elas são capazes de devorar pessoas impiedosamente (ou seja, tomar posse de suas propriedades e de seus rebanhos), e, então, desfrutar dos lucros sem pensar duas vezes, a exemplo de um assassino de aluguel, que desfruta de um lauto jantar após realizar a sua missão.

O salmista também concorda com o desonesto sobre como as coisas estão, embora, ainda assim, se recuse a abrir mão da fé no envolvimento de Deus com este mundo: “Eles experimentarão um terror temível” — literalmente, “eles tremerão de medo”. Como se fosse um profeta, o salmista fala sobre algo que ainda irá ocorrer, embora fale como se já tivesse acontecido, tão certo está disso. Os opressores estão consumindo a companhia daqueles que pertencem a Yahweh, a companhia dos fiéis, pessoas que têm a presença de Deus em seu meio. Deus não está meramente na galeria, mas está no chão, no meio da congregação. “Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mateus 18:20). Os seus opressores estão brincando com fogo. O salmo, então, fala diretamente a esses opressores (não é preciso imaginar que estejam presentes, embora possam estar). Eles podem desprezar as esperanças do humilde, mas a confiança em Yahweh supera esse desprezo.

O salmo termina como o salmo 12; as declarações de confiança levam a uma súplica final — mais precisamente, a um desejo final — que pressupõe a realidade de como as coisas estão agora. Pode implicar que o trapaceiro não seja um israelita, mas o líder de outro povo que está oprimindo Israel. Todavia, em Sião é que Yahweh está entre a companhia dos fiéis. A presença de Deus ali é garantia da esperança de que virá um tempo de júbilo.

Tenho me correspondido por e-mail com uma aluna que vive em Cabul, quanto ao significado de “santidade”. O contexto no qual ela vive suscita um problema estranho. Os cristãos ocidentais com quem ela trabalha são pessoas sinceras, fiéis, misericordiosas e pacíficas. No entanto, quando eles professam sua fé aos afegãos, enfatizam sobremodo a instrução divina para sermos justos, apesar da nossa pecaminosidade, que não criam expectativas de que a graça perdoadora de Deus nos transformará. Eles fazem parecer que viver uma vida moral seja opcional, algo muito confuso para um muçulmano. Ela diz: “Nossa vida e nossas palavras não estão sincronizadas.” Em outras regiões do mundo, igualmente, o nosso instinto cristão é o de manter a religião e a moralidade em compartimentos separados; pode haver conflitos e calúnias entre os membros de uma congregação, mas eles não se sentem desconfortáveis em continuar cultuando (possivelmente, bem distantes). Pessoas envolvidas em casos de fraude e corrupção, em larga escala, e em assassinatos, com frequência, tornam-se membros respeitados de igrejas cristãs.

O livro de Salmos começou com um lembrete de que as pessoas não devem separar o louvor e a oração da questão de viver de acordo com a Torá. A ênfase do salmo não repousou sobre os sentimentos que temos em relação a Deus. Repetir o ensino da Torá e viver por seus preceitos deveria acompanhar o culto a Deus. Agora que já lemos alguns salmos dessa expectativa expressa no salmo 1, o Saltério nos lembra desse ponto novamente, para o caso de imaginarmos que honrar a Deus em louvor ou oração seja possível sem honrá-lo em nossas relações com outras pessoas e em nossa vida como membros da sociedade.

Embora a menção sobre a tenda e o monte de Yahweh possa nos levar a pensar em um lugar concreto como o monte Sinai ou o monte Sião, a referência a permanecer e a habitar sugere que o salmista tem algo mais amplo em mente. “Permanecer” é a palavra para passar a noite em algum lugar (no hebraico moderno, o termo dá origem à palavra para um hotel). Da mesma forma, habitar sugere permanecer em algum lugar por certo período. Embora as pessoas possam, às vezes, acampar durante a noite no Sião, não há indicações de que essa fosse uma prática regular. Entretanto, os Salmos também discorrem sobre a habitação de Deus em um sentido mais amplo, uma realidade menos focada, a presença de Deus que era uma realidade em toda a terra de Israel.

Estar na tenda ou permanecer com alguém implica residir em um lugar de

segurança e de provisão. Assim, que espécie de pessoa você deve ser para desfrutar da segurança de viver na tenda de Deus? A resposta vem em uma sequência incomum de versículos com três linhas. O paralelismo não funcionará com essa estrutura. Os versículos nos surpreendem com a terceira linha e, assim, nos fazem refletir um pouco mais.

Primeiro, usufruir de segurança com Deus significa ser caracterizado pela integridade. Literalmente, você é alguém que "caminha inteiro". Há uma consistência moral, uma constância e uma estabilidade sobre você. Isso se expressa por meio da fidelidade em suas ações; igualmente, implica uma uniformidade entre o seu exterior e o seu interior. Você fala a verdade em seu coração; as suas ações e o seu pensamento concordam; você não pensa de um jeito e age de outro.

Em segundo lugar, você não sai por aí falando sobre outras pessoas (lit., não sai com sua língua comprida por aí). O ponto é esclarecido pelo que vem a seguir. Você não usa a sua língua para causar mal a outro habitante de sua vila — por exemplo, mentir sobre alguém para roubar a sua terra ou os seus rebanhos. Não se deve usar a língua para acusar falsamente o seu próximo.

Terceiro, isso significa discernir a forma pela qual você se relaciona com outras pessoas à luz de sua própria posição moral. Se alguém angariou o desprezo da comunidade por tal ação, você não deve fazer vistas grossas e, certamente, não deve honrá-lo. As pessoas que você deve honrar são aquelas que reverenciam Yahweh em palavras e ações. E, quando se compromete a garantir que os malfeitores paguem por seus delitos, você não deve reconsiderar e deixá-los impunes, para não encorajar outras pessoas a presumir que possam sair livres de seus malfeitos.

Quarto, você é diligente com o que faz com as suas próprias posses. Por um lado, deve ser generoso ao emprestar dinheiro, sem a cobrança de juros, por exemplo, a pessoas que tiveram uma colheita ruim e não têm mais sementes para plantar ou alimentos para consumir no ano seguinte. Por outro, ao se envolver em uma disputa na comunidade, não deve usar a sua riqueza para obter uma decisão favorável dos anciãos por meio de suborno a uma testemunha. E, simplesmente, não mantém essa posição no curto prazo. O derradeiro elemento de definição pertence ao último dos versículos de três linhas, mas não seria surpresa caso o salmista o aplicasse a todas as restrições do salmo.

Como resultado de um exame de rotina, recentemente fui diagnosticado com câncer de próstata. Muito provavelmente, o câncer não se desenvolveria em algo ameaçador à minha vida antes que eu morresse por alguma outra causa, e, assim, talvez eu decidisse não fazer nada a respeito. No entanto, a descoberta ocorreu logo após eu ter conhecido, me apaixonado e pedido alguém em casamento. Antes disso, poderia sentir que havia tido uma vida boa e de razoável longevidade e que poderia abrir caminho para alguém mais (embora, idealmente, gostaria de completar a série Antigo Testamento para todos). Mas, agora, eu tinha motivos para reavaliar essa visão. Com efeito, começamos a orar para que Deus não abandonasse a minha vida no Sheol e concordamos em que eu deveria passar por um procedimento médico relevante para que, seja qual for a causa da minha morte, o câncer de próstata não esteja entre as opções.

Quando o Novo Testamento fala sobre Deus não abandonar a vida de Jesus no Sheol, isso significa que Deus não permitiu que Cristo permanecesse morto. Ao usar a mesma linguagem, o salmo quer dizer que Deus não permitirá que a pessoa morra. O Antigo Testamento não se importa que todos nós, eventualmente, terminemos no Sheol, pois é o lugar para onde iremos após a morte. Não se trata de um lugar de sofrimento, mas de alívio dele. Pode ser um pouco entediante, mas nada é perfeito. Pelo menos, essa é a visão do Antigo Testamento em relação a alguém que foi capaz de ter uma vida plena. O livro de Salmos não se opõe à ideia de você terminar no Sheol após ter a oportunidade de viver plenamente. Essa possibilidade é o foco no salmo 16.

Quando eu e a minha esposa despertamos a cada manhã, desfrutamos de nossa xícara de chá e proferimos as orações matutinas da família presentes no formulário episcopal. Onde há oportunidade de expressar as nossas próprias orações, normalmente a minha esposa agradece a Deus pelo novo e maravilhoso dia que ele nos permite compartilhar. Cada novo amanhecer é uma oportunidade de recomeço com Deus. Ela adota a mesma atitude em relação à vida presente no encerramento do salmo 16, quando fala da vereda da vida e da alegria plena por meio de viver diante da face de Deus e desfrutar das belas dádivas que estão à destra dele durante toda a nossa existência. Não é uma referência a uma vida após a morte (a única expectativa depois da morte é o Sheol, o que não é ruim, porém tampouco é esplêndido); trata-se de uma menção às maravilhas desta vida que Deus nos deu para desfrutar.

Dietrich Bonhoeffer, o teólogo alemão e mártir, em sua obra Resistência e submissão [São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003], afirmou que o motivo de Deus não revelar a Israel que haveria uma vida ressurreta é que, ao tomarem conhecimento desse fato, os israelitas deixariam de levar a sério esta vida. A história da igreja mostra que ele estava certo. Claro que a nossa falha em viver com seriedade esta vida era ilógica; o Novo Testamento declara que a nossa vida eterna envolve a ressurreição do corpo. Será uma nova forma desta vida, não uma vida eterna incorpórea para uma alma sem corpo. Isso também é ilógico, pois Deus criou a nossa vida corporal terrena e, presumivelmente, ela é do agrado de Deus.

O salmo sabe que, se você deseja desfrutar uma vida plena neste mundo material, agirá com sabedoria ao olhar para o Deus que planejou esta vida corporal para nós. Contudo, é tentador olhar para outras direções. Em Israel, a tentação era olhar para outros deuses, oferecer libações de sangue (i.e., oferecer sacrifícios que envolviam o derramamento do sangue do animal), clamar, confiar neles e vê-los como aqueles que davam coisas boas. O salmista tem ciência de que esse caminho leva a problemas, não à plenitude. A pessoa que ora precisa assumir um compromisso público e exclusivo com Yahweh diante dos santos na terra (i.e., as demais pessoas que pertencem ao povo santo de Deus) e dos seus líderes (que detêm a responsabilidade de manter o olho aberto em relação aos que se voltam a outros deuses). Às vezes, o pano de fundo pode ser a acusação de que um israelita buscou outros deuses, e essa declaração constitui um solene caso de negação de apostasia. A declaração confirma a confissão em Deuteronômio 5 sobre Yahweh ser o nosso único Deus, mas fornece meios adicionais de fazer essa declaração publicamente. Portanto, isso ajuda a fortalecer o compromisso, além de lembrar quão belo ele é. A maneira distinta de o salmo estabelecer o ponto é dizer que eu sempre terei o meu olhar fixo em Yahweh, ou (mesclando metáforas) eu sempre terei Yahweh à minha direita. Tenho confiança de que ficarei bem não porque secretamente busquei o socorro de outros deuses, mas porque confio em Yahweh, aquele que me guia, aquele cuja voz eu ouço na escuridão da noite, quando algumas pessoas, em segredo, olham em outras direções. É possível que a expressão pública do compromisso torne mais difícil cair em uma apostasia secreta.

A apostasia podia significar a perda à sua partilha da terra. O salmo usa a imagem de cada família israelita possuindo uma alocação ou porção dentro da terra prometida como um todo. Essa é a minha partilha, o meu cálice, a minha locação, a minha porção, a minha propriedade. Ela é bela e preciosa para mim.

Todo israelita seria capaz de fazer essa declaração — isso não sugere que a minha terra é melhor que a de outras pessoas. Mas ela é minha e, portanto, preciosa, bela e perfeita para mim. O salmo nos lembra que temos um lugar lindo em uma terra prometida nesta vida, não apenas na vida ressurreta.

De tempos em tempos, a minha esposa me pergunta o que estou pensando. Ela precisa fazer isso porque, embora instintivamente ela me conte o que está pensando, não sou muito bom nisso. Todavia, sempre é uma pergunta potencialmente assustadora. Ocasionalmente, posso estar pensando em algo que poderia ser doloroso ou me colocar em apuros. Eu, então, tenho de decidir se conto a verdade ou minto. Contudo, às vezes, ela consegue ver através de mim. Agora mesmo afirmei ter esquecido tudo o que ocorreu antes de nos casarmos, seis meses atrás, e ela respondeu: “Essa é a maior mentira de todos os tempos.” A Bíblia deixa claro que Deus pode esquadrinhar o nosso interior, mas isso também implica que Deus nem sempre escolhe fazer isso, pois o texto indica que ele tem surpresas e, especialmente, desapontamentos — embora nada com o qual não possa lidar.

Que espécie de ser humano você precisa ser para estar confortável com a ideia de Deus provar o seu coração — isto é, de ele olhar o seu íntimo e examinar o seu pensamento, de Deus visitá-lo à noite, quando os outros não podem ver o que você está fazendo para que possa sair impune de atos dos quais não sairia à luz do dia? Ou, com a noção de ser testado por Deus? O salmista usa a palavra para o refino da prata, que é submetida a temperaturas elevadas com o fim de revelar e remover a escória, as impurezas. Para passar por esse teste, esse exame e essa análise com a confiança de que nada vergonhoso será revelado é preciso ser uma pessoa que já olhou com resolução para a sua própria vida e não se escondeu da verdade sobre si mesma. Um dos desafios presentes no livro de Salmos é quanto a sermos capazes de fazer esse exame e de poder reivindicar sermos pessoas de compromisso — o que não significa ser sem pecado, mas termos uma vida com a orientação adequada.

Ser essa pessoa, com frequência, é o pano de fundo para as orações que o livro de Salmos nos oferece. Portanto, o presente salmo apela à fidelidade e ao compromisso de Deus, um pedido que pode ser feito apenas se você puder reivindicar que a fidelidade e o compromisso com Deus caracterizam a sua própria vida (a ideia de ser a menina dos olhos de alguém é poder ver a própria imagem nos olhos da outra pessoa). Não há nenhum sentido em apelar para libertação como alguém que confia em Yahweh, a não ser que essa confiança seja genuína e não seja depositada em outros deuses — na cultura ocidental, nós mesmos podemos ser o deus no qual confiamos. Expressando de modo mais concreto, o salmo fala de ser como um filhote de pássaro protegendo-se sob as

asas da mãe. Quanto às relações com outras pessoas, não faz sentido pedir a Deus para honrar a retidão, a não ser que você seja uma pessoa reta, e, igualmente, solicitar proteção dos ladrões se você mesmo é um deles.

O cenário nas súplicas do livro de Salmos, com frequência, parece ser o da falsa acusação. Alguém cobiça a sua fazenda e "se levanta contra você", inventando uma história sobre roubo ao rebanho dele ou sobre você cultuar outros deuses, colocando, portanto, sua vida em perigo. A troca entre "eu" e "nós", no salmo, permite supor que a pessoa acusada seja o cabeça da família, e, consequentemente, a vida de toda a família é ameaçada pela acusação. Por outro lado, a troca entre "eles" e "ele" sugere haver uma conspiração de acusadores, mas também um líder conspirador. A família sente-se cercada por assaltantes agindo segundo ambições grandiosas, com seus olhos cobiçando assumir o controle sobre todas as fazendas da região. A forma pela qual alguns profetas, como Isaías, se expressam implica que esses temores não são exagerados.

O salmo apresenta a Deus um desafio final. Ele deve derrubar os assaltantes e suas respectivas famílias. O plano deles é tomar o único lote de terra que a família inocente tem na vida. O salmista usa a imagem de uma "porção" ou "cota" e a usa em mais de uma forma sinistra. Deus, certamente, tem uma "porção" armazenada para pessoas infiéis: bem, Deus deveria enchê-las e a suas respectivas famílias com ela. Não é uma oração bela, mas, a exemplo de outros salmos, deixa o julgamento para Deus e fornece aos que se sentem impotentes e assustados alguma direção para ir com o medo e o desamparo deles. Isso os capacita a visualizar um cenário mais encorajador do que a realidade que os confronta. Eles podem imaginar ver o rosto de Deus radiante de amor e de fidelidade por eles, vindo resgatá-los; podem sonhar em despertar de manhã como se começassem uma vida nova, após sonhar com um pesadelo, e perceberem que, na verdade, viram a ação pessoal de Deus, libertando-os, com o fim de sentirem uma satisfação plena, muito distinta daquela experiência que sobrevém aos seus assaltantes.

Minha esposa e eu sofremos com quatro ou cinco enfermidades que nos teriam matado, caso vivêssemos na maioria dos contextos da história humana. Nós dois tivemos apendicite, que nos mataria sem a intervenção médica adequada. A apendicite da minha esposa, então, transformou-se em algo ainda mais desagradável, o que também poderia ter causado a sua morte. Ela quase morreu durante o parto de sua filha. Este ano, fui diagnosticado com uma doença que, no passado, seria uma grande ameaça à minha vida. Um dos meus filhos também teve apendicite, além de uma peritonite, na adolescência; o outro, recentemente, desenvolveu diabetes. No Ocidente, consideramos que a medicina pode lidar com todas essas enfermidades ou eventos, os quais, caso vivêssemos na maioria dos outros contextos, provavelmente nos levariam à morte, mas preferimos não pensar muito a respeito disso.

Seria adequado falarmos nos termos utilizados por esse salmo. De tempos em tempos, as cordas da morte nos enredaram, as torrentes de Belial nos subjugaram, as amarras do Sheol nos envolveram e fomos confrontados pelas ciladas da morte. O salmista está falando sobre libertação do ataque inimigo, mas a ameaça de morte é a mesma. As cordas da morte nos envolveram, decerto, mas nós, que sobrevivemos, podemos dizer: “Deus resgatou-me de grandes águas; Deus me salvou do meu forte inimigo.”

Não surpreende o fato de o salmista nos convidar a dizer: “Entrego-me a ti, Yahweh.” As traduções, em geral, apresentam: “Eu te amo”, mas o verbo não é uma palavra regular para amor — na realidade, essa é a única vez que o termo aparece com esse sentido no texto bíblico (a bem da verdade, é difícil encontrar passagens na Bíblia nas quais as pessoas dizem que amam a Deus). Isso sugere um ato de compromisso mais do que uma emoção — embora o salmo indique que envolve muito sentimento. O salmista segue expressando todas as palavras imagináveis para descrever Deus como protetor, preservador e resgatador. Ao sermos ameaçados pela morte, necessitamos de algo a que nos agarrar, e Deus é essa realidade. No salmo em questão, não se trata de uma mera esperança ou convicção de fé, mas uma realidade provada.

Assim, o salmo pode prosseguir dando um testemunho sobre o resgate de Deus. E o faz com um retrato admirável da ação divina. O ato de Deus foi tão extraordinário que Deus pareceu mergulhar dramaticamente dos céus. O poder de uma nuvem de tempestade do Oriente Médio fornece uma imagem para dar

uma ideia adequada do evento. As nuvens sugerem a realidade da presença de Deus e também representam uma proteção à nossa visão por causa do esplendor da presença divina. É fácil ter uma visão calorosa e, ao mesmo tempo, difusa de Deus como nosso amigo. O trovão que parece abalar a terra sugere o impactante efeito da ação de Deus no mundo. O relâmpago representa a natureza devastadora e ardente da intervenção divina para derrotar a maldade. A chuva torrencial sugere a perturbação da separação entre as águas e a parte seca da terra, estabelecida na criação.

O objetivo de um testemunho é glorificar a Deus. Salmos de testemunho também são expressões de ações de graças a Deus, mas caso desejarmos, simplesmente, agradecer a ele, podemos fazê-lo em silêncio. Não é necessário haver um ouvinte. Expressar a nossa gratidão em voz alta apenas possibilita o compartilhamento de outras pessoas e, assim, torna-se um ato de louvor coletivo. Toda a comunidade se alegra em Deus pelo que ele fez por alguns de seus membros. Além disso, descrever um salmo como sendo de testemunho reflete como a ação de Deus em benefício de outra pessoa também atua para me encorajar, pois sugere o que Deus pode fazer por mim. O salmo opera como agente encorajador para que toda a comunidade se volte a Deus como o nosso único refúgio e fortaleza quando a morte nos ameaçar antes do nosso tempo.

Conheço alguns cristãos que tiveram casos extraconjugais, e eu mesmo cheguei mais perto disso do que deveria. Quando cristãos falam sobre isso, regularmente a história envolve um elemento de negação e/ou autoengano. É possível que, agora, as pessoas tenham alguma percepção do que fizeram e percebam que, na época, enganavam a si mesmas, negando a natureza de suas ações. O casamento ficara estagnado, obsoleto; os cônjuges não se mostravam mais interessados; o novo amor era tão criativo e cheio de vida que, certamente, era uma dádiva divina.

A introdução ao salmo 18 nos convida a lê-lo à luz da experiência de Davi; ele teve muitos encontros com a morte antes de se tornar rei (daí a referência a Saul) e mesmo após ascender ao trono e se tornar o comandante-chefe. Desse modo, a leitura de sua história nos ajuda a apreciar o motivo de alguém orar o salmo 18. Ao mesmo tempo, isso suscita questões a nós. Quando o Antigo Testamento relata a história de como Davi se tornou rei, ele poderia, de fato, reivindicar ter se comportado com integridade e fidelidade em relação a Saul. No entanto, dificilmente poderia reivindicar o mesmo comportamento durante a segunda metade de sua vida (veja a história de Davi). O ponto de virada em sua história é quando ele cede a um caso extraconjugal. Portanto, ao imaginarmos Davi orando esse salmo, também precisamos imaginar Deus levantando a sobrancelha e suspirando pela ausência de autoconhecimento. Davi chegou a reconhecer o seu erro por ceder a um caso amoroso (veja 2Samuel 12), embora não fique claro quão profundo foi esse reconhecimento. Embora Deus tenha “removido o seu pecado”, isso não o impediu de tirar o filho de Davi, nem evitou a transformação da vida de Davi a partir de então. As observações reforçam a questão quanto ao autoconhecimento de Davi ao imaginá-lo proferindo esse salmo. Ainda, elas enfatizam a importância de questionarmos o nosso próprio autoconhecimento e a nossa responsabilidade em limpar a bagunça que fazemos e encarar que o arrependimento e o perdão não são garantias de eliminar ou atenuar os impactos de nossas ações sobre as demais pessoas.

Portanto, a leitura do salmo à luz da história de Davi possibilita a Deus falar conosco. Ler o salmo dessa maneira torna possível a Deus falar conosco de outras formas. Essa segunda metade do salmo 18 expõe as implicações do salmo 1. Entre nós e Deus há uma relação de mão dupla que envolve compromisso, integridade e pureza. Se a sua vida for caracterizada por esses elementos e você estiver sob ataque ou doente, pode esperar que os mesmos elementos

caracterizem as ações de Deus em relação a você. O salmo indica que isso não é mera teoria teológica, pois é um testemunho da maneira pela qual Deus opera na vida de alguém — a exemplo do que Deus fez na primeira metade da vida de Davi, quando o futuro rei podia reivindicar ser íntegro e puro.

Os leitores ocidentais do salmo podem se sentir desconfortáveis quanto à convicção de que Deus pode dar a vitória em batalhas. O salmo considera que Deus está envolvido com Israel como nação e com Davi como seu governante, e que Deus, então, não adotará meias medidas para fazer cumprir o seu propósito no mundo. Esse envolvimento com o rei é para o bem do povo, e o envolvimento com o povo é, no fim das contas, em prol do próprio mundo. O interesse do salmo é que o nome de Yahweh seja proclamado entre as nações e não implica que qualquer governante ou povo pode reivindicar que Deus está do seu lado, embora, às vezes, isso seja possível quando eles são oprimidos, apesar de terem a justiça ao seu lado. Uma vez mais, os leitores do salmo necessitam exercitar algum autoconhecimento e refletir sobre o impacto de suas ações sobre outras pessoas caso considerem que podem aplicar o salmo a si mesmos.

Um cristão que conheço envolveu-se em casos extraconjugais e teve, pelo menos, três desses relacionamentos, mas conseguiu manter dois deles em segredo. Então, alguém descobriu sobre o terceiro (não sei se a esposa dele suspeitava de algo), o que o levou a falar comigo. Eu não sabia se ele estava arrependido ou apenas com remorso por ter sido flagrado, mas fiquei impactado pelo que ele disse sobre não reconhecer a tentação como tal, por ser capaz de racionalizar a sua ação e acreditar não haver problemas em agir de uma forma considerada errada pela comunidade cristã (sobre a qual a Escritura é muito clara). No entanto, sei que ele representa um exemplo extremo de algo que todos nós, de algum modo, experimentamos. Romanos 7 se refere a isso como falhar em fazer algo que, teoricamente, devemos e queremos fazer, e fazer aquilo que, teoricamente, não queremos.

O salmo 19 discorre sobre algo nesse sentido. Ao falar sobre erros, provavelmente o salmista não está se referindo a, digamos, devolver o troco recebido em excesso, mas a erros morais ou religiosos; sobre desviar-se do caminho reto moral e religioso. Por que nos desviamos dessa maneira? É difícil compreender. O salmista expressa a ideia ao pedir para ser liberto de coisas escondidas, que fazemos em segredo porque sabemos que são erradas. Pode ser um caso extraconjugal (engraçado como mantemos essas ações em segredo, mesmo quando estamos convencidos de que são erros), ou algo referente ao nosso relacionamento com Deus — para um israelita, seria buscar a bênção de outros deuses que não Yahweh, na privacidade de seu lar. A expressão “grande rebelião” é usada em Israel e em outros lugares como referência a ter um caso; como se a infidelidade conjugal constituísse um dos “erros” realmente terríveis — daí estar incluído nos Dez Mandamentos. Existe uma ligação com o paralelo feito em Israel da relação conjugal com o relacionamento com Deus. Os dois “erros” mais terríveis são a infidelidade ao cônjuge e a Deus.

Se encararmos os fatos, reconheceremos que estes são atos deliberados. Há um mistério quanto à nossa predisposição em cometê-los, como se eles nos controlassem em vez de os controlarmos. No entanto, a “grande rebelião” inicia-se como um ato, aparentemente, pequeno e inocente, mas que, talvez, oculte uma vulnerabilidade a algo grande e não tão inocente. Com o tempo, isso significa que precisamos nos lançar à misericórdia de Deus e implorar que ele nos ajude a resistir a essas tentações. Necessitamos da capacitação de Deus para dizer as palavras certas a outras pessoas (p. ex., não posso dizer “Eu te amo” a alguém

que não seja o meu cônjuge) e a Deus (p. ex., devo dizer “Eu confio em ti” somente a Yahweh). Ainda, precisamos do auxílio divino com as palavras que dizemos tanto interna quanto externamente.

Como as duas primeiras partes do salmo conduzem à reflexão e à oração final? A primeira parte fala sobre o cosmos declarar o esplendor de Deus. Em certo sentido, a mensagem do cosmos é muito clara, mas isso não nos leva muito longe. Em sociedades tradicionais e no mundo ocidental, as pessoas acabam admirando e confiando na criação em vez de no Criador (como Romanos 1 expressa). Com respeito à questão sobre o que faz as pessoas viverem no caminho de Deus, a parte intermediária do salmo acrescenta importância ao ensino concreto encontrado na Torá e, portanto, é outro salmo que aborda as implicações do salmo 1. A sua percepção é aquela tipicamente israelita e judaica de que a Torá não é uma carga, mas uma bênção. O fato de Deus nos revelar em detalhes como devemos viver é algo incrível. Isso aumenta o mistério de ignorarmos o que Deus diz e a importância da reflexão e da oração que encerra o salmo.

Como somos afortunados por Deus ser o nosso rochedo e nos proteger de nós mesmos e de outras pessoas e também por ele ser o nosso restaurador.

Em nossa igreja, estamos no processo de aceitar que não podemos mais arcar com as despesas de um reitor em tempo integral. Como resultado, estou me tornando o único clérigo envolvido com a igreja de modo regular, presidindo aos cultos e pregando, exceto quando eu convidar outro pregador. Estou triste com as circunstâncias, mas sinto-me ansioso para presidir e pregar. Igualmente, estou ciente da minha responsabilidade. Há uma via de mão dupla no relacionamento entre pessoas envolvidas na liderança e os liderados, o que se aplica aos líderes leigos da congregação e também a mim, em nossa relação com a congregação como um todo. Pode-se chamá-la de relação codependente, caso você a use de forma positiva. Trata-se de um relacionamento de reciprocidade e de mutualidade. Há a responsabilidade que os líderes aceitam e uma outra responsabilidade exercida pela congregação como um todo. Cada um depende do outro para que as coisas funcionem. Codependência não significa ser passivo, esperar que a outra pessoa tenha a iniciativa de “fazer algo”; significa corresponsabilidade.

Na forma pela qual o salmo 20 retrata essa codependência, a responsabilidade atribuída às pessoas como um todo é de orar para Deus abençoar o seu líder. Como explicitado pela última linha, o líder era o rei, e um aspecto-chave da responsabilidade real era liderar o exército nas batalhas. Não era possível ser o comandante-chefe trancado em um gabinete em Washington. O rei encara o inimigo diretamente, quando a tribulação atinge o povo. Assim, eles oram para que Deus responda às suas orações quando esse dia chegar. O paralelismo na primeira linha sugere que essa resposta envolve ação, assim como reafirmação — isso envolve a proteção de Deus. A segunda linha expressa o ponto. Embora Deus habite entre as pessoas no monte Sião, o rei pode ter de lutar em outros lugares; assim, o pedido é para que Deus, de sua habitação, envie auxílio e apoio para onde for necessário. A terceira linha retoma a ideia de o rei orar por auxílio. A oração não é apenas uma questão de palavras, mas também de ações; o rei apelará a Deus por meio de ofertas e, igualmente, por palavras. Assim, o seu povo ora para que as ofertas feitas pelo rei sejam aceitas por Deus. A quarta linha reconhece que o rei terá de elaborar planos de batalha, mas Provérbios gosta de enfatizar que é bom fazer planos, mas a implementação deles depende de Deus. Portanto, existe um motivo adicional para orarmos pedindo a Deus para se envolver nos eventos. Afinal (o salmo, mais adiante, observa), é habitual crer que o poderio militar decide o resultado das batalhas, mas, na realidade, as coisas, com frequência, funcionam de outra maneira.

A segunda metade do salmo inicia-se, pelo menos, com a resposta do rei à oração de bênção do povo. Ouvi-la seria, obviamente, encorajador. Saber que as pessoas estão orando por você é uma bênção, não apenas porque isso indica a preocupação delas, mas também porque você sabe que o gabinete de Deus nos céus toma nota de todos os pedidos que lhe são enviados. Deus responde não somente de sua habitação, no monte Sião, mas do céu, onde o gabinete se encontra e as decisões são despachadas.

A mescla de tempos verbais nos versículos 6-8 significa que as pessoas podem usar esse salmo em mais de uma ocasião. Podem usá-lo quando houver uma ameaça de aflição, quando o rei experimentar uma grande libertação, e quando não houver crise nenhuma, mas o povo deve louvar pela natureza contínua do compromisso de Deus com eles e com o seu rei.

Ontem, um homem cristão detonou uma explosão em Oslo, capital da Noruega, para desviar a atenção das forças de segurança. A seguir, pegou uma balsa em direção a uma pequena ilha nas proximidades da cidade. Centenas de jovens com conexões políticas ou envolvimento político estavam acampados ali, sem possibilidade de fuga, e ele atirou e matou quase uma centena deles. O homem agiu em nome de Deus, pois acreditava que o propósito divino no Ocidente cristão estava em perigo com a expansão do multiculturalismo e, especialmente, pelo aumento de muçulmanos vivendo na Europa, o que fazia crescer o seu temor de que a Europa fosse dominada pela cultura islâmica em vez da cristã. Uma das inúmeras questões suscitadas pela ação desse homem é se o Antigo Testamento fornece algum subsídio para essa espécie de ação.

O salmo 21 nada diz sobre seres humanos tomarem a iniciativa de salvaguardar o propósito divino no mundo. Há outros salmos que podem pressupor a ação humana, mas, pelo menos, nesse salmo toda a ênfase recai na ação de Deus. Talvez o rei tenha saído para iniciar uma batalha, mas, ainda assim, esse fato não é visto como o fator-chave na situação. A palavra recorrente no salmo é "libertação". Essa mesma palavra e outras relacionadas, como o verbo "libertar", aparecem algumas vezes no salmo anterior, do mesmo modo que serão usadas no salmo seguinte (igualmente, recorrem no salmo 18). Algumas vezes, é possível ver conexões desse tipo entre salmos sucessivos; a presente sequência, por exemplo, nos convida a ver o salmo 20 como um modelo para se orar pelo líder antes de uma crise, e o salmo 21 como modelo de oração após Deus ter respondido à oração anterior. O ponto quanto à palavra "libertação" é que ela denota algo que você jamais lograria, pois envolve Deus libertando, salvando e resgatando você. O Antigo Testamento contém muitas histórias sobre Israel ganhar uma batalha contra todas as probabilidades ou de, às vezes, ganhá-la sem nem mesmo lutar (como ocorreu, por exemplo, no êxodo e em Jericó). O outro lado tinha submetralhadoras, mas, de algum modo, elas emperravam.

Embora seja possível ler a segunda metade do salmo como relativa ao rei, o texto indica a atividade de Yahweh em batalha, o que coaduna com a ênfase na libertação e com a declaração de encerramento do salmo a Yahweh. Todo o salmo aborda Yahweh como alguém que detém os recursos para implementar o seu propósito no mundo e proteger o seu povo. Ele atua para desafiar o rei e o povo a confiar nesses recursos, não em seu próprio poderio militar.

A menção a bênçãos aponta para a presunção vigente no Antigo Testamento de que as ações de Deus em relação a Israel não são empreendidas somente para o benefício de Israel. Por um lado, Deus vai ao encontro do rei com “bênçãos de bem”. Compreendida de modo literal, a expressão soa como uma tautologia, uma redundância — não existe algo como “bênçãos do mal”. As duas palavras reforçam uma à outra; essas são as ricas bênçãos com as quais Deus sai ao encontro do rei (quanto ele retorna da batalha?). Elas incluem uma vida admiravelmente longa; viver “para sempre” pode implicar viver até o fim de uma vida humana regular em vez de morrer antes disso, ou pode ser puramente convencional (em 1Reis 1, Bate-Seba expressa esse desejo quando Davi está em seu leito de morte).

Por outro lado, além de abençoar o rei, Deus “fez dele bênção” — como diz o versículo 6. A expressão significa mais do que “Tu lhe deste bênçãos”; implica: “Tu fizeste dele bênção” ou “uma grande bênção”. É semelhante à promessa divina feita a Abraão de que ele seria uma bênção (Gênesis 12). A ideia é que Abraão (e, no caso, o rei de Israel) seria tão abençoado que outras pessoas o considerariam como um padrão de bênção e pediriam para serem abençoadas do mesmo modo que ele foi abençoado. Isso não quer dizer que Abraão ou o rei precisam fazer algo para serem uma bênção; eles apenas devem deixar que as pessoas vejam como eles são abençoados. Portanto, o fato de Israel obter a libertação de determinados inimigos, aos quais Yahweh aniquila, não implica que ele não se preocupa com outros povos. Na verdade, isso implica o contrário. Os povos que se submetem a Yahweh, em lugar de agirem como seus inimigos, são abençoados do mesmo modo que Israel.

A cada Domingo de Ramos, como parte do culto da nossa igreja, lemos a história do julgamento e da execução de Jesus, com os membros da congregação desempenhando os diferentes papéis. Há inúmeros momentos assustadores no relato, especialmente aquele no qual toda a multidão passa a gritar: “Crucifica-o”, e, quando Pilatos resiste, novamente bradam: “Crucifica-o!” Igualmente aterrador é o evento no qual Jesus clama as palavras de abertura desse salmo: “Meu Deus, meus Deus, por que me abandonaste?” Essa não é a única passagem na qual os Evangelhos utilizam a linguagem do salmo 22. Quando os executores dividem as roupas de Jesus entre si, João 19 vê o cumprimento do versículo 18. Algumas traduções do versículo 16 falam sobre perfurações nas mãos e nos pés, o que lembra o que aconteceu durante a crucificação de Jesus.

O salmo não é uma profecia no sentido de ser uma passagem que diz: “Um dia, haverá um messias a quem isso acontecerá.” Antes, é uma oração a ser proferida pelos israelitas quando necessário, com o fim de ser grandemente encorajadora, pois lhes permite reconhecer o seu sentimento de abandono e os seus temores sem se envergonharem. Contudo, igualmente, é uma das orações mais terríveis que o Saltério oferece aos israelitas, e, portanto, não é surpreendente que, ao passar por seu martírio, essas palavras se adequem perfeitamente aos lábios do Messias de Israel. Ao orar esse salmo, paradoxalmente Cristo nos ajuda a ver o que expressaríamos ao orá-lo. Jesus não foi abandonado no sentido de Deus não estar presente em sua execução. Deus, com certeza, estava lá, como implicado pelo fato de Jesus ter orado; não se pode falar a alguém que está ausente. Deus está atento, assistindo a Jesus ser executado, sofrendo em seu espírito tão profundamente quanto Jesus sofre em seu corpo e em seu espírito. Na verdade, é deveras difícil imaginar a profundidade da agonia envolvida em testemunhar a execução do seu próprio filho quando você nada pode fazer para impedi-la. A exemplo do que declaram algumas testemunhas do martírio, seria apropriado a Deus resgatar Jesus caso ele fosse realmente seu filho. Mas Deus não o resgatou. Ele ouviu Jesus clamando: “Por que me abandonaste?” e nada fez. O abandono de Deus não consistiu em ir embora, mas em estar presente, sem intervir.

Essa também é a natureza do abandono de Deus em relação a outras pessoas. Quando mulheres são estupradas ou crianças são sequestradas, abusadas e mortas, Deus as abandona. Ele permanece assentado nos céus, consciente, mas de braços cruzados. Como pode ser?

Em certo sentido, quando Jesus pergunta: “Por quê?”, ele sabe a resposta. Ele objetiva levar os seus discípulos a compreenderem a inevitabilidade e a lógica do martírio, que ele sabe ser o seu destino. Há uma resposta específica à questão quando aplicada a Jesus. Portanto, quando ele questiona: “Por quê?”, provavelmente o significado atribuído a essa pergunta é o mesmo quando feita por outra pessoa. Observamos em nosso comentário sobre o salmo 10 que a pergunta constitui mais uma expressão de dor e protesto do que uma solicitação de informações, mas há uma resposta geral quanto ao motivo pelo qual Deus não intervém. Deus não criou o mundo para ser um lugar no qual ele, continuamente, impediria os seres humanos de fazerem mal uns aos outros. É possível que você pense que Deus deveria criar o nosso mundo assim, mas ele não o fez. Às vezes, Deus intervém; mas, geralmente, não. A presença do salmo 22 no Saltério como uma oração a ser proferida pelas pessoas nos possibilita questionar: “Por quê?” e expressar o nosso protesto. O fato de Jesus tê-la verbalizado nos encoraja a assumir que também podemos expressá-la; isso pressupõe que Deus está lá, pronto a ouvir. Como ocorreu na cruz, Deus não está a quilômetros de distância, em um asséptico ambiente celestial. Deus está atento, ouvindo e observando, e sofrendo conosco.

Um casal amigo estava nos fazendo um divertido relato sobre como eles discerniram uma diferença na maneira pela qual abordam os problemas na relação deles e em outros aspectos da vida. Apesar de engraçado, o relato foi também sério e profundo. Quando há um problema, o homem é propenso a desviar o olhar, fingindo que não está lá, pois a sua confiança na vida ou no relacionamento é ameaçada pela possibilidade de um problema. Em contraste, a mulher inclina-se a sentir que o problema ocupa todo o horizonte, de maneira que, na sua visão, igualmente o problema coloca em risco a sua confiança na vida e na relação a dois, embora ela reconheça o problema, mas ele não. De alguma forma, isso é análogo ao modo pelo qual reagimos a Deus quando uma tragédia acontece. Certas pessoas evitam encarar o que ocorreu, pois isso ameaça a sua compreensão fundamental de Deus como aquele que é fiel, amoroso e envolvido. Outras, enfrentam a natureza do ocorrido e, realmente, consideram que a compreensão fundamental delas sobre Deus está em grande perigo.

A genialidade do salmo 22 é que o salmista se recusa a adotar uma dessas duas opções. Ele, resolutamente, insiste em enfrentar os dois conjuntos de fatos; convida as pessoas a olhar diretamente na face da adversidade que lhes sobreveio, mas também a ficarem atentas aos fatos sobre Deus que elas já conhecem. O salmo, portanto, move-se entre “Por que me abandonaste” e “Tu está entronizado como o santo”; entre “Eu sou um verme, não uma pessoa” e “Tu és aquele que me permitiu sair do ventre”; e entre “Tu me colocaste no pó da morte” e “minha força, venha rapidamente como meu socorro” (a exemplo do que ocorre, com frequência a descrição da situação do sofredor, nos versículos 19-21, é expressa por meio de metáforas em vez de termos literais; o efeito é tornar possível que outras pessoas orem o salmo por ele não ser muito específico quanto à espécie de problema ao qual se refere. Sejam quais forem os “animais selvagens” que nos ameaçam, podemos usar as palavras do salmo). Então, o terço final do salmo surge em contraste aos dois terços anteriores, pois estes incluem grande material que sugere desesperança, mas o terço derradeiro mostra-se tão confiante na libertação de Yahweh que fala como se a libertação já tivesse ocorrido.

O salmo, portanto, nos convida a não negar a realidade do que nos acometeu, nem negar a realidade do que já conhecemos sobre Deus. Igualmente, nos convida a não negarmos a realidade do presente, mas também a não considerarmos o presente como tudo o que há. A exemplo de outros salmos, mas

em maior extensão e, portanto, provavelmente em maior profundidade, o salmo 22 efetua uma extraordinária transição final entre falar dos sombrios fatos do presente para falar sobre os gloriosos fatos quanto ao futuro, na convicção de que Deus ouviu essa oração, ainda que não tenha começado a agir. O salmo não fornece nenhum indício de que algo mudou após o versículo 21. A severidade sombria do presente tem a primeira palavra; o louvor do futuro tem a última. Portanto, uma vez mais, o salmo modela algo.

A exemplo do que, frequentemente, ocorre, o salmo 22 também deixa claro que não se trata apenas de olhar para o futuro e agradecer a Deus pelo ato de libertação que, certamente, virá. Trata-se de olhar para a frente com o fim de testemunhar a outras pessoas desse ato de libertação, pois esse testemunho irá edificar a fé delas e possibilitará que elas também enfrentem os dois conjuntos de fatos quando necessitarem fazer isso. Trata-se de falar em termos incrivelmente ambiciosos sobre pessoas de todas as partes do mundo ouvirem o que Deus fez, tanto na presente geração quanto nas futuras. Essa ambição, no entanto, é plenamente justificável, pois o salmo tem sido usado por pessoas em todo o planeta por dois ou três milênios.

Do mesmo modo que lemos em Mateus e Marcos as primeiras palavras do salmo 22 sendo proferidas pelos lábios de Jesus durante a sua execução, igualmente lemos em Hebreus 2 as palavras inaugurais do terço final desse salmo nos lábios de Jesus ressurreto, quando o salmista diz: “Contarei do teu nome à minha parentela; no meio da congregação, eu te louvarei.” Jesus trabalhou duro com o fim de preparar os seus discípulos para o seu martírio, em parte por lhes assegurar que isso não seria o fim, embora não tenha logrado êxito em capacitá-los para estarem prontos quando a execução veio. Antes de sua morte, Jesus sabia que ela não seria o fim — essa consciência resultou do que ele conhecia sobre Deus e do que lera nas Escrituras. Ele, portanto, foi capaz de enfrentar os dois conjuntos de fatos.

No sopé das montanhas, próximas do local onde residimos, há um centro de retiro no qual, a cada outono, realizamos uma reunião do corpo docente. Dois anos atrás, um diretor novo do centro nos deu alguns conselhos que jamais nos foram dados antes. Caso encontrássemos um urso nas imediações, fomos alertados de não tentar correr, pois os ursos são muito mais velozes do que nós. Não me recordo o que deveríamos fazer em contrapartida, mas, por precaução, decidi não fazer caminhadas, especialmente quando o diretor nos contou que, provavelmente, não seríamos atacados por nenhuma serpente, caso permanecêssemos nas trilhas, e que pumas não haviam sido avistados nos últimos tempos. De uma locação como aquela do centro, inúmeros vales ou cânions saem em direção às montanhas, e posso imaginar pastores que, outrora, conduziam seus rebanhos por eles. Os pastores saberiam tudo sobre ursos, pumas e serpentes e a melhor forma de lidar com eles. No tocante a certas criaturas, a vara ou o cajado seria um importante acessório para a segurança deles.

Os vales são profundos, e, com frequência, há riachos correndo por eles, pelo menos no inverno e na primavera. Desse modo, eles são densamente arborizados, pois possuem o suprimento de água ausente nas regiões fora dos vales. Portanto, são escuros e um pouco sinistros, e essa escuridão profunda contrasta fortemente com o brilho do sol acima deles. Talvez a correnteza mais veloz dos riachos fosse um pouco assustadora para as ovelhas, mas o pastor saberia encontrar os locais nos quais os cursos d’água formassem piscinas naturais. Igualmente, conheceria as regiões nas quais a presença de umidade faria a grama crescer, e a presença de sombra evitaria que ela murchasse sob o calor inclemente. Da mesma forma, saberia a localização de árvores e outros arbustos cujos frutos poderia derrubar com o seu cajado. Assim, os animais são protegidos e alimentados. O pastor é fiel em seu cuidado ao rebanho, e assim ocorre ao ser humano cujo pastor é Yahweh. Ser Yahweh significa ser o Deus que é fiel, ativo em providenciar proteção e alimento para o seu povo. Portanto, Yahweh assim age “por amor do seu nome”, para ser a pessoa que o seu nome proclama ser.

Na segunda metade do salmo, a realidade literal emerge. O salmista nos encoraja a declarar a nossa confiança de podermos enfrentar a ameaça de seres humanos, que é equivalente ao perigo representado por ursos, serpentes e pumas (compare com os touros, novilhos, leões e cães do salmo 22), porque Deus nos protege

com o seu cajado, como um pastor protege as suas ovelhas. Do mesmo modo que um pastor leva as suas ovelhas a pastos verdejantes, Yahweh provê o que necessitamos — na verdade, além das nossas necessidades. O salmo imagina os inimigos fora do nosso acampamento, mas capazes de nos ver ali dentro, asseados, dispostos e desfrutando de uma boa refeição, mas incapazes de chegar a nós, como animais nas cercanias de uma clareira, impotentes para atacar as ovelhas no aprisco. Embora as ovelhas possam ser caçadas por animais selvagens, e os seres humanos por seus adversários no campo de batalha, somos perseguidos apenas por dois agentes de Deus: a bondade e o compromisso. No campo de batalha, somos afastados do lugar de adoração no qual nos encontramos com Deus e do lugar de comunhão no qual nos encontramos com o povo de Deus, mas sabemos que esse não será o fim da história.

Cinco dias antes de o exército egípcio atravessar o canal de Suez, em setembro de 1973, com o objetivo de recapturar o Sinai do domínio de Israel, eu estava no Sinai, subindo o que em árabe é chamado de “monte Moisés”, a montanha tradicionalmente considerada como o monte Sinai no Antigo Testamento. Saindo do nosso acampamento no sopé da montanha, começamos a subir ao amanhecer. O grupo, na maioria, era constituído de israelitas, mas eu poderia dizer que havia umas poucas pessoas para as quais subir o monte Sinai tinha uma importância religiosa; o fim de semana fazia parte do programa da Sociedade para a Proteção da Natureza em Israel. Quanto a mim, aquela era uma subida que inspirava temor. Durante toda a caminhada de 1.200 metros, monte acima, me vi repetindo as palavras do salmo 24. Quem poderá ascender ao monte do Senhor? O salmo refere-se ao monte Sião, mas, instintivamente, senti que as mesmas questões eram levantadas ao colocar os meus pés no monte Sinai.

A exemplo do salmo 15, a parte intermediária do salmo 24 nos lembra, uma vez mais, da asserção de abertura do Saltério sobre a pessoa não poder se envolver em louvor e oração, a não ser que esteja também vivendo de forma moral e religiosa genuína, com outras pessoas e com Yahweh. Você deseja ser o receptor final da espécie de bênção e da fidelidade relatada no salmo 23 e retornar para longos dias na casa de Yahweh? Então, preste atenção ao versículo 4, que apresenta quatro pontos dinâmicos e entrelaçados sobre relacionamentos com outras pessoas e com Deus. Primeiro, as nossas mãos precisam estar limpas — isto é, não pode ter sangue nelas (compare com Isaías 1:15-16). Trata-se de uma exigência desafiadora a pessoas em países ocidentais, quando há tanto sangue nas mãos pelo envolvimento em guerras e pela negligência em relação a outras partes do mundo. O segundo ponto é que a nossa limpeza não deve ser apenas uma questão de atitude externa, mas também interna. Terceiro, não devemos nos elevar ao vazio — ou seja, elevar nosso rosto e nossas orações a deuses que não possuem existência real, olhar para outros lugares que não Deus, como nossa confiança. Quarto, não devemos jurar falsamente no nome de Deus. Quando o povo de Deus se apresenta diante dele, deve ser capaz de dizer: “Essa é a espécie de povo que nós somos.”

A questão complexa no salmo 24 é a relação entre a seção intermediária e os versículos de abertura e de encerramento. Talvez o salmo constitua uma liturgia, com os versículos inaugurais sendo um cântico de louvor entoado pela congregação. Eles afirmam que Yahweh é o criador do mundo e, portanto, o seu

proprietário. Eles operam com o retrato comum do mundo como uma espécie de ilha flutuando sobre os mares ou rios que fluem debaixo dela, seguro porque Yahweh o ancorou em segurança ali. Paradoxalmente, o fato de Yahweh ser o criador do mundo é seguido pelo fato de Yahweh ter um monte e um lugar santo em particular, no qual é possível encontrá-lo. À medida que eles se aproximam da presença do criador do mundo ali, emerge a questão sobre que espécie de pessoa você precisa ser para ir até lá.

Com um paradoxo adicional, o último parágrafo do salmo apresenta Yahweh fora da cidade e pessoas conclamando os seus habitantes a saudarem a sua entrada. Embora haja um sentido no qual Deus está em toda parte, existe também um sentido no qual Deus pode ser especialmente conhecido em certos lugares e contextos. Em nosso comentário sobre o salmo 14, observamos a promessa de Jesus: “Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mateus 18:20). E, apesar de haver um sentido no qual Deus pode ser especialmente conhecido em certos lugares e contextos, isso não o impede de aparecer em qualquer outro lugar. Portanto, é possível que o salmo pressuponha que Yahweh dos Exércitos saia com o exército de Israel para a batalha; ele e os combatentes, agora, retornam. Isso, igualmente, pressupõe que, de uma forma ou de outra, é possível ao povo de Deus mantê-lo fora do seu meio, a exemplo do que Apocalipse 3 indica, com seu retrato de Jesus, do lado de fora de uma igreja, batendo na porta para ver se ele será admitido.

Certo amigo nas Filipinas disse: “Mal podemos esperar até que você venha nos visitar no ano que vem.” Um cantor e compositor afirmou: “Mal posso esperar pelo show no sábado.” “Não vejo a hora de conhecer a sua esposa”, comentou um amigo. “Mal posso esperar pelo Natal”, outro amigo expressou. “Não vejo a hora de nos mudarmos para a casa nova”, meu filho comentou. “Mal posso esperar pelo nosso casamento”, disse a minha então noiva. “Não vejo a hora de as aulas terminarem”, desabafou um aluno. Divirto-me cada vez que alguém usa essas expressões tão comuns nos Estados Unidos; tenho vontade de responder: “É só esperar mais um pouco”, mas isso significaria perder o foco. Se eu disser: “Mal posso esperar o fim do trimestre” (por exemplo), quero expressar que não irei esperar; irei à praia agora. Todavia, a expressão simplesmente significa: “Estou realmente ansioso por isso e gostaria de não ter de esperar.”

No livro de Salmos, pensar sobre o futuro é importante, do mesmo modo que esperar. O salmo 25 refere-se três vezes à espera. Essa atitude está relacionada à esperança, mas em nosso idioma a palavra “esperança” sugere um sentimento que pode ou não ser justificado por eventos. A pessoa tenta ser esperançosa como uma forma de seguir vivendo (a não ser que seja como eu e apenas evite pensar no futuro). Esperar é mais como ficar na expectativa e relaciona-se a algo que você sabe ou crê que irá acontecer. Todos aqueles comentários com a expressão “mal posso esperar” estão relacionados a eventos que as pessoas sabiam que aconteceriam. O “problema” não era se ocorreriam ou não, mas o fato de não ocorrerem imediatamente. Mas, exatamente porque as pessoas sabiam que os eventos iriam ocorrer, a espera podia ser reconfortante e agradável à sua própria maneira.

A espera, no salmo, é a expectativa nessa forma concreta que não é difícil de conviver, porém o fundamento para essa confiante expectativa é muito distinto. A exemplo de inúmeros salmos, esse pressupõe tribulação, conflito e pressão, e, quando a nossa experiência inclui esses elementos, é possível não se ter um motivo concreto e tangível que nos dê a confiança de que conseguiremos chegar ao outro lado desse vale. Podemos tentar ser esperançosos, mas talvez não sejamos capazes de justificar essa expectativa. A base do salmo para a confiança reside em quem é Deus; o Deus que liberta, que é caracterizado pela compaixão, pelo compromisso e pela veracidade.

É com base nesse fundamento que o salmista nos convida a esperar pelo agir de

Deus. Essa atitude é expressa de variadas formas. Significa elevar nosso coração a Deus — mais literalmente, nos elevarmos a Deus; nos colocarmos diante dos olhos de Deus para que ele nos veja e entre em ação. Significa confiar em Deus, elevar os olhos a Deus para que ele veja a nossa súplica; não olharmos apenas para as tribulações e para todos os outros recursos. Portanto, significa confiar em Yahweh.

O salmo expressa duas outras atitudes em relação a Deus que parecem conflitantes entre si. É mais acessível do que a maioria dos salmos com uma consciência das deficiências, obstinações e rebeldias no passado e na idade adulta. O salmista sabe que, quando temos consciência dessas realidades, devemos nos lançar à misericórdia de Deus e pedir-lhe para não se lembrar delas, como um amigo ou cônjuge que está disposto a esquecer os nossos erros, a perdoá-los como um rei ou presidente, a carregá-los como pais que aceitam a responsabilidade pelos atos de seus filhos, mesmo não sendo eles que agiram errado. Por outro lado, em conflito com esses apelos, o salmo enfatiza a importância de manter-se comprometido com os caminhos de Deus, para termos uma base que justifique o nosso apelo para ele responder às nossas orações; precisamos aceitar a responsabilidade pelas nossas ações. Contudo, aumentando o dilema, o salmo reconhece que precisamos que Deus nos ensine para vivermos a vida que ele procura ver em nós. Deus precisa operar em nós para reconhecermos os caminhos divinos e andar neles.

O salmo 25 é outro salmo alfabético; permitindo um pouco de desordem nas extremidades para fazer funcionar a estrutura alfabética, ele cobre a natureza da oração de A a Z. O fato de deixar essas tensões sem solução é parte de sua força.

Na igreja episcopal, quando nos movemos da primeira parte do culto, dedicada à leitura da Escritura, para a celebração da comunhão, alguém derrama um litro de água sobre as minhas mãos como sacerdote, e eu expresso algumas palavras do salmo 26: “Lavo as minhas mãos na inocência para que possa ir ao teu altar e contar todos os teus maravilhosos feitos.” A prática, que remonta ao tempo de Cirilo, bispo de Jerusalém, no século IV, significa muito para mim, pois declarar os maravilhosos atos de Deus (nesse contexto, falar da celebração da Páscoa de Jesus com os seus discípulos, sua morte por nós e sua ressurreição dentre os mortos) é uma atividade de grande responsabilidade, designada a glorificar a Deus e ser uma bênção para o seu povo. No mesmo século, João Crisóstomo, arcebispo de Constantinopla, menciona uma prática por meio da qual todos lavavam as mãos antes de irem à igreja para a adoração. Todos nós precisamos estar preparados para ouvir essa história. A nossa igreja mantém uma bacia de água benta junto à porta de entrada para as pessoas mergulharem o dedo e fazerem o sinal da cruz, o que pode cumprir uma função similar.

Constitui uma oração ainda mais solene quando pensamos sobre o significado da expressão “lavar as nossas mãos em inocência”. Entre a última ceia de Jesus e a sua execução, Pilatos busca se eximir da culpa pela morte de Jesus mediante o lavar de suas mãos e a declaração de sua inocência quanto àquele sangue que seria derramado. A alternativa a mãos limpas é tê-las sujas de sangue. O salmista, portanto, pede para não ser reunido (ser enterrado com os ancestrais) aos homens de sangue, ou seja, pessoas que têm as mãos sujas de sangue. Já observamos que é difícil para os cidadãos de países poderosos como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos se esquivarem da responsabilidade por grande parte do derramamento de sangue no mundo. Quando nos apresentamos para a adoração, de fato necessitamos lavar as nossas mãos na inocência, nos arrependermos do sangue que temos nelas e nos comprometermos a lutar e trabalhar com políticas que as mantenham sem sangue. Não podemos participar da adoração ou orarmos se pretendemos continuar manchando as nossas mãos.

O próprio salmo é designado a pessoas que correm o perigo de ter o sangue derramado, possivelmente por serem falsamente acusadas de algum delito capital. Elas precisam que Deus exerça a sua autoridade e decida por elas. Igualmente, devem permitir que Deus verifique a integridade delas, o que envolve o coração, o seu íntimo, do mesmo modo que o seu comportamento exterior (a ofensa capital pode envolver a consulta e a busca a outros deuses, o

que pode ter ocorrido secreta, não publicamente).

Quando os sacerdotes falam sobre os maravilhosos feitos de Deus enquanto expressam essa oração, eles se referem à morte e à ressurreição de Jesus Cristo por nós; no entanto, o salmista tem algo diferente em mente. A proclamação dos prodigiosos atos de Deus serão “o som do testemunho”. Em outras palavras, o salmo nos convida a esperar pelo tempo no qual Deus toma a espécie de decisão necessária e nos justifica para sermos libertos da pressão da falsa acusação. Nós, então, temos um testemunho a dar com respeito aos maravilhosos atos de Deus por nós. As ações divinas não incluem apenas aquelas em favor do povo, longo tempo atrás, mas abrangem as que praticamos no presente. Essa é a expectativa à qual o salmista nos convida.

Logo após chegar aos Estados Unidos, compareci a uma palestra inaugural de um homem que (assim nos disseram) era um pastor de tempo integral e um professor de meio período. Ri-me por dentro, pois imaginei que fosse uma piada — como é possível exercer uma função em tempo integral e outra parcialmente? (Ele também nos revelou que estava escrevendo um livro em suas horas de "descanso", o qual, posteriormente, publicou.) Quão ingênuo eu era sobre os Estados Unidos! Quantas tarefas e funções as pessoas aqui são capazes de executar ao mesmo tempo! Como isso me faz sentir inferior! Um jovem rapaz que conheço trabalha em dois empregos, é organista em nossa igreja, frequenta um curso de graduação em engenharia e ainda tem uma esposa e um filho para dar atenção. Não surpreende que seja difícil nos encontrarmos para discutir a seleção de hinos para os cultos no próximo mês. Outro conhecido é estudante de teologia, trabalha como garçom em um restaurante (ou talvez sejam dois restaurantes), pertence a um grupo de estudo inaciano, candidatou-se para o ministério batista e ainda tem uma namorada. Portanto, é compreensível que, às vezes, ele não esteja presente em nosso grupo de estudo bíblico.

"Uma coisa", diz o salmista. "Uma coisa faço", escreve Paulo (Filipenses 3:13). "Falta-lhe uma coisa", afirmou Jesus ao jovem rico (Marcos 10:21). "Apenas uma coisa é necessária", disse Jesus a Marta (Lucas 10:42). "Uma coisa sei", afirmou o homem cego a quem Jesus havia curado (João 9:25). Essas declarações sobre "uma coisa" variam, mas todas elas reconhecem que há momentos em que é preciso focar. Na cultura ocidental, nos acostumamos à ideia de "multitarefas", em parte pela necessidade, em parte por escolha. Imaginamos conseguir incluir mais uma atividade à nossa agenda sem perguntar o que iremos eliminar para abrir espaço, e não somos bons em recuar para ver o que é prioritário ou não. É difícil perceber o momento em que devemos ter foco, muito mais mantê-lo. Talvez a recorrência dessa expressão "uma coisa", na Bíblia, indique que esse não seja um problema exclusivo do Ocidente.

A sentença, no salmo, é "uma coisa pedi". O que você pede revela o que você é. "O que você quer", portanto, é uma pergunta reveladora que Deus faz a Salomão (1Reis 3:5), do mesmo modo que é quando Jesus a faz ao homem cego (Marcos 10:51). As duas histórias indicam que a pessoa poderia ter dado outras respostas a essa questão. O salmo, no entanto, é outro no Saltério que pressupõe a situação de estar sob ataque; as pessoas estão me observando, e quero receber proteção e que elas recebam a devida retribuição. Entretanto, a expressão "uma coisa" do

salmo está em outro lugar, além dessas praticidades, ou em algum lugar por trás delas. Essa “uma coisa” é habitar na casa de Yahweh. Dificilmente, isso significa morar no interior do templo, pelo que sabemos, pois ninguém é capaz de viver ali, exceto Yahweh. A expressão é uma imagem para viver na presença de Yahweh, de viver na sua companhia e, portanto, de estar sob a proteção dele. Isso faz que tudo o mais, exceto “uma coisa”, desapareça.

A julgar pelo salmo 90, a “beleza” de Yahweh denota as coisas belas que Yahweh tem guardadas e que pretende realizar, as “coisas boas” que o versículo 13 cita. Essas expressões sugerem outra perspectiva quanto à compreensão do salmo sobre como a vida com Deus funciona. Isso pressupõe que possuímos uma experiência anterior da libertação de Deus; ir à presença de Deus nos lembra essa realidade. Igualmente, nos apresenta a realidade do que Deus pretende fazer para nós e, portanto, fomenta a nossa confiança e a nossa capacidade de viver em esperança, de ansiarmos. Contudo, viver em esperança relaciona-se a viver com foco em “uma coisa” — não viver com a esperança de que seremos capazes de alcançar e de obter tudo, mas na esperança de ganharmos apenas “uma coisa”.

O noticiário da semana passada trazia a história sobre um cabeleireiro desempregado e extremamente endividado, com pouco mais de quarenta anos, que participou de uma conferência “O dinheiro vem para você”, realizada em uma igreja de Vermont. Lá, ele ouviu um pregador visitante prometer que o Senhor não apenas poderia salvá-lo e levá-lo ao céu, mas também lhe daria uma grande fortuna e solucionaria os seus piores problemas financeiros — na verdade, o tornaria muito próspero. O pregador falou sobre a sua mansão de quase dois mil metros quadrados e de seu avião particular, um Falcon 900B, para divulgar a sua mensagem. Afinal, ele disse, Mateus escreveu sobre buscar o reino de Deus e a sua justiça e como todas essas coisas lhe seriam acrescentadas. O cabeleireiro tirou do bolso os sessenta dólares com os quais tinha ido ao culto e saiu sem nada, mas também deixou ali a sua culpa e a sua vergonha.

O problema com a heresia é ser uma meia verdade; as coisas seriam mais fáceis se elas fossem simplesmente erradas. Jesus não fala em ter “todas essas coisas”. Na verdade, elas não incluem uma casa espaçosa, mas incluem comida, bebida e roupas, o que se adequaria ao cabeleireiro. O salmo 28 faz a mesma suposição sobre o modo pelo qual Deus se relaciona com as pessoas. A referência ao “ungido” no verso 8, às vezes implica que essa seja uma oração para o rei fazer, mas no salmo nada mais sugere esse uso particular. O salmo constitui uma oração para indivíduos normais e comuns. Ele não faz menção a problemas específicos que poderiam ser levados a Deus, o que significa que pode ser facilmente proferido por pessoas nas circunstâncias mais distintas. Ainda, implica que as pessoas que oram esse salmo enfrentam algumas tribulações e necessitam de socorro, de libertação; precisam de um rochedo no qual possam subir, pois estão em risco de morte, de terminarem no poço antes do tempo. É nesse contexto que elas necessitam da graça divina. Algumas merecem esse destino; o salmo é para pessoas que podem reivindicar outro destino.

O salmo presume que você pertença a uma de duas comunidades e que Deus se relacione com essas comunidades de duas formas diferentes. Por um lado, estão os infiéis, os que praticam maldades, que falam coisas boas, mas, na verdade, planejam cometer malfeitos. Caso tais pessoas morram antes do tempo, isso é muito apropriado. Do outro, está a comunidade que é posse de Yahweh, o povo encabeçado por aquele que Yahweh ungiu. São as pessoas que Jesus descreverá como aquelas que provam que buscar o reino de Deus significa também receber alimento, bebida e roupas. Nem o salmo nem Jesus assumem que tais pessoas

são perfeitas; tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos mostram que as pessoas basicamente fiéis, às vezes, agem infielmente.

O salmo possui uma forma distinta de diferenciar os dois grupos pelo modo com que discorre sobre ações e obras. O primeiro grupo abrange pessoas que merecem ver os resultados de suas próprias ações por dizerem uma coisa e fazerem outra; essa é a “obra de suas mãos”. É como se trabalhassem durante uma semana, e o salmo afirma que elas deveriam receber o pagamento merecido; mas, embora seja uma semana de trabalho, não é um trabalho bom.

O segundo grupo inclui pessoas que reconhecem a natureza dos atos divinos, a obra das mãos de Deus. Pode haver duas maneiras por meio das quais o salmista espera que as pessoas ajam. Uma é que a nossa vida deveria ser vivida à luz do que Deus fez, como expressão de gratidão pelas obras de Deus por nós; assim, é um viver na imitação das prioridades de Deus, como fidelidade em vez de infidelidade. A outra é viver a nossa vida à luz do que Deus irá fazer. Caso vivamos de modo infiel, experimentaremos Deus nos derrubando, em lugar de nos edificar. Essa sentença é recorrente em Jeremias, com relação à escolha que se apresenta diante de Israel, e a história israelita mostra como o povo de Deus pôde experimentar um destino ou outro. O salmo pressupõe que você tenha de decidir a que grupo deseja pertencer, mas deve orar por libertação apenas se pertencer ao segundo grupo. A oração por libertação, que encerra o salmo, coloca-se entre o primeiro e o segundo estágios de uma resposta à oração. O salmista reconhece que Deus viu e respondeu às suas mãos levantadas; ele ainda ora pelo estágio dois. Sabe que Jesus prometeu “todas essas coisas”, mas pede a Deus para que essa promessa seja cumprida. Quando sabemos de cristãos cuja vida não funciona dessa forma, a oração nos impulsiona a orar da mesma maneira.

Sem ter plena consciência do que estava fazendo, na véspera do casamento de sua filha, inocentemente, a minha então futura esposa concordou com a mãe de seu futuro genro (que era a matriarca de uma grande família católica romana do México) que os noivos profeririam uma novena para a próxima geração — para os seus filhos e netos. Estritamente falando, uma novena é uma oração que você expressa por nove dias, mas a mãe do meu futuro enteado manobrou a minha esposa para fazer isso por dois anos, de tal modo que, quando eu me casei, herdei esse compromisso. No entanto, isso se mostrou uma excelente disciplina. Parte dessa novena em particular envolve expressar duas vezes a Oração do Pai-nosso, o que a minha oração focou, especialmente a petição: “Venha o teu reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.” Contudo, acho essa petição intrigante, pois tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos deixam claro que existem forças no céu (pelo menos, no mundo sobrenatural) contrárias à vontade de Deus, do mesmo modo que há na terra. Talvez a implicação seja a de que precisamos apelar a Deus para que a sua vontade seja implementada tanto no céu quanto na terra.

O salmo 29 começa com o reconhecimento da existência de muitos seres divinos e que eles não necessariamente honram o único e verdadeiro Deus. Embora o nosso idioma tenha uma forma convencional de distinguir entre Deus e deuses, pelo uso do D, em letra maiúscula, o hebraico e o grego não seguem essa convenção, de modo que Paulo escreve, em 1Coríntios 8, sobre haver muitos “deuses” e “senhores”, e o salmo pode fazer o mesmo. Ainda, o salmo deixa claro que isso não significa que todos esses seres divinos tenham o mesmo status de Yahweh; Yahweh é tão diferente deles que é muito útil ter uma convenção para distinguir entre deuses e Deus. Todavia, os seres divinos são como Yahweh no fato de serem sobrenaturais e de outro mundo. Assim, eles detêm algum poder no céu e na terra e são capazes de usá-lo incorretamente. Daí o motivo de a Oração do Pai-nosso pressupor que eles tenham algum poder, mas que, no fim das contas, o poder deles está subordinado ao de Deus (de fato, é uma versão turbinada do poder humano).

Na adoração, então, os israelitas os desafiam a reconhecer quem eles são e o que é Deus — em outras palavras, e quem é realmente Deus. Talvez uma inferência seja de que haja algum sentido no qual os adoradores tenham poder em relação a eles. Pode ser que esses seres sejam como alguns governantes de países nos quais não há eleições e que detêm o poder apenas pelo tempo que o povo

consentir nisso; quando a população decide não mais aceitar esse poder, os governantes perdem a sua autoridade. Se o paralelo for válido, então, quando os adoradores dizem aos seres sobrenaturais que eles devem reconhecer o verdadeiro Deus, eles também perdem o seu poder. Esses governantes mundiais possuem poder apenas pelo tempo em que concordarmos com isso.

A Bíblia não está interessada no monoteísmo, a questão sobre quantos deuses existem. Ela tem interesse na questão: “Quem é Deus?” Sua preocupação não é afirmar que existe somente um Deus, mas que Yahweh é o único Deus. Embora isso implique monoteísmo, o monoteísmo não é um assunto de interesse da Escritura. Assim, o salmo 29 objetiva afirmar que apenas Yahweh é Deus e pressionar outros seres divinos a reconhecerem esse fato e honrarem Yahweh como ele merece. Devem fazê-lo porque o poder deles é nulo, comparado com o poder de Yahweh. Apenas examine o mundo criado, o salmo instrui. Observe como o mundo convulsiona durante uma tempestade, quando relâmpagos aparecem, o chão treme e o vento sopra com uma força capaz de levar enormes árvores ao chão. Pense sobre como essa asserção do poder divino se conecta com a ação de Deus durante a criação, quando Yahweh exerceu autoridade sobre as outras forças dinâmicas que poderiam tentar se afirmar, e tomou o seu lugar no trono, sendo entronizado rei para sempre.

Formalmente, o salmo, portanto, é direcionado aos seres divinos nos céus. Contudo, a sua presença no Saltério sugere que o salmo pertença ao contexto da adoração de Israel, e, quer os seres divinos estejam prestando atenção quer não, os seres terrenos que adoram no templo estão totalmente atentos. É possível que esse seja o ponto real do salmo; às vezes, ouvimos com mais atenção a algo que não é diretamente designado a nós. Durante grande parte da história de Israel, os israelitas foram tentados a aumentar suas chances por meio da adoração a outros deuses, além de Yahweh. Mas, se até os seres divinos deveriam reconhecer que Yahweh é o único Deus como poder real, então os adoradores no templo, que voltavam para suas casas após o culto e faziam ofertas secretas a outros deuses, eram, de fato, estúpidos. Existem muitos deuses, mas há somente um Deus. A última linha aponta para um corolário. Yahweh é o único e verdadeiro Deus e está comprometido com Israel. Ele é a fonte de sua força, bênção e bem-estar. A mensagem aos adoradores no templo, então, é: “Olhem para Yahweh por essas dádivas. O seu Deus é um grande Deus!”

No comentário sobre o salmo 16, mencionei como, alguns meses atrás, conheci, me apaixonei e pedi em casamento alguém e, então, fui diagnosticado com um câncer de próstata e marquei uma cirurgia. Tivemos um comovente período de oração na igreja, e eu sabia que Deus ouvira as orações das pessoas. Aquela foi a fase um da resposta de oração, da maneira pela qual o Saltério retrata a oração. Isso significa que você começa a louvar a Deus por responder à sua oração, mas reconhece que ainda é a fase um e não cessa de orar. Somente após a fase dois, quando é possível ver a resposta divina, não apenas ouvi-la, é que cessamos a oração e passamos, simplesmente, a louvar. Para mim, mesmo esse processo pareceu um pouco mais complicado, pois os médicos estavam muito satisfeitos logo após a cirurgia. Nesse sentido, pode-se dizer que a fase dois havia chegado, mas, para mim, voltar a me sentir normal ainda demorou algumas semanas. Assim, na semana passada, após realizar o teste e constatar que o nível do antígeno em meu sangue estava em valores corretos, é que senti a chegada da fase dois. Agora, eu realmente sei que Deus respondeu àquelas orações. (Bem, exceto se você ouvir, daqui a um ano ou dois, que eu morri por causa do alastramento do câncer.)

O salmo 30 ilustra a maneira de orar após a fase dois — ou, melhor, ilustra como agradecer a Deus por responder às nossas orações após a fase dois e a maneira de prestar testemunho pelo que Deus fez. Um motivo para usar a palavra “testemunho” é que a ação de graças envolve contar uma história, em três partes: relata-se como as coisas deram errado, como você orou e como Deus respondeu. O salmo ilustra outra característica recorrente no Saltério: ele diz o que é preciso dizer, mas, então, diz novamente. O salmo em questão poderia terminar no versículo 5 sem que pensássemos que o salmo terminou abruptamente; no entanto, ele recomeça no versículo 6. Talvez o salmista tenha sentido que os primeiros cinco versículos não eram suficientes para fazer justiça ao que Deus tinha realizado.

Quando a segunda metade do salmo reconta a história, ela recua ainda mais em relação ao primeiro relato ao recordar como as coisas eram excelentes antes do golpe. Talvez as palavras impliquem que o salmista vivia excessivamente confiante, embora, no meu caso, não considere que estivesse equivocadamente entusiasmado pelo desenrolar da minha vida, antes de descobrir que estava com câncer. Contudo, a linha de abertura, na segunda versão do testemunho, levanta uma questão sobre a qual eu deveria refletir. Ela também nos fornece mais

informações sobre o modo pelo qual o salmista orou, que lembra o salmo 6 (pode-se imaginar alguém orando o salmo 6 após a fase um da resposta à oração e, então, orar o salmo 30 após a fase dois).

O salmo ilustra três outros aspectos interligados quanto a dar testemunho. Primeiro, o salmo assume que a experiência da libertação de Deus não é um evento único e ímpar, mas constitui uma ilustração concreta do que Deus é. Deus é aquele que derruba, mas a sua ira dura apenas um instante (talvez porque não demore a firmar o ponto de que a transgressão é algo sério), e sua amorosa aceitação ao seu povo é mais característico dele. O segundo aspecto é que experimentar a libertação de Deus não é algo que afeta a pessoa apenas no ato. A experiência a muda para sempre, assim como muda a maneira em que ela ora. O terceiro é que o libertado não é o único a ser afetado. Um salmo de ação de graças é, igualmente, um salmo de testemunho, pois é designado para ser ouvido por outras pessoas e para reuni-las, porque os fatos sobre Deus que ele ilustra são relevantes tanto para a pessoa que é curada quanto para o restante da congregação.

É fácil ver como alguém pode usar o salmo para louvar a Deus por uma experiência de cura ou de libertação. Mas e quanto à introdução? Qual é a ligação com a dedicação da casa? A casa é, presumidamente, a casa de Deus (uma ligação com um palácio real ou a residência de uma pessoa comum é menos plausível). Assim, talvez o salmo tenha sido usado na dedicação do templo, nos dias de Ageu e Zacarias, em 515 a.C., quando o povo recebeu permissão para voltar do exílio. Ou pode ter sido usado na rededicação do templo após a sua profanação por Antíoco Epifânio, em 167 a.C., em cumprimento das visões no livro de Daniel. A palavra hebraica para dedicação é hanukkah, sendo o nome dado a um festival judaico que celebra a libertação do domínio de Antíoco. Seja como for, um salmo concebido como testemunho de um indivíduo tornou-se um meio de transmitir o testemunho de toda uma congregação, o que ilustra a flexibilidade com a qual um salmo pode ser usado.

Ontem à noite, fomos a um concerto de Marcia Ball, uma grande cantora de blues que nasceu na Louisiana. A sua apresentação foi encerrada com a incrivelmente tocante “Louisiana”, de Randy Newman. A canção descreve como o rio Mississippi subiu o dia todo e a noite toda e retrata o grande volume de água com a recorrente sentença “seis pés de água nas ruas de Evangeline”. A letra relata a resposta, no mínimo, indiferente do governo federal e repete o lamento: “Eles estão tentando nos arrastar.” A primeira vez que ouvi essa canção foi após a passagem do furacão Katrina, e não me dei conta, na época, que ela não havia sido escrita por causa daquele evento. Newman a compôs três décadas antes, para contar a história da inundação do Mississippi, em 1927, que deixou setecentas mil pessoas desabrigadas.

Pode-se imaginar as linhas do salmo 31 nos lábios de pessoas que, impotentes, assistem ao nível do rio subir durante o dia todo e a noite toda. Elas não tinham alternativa, exceto dizer a Deus: “Nas tuas mãos, entrego o meu espírito.” Essas palavras, do versículo 5, reaparecem nos lábios de Jesus, do mesmo modo que a linha do salmo 22: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” Mais literalmente, isso é: “Em tuas mãos, eu rendo/delego o meu espírito.” A expressão é impactante. Em geral, alguém poderoso designa ou aponta um subordinado para algum cargo ou para ser responsável por algo. Talvez o salmo implique que a última coisa que mesmo os mais fracos detêm é o seu espírito. Pode-se apegar a ele ou estar preparado a rendê-lo.

Quando há seis pés de água nas ruas de Evangeline, as pessoas sentem a necessidade de encontrar algum lugar que seja sete pés mais alto que as ruas de Evangeline. No salmo, Deus é o rochedo no qual as pessoas sobem em busca de segurança enquanto as águas sobem. Os israelitas sempre estão sob a tentação de confiar em alguém mais, além de Yahweh, e a elevação do nível das águas faz elevar também essa tentação. O salmo declara: “Nós continuaremos a confiar.”

Como de costume, o salmo evita ficar restrito ao pensamento sobre o presente. Quando o salmista utiliza expressões como “Tu me redimiste”, as pessoas que usam o salmo podem se lembrar de ocasiões nas quais Deus as resgatou. Essa recordação leva à conclusão: “Deus nos resgatou no passado e pode fazer isso novamente.” Igualmente, mantém aqueles eventos na consciência daqueles que oram e, portanto, fortalece a possibilidade de as pessoas resistirem enquanto as águas sobem. Todavia, talvez sejam pessoas que não passaram por essa

experiência; as declarações sobre o que Deus fez são, então, feitas na fé. Elas se referem a atos que Deus ainda não realizou, mas que ele decidiu e, assim, iniciou. São como as declarações que os profetas, às vezes, fazem quando falam sobre eventos vindouros como se eles já tivessem acontecido. Seja como for, o salmo objetiva que as pessoas que oram olhem tanto para o futuro quanto para o passado, permitindo, assim, a perspectiva de um resgate. Talvez haja uma possibilidade na qual não conseguimos pensar, um resgate que somente Deus poderia conceber. Podemos perder ou negar isso caso não acreditemos que seja possível. Assim, refletir sobre o passado possibilita pensar nas boas dádivas que Deus tem guardado para o seu povo.

Do mesmo modo que o salmo 30 não se restringiu a contar apenas uma vez a história sobre o resgate de Deus, o salmo 31 não se restringe a fazer a sua oração somente uma vez. Se o salmo terminasse no versículo 8, nada lhe faltaria. O salmista suplicou a Deus para ouvi-lo e agir, declarou sua fé em Deus e olhou à frente, para o que Deus poderia fazer, e ansiou celebrar Deus firmando os seus pés em um lugar amplo ou seco em vez do local estreito ou úmido no qual eles estão agora. Os versículos 9-20, igualmente, poderiam constituir um salmo separado. Mas pode ser significativo que essa segunda seção dê espaço para uma descrição mais dolorosa e aflita da situação. Algumas vezes, necessitamos de liberdade para dizer o que é dito aqui. Entretanto, do mesmo modo que o protesto é mais intenso, as declarações de confiança e esperança também o são. Elas chegam a um clímax com as linhas que falam como se a libertação já tivesse chegado, mas as águas ainda estão subindo. As pessoas que oram são convidadas a acreditar e a declarar que Deus já ouviu a oração delas, mesmo quando não há nenhuma evidência, a incentivar uns aos outros a crer nisso, e a ter a devida coragem. Às vezes, é necessário repetir uma oração seguidamente para que as pessoas que oram acreditem no que estão proferindo, especialmente quando a situação não apresenta mudanças imediatas. E há momentos nos quais precisamos repeti-las inúmeras vezes para que as vozes dos que desejam nos arrastar não afoguem a nossa esperança.

Quando o papa João Paulo II discursou no Yad Vashem, o memorial do Holocausto, em Jerusalém, ele começou e terminou mencionando esse salmo. Ele comentou: “Somos sobrepujados pelos ecos dos penosos lamentos de tantos.” Mas não somos esmagados porque sabemos que “o mal não terá a última palavra. Das profundezas da dor e da tristeza, o coração do que crê clama: ‘Confio em ti, Senhor; eu digo: “Tu és o meu Deus.”’”

Ontem, uma corte federal julgou seis oficiais de polícia culpados de atirar em seis cidadãos no rescaldo do furacão Katrina. Minha esposa e eu estávamos refletindo sobre como nós, simplesmente, não conseguimos nos dissociar de um evento como um tiroteio. A polícia nos representa; nós os comissionamos para manter a ordem na polis, isto é, na cidade. A defesa argumentou que deveríamos permitir erros cometidos pelas pessoas em situações perigosas, como essa, pois elas precisam tomar decisões de vida ou morte em instantes. Quer isso seja válido quer não, as ofensas adicionais envolvidas na orquestração de um acobertamento sistemático do que realmente ocorreu reduziram a simpatia pelos oficiais, enredados nas horrendas pressões dessa dramática situação. Ainda assim, temos de ver a falha dos oficiais como nossa, do mesmo modo que lhes devemos o nosso apoio.

O salmo 32 incorpora algumas palavras-chave do Antigo Testamento para a reflexão sobre tais eventos em relação aos seres humanos e em relação a Deus. A primeira é o verbo “carregar”, o sentido literal do termo hebraico que, mais frequentemente, está por trás do verbo “perdoar”, nas traduções do Antigo Testamento para a língua portuguesa. Quando alguém faz algo errado com outra pessoa, a parte prejudicada “carrega” o delito, aceita a responsabilidade pelas consequências, mesmo que ele ou ela não seja responsável pelo delito em si. Em lugar de buscar reparação, a parte ofendida se recusa a deixar que o malfeito se interponha entre as duas pessoas. Embora seja função do Estado decidir se e como o malfeitor deve ser punido, o trabalho da pessoa prejudicada ou ofendida é “carregar” o delito cometido contra ela.

A segunda palavra é “cobrir”, que pode ser usada de duas maneiras. Potencialmente, há um acobertamento feito pelo malfeitor, e outro, feito pela pessoa que foi prejudicada. O incidente em Nova Orleans levou a uma tentativa de ocultação, de encobrimento, e o salmo espera que sejamos capazes de dizer que não nos envolvemos nisso. Igualmente, o salmo fala sobre a parte prejudicada estar envolvida num encobrimento positivo. O Antigo Testamento, com frequência, discorre sobre a transgressão causar uma mancha; o assassinato, de modo literal, faz isso, pois o sangue da vítima é derramado ao chão. Uma das vítimas de Nova Orleans perdeu a mão direita durante o tiroteio e teve de fazer o juramento no tribunal erguendo a sua mão esquerda. Suponha que ela usasse aquela mão para cobrir o sangue que fluía de sua mão direita, no sentido de se recusar a chamar a atenção para a sua perda e pedir por vingança?

A terceira palavra é o verbo “contar”. Isso sugere a imagem de um registro do tribunal. Ao cometer uma infração de trânsito algumas semanas atrás, eu paguei uma multa, mas a infração foi incluída em meus registros. Minha declaração de culpa não afetaria esse processo. Os relacionamentos pessoais funcionam de maneira distinta. Não mantemos um registro dos erros cometidos contra nós pelas outras pessoas. Reconhecidamente, não podemos presumir que alguém agirá dessa forma, especialmente se tentarmos encobrir os atos — daí o comentário do salmo sobre não haver engano em nosso espírito. Não se trata de a relação funcionar de maneira contratual; uma vez mais, existe uma devida distinção entre a operação da lei e o funcionamento das relações pessoais. Não podemos dizer: “Eu vim limpo; você tem de me perdoar.” Mas, se não formos limpos, não temos o direito a tal esperança. Por outro lado, não podemos dizer: “Ele não veio limpo; portanto, não preciso perdoá-lo.” Nesse contexto também não se trata de uma relação contratual ou legal.

Essa é a maneira pela qual os relacionamentos devem funcionar. O ponto do salmo é que os relacionamentos com Deus funcionam dessa forma. Deus carrega os nossos delitos, assume a responsabilidade por evitar que eles se coloquem entre nós e ele. Deus cobre a nossa transgressão, coloca a sua mão sobre ela para que não a possa ver. Deus se recusa a contá-la, rejeita manter um registro dela. O Antigo Testamento é a história de Deus agindo dessa forma em relação a Israel, com frequência disciplinando, mas jamais expulsando os israelitas para sempre. É a história que chega ao clímax quando Deus permite que o seu Filho seja executado. Esse é o ápice no tocante a assumir a responsabilidade pela relação conosco em vez de nos fazer carregar a responsabilidade. Claro que Deus carrega, cobre e não registra contagem somente se cooperarmos, se lhe dermos permissão. Essa é a implicação do testemunho do salmo. Se tentarmos encobrir, ocultar a nossa transgressão e nos recusar a reconhecer isso, então corremos o risco de frustrar a disposição de Deus para carregar, cobrir e não abrir contagem, além de aumentar o perigo de um efeito contínuo disso.

Ontem fomos à praia. Na verdade, foi uma aventura tola, pois era um sábado de agosto; esqueci-me que todos teriam a mesma ideia e que seria impossível achar uma vaga para estacionar o carro. Todavia, no fim da tarde, finalmente nos sentamos na areia, em uma pequena enseada, e ficamos olhando as enormes ondas com suas cristas brancas batendo na costa. Quando decidimos dar uma pequena caminhada, assegurei à minha esposa que poderíamos deixar a nossa barraca na areia; o mar jamais chegaria até aquele ponto da praia. Eu estava quase certo; pouco tempo depois, para surpresa geral, uma gigantesca onda avançou sobre a praia, próximo a nós e de alguns pequenos grupos que ali se acomodaram pensando ser um local seguro. Ao dirigirmos de volta para casa (passamos mais tempo na estrada do que na praia), minha esposa comentou que ela ainda guardava na mente a imagem daquelas assombrosas ondas.

Alguns israelitas já conheciam sobre ondas gigantes. A história de Jonas sugere algum conhecimento delas. Se você subir até o promontório de Jaffa, o porto do qual Jonas partiu quando estava tentando fugir do chamado de Deus, poderá observar as ondas batendo nos rochedos da mesma forma que na Europa ou nos Estados Unidos. Elas não são, em si mesmas, uma indicação de que “o compromisso de Yahweh enche a terra”. As ondas podem, às vezes, nos surpreender e mesmo ameaçar nos arrastar (veja o comentário sobre o salmo 31). Poderiam até nos fazer questionar o que aconteceu com o compromisso de Yahweh. Na orla da praia, decidi subir em alguns rochedos, mas a minha esposa me impediu, pois, segundo ela, não queria que eu desse trabalho para os salva-vidas. Enquanto saíamos da praia, os vimos correndo em direção aos rochedos e em torno do promontório, aparentemente para socorrer alguém que se meteu em apuros ali.

O salmista se recusa a permitir que esses eventos contestem a verdade de que Deus mantém os mares sob controle. Se observarmos os seus padrões, na quase totalidade do tempo os oceanos não constituem um perigo para nós; a nossa maior ameaça somos nós mesmos, ao presumirmos que sairemos impunes de algo cuja periculosidade deveríamos reconhecer. O salmo declara que o ato criador de Deus lembra a obra de um engenheiro que constrói uma represa para conter as águas. Ou, mais provavelmente, lembra o ato mais humilde de um pastor que ergue um pequeno dique com algumas pedras e um punhado de areia para represar as águas de um riacho e torná-las em águas tranquilas que não afugentem as suas ovelhas (veja o salmo 23). Ainda, pode lembrar a ação de um

fazendeiro que edifica uma represa similar para armazenar as chuvas de inverno com o propósito de irrigar as suas plantações durante os períodos de seca. O poderoso ato da criação que mantém as águas no lugar não é mais problemático para Deus do que esses feitos da engenharia. A criação é uma personificação do compromisso e do amor de Deus por nós.

Embora o salmista fale sobre os eventos passados da criação, ele também aborda os eventos presentes da política e declara que o compromisso de Deus opera, igualmente, ali. Talvez haja um motivo além da sua impressionante força inerente que fez a minha esposa refletir sobre as ondas. Ocorre que aquela praia possui conexões traumáticas para ela, por causa de experiências de um passado distante. Essas experiências poderiam ser mais avassaladoras — na verdade, parecem muito opressoras, mas Kathleen não se sente oprimida por elas. Como o salmista expressa, ela esperou pelo compromisso de Deus, ansiou por ele, confiou nele e o provou.

Deus mostra-se fiel no exercício de autoridade em seu envolvimento atual com o seu povo, com as nações e com os indivíduos. A contínua ação divina de restringir o caos nesses outros reinos é igualmente importante para nós quanto a sua obra no passado para ordenar a criação e impedir o caos de imperar. No mundo de Israel, a exemplo do nosso, havia inúmeras evidências de que o mundo das nações estava fora de controle, mas o salmo declara que não é assim. Quando o Antigo Testamento fala das “nações”, com frequência é uma referência ao poder imperial do dia, a superpotência — Assíria, Babilônia, Pérsia ou Grécia. Pode parecer que as políticas desses impérios sejam o fator determinante no mundo, mas o salmista sabe que a política de Yahweh é, na realidade, o fator decisivo. O poderio militar não é o que define os eventos, como qualquer consulta aos documentos da história moderna também indica. A questão-chave é se Deus mantém os olhos sobre você. Essa expressão, às vezes, assume conotações negativas (“Em cada movimento que você fizer, eu estarei observando-o”). Em outras, possui conotações positivas (“Pode manter os olhos nas crianças por uns minutos?”). No caso desse salmo, as conotações são extremamente positivas. Os olhos de Deus veem e, então, ele protege e abençoa. Apesar de parecer que os governantes humanos estão sempre à beira de lançar o mundo em um caos, a verdade é que ainda estamos aqui, e ainda temos uma porção de terra seca onde habitarmos, mesmo que os mares rujam violentamente.

Ontem, a nossa pregadora nos revelou como, dois anos atrás, ela se casou com um homem que logo passou a ter um comportamento abusivo. Assim, após um breve período, ela decidiu deixá-lo, embora fosse tempo suficiente para ela engravidar. Então, aquela mulher logo descobriu-se divorciada, desempregada e mãe solteira. De maneira compreensível, podemos imaginá-la desiludida com a vida e com Deus, mas o texto para o seu sermão foi extraído de Filipenses 4, no qual Paulo encoraja as pessoas a não se preocuparem e não ficarem ansiosas, mas alegrarem-se em Deus; então, descobrirão que a paz de Deus reina em seu coração. A nossa pregadora está prestes a ser ordenada, embora a sua atribuição ministerial não inclua um salário e, portanto, ela ainda precisa arrumar um emprego, mas ela está confiante de que Deus virá em seu socorro. Na discussão que se seguiu ao sermão, alguém a procurou para dar o próprio testemunho sobre a forma pela qual Deus a havia conduzido por uma experiência similar.

O salmo 34 coloca em nossos lábios um testemunho semelhante. Ele retrata uma pessoa que passou por terrores — talvez, circunstâncias objetivamente aterradoras ou, ainda, temores subjetivos. Trata-se de uma pessoa humilde, comum e impotente, não alguém de elevada posição social ou riqueza; alguém que tem “clamado por socorro”; a palavra no hebraico é similar à expressão para Deus libertar alguém, de maneira que a própria palavra indica o conteúdo do clamor. É alguém que tem clamado, um termo diferente, usado em outras passagens para expressar o clamor dos israelitas sob a escravidão no Egito; aquela situação é a espécie de circunstância que essa pessoa, agora, enfrenta, mas é possível que Deus lhe responda como respondeu naquela época. Ela tem passado por “tribulações”; o salmista usa esse termo duas vezes. O salmo é uma oração para pessoas “quebrantadas por dentro” e “esmagadas em espírito”. As pressões sobre Davi, quando estava fugindo de Saul, podem ilustrar essa experiência.

Todavia, trata-se de uma pessoa que sobreviveu, não porque tenha (a exemplo de Gloria Gaynor, na famosa canção) determinado que: “I will survive” [Eu sobreviverei], e o fez ainda que isso tenha exigido toda a sua força para não desmoronar. Ela, agora, mantém a sua cabeça levantada e se tornou uma “nova pessoa”, mas não porque foi capaz de reunir todos os seus recursos interiores para lograr isso. Ela sobreviveu porque Deus lhe respondeu e a resgatou, Deus a ouviu e a libertou, pois ele ouve e resgata, está perto e liberta. Esse salmo, a exemplo de outros, opera com a compreensão de duas fases para a resposta de

oração. Primeiro, Deus ouve e responde, o que por si só é suficiente para mudar o semblante da pessoa que ora; as pessoas olham para Deus, e o rosto delas começa a brilhar. Então, Deus resgata e liberta; é como se o ajudante de Deus que lidera o exército divino acampasse ao redor da pessoa que está sob ataque e evitasse que ela fosse atingida.

A famosa canção “I will survive” [Eu sobreviverei] é endereçada a um antigo amante cuja amada, que ele abandonou, se recusa a voltar para ele. O salmo é dirigido a outras pessoas que podem ter passado pela experiência que o texto pressupõe. Descrevi, antes, como uma pessoa de nossa congregação foi movida a prestar o seu próprio testemunho que correspondia à experiência da pregadora. Talvez ainda houvesse outros na igreja assolados por problemas que as motivasse a reforçar internamente: “Eu sobreviverei”, não por possuírem os recursos necessários, mas porque, agora, elas creem que Deus pode socorrê-las.

Para isso acontecer, o salmista diz, a pessoa deve se voltar para Deus. Ele também enfatiza que ela não deve esperar ter expectativas quanto a ser capaz de olhar para Deus e pedir pelo resgate divino, caso ainda não tenha se desviado de sua transgressão que a impede de andar no caminho de Deus. Por quatro vezes o salmo fala sobre o temor diante de Deus. Trata-se de um termo que denota reverência em relação a Deus, mas, igualmente, obediência (algumas traduções usam o verbo “temer”, mas isso transmite uma noção equivocada). Se você deseja que Deus o proteja de outras pessoas, é necessário que seja a espécie de pessoa cujos relacionamentos interpessoais estejam em ordem.

Nesta manhã, visitei um homem da nossa congregação que não pôde ir à igreja ontem, pois na semana passada, submeteu-se a um procedimento para implante de um marca-passo, e deve repousar alguns dias em casa. Inúmeras conversas com ele resultaram em histórias que me fazem refletir. Hoje mesmo, ele me revelou como retornou para casa, após servir na Segunda Guerra Mundial, e descobriu que os cultos da sua igreja eram cheios de vida espiritual, mas que as pessoas que eram espiritualmente vivas na congregação começavam a fofocar sobre seus vizinhos tão logo colocavam os pés fora do templo. Isso o fez abandonar a igreja durante alguns anos. As que se beneficiam com as promessas do salmo 34 não são pessoas fofoqueiras ou que dão falso testemunho com o fim de se apropriar da terra ou da propriedade alheia. Antes, estão mais interessadas em buscar o bem-estar do próximo do que o seu próprio bem, ou mais interessadas em perseguir a paz do que em enganar os outros. Portanto, elas buscam a paz e o bem-estar do próximo.

É interessante constatar que as partes mais desagradáveis do Antigo Testamento não parecem suscitar problemas para Jesus do mesmo modo que suscitam para os ocidentais. Isso nos auxilia a ver que a nossa bondade nada tem a ver com o fato de sermos cristãos (judeus muçulmanos, ateus e outros do Ocidente também são bons). Em João 15, Jesus instrui os seus discípulos a esperarem que as pessoas os persigam, porque, afinal de contas, elas o perseguiram antes, e comenta que a resistência delas contra ele as torna culpadas diante de Deus de uma forma que não eram antes. Nesse contexto, ele declara que, em sua oposição a ele e ao Pai, essas pessoas estão cumprindo ou exemplificando o que é dito no salmo 35 sobre odiar alguém sem motivo.

Nos Estados Unidos, a política tem se tornado mais polarizada, e o sistema político mais conflitante, à medida que cada vez mais pessoas passam a viver abaixo da linha da pobreza. Enquanto escrevo, os britânicos estão indo às ruas protestar, em parte por fatores similares. Uma relevância do salmo 35 para os leitores ocidentais é nos lembrar das realidades da vida para inúmeras pessoas, em muitas regiões do mundo e em muitas épocas da história. Isso nos adverte de levarmos essas realidades ao trono de Deus. O salmo 34 fala sobre sermos pacificadores, outro tema do Antigo Testamento reafirmado por Jesus. Paradoxalmente, podemos inferir do salmo 35, a exemplo de inúmeros outros salmos, que apresentar a Deus qualquer tratamento injustificado, hostil e corrupto, recebido de outras pessoas, pode tornar mais fácil resistir à tentação de pagar a essas pessoas na mesma moeda. A nossa confiança de que Deus é justo e está envolvido no mundo facilita a aceitação de que não precisamos fazer justiça com as próprias mãos (como se a nossa justiça pudesse ser tão justa quanto a de Deus!).

Jeremias ilustra essa dinâmica (veja Jeremias 18; 20; 38). Ele, igualmente, fala sobre ser odiado sem motivo e de pessoas retribuindo o bem com o mal. O profeta discorre sobre pessoas que escondem armadilhas para os pés dele e cavam um poço para ali jogá-lo, e a sua história subsequente mostra que este último não foi apenas uma metáfora. Ele também fala confiadamente sobre a maneira pela qual Deus transformará as coisas em derredor e cuidará para que os seus perseguidores recebam a merecida retribuição. E parece que a sua liberdade de falar com Deus sobre essas realidades e a sua convicção quanto ao agir de Deus são elementos-chave para ele seguir adiante. Reconhecidamente, trata-se de uma convicção vacilante em vez de inabalável. Talvez esse fato levante a

questão quanto ao mesmo ser verdadeiro em relação a alguém que ore esse salmo. Exatamente por estar em apuros é que você precisa falar do mesmo modo que o salmista. Caso estivesse menos encrencado, estaria orando o salmo 23 ou o salmo 27. Uma das grandes características do Saltério é que ele fornece exemplos de oração que podem ser usados por pessoas em toda sorte de situações e circunstâncias. Não é preciso que você se coloque em uma situação específica.

Dentro desse salmo, a exemplo de outros, também há espaço de manobra para inserir outras necessidades pelas quais queremos orar. A conversa sobre Yahweh "contender" usa uma linguagem jurídica, e seria possível a alguém que foi acusado falsamente usar o salmo como uma oração para Yahweh agir como um advogado e usar os termos sobre armamento de modo mais metafórico. Por outro lado, alguém que estivesse sob ataque físico poderia usar a linguagem de batalha de maneira mais literal. Outros salmos mostram que, no fim, pode não haver grande distinção entre um ataque no tribunal e um ataque na rua, pois um veredito de culpa poderia significar a perda da propriedade e, assim, dos meios de o culpado subsistir, caso a sentença não determine uma execução real. Seja como for, o salmista ora por justiça e, portanto, pelo restabelecimento da honra de alguém e, consequentemente, a definição do descrédito e da vergonha dos acusadores. Pelo conhecimento de que Deus trará a justiça, podemos abrir mão e seguir com a nossa vida em vez de, constantemente, tentar pagar na mesma moeda. Uma vez mais, Jesus confirma o instinto do salmo de que a nossa tarefa não é agir contra os que nos atacam, mas que cabe a Deus cuidar da queda deles com o fim de confirmar a estrutura moral do universo, para que sejam apanhados pelas próprias armadilhas que tentaram usar contra pessoas que não as mereciam.

Claro que será possível orar dessa maneira somente se a pessoa puder verdadeiramente reivindicar (como o salmista) ter vivido com integridade nas relações com as demais pessoas e, especialmente, com os seus inimigos. O salmo, portanto, nos força a um autoexame, antes de ousarmos orar dessa forma.

Recentemente o governador do Texas, promoveu uma reunião de oração que suscitou a ira de pessoas que acreditavam que ele estrava transgredindo os limites entre a igreja e o Estado. Isso também resultou em uma grande incompreensão dos comentaristas. Um deles observou: “Foi um espetáculo que — sejamos honestos — a maioria de nós, na mídia, realmente não compreende.” Orar como uma reação diante da consciência dos infortúnios do país parece suscitar a descrença; isso não funciona com base na razão. Parece haver um abismo estabelecido entre a fé e a oração, de um lado, e as grandes questões da vida nacional, do outro. No entanto (o comentarista seguiu dizendo), a fé não está envolvida em respostas mais seculares às mazelas do país? Os economistas têm perspectivas fortes sobre como lidar com a recessão e com o teto da dívida, mas elas diferem, e essas visões, à direita e à esquerda, são baseadas na fé. Todos desejamos que haja uma resposta, mas a economia não é, na realidade, uma ciência exata, e o salto do problema para a solução é um salto de fé.

O salmo 36 justapõe duas realidades, de certa forma relacionadas a esse conceito de desconexão entre os problemas do país e a prática da oração. As tribulações do salmo são de caráter moral. Existem pessoas más na comunidade, caracterizadas pela rebeldia contra Deus, pela infidelidade, pela confiança em deixar Deus fora da equação e por ignorarem as expectativas divinas. Ainda, são conhecidas pela desobediência, pela maldade, pelo engano, pelos esquemas secretos e pela convicção de que podem sair impunes desse estilo de vida, sem perderem a aceitação da comunidade.

A outra realidade é Yahweh, a quem a pessoa má ignora, o Deus que é caracterizado pelo compromisso, pela veracidade no sentido de confiabilidade e de firmeza, pela fidelidade, pela autoridade exercida na tomada de decisões de maneira justa, e pelo envolvimento na libertação, tanto de seres humanos quanto de animais. O salmo empilha termos familiares para um comportamento apropriado e declara que Yahweh os manifesta abundantemente. Portanto, isso retrata em cores vívidas o contraste entre a pessoa descrita por meio de uma lista de termos familiares correlativos da transgressão humana. Então, concede mais distinção e individualidade ao retrato de Deus. Por um lado, não são apenas criaturas terrenas que confiam em Deus; outros seres celestiais também. Além disso, a provisão divina opera não apenas para sobrevivência; mas é abundante. Quando a pessoa vive com Deus, ela desfruta de um banquete. Vive-se bem. Água e luz são expressões para bênção. Embora não haja uma fonte literal no

monte do templo, há provisão para as nossas necessidades fluindo da presença de Deus. Quando a luz brilha do rosto de Deus, resultam a proteção e a vida.

A oração que ocupa os três últimos versículos do salmo constitui os meios de unir essas duas realidades opostas.

A abordagem de abertura do salmo sobre os infiéis não era simples teoria, a exemplo de grande parte de nossa discussão quanto ao problema do mal. Os que tramam esquemas rebeldes são indivíduos cujos pés e mãos podem estar direcionados contra os fiéis, para derrubá-los e expulsá-los. Quando você não possui meios de garantir que a primeira realidade não irá triunfar (e, talvez, mesmo se tiver esses meios), deve-se buscar a Deus para que a segunda realidade triunfe, e com os olhos da fé pode-se ver esse triunfo.

Anteontem, em uma manifestação que se tornou violenta, a delegacia de polícia, distante pouco mais de um quilômetro da casa na qual eu morava quando criança, em Birmingham, e à mesma distância da igreja que então eu frequentava, foi incendiada. Pode-se ter certa simpatia pelas pessoas envolvidas em manifestações na Inglaterra, nos Estados Unidos e em outros países, que desejam expressar o seu apoio quando os líderes da sociedade na qual vivem agem de modo justo, a exemplo de pessoas beneficiadas por políticas governamentais, embora muitos cidadãos comuns estejam desempregados e/ou desabrigados, nada possuindo para ou pelo que viver. Além disso, a crise econômica que se instalou três ou quatro anos atrás gerou situações e políticas que tornaram a vida dos que viviam de modo minimamente viável em uma vida totalmente inviável.

Nesse contexto, o salmo 37 pode ser tanto desagradável quanto encorajador; possivelmente, ambos, em certos momentos. Imagine ser uma pessoa comum que está desempregada e sem perspectivas de ser contratada, ciente de que os membros do governo, os homens de negócios e os professores têm maneiras mais satisfatórias de passar os dias e mais dinheiro do que você. Caso essa diferença seja inerentemente errada ou se o uso que essas pessoas fazem de suas oportunidades e de seu dinheiro for errado, então o salmo encoraja você a lembrar que elas pagarão o preço por isso no devido tempo. É possível que não definhem rapidamente no sentido imediato, mas desaparecerão repentinamente, talvez quando se acharem mais seguras.

O salmo incentiva as pessoas a não se deixarem ser arrastadas para baixo por eles. Se forem agentes de opressão e meios de exercer uma “violência institucionalizada”, você se rebaixa ao desistir de um viver fiel e se unir a eles. Por três vezes, o salmo instrui as pessoas a não “se irritarem”, a não se inflamarem como fogo por causa de uma situação pela qual nada podem fazer. A palavra hebraica e o seu pronome relacionado são quase sempre usadas em relação a Deus, e, quando seres humanos se enfurecem, a implicação é de que eles estão usurpando uma prerrogativa de Deus. Nem sempre é assim; o melhor dia da vida de Saul foi quando o espírito de Deus veio sobre ele, tornando-o furioso e levando-o a cometer ações decisivas e violentas (veja 1Samuel 11). Mas, regularmente, precisamos ser contidos de agir em ira e confiar em que Deus assim agirá. Se não formos afetados diretamente, é útil não assumir a responsabilidade por tudo no mundo. A nossa atitude em relação à situação que

enfrentamos é escolha nossa, não algo lançado a nós pelas circunstâncias externas. Somos capazes de decidir não nos preocuparmos mais com os pecados dos outros e focar a nossa relação com Deus e nas boas obras. Isso pode ser um alívio.

Expressando de forma positiva, o oposto de irritar-se ou exasperar-se é confiar em Deus ou agradar-se de Deus. Há uma calma em relação à confiança, mas há calma e também paixão com respeito à apreciação, o que torna ser grato a Deus o oposto de irritar-se ou exasperar-se. Isso honra a sua energia e se oferece para direcioná-la. Se você está confiando, sendo grato e se recusando a ser tragado pelas pessoas que o estão puxando para baixo, então poderá ver o fruto de sua atitude. Pode viver na sua terra e não ser expulso por essas pessoas; pode se alimentar da veracidade; por causa da veracidade divina e/ou da sua, você terá alimento para saciar a sua fome. Lindamente, no centro da primeira metade do salmo, a promessa é a mesma que Jesus afirma quando diz que os humildes herdarão o campo ou a terra (tanto o hebreu quanto o grego usam palavras que podem significar um “campo” ou “terra”).

O salmo não diz que não devemos nos manifestar ou nos envolver politicamente. Trata-se de um salmo para pessoas que se sentem impotentes e desamparadas; ele é designado a ajudá-las a ver que a sensação de impotência e desamparo não significa desesperança. Ao terem espaço para se firmarem, elas são atraídas para os motivos de esperança e também para a cautela que necessitam observar ao fazer isso.

Igualmente, é um salmo para pessoas no governo, líderes de negócios e professores lerem e compreenderem o que Deus diz às pessoas comuns e sem poder para, assim, descobrirem o que elas devem fazer a respeito.

Existe um poema, escrito por Jacqueline Osherow, no qual ela imagina um garoto judeu que aprendeu os Salmos de cor, repetindo-os enquanto estava em Auschwitz, mas intrigado com o salmo 37 (“Psalm 37 at Auschwitz” [Salmo 37 em Auschwitz]), na obra Dead Men’s Praise [Louvor de homens mortos] (Nova York: Grove Press, 1999], p. 60-64). Como poderia alguém jamais ter visto o fiel mendigando o pão? Isso está relacionado à convicção de que eles são “alimentados pela fé” (adaptado da sua tradução do versículo 3)? Ela se refere a como essa linha é usada na ação de graças judaica após as refeições (e, portanto, na liturgia da Páscoa). Declara que, quando criança, jamais disse isso, pois conhecia sobre Auschwitz e o que acontecera aos membros de sua família. Seu rabino lhe disse que o salmo não era para ser considerado historicamente, mas como um sonho. Contudo, o tempo verbal da declaração é o pretérito, como se tivesse acontecido. Ela ama cantar esse salmo agora. Talvez seja uma espécie de confissão; os famintos estavam lá, mas o salmista não os viu. Entretanto, pelo menos, é possível imaginar alguém na fila em Auschwitz sendo capaz de repetir o versículo 10. Só mais um pouco, e os atormentadores desaparecerão. E assim ocorreu.

Outras pessoas descreveram a declaração no salmo como uma visão ou uma profecia. Ou sugeriram que, talvez, a pessoa expressando o salmo assegurou que o fiel não precisasse mendigar o pão ao oferecer, ela mesma, pão aos necessitados. Ainda, questionaram se o salmista pertencia a um contexto social no qual as pessoas, em geral, viviam da maneira predita pela Torá, o que teria as mesmas implicações. Por fim, talvez o uso do salmo em orações de ação de graças após a refeição signifique que ele nos propicie a oportunidade de expressar a nossa gratidão pela nossa própria experiência de provisão.

A declaração do salmo é da mesma categoria das que os amigos de Jó fizeram e, portanto, o tipo de afirmação que o livro de Jó é designado a questionar. Não é preciso ir tão longe quanto o livro de Jó para procurar declarações conflitantes. O Saltério está repleto delas. Elas estão presentes em todo o salmo 37. Tudo o que o salmo 37 faz é afirmar, particular e concretamente, as promessas do salmo 1, recorrentes em toda a Escritura. A afirmação nesse salmo não é menos verídica que a promessa de Jesus de que as pessoas que buscam o reino de Deus terão comida, bebida e roupas; Jesus diz que concorda com o salmo 37.

Podemos ser pouco criativos na forma pela qual lemos a Bíblia. Se lermos as

afirmações do livro de Salmos relativas ao sofrimento de maneira literal, isso nos transmitirá uma impressão irreal sobre a experiência das pessoas (retroceda ao salmo 22:11-18, ou leia o salmo 38). A Bíblia ama hipérboles; considere os números de mortos em Josué ou o tamanho dos exércitos em Crônicas. “Tudo é possível àquele que crê”, afirma Jesus em Marcos 9:23. Creio que não é bem assim. Caso as objeções ao salmo 37, feitas por nós, leitores ocidentais, fossem direcionadas ao salmista, ele ou ela poderiam apenas ficar em silêncio. Além disso, precisamos ter em mente que o salmo está presente no Saltério não apenas por as coisas parecerem ser dessa forma para um só indivíduo, que poderia estar evitando encarar os fatos. Evidentemente, isso obteve a aprovação da comunidade que reuniu o Saltério e, igualmente, da comunidade que incluiu o Saltério nas Escrituras. O indivíduo e a comunidade sabiam que uma declaração, similar àquela do versículo 25, estava expressando, vívida e pessoalmente, a verdade sobre o cuidado de Deus por seu povo, quando este passava por necessidades. É vergonhoso que a nossa rigidez nos leve a perder o ponto do salmo.

Recentemente um amigo meu fez-me uma tocante descrição do grupo dos Alcoólicos Anônimos (AA), ao qual ele pertence. As pessoas comparecem às reuniões porque estão desesperadas, pois sabem que não conseguem lidar com o vício por contra própria. É como uma doença, e elas têm plena consciência de que necessitam do auxílio divino e que sem ele estão condenadas. Algumas descobrirão que a ajuda e a força de vontade possibilitam uma libertação espetacular; outras não. Escrevo poucas semanas após a morte de uma grande intérprete, Amy Winehouse, que gravou dois grandiosos álbuns; em seu primeiro e maior sucesso, ela cantou: "Eles tentaram me fazer ir à reabilitação, mas eu disse: 'Não, não, não.'" Ela jamais conseguiu escapar dos efeitos de seus vícios e morreu aos 27 anos. Com o tempo, os alcoólatras percebem que vão às reuniões como pessoas responsáveis tanto pelo caos no qual se meteram quanto pelo mal causado a outras pessoas ao entrarem naquele caos. Assim, comparecem como indivíduos que, simplesmente, estão em grandes apuros. Eles precisam se arrepender e assumir a responsabilidade por seu comportamento, mas isso não é suficiente; também precisam de ajuda. Necessitam de assistência externa para lograrem sair da confusão na qual se meteram, mas isso não é suficiente; é preciso que assumam a própria responsabilidade pelo poço no qual estão.

O salmo 38 constitui um exemplo incomum de um salmo que mescla a consciência do pecado com a percepção de estar em tribulação. Embora muitos salmos tenham como objetivo pessoas que experimentam ataques, aflições, dor e sofrimento, a maioria declara ou implica que essa tribulação não está relacionada à transgressão praticada por aquele que sofre. Eles não implicam que deveríamos nos declarar sem pecado, mas, a exemplo da história de Jó, indicam que a tribulação é desproporcional à pecaminosidade que a pessoa compartilha com outras pessoas e não é relativa a qualquer delito particular em razão do qual a aflição seria uma punição resultante. É mais fácil ser capaz de dissociar o pecado do sofrimento. Quer eu me apresente a Deus como pecador e busque o perdão quer vá como alguém em apuros buscando libertação (ou posso assumir que, se sou um pecador, então não deveria ir a Deus como alguém em tribulação).

O salmo 38 é para pessoas que sabem que essas duas realidades estão mescladas, a exemplo de um viciado. Não é para alguém como o homem cego, em João 9, orar, cuja cegueira não era atribuível ao seu pecado. Trata-se de um salmo para pessoas como o homem paralítico, de Marcos 2, cujos pecados são perdoados por Jesus. Meu amigo o descreveu como um grande salmo para os alcoólatras. A

exemplo de outros salmos, ele expressa uma consciência de que Deus está por trás das tribulações que surgem; ele fala em relação a Deus sobre “tuas flechas”; “tua mão”; “tua fúria”, tal qual outros salmos. Todavia, ao contrário de outros salmos, o salmista não vê isso como inexplicável e também fala sobre se afogar na própria transgressão, além de reconhecer a estupidez nesse processo — não a falta de cérebro, mas a recusa em usá-lo. O salmo abre espaço para reconhecermos que fizemos algo estúpido, mas, apesar disso, apelarmos a Deus em busca de socorro.

O salmista descreve os meus pecados como um fardo pesado. Isso não significa que eu me sinto sobrecarregado, nem que será um fardo que me priva da vida eterna. Antes, os pecados são como um fardo no sentido de acarretarem problemas esmagadores sobre mim. A referência a buscar o bem, no fim do salmo, talvez sugira a capacidade de reivindicar que ele se relaciona com as demais pessoas de modo adequado e fiel; a transgressão é relativa a Deus. Podemos (por exemplo) estar depositando a nossa confiança em recursos outros que não Deus. O salmo expressa uma consciência de ter os próprios sentidos afetados nessa conexão, quando afirma não poder falar ou proferir repreensão. Todas as queixas são endereçadas a Deus, não a outras pessoas, particularmente aquelas que ou ignoram os problemas ou buscam aumentá-los.

Há motivos para as flechas, a mão pesada e a fúria, mas elas não são meramente uma expressão de castigo. Antes, são “repreensões” ou “disciplina”, cujo desígnio é impedir que eu aja de uma forma e me leve a agir de outra. Com frequência, os viciados são forçados a buscar auxílio pela consciência de que estão causando desastres, não apenas em sua vida, mas na vida de pessoa próximas a eles; no entanto, eles precisam chegar ao ponto de receberem uma intervenção (ser flagrado dirigindo embriagado ou levado para a emergência pode ser uma bênção). Isso é o que Deus objetiva ao fazer pesar a sua mão sobre nós, pecadores. Talvez Deus necessite fazer a sua mão cair sobre nós de maneira mais pesada a ponto de clamarmos em dor: “Não me disciplines na tua ira” — em outras palavras, aceito muito bem a disciplina, mas não poderias pegar um pouco mais leve? Resposta — não, se assim for necessário para chamar a sua atenção.

Contudo, a severidade da ação divina não significa que a disciplina não seja feita em amor, como indica o Novo Testamento, em Hebreus 12; nem que não seja permitido que você clame: “Isso dói muito, por favor, para!” Esse clamor pode indicar que o propósito de Deus foi alcançado; ele nos fez recobrar o bom senso.

Na lei do Ocidente, uma penalidade pode ser mitigada quando a pessoa culpada enxerga a transgressão e se arrepende. A ação de Deus não se enquadra nessa categoria; é mais como uma punição dada por um pai ou um professor. Dessa maneira, as pessoas que sabem que estão em apuros por causa de seus pecados podem apelar não apenas por perdão, mas também por alívio.

Nunca refleti muito sobre a morte até o meu neto nascer e, então, o pensamento de que eu poderia morrer agora me assaltou; cumpri o meu trabalho para o futuro da raça humana ao gerar um filho que me gerou um neto. Pensei nisso, novamente, três ou quatro anos depois, quando fiz sessenta anos — de algum modo, atingir essa idade trouxe a presença da minha mortalidade. Pensei nesse assunto, uma vez mais, três ou quatro anos depois, ao alcançar a idade que meu pai tinha quando faleceu; senti-me aliviado por ultrapassar essa marca. Três ou quatro anos mais tarde, esse tema voltou novamente à minha mente, quando concordei em escrever a série Antigo Testamento para todos: pareceria estúpido se tivesse aceitado esse compromisso e então, falecido. Refleti de novo quando a minha primeira esposa faleceu; por ela ser totalmente dependente de mim, sempre me senti um pouco apreensivo com a possibilidade de morrer antes dela, pois isso suscitaria questões complexas quanto ao que sucederia a ela. E, então, pensei no assunto, uma vez mais, ao conhecer a minha segunda esposa, que, obviamente, preferiria que eu não morresse logo. Agora, sinto um entusiasmo renovado para viver uma velhice madura e irresponsável.

Temos pouco ou nenhum controle sobre quando iremos morrer, e a morte pode ocorrer muito antes de alcançarmos sessenta ou setenta anos de idade. A parte intermediária do salmo pede pela disposição de reconhecer essa falta de controle. O salmista sabe que precisamos encarar a nossa mortalidade. A vida de Deus é eterna; a nossa vida tem um começo e, certamente, terá um fim. (Claro que o salmista irá, na realidade, desfrutar da vida ressurreta, mas, para ele, isso será uma surpresa — somente a futura crucificação e ressurreição de Jesus tornará isso possível.) Em relação a Deus, a nossa vida é como uma régua em comparação a uma longa estrada. Ou é fugaz como um sopro; as pessoas podem até dar a impressão de estarem firmes e de poderem viver eternamente, porém subitamente morrem. Ou é tão insubstancial quanto uma sombra; não há nada sólido nela. Portanto, a agitação das pessoas pode levá-las a lugar nenhum; elas podem não viver o suficiente para desfrutar aquilo pelo qual se esforçam.

O pano de fundo da reflexão do salmista sobre a mortalidade é uma experiência similar à do salmo 38. Ele pressupõe a realidade da aflição e da dor e reconhece que, às vezes, isso ocorre porque merecemos. O sofrimento não é casual e aleatório, não é exatamente uma punição, mas uma repreensão e uma disciplina que nos atinge por nossa rebelião e transgressão. Presumidamente, a consciência quanto à própria rebeldia e transgressão, e de estar sendo castigado em

consequência disso, jaz por trás da tentativa de permanecer em silêncio, citada na primeira parte do salmo. “Já estou encrencado o suficiente”, diz o salmista. “É melhor não arriscar piorar a situação ao abrir a minha boca grande para reclamar por um merecido sofrimento, especialmente na presença de pessoas que ficariam muito felizes em usar as minhas queixas para me causar mais problemas.” No entanto, as tentativas de manter a boca fechada nem sempre funcionam.

O conteúdo da fala talvez seja, então, a súplica na última parte do salmo em vez da reflexão sobre a mortalidade. Quando estamos sofrendo e temos consciência de que iremos morrer, talvez precisemos falar sobre isso, e o salmo não aconselha a falarmos com outros seres humanos, mas abordar o tema com Deus. Além disso, a exemplo do salmo anterior, o salmo 39 não sugere ou presume que a nossa responsabilidade pelos problemas nos quais nos metemos significa um impedimento para falarmos com Deus sobre eles. A única pessoa que pode fazer algo em relação à nossa aflição é Deus; daí o apelo tanto para resgatar quanto para “desviar o olhar”, no sentido de não olhar para nós de modo hostil. Não precisamos ceder à tentativa inútil do silêncio.

O Jedutum presente na introdução do salmo é mencionado em 1Crônicas como um músico líder no templo, nos dias de Davi e de Salomão.

Como de costume, compartilhamos um tempo de louvor e oração na igreja ontem, e, como sempre, logrei mais sucesso em levar as pessoas a partilharem orações de súplicas por suas preocupações do que de gratidão e ações de graças. Até onde consigo recordar, o único motivo pelo qual alguém agradeceu foi por ter despertado e estar vivo naquela manhã. Estar vivo é, de fato, uma grande dádiva pela qual agradecer, mas isso não conta como ação de graças na compreensão do Antigo Testamento. A ação de graças está vinculada a bênçãos particulares que Deus nos concede, como quando agradecemos, uma vez por ano, pela colheita, ou quando incentivamos os filhos a escreverem notas de agradecimento após o Natal. Além disso, nos dois exemplos citados há uma ligação entre a oração e a ação de graças. Oramos por uma colheita abundante e, caso isso ocorra, agradecemos a Deus por responder à nossa oração. Uma criança pede ao seu avô ou avó um jogo vitalmente importante e escreve para agradecer ao ganhar o que pediu. Conheço algumas pessoas que mantêm um registro de orações em que anotam o motivo pelo qual elas estão orando; então, podem olhar os registros feitos ao longo do tempo e serem impactadas ao constatarem quantas orações já foram respondidas — o que as encoraja a orar ainda mais.

O salmo 40 chama a atenção para a ligação entre a ação de graças e a oração, e esse vínculo é o que poderia ser importante à nossa congregação. Embora a oração conduza à ação de graças, como indicado pelos salmos 18 e 30, a oração também resulta da ação de graças; a consciência de que Deus já respondeu às orações do passado encoraja você a crer que pode ir a Deus, novamente, com o seu pedido por socorro, e lhe dá uma base para recostar-se em Deus como um filho ou um neto (“Deus fez isso antes e pode fazer novamente”).

Portanto, esse salmo de oração utiliza mais da metade de sua extensão para relembrar algo que Deus fez no passado, e pode-se imaginá-lo simplesmente como um salmo de ação de graças, embora, talvez, a sua agenda secreta como oração desponte na primeira parte. Há menos detalhes sobre a natureza da resposta à oração do que aparece em salmos de gratidão, embora haja a suposição de que a morte estava rondando a pessoa. Ele enfatiza como a oração alcançou Yahweh em vez de pessoas que se desviaram dele e buscaram auxílio em falsos deuses; sublinha como a pessoa que ora havia, então, dado testemunho sobre o que o verdadeiro Deus fez. “Sacrifício e oferta não quiseste”, provavelmente, indique que isso não era tudo o que Deus desejava. O salmista

segue falando sobre prestar atenção a um rolo escrito e ao ensino de Yahweh, a torá de Yahweh, e seria impossível a alguém que tivesse lido a Torá poder falar em termos de Yahweh simplesmente não querer ofertas. Antes, Yahweh não queria apenas ofertas. Pois, enquanto meras palavras são destituídas de valor, meras ofertas são mudas; do mesmo modo que as palavras precisam das ofertas, estas necessitam de palavras que (nesse caso) relatem a maneira pela qual Deus respondeu à oração para que funcionem como um testemunho. Portanto, o salmista pode dizer: “Não me sentia grato apenas em meu íntimo, mas exteriormente também. Eu não agi com timidez. Não ofereci o meu sacrifício quando ninguém mais podia estar ali, ou sentei-me em silêncio no templo quando pessoas estavam ali. Dei testemunho sobre o que Deus fez por mim.” (A expressão “cavaste ouvidos para mim”, no versículo 6, pode ser uma referência a Deus abrir os furos em nossa cabeça, nos quais os nossos ouvidos estão.)

É com base nisso que o salmista pode pedir para que Deus demonstre compaixão e compromisso uma vez mais. A exemplo dos salmos precedentes, todas as declarações, na primeira parte, não sugerem uma reclamação de que a tribulação era imerecida, nem que a culpa signifique um impedimento para pedirmos pelo resgate de Deus. Talvez a ironia implícita seja a de que o salmista não tenha mantido a confiança em Yahweh e que a transgressão da qual o salmo discorre consista na busca do socorro de outros deuses; nesse caso, o salmista, agora, retornou e se uniu ao círculo daqueles que buscam auxílio somente em Yahweh, não em outros lugares.

Ao chegar à igreja no domingo, um homem desabrigado, chamado Alex, que às vezes vem à igreja, estava assentado à sombra do saguão paroquial, tragando um cigarro, enquanto aguardava o início do culto. Durante o culto, lemos a história da mulher cananeia que procura Jesus para curar a sua filha, a princípio sem sucesso, mas, por fim, é bem-sucedida. Alex era a única pessoa na congregação que reagia com um suspiro ou uma exclamação, em momentos apropriados dessa história notável. Quando chegamos ao momento de compartilharmos necessidades de oração, Alex pediu orações para que aquele cigarro, que o vimos fumando antes do culto, fosse o último: por duas vezes, Alex constituiu uma bênção para mim no domingo: em sua inequívoca interação com a leitura da Escritura e na simplicidade de sua oração.

E, exatamente agora, em particular, experimentando algumas bênçãos que surgiram da reflexão sobre essa pobre pessoa. A palavra hebraica para “aquele que pensa” é a mesma para “instrução”, que aparece na introdução de alguns salmos didáticos (incluindo o salmo 42). O salmo é o testemunho de uma pessoa pobre cuja experiência é designada a ser instrutiva para outras pessoas.

Há muitas pessoas desabrigadas em nossa cidade que não possuem um testemunho sobre Deus resgatando-as no dia mau. No domingo, também recebemos um relatório de alguém que havia se envolvido em uma espécie de recenseamento dos desabrigados da cidade, com uma preocupação particular de identificar e socorrer os especialmente vulneráveis; das seiscentas pessoas recenseadas pela equipe, duzentas estavam em um estado de saúde tão grave que corriam o risco de não sobreviverem ao próximo inverno. Uma delas acabara de perder um filho e não tinha dinheiro para enterrá-lo. No entanto, há alguns desabrigados com os quais a igreja mantém contato que podem afirmar que Deus os resgatou em um dia mau. O salmo fornece um testemunho para essa pessoa compartilhar, mediante o qual ele ou ela pode reconhecer que os dias maus vêm, mas também pode testificar que Deus é capaz de resgatar você quando vierem. Talvez algumas daquelas pessoas vulneráveis que acabei de mencionar possam, igualmente, compartilhar esse testemunho.

Assim, o salmo começa com uma generalização e, então, dedica a maior parte de seu espaço ao relato de como a pessoa orou quando passou pelo dia mau e, por fim, sumariza os resultados da oração que fornece a base para a generalização. Caso você seja uma pessoa desabrigada, que não quer continuar vivendo nas

ruas e que anseia por cuidados médicos, então, ao ouvir que Deus resgata, guarda, mantém a vida, abençoa e sustenta, pode revirar os olhos e sentir vontade de bater na pessoa que está lhe dizendo isso. Entretanto, se o seu interlocutor for alguém semelhante a você, que conhece o que são dias maus e pode falar com base em uma experiência pessoal, então a sua reação pode ser diferente.

O trecho intermediário do salmo, que relata a oração que a pobre pessoa fez no dia mau, inicia e termina com um apelo à graça de Deus. Esses apelos, com frequência, aparecem nos salmos, mas, aqui, há um motivo particular para isso; o salmo constitui outro reconhecimento da pecaminosidade da pessoa que ora, mas que, ainda assim, apela a Deus para responder à sua oração. A minha esposa me contou sobre como uma igreja, à qual ela pertencia, certa feita encorajava os membros a fazerem uma aliança anual com respeito a diferentes aspectos da vida delas, incluindo a oração. Nas alianças sobre a oração, a maioria das pessoas dizia não apenas desconhecer como orar, mas, igualmente, expressava relutância em orar por X, pois sentiam não ter esse direito por terem feito Y. Os salmos nos encorajam a não sentir essa hesitação.

Inúmeras pessoas são pobres ou desabrigadas em consequência do que outras pessoas fizeram a elas, ou por causa de uma suposta “má sorte” — em Israel, poderia ocorrer de a terra ser pouco produtiva ou das pessoas serem expulsas de sua propriedade por pessoas mais ricas ou povos mais poderosos, ou mesmo por conta de enfermidades. No caso de outras pessoas pobres ou desabrigadas, elas devem aceitar a responsabilidade pela situação na qual vivem — em Israel, talvez a incompetência ou preguiça como produtores as tenha levado a dívidas e, com o tempo, à perda de sua terra. Os fatores podem se combinar; assim, o salmista fala tanto da responsabilidade pessoal quanto da doença, do mesmo modo que cita as falsas acusações feitas por pessoas da comunidade. A exemplo de outros salmos, esse testemunho também logra mesclar o reconhecimento do pecado a uma reivindicação de integridade. Talvez o salmista se refira a uma integridade em relação a outras pessoas da comunidade que contrasta com a posição assumida por elas, conforme descrito pela oração recordada. Não buscamos a Deus com uma reivindicação de não termos pecado, mas devemos ser capazes de ir a Deus com a alegação de uma integridade básica ou com o máximo de veracidade que conseguirmos.

O Saltério, a exemplo da Torá, é dividido em cinco livros, e com o salmo 41 chegamos ao fim do Primeiro Livro. Não existe um significado particular em se fazer a transição nesse ponto — ela poderia ocorrer após o salmo 40. O ponto é simplesmente para marcar o Saltério como semelhante à Torá. Assim, esse ato de louvor não faz parte, na realidade, do salmo 41, mas constitui uma espécie de "Amém" aos 41 salmos iniciais.

Há um emocionante filme, intitulado A jornada de James para Jerusalém [James' Journey to Jerusalem], sobre um jovem zulu que foi designado para ser o próximo pastor de sua vila. Caso estivesse no Ocidente, ele seria enviado ao seminário, mas a vila decide que a melhor maneira de o preparar para a sua vocação é enviá-lo em uma peregrinação a Jerusalém. Ele chega bem a Tel Aviv, mas, a partir desse ponto, a sua jornada se torna assustadora e repleta de perigos, e grande parte do suspense do filme relaciona-se à incerteza quanto à sua chegada ao destino final. Os moradores da vila e James sabiam que havia algo significativo em relação a Jerusalém, não por ser uma região inerentemente bela e relevante, mas pela importância dada por Deus a essa cidade. Deus concordou em habitá-la, e ali Jesus morreu e ressuscitou.

O salmo 42 pressupõe que Jerusalém seja, de fato, o lugar no qual encontramos Deus. Isso muito tempo antes de Jesus morrer e ressuscitar na cidade. Na verdade, isso fornece o pano de fundo a esses eventos. No Getsêmani, Jesus repete o refrão sobre o espírito estar abatido, enquanto o subsequente escárnio das pessoas ecoa a provocadora questão: "Onde está o seu Deus?" No entanto, isso pressupõe a mesma consciência quanto à importância de Jerusalém e do templo. Reconhecidamente, a sua posição em relação a eles é paradoxal. Ele não afirma que somente em Jerusalém podemos falar com Deus, encontrá-lo ou saber que Deus está agindo para libertar você; caso contrário, não haveria sentido em orar em outros lugares. Contudo, ele considera haver algo especial em relação a Jerusalém e ao templo. Deus havia prometido estar ali para receber as ofertas do povo e ouvir as orações dos israelitas. Assim, ansiar por Deus não é algo meramente interior, mas também exterior, que envolve o corpo e, igualmente, a geografia.

Portanto, o salmo retrata alguém distante de Jerusalém e incapaz de chegar ali. Talvez, literalmente, a localização esteja no extremo norte do país. O monte Hermon, no qual as águas do Jordão irrompem, na região conhecida como Cesareia de Filipe, nos Evangelhos, é tão longe de Jerusalém quanto se pode ir, em Israel (não sabemos a que se refere a expressão: "Pequena Montanha"). A erupção das águas da montanha fornece uma imagem para a forma pela qual podemos ser oprimidos. São como imensas ondas desabando sobre nós. O problema é que elas são ondas de Deus. Ou, talvez, o fato de serem provenientes de Deus seja positivo, pois significa que estão sob o controle divino.

Aqueles que vivem na fronteira norte de Israel possuem permanente consciência de que estão muito distantes do templo; dificilmente conseguem ir a Jerusalém mais de uma vez ao ano, quando isso é possível. No entanto, pode haver mais do que impedimentos geográficos para a ida a Jerusalém, como, por exemplo, enfermidades, sendo uma circunstância agravada pelo escárnio de pessoas que, talvez, vejam o sofredor como debaixo do juízo de Deus, ou que adorem a outro deus que não Yahweh e zombem da confiança nele e de sua aparente incapacidade de curar alguém. Assim, o salmo reflete uma discussão com outras pessoas.

O salmo também incorpora uma argumentação com Deus. O questionamento das outras pessoas, expresso por “Onde?”, é acompanhado pela pergunta do salmista “Por quê?”. Além disso, inclui uma discussão no íntimo do salmista que recorre de uma forma ligeiramente distinta no refrão do salmo. Trata-se de uma noção estranha; de estar discutindo consigo mesmo. Isso implica que os seres humanos são designados a serem pessoas divididas dentro de si. Não devem, simplesmente, ceder às suas (adequadas) tristezas, aos seus temores ou tentações, mas devem batalhar consigo mesmas. Se conseguem ir ao templo e orar quando estão sob ataque, então os seus amigos, um sacerdote ou um profeta podem ser capazes de lhes ministrar a palavra de Deus e de encorajá-los. Quando for cortado da forma pressuposta pelo salmo, deve descobrir formas de autoencorajamento.

Acabei de ler o relato de um refugiado de Darfur sobre a sua jornada para chegar a um acampamento no Chade. Como fazendeiro no Sudão, ele foi torturado com a aplicação de um ferro de passar roupas em suas costas, pernas, mãos e sobre a sua cabeça porque um dos membros das milícias estava determinado a tomar as suas terras. Eis, portanto, como ele "perdeu a sua vida" no Sudão, conforme ele mesmo expressou. Apesar da dor que sentia, ele percorreu a pé os quase quinhentos quilômetros até a fronteira entre o Sudão e o Chade, agradecendo a Deus por conseguir chegar até lá, mas, inicialmente, foi informado de que o acampamento estava fechado. "A vida parecia ser só trevas para mim", ele disse.

Não há nenhum problema em argumentar consigo mesmo, mas o debate pode não ajudar muito e, quando isso ocorre, é provável que você sinta culpa. Parecerá como se nada funcionasse conforme os salmos 42 e 43, pelo menos não de imediato. O refrão, ao fim do salmo 43, é recorrente no salmo 42, e assim, evidentemente, os dois salmos estão intimamente conectados. O mesmo ponto é indicado pelo fato de o salmo 43 não ter uma introdução, ao contrário da maioria dos salmos anteriores ou posteriores. A linha sobre vaguear em tristeza no escuro também está presente no salmo 42. É possível que um salmo com três estrofes tenha sido dividido em dois para que pudessem ser usados, distintamente, com mais facilidade, ou talvez o salmo 43 tenha sido escrito em separado para reforçar o ponto expresso no salmo 42.

Uma vez mais, então, o salmo verbaliza um pedido a Deus para assumir a defesa da causa do sofredor em relação à comunidade e/ou ao indivíduo que está provocando o sofrimento e expressa sonhos de liberdade de ir ao templo. O salmo 43 vai além do salmo anterior ao, realmente, suplicar por aquela liberdade (estranhamente, pode-se pensar, o salmo 42 anunciou a intenção de suplicar a Deus, mas nunca chegou a uma oração para Deus agir). A exemplo da súplica para Deus defender o lado do suplicante, há um claro pedido para Deus enviar a sua luz e a sua verdade para que o levem ao templo. É como se Deus, na posição de rei, enviasse alguns ajudantes para assegurar a chegada do suplicante ao palácio real, oferecendo a proteção necessária à jornada em razão dos seus opositores. Trata-se de uma terrível privação ser incapaz de unir-se à comunidade em sua adoração; regozijar-se isoladamente não é a mesma coisa, porque o júbilo apropriado é uma questão de celebração e precisa ser realizado com outras pessoas. Chegar a Jerusalém será como sair de temperaturas gélidas lá fora, para entrar em um ambiente quente e aconchegante.

O salmo apresenta uma abrangente visão da adoração que será possível oferecer ali. Ela ocorrerá na presença real de Deus, pois o templo é o lugar no qual Deus habita e local de reunião da comunidade. Não é similar a uma igreja, vazia e quieta, exceto durante uma hora ou duas, a cada semana; pelo contrário, é um lugar vibrante e agitado, no qual as pessoas se reúnem todos os dias para adorar, orar e agradecer pelo que Deus tem feito por elas. A adoração envolverá a liberdade de fazer uma oferta sacrificial no altar, como uma expressão de compromisso e de ação de graças, além de prestar testemunho a outras pessoas sobre a libertação de Deus. Isso envolverá júbilo e música.

Portanto, o versículo 4 seria um grande encerramento para o salmo. Mas, então, aquele refrão reaparece. O salmo vive para o futuro, porém também vive no presente e, embora haja um sentido no qual a esperança transforma o presente, existe outro no qual isso deixa o presente inalterado. Quando a vida continua nas trevas, não se espera que o sofredor finja que a situação é diferente.

Outra característica desses dois salmos merece uma menção; ela é ilustrada pela expressão “Deus, meu Deus” no salmo 43. Na maioria, os salmos apresentam muitas ocorrências do nome de Deus, Yahweh, nas quais o salmista diz “Yahweh, meu Deus” em vez de “Deus, meu Deus”. Do salmo 43 até o salmo 83, há poucas ocorrências desse nome, seja porque os salmistas o evitaram, seja porque os revisores removeram grande parte delas. O pano de fundo pode ser o mesmo instinto que levava muitos judeus a evitar o uso do nome de Yahweh — pode ser por reverência, talvez pela percepção de que esse nome estranho daria aos outros povos a impressão de que o Deus de Israel fosse apenas o Deus nacional dos israelitas, embora Israel soubesse que Yahweh era o Deus único e verdadeiro.

Em meu comentário sobre o salmo 20, mencionei que a nossa igreja precisava aceitar, com urgência, que não podíamos mais pagar o salário de um pastor. Comentei isso com um de meus filhos na Inglaterra, que expressou surpresa por algo assim ocorrer e considerou que isso dificilmente ocorreria na Igreja da Inglaterra. Lá, o sistema de financiamento e de pagamento dos salários é mais centralizado. No entanto, na Inglaterra, fatores financeiros podem significar que um ministro, ao deixar a instituição, não seja substituído; a igreja em questão pode ter de compartilhar um ministro com a paróquia mais próxima. Nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, há igrejas que crescem e novas igrejas que são inauguradas; nem tudo é sombrio ou está perdido. No entanto, a posição de muitas igrejas locais é desencorajadora. O nosso instinto é, então, acusarmos a nós mesmos ou culparmos fatores sociológicos.

Como nós, os israelitas podiam olhar para o passado, refletir sobre como as coisas então eram melhores e indagarem o motivo dessa mudança. Em contraste com a nossa reação, todavia, a reação do salmo 44 é concluir que Deus nos abandonou e questionar o motivo de ele ter feito isso. A lembrança de como as coisas eram outrora estabelece o cenário para esse questionamento, mas abre espaço para a declaração da confiança em Deus com base na relação anterior dele com o seu povo. Isso ocorre com tamanha intensidade que, inequivocamente, ao chegarmos no fim da primeira seção do salmo, podemos pensar nele como um salmo de louvor ou de confiança. Na verdade, quando os lecionários da igreja incluem esse salmo para uso no culto, com frequência escolhem apenas a primeira parte e o usam como um salmo de louvor.

Esse uso seletivo da Escritura não é exatamente incorreto, mas leva a perder o ponto desse salmo, em particular, no qual a relembrança é apenas o ponto de partida para perguntar o motivo de a situação ter se alterado tanto. Quando Deus deu a terra aos israelitas do Antigo Testamento, o fator crucial não foi o poderio militar da nação. Segundo o relato da sua história, às vezes as muralhas de uma cidade, simplesmente, colapsaram; os israelitas nem precisaram lutar. E, no presente, eles continuam confiando em Deus, não em sua capacidade de combate.

No entanto, na experiência e na vida deles, as coisas nem sempre funcionaram como no tempo dos seus ancestrais. Em diferentes contextos, houve explicações históricas e políticas para esses eventos, explanações vinculadas à política no

Oriente Médio. O salmo ignora essas considerações com a convicção de que Deus não é limitado por elas. Se Deus ganha o crédito quando as coisas vão bem, é natural que ele seja questionado quando tudo vai mal. Em contraste, os cristãos costumam dizer a Deus o que precisa ser corrigido em nossa situação política em vez de apenas pedir por libertação ou perguntar a ele: “Por que você está fazendo isso?” Falhar em fazer isso implica não reconhecer quem realmente está no comando; quem, de fato, possui poder.

Pode-se imaginar que o salmo pertença a um contexto no qual a comunidade se reúna no templo para apresentar a sua circunstância diante de Deus com jejum e orações. A mudança do “nós” para “eu”, durante o salmo, talvez indique que o rei ou outro líder participe no uso desse salmo em tais ocasiões.

Além de recusar-se a colocar a culpa pela mudança na experiência do povo em fatores políticos ou sociológicos, o salmista evita assumir que isso ocorra pela falha do próprio povo. Há salmos e orações, fora do Saltério, que fazem isso; não é que Israel seja incapaz de imaginar-se em falta, mas que é possível imaginar situações, nas quais o sofrimento surge, que não são resultantes de sua falha. A implicação da terceira seção do salmo é que o povo não se voltou para outros deuses desde que a tribulação chegou a Israel, mas o trecho, eventualmente, deixa claro que os israelitas também podem dizer que não buscaram outros deuses antes de a tribulação os atingir. É por causa de Deus que eles estão nessa situação. Paulo usa essa linha, em Romanos 8, e a refina; ele e seus amigos, igualmente, estão em apuros por causa de Deus, pois colocaram a sua vida a serviço dele.

Isso deixa transparecer que a recordação, o protesto e a apologia preparam o caminho para um extraordinário desafio no parágrafo derradeiro; um desafio para Deus despertar. Em 1Reis 18, Elias desafiou os israelitas que cultuavam deuses cananeus a irem a uma competição para ver qual Deus responderia à oração, e, quando os deuses cananeus falharam em responder, Elias presumiu que eles podiam estar dormindo. Aqui, o salmo faz essa acusação ao próprio Deus de Israel. Na oração, nada é excluído como meio de provocar a resposta divina.

Quando somos jovens e queremos nos casar, precisamos obter a aprovação dos nossos pais, mas, quando somos velhos e queremos nos casar, os nossos filhos é que devem consentir. Assim, eu estava nervoso só de pensar em contar aos meus filhos que iria me casar dezoito meses após a morte da mãe deles; mas, quando lhes comuniquei, fiquei profundamente comovido pela alegria e entusiasmo que eles demonstraram. Igualmente, senti-me muito nervoso em relação ao encontro com a minha futura enteada, mas tudo ocorreu maravilhosamente bem. Claro que, no caso de Kathleen, o nervosismo também tomou conta dela ao conhecer os seus dois enteados, no culto de ação de graças pelo nosso casamento, em Londres, mas eu sabia que tudo correria muito bem. A situação foi bem diferente quando desposei Ann, a minha primeira esposa, contra a vontade dos pais dela. Eles me desaprovavam por ser um jovem desprovido do cavalheirismo que desejavam e também por ser pastor, além do fato de tirar a filha do lar deles. Durante anos, Ann precisou lutar por sua independência deles. Ao decidir casar-se, você deve estar preparado(a) a deixar o seu pai e a sua mãe e, até mesmo, o seu filho e a sua filha.

O mesmo ocorre se você for uma princesa, apenas em maior escala e, provavelmente, por motivos extras. Quanto mais elevada for a sua posição na estrutura de poder ou no sistema de classes, menos liberdade terá quanto ao seu futuro cônjuge. Igualmente, nas sociedades tradicionais, o casamento não é uma questão privada entre duas pessoas, pois a união leva a novos relacionamentos entre duas famílias da vila. Além disso, embora o matrimônio crie uma nova unidade, não é exatamente uma nova família que vem a existir, certamente não até o casal ter os seus próprios filhos. O novo casal constitui uma subunidade de uma família maior, o que significa, na maioria das sociedades, que a noiva se une à família do noivo. Para o relacionamento funcionar, do mesmo modo que ocorre com as relações políticas ou com a comunidade maior, a noiva precisa estar preparada para tirar a sua família de origem da mente e entrar com entusiasmo nessa nova teia de relacionamentos. Sem dúvida, há um sentido no qual o noivo deve fazer o mesmo; o seu relacionamento com a família de origem deve mudar. É possível que seja essa a consideração por trás do comentário em Gênesis 2, sobre o casamento exigir que um homem deixe o seu pai e a sua mãe para formar uma nova unidade com a sua esposa. Em uma sociedade patriarcal, o matrimônio significa que a mulher deve curvar-se à autoridade do seu marido em vez de à do seu pai. Há, uma vez mais, certo contraste com Gênesis 1 e 2, onde não há nenhuma sugestão de que o marido detém a autoridade sobre a sua

esposa; contudo, o salmo está lidando com a realidade da vida no mundo fora do Éden. Nesse mundo, a questão não era se você se submeteu a algum homem, mas, sim, a qual homem você se submeteu.

Tanto o noivo quanto a noiva parecem fantásticos nessa grande ocasião. A questão suscitada pelo salmo ao homem é distinta daquela levantada para a mulher, embora ele também necessite olhar para o futuro, não para o passado, ao refletir sobre a sua família. Possivelmente, esse cântico de amor (como a introdução o denomina) era designado para o uso de casais comuns, para os quais o casamento era uma ocasião na qual o noivo e a noiva eram rei e rainha por um dia. Seja como for, o salmo, na verdade, fala em termos de um casamento real, e o desafio ao noivo relaciona-se ao seu exercício de poder no mundo. Com efeito, ele se assenta no trono de Deus, o salmo afirma; ele reina em nome de Deus, como seu vice-regente, em Jerusalém. Talvez alguém argumente que qualquer líder faz isso. Como rei, ele tem poder para exercer, mas precisa exercê-lo segundo o modelo de Deus — com veracidade, fidelidade, humildade e justiça — em oposição à infidelidade. Em relação ao casamento também, uma mulher descobrirá ser mais fácil submeter-se a um homem com essas qualidades. Trata-se de uma combinação visionária que representa um assustador desafio para um líder ou um noivo, ou, igualmente, para uma noiva em uma sociedade mais igualitária.

Por quase um milênio, grande parte do que hoje é a Alemanha, a Áustria, a Suíça, a Holanda, a Bélgica e outras regiões compreendiam o Sacro Império Romano. Ele possuía uma assembleia legislativa, estranhamente denominada de dieta, a qual, em 1521, se reuniu em uma cidade alemã, chamada Worms (daí o ainda mais confuso título de Dieta de Worms [que em inglês significa "vermes"]), para considerar a condenação papal aos ensinos de Martinho Lutero. Lutero publicara perspectivas sobre a natureza da fé cristã e a autoridade da igreja que eram conflitantes com o ensino oficial eclesiástico. O Édito de Worms declarou que Lutero deveria ser preso e punido. Embora o papa tivesse extraído palavras do salmo 74, usando-as no título de sua encíclica sobre Lutero, "Levanta-te, Senhor, e defende a tua causa", por seu turno, Lutero, ameaçado com a execução, extraiu o seu lema do salmo 46 e escreveu o hino "Castelo forte é o nosso Deus", com base nesse salmo. Hoje em dia, o seu hino é menos controverso e até mesmo está presente em alguns hinários da Igreja Católica Romana.

Lutero provou a veracidade do salmo. Ele poderia, de fato, dizer que em seu tempo a terra estava tremendo e as nações estavam enfurecidas contra ele. Parcialmente, como resultado das controvérsias que ele fomentou, elas começaram a cambalear em outro sentido. Ao longo do século seguinte, a unidade e o poder central do império sofreram um contínuo enfraquecimento. Qualquer um que estivesse em posição de recuar e se perguntar para onde essa fermentação política poderia levar o mundo, teria o direito de temer pelo futuro. Foi um período semelhante às décadas inaugurais do século XXI. De fato, uma carta de oração, que acabei de receber de uma organização preocupada com o testemunho cristão no Oriente Médio em sua atual turbulência, usou a abertura do salmo 46 como sua epígrafe.

Israel, frequentemente, viveu períodos turbulentos. Caso você viva em uma área sujeita a terremotos ou tsunamis, decerto apreciará a promessa de que poderá encontrar Deus no meio desse evento cataclísmico. No salmo em questão, essas são imagens relativas ao tumulto das nações. A forma pela qual o salmista fala evoca a primeira parte do livro de Isaías, quando as nações enfurecidas eram as nações do Império Assírio. Elas causaram a devastação de Israel em mais de uma ocasião, porém jamais lograram tomar posse de Jerusalém. Para a sua própria cidade, Yahweh, de fato, provou ser refúgio e força, um socorro nas tribulações, prontamente disponível. A ACF traduz a última sentença por

“socorro bem presente na tribulação”. De modo mais literal, o hebraico diz que Deus “deseja muito ser encontrado”, que é fácil de encontrar. Devemos apenas nos voltar para ele, Isaías afirmou. Ele é Yahweh dos Exércitos.

As nações eram, desconfortavelmente, como um tsunami, ameaçando tragar Israel, mas, a exemplo de Isaías, o salmo lembra o povo de que Jerusalém possui outro curso d’água em seu meio. Há certa ironia quanto a esse comentário, pois a posição da cidade, em uma crista montanhosa, significa que um rio profundo e caudaloso é exatamente o que Jerusalém não tem. Há um riacho jorrando de uma nascente, o qual é transformado pelo salmista em um retrato da maneira pela qual Deus cuida de sua cidade. Por ser a cidade de Deus, ela não cairá nas mãos dos assírios ou de qualquer outro povo (a não ser que Deus queira entregá-la a algum agressor em razão do aborrecimento com o seu povo, o que, mais tarde, ocorreu mais de uma vez). O momento de maior perigo é na alvorada, quando um exército inimigo ataca; mas Deus virá em auxílio quando a manhã chegar.

Caso não acredite em mim, o salmista diz: vá e olhe. Os muros de Jerusalém foram rompidos? Não. Deus devastou o exército assírio? Sim. Você pode ler essa história em Isaías 36 e 37. A paz mundial virá, diz o salmo, pela obstrução de Deus à expansão dos impérios por meio de guerras. Usamos o desafio: “Aquietai-vos, e sabei que eu sou Deus” (Salmos 46:10 — ARA) como um convite a cessarmos a correria, permanecermos em silêncio e centrarmos em Deus; um convite realmente necessário. No salmo, trata-se de um desafio às grandes nações para deixarem de pensar que são tão grandiosas, pararem de imaginar que podem fazer o que bem quiserem no mundo, em especial com o povo e a cidade de Deus. É uma outra maneira de conceber a chegada da paz mundial. Israel não experimentou a sua chegada, nem nós, mas as pequenas experiências de Deus vencendo batalhas nos dão motivos para crer que Deus, por fim, assim o fará.

Ontem, na igreja, proferimos as nossas costumeiras e ultrajantes confissões, tais como a declaração de que Jesus é Senhor. Elas são ultrajantes porque as notícias do dia parecem desmenti-las. Dezenas de pessoas morreram no ataque a uma mesquita no Paquistão. Carros-bomba explodiram ao lado de um centro de relações culturais da Grã-Bretanha em Cabul. Nos Estados Unidos, inúmeras pessoas portadoras de câncer não conseguem obter os medicamentos dos quais tanto precisam porque os fabricantes não obtêm lucro suficiente com a comercialização deles. Níveis excessivos de radiação foram detectados em um campo de arroz perto de Tóquio. Dezenas de manifestantes foram mortos durante um protesto contra o governo na Síria. Jesus é Senhor?

Quando Israel declarava que Yahweh é Deus, que o Deus dos israelitas é o rei de toda a terra, isso equivalia a uma confissão ultrajante. Quando desafiava todos os povos da terra a compartilharem aquela declaração, essa confissão se tornava ainda mais ultrajante. Como podiam fazer tal confissão? O salmo 47 estabelece uma comparação e, ao mesmo tempo, um contraste com o salmo 46. O conteúdo do salmo anterior sugeria uma ligação com a história de Israel durante um período no qual as pessoas estavam compondo e entoando os salmos, a exemplo da época de Isaías. Isso não pertencia a uma história muito distante (conquanto viesse a ser para os adoradores posteriores). É possível ir e ver os muros e portões de Jerusalém como evidências de que Deus manteve a cidade em segurança.

Em contraste, o salmo 47 olha para os eventos passados que tornaram Israel a nação que é — isto é, relembra o subjugo original de Yahweh aos habitantes de Canaã e a posse daquela região montanhosa, amada por Yahweh, aos israelitas. Israel estabeleceu-se nesse acidentado território sob as abas das vestes divinas, enquanto este fazia a sua ascensão lá como um guerreiro, com um brado e com o som de um chifre, sinalizando o momento do avanço. Assim, a ultrajante declaração de Israel é de que Yahweh é “o grande rei sobre toda a terra”. Esse título foi reivindicado pelo rei da Assíria (o que é relatado em Isaías 36—37, sobre a tentativa assíria de tomar Jerusalém, que citei em meu comentário sobre o salmo 46). Seria uma reivindicação totalmente plausível. No entanto, o salmo 47 diz, com grande atrevimento: “Vocês sabem quem é o verdadeiro grande rei de toda a terra? Eu lhes contarei.”

A segunda metade do salmo segue o padrão anterior — primeiro, há uma

exortação para reconhecer a Deus; então, seguem os motivos, a substância do louvor. Essa é a forma de operação regular de um salmo de louvor. A exemplo dos salmos 30 ou 42, o salmista não se satisfaz em dizer algo apenas uma vez; ele precisa repetir a declaração. Como as repetições dentro da mesma linha, contudo, a segunda metade do salmo faz mais do que meramente repetir a primeira metade; vai além. Assim, a renovada exortação acrescenta música aos brados e palmas da exortação inicial. Ainda, adiciona a ênfase de que o rei é o nosso rei. A substância do louvor, então, refere-se a Deus assentar-se em seu trono, o que nos leva da posse da terra para a construção do templo de Jerusalém. É naquele local que Israel se reuniria para entoar esse salmo. O motivo de Israel poder fazer essas ultrajantes confissões seria o fato de conhecer a história sobre a posse da terra por Yahweh e o estabelecimento de seu trono ali. Essa conquista torna possível crer que Yahweh é rei, mesmo quando as notícias do dia parecem contradizer essa crença — do mesmo modo que o nosso conhecimento da história de Jesus torna possível declarar que Jesus é Senhor, ainda que o noticiário pareça desmentir isso.

A descrição dos líderes das nações, os seus senhores ou escudos, reunidos para reconhecer o Deus de Abraão, trata-se de um ato de imaginação, mas é uma visão cujo cumprimento é assegurado pelo que Deus já realizou. No princípio da história de Israel, povos como os gibeonitas foram compelidos a fazer esse reconhecimento do Deus de Abraão; eles constituem o primeiro estágio de um processo que, no devido tempo, será concluído. Uma vez mais, o salmo testifica como os israelitas sabiam que o envolvimento de Yahweh com eles não visava somente ao bem desse povo. Exatamente por Yahweh ser o rei de toda a terra, a fé de Israel envolve um interesse no mundo todo. Os senhores dos povos se reúnem como o povo do Deus de Abraão, ou com o povo do Deus de Abraão (a concisa sentença não deixa claro qual é a tradução correta, mas esse detalhe faz pouca diferença). O ponto não é meramente que eles deveriam ser “salvos”, mas que deveriam reconhecer Deus como Deus. Analogamente, o que Deus fez com e mediante Jesus é a garantia de que o mundo reconhecerá que Jesus é Senhor.

Quando eu e a minha primeira esposa nos mudamos para os Estados Unidos, as pessoas me perguntavam do que eu sentiria falta em relação à Inglaterra. Então, respondia que não sentiria falta do peixe com batatas nem da comida indiana, mas da proximidade com a França e com Israel. Desde que nos mudamos, não retornei a Israel, por ser uma longa jornada e pelo fato de Ann estar em uma cadeira de rodas tornava a viagem muito complicada. Contudo, também incluo a condição política (especialmente a construção de muralhas separando as áreas palestinas das judias), que agravou tanto a situação na região a ponto de eu não desejar ir. Mas a minha atual esposa e eu estamos discutindo a possibilidade de passar um tempo em Jerusalém no próximo ano. Parece uma hora propícia para encarar os fatos. O mais importante é que estar em Jerusalém evoca os eventos da fé judaica e cristã. A fé não constitui uma coletânea de ideias teológicas ou princípios comportamentais, mas a história de algo que aconteceu em determinado lugar em um tempo específico.

Em nossos comentários em relação aos salmos 42 e 46, observamos a importância de Jerusalém como um lugar real. O salmo 48, uma vez mais, exorta as pessoas a ir e dar uma olhada na cidade. Principia-se com a imponência e a beleza natural da cidade. Na realidade, Jerusalém é apenas um pequeno pico de uma elevação, não tão alta quanto as colinas ao redor, como o monte das Oliveiras. A cidade tornou-se bela pelas construções ali, feitas da pedra creme, extraída das profundezas do solo. O salmo a denomina “uma beleza de uma elevação” não apenas por sua formosura natural ou humanamente construída, mas porque Yahweh fez dela a sua habitação. No extremo norte, na fronteira entre a Síria e a Turquia, localiza-se o monte Zafom, cuja altitude é duas vezes maior que a do monte Sião, e o lugar no qual os cananeus situavam a casa do Mestre. Eu lhes direi onde o verdadeiro monte Zafom está, a real habitação de Deus, afirma o salmista. É no pequeno monte Sião. Trata-se de uma característica de Deus ir a um pequeno e insignificante monte, em uma insignificante localidade (Israel era um povo pequeno e desinteressante; Davi era um garoto desconhecido e insignificante; e Nazaré, um vilarejo sem importância). Contudo, tornou-se de extrema relevância por meio das ações de Deus ali.

“O grande rei” é um título tão importante quanto no salmo 47, porém aqui talvez o seja por um motivo tanto religioso quanto político. O Mestre poderia ser chamado de o rei dos deuses. “Eu lhes direi quem é o verdadeiro rei dos deuses”,

o salmo diz. A enigmática sentença de encerramento sobre Yahweh direcionar o povo contra a morte talvez tenha como pano de fundo uma comparação entre Yahweh e o Mestre, pois os cananeus contavam uma história sobre o Mestre ser subjugado pela morte e precisar ser trazido de volta à vida.

O salmo foca a política, ao relembrar como as forças estrangeiras tentaram conquistar Jerusalém e falharam. Elas eram tão imponentes quanto os navios de Társis, grandes embarcações mercantes que cruzavam oceanos, mas até mesmo os navios de Társis são vulneráveis a um vendaval do Oriente. As poderosas forças estrangeiras revelaram-se, igualmente, vulneráveis. “Vim, vi e venci”, afirmou Júlio César, certa feita, em relação a uma de suas vitoriosas campanhas. “Vieram, viram e fugiram”, expressou Calvino, sarcasticamente, em seus comentários sobre o salmo.

Ao ir e contemplar a cidade, a história não será meramente aquela que ouviu de seus pais ou avós, ou de um sacerdote, relembrando-a durante um culto no templo. Você pode ir e ver com seus próprios olhos. A medieval cidade de Jerusalém, a “Cidade Antiga”, está cercada por muros que não seguem a disposição dos muros da época do Antigo Testamento, mas transmitem aos que os contemplam a impressão correta do que seria contornar a cidade após ela ter sido sitiada e observar o bom estado de seus muros e de suas cidadelas. Yahweh dos Exércitos é a torre do povo, mas ele opera pela preservação das próprias defesas da cidade. Uma vez mais, a atividade de Yahweh em Jerusalém não constitui boas notícias meramente para Israel e más notícias para seus agressores. Mas deve ser o meio de Deus vir a ser louvado em todo o mundo. Semana após semana, judeus, cristãos e muçulmanos louvam a Deus e mencionam a cidade de Jerusalém, não apenas em Jerusalém, mas até nos confins da terra.

No entanto, no devido tempo, Yahweh permitiu a queda da cidade, e Lamentações 2, então, retrata transeuntes, maliciosamente, perguntando: “Esta é a cidade que era chamada a beleza de uma elevação, a maior alegria de toda a terra?” Em décadas, durante as quais Jerusalém encontra-se dividida e tem sido palco de conflitos em vez de harmonia, fazemos coro à mesma questão. O salmo 48 nos lembra do desígnio de Deus para essa cidade e nos dá motivo para esperança.

Recentemente, sepultamos a segunda pessoa mais velha de nossa congregação, que, até o fim, frequentou regularmente a igreja. Dirigimos por um longo tempo até o cemitério e fiquei me perguntando o motivo disso, até descobrir que o marido dela também estava enterrado ali. Ela seria sepultada ao lado dele. Ontem, visitei uma senhora que é a pessoa mais velha da nossa comunidade, com 96 anos. Até recentemente, ela frequentou a igreja em grande parte das semanas, mas uma ferida em sua perna a tem impedido de ir. Ela espera estar de volta em uma semana ou duas, mas aparenta estar mais frágil, e, no íntimo, ponderei se em breve estarei conduzindo o seu funeral. É possível que você viva até quase cem anos, mas, inevitavelmente, a morte o alcançará. Ao chegar em casa, recebi a notícia da morte de um antigo pastor, amigo meu, quase da minha idade, que gozava de excelente saúde na última vez que o vi, mas que, repentinamente, adoeceu e faleceu. Pode ser que você viva até os noventa ou mais. Contudo, a morte pode lhe alcançar antes disso.

O ponto do salmo é que Deus controla quando a morte chega. É tentador pensar que ter dinheiro suficiente para pagar um abrangente plano de saúde é um fator decisivo para determinar a duração da sua vida, e/ou que uma disciplina em relação a dietas saudáveis e um bom condicionamento físico sejam fatores decisivos. Certamente, são fatores influentes, mas quase sempre ouvimos relatos sobre pessoas que tentam assegurar que tudo vá bem com elas e, então, são alcançadas. O salmo nos convida a considerar esse fato no contexto do envolvimento divino no mundo. Alguém cujo chefe possui um ótimo plano de saúde, mas não paga o suficiente aos empregados mais humildes para que estes tenham pelo menos algum plano, tem o direito de sentir certo ressentimento. Todavia, é nesse momento que ele deve lembrar que esse não é o fator supremo na determinação do que acontece. Independentemente da quantia que você investe em seu plano de saúde, esse valor não é suficiente para lhe comprar uma vida mais longa, nem pode alterar o fato de que, inevitavelmente, você irá morrer. Não faz a menor diferença o tamanho da sua fortuna ou o nível de sua inteligência.

Quando você é jovem ou de meia-idade, provavelmente não reflete muito sobre a morte e, como resultado, vive como se a sua vida fosse eterna, ainda que, em teoria, saiba que não é assim. Quando o salmo retrata as pessoas prósperas imaginando que o lar será sempre delas, não considero que seja uma suposição consciente por parte delas — trata-se mais de uma consequência da atitude que

elas têm em relação à sua casa. A mesma suposição está implícita no instinto em relação a outras formas de acúmulo, tais como propriedades (ou livros, no meu caso, ou carros — você pode citar o seu próprio objeto de desejo). Isso é estúpido, afirma o salmista, e essa estupidez é compartilhada por pessoas que gostariam de imitar essas pessoas prósperas.

No entanto, o salmo não está falando sobre a generalizada estupidez de se comportar como se a vida fosse eterna. Antes, discorre sobre pessoas que combinam a riqueza com um instinto de pisotear outras pessoas (claro que a riqueza, com frequência, resulta de um instinto de passar por cima de todo mundo em vez de trabalho duro, de criatividade ou de boa sorte). O ideal do Antigo Testamento é mesclar riqueza com generosidade aos necessitados. A união da fortuna com o desprezo aos outros é, segundo o Antigo Testamento, a verdadeira estupidez. As pessoas regidas por essa atitude são aquelas que descobrem a morte pastoreando-as antes do tempo. Em contraste, os retos descobrem a libertação de Deus pela manhã — a exemplo do salmo 46, a alvorada é o momento de maior perigo. Ontem, a pessoa tola e abastada governa. Hoje, ela já passou, e o reto é que governa. Ameaçados pela possibilidade da morte, aqueles desprovidos de recursos, exceto Deus, podem provar a capacidade divina de livrá-los do Sheol antes do devido tempo. O salmista sabe que nem sempre é assim, mas deseja que as pessoas confiem na realidade do envolvimento de Deus no mundo, o que significa que, na maioria das vezes, funciona assim.

Administrar uma igreja é algo complicado. Dei-me conta disso ontem, quando, pela primeira vez, peguei o molho de chaves da igreja, que herdei recentemente, para ir ao encontro com um casal cujo bebê será batizado. No molho, há quinze chaves, e não logrei achar a chave certa para abrir o portão da frente, mas conseguimos usar o portão de trás e vencemos essa primeira etapa. A princípio, imaginei que não conseguiria descobrir a chave certa para acessar o prédio da igreja, mas a dificuldade deveu-se ao mecanismo estar um pouco emperrado. Então, somente por puro acidente é que descobri como acender as luzes e a fonte no jardim. Depois, ainda havia a copiadora, a internet e a caixa de correio (quem poderia imaginar que a caixa-postal de uma igreja acumulasse tanta propaganda inútil?).

Administrar uma igreja bem que poderia ser mais simples. O salmo 50 termina com uma declaração de Deus quanto a haver duas ou três coisas que importam. Começando do fim, há a experiência da libertação de Deus. O problema é que não temos controle sobre isso. Israelitas comuns tinham muito menos controle sobre a sua vida do que os cristãos ocidentais, o que, de um modo estranho, coloca o primeiro grupo em uma posição mais fácil. Eles não podiam exercer quase nenhum controle sobre o próprio destino. No âmbito político, a situação deles era mais parecida com a de países do Terceiro Mundo do que com a de uma potência do Ocidente. Economicamente, eram mais dependentes das condições climáticas do que são os ocidentais. No campo da saúde, quando ficavam doentes, não havia muito o que pudessem fazer, exceto se lançarem à misericórdia divina. No entanto, de uma forma esquisita, não ter controle pode ser algo positivo, porque a libertação de Deus é muito mais confiável do que o controle humano. Repetidas vezes, descobrimos que o controle humano não funciona no âmbito da política, da economia ou da medicina, mas essa experiência tende a nos fazer tentar com mais afinco, em lugar de nos lançarmos a Deus.

Você pode fazer isso com confiança (a última linha do salmo acrescenta), caso seja uma pessoa que direciona o seu caminho. O salmista está interessado no controle das pessoas sobre a própria vida, porém em um sentido diferente daquele que acabei de descrever. De fato, podemos apresentar inúmeras desculpas para não exercer um controle moral sobre a nossa vida (“É difícil resistir ao excesso de trabalho, ao cinismo, à irritação, à gula, ao entretenimento ou à aquisição de roupas”). Deus espera isso de nós. Pode ser difícil, mas não é

complicado. O salmo retrata pessoas que estão comprometidas com a sua participação na adoração. Elas dizem todas as coisas corretas ali, mas as suas ações fora do culto não correspondem às palavras ali proferidas. É como se elas jogassem fora as palavras de Deus, como se fosse a embalagem de um sanduíche. Não se preocupam com o que dizem sobre outras pessoas. Em outro sentido, embora possamos considerar a tolerância uma virtude, Deus a vê como um vício. Apenas se houver uma direção moral em sua vida é que você pode esperar ver a libertação de Deus. Cuidado quando Deus não exerce misericórdia ao repreender você, o salmo acrescenta; o silêncio divino quando você está errado é, por si só, um juízo assustador.

Ao ver a libertação de Deus, a resposta apropriada é apresentar uma oferta de gratidão, de ação de graças. O último versículo do salmo começa aqui. Uma oferta de gratidão é o sacrifício que, naturalmente, acompanha um salmo de ação de graças. Quando queremos expressar apreciação a alguém, com frequência fazemos disso um motivo para dar um presente em lugar de apenas dizer obrigado. O Antigo Testamento considera que o mesmo é verdadeiro no nosso relacionamento com Deus. Meras palavras são fáceis e nada custam. Às vezes, as pessoas levavam ofertas de gratidão simplesmente porque Deus havia respondido a uma oração, talvez com uma cura ou proteção contra algum ataque. Em outras, no decorrer de uma oração, um salmo contemplará trazer uma oferta quando a oração for respondida, de modo que algumas ofertas de gratidão são o cumprimento dessas promessas — eis o motivo da referência ao cumprimento de promessas nesse salmo.

Portanto, o relacionamento com Deus é algo simples, o salmista afirma. Você vive uma vida reta; se mete em apuros; clama a Deus; este o resgata; você apresenta uma oferta de gratidão. O problema é que as pessoas fazem disso uma exigência contratual. Elas apresentavam ofertas grandiosas a Deus, como se o tamanho e a imponência contassem pontos, como se fosse um suborno a Deus. Aqueles que não viviam retamente tentavam compensar isso pela apresentação de grandes sacrifícios. O salmo questiona: “O que esse instinto indica sobre o que você pensa de Deus?” Mantenha o simples.

Asafe era um dos líderes de música na adoração do templo, indicados por Davi, de acordo com 1Crônicas 16 e 25. Crônicas, frequentemente, menciona os descendentes de Asafe nessa conexão, e a referência a ele no salmo 50 pode ser uma alusão a esse coro “asafita”, do mesmo modo que “Davi” pode ser uma menção aos reis davídicos em geral.

John Donne foi um sacerdote do século XVII, poeta do amor e membro do parlamento. Ele também escreveu uma série de “Holy Sonnets” [Sonetos santos] (encontrada no The Oxford Book of English Verse, ed. Christopher Ricks [Nova York: Oxford University Press, 1999], p. 117). Num deles, o autor imagina o dia da ressurreição e, então, reflete como a chegada desse dia significará que é muito tarde para pedir perdão. Assim, ele conclui o soneto, dizendo a Deus:

“Aqui, neste humilde chão,

ensina-me a como me arrepender, pois isso é tão bom

como se tivestes selado o meu perdão com o teu sangue.”

Pode-se questionar se Donne estava certo ao imaginar que nos ensinar o arrependimento é tão bom quanto morrer por nós; caso Deus não estivesse pronto a entregar o seu Filho por nós, o nosso arrependimento não nos levaria a lugar nenhum. Mas ele está certo na implicação contrária; se Deus entregasse o seu Filho por nós, porém não nos ensinasse o arrependimento, então essa entrega, igualmente, não nos levaria a lugar nenhum. E precisamos ser ensinados a nos arrepender, pois isso não vem de forma natural, em parte porque, normalmente, estamos ocupados apresentando desculpas a nós mesmos pelo que fizemos ou não.

A introdução do salmo 51 estabelece uma ligação com o arrependimento de Davi em relação ao romance com Bate-Seba, mas a conexão com a história de Davi suscita as mesmas questões levantadas com respeito ao salmo 18: “Contra ti somente eu ofendi”? Caso Davi dissesse essas palavras, então Deus teria algo mais a ensinar a Davi sobre o significado do arrependimento. “Cria em mim uma mente limpa, Deus; renova um espírito firme dentro de mim”? Se Davi proferisse essa oração, parece que Deus não a aprovaria, pois a história de Davi como pai e como rei se desenrola a partir do caso com Bate-Seba e Urias em diante. Aparentemente, é possível para Deus afastar o pecado no sentido de não responder a ele por meio de uma ira ativa; contudo, isso não significa que Deus

intervém para impedir as consequências do que iniciamos com as nossas ações ilícitas. Nossa violação dos mandamentos pode ainda rasgar o tecido da sociedade de uma forma que seja difícil costurar, ainda que os indivíduos sejam curados. Como expresso pelos mandamentos, os pecados dos pais são visitados nos filhos.

Portanto, o encorajamento da introdução para vincular o salmo à história de Davi é esclarecedor na maneira pela qual isso suscita questões sobre Davi. Se a oração era designada para ser orada por ele como alguém necessitado de arrependimento, então há formas mediante as quais isso ilustra como precisamos orar. No entanto, à luz do que sabemos sobre o restante da Escritura, podemos inferir algo tanto da reação negativa quanto da reação positiva de Deus. A exemplo de outros salmos, isso deve nos levar a um autoexame, não a simplesmente presumir que o nosso discernimento sobre nós mesmos é, de fato, genuíno.

Iniciar pelo fim do salmo oferece algumas percepções complementares. A súplica para Deus edificar os muros de Jerusalém não se encaixa muito bem na história de Davi, pois, então, eles estão intactos. Isso sugere um período entre os dias de Jeremias (quando os muros foram derrubados pelos babilônios) e de Neemias (quando os muros foram reconstruídos com o auxílio dos persas). Religiosamente falando, eles foram demolidos por causa da atitude que Judá havia tomado em relação a Yahweh durante um século ou mais — os judaítas confiaram mais na política do que em Yahweh e se voltaram para outros deuses. Naquele contexto, a confissão “Contra ti somente eu ofendi” faz sentido. O “eu” do salmo pode se referir a um israelita comum, a exemplo do que as igrejas que professam um credo podem usar um que diga: “Eu creio”, quando toda a congregação é que confessa isso. Ou pode ser o líder da comunidade, alguém como Zorobabel ou Neemias.

Naquela situação, as ofertas de sacrifícios a Deus não os levavam a lugar nenhum. Os sacrifícios podem lidar com pequenos problemas de impureza, mas não pecados sérios; e sacrifícios que expressam louvor e compromisso não fazem sentido quando a relação com Deus está rompida. Quando a sua esposa o flagra sendo infiel, um buquê de flores ou mesmo um carro novo não trará progressos à sua posição. O mesmo acontece com Deus; tudo o que você pode fazer quando comete uma transgressão séria é lançar-se à graça divina como alguém que foi esmagado e quebrantado pelo preço cobrado por seu delito — do mesmo modo que a comunidade de Jerusalém, levada ao exílio. Então, se Deus

perdoar e responder às orações presentes no salmo, e você contemplar a reconstrução da cidade, poderá recomeçar a sua vida regular de adoração, na qual o sacrifício tem o seu lugar apropriado como expressão de louvor e compromisso.

No salmo 51, então, o povo de Deus lança-se à misericórdia e à compaixão de Deus. Ele reconhece como o pecado tem caracterizado a sua vida desde os primórdios no Sinai ou dos anos iniciais da igreja, conforme o Novo Testamento os descreve. Reconhece que não pode esconder que diz uma coisa em público, mas age diferentemente no privado. Sabe que não pode reclamar do tratamento dado por Deus e que a sua vida está perdida; ela necessita da transformação de Deus. Então, o povo estará em posição de contar ao mundo sobre a graça divina.

Parece que Deus respondeu à oração do salmista como proferida por Judá. O templo e os muros foram reconstruídos, a comunidade ao longo dos séculos seguintes mostrou sinais de estar sendo habitada pelo espírito de Deus, e colocou-se em posição de compartilhar o seu conhecimento sobre Deus aos povos vizinhos, resultando na atração de gentios às congregações judaicas, amplamente difundidas nos tempos do Império Romano.

A dedicação do Memorial Martin Luther King Jr. estava agendada para o próximo fim de semana, em Washington (mas a ameaça de um furacão levou ao adiamento desse evento). Inevitavelmente, talvez haja opiniões divergentes sobre se esse é a espécie de memorial correto ou se qualquer memorial nesses moldes seja uma homenagem adequada a esse homem. O que me impressiona, ao refletir sobre o salmo 52, é que o dr. King foi alguém que sabia que enfrentava a oposição de pessoas que planejavam e realizavam o mal contra ele e outros afro-americanos, mas ele sempre manteve a cabeça erguida quando ameaçado. De algum modo, ele logrou se manter realista quanto ao perigo que o ameaçava e também manteve a confiança em Deus.

Assim, posso imaginá-lo proferindo o salmo 52, entre muitos outros salmos, enquanto ele perseguia o chamado ao qual foi designado. Os seus oponentes eram cristãos, do mesmo modo que ele, e não eram pessoas que se imaginavam exultando no mal; antes, pensavam estar sendo fiéis ao seu compromisso cristão. O termo hebraico para “mal” é semelhante ao termo “mau” em nosso idioma — pode denotar tanto ações que são moralmente incorretas quanto eventos que são calamitosos e dolorosos. Nesse sentido posterior, Deus pode estar envolvido no “mal”; ele, às vezes, pode agir para que coisas ruins aconteçam. Os oponentes do dr. King tinham plena ciência de que estavam tramando desastres para ele; mas não imaginavam que fosse algo moralmente maligno, embora fosse exatamente o que estavam fazendo. Do mesmo modo, o homem no salmo que exulta no mal provavelmente não sabe que está se alegrando no mal moral; ele tinha motivos para se convencer de que estava fazendo algo correto.

A exemplo do salmo 51, há certa sobreposição entre o salmo e o episódio da história de Davi mencionada na introdução (1Samuel 21—22). Embora a expressão “guerreiro” apenas se encaixe parcialmente em Doegue (na verdade, pode-se presumir que o guerreiro seja Saul), a descrição da atitude confiante que encerra o salmo se encaixa em Davi. Nessa conexão, pode-se ver o salmo 52 como um salmo para ser orado por alguém na posição de Davi — a exemplo do dr. King. O salmo empilha descrições do guerreiro que é objeto do interesse do salmista, isto é, alguém que exulta, planeja e se entrega ao mal. Ele é capaz de proferir mentiras enganosas que levam à destruição de outros; ainda, possui os recursos necessários para comprar a queda de alguém. No entanto, ele o faz com o objetivo de derramar escárnio sobre essa pessoa. Ele não leva em consideração o compromisso de Deus, tampouco a vontade divina de agir em benefício do fiel.

Essas realidades significam que a pessoa confrontada por essa perigosa ameaça pode manter a cabeça erguida e aguardar pelo momento no qual o fiel que se identifica com ele verá, temerá e rirá.

É possível questionar se um homem como Abimeleque, assassinado por Doegue, ou como o dr. King, igualmente morto, se assemelha a uma oliveira verdejante e próspera na casa de Deus, mas, se você os questionar sobre isso no dia da ressurreição, eles podem responder que a confiança deles de que o compromisso de Deus duraria para sempre foi plenamente justificada, e que assim seria, mesmo se não houvesse o dia da ressurreição (Abimeleque nada sabia a respeito desse dia). Na presença das pessoas comprometidas com o caminho de Deus, o dr. King olhou para o nome de Deus porque isso é bom. O seu testemunho, combinado com o assassinato que parecia desmentir o salmo, contribuiu para o processo por meio do qual Deus despedaçou pessoas malignas, e os fiéis viram, temeram e riram.

Ontem, minha esposa e eu caminhamos em meio a uma multidão de pessoas cujos semblantes pareciam dizer: “Não há nenhum Deus aqui.” Eram muitas pessoas que caminhavam em todas as direções no píer de Santa Mônica, entre as barraquinhas de sorvete, guarda-sóis e cachorros-quentes. Deviam estar radiantes de alegria, pois era um feriado. No entanto, o rosto delas expressava vazio, tédio ou desapontamento. Não havia contatos entre os transeuntes no píer; mantinham os olhos voltados para a frente como se não houvesse mais ninguém ali. Havia uma tristeza ou uma opacidade mortal em seus olhos. Lamentando a experiência de estar entre aquelas pessoas, enquanto andávamos pela praia, minha esposa disse que se sentia como se devesse instalar uma barraca de oração ao lado de todas as outras, convidando as pessoas que passavam a orar com ela. Talvez façamos isso na próxima vez que retornarmos.

O salmo fala sobre pessoas que vivem como se não houvesse Deus. As pessoas que o salmista tem em mente são também aquelas sem entendimento, que (ainda) não buscam Deus, que não clamam a ele (a ousada expressão quase sugere a ideia de convocar a Deus, como um chefe convocando um funcionário). Pior ainda, são pessoas que chegaram à conclusão lógica de que em sua vida moral podem viver como se Deus não estivesse presente. Elas se tornam não apenas pessoas sobre cujo rosto deve-se lamentar, mas que são consideradas enganadoras, trapaceiras. Não há compromisso moral nelas. A convicção de que “não há nenhum Deus aqui” gera uma situação na qual “não há ninguém fazendo o bem aqui”. São impiedosas na maneira pela qual são indulgentes consigo mesmas, não se preocupando com o fato de consumirem a vida de outras pessoas pela maneira em que vivem.

As traduções, em geral, as apresentam declarando que “Deus não existe!”, fazendo-as parecer ateus, mas elas não estão negando, exatamente, que Deus existe. Antes, estão negando que Deus esteja envolvido neste mundo. Ele está distante lá no céu, permitindo que os seres humanos vivam como bem desejam. Deus não se importa com o que ocorre aqui embaixo. É possível que seja uma convicção mais desesperançada e cínica do que acreditar que Deus, simplesmente, não existe (o que, talvez, esteja vinculado ao fato de muitas pessoas que se dizem ateístas, no sentido ocidental, são pessoas que fazem boas obras).

De certo modo, não se pode culpar as pessoas por duvidarem que Deus esteja

envolvido no mundo, se isso as leva à desolação que vimos nas pessoas caminhando no píer, ou à ruína moral da qual o salmo fala. Enquanto caminhávamos na orla, um aeroplano cruzou os céus, rebocando uma propaganda. O envolvimento de Deus não é visto de maneira tão óbvia quanto o anúncio no céu. É possível perdê-lo. O salmo declara que Deus, na realidade, olha do céu para ver o que está ocorrendo no mundo aqui embaixo. O salmista sabe que o Deus que olha é também aquele que age e imagina que Deus já derrubou os perversos. No entanto, o salmo também vive com a realidade da situação na qual a comunidade necessita da ação de Deus para restaurá-la e, saudosamente, expressa o desejo de que o momento dessa ação possa chegar. Trata-se de uma forma indireta de oração que pode, em suas entrelinhas, chamar a atenção de Deus como se fora uma oração direta.

Ontem, descobri-me pensando e falando, novamente, em Martin Luther King Jr. (veja o comentário sobre o salmo 52), o dia agendado para a dedicação do seu memorial e o aniversário de seu famoso discurso “Eu tenho um sonho”. Isso adequava-se, perfeitamente, ao conjunto das Escrituras que foram selecionadas para a nossa leitura na igreja. Começamos com o chamado de Moisés, com quem o dr. King se assemelhava, ao ser convocado a exercer um papel para o qual não tinha nenhum interesse pessoal; ele esperava desfrutar de uma vida tranquila como acadêmico e pastor, como eu. A passagem do Evangelho relacionava-se à advertência de Jesus aos seus discípulos sobre os seus seguidores terem de carregar a sua própria cruz, do mesmo modo que ele faria, o que, certamente, também era verdadeiro em relação ao dr. King. A carta aos Romanos, no capítulo 12, discorre sobre o amor e a recusa a buscar reparação; deixem isso com Deus. Essa ação amontoará brasas vivas sobre a cabeça dos inimigos, afirma Paulo, citando Provérbios 25. Talvez a imagem se refira ao castigo de Deus; talvez as pessoas venham a ver o erro de seus caminhos.

A exemplo do salmo 52, o salmo 54 contém uma introdução que conecta o salmo a uma situação na qual Davi precisou deixar a reparação nas mãos de Deus. A história dupla, um tanto cômica, é relatada em 1Samuel 23 e 26. Na realidade, Davi não teve de deixar a reparação aos cuidados de Deus; ele teve diante de si inúmeras oportunidades de matar Saul, mas preferiu abrir mão delas. Assim, o salmo 54 imagina como alguém na posição de Davi poderia orar, com o fim de nos ajudar a entender como, então, orar.

Em muitos aspectos, o salmo é, simplesmente, um padrão de oração em toda e qualquer situação de pressão. Há três elementos para a oração real: “Ouve-me”; “Resgata-me”; “Derrube os meus agressores”. Observamos, anteriormente, que os ocidentais podem se sentir ofendidos como o último elemento na oração, embora o Novo Testamento incorpore orações similares. Uma das formas de nos ensinar é levar a sério a extensão do desequilíbrio causado ao mundo quando as pessoas se atacam mutuamente; tais ações não podem ser deixadas lá, impactando negativamente o mundo. Nesse sentido, o desejo humano por justiça é devidamente apropriado. Outra implicação dessas orações é que o realinhamento da situação, quando há o desequilíbrio causado por esses delitos, não é da nossa conta. Falamos com Deus sobre isso e, então, entregamos a ele, o que constitui um verdadeiro teste de fé. Somos afortunados por não precisarmos descobrir o que deveria acontecer às pessoas que consideramos “más”. Podemos

nos equivocar sobre quanto elas são más, e não queremos ser como elas, tornando-nos um meio de vingança. Além disso, como ocidentais, podemos pensar que somos bons e, como cristãos, devemos nos tornar ainda melhores, ainda que, secretamente, assistimos a todo tipo de programas de TV, com os quais podemos concordar com a queda do homem mau, seja em um filme, seja no noticiário.

Além da própria oração, o salmo inclui uma declaração de confiança em Deus e uma promessa de dar a Deus o devido reconhecimento e louvor quando Deus agir. O versículo final apresenta uma declaração adicional de confiança e de convicção ao imaginar a oração não sendo apenas respondida pela revelação do ato, mas pelo cumprimento deste, de uma forma visível.

Uma amiga terapeuta me descreveu o processo pelo qual ela passa, após um dia de sessões, ouvindo os clientes, que desabafam as suas mágoas, sofrimentos e pecados. Parece que esses fardos precisam ir a algum lugar, a exemplo dos demônios que Jesus permitiu que entrassem em alguns porcos. Eles não podem, simplesmente, desaparecer no ar, caso contrário a presença de um terapeuta seria totalmente desnecessária. Assim, o ato de ouvir requer que o profissional receba esses fardos sobre si mesmo, pelo menos momentaneamente. Contudo, um mero ser humano não pode absorver em si as mágoas, os sofrimentos e os pecados de todos os seus clientes. Assim, a minha amiga estaciona em uma área de descanso, à beira da rodovia, no topo de uma colina, quando está a caminho de sua casa e, dentro do carro, ela entrega todo esse fardo a Deus.

Ela está seguindo o que o fim do salmo 55 recomenda, quando fala sobre lançar tudo sobre Yahweh. Talvez a ação seja mais hostil do que sugerido pela expressão “lançar sobre”. É possível que a ideia seja a de poder atirar coisas em Yahweh, como uma criança que se comporta agressivamente em relação ao seu pai ou à sua mãe. Os pais podem lidar com essa experiência; presumidamente, Deus também. Seja como for, o que você está lançando é “o que lhe é dado”. Em outras palavras, o salmo descreve a experiência de ataque e pressão, do assédio de pessoas ímpias, de engano e traição, como um presente de Deus. Afinal, Deus permite que tudo isso aconteça e, no momento em que essas coisas estão ocorrendo, Deus não está fazendo nada a respeito. Você está em uma posição similar à da minha amiga terapeuta, exceto pelo fato de ela, voluntariamente, concordar em receber o que os clientes “dão” a ela. É importante que ela não tente guardar para si o fardo recebido. Ela deve fazer isso apenas durante o período da sessão com o(a) cliente, mas, então, deve repassá-lo a Deus, como se fosse uma batata quente. Assim, Deus pode sustentá-la em seu trabalho e possibilitar que ela recomece no dia seguinte. O salmo, igualmente, implica que, se lançarmos as ameaças e enganos das pessoas sobre Deus, ele pode tanto sustentar o nosso ser interior quanto nos proteger do cumprimento das ameaças e do sucesso do engano. Ele oferece mais dicas para permanecermos em pé, de cabeça erguida.

Essas afirmações, próximas ao fim do salmo, são notáveis, considerando-se a natureza extrema das afirmações do início. O salmo nos oferece uma forma de oração na qual o protesto pode levar à confiança e fornece outra ilustração de como o Saltério apresenta modelos para as pessoas orarem em todos os graus de

necessidade (outra indicação da importância de conhecer o Saltério é ser capaz de ajudar outras pessoas a usá-lo de acordo com o que elas necessitam). Suponha que você esteja excessivamente agitado(a); você geme e cambaleia; a sua mente gira; o medo e o tremor tomam conta do seu ser; o horror o(a) envolve (literalmente, o horror o "veste", cobrindo você dos pés à cabeça). Você observa pássaros voando sob a ameaça de alguém mirando-os com um estilingue e deseja estar em posição de fazer o mesmo. Talvez o seu perigo seja menor do que o abordado por outros salmos; talvez se assuste mais facilmente, isso não importa. Seja como for, esse salmo fornece um modelo para você orar.

O salmo apresenta uma forma distinta de descrever Deus como "aquele em quem não há mudanças". O Antigo Testamento, regularmente, afirma que Deus pode mudar de ideia, mas isso não implica que Deus seja inconstante ou pouco confiável. Deus tem uma mudança de mente em interação com o modo pelo qual nos relacionamos com ele e com a vida. Normalmente, é uma mudança que envolve a desistência de adotar uma ação disciplinadora que ele ameaçou aplicar. Mas o salmo assegura que a consistência de Deus é confiável.

Há dois outros elementos distintos sobre a situação pela qual o salmista protesta. Primeiro, a violência e a opressão caracterizam toda a cidade e, segundo, quando afetam o salmista, elas vêm pelas mãos de pessoas nas quais o salmista confiava. Pode-se ver uma conexão entre esses elementos. A vida comunitária depende da confiança mútua entre as pessoas, mas, quando as palavras que elas expressam não são confiáveis, isso não afeta somente as relações interpessoais, mas abala a vida da cidade como um todo. Ou é possível ver a dinâmica reversa: quando pessoas sem princípios corroem a vida da cidade, os indivíduos deixam de ser confiáveis uns aos outros. O salmista confronta, diretamente, o amigo que se tornou um enganador: "Foi você, alguém que eu considerava meu amigo!" Talvez o outrora amigo esteja presente apenas na imaginação do salmista; talvez o salmo imagine a comunidade reunida em adoração e objetive confrontar diretamente essa pessoa.

Quando uma mulher sofre um estupro, com frequência o ato é praticado por alguém conhecido, um suposto amigo ou um parente, e esse salmo tem sido considerado especialmente apropriado para uma vítima de estupro ou outra forma de abuso sexual, a quem o salmista dá voz quando essa oportunidade lhe é negada.

Durante os últimos dias, as pessoas na costa leste dos Estados Unidos têm sofrido com a passagem do furacão Irene, que a imprensa relata estar entre os dez desastres que mais prejuízo causaram na história norte-americana. Enquanto o nível do rio Rock subia, no domingo pela manhã, em Williamsville, Vermont, os bombeiros iam de casa em casa, avisando os moradores que eles tinham horas, talvez minutos, para deixarem as suas moradias, que estavam sob a ameaça de serem inundadas pelas águas do rio. Algumas residências não foram afetadas; outras foram inundadas parcialmente e, pelo menos, uma foi completamente tragada pelas águas. Numa manhã de domingo normal, muitos dos oitocentos residentes do vilarejo estariam se preparando para ir ao culto da igreja. No que será que eles pensavam nessa manhã de domingo?

O salmo 56 entrelaça expressões de medo e de confiança de um modo aparentemente contraditório, mas que reflete como as coisas são em momentos de crise. Quando falamos de pessoas envolvidas em atos de bravura, às vezes podemos nos referir a elas como destemidas, mas intrepidez, às vezes, envolve estupidez, e a ação destes não envolve nem coragem nem confiança em Deus. O medo é um instinto humano, divinamente criado, que nos encoraja a evitar o perigo; o medo levou muitas pessoas sensatas a abandonarem as suas casas quando o furacão Irene se aproximou. Quando as pessoas realizam atos de bravura, em situações nas quais estão, compreensivelmente, temerosas, é que elas demonstram coragem. Em circunstâncias assim é que a questão sobre a confiança em Deus surge. Na história de Davi, há dois incidentes ocorridos em Gate, em 1Samuel 21 e 22 e 27—29, embora nenhum deles mencione a captura de Davi pelos filisteus.

O salmo fala de modo paradoxal sobre essas dinâmicas, mas o faz adequadamente. Após poucas linhas, o salmista diz: “No dia em que eu tiver medo, confiarei em ti” e “Não tenho medo: o que a carne pode me fazer?” Talvez isso signifique: “Quando tenho medo, começo a confiar e paro de sentir medo.” Mas talvez isso implique que podemos ter medo e não ter medo ao mesmo tempo. Sentimos medo, pois é uma reação racional diante do perigo que nos assalta. No entanto, podemos não ter medo no sentido de sermos subjugados ou paralisados por esse sentimento (há um livro cujo título é: Tenha medo... e siga em frente, de Susan Jeffers). De qualquer modo, a confiança em Deus é o antídoto para o medo, porque a realidade de Deus é maior do que a realidade do objeto que provoca o medo em nós.

A resposta não é meramente confiança. No musical O rei e eu, Anna canta: “Sempre que sinto medo, ergo bem alto a cabeça, assobio uma melodia feliz e ninguém suspeita dos meus temores.” Ela descobre que, além de enganar as demais pessoas, ludibria a si mesma: “A felicidade na melodia me convence de que eu não estou com medo.” Assim, você pode ser tão corajoso(a) quanto finge ser, enquanto assobia uma melodia feliz. Essa dinâmica não deve ser desprezada, mas não é a dinâmica do salmo 56. Aqui, é importante que a confiança tenha um foco, e a bravura, portanto, tenha uma base.

A chave para uma confiança fundamentada repousa na linha “Em Deus, cuja palavra eu louvo, em Deus eu confio”, que recorre, mais tarde, no salmo. Tipicamente, o “refrão” é repetido com uma variação; a convenção ocidental aprecia refrãos idênticos, mas o livro de Salmos dá preferência a refrões com variações. Quando falam sobre a “palavra de Deus”, regularmente referem-se ou aos mandamentos de Deus ou às promessas divinas (embora a Escritura seja um depósito de mandamentos e promessas de Deus, ela não se autodenomina como a “Palavra de Deus”). Quando citam a confiança, a referência é às promessas de Deus. O salmista, portanto, poderia estar nos encorajando a pensar na confiança em relação às promessas gerais de Deus quanto a cuidar e proteger o seu povo (promessas com as quais devemos estar familiarizados para, em momentos de crise, lançarmos mão delas), ou de confiança em uma promessa específica feita a nós por Deus. Seja como for, essas promessas se tornam objeto de louvor. O louvor pela promessa divina ou a confiança na promessa de Deus possibilita vencer o medo; seja deixando de temer, seja mantendo a cabeça erguida apesar do medo. Nós, portanto, provamos que a confiança é que dá substância às coisas pelas quais esperamos (como expresso em Hebreus 11). Isso traz à tona a realidade das coisas (p. ex., a nossa libertação por Deus), mesmo que estejam no futuro em vez de no presente.

A confiança também evoca a realidade das coisas que são atuais e reais, mas estão invisíveis (como Hebreus 11 também declara) e nos fornece uma base para o restante. Eu não consigo ver Deus, assentado no céu, com um registro dos meus lamentos ou segurando um recipiente com as minhas lágrimas, mas sei que essa é a situação real. E, do mesmo modo que eu sei que Deus cumprirá a sua palavra, comprometo-me a cumprir a minha promessa a Deus de que apresentarei uma oferta de gratidão quando ele me resgatar. Então, posso retomar a minha vida, normal e segura, diante de Deus.

Tenho pensado muito sobre memória. Devido a um comentário feito por um aluno, descobri-me refletindo sobre o fato de que não nos preocupamos muito com a ligação entre a memória e a nossa vida com Deus — nossa ética e a nossa espiritualidade —, embora haja inúmeros livros a respeito da psicologia da memória. Deparei-me com a afirmação de que "lembrar" é o mandamento mais frequente na Bíblia, em que pese a observação da minha esposa quanto a achar que "Não tenha medo" constituísse a ordem mais presente na Escritura. Então, percebi que as duas expressões podem estar ligadas. Uma das chaves para evitar o medo é a lembrança.

O salmo 57 implica o mesmo. Ele vive no presente, no futuro e no passado. A realidade negativa do presente é a destruição, a perseguição, seres humanos sendo devorados (talvez sejam leões devorando os humanos, ou, talvez, seres humanos "devorando" outros seres humanos, como feras), e pessoas capazes de cometer atos terríveis por meio de suas palavras (p. ex., mentir para prejudicar ou causar a morte de alguém). O aspecto positivo do presente é a realidade de Deus, do compromisso e da veracidade de Deus e, portanto, da possibilidade de depender de Deus e confiar nele e de possuir uma mente firme e resoluta. Essa posição leva a uma atitude em relação ao futuro. Estou disposto a me deitar entre esses leões; não tenho medo deles. Deus porá um fim nessa crise. Na verdade, estou ansioso pelo momento no qual poderei louvar a Deus com tamanho entusiasmo que precisarei despertar o meu coração, os meus instrumentos e a própria alvorada, que estava ansioso por um momento ou dois a mais de sono, mas precisa encarar a minha impaciência.

Uma chave para ter essa atitude em relação ao futuro é a relembrança do passado, expresso no início da segunda parte do salmo. "Já passei por esse caminho antes", o salmista observa. As pessoas me atacaram e, então, caíram na mesma armadilha que armaram para mim. Tentaram trazer desastres sobre mim por meio de mentiras, mas os anciãos, junto ao portão da cidade, viram o engano delas, e os agressores pagaram por isso. Pelo fato de eles terem armado uma rede e serem aprisionados por ela, a minha mente pode permanecer firme. Relembrar o passado é a chave para viver no presente e ter esperança quanto ao futuro. Isso não torna a oração desnecessária; a torna possível. O salmo inicia-se com uma oração pela graça de Deus e encerra cada metade com uma oração para Deus se elevar acima dos céus e para que a honra de Deus esteja sobre toda a terra. Essa oração repetida conecta-se com o compromisso do salmista de confessar Deus

entre as nações porque o compromisso divino e a sua veracidade são tão grandiosos quanto os céus. Deus é grande na terra, assim como nos céus; a ação divina fornecerá uma demonstração desse fato. Confessar essa verdade capacita as pessoas que expressam ou entoam o salmo a seguir o mesmo processo de recordação e de encorajamento vicário. Quando se tornam familiarizadas com o modo pelo qual o salmo funciona, então as pessoas podem se beneficiar com essa experiência, caso passem por uma situação similar.

A referência à história de Davi, na introdução do salmo, sugere uma alusão aos incidentes em 1Samuel 21, 22 e 24.

Um evento, relativo aos festejos do ano-novo, chamado Parada das Rosas, passa em frente à nossa casa. Contudo, nesse ano, os organizadores estavam em pânico diante da possibilidade de haver manifestações destinadas a perturbar o evento e promover ondas na TV. Aqui, como em cidades europeias e inúmeros países do Oriente Médio, as pessoas que carecem de empregos adequados, e/ou habitação, e/ou alimentação suficiente, ou aquelas que são solidárias aos carentes, responsabilizam as pessoas no poder, que possuem bons empregos, casas espaçosas e alimentação em abundância, pela carência e escassez das demais e/ou as consideram coniventes com a pequena parcela da população que realmente vive muito bem. Poder e prosperidade andam juntos, do mesmo modo que a impotência e a carência, quer a pessoa no poder seja eleita democraticamente quer governe como um autocrata. Reconhecidamente, os manifestantes podem superestimar a capacidade das pessoas no poder de fazer algo por suas necessidades, da mesma forma que podem subestimar as forças que restringem os governantes dotados de boa vontade, que realmente se importam com o povo que lideram. Quando o Novo Testamento fala sobre essas dinâmicas, às vezes são citados poderes e autoridades (principados e potestades, em algumas traduções), para sugerir que existe algo sobrenatural em relação a eles. Isso se encaixa na nossa percepção de que as dinâmicas de ordem e desordem em nosso mundo parecem mais do que meramente humanas.

O salmo 58 faz a mesma presunção, ou, pelo menos, manifesta a mesma ambiguidade. Eu entendo que o salmo se refere a “deuses”, embora algumas traduções usem essa palavra para denotar poderosos governantes humanos. Seja como for, o salmo reconhece que o jogo político mantém as questões sobre poder separadas das questões quanto à justiça e à fidelidade. Ou reconhece o que os manifestantes veem, que os seus governantes não atuam de maneira a dar prioridade à integridade e à preocupação do povo que lidera, ou reconhece tais características como um nível adicional em relação à realidade. Existem forças sobrenaturais operando por meio dos governantes humanos, às quais são cínicas com respeito à justiça e à fidelidade.

As pessoas preocupadas com a condição da sociedade na qual vivem, então, precisam reconhecer que as forças que atuam contra o bem-estar humano são mais do que meramente humanas. Isso torna a oração um elemento fundamental no exercício do interesse pela sociedade, uma oração que reconheça essas realidades. O salmo começa dirigindo a palavra a essas próprias forças, de modo

a ser, naquele ponto, mais um ato de profecia do que uma oração, um pouco similar aos atos proféticos de Jesus quando ele ordena que um espírito mau deixe um indivíduo. No entanto, o salmista segue e se dirige a Deus, que ouve o desafio feito às forças e é desafiado a fazer algo a respeito delas.

A oração é designada a pessoas desesperadas, impotentes, ameaçadas pelos poderosos, que são tão perigosos quanto serpentes mortais e que não dão ouvidos a ninguém que tente impedi-los de usar o seu potencial venenoso. Tais pessoas são tão perigosas quanto leões, cujas potenciais vítimas precisam, simplesmente, que eles desapareçam. As vítimas não objetivam fazer justiça, pois sabem que Deus é quem a exerce. Então, as entidades cósmicas que governam este mundo debaixo de Deus operarão de acordo com quem Deus é, não segundo os seus próprios interesses.

Embora as vítimas desesperadas tenham o direito de sentir esse anseio, os privilegiados — que constituem a maioria dos que leem este salmo — igualmente detêm a responsabilidade de compartilhar esse anseio e de orar dessa forma. E, caso jamais nos sintamos desesperados, o melhor a fazer é nos familiarizarmos com a sua dinâmica para usá-lo quando necessário.

As pessoas no final da nossa rua estão indignadas. Há um projeto habitacional de baixo custo cujos residentes estão revoltados porque o local se transformou em um reduto de traficantes e local de constantes conflitos entre as gangues. Os oficiais e policiais da cidade estão frustrados porque investiram muito esforço e energia na tentativa de limpar a região, mas fracassaram. Há um pequeno supermercado, que inclui uma loja de bebidas (com vidros à prova de balas em torno da caixa registradora), no qual, ocasionalmente, faço compras; os seus proprietários estão irritados por sentirem que estão sendo tratados como bodes expiatórios pela polícia em conexão com o uso de drogas, brigas e o mercado de filmes piratas em seu estacionamento, sem esquecer da prostituição. Outros moradores naquela vizinhança estão enraivecidos pela falta de ações eficazes por parte do departamento de polícia. É, de fato, assustador quando uma situação envolve a ira de tantas pessoas.

Existe uma grande dose de ira no salmo 59. Trata-se de um salmo designado a alguém que está revoltado por ser vítima de pessoas ensandecidas (a exemplo de Davi, em 1Samuel 19). Estas são “pessoas assassinas” — literalmente, “pessoas que derramam sangue”. Elas ficam à espreita, aguardando uma oportunidade de cumprir o seu intento, mas também correm para assumir a sua posição — a tensão entre essas duas descrições já sinaliza que necessitamos lidar com a forma de o salmo falar por meio de metáforas poderosas. Tais pessoas são como cães que uivam e rosnam; possuem espadas em sua boca; atingem os seus intentos assassinos por meio de acusações falsas que têm o significado potencial de morte para aqueles que elas atacam. Podem agir diretamente, fazendo-os serem declarados culpados por algum delito passível de pena de morte; palavras tais como “rebelião”, “ofensa” e “transgressão” podem sugerir orar a outros deuses. Ou podem agir indiretamente, expulsando-os de suas fazendas, apropriando-se dos seus rebanhos e, portanto, da vida deles. Essa é a eficácia do “juramento e a mentira que eles proclamam”. A descrição dessas pessoas como estrangeiros também nos leva a pensar na situação de Neemias, que está sob grande pressão das pessoas de outras comunidades, em Jerusalém, o que o leva, a ficar igualmente inflamado.

Talvez essas pessoas não estejam, de fato, ensandecidas, agindo até mesmo friamente. Ou, ainda, podem agir assim por acreditarem na verdade das suas acusações. Por outro lado, a pessoa acusada sente revolta pelas acusações serem tanto falsas quanto perigosas, que ameaçam não apenas a sua vida, mas a vida de

todos os seus familiares. Assim, o acusado não deseja ser meramente resgatado desses acusadores, mas anseia pela queda deles. O seu simples resgate não faz justiça ao tamanho do malfeito praticado por eles. Então, surge aquele arrepiante pedido para que sejam derrubados, mas mantidos por perto — uma morte rápida seria muito boa para eles e impediria que servissem de exemplo para outras pessoas. Em outras palavras, é possível ver a pena de morte como um agente de dissuasão, mas, igualmente, é possível ver um valor dissuasivo na manutenção da vida. No entanto, sem se preocupar com consistência, o salmista segue pedindo a Deus para executá-los. Ele sabe que a ira de Deus se inflama pelo tipo de transgressão ao qual ele está sendo submetido e deseja que Deus expresse a sua fúria.

Que liberdade o livro de Salmos concede às pessoas em suas orações quando elas estão desesperançadas e sob grave perigo!

Ontem, na igreja, o texto selecionado para a leitura do Evangelho, Mateus 18, incluía a promessa de Jesus de que, se duas pessoas concordarem sobre qualquer coisa que pedirem, o nosso Pai celestial lhes concederá. No entanto, inúmeras pessoas passam pela experiência de Deus não fazer algo sobre o qual elas e seus amigos concordaram em orar. Poderíamos, ainda, ler a promessa de Jesus de que aqueles que buscam o reino de Deus não terão falta de alimento ou de roupas e refletir que nem sempre isso é uma realidade.

O salmo 60 inicia-se com a experiência das promessas de Deus não sendo cumpridas na experiência do povo. A promessa está presente no meio do salmo. Ela remonta a um período anterior à entrada de Israel em Canaã. Segundo o relato do Antigo Testamento, o povo peregrinou até lá, fugindo do Egito com promessas implausíveis de Deus soando em seus ouvidos. As linhas centrais do salmo as resumem de modo poético (em outras palavras, não há uma promessa utilizando essas mesmas palavras em Êxodo ou Josué, mas o salmista sumariza as implicações das promessas de Deus em imagens vívidas). Quando você faz uma promessa, pode jurar por algo ou alguém superior a você mesmo, como um templo, mas Hebreus 6 observa que Deus enfrenta o problema de não haver nada ou ninguém superior a ele pelo qual possa orar e, desse modo, jura por seu próprio nome, ou, no caso de Salmos 60:6, “por sua santidade”. Com efeito, Deus diz: “Se eu não cumprir o que estou afirmando aqui, então não mereço ser considerado o Santíssimo.” São, de fato, promessas solenes.

Deus, então, fala como o guerreiro que almeja assumir o controle de Canaã. Siquém é a maior cidade cananeia, a cidade em que Josué e os clãs israelitas celebraram, de fato, a conquista daquele território por Yahweh (Jerusalém era uma cidade pequena e sem relevância até Davi torná-la a capital do seu reino). Sucote situa-se no outro lado do Jordão, em uma área que não é estritamente parte de Canaã, mas na qual alguns clãs israelitas se estabeleceram. Gileade e Manassés, igualmente, sugerem o território como um todo, no qual Yahweh intenciona distribuir os clãs de Israel. Gileade e Manassés também sugerem as regiões a leste do Jordão — Gileade é o nome de grande parte desse território, embora Manassés fosse o clã predominante ali representado. Efraim e Judá, então, representam as áreas a oeste do Jordão. Eles se tornaram os principais clãs do Norte e do Sul, dando os seus nomes aos dois reinos resultantes da divisão de Israel, após o reinado de Salomão. No imaginário do salmista, esses dois clãs constituem o arsenal que Deus usará na conquista do controle do território.

Há, então, um grande contraste entre o senhorio de Deus sobre essas nações e os seus povos e a maneira pela qual Deus descreve Moabe, Edom e a Filístia. Deus nada tem contra esses povos; se eles se ocuparem apenas de seus interesses, ficarão bem. Deus não possui desígnios quanto ao território de Moabe e de Edom. No caso dos filisteus, eles levantam uma questão diferente por não serem ocupantes de longa data, naquele território, ao contrário de Moabe e de Edom, lembrando mais os europeus tardios do outro lado do Mediterrâneo. Eles serão sábios se não iniciarem uma competição com Yahweh pela posse de Canaã. Isso não deve nem passar pela mente deles, diz Deus a Moabe, Edom e Filístia, pois se tentarem isso... Contudo, eles assim tentaram e, nos dias de Davi, todos eles já tinham sido colocados em seu devido lugar.

O problema é que a situação não permaneceu assim e, em momentos distintos no decurso dos séculos seguintes, Moabe, Edom e Filístia foram capazes de ameaçar a posse do território pelo povo de Yahweh. Davi precisou subjugar cada um desses povos (veja a introdução ao salmo e os relatos em 2Samuel 8 e 10); daí o protesto na primeira seção do salmo. Após a sua queixa, o ponto sobre citar a promessa divina é desafiar Deus quanto ao não cumprimento. Assim, a última seção reitera o protesto, mas não para aí, prosseguindo com o desafio para Deus agir de acordo com a promessa. O salmista reconhece que as pessoas são impotentes sem Deus. Igualmente, indica como o mero fato de Deus não ter cumprido a sua promessa hoje não impede que as pessoas sigam crendo que ele poderá cumpri-la amanhã.

Durante uma eleição presidencial recente, uma organização falsa, denominada American Institute of Mentality [Instituto Americano de Mentalidade], publicou os resultados de uma pesquisa a respeito da questão: “Por que alguém deveria concorrer à presidência?” A conclusão foi que os candidatos presidenciais se enquadram em duas categorias. Ou é um santo, uma pessoa desprovida de interesse pessoal que deseja ser presidente para auxiliar o povo, no caso dos Estados Unidos, ou, com mais frequência, um narcisista patológico que não se preocupa com ninguém além dele, uma pessoa preocupada com sua aparência física e que aprecia uma bajulação constante (foi estranho o relatório não falar nada sobre a sede de poder). É estranho insistirmos em eleger alguém que deseja ser presidente. Isso deveria ser considerado um elemento desqualificador.

A força da monarquia é ela ser menos propensa a gerar líderes que desejam esse papel. Isso também nos faz sentir simpatia por pessoas que por acidente nasceram em uma perigosa e exigente linha sucessória de um rei ou de uma rainha, pelo menos em contextos nos quais as monarquias exerciam um poder real e exigiam a presença do comandante-chefe nas batalhas, à frente do exército. Não é por acaso que muitos dos salmos de oração sejam destinados para o monarca orar. O salmo 61 sinaliza que é um desses salmos, por sua referência ao rei. Em outras palavras, o rei refere-se a si mesmo e a outros reis como ele; não se trata de um cidadão comum que, repentinamente, faz menção ao rei.

É o próprio rei, então, que precisa fazer a urgente oração que ocupa a primeira parte do salmo. Podemos facilmente imaginá-lo clamando desse modo importuno, enquanto ele sai para cumprir a responsabilidade militar que pesa sobre seus ombros por haver nascido na família errada, não por ter frequentado uma academia militar e se preparado nela. O salmo convida o rei a confiar em Deus e a crer que as suas orações e os compromissos que expressou por meio delas foram ouvidos por ele, e que Deus, de fato, assegurou ao seu povo a posse daquele território (isso significa que os povos que tentam expulsá-los não lograrão êxito). O salmista o convida a viver com esperança em meio ao perigo, com o conhecimento de habitar na tenda de Deus: em outras palavras, mesmo quando o rei está distante do templo, no campo de batalha, ele não está longe da presença de Deus. Ele pode orar para que o compromisso e a veracidade de Deus o protejam.

Podemos deixar de lado o fato de alguns salmos serem escritos para o rei orar e usá-los em nosso próprio benefício, como cidadãos comuns; mas, então, podemos ignorar um dos motivos pelos quais esses salmos são importantes: eles nos incentivam a orar por nossos governantes e líderes. Desse modo, devemos orar esses salmos tendo os nossos líderes em mente.

Certo amigo foi cumprir um retiro de silêncio por um mês (ele está respondendo a e-mails, o que parece ser uma trapaça, mas, então, assim também o é em relação a lermos e ouvirmos as conversas). Ele necessita conhecer qual é a próxima etapa em sua vida e em seu serviço a Deus e deseja ouvir a Deus no silêncio. Outro amigo, recentemente, submeteu-se a um período de duas semanas de silêncio com o objetivo de realizar os exercícios elaborados por Inácio de Loyola para nos ajudar a discernir onde estamos em relação a Deus. Creio que as pessoas necessitam desses períodos de silêncio com o fim de permitir que os ruídos da vida saiam dos ouvidos, mas, ainda assim, impressiona-me o fato de a Escritura, praticamente, não encorajar o silêncio — daí a necessidade de darmos um novo significado a um versículo similar em Salmos 46:10: “Parem e reconheçam que eu sou Deus.”

O salmo 62, claramente, possui um ideal de silêncio, mas a sua lógica é diferente daquela da espiritualidade ocidental e a do salmo 46. Aqui, o silêncio em relação a Deus é uma expressão de confiança nele. Essa atitude igualmente significa que o salmo 62 contrasta agudamente com outras orações presentes no Saltério. Em muitas delas, as pessoas protestam de maneira ruidosa e consistente em suas súplicas, embora as orações, nas quais a confiança é uma característica mais dominante que o protesto, estejam mais próximas ao salmo 62 em seu caráter. Uma vez mais, o Saltério amplia a gama de formas com que convida as pessoas a orar. Com frequência, estabelece diante de nós a possibilidade de sermos mais francos e barulhentos em nossa oração; aqui, determina diante de nós a possibilidade oposta. Não existem regras de oração, exceto a de começar como você está, mas também de estar aberto a uma nova liberdade que você ainda não abraçou.

O salmo não pressupõe que a confiança possa ser facilitada pelo fato de a situação não ser tão opressora. Antes, pressupõe a súplica de alguém que está sob grande pressão de pessoas dispostas a cometer assassinato. A referência ao engano, provavelmente, sugere que essa situação, como de costume, não precisa significar que os agressores estão atacando fisicamente a sua vítima; antes, estão adotando ações e medidas legais ou diplomáticas que podem, no fim das contas, levá-la à morte. Embora finjam ser apoiadores, por trás das cortinas estão desprezando a vítima e planejando a sua queda. No momento em que ela estiver em uma posição elevada (novamente, podemos pensar em alguém como Neemias), ainda assim estará tão vulnerável quanto um muro ou uma cerca que

alguém começou a demolir. Assim, é bom que ele tenha alguém superior a ele mesmo, como uma rocha na qual possa se refugiar.

Portanto, a vítima está em uma posição elevada, porém parece vulnerável; do mesmo modo, os seus agressores parecem pessoas impressionantes, mas, na realidade, são vulneráveis. Ao contrário, a vítima não está, de fato, vulnerável, pois ela possui aquele refúgio para protegê-la. Eles é que estão desprotegidos, pois a aparente força deles é enganosa. Expressando em termos humanos, eles podem ter músculos, influência e recursos do seu lado, mas, por serem apenas de caráter humano, são vazios e inúteis. Utilizam o engano como arma, mas, na verdade, eles é que são vítimas do autoengano.

O salmista fala sobre permanecer em silêncio em relação a Deus e pratica o que prega na maior parte do salmo. A princípio, ele se dirige aos agressores. Na segunda vez que aborda o silêncio, o salmista fala a si mesmo. Ele está aceitando o argumento interno que uma relação com Deus, frequentemente, envolve. A confiança expressa pela declaração inaugural sobre o silêncio é parte do que o salmista afirma; ele também tem ciência do esforço envolvido na manutenção daquela afirmação.

Grande parte da segunda seção, no entanto, dirige-se a outras pessoas na comunidade, que poderiam ou deveriam estar do lado do salmista, mas precisam que sua confiança e coragem sejam fortalecidas. Elas necessitam ser encorajadas a não se unirem aos agressores na crença de que a chave para o sucesso na vida seja o acúmulo de recursos. Somente no último versículo é que o salmista rompe o silêncio em relação a Deus, embora com a intenção de que outras pessoas o ouçam. A Deus pertence tanto a força quanto o compromisso — a capacidade de apoiar alguém que parece vulnerável e a disposição de fazê-lo. Não se trata apenas de uma questão teórica. Deus está envolvido no mundo e cuida para que as pessoas obtenham o que elas merecem. Para o caso de estarmos inclinados a questionar se as coisas são realmente assim, Jesus reafirma isso em dois textos, em Apocalipse 2 e 22.

Ao mudar-me para os Estados Unidos, eu não tinha conhecimento de que Jesus é um nome comum na comunidade hispânica, tampouco sabia que a pronúncia de Jesus, em espanhol, é “Heysus”, o que reduz a confusão. A diferença na pronúncia é a chave para a nossa canção favorita, gravada por um cantor que fomos ouvir ontem à noite: “Jesus Lives in Juarez, Mexico” [Jesus vive em Juarez, México]. Juarez é a cidade gêmea de El Paso, no Texas, e estão localizadas em margens opostas do rio Grande. Outrora, havia livre trânsito entre as duas cidades, mas não hoje em dia. Não é uma situação fácil para os mexicanos que desejam entrar nos Estados Unidos à procura de trabalho e, de um modo distinto, não é fácil para os norte-americanos estarem cientes da reputação da cidade de Juarez quanto a ser a capital mundial dos assassinatos — não somente por ser um lugar crucial na conexão com o tráfico de drogas. Na canção, o Jesus mexicano relata ao contador de histórias o lado árduo de ser um trabalhador imigrante, encorajado tanto pela fé quanto pelo desespero. Não obstante, há gentileza, paz e graça com relação a esse Jesus que transmite algo ao contador de histórias com sua própria e distinta necessidade. Jesus vive em Juarez, México.

Os salmistas são como contadores de histórias; às vezes, relatando diretamente a sua própria experiência e, outras vezes, compondo textos que capacitarão outros a expressar o que desejam (a exemplo dos autores dos hinos e das orações modernos). A pessoa para a qual o salmo 63 foi escrito estava em uma posição semelhante à do Jesus de Juarez. Similarmente a inúmeros salmos, este retrata a pessoa que irá orar o salmo como vivendo na capital do assassinato de seu próprio mundo. Com frequência, eles também são aprisionados em lugares nos quais não desejam estar. A exemplo de muitas pessoas, o Jesus de Juarez está preso em uma dupla armadilha. As opções são a pobreza e a vida perigosa em Juarez, ou o isolamento e as agruras do trabalho braçal em “el Norte”, isto é, “nos Estados Unidos”. No entanto, o contador de histórias sente que o Jesus de Juarez vive na companhia do Jesus de Nazaré, o que impede sua armadilha de ser uma prisão. A visão do salmista para aquele que ora o salmo é similar a essa: a esperança de que, apesar de viver na capital mundial dos assassinatos, ele viverá ali na companhia de Yahweh.

Como ocorre com o salmo 62, a eventual menção ao rei, na última linha, sugere que seja um salmo para ser orado pelo monarca (assim, outra imagem para os salmistas é de que sejam como redatores dos discursos presidenciais). Na maior

parte do salmo, o rei ora apenas por ele mesmo, porém, na derradeira linha, ele se coloca na linhagem de reis com os quais Deus está comprometido. A introdução nos convida a estabelecer uma ligação com as histórias sobre Davi, em 1Samuel 22—25 e/ou 2Samuel 15—17; nos dois contextos, Davi se encontra exilado de Jerusalém ou Belém e preso no deserto. A exemplo do Jesus de Juarez, a pessoa no salmo é capaz de viver com a frustração e a dor daquela circunstância porque o Deus presente em Jerusalém é o mesmo Deus que está presente no deserto. Da mesma forma que outros salmos, o salmo 63 convive com a aparente contradição entre Deus ser especialmente acessível no templo, onde as pessoas podem levar as suas ofertas ao palácio divino e, igualmente, as suas súplicas a Deus, e o fato de Deus não estar confinado ao seu palácio, mas presente e acessível em todo o seu território e fora dele.

O valor de estar na cidade e no palácio de Deus significa que o rei pode não estar satisfeito por estar longe dali. Para encorajar-se, ele olha tanto para o passado quanto para o futuro. Ele olha para os tempos passados nos quais via Deus ali e contemplava o poder e a honra de Deus. Talvez ele esteja se referindo ao que viu com os olhos da fé, enquanto as histórias de Deus eram recontadas ali. É possível que seja uma referência a ver o baú da aliança no templo, sobre o qual Yahweh se assenta, invisivelmente, entronizado, ou a visão de outros símbolos da presença e da atividade divinas (os israelitas, com frequência, confeccionaram imagens visíveis de Deus, apesar de serem proibidos de fazer isso, mas, presumidamente, não é isso o que o salmista tem em mente). Ele recua a sua visão aos tempos nos quais Deus provou ser libertador, protetor e sustentador. Igualmente, anseia estar, de novo, envolvido em tal adoração no futuro, e o faz com a convicção de que o compromisso de Deus não muda; uma vez mais, ele experimentará libertação, proteção e provisão.

Recentemente, estive verificando as advertências atuais sobre viagens do Departamento de Estado dos Estados Unidos, uma lista de lugares nos quais "condições duradouras e prolongadas que tornam o país perigoso ou instável levam o Departamento de Estado a recomendar que norte-americanos evitem ou considerem os riscos de viajar para aquele país". Os países são listados de acordo com a data na qual foram incluídos na lista, mas todos o foram nos últimos meses. Quase no topo da lista está o Chade, destino para o qual a minha enteada e o marido dela estarão viajando em poucas semanas, em mais uma das constantes viagens decorrentes do trabalho em benefício dos refugiados darfuri. Bem mais abaixo está Israel, onde a minha esposa e eu planejamos ir no próximo ano, e logo após vem as Filipinas, o nosso destino em poucas semanas. Ainda mais embaixo, está o México, sobre o qual estávamos, há pouco, refletindo como destino de alguns dias de férias.

Em qualquer um dos países citados, há milhões de pessoas comuns e respeitáveis. Embora as nossas visitas a esses lugares possam nos expor a perigos ligeiramente maiores do que dirigir nas rodovias de Los Angeles, esses milhões de pessoas passam a vida toda expostos ao perigo de serem apanhados no fogo cruzado entre as diferentes gangues, facções ou milícias, ou entre os criminosos e as forças policiais ou militares. Eles podem descobrir-se sob a pressão de ter de optar por um grupo ou por outro, pressão que pode incluir ameaças contra os seus filhos e contra a sua própria vida; a neutralidade não é uma opção.

Nesse contexto, a pessoa é encorajada a orar, a confiar em Deus e a relembrar. O salmo nos incentiva a orar por pessoas que passam a vida nesses países incluídos na lista do Departamento de Estado como muito perigosos para uma visita, e isso nos ajuda a ver como podemos orar. Suponha que não seja a primeira vez que você passe por essa experiência, ou imagine que ela tenha ocorrido a alguém de sua família ou a um conhecido da sua vizinhança. Suponha que seja capaz de relembrar a forma miraculosa pela qual essas outras pessoas escaparam do destino que as ameaçava. Você sabe como os próprios agressores foram enredados por suas próprias armadilhas; ouviu a história e sabe como as pessoas oraram ou dobraram os joelhos em admiração e louvor a Deus.

Tudo o que pode fazer quando sabe que os agressores podem bater à sua porta é relembrar aquele evento e se alegrar em Deus, buscando-o e confiando nele e,

então, suplicar para que ele o ouça, o proteja e o esconda. Você sabe que, às vezes, as pessoas que buscam a Deus são assassinadas. Igualmente, sabe que, em outras vezes, Deus resgata e protege; assim, você suplica para que essa seja a sua experiência.

Uma estudante animada e de aparência respeitável contou-me a história da sua vida. Ela havia reagido contra uma educação cristã enquanto estava na faculdade e (entre outras coisas) envolveu-se com drogas e com um rapaz de comportamento abusivo. Como é da natureza desses relacionamentos, parecia impossível escapar dele por meio de um simples término ou abandono, mas, à medida que a situação piorava, ela sentia-se cada vez mais oprimida pela consciência de estar naquela confusão por ter virado as costas à sua educação cristã. Era como se ela houvesse se desviado para tão longe de Deus que, agora, não conseguia mais retornar. Ela, no entanto, buscou Deus desesperadamente e foi resgatada por ele.

A linha: “Embora as nossas rebeliões fossem muito fortes para mim, tu mesmo as expiaste”, me fez refletir sobre essa aluna. No Antigo Testamento, o trabalho de expiar a mancha que resultava do contato com coisas contrárias à natureza de Deus era de Israel. Existem coisas dessa espécie que não têm nenhuma relação com a moral; um exemplo clássico é o contato com um corpo morto. A morte é estranha à natureza divina, e, assim, a pessoa não podia ir diretamente à presença de Deus no templo após ter participado da preparação de um corpo para o sepultamento. Era necessário, pelo menos, observar um período de tempo até a mancha sair, mas, no caso de certas manchas, a pessoa deveria oferecer uma oferta. Deus declara que o sangue de um animal possui o misterioso poder de absorver a mancha, quase como um detergente absorvendo a mancha de uma roupa.

A transgressão moral e os atos de rebeldia contra Deus também resultam em uma mancha. Elas nos marcam como pessoas cujo ser é incompatível com Deus, mas é impossível remover a mancha do delito moral por meio de uma oferta. Tudo o que você pode fazer é lançar-se à misericórdia divina. Com efeito, é isso o que o salmista sugere quando fala de Deus expiar o nosso pecado. Sim, as nossas rebeliões seriam pesadas demais para nós. Enquanto escrevo, têm ocorrido rebeliões contra o governo em inúmeros Estados do Oriente Médio. Em muitos casos, os rebeldes lograram derrubar os governantes. E se o governante obter êxito em sua resistência, e os rebeldes, por fim, forem obrigados a desistir? Suponha, então, que eles apelem à misericórdia do governante. É pouco provável que o governante responda: “Está bem, voltem para casa e se comportem melhor no futuro.” Mas, na verdade, isso é o que Deus faz com os rebeldes. Embora expiar o pecado seja o que os seres humanos devem fazer, caso desejem ir à

presença de Deus, aqui (como, ocasionalmente, em outras passagens do Antigo Testamento) Deus se torna aquele que expia. Normalmente, as pessoas se apresentam a Deus com um sacrifício. O salmo em questão nos retrata indo a Deus com os nossos atos rebeldes. Isso é um escândalo, uma ideia sem sentido, que expressa algo da misericórdia divina.

Não admira que o salmo comece com a declaração de que o silêncio pode ser um louvor a Deus. Isso estabelece uma observação contraintuitiva sobre o silêncio que é comparável à observação que abre o salmo 62. O Saltério espera que o louvor seja ruidoso, mas esse salmo lança mão da consciência complementar de que as ações de Deus podem ser surpreendentes. O fato de Deus ouvir as súplicas dos rebeldes e expiar a mancha deixada pela transgressão nos deixa sem palavras.

O restante do salmo apenas reforça a natureza desconcertante de Deus. Ele não somente se recusa a tirar a vida por causa da rebelião; o ato de expiação de Deus torna a pessoa tão limpa que ele pode recebê-la em sua casa de braços abertos em vez de expulsá-la de sua presença. Isso é o que ocorre quando Deus o escolhe e o traz para perto dele.

Não que Deus seja exclusivista, como se determinasse escolher determinadas pessoas e não se interessar pelas demais. A natureza de Deus, como Criador de toda a terra, significa que todos os confins do mundo podem depositar sua confiança nele. Ele provê para o mundo todo (os pontos de entrada da manhã e da noite constituem os pontos extremos nos quais a alvorada e a noite iniciam — isto é, o extremo oriente e o extremo ocidente).

O vívido retrato da colheita nos faz refletir se esse salmo não pertence ao período da colheita. Se assim for, em alguns contextos, as pessoas que o entoavam poderiam estar igualmente, observando o Dia da Expiação, que ocorre em setembro ou outubro. Isso coadunaria com a observação do salmo sobre a expiação e a colheita. Yahweh é o Deus do perdão e o Deus da colheita.

Hoje completa mais um ano dos ataques do Onze de Setembro sobre os Estados Unidos. Por algum motivo, isso me fez recordar da minha primeira visita a este país, durante a Guerra do Golfo, em 1990. O avião estava apenas parcialmente cheio, o que me pareceu estranho, e pude esticar as pernas sobre muitos assentos para dormir. Mais tarde, descobri que os norte-americanos não estavam voando sobre o Atlântico porque todo o hemisfério oriental parecia um lugar perigoso; parecia mais seguro permanecer no hemisfério ocidental. Aquela sensação de estar em segurança no lar foi terrivelmente abalada pelos ataques do Onze de Setembro. Os Estados Unidos se uniram ao restante do mundo pela consciência de não haver mais aquela imaginada segurança contra ataques; todos os países estão vulneráveis.

O salmo 66 tem algumas implicações sugestivas dessa consciência. Reconhecidamente, o salmo discorre sobre a experiência de um povo muito menor, mas, naquele 11 de setembro, os Estados Unidos passaram pela própria experiência de serem restritos, controlados e subjugados pelo fogo (literalmente) e pela água. E, enquanto escrevo, não podemos realmente dizer que emergimos daquela experiência para o florescimento, a prosperidade, anteriormente conhecida.

A seção intermediária do salmo descreve como a pequena nação de Israel passou por aquela experiência de controle e de constrangimento, com fogo (de novo, literalmente) e água, mas o salmo é escrito em um tempo no qual Israel logrou sair do outro lado e está florescendo. O povo pode, agora, olhar para trás e ver que estava sendo provado e refinado. Uma crise assim mostra em quem você pode realmente confiar, onde reside a sua segurança e quem está no controle do mundo. As crises revelam caráter.

A primeira seção olha os bastidores do momento da libertação até um momento anterior, de volta ao início da história de Israel, quando Deus conduziu o povo pelo mar de Juncos e lidou com o exército egípcio que o perseguia. Uma implicação é que, ao passar novamente por uma experiência de ameaça e vulnerabilidade, a nação precisa refletir sobre o ato original de libertação, que estabelece o padrão cuja repetição é esperada. A vida do povo, como um todo, possui um lugar dentro do desígnio maior de Deus, e pode-se esperar que Deus aja de modo consistente com o cumprimento desse propósito.

As duas primeiras seções do salmo convidam toda a terra a vir e adorar ao Deus de Israel. Não existe mecanismo pelo qual o mundo ouve o convite (Israel entoa o salmo, mas poderia o mundo ouvi-lo?). No devido tempo, houve tais mecanismos, quando o Antigo Testamento foi traduzido para o grego, mas, inicialmente, o convite era figurativo; nos tempos do Antigo Testamento, somente Israel ouvia. Para essa nação, a relevância da imagem é lembrar da importância suprema de seu Deus e do envolvimento dela com isso. O padrão dos atos de Deus com Israel é designado a ser um padrão que beneficia outros povos, não um que os exclui. Os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha (leitores em outras partes do mundo podem colocar o nome do seu respectivo país aqui) não é o povo escolhido de Deus, mas, se estiver vulnerável e em temor, pode se voltar para Deus e reivindicar o padrão para si.

A última seção do salmo, então, indica que o mesmo modo de pensamento se aplica aos indivíduos (embora o tamanho das ofertas possa indicar que o salmista tenha em mente um líder tal como um rei ou um governante). Aqui, em vez de uma exortação aos outros povos para adorar a Deus, a seção inicia-se com um ato de compromisso para louvar a Deus por uma experiência individual, a exemplo daquelas descritas nas duas primeiras seções, que sobrevieram ao povo como um todo. A maneira com que Deus agiu em relação ao povo fornece aos indivíduos uma base para buscarem em Deus a libertação quando estiverem em apuros. Assim, enquanto o trabalho de Israel é de dar testemunho a todo o mundo quanto aos atos de libertação de Deus, o trabalho do indivíduo é prestar testemunho a todo o povo. A advertência quanto a você não poder clamar a Deus caso não olhe, de modo equânime, para o delito em seu próprio coração, aplica-se tanto aos indivíduos quanto às nações.

“Deus abençoe a América.” O fato de esta semana estar sendo caracterizada pelas lembranças do Onze de Setembro faz essa súplica ressoar novamente. Agora, o Antigo Testamento está propenso a fazer uma distinção entre bênção e libertação. Libertação é o que Deus faz quando você está em perigo e precisa de resgate; trata-se de algo ocasional. Bênção é o que Deus faz de modo mais regular, tornando a terra, os animais e as pessoas frutíferas. Após o Onze de Setembro, então, a minha inclinação é pensar que a oração apropriada, no momento, é “Deus liberte a América” ou “Deus proteja a América”.

O salmo 67, no entanto, me faz retornar ao equilíbrio, pois constitui uma exceção àquela regra diferencial entre libertação e bênção ou, pelo menos, afirma que elas, na verdade, estão relacionadas. Perto do fim, o seu pano de fundo torna-se claro: a terra produziu a sua colheita. Uma sociedade tradicional não pode presumir que a abundante colheita do presente ano assegure a mesma produtividade no ano seguinte. Não existem tais garantias. O sucesso da colheita atual não garante que haverá chuvas suficientes, nos períodos certos, ao longo dos nove meses seguintes, ou constitui uma salvaguarda de que não haverá pragas ou gafanhotos. Paradoxalmente, talvez, a bênção deste ano leve as pessoas a orarem mais diligentemente pela bênção do próximo ano. Será uma expressão da graça divina e resultará no brilho do rosto de Deus sobre eles. Constituirá o cumprimento da bênção cuja declaração ao povo Deus comissionou aos sacerdotes (veja Números 6).

Portanto, essa ligação entre a colheita do ano e a do próximo não é tão surpreendente. Mais impactante é a conexão entre elas e o reconhecimento do mundo a Deus. Por um lado, a oração quanto à bênção de Deus sobre a colheita de Israel conecta-se à bênção expressa por Arão em Números 6. Por outro, a oração de que essa bênção sobre Israel levará os confins da terra a reverenciarem Deus liga-se à bênção dada a Abraão, de que todas as nações orarão para serem abençoadas como Abraão é abençoado (Gênesis 12). A ideia é a de que o mundo verá o “caminho” de Deus, o padrão da ação de Deus em relação a Israel.

O salmo prossegue para estabelecer aquela conexão adicional entre libertação e bênção. A bênção divina levará ao reconhecimento dos povos quanto à libertação de Deus. Essas duas realidades estão interconectadas, pois constituem aspectos das atividades do mesmo Deus em relação ao mesmo povo. A libertação e a bênção de Israel pela ação divina são designadas a conduzir ao reconhecimento

de Deus. Não será um mero e relutante reconhecimento da atividade divina; as nações se alegrarão porque Deus não guia e exerce autoridade apenas sobre Israel. O padrão do envolvimento de Deus com o seu povo é, uma vez mais, designado a ser o padrão do envolvimento divino com todo o mundo. Você pode orar pela bênção de Deus sobre a colheita com mais convicção e persuasão quando indica que não está buscando apenas o seu próprio benefício, mas visa a que outras pessoas sejam beneficiadas e que isso traga honra a Deus.

Em conversas com pessoas que me questionam sobre realizar casamentos ou terem os filhos batizados em nossa igreja, tenho sido impactado, repetidas vezes, pela quantidade de crianças sem pais ou mães sem o cônjuge. Penso em um menino cujo pai está cumprindo uma longa pena, ou em uma menina cujo pai não está certo se deseja desposar a sua mãe. Lembro-me de duas crianças que são cuidadas pela mãe e pela avó, pois o pai foi embora. Mães sem marido podem preferir essa situação a estar casada com um homem abusivo ou inseguro quanto ao casamento, ou nem mesmo pensam nisso. Todavia, haverá um sentimento de solidão e de vulnerabilidade com respeito à sua situação.

Para os filhos sem pais e para as mães sem um marido, a declaração de que Deus também é o supervisor deles é muito importante. A palavra hebraica para supervisor ou protetor ou líder é uma variante do termo para alguém que exerce autoridade. A minha esposa educou a sua filha sozinha, durante muitos anos; o comentário dela é de que Deus foi, de fato, o seu pai e o seu supervisor, protetor ou líder. No contexto do salmo, os filhos não precisam ser necessariamente pequenos. O problema para os órfãos e viúvas é uma vulnerabilidade de ordem prática. A única maneira viável de viverem é no contexto de uma família, pois as famílias controlam a terra e, portanto, o alimento, e elas são lideradas pelo integrante masculino mais velho. Assim, um órfão adulto é tão vulnerável quanto uma viúva. Ambos são dependentes da benevolência da comunidade (o que significa que, quando os pais não são casados e/ou não assumem a responsabilidade por seus filhos, outras pessoas são afetadas), ou da sua disposição e capacidade de empregar alguém como um trabalhador diarista, ou da sua relutância em empregar mulheres para outras atividades que não o sexo. Em tempos difíceis, nem a benevolência nem o trabalho podem estar disponíveis. Desse modo, os órfãos e as viúvas são forçados a confiar em Deus.

Esse salmo de louvor lhes assegura que há uma base para essa confiança. O salmista, após falar sobre o que Deus fez, passa a descrever o que ele consistentemente faz, com a implicação de que o primeiro é o fundamento para crer no segundo, mesmo quando isso não parece ser verdade. A maior parte dos versículos da seção final fala no pretérito e mais parece um relato sobre como Deus conduziu o seu povo a Canaã na primeira vez. O retrato não é de uma jornada que eles empreenderam, com Deus guiando do céu, mas como uma jornada que Deus empreendeu, com Israel acompanhando ou seguindo. Deus obteve grandes vitórias na obtenção do controle da terra e, então, na conquista de

Jerusalém, em particular, para ser o lugar terreno de sua habitação. O salmo retrata uma impressionante área montanhosa como Basã, surpresa e até mesmo hostil pela preferência de Deus por aquela planície nada imponente. Descreve a atividade dos homens envolvidos na batalha e das mulheres, que cuidam dos rebanhos nesse ínterim e lideram a celebração pela vitória, além de participarem da partilha dos espólios (alguns detalhes da descrição são intrigantes). A provisão da chuva por Deus foi essencial para a terra ser propícia aos novos habitantes.

Contudo, o salmo inicia-se no tempo presente, com uma declaração de que a atividade agressiva de Deus não pertence apenas ao passado. Deus ainda age contra os infiéis e em benefício de pessoas em condição de vulnerabilidade, como os órfãos e as viúvas. Deus é descrito por uma série de nomes. Há o termo regular para “Deus” e o nome familiar Yahweh. Em adição, há o nome Yah, que aparece em meio a uma expressão como “aleluia” — pode ser uma versão anterior do nome do qual Yahweh, então, é uma elaboração. Ainda, há o nome Shaddai, igualmente um nome com um toque arcaico (ele aparece com mais frequência em Gênesis e Jó). Ele é similar ao verbo “destruir”, e essa conotação se encaixaria aqui. O poder agressivo de Deus é parte das boas novas para os órfãos e as viúvas, pois ambos necessitam de proteção, função que, em geral, é exercida por um pai ou líder. Um fator que poderia destruir famílias e, com efeito, transformar pessoas em órfãos e viúvas era a prisão de um pai ou de um marido, talvez por causa de um plano espúrio para obter a posse daquela família. Deus é aquele que liberta pessoas da prisão e restaura os seus lares.

Por ocasião de mais um aniversário dos ataques do Onze de Setembro, li um artigo, de autoria de um paquistanês, intitulado “Por que eles nos odeiam tanto?” O texto usou uma pergunta que os norte-americanos fizeram após aqueles ataques, mas a reverteu à luz das convicções atribuídas a pessoas no Paquistão e no Afeganistão, hoje, que se questionam quanto aos motivos pelos quais países como os Estados Unidos e a Grã-Bretanha os odeiam tanto. Eles percebem o ódio nas políticas que implementamos naqueles países, políticas que acreditamos serem do supremo interesse deles, mas que eles não conseguem enxergar dessa maneira. Isso ocorreu, então, apenas um dia depois de o Talibã lançar um devastador ataque às supostamente seguras instalações dos Estados Unidos e da Otan em Cabul.

Na era moderna, é tentador imaginar que o ódio e a violência apenas geram mais ódio e mais violência. O salmo não faz essa inferência (nem outras partes do Antigo e do Novo Testamentos), embora deixe o ódio e a violência para Deus (novamente, a exemplo de outras passagens do Antigo e do Novo Testamentos). Assim, nesse salmo, há pessoas designadas como adversários de Deus: pessoas infiéis, rebeldes, reis com exércitos, pessoas culpadas, os fortes e aqueles que amam a prata e se deliciam em confrontações militares (i.e., eles se alegram em promover guerras para obter mais recursos). Então, há Deus, que capacita os cativos a serem libertos e os desabrigados a terem algum lugar para viver, ao espalhar esses oponentes, esmagar a cabeça deles, destruí-los e pisoteá-los, ou impossibilitando a fuga deles para o Extremo Oriente ou para as profundezas (Basã ou o mar) — provando, portanto, ser o único que pode decidir quando as pessoas partem para a morte. E há os fiéis, que não estão envolvidos com a violência (eles são muito humildes e débeis para fazer alguma coisa); ao contrário, eles celebram e exultam; cantam a Deus e o exaltam. O seu único exército é um agrupamento de garotas que cantam sobre o que Deus tem feito e partilham os espólios da batalha vencida por Deus. O retrato do salmista lembra a história de quando “Josué ganhou a batalha de Jericó”, na qual o líder não precisou, na verdade, lutar, mas apenas comissionou uma marcha de adoração. A alusão do salmo como um todo reflete a forma pela qual a história da conquista da terra por Yahweh é contada para remover os detalhes sobre lugares e povos e, portanto, sugere que aqueles eventos não pertencem meramente ao passado, mas sinalizam um padrão que pode ser repetido em qualquer época dos adoradores.

Uma vez mais, o salmo traça um paralelo com outras passagens do Antigo e do

Novo Testamentos ao indicar que não se espera que os fiéis fiquem indiferentes à queda dos adversários de Deus e de seus opressores. Antes, espera-se que se regozijem e adorem. Na realidade, espera-se que eles chafurdem os pés no sangue das pessoas que Deus leva à morte e se alegrem por seus cães poderem lambê-lo. Talvez o salmista presuma que Israel possua um exército de guerreiros, do mesmo modo que um exército de cantores, mas, se assim for, tal exército é praticamente invisível. A vitória não é obtida por meio de uma força militar superior, mas de uma força desorganizada que não lograria êxito nenhum, senão por um milagre divino. O salmo afirma que com Deus não se brinca e que a sua ação para derrotar os seus inimigos e libertar o povo oprimido por eles é a espécie de realização que resultará no reconhecimento de Deus pelas nações.

A batalha descrita pelo salmista, portanto, ignora princípios-chave de uma guerra justa. Ele vira do avesso a nossa atitude em relação à guerra, sejamos pacifistas ou não. Isso não deve servir de alicerce para que qualquer nação militarmente poderosa inicie uma guerra, mas também não dá aos cidadãos de uma nação poderosa um argumento para afirmar que a guerra é inerentemente errada. Em vez disso, ele incita Deus a agir contra os poderosos em benefício dos fracos.

Na noite passada, sonhei que estava sendo levado ao tribunal por pregar. A pergunta: “Caso você fosse processado por ser um cristão, haveria evidências suficientes para condená-lo?” é lugar-comum, mas não deixa de ser astuta e provocativa. Quando a minha esposa, recentemente, chamou a minha atenção para um artigo sensível sobre a fé cristã em um jornal britânico, impactou-me o fato de ser mais difícil encontrar um artigo similar na mídia dos Estados Unidos, em razão da intensidade dos conflitos da cultura (as falhas estão nos dois lados). Tanto os ateus/agnósticos quanto os cristãos (ou judeus ou muçulmanos) podem sentir que estão sendo perseguidos ou tratados com preconceito.

O meu sonho pode ter sido consequência das minhas reflexões sobre o salmo 69 e sobre a ideia de que a paixão pela causa de Deus pudesse consumir alguém. A sentença, no salmo, possui um significado diferente daquele apresentado em João 2, no qual os discípulos veem isso incorporado em Jesus. Quando Jesus chicoteia os mercadores que estão comercializando animais para o sacrifício no templo, a alegação de ele estar sendo consumido por um zelo pela casa de Deus indica a força dos seus sentimentos (v. 17). No salmo, a paixão demonstrada pela casa de Deus traz problemas ou perseguição à pessoa tomada por esse zelo, embora a ideia venha a ser aplicada, igualmente, a Jesus (Jesus menciona o salmo em João 15:25).

Pode-se imaginar o salmo sendo orado por alguém como Jeremias ou Neemias. Durante grande parte do período do Antigo Testamento, os israelitas assumiram uma atitude livre em relação à adoração que poderiam oferecer no templo, seguindo o próprio coração nesse quesito; por exemplo, eles consideravam útil ter uma imagem de Deus para auxiliar a sua adoração (como o bezerro de ouro no Sinai). Profetas como Jeremias adotaram uma visão muito mais restrita e convencional da adoração que as pessoas poderiam legitimamente oferecer. Claro que a propagação dessa visão mais restritiva, naturalmente, angariava oposição, que não era meramente uma questão de debate e de argumentação. O templo permanecia, regularmente, sob o controle das autoridades que estavam em posição de banir os adoradores contrários a essa linha restritiva e podiam usar o seu poder para excluir pessoas da adoração, persegui-las ou coisa pior.

É possível esboçar uma comparação com o que ocorreu entre protestantes e católicos durante os séculos XVI e XVII. Na igreja ocidental, às vezes falamos sobre guerras de adoração, conflito entre pessoas que apreciam estilos diferentes

de adoração. Em grande parte da história israelita e cristã, as guerras de adoração tiveram conotações muito mais sérias. Devemos nos sentir felizes por não termos vivido nesses séculos. No entanto, a diferença também chama a atenção para o fundamento trivial dos nossos conflitos. Naqueles séculos, as pessoas eram movidas pela questão quanto ao modelo de adoração apropriado a quem Deus é. Qual deles honra a Deus? A nossa discussão é quanto à espécie de adoração que se adequa a nós.

Assim, o salmo é destinado a alguém que busca ser fiel a Deus no tocante a esse tipo de questionamento e que é, por consequência, ameaçado de linchamento ou de execução. O desrespeito das pessoas por Deus se expressa em um desrespeito por aqueles que falam por ele, cuja dor pelo que é feito em nome de Deus os transforma em motivo de piada. A referência ao engano e às acusações falsas, presumidamente, indica que esses são os meios de fornecer uma aparência e uma base legal para a adoção de ações contra o alvo da ira das pessoas. Por outro lado, a menção à estupidez e à culpa sugere que o salmista não está alegando ausência de pecado, apenas reivindica uma atitude de fidelidade a Yahweh e a disposição de defender essa fidelidade. Pode-se imaginar que Deus honraria essa fidelidade; no livro de Salmos, e em outras passagens da Escritura, há inúmeras declarações quanto a Deus fazer isso. Todavia, no momento, não existe nenhum sinal de que as coisas funcionam dessa maneira. E a contenção de Deus, provavelmente, significará não apenas o descrédito (ou pior) desse indivíduo, mas também a vergonha das pessoas que adotaram a mesma posição.

Em um dia ou dois, darei uma palestra sobre o livro de Salmos e a nossa espiritualidade e devo falar sobre a maneira com que os salmos são designados a alimentar e a moldar o nosso louvor, a nossa oração e as nossas ações de graças. Na noite passada, enquanto finalizava a palestra, percebi que havia cometido um erro, pois não incluíra nada do lado violento e irado dos salmos. Recordei-me de uma ocasião anterior na qual também falei sobre salmos e, igualmente, omiti essa característica deles. Então, a primeira pergunta que alguém fez, após a palestra, foi sobre essa ira presente no Saltério. O que me impactou, naquela circunstância, foi o fato de a pessoa que me questionou ser um pastor de semblante grave e pesado que (imediatamente, pensei nisso, mas guardei para mim) parecia ter despejado a sua ira sobre si mesmo. Certa feita, ouvi o comentário de outro professor sobre como também expressamos a nossa ira por meio de outras formas externas, tais como atividades esportivas e o nosso comportamento ao volante de um carro.

Não sei se o autor do salmo 69 tinha ciência de que negar a sua raiva não era muito melhor do que expressá-la contra outra pessoa (seja ou não a pessoa que provocou esse sentimento), ou se negar a sua ira e voltá-la contra si mesmo seja uma prática burguesa ocidental pela qual os Salmos não precisam fazer concessão. Seja como for, penso que faça parte da importância do livro de Salmos para os ocidentais que estão envolvidos nessa negação e posso supor que o fato de as pessoas negarem a própria ira seja um dos motivos pelos quais Deus se alegrou em incluir o salmo 69 em seu livro. De igual sorte, não sei ao certo se o pensamento do salmista era de que expressar a Deus a sua ira em relação aos seus opressores e o seu desejo de que eles fossem eliminados seria uma alternativa preferível, em lugar de adotar alguma ação contra eles ou de guardar a ira para si mesmo. Qualquer que seja a resposta, ela se enquadra na atitude que aparece nos Salmos e em outras passagens do Antigo Testamento de que a vocação de Israel é confiar na ação por Deus em benefício deles quando estiverem em apuros (ocasiões como o comissionamento de Deus para Israel combater os cananeus constituem uma exceção, não a regra). Assim, posso imaginar ser esse outro motivo para Deus alegrar-se em ter o salmo 69 em seu livro.

Há um ponto relacionado à importância do salmo que o autor, provavelmente, tinha em mente. O salmista encerra a sua oração pela punição aos opressores com uma renovada súplica por libertação. A associação dessas duas situações é

uma característica comum nos Salmos. Eles são os dois lados de uma mesma moeda. O motivo de instar Deus a eliminar os opressores é que isso livrará a vítima da perseguição deles. O oprimido sabe que a propensão de Deus é ser misericordioso, e ele precisa assegurar-se de que isso não ocorra com os seus oponentes. (Claro que, se os opressores se arrependerem de suas transgressões, isso abre um capítulo novo nessa história.)

Se, por um lado, a veemência da oração é a característica mais impactante do salmo, isso não deveria obscurecer a natureza notável dos versículos finais. A exemplo do que ocorre em outros salmos, a agonia do sofrimento e a urgência da súplica abrem caminho para declarações de confiança e de louvor antecipado. Na prática, nada mudou na experiência da vítima, porém derramar-se diante de Deus e saber que ele ouviu a súplica significa mudança total. Os dois versículos derradeiros estabelecem as necessidades e a libertação dessa pessoa em um contexto mais amplo do envolvimento de Deus com Israel como um todo, o que faz sentido, caso a pessoa que ore o salmo seja uma figura representativa, tal como um rei ou governante. Se for um cidadão comum, os versículos finais sugerem um motivo adicional de esperança e um fundamento a mais para apelar a Yahweh. Ainda, constituem um lembrete de que a libertação do indivíduo será designada a servir o propósito maior de Deus para Israel.

Pode-se dizer que o salmo 69 é um dos favoritos do Novo Testamento; João menciona a primeira metade duas vezes, e a segunda metade é citada outras duas vezes, em Atos 2 e Romanos 11. Evidentemente, o Novo Testamento também se alegrou por Deus se alegrar em incluir esse salmo no Saltério.

Como de hábito, nesta manhã de domingo, na igreja, oramos para que a igreja pudesse ser um só corpo, que pudesse pregar fielmente o evangelho até os confins da terra, para que houvesse justiça e paz na terra e para que o mundo fosse libertado da pobreza e da fome. E, igualmente, oramos por necessidades específicas da nossa congregação e da nossa comunidade: por uma senhora, frequentadora assídua, mas que tem sofrido com dores nas costas e pernas; oramos para que ela encontrasse alívio; e por uma família que ainda pranteava a morte do pai e da mãe, ocorrida seis meses atrás, para que fossem consolados. Essas orações são muito distintas das orações presentes nos Salmos, que passam mais tempo dizendo a Deus quão terríveis as coisas são e menos tempo do que nós em dar sugestões a Deus quanto ao que fazer em relação a elas. Em geral, presumo que o exemplo deles sugere reflexões sobre como podemos retrabalhar o nosso modo de orar.

O salmo 70 é, portanto, incomum na maneira com que foca as súplicas; nesse aspecto, é similar às nossas orações. A única descrição direta das circunstâncias surge na frase “Mas sou humilde e necessitado”, embora o retrato das pessoas que estão causando problemas complete o quadro. Talvez haja uma ligação entre o fato de o salmo ser mais parecido com as nossas orações, nesse aspecto, e o fato de que, por séculos, o versículo inaugural do salmo fazer parte da oração de abertura na adoração diária da igreja do Ocidente: “Apressa-te, ó Deus, em nos livrar. Senhor, apressa-te em socorrer-nos” (a versão que aparece no Livro de oração comum).

Outra característica incomum do salmo 70 é o fato de todo o salmo também formar uma leve variação da última seção do salmo 40. O salmo poderia, evidentemente, funcionar sozinho, mas também funciona dessa outra forma. Esse não é o único exemplo no qual parte do material de um salmo é utilizado duas vezes no Saltério — veja os salmos 14 e 53. Talvez o uso da abertura do salmo na adoração cristã siga o seu uso no culto judaico; possivelmente, os versículos que formam o salmo 70 já haviam sido separados do salmo 40 para serem usados isoladamente na adoração.

O que o salmo 70 deixa claro por si só é que, quando estamos em situação de pânico e tudo o que podemos fazer é clamar pela ação de Deus, devemos fazê-lo. O início abrupto do salmo indica vividamente a urgência da necessidade. Diz-se, às vezes, que a resposta de Deus à oração pode ser: “Sim”, “Não” ou “Espere”, e

que devemos ser submissos ao tempo de Deus. Embora, no fim das contas, não nos reste alternativa além de nos submetermos ao calendário divino, o princípio e o fim do salmo mostram que não há problemas em dizer a Deus para se apressar e agir sem mais demora e com o fato de essa ser a ênfase do salmo. Quando estiver em uma situação de desespero, quando houver pessoas tentando tirar a sua vida, não hesite em falar a Deus que precisa da ação dele e que precisa dela agora. Quanto mais urgente a situação, mais premente é a oração; e essa é uma forma pela qual você pode orar.

Deus, o salmo pressupõe, deveria reconhecer que a situação do salmista é aquela na qual as pessoas podem ser divididas em dois grupos. As que desejam o pior para o salmista e aquelas que não têm alternativa, exceto buscar pela libertação divina. Deus deveria dar ao primeiro grupo motivos para serem envergonhados e, para o segundo, motivos para celebrar.

Inúmeras pessoas, em nossa igreja, estão com mais de oitenta ou noventa anos, e ontem muitas coisas me fizeram refletir sobre a duradoura natureza delas como seguidoras de Cristo. A passagem do Evangelho era a história de Jesus sobre os trabalhadores que receberam o mesmo salário, quer tivessem trabalhado o dia todo quer apenas uma hora. Um dos membros mais velhos já estava na igreja quando cheguei para ministrar o primeiro culto, sentindo-se um pouco atordoado, pois a sua pressão arterial estava baixa. Outra senhora estava ausente em razão de dores nas costas e nas pernas, de maneira que levamos a comunhão até ela, após o segundo culto. Outra estava um pouco amuada porque faltara ao culto na semana passada, e eu não lhe havia levado a comunhão durante a semana. Essas três pessoas me fazem lembrar dos três homens na parábola de Jesus que trabalharam durante o dia todo. Os três membros continuam confiantes quanto a Deus ser fiel a eles até o fim, mas, agora, precisam lidar com a fragilidade própria da velhice.

No salmo 71, as expressões “o dia inteiro”, “para sempre” e “sempre” são recorrentes, junto a sentenças que sugerem o uso do salmo por alguém com passado suficiente para olhar para trás e com os temores quanto ao que a velhice poderia trazer. A exemplo de outros salmos, a pressão emerge não da fragilidade física, mas das ameaças de outras pessoas. No entanto, isso também suscita questionamentos similares aos resultantes da vulnerabilidade física. O salmo olha no retrovisor para a maneira com que Deus tem sido objeto de esperança e de confiança desde a juventude, do mesmo modo que os membros aos quais me referi são capazes de fazer. Um deles, às vezes, fala sobre como Deus foi o seu refúgio quando ele foi convocado pela marinha e serviu em submarinos, não muito tempo depois de Pearl Harbor. Desde a mais tenra mocidade, Deus tem sido objeto do louvor ao qual o salmista se refere; Deus tem sido o professor do salmista, e a fidelidade divina tem constituído um sinal para outras pessoas de que elas podem assumir o risco de confiarem em Deus. Talvez seja natural ter mais medo quanto ao futuro à medida que envelhecemos do que quando somos jovens cheios de energia e de confiança. Contudo, o salmo parece pressupor haver bons motivos para um medo maior com o passar dos anos. Talvez haja pessoas que almejem derrubar outras quando, digamos, elas são responsáveis pelos negócios de uma família e do controle dos bens. Talvez hoje você não possua mais a mesma força e firmeza para lutar que possuía quando era mais jovem. Pode ser que tenha sofrido reveses que levam as pessoas a concluir que Deus já o abandonou, e a possibilidade de elas estarem certas o preocupa. Assim,

o salmista começa com um “para sempre”: “Não me abandones jamais.”

Por três vezes, então, o salmista fala em termos de “sempre” (nenhum outro salmo usa essa palavra mais vezes). No passado: “O meu louvor sempre foi a ti.” No presente, preciso que sejas “um abrigo para o qual eu sempre possa ir”. No futuro: “esperarei sempre”. Dar louvor a Yahweh “sempre” indica não ter adorado outros deuses ou buscado socorro em outros recursos; significa poder, agora, olhar para Deus em busca de refúgio e manter a esperança em relação ao futuro. Da mesma forma, por três vezes o salmista fala sobre o que é verdadeiro “o dia inteiro”. Olhando para o passado: “A minha boca está cheia do teu louvor, da tua glória, o dia inteiro.” No futuro, à luz da forma que Deus continuará a proteger e resgatar: “A minha boca proclamará a tua fidelidade, a tua libertação o dia inteiro” e “a minha língua falará da tua fidelidade o dia inteiro” (nenhuma passagem do Antigo Testamento fala mais sobre a fidelidade de Deus).

Pode-se imaginar as pessoas revirando os olhos só de pensar em alguém louvando a Deus o dia todo. Não há dúvidas de que há certa hipérbole aqui, mas o salmista não está preocupado com essa atitude crítica das pessoas.

A sentença “É a economia, estúpido” desempenhou um papel-chave na campanha presidencial de Bill Clinton em 1992. A maioria das pessoas não está, de fato, interessada na política externa ou em outras questões importantes, mas apenas em se sentir financeiramente próspera, ou, pelo menos, segura. Essa é a base sobre a qual a população avalia o governo. A expressão também engloba grande parte da dinâmica presente nos levantes populares nos países árabes (e demonstrações na Europa) em 2011. Pessoas comuns desejam derrubar os seus ditadores não porque almejam introduzir um sistema democrático, mas porque querem ter empregos. E, nos Estados Unidos, naquele mesmo ano, cerca de 46 milhões de pessoas estavam vivendo abaixo da linha oficial da pobreza.

O salmo 72 acredita que “é a economia, estúpido”, mas não o faz em uma base menos cínica do que poderia ser sugerido por essa frase. Ele reconhece que é, de fato, responsabilidade dos governantes, sejam monarquias, ditaduras ou democracias, assegurar que um quarto dos seus cidadãos não esteja vivendo abaixo da linha da pobreza. E, embora o sistema social necessite oferecer redes de segurança para alguns deles, em sociedades urbanizadas isso significa mais pessoas empregadas do que é o caso na maioria dos países. O salmo, nesse sentido, constitui uma declaração política dissimulada dirigida ao governo. É tentador imaginar o rei participando do serviço no templo e ouvindo esse salmo ser entoado pelo coro do santuário; e, particularmente, pensar que o salmo foi escrito por Salomão (é o único salmo cujo autoria é conferida a ele). O relato do Antigo Testamento o retrata como o mais bem-sucedido e próspero rei, dentre todos os monarcas, mas também como alguém que submeteu muitos a um árduo trabalho obrigatório. Desse modo, é fácil imaginá-lo um pouco embaraçado pela forma com que ele mesmo trai a visão do Antigo Testamento para o governante real.

Existem inúmeros elementos entrelaçados na visão exposta diante do rei (o rei e o filho real são duas maneiras de descrever a mesma pessoa). Primeiro, isso envolve o exercício de autoridade ou de tomada de decisões com fidelidade em relação a Deus e ao povo. A governança, portanto, deve focar o benefício do povo como um todo. Caso essa governança concentre o foco sobre alguns grupos particulares, esses não devem incluir os ricos e poderosos, o que inclui membros do próprio governo (e que podem cuidar de si mesmos), mas pelos mais humildes, mais necessitados e carentes. Além disso, deve prover, aos menos favorecidos, proteção contra os perversos, os violentos e os opressores que

descobrem maneiras de roubar suas colheitas e animais. Na prática, é comum que pessoas com poder tenham também a capacidade de extorquir, de oprimir, e, portanto, há um toque adicional, nas palavras do salmista, sobre o que as pessoas no poder devem fazer. Embutido nessa ênfase está a menção ao bem-estar produzido pela terra como uma expressão da fidelidade divina, com a implicação de que a prioridade do governante à fidelidade e à preocupação com os humildes resultará na garantia de Deus quanto à continuidade da prosperidade para a nação como um todo. O fiel florescerá. Tanto em sua governança com fidelidade quanto em sua abertura à possibilidade dessa prosperidade, o rei será como uma chuva sobre o campo. Ainda, ao lado dessa ênfase está a nota sobre as pessoas reverenciarem Deus por gerações; o exercício da autoridade em fidelidade será uma expressão de obediência a Deus.

A visão implica que a política externa, então, cuidará de si mesma, da mesma forma que as lavouras florescem. Um rei que trabalha com essas prioridades experimentará o cumprimento das promessas tais como as do salmo 2, no tocante à maneira com que o Deus de Israel governará o mundo por intermédio do rei de Israel. Portanto, a promessa a Abraão será cumprida; os povos estrangeiros verão como Deus o abençoa e orarão para receber bênçãos similares.

Indiretamente, então, o salmo apresenta diante do governante a visão de Deus de como o seu governo deve funcionar e faz promessas quanto aos resultados de fomentar as prioridades certas. Contudo, o salmo é, diretamente, uma oração, e está presente em um livro de orações e louvores. O que o salmista faz é estabelecer uma agenda para a nossa oração pelos governantes, uma atividade que pode ser tão ou até mais importante do que advogar pelos pobres, necessitados e humildes.

Ao contrário do último versículo do salmo 41, que, de fato, encerra o Primeiro Livro do Saltério, os versículos de encerramento do salmo 72 não fazem parte desse salmo, mas constituem um ato de louvor ao término do Segundo Livro, a exemplo do “Glória a Deus Pai...” que algumas igrejas usam após a leitura de um salmo. Eles são uma espécie de “Amém” em relação a todo o Segundo Livro, particularmente adequado se não tivermos apreciado nenhum deles.

A nota quanto ao término das súplicas de Davi, presumidamente, refere-se a uma coletânea específica dos salmos de Davi (praticamente todos os salmos de 51 a 72 são da autoria de Davi); considerando todo o Saltério, há mais salmos de Davi adiante (salmos 86; 138—145).

GLOSSÁRIO

Ajudante. Um agente sobrenatural por meio do qual Deus pode aparecer e operar no mundo. As traduções, em geral, referem-se a eles como “anjos”, mas essa designação tende a sugerir figuras etéreas dotadas de asas, ostentando vestes brancas e translúcidas. Os ajudantes são figuras semelhantes aos humanos; por essa razão, é possível agir com hospitalidade sem perceber quem são (Hebreus 13:2). Ainda, eles não possuem asas; por isso, necessitam de uma rampa ou escadaria entre o céu e a terra (Gênesis 28). Eles surgem com a intenção de agir ou falar em nome de Deus e, assim, representá-lo plenamente, falando como se fossem Deus (Gênesis 22). Estão envolvidos em ações dinâmicas e firmes no mundo (salmos 34—35); os ajudantes, portanto, trazem a realidade da presença, da ação e da voz de Deus, sem trazer aquela presença real que aniquilaria os meros mortais ou danificaria a sua audição.

Aliança. A palavra hebraica berit abrange alianças, tratados e contratos, mas todas essas são formas pelas quais as pessoas estabelecem um compromisso formal sobre algo. Tenho, porém, utilizado o termo “aliança” para expressar todas as três. Onde há um sistema legal ao qual as pessoas podem apelar, os contratos pressupõem um sistema para resolver disputas e ministrar justiça que pode ser utilizado caso uma das partes não cumpra com os seus compromissos. Em contraste, um relacionamento de aliança não pressupõe uma estrutura legal executável dessa espécie, mas a aliança envolve algum procedimento formal que confirme a seriedade do compromisso solene que as partes assumem uma com a outra. Desse modo, o Antigo Testamento frequentemente fala sobre “selar” uma aliança; textualmente, “cortá-la” (o pano de fundo reside no tipo de procedimento formal descrito em Gênesis 15 e Jeremias 34:18-20, embora esse tipo de procedimento dificilmente fosse exigido toda vez que alguém assumia um compromisso de aliança). Às vezes, as pessoas selam alianças para outras pessoas e, às vezes, com outras pessoas. A primeira implica algo mais unilateral; a outra envolve algo mais recíproco.

Altar. Trata-se de uma estrutura para oferta de sacrifício (o termo vem da palavra para sacrifício), feita de terra ou pedra. Um altar pode ser relativamente pequeno, como uma mesa, e o ofertante deve ficar diante dele. Ou pode ser mais alto e maior, como uma plataforma, e o ofertante tem de subir nele.

Assíria. A primeira grande superpotência do Oriente Médio, os assírios expandiram o seu império rumo ao Ocidente, até a Síria-Palestina, no século VIII a.C. Primeiro, a Assíria anexou Efraim ao seu império. Quando Efraim persistiu tentando retomar a sua independência, os exércitos assírios invadiram Efraim e destruíram a sua capital, Samaria, levando cativo grande parte de seu povo e substituindo-os por pessoas oriundas de outras partes do seu império. Invadiram também Judá e devastaram uma extensa área do país, mas não tomaram Jerusalém. Profetas como Amós e Isaías descrevem o modo pelo qual Yahweh estava, portanto, usando a Assíria como um meio de disciplinar Israel.

Autoridade. Indivíduos como Eli, Samuel, os filhos de Samuel e os reis "exerciam autoridade" sobre Israel e para Israel. A palavra hebraica para alguém que exerce tal autoridade, shopet, é tradicionalmente traduzida por "juiz", mas essa liderança é mais ampla que isso. No livro chamado Juízes, esses líderes são pessoas que não possuem posição oficial como os reis posteriores, mas que se levantam e tomam a iniciativa de trazer libertação ao povo do problema no qual ele se meteu. Igualmente, é função do rei exercer autoridade de acordo com a fidelidade a Deus e ao povo. Exercer autoridade significa tomar decisões e agir com firmeza e determinação em favor de pessoas em necessidade e aquelas prejudicadas pelos poderosos. Portanto, falar de Deus na posição de juiz significa boas-novas (exceto se você for um grande malfeitor).

Babilônia. Um poder menor no contexto da história primitiva de Israel, ao tempo

de Jeremias, os babilônios assumiram a posição de superpotência da Assíria, mantendo-a por quase um século, até ser conquistada pela Pérsia. Profetas como Jeremias descrevem como Yahweh estava usando a Babilônia como um meio de disciplinar Judá. Suas histórias sobre a criação, os códigos legais e os textos mais filosóficos nos auxiliam a compreender aspectos de escritos equivalentes presentes no Antigo Testamento, embora sua religião astrológica também constitua o cenário para polêmicos aspectos nos Profetas.

Bem-estar, veja paz

Canaã, cananeus. Como designação bíblica da terra de Israel, como um todo, e referência a todos os povos autóctones daquele território, "cananeus" não constitui, portanto, o nome de um grupo étnico em particular, mas um termo genérico para todos os povos nativos da região.

Chorar, clamar. Ao descrever a reação dos israelitas quando eles estão sob a opressão dos inimigos, o Antigo Testamento, com frequência, utiliza a mesma palavra usada para descrever o sangue de Abel clamando a Deus, o clamor do povo de Sodoma debaixo da opressão dos perversos, o grito dos israelitas no Egito, bem como o clamoroso lamento das pessoas injustamente tratadas dentro de Israel nos últimos séculos. O termo denota um choro urgente que pressiona Deus por libertação, um brado que Deus ouve, mesmo quando as pessoas merecem a experiência pela qual estão passando.

Composição. Essa é a palavra hebraica normalmente traduzida por "salmo". Sua origem é derivada do termo hebraico para música, sugerindo referir-se a uma composição musical.

Compromisso. O termo corresponde à palavra hebraica hesed, que as traduções expressam de modos distintos: amor inabalável, benignidade,

bondade ou fidelidade. O Antigo Testamento utiliza a palavra "compromisso" em referência a um ato extraordinário por meio do qual uma pessoa se dedica a alguém, numa atitude de generosidade, lealdade ou graça, quando não há um relacionamento prévio entre as partes e, portanto, nenhum motivo para isso. Desse modo, em Josué 2, Raabe fala, apropriadamente, de sua proteção aos espias israelitas como um ato de compromisso. Pode também referir-se a um ato extraordinário similar que ocorre quando há uma relação prévia, na qual uma das partes decepciona a outra e, assim, não tem o direito de esperar qualquer fidelidade da outra parte. Caso a parte ofendida continue sendo fiel, trata-se de uma demonstração desse compromisso. Em resposta a Raabe, os espias israelitas declaram que irão se relacionar com ela dessa maneira. No Novo Testamento, a palavra especial para amor, agapē, é equivalente a hesed.

Coraítas. Um dos grupos corais do templo, de acordo com 2Crônicas 20:19. Os salmos coraítas (e.g., salmos 42—49) formavam, provavelmente, parte do repertório desse grupo.

Decisão, veja autoridade

Efraim. Após o reinado de Salomão, a nação de Israel se dividiu em duas. A maioria dos clãs israelitas estabeleceu um Estado independente, separado de Judá, de Jerusalém e da linhagem de Davi. Por ser o maior dos dois Estados, o reino do Norte manteve o nome Israel como a sua designação política, o que é confuso porque Israel também é o nome do povo que pertence a Deus, como um todo. Nos Profetas, às vezes é difícil dizer se "Israel" refere-se ao povo de Deus ou apenas ao Estado do Norte. No entanto, em algumas passagens, esse Estado também é apresentado com o nome de Efraim, por ser um dos seus clãs dominantes. Assim, uso esse termo como referência ao reino do Norte, na tentativa de minimizar a confusão.

Egito, egípcios. O principal poder regional ao sul de Canaã e a terra na qual a família de Jacó encontrou refúgio, mas acabaram como servos, e do qual os israelitas, então, precisaram fugir. No tempo de Moisés, o Egito controlava Canaã; nos séculos subsequentes, o Egito oscilou entre ser uma ameaça a Israel ou um aliado em potencial.

Exílio. No final do século VII a.C., a Babilônia se tornou o maior poder no mundo de Judá, mas os judaítas estavam determinados a se rebelar contra a sua autoridade. Então, como parte de uma campanha vitoriosa para obter a submissão de Judá, em 597 a.C. e 587 a.C. os babilônios transportaram muitos israelitas de Jerusalém para a Babilônia, particularmente pessoas em posições de liderança, como membros da família real e da corte, sacerdotes e profetas (Ezequiel foi um deles). Essas pessoas foram, portanto, compelidas a viver na Babilônia durante os cinquenta anos seguintes ou mais. Pelo mesmo período, as pessoas deixadas em Judá também estavam sob a autoridade dos babilônios. Assim, não estavam fisicamente no exílio, mas também viveram em exílio por um período de tempo.

Fiel, fidelidade. Nas Bíblias do idioma inglês, essas palavras hebraicas (saddiq, sedaqah) são, normalmente, traduzidas por "righteous/righteousness" [justo/justiça ou retidão], mas isso denota uma tendência particular quanto ao que podemos exprimir com esses termos. No original, significam fazer a coisa certa à pessoa com quem alguém está se relacionando, aos membros de uma comunidade. Dessa maneira, as palavras "faithful/faithfulness" [fiel/fidelidade] estão mais próximas do sentido original do que "righteous/righteousness".

Filístia, filisteus. Os filisteus eram um povo oriundo do outro lado do Mediterrâneo para se estabelecer em Canaã, na mesma época do estabelecimento dos israelitas na região, de maneira que os dois povos formaram um movimento acidental de pressão sobre os habitantes já presentes naquele território, bem como se tornaram rivais mútuos pelo controle da área.

Grécia. Em 336 a.C., forças gregas, sob o comando de Alexandre, o Grande, assumiram o controle do Império Persa, mas, após a morte de Alexandre em 333 a.C., o seu império foi dividido. A maior extensão, ao norte e a leste da Palestina, foi governada por Seleuco, um de seus generais, e seus sucessores. Judá ficou sob o controle grego por grande parte dos dois séculos seguintes, embora estivesse situado na fronteira sudoeste desse império e, às vezes, caísse sob o controle do Império Ptolomaico, no Egito, governado por sucessores de outro dos generais de Alexandre.

História de Davi. As introduções presentes em muitos salmos fazem referência a incidentes na vida de Davi, cujo relato está em 1 e 2Samuel. A leitura sobre esses incidentes, normalmente, produz dois resultados. Pode-se ver pontos nos quais é possível imaginar Davi orando ali; todavia, também pode-se ver outros elementos no salmo que não se encaixam. O salmo 51 fornece um bom exemplo. A conclusão possível é que as referências nas introduções não significam que Davi, realmente, orou o salmo naquele ponto, mas, antes, que é esclarecedor considerar o salmo e a circunstância em conjunto, pois existe uma sobreposição.

Infiel, infidelidade. Termos para o pecado que sugerem o oposto de fiel/fidelidade, eles sugerem uma atitude em relação a Deus e aos outros que expressa um desprezo pelo que os relacionamentos corretos merecem.

Inscrição. A palavra "inscrição" é incluída nas introduções de alguns salmos, possivelmente indicando que o salmo foi inscrito em argila, a exemplo dos salmos babilônicos, presumidamente para assegurar a permanente expressão da oração (veja a história sobre a oração de Ezequias, em Isaías 38).

Instrução. Do mesmo modo que "inscrição", a palavra "instrução" também

está presente na introdução a algum salmo, talvez indicando que o salmo em questão é designado como um modelo de oração ou louvor.

Israel. Originariamente, Israel era o novo nome dado por Deus a Jacó, neto de Abraão. Seus doze filhos foram, então, os patriarcas dos doze clãs que formam o povo de Israel. No tempo de Saul, Davi e Salomão, esses doze clãs passaram a ser uma entidade política. Assim, Israel significava tanto o povo de Deus quanto uma nação ou Estado, como as demais nações e Estados. Após Salomão, esse Estado dividiu-se em dois, Efraim e Judá. Pelo fato de Efraim ser maior, manteve como referência o nome de Israel. Desse modo, se alguém estiver pensando em Israel como povo de Deus, Judá está incluído. Caso pense em Israel politicamente, Judá não faz parte. Uma vez que Efraim não existe mais, então, para todos os efeitos, Judá é Israel, do mesmo modo que é o povo de Deus.

Jedutum. Um dos líderes de música na adoração do templo designados por Davi, de acordo com o relato de 1Crônicas 16 e 25; os seus descendentes prosseguiram exercendo esse papel, e as citações nos salmos podem ser referentes a eles. "Segundo Jedutum" pode significar uma forma de entoar um cântico associado a ele ou aos seus descendentes.

Judá. Um dos doze filhos de Jacó e, portanto, o clã que traça a sua ancestralidade até ele e que se tornou dominante no sul dos dois Estados, após o reinado de Salomão. Mais tarde, como província ou colônia da Pérsia, Judá ficou conhecido como Jeúde.

Libertar, libertador, libertação. Traduções modernas do Antigo Testamento, com frequência, utilizam as palavras "salvar", "salvador" e "salvação", mas elas transmitem uma impressão equivocada. No contexto cristão, elas normalmente se referem ao nosso relacionamento pessoal com Deus e ao deleite do céu. O Antigo Testamento, de fato, fala sobre a nossa relação com Deus, porém não utiliza esse grupo de palavras nessa conexão. Antes, elas

fazem referência à intervenção prática de Deus para tirar Israel ou um indivíduo de alguma dificuldade, como, por exemplo, acusações falsas por membros da comunidade ou a invasão de inimigos.

Líder. Esse termo, presente nas introduções dos salmos, provavelmente, refere-se ao líder de adoração (veja o comentário sobre Asafe, no salmo 50).

Mestre, mestres. Baal é um termo hebraico comum para designar um mestre, senhor ou proprietário, mas também é utilizado para descrever um deus cananeu. É, portanto, similar ao termo para "Senhor", usado para descrever Yahweh. Na verdade, "Mestre" pode ser um nome adequado, como "Senhor". Para deixar essa distinção clara, em geral, o Antigo Testamento usa "Mestre" para um deus estrangeiro e "Senhor" para o verdadeiro Deus, Yahweh. A exemplo de outros povos antigos, os cananeus cultuavam inúmeros deuses e, nesse sentido, o Mestre era apenas um deles, embora fosse um dos mais proeminentes. Além disso, um título como "o Mestre de Peor" sugere que o Mestre era crido como manifesto e conhecido de diferentes maneiras em lugares distintos. O Antigo Testamento também usa o plural, "Mestres", como referência aos deuses cananeus em geral.

Nome. O nome de alguém representa a pessoa; portanto, o nome de Deus representa Deus. O Antigo Testamento fala do templo como um lugar no qual o nome de Deus habita. Trata-se de uma das maneiras de lidar com o paradoxo envolvido em falar do templo como um local da habitação de Deus. Isso reconhece a ausência de sentido: como pode um edifício conter o Deus que não pode ser contido pelos céus, não importa quão amplo ele seja? Não obstante, Israel sabe que Deus, em algum sentido, habita no templo. Os israelitas sabem que podem falar com Deus ali; eles têm consciência de que podem falar com Deus em qualquer lugar, mas há uma garantia especial desse fato no templo. O povo de Israel sabe que pode apresentar ofertas lá e que Deus irá recebê-las. Uma forma de tentar explicar o inexplicável ao abordar a presença de Deus no templo é, portanto, falar do nome de Deus como presente ali, pois o nome representa a pessoa. Proferir o nome de

alguém, como se sabe, evoca a realidade daquela pessoa; é quase como se ela estivesse ali. Ao dizer o nome de alguém, há um sentido no qual você o evoca. Quando as pessoas murmuram "Jesus, Jesus" em suas orações, isso traz a realidade da presença do Filho de Deus. Igualmente, quando Israel proclamava o nome de Yahweh em adoração, isso trazia a realidade da presença de Deus.

Pano de saco. O pano de saco não sugere algo desconfortável, mas refere-se a um pano de qualidade inferior com o qual as roupas de pessoas comuns eram feitas. Ele contrastava com as vestes impressionantes e luxuosas com as quais as pessoas importantes apareciam em público.

Paralelismo. As linhas nos Salmos (e em grande parte da poesia do Antigo Testamento) são, em geral, independentes e divididas em duas metades, com cerca de três importantes palavras em cada metade. O paralelismo refere-se à forma pela qual a segunda metade reafirma, intensifica, complementa, esclarece ou contrasta a primeira metade. Não constituiria nenhuma surpresa caso essa prática estivesse ligada ao uso antifonal dos salmos, talvez com o líder proferindo a primeira metade e a congregação respondendo com a segunda.

Pausa. O termo hebraico selah, com frequência, surge ao fim das linhas nos salmos e, às vezes, no meio. Significa algo como uma "Pausa", mas não sabemos o sentido da palavra aqui. As pessoas devem se levantar, ou elevar o tom, ou o quê? A minha teoria favorita é a de que essa foi a palavra usada por Davi para suspender a execução do salmo, após a corda do seu instrumento se romper — o que reforça o fato de não conseguirmos enxergar um padrão na ocorrência da palavra.

Paz. A palavra hebraica shalom pode sugerir paz após um conflito, mas, com frequência, indica uma ideia mais rica, ou seja, da plenitude de vida. A ACF, às vezes, a traduz por "bem-estar", e as traduções mais modernas

usam palavras como “segurança” ou “prosperidade”. De qualquer modo, a palavra sugere que tudo está indo bem para você.

Pérsia, persas. A terceira superpotência do Oriente Médio. Sob a liderança de Ciro, o Grande, eles assumiram o controle do Império Babilônico em 539 a.C. Isaías 40—55 vê a mão de Deus levantando Ciro como um instrumento para restaurar Judá após o exílio. Judá e os povos vizinhos, como Samaria, Amom e Asdode, eram províncias ou colônias persas. Os persas permaneceram por dois séculos no poder, até serem derrotados pela Grécia.

Sheol. O nome hebraico mais frequente para o lugar ao qual vamos quando morremos. No Novo Testamento, é chamado de “Hades”. Não se trata de um lugar de punição ou sofrimento, mas simplesmente de um local de descanso para todos, uma espécie de análogo não físico para a sepultura, como lugar de repouso para o nosso corpo.

Sião. Um nome alternativo para Jerusalém. Enquanto “Jerusalém” é um termo mais político ou geográfico, “Sião” possui conotações mais religiosas ou teológicas (ironicamente, considerando o sentido moderno de “sionista”). Sião representa o lugar de habitação de Yahweh no meio do seu povo e o local de encontro com eles.

Torá. A palavra hebraica (torah) significa ensino e, nos Salmos e em outras passagens, pode ter esse sentido geral, todavia também é o termo hebraico para os cinco primeiros livros da Bíblia. Eles, em geral, são referidos como a “Lei”, mas esse termo propicia uma impressão equivocada. No próprio livro de Gênesis, não há nada como “lei”, bem como Êxodo e Deuteronômio não são livros “jurídicos”. A palavra “ensino” fornece uma impressão mais correta da natureza da Torá.

Yahweh. Na maioria das traduções bíblicas, a palavra “Senhor” aparece em letras maiúsculas ou em versalete, como ocorre, às vezes, com a palavra “Deus”. Na realidade, ambas representam o nome de Deus, Yahweh. Nos tempos do Antigo Testamento, os israelitas deixaram de usar o nome Yahweh e começaram a usar “o Senhor”. Há dois motivos possíveis. Os israelitas queriam que outros povos reconhecessem que Yahweh era o único e verdadeiro Deus, mas esse nome de pronúncia estranha poderia dar a impressão de que Yahweh fosse apenas o deus tribal de Israel. Um termo como “o Senhor” era mais facilmente reconhecível. Além disso, eles não queriam incorrer na quebra da advertência presente nos Dez Mandamentos sobre usar o nome de Yahweh em vão. Traduções em outros idiomas, então, seguiram o exemplo e substituíram o nome de Yahweh por “o Senhor”. O lado negativo é que isso obscurece o fato de Deus querer ser conhecido por esse nome. Por esse motivo, o texto utiliza Yahweh, com frequência, não algum outro nome (assim chamado) deus ou senhor. Essa prática dá a impressão de Deus ser muito mais “senhoril” e patriarcal do que ele o é na realidade. (A forma “Jeova” não e uma palavra real, mas uma mescla das consoantes de Yahweh e das vogais da palavra Adonai [Senhor, em hebraico], com o intuito de lembrar as pessoas que na leitura da Escritura elas deveriam dizer “o Senhor”, não o nome real.)

Yahweh dos Exércitos. Esse título para Deus, em geral, no texto bíblico é traduzido por “

Senhor

dos Exércitos”, todavia é uma expressão mais intrigante do que ela implica. O termo para Senhor é, na realidade, o nome de Deus, Yahweh, e a palavra para “Exércitos” é a palavra hebraica regular para as forças militares; é a palavra que aparece na traseira de qualquer caminhão militar israelense. Assim, mais literalmente, a expressão significa “Yahweh [dos] Exércitos”, que é tão estranho em hebraico quanto seria “Goldingay dos Exércitos”. Todavia, em termos gerais, a implicação da expressão é decerto clara: ela sugere que Yahweh é a personificação do ou o controlador de todo o poderio de guerra, quer no céu quer na terra.

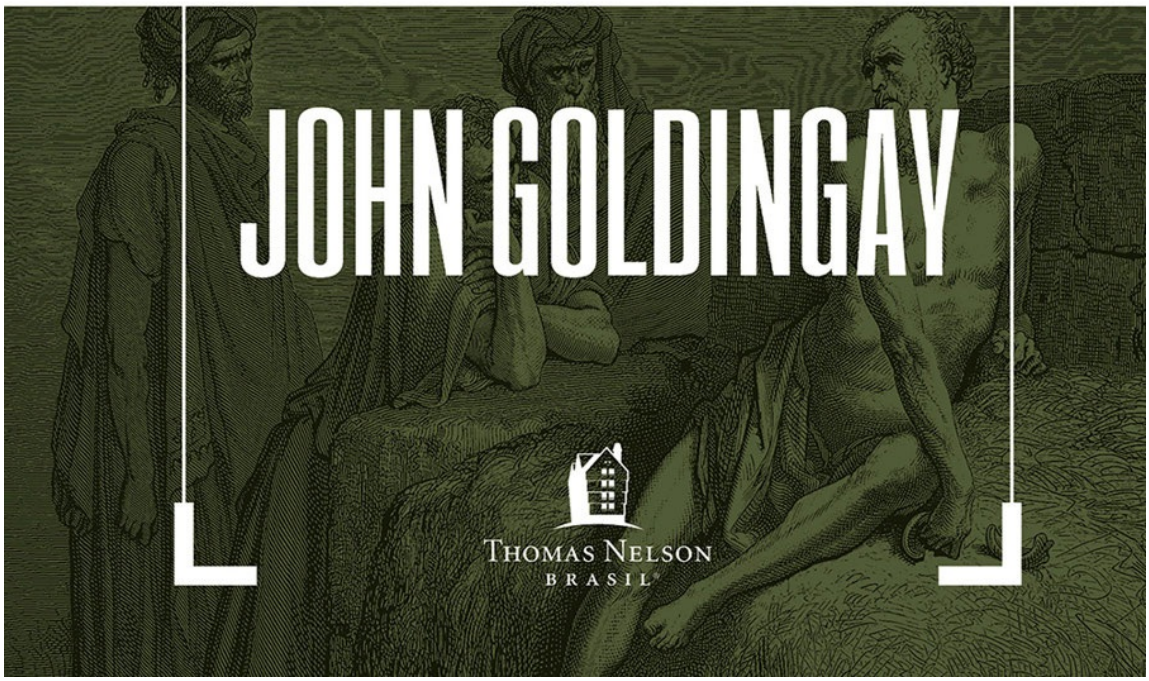
SOBRE O AUTOR

John Goldingay é pastor, erudito e tradutor do Antigo Testamento. Ele é professor emérito David Allan Hubbard de Antigo Testamento no prestigiado Seminário Teológico Fuller em Pasadena, Califórnia. É um dos acadêmicos de Antigo Testamento mais respeitados do mundo com diversos livros e comentários bíblicos publicados. O autor possui o livro Teologia bíblica publicado pela Thomas Nelson Brasil.



POÉTICOS PARA TODOS

SALMOS 73-150 PARTE 2



JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL®

POÉTICOS PARA TODOS

SALMOS 73—150 • PARTE 2

JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL®

AGRADECIMENTOS

A tradução no início de cada capítulo (e em outras citações bíblicas) é de minha autoria. Tentei traduzir os Salmos em um comentário anterior (Psalms [Salmos], em três volumes, publicado pela Baker Academic, em 2006-2008); embora tenha iniciado do zero para este livro, algumas vezes adaptei sentenças extraídas desse trabalho anterior. Estabeleci como alvo me manter o mais próximo do texto hebraico original do que, em geral, as traduções modernas, destinadas à leitura na igreja, para que você possa ver, com mais precisão, o que o texto diz. Da mesma forma, embora prefira utilizar a linguagem inclusiva de gênero, deixei a tradução com o uso universal do gênero masculino caso esse uso inclusivo implicasse dúvidas quanto ao texto estar no singular ou no plural — em outras palavras, a tradução, com frequência, usa “ele” onde em meu próprio texto eu diria “eles” ou “ele ou ela”. Às vezes, acrescentei palavras para tornar o significado mais claro, colocando-as entre colchetes. Ao final do livro, há um glossário contendo alguns termos recorrentes no texto, tais como expressões geográficas, históricas e teológicas. Em cada capítulo (exceto na introdução ou nas seleções da Escritura), a ocorrência inicial desses termos é destacada em negrito.

As histórias presentes na tradução, em geral, envolvem meus amigos, assim como minha família. Todas elas ocorreram, de fato, mas foram fortemente dissimuladas para preservar as pessoas envolvidas. Em algumas, o disfarce utilizado foi tão eficiente que, ao relê-las, levo um tempo para identificar as pessoas descritas. Nas histórias, Ann, minha primeira esposa, aparece com frequência. Dois anos antes de eu começar a escrever este volume, ela faleceu, após negociar com a esclerose múltipla durante 43 anos. Compartilhar os cuidados, o desenvolvimento de sua enfermidade e a crescente limitação, ao longo desses anos, influencia tudo o que escrevo, de maneiras facilmente perceptíveis ao leitor, mas também de formas menos óbvias.

Pouco antes de começar a escrever este volume, apaixonei-me e casei-me com Kathleen Scott e sou muito grato por minha nova vida ao lado dela e por seus lúcidos comentários sobre o manuscrito, tão criteriosos e elucidativos que, na realidade, ela deve ser creditada como coautora. Minha gratidão, igualmente, a Matt Sousa por ter lido o manuscrito e me indicado o que precisava ser corrigido

ou esclarecido no texto, e a Tom Bennett por ter conferido a prova de impressão.

INTRODUÇÃO

No tocante a Jesus e aos autores do Novo Testamento, as Escrituras hebraicas, que os cristãos denominam de Antigo Testamento, eram as Escrituras. Ao incluir essa observação, lanço mão de alguns atalhos, já que o Novo Testamento jamais apresenta uma lista dessas Escrituras, mas o conjunto de textos aceito pelo povo judeu é o mais próximo que podemos avançar na identificação da coletânea de livros que Jesus e os escritores neotestamentários tiveram à disposição. A igreja também veio a aceitar alguns livros adicionais, como Macabeus e Eclesiástico, tradicionalmente denominados "apócrifos", os livros que estavam "ocultos" — o que veio a implicar "espúrios". Agora, com frequência, são conhecidos como "livros deuterocanônicos", um termo mais complexo, porém menos pejorativo; isso simplesmente indica que esses livros detêm menos autoridade que a Torá, os Profetas e os Escritos. A lista exata deles varia entre as diferentes igrejas. Para os propósitos desta série que busca expor o "Antigo Testamento para todos", consideramos como "Escrituras" os livros aceitos pela comunidade judaica, embora na Bíblia judaica eles sejam apresentados em uma ordem distinta, classificados como a Torá, os Profetas e os Escritos.

Elas não são "antigas" no sentido de antiquadas ou ultrapassadas; às vezes, gosto de me referir a elas como o "Primeiro Testamento" em vez de "Antigo Testamento", para não deixar dúvidas. Quanto a Jesus e aos autores do Novo Testamento, as antigas Escrituras foram um recurso vívido na compreensão de Deus e dos caminhos divinos no mundo e conosco. Elas foram úteis "para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra" (2Timóteo 3:16-17). De fato, foram para todos, de modo que é estranho que os cristãos pouco se dediquem à sua leitura. Assim, o objetivo, com esses volumes, é auxiliar você a fazer isso.

Meu receio é que você leia a minha obra, não as Escrituras. Não faça isso. Aprecio o fato de esta série incluir grande parte do texto bíblico, mas não ignore a leitura da Palavra de Deus. No fim, essa é a parte que realmente importa.

UM ESBOÇO DO ANTIGO TESTAMENTO

Embora o Antigo Testamento cristão contenha os mesmos livros da Bíblia judaica, eles são apresentados em uma ordem diferente:

Gênesis a Reis: Uma história que abrange desde a criação do mundo até o exílio dos judaítas na Babilônia.

Crônicas a Ester: Uma segunda versão dessa história, prosseguindo até os anos posteriores ao exílio.

Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos: Alguns livros poéticos.

Isaías a Malaquias: O ensino de alguns profetas.

A seguir, há um esboço da história subjacente a esses livros (não forneço datas para os eventos em Gênesis, o que envolve muito esforço de adivinhação).

1200 a.C.	Moisés, o êxodo, Josué
1100 a.C.	Os “juízes”
1000 a.C.	Saul, Davi
900 a.C.	Salomão; a divisão da nação em dois reinos: Efraim e Judá
800 a.C.	Elias, Eliseu
700 a.C.	Amós, Oseias, Isaías, Miqueias; Assíria, a superpotência; a queda de Efraim
600 a.C.	Jeremias, rei Josias; Babilônia, a superpotência
500 a.C.	Ezequiel; a queda de Judá; Pérsia, a superpotência; judaítas livres para retornar para casa
400 a.C.	Esdras, Neemias
300 a.C.	Grécia, a superpotência
200 a.C.	Síria e Egito, os poderes regionais puxando Judá de uma forma ou de outra
100 a.C.	Judá rebela-se contra o poder da Síria e obtém a independência
0 a.C.	Roma, a superpotência

SALMOS 73—150

Você pode estar se perguntando o motivo deste segundo volume relativo ao livro de Salmos, da série O Antigo Testamento para todos, iniciar com o salmo 73 — por que não incluir 75 salmos em cada volume? A resposta é que a Bíblia hebraica divide o Saltério, o livro de Salmos, em cinco "livros" menores, iniciando-se com os salmos 1, 42, 73, 90 e 107. Pode-se ver os marcos dessas divisões dentro dos próprios salmos no ato especial de louvor e no amém duplo que surge ao final dos salmos 41, 72, 89 e 106. Se as pessoas que compilaram o Saltério o estruturaram dessa forma, poder-se-ia imaginar que reuniriam as categorias distintas de salmos nos diferentes livros — digamos, colocar em um livro todos os salmos de louvor, em outro, todos os salmos para uso do rei, ou todos os salmos davídicos. No entanto, embora haja tendências de acordo com essas linhas, elas não foram realizadas de modo consistente, e as divisões entre os livros são aleatórias. Mas a formação em cinco livros, certamente, não é randômica, pois segue o mesmo número nos quais a Torá é dividida — Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Portanto, há cinco livros de ensino sobre como Deus se relacionou com o mundo e com Israel, no princípio, e sobre as expectativas de Deus em relação a Israel, e há o mesmo número de livros de ensino sobre oração e louvor. Dessa forma, a divisão do Saltério em cinco livros chama a nossa atenção para o motivo de o livro de Salmos existir; para nos ensinar como louvar a Deus e como orar a ele.

Bem, fiz uma leve simplificação. Existem cerca de quinze salmos que são dominados pela palavra de Deus. O salmo 110 constitui um exemplo; trata-se de um relato das promessas de Deus ao rei. Todavia, na grande maioria, são os seres humanos que falam a Deus. Há quatro maneiras principais pelas quais isso ocorre:

Alguns salmos são expressões de adoração pelo que Deus é e pela forma consistente com que se relaciona conosco. O salmo 100 é um exemplo. O salmo em questão ilustra bem as duas características de um salmo de louvor dessa categoria. Ele inicia com uma exortação ao louvor e, então, prossegue com os

motivos para o louvor, que constitui o seu conteúdo. Igualmente, exemplifica uma característica presente em outros salmos. Quando o salmista expressa o louvor e os motivos para louvar, ele repete a sequência, como se fazê-lo uma vez não fosse suficiente. Há mais salmos de louvor na segunda metade do Saltério do que na primeira.

Alguns salmos constituem protestos quanto ao fato de Deus não estar, agora, se relacionando conosco como seria esperado por nós. O salmo 89 é um exemplo. Nesse caso, há menos salmos de protesto na segunda metade do que na primeira. O salmo 89 é um exemplo extremo de uma característica recorrente nesses salmos, ou seja, a de se estender longamente na descrição de quem é Deus, de como ele agiu no passado, e as promessas feitas por ele. No entanto, tudo isso apenas leva a uma queixa quanto a esses fatos apenas tornarem mais misterioso o modo pelo qual Deus tem agido no presente.

Certos salmos são declarações de confiança em Deus que persiste a despeito das pressões. Nesse quesito, o salmo 84 é um modelo. A exemplo de um salmo de protesto, este pressupõe o fato de que nem tudo é maravilhoso na vida de uma pessoa. Fala sobre ter de viver em tendas dos infiéis — isto é, viver na companhia de pessoas infiéis. Seria muito melhor poder viver em Jerusalém, nas vizinhanças do templo. Contudo, o salmo também expressa uma espécie de contentamento pela obrigação de viver longe de Jerusalém, pois Deus não está confinado ao templo e pode ser objeto de confiança em qualquer lugar do planeta.

Alguns salmos são testemunhos ou ações de graças pelos atos de Deus em resposta aos protestos e às declarações de confiança. O salmo 116 é um exemplo. Um salmo de ação de graças ou de testemunho, tipicamente, fornece um relato do perigo ou da aflição no(a) qual uma pessoa estava, uma descrição de como a pessoa orou e um relato da ação divina para trazer libertação. O salmista busca atrair outras pessoas a um compromisso mais profundo com Deus, à medida que percebe que aquele testemunho descreve algo que não é somente verdadeiro para aquela pessoa, mas que também pode ser real para elas.

Uma característica que perpassa todos as categorias de salmos é a maneira com que eles são constituídos por linhas breves, divididas em duas partes. Desse modo, a primeira linha do salmo 73 é:

“Com efeito, Deus é bom para Israel,

para os puros de coração.”

De modo típico, a segunda metade da linha reafirma a primeira, embora não seja uma simples repetição. Pode-se obter uma falsa impressão apenas com a primeira metade. É importante que Deus seja comprometido com Israel, mas a adição da segunda metade esclarece que não basta pertencer a Israel, mas é também necessário ser puro de coração. Uma linha posterior do salmo (v. 13) diz:

“Com efeito, foi para nada que eu mantive o meu coração limpo

e lavei as minhas mãos na inocência.”

Em outras palavras, uma relação apropriada e pura com Deus e com outras pessoas envolve o que há em nosso interior com respeito às nossas intenções e pensamentos (o coração ou a mente). Igualmente, envolve o que está acontecendo com as nossas ações, fora de nós; as nossas mãos não podem estar manchadas de sangue. É importante que a nossa atitude de mente e de coração seja correta, mas também é crucial que as nossas ações assim sejam. Outra dupla de linhas, adiante no salmo (v. 15), diz:

“Se eu tivesse dito que falaria assim —

eis que teria traído a companhia de teus filhos.”

Aqui, a segunda metade do versículo completa a primeira.

Quem são as pessoas que expressam o seu louvor e a sua oração nos Salmos? Isso pode variar. Algumas vezes, é a comunidade que se expressa como “nós”. Tais salmos podem ser especialmente instrutivos se desejamos conhecer como modelar a oração e o louvor da igreja. Em outras, é um “eu” individual que fala. Esses salmos também podem ser de grande auxílio quando almejarmos desenvolver o nosso louvor e a nossa oração individual. Entretanto, há alguns salmos individuais (“eu”) que soam como se lidassem com as necessidades de um rei ou um de um líder, como Neemias. Esses salmos são especialmente úteis se desejarmos saber como orar por nossos líderes.

Não sabemos quem escreveu o livro de Salmos, porém não necessitamos, de fato, conhecer os autores dos salmos para usá-los, do mesmo modo que não precisamos conhecer quem compôs um hino moderno para entoá-lo, ou uma oração para poder expressá-la. Pode-se imaginar que a autoria dos Salmos seja óbvia — mas é certo que foi Davi? Contudo, menos de vinte dos salmos que estudamos nesse volume apresentam “De Davi”, em sua introdução, de maneira que a ligação com Davi não nos ajuda muito. Na verdade, inúmeros desses salmos parecem pressupor um tempo bem posterior ao de Davi — particularmente, a queda de Jerusalém diante dos exércitos babilônicos e o subsequente translado dos habitantes de Judá para a Babilônia.

De qualquer forma, não está muito claro se a nota “de Davi” realmente significa que Davi tenha escrito o salmo. Poderia significar que a autoria do salmo é mesmo de Davi ou de algum rei davídico posterior ou, ainda, que o salmo faça parte de uma das coletâneas de salmos patrocinadas por Davi ou outro rei davídico. Uns poucos salmos mencionam outras pessoas como Asafe ou os coraítas, que eram pessoas envolvidas ou associadas com a liderança da adoração no templo. Algumas introduções referem-se à ocasião da adoração na qual o salmo era usado. Notadamente, os salmos 120—134 são todos “cânticos de peregrinação”, o que pode significar que eram entoados durante a subida de peregrinação a Jerusalém. Os salmos 113—118 tornaram-se os salmos de louvor ou “Hallel”, que eram usados nos grandes festivais, especialmente na Páscoa, embora o próprio Saltério não faça referência a essa prática.

SALMOS

Ontem à noite, fomos a uma apresentação de Steve Earle, um artista de rock-country-bluegrass-folk. A primeira vez que eu o ouvi, no Nottingham Rock City, ele havia recentemente saído da prisão, após cumprir pena por delitos ligados a drogas. Vinte anos mais tarde, em um clube na Disneylândia (!), uma de suas canções declarava que, agora, ele acredita em profecias e em milagres, e: “Sim, eu acredito em Deus, e Deus não sou eu [...] eu acredito em Deus, e Deus não somos nós.” Steve Earle foi tragado, aniquilado, mas ele contou ao público, quando apresentou outra de suas canções: “Eu tive uma segunda chance”, embora ele se regozije no fato de que cada novo dia é uma outra segunda chance. Ele se casou sete vezes (duas com a mesma mulher), “mas essa é a primeira vez sóbrio”. Ao ouvir um viciado que, agora, está tão cheio de vida, compromisso e criatividade, referindo-se a como as coisas eram no passado, isso pode significar que estou ouvindo alguém que personifica o milagre de Deus alcançando a vida de um ser humano, e isso encoraja a minha fé e a minha esperança.

O salmo 73 fala de perseguição em vez de vício, porém discorre sobre aquele mesmo milagre de fé e de esperança: “Por teu propósito, tu me conduzes e, depois, me receberás com honras.” Se o salmista fosse um viciado, ele seria alguém que acabou de cair em si e sabe que é impossível sair do poço do vício sozinho, e está começando a ver que há um poder superior que pode ajudá-lo a sair do buraco. No caso do salmista, cair em si significa ver que esse poder superior é também maior que os seus perseguidores.

Em termos da tipologia que mencionei na introdução, o salmo 73 é uma espécie de salmo de confiança, mas também de ação de graças. Em Salmos para todos – Parte 1, observei que os salmos contemplam dois estágios da resposta de Deus a uma oração. O estágio um significa que Deus ouviu a oração e assumiu o compromisso de fazer algo a respeito do que foi orado. O estágio dois expressa que Deus já agiu, na prática. O salmo 73 está situado entre os estágios um e dois, e o salmista olha para trás, para o processo que o levou à convicção de que Deus irá agir. Assim, com base em sua atitude de confiança, ele conta uma história como uma ação de graças.

O início resume o ponto. O salmista chegou a um ponto no qual é possível fazer uma declaração positiva da bondade de Deus em relação a Israel — embora as pessoas infiéis, citadas nos versículos seguintes, provavelmente sejam israelitas, de modo que o salmo detalha esse ponto ao enfatizar que essa afirmação sobre a

bondade divina diz respeito aos israelitas que são puros de coração, pessoas que possuem a atitude certa em relação a Deus e ao próximo. Afirmar esse ponto também serve de lembrete aos que ouvem esse salmo de que eles precisam pertencer à companhia dos puros de coração. Após a declaração indicando a posição que o salmista pode assumir agora, o salmo relata a história que está por trás dessa afirmação. Ele observa que muitos estão prosperando na vida e se orgulham disso, agindo com arrogância em relação a Deus e, portanto, em relação aos demais seres humanos. “Os seus olhos saltam por causa da dureza” — talvez a sentença seja equivalente a estar com o coração endurecido; isso sugere olhar para as outras pessoas de maneira cruel. Além disso, o motivo de estarem prosperando é a insensibilidade com que tratam as demais pessoas, causando sofrimento e ameaçando tragá-las como uma inundação.

A cultura ocidental, com frequência, nos encoraja a, simplesmente, nos aproximarmos das pessoas que estão “subindo na vida”, e o “evangelho da prosperidade” vem a reboque. Qual é o ponto em ser uma pessoa pura de coração e cujas mãos não estão manchadas de sangue inocente? A resposta a essa questão chegou ao salmista por meio de sua ida ao santuário. Ele veio a perceber, uma vez mais, a verdade pressuposta por muitos salmos. O fato de os infiéis estarem prosperando agora não significa que eles se darão bem para sempre. Ainda, o fato de pessoas inocentes estarem sofrendo não quer dizer que o sofrimento delas perdurará para sempre. Deus, realmente, está envolvido na vida terrena e restaurará a honra do inocente e cuidará para que a justiça seja feita em relação ao infiel. Embora o Antigo Testamento reconheça que as coisas nem sempre funcionam dessa forma, ele também reconhece que as ocasiões de exceção podem facilmente dominar, de modo excessivo, o nosso pensamento. Pelo menos, essa foi a experiência do salmista. No entanto, ir ao santuário reforçou a consciência quanto ao envolvimento de Deus. Afinal, os infiéis o pressionam e causam dificuldades, mas o salmista segue vivo para afirmar: “Mas estou continuamente contigo; tu seguras a minha mão direita.” E Deus prosseguirá fazendo isso, de maneira que não preciso olhar para outro deus ou buscar alguma outra forma de sair do poço em que estou. Não, sou impotente demais para fazer algo e mudar a minha situação; eu não sou Deus, porém Deus é Deus.

É frustrante que o salmista não nos revele o que, na sua ida ao santuário, remodelou o seu pensamento e a sua atitude. Talvez tenha sido o relato da história do envolvimento de Deus com o povo de Israel, especialmente no tocante à libertação do Egito e a derrota imposta àquele povo. Ou pelo fato de

ouvir os testemunhos das outras pessoas sobre os atos de Deus na vida delas, ou ouvir o coro do templo cantando sobre a grandeza de Deus. Pode ser apenas por estar no local em que Deus está presente, invisivelmente entronizado. A omissão do salmista em esclarecer esse ponto nos convida a concluir que a questão não está ali. O ponto é que, de alguma forma, o pensamento do salmista foi remodelado (a exemplo do que ocorreu com Steve Earle, por meio de um programa de doze passos), e Deus retornou ao centro. Vivemos em necessidade perpétua de tal remodelagem, de um jeito ou de outro, para abandonarmos o pensamento que nos deixa à parte do envolvimento divino e permitirmos que esse envolvimento de Deus conosco ocupe a posição central de nossa vida.

Algumas traduções passam a impressão de que o salmista está aguardando ser levado por Deus para a glória após a sua morte, mas esse entendimento é equivocado, pois conclui algo que os próprios israelitas não imaginariam, para os quais a morte era o fim; não havia nada depois dela. (Alguns judeus, mais tarde, passaram a crer que haveria ressurreição, mas há um fundamento para crer na ressurreição apenas à luz da morte e da própria ressurreição de Jesus.) As boas-novas do salmo são de que não precisamos esperar o pós-morte para sermos redimidos por Deus; ele redime agora, e o salmista encoraja essa expectativa.

Enquanto escrevo, nesta noite, ocorrerá o início do ano judaico de 5772; em outras palavras, nesse cálculo do ano novo, serão celebrados 5.772 anos após a Criação. O evento será seguido pelo Dia da Expiação e pelo Festival do Sucote. Portanto, a reflexão sobre a criação e a libertação divina de Israel do Egito ocorre conjuntamente, nesse ponto do ano judaico. No calendário cristão, o Natal é, imediatamente, seguido pelo ano-novo do Ocidente, e o método ocidental de contagem dos anos também estabelece uma ligação entre a criação da vida comum e os atos de salvação de Deus, pois se inicia com a data do nascimento de Cristo. É possível que esse fato seja uma coincidência, porém poderíamos obter mais disso.

A seção intermediária do salmo 74 estabelece a mesma conexão, ainda que com certa sutileza. Ela descreve a ação de Deus como rei, com uma linguagem que pode ser aplicada tanto à criação quanto ao ato libertador do povo de Deus no mar de Juncos A princípio, o discurso sobre libertação poderia sugerir este último evento, mas, perto do fim, a seção discorre sobre dia e noite, verão e inverno, levando a pensar no ato da criação. Outros povos do Oriente Médio falavam da criação como um ato de libertação, uma ocasião na qual Deus obteve uma grande vitória sobre os poderes resistentes, tais como o mar com sua energia dinâmica. O Antigo Testamento, igualmente, fala nesses termos. Assim, os israelitas, ao verbalizarem o salmo, poderiam, naturalmente, pensar tanto na criação quanto no êxodo, ao usarem a seção intermediária do salmo. Uma das implicações seria, então, que o ato de criação de Deus assegurou o controle divino sobre os tumultuosos poderes do universo; não precisamos nos preocupar com eles. Ao contrário, a libertação de Israel por Deus, junto ao mar de Juncos, foi um ato do Deus Criador, utilizando o mesmo poder que havia manifestado na criação. Deus, em geral, declina de usar sobre a humanidade a mesma força que utilizou sobre os poderes cósmicos resistentes, talvez por estar comprometido a ganhar a nossa submissão em lugar de obtê-la à força.

O salmo apresenta um lembrete aos que o usam de que Deus possui poder como criador e também libertador, e que, portanto, não há necessidade de a presente experiência de desolação do povo persistir. O contexto óbvio no qual podemos localizar o salmo é a destruição de Jerusalém, descrita no fim dos livros de Reis, mas esses livros sugerem que Deus teria uma incômoda resposta à recorrente pergunta do salmista “Por quê?”: a infidelidade da cidade a levou a merecer toda a desolação pela qual ela estava passando. Nos dias do salmista, entretanto,

décadas já haviam se passado, e o povo poderia, com razão, estar pensando: “Chega de punição!”

Além disso, os profetas reconheceram que, embora fosse justo, naquelas circunstâncias, Deus agir contra Israel por meio de poderes estrangeiros, igualmente espera-se que ele, no devido tempo, passe a agir contra as forças estrangeiras a fim de restaurar a cidade de Jerusalém. Esse ato é ainda mais justificável quando a ação desses povos estrangeiros envolve blasfêmia e desprezo por Deus, cujo nome estava vinculado ao templo. O salmo sugere que o problema com essa punição a Israel é que ela parece não ter fim; já é hora de o povo que destruiu o templo receber a sua devida retribuição. E, apesar de haver profetas que costumavam falar sobre essas questões, o abandono de Deus também se expressa parcialmente por seu silêncio. Ainda, embora outros salmos pressuponham que podemos receber uma resposta de Deus quando nos derramamos em nossa angústia, o salmo 74 apresenta uma experiência na qual isso não ocorre.

Próximo do fim, o salmo apela para a aliança. Esse apelo envolve certa ousadia, pois o motivo para Deus ter abandonado Israel foi o fato de os israelitas ignorarem as suas obrigações em relação à aliança. O salmista, uma vez mais, arrisca-se a receber uma resposta dura: “Como se atreve a apelar para a aliança que você mesmo quebrou?” O salmo ilustra que não existem limites para a ousadia que podemos expressar na oração. Deus estabeleceu um compromisso na aliança e não pode escapar das suas obrigações, ainda que o parceiro de aliança lhe seja infiel.

O noticiário de hoje apresentou a história de dois homens chamados Abu Elias e Robert, que foram entrevistados enquanto estavam sentados na parte inferior das escadarias do Convento de Nossa Senhora de Saydnaya, uma cidade elevada, situada nas montanhas ao norte de Damasco. Trata-se de uma das poucas comunidades que ainda falam aramaico, a língua de Jesus, e constitui um antigo centro cristão, cujo bispo parece ter participado do concílio que produziu o Credo Niceno, no século IV d.C., e que tem sido foco de peregrinações tanto de cristãos quanto de muçulmanos. A sua localização nas montanhas a manteve protegida dos inúmeros tumultos que afetaram a vida no Oriente Médio ao longo dos séculos. Abu Elias e Robert estão lá porque são dois refugiados cristãos que fugiram dos conflitos no Iraque. Contudo, agora, eles temem ser obrigados a fugir novamente, caso a agitação atual na Síria resulte na transmissão de poder a um governo que não tenha interesse em lhes assegurar a mesma proteção que receberam do presidente Assad.

Ainda que precisem fugir novamente, Abu Elias e Robert, a exemplo de outros cristãos (além de judeus e muçulmanos) em situações de perigo, possuem poucas alternativas, além de confiar em uma dinâmica como a expressa no salmo 75. Primeiro, o salmista olha para trás. A comunidade relembra as oportunidades que tiveram de testemunhar sobre a ação e a proteção de Deus no passado. Os seus membros passaram pela experiência da aproximação do nome de Deus — isto é, da proximidade daquele que é indicado pelo nome Yahweh, que resultou em maravilhas por meio das quais o povo foi libertado.

Deus em pessoa, então, intervém no salmo para confirmar que essa experiência não pertence apenas ao passado. No momento crucial, Deus entrará em ação, como ocorre aqui, com as palavras, e exercerá a sua liberdade de agir decisivamente em benefício do seu povo ao restabelecer a justiça. Caso as nações estejam tremendo de medo, esse sentimento não deve se espalhar pelo povo, pois as pessoas sabem que Deus é aquele que estabeleceu a terra sobre fundações seguras. De modo típico, essa linguagem refere-se não apenas ao mundo físico criado, mas, igualmente, às estruturas da vida contínua do povo. Confrontado pelo povo que “exulta”, pessoas que imaginam com um sorriso que possuem poder no mundo, Deus as adverte.

A segunda metade do salmo é dominada por uma resposta que afirma e confirma o que Deus declarou, embora forneça detalhes mais assustadores quanto ao que

Deus faz contra os exultantes ou soberbos. O papel de Neemias como copeiro do rei persa incluía a responsabilidade de provar o vinho dado ao rei antes de o monarca assumir o risco de consumi-lo. É plenamente possível “batizar” a bebida de outra pessoa, e Deus pretende fazer isso (e não é com ingredientes agradáveis) para os presunçosos e confiantes infiéis que ameaçam a comunidade que está orando o salmo. Isso significa que a comunidade terá a oportunidade de fazer a mesma espécie de confissão que foi recordada no início do salmo, com respeito ao que Deus, agora, pode fazer por ela. Sim, Deus libertará o seu povo.

O movimento antifonal do salmo (as pessoas e Deus recitam de maneira alternada e responsiva) é concluído com o compromisso final de Deus na linha de encerramento.

Na semana passada, eu estava dando uma palestra sobre o livro de Salmos em uma faculdade de Michigan e mencionei a extraordinária liberdade que o Saltério assume em nossa relação com Deus. Pode-se dizer tudo a Deus, pois nessa relação somos como crianças diante dos pais ou do professor. Claro que essa imagem pressupõe que você tenha um bom relacionamento com os seus pais ou o professor; mas, se esse for o caso, então pode-se dizer qualquer coisa. É possível expressar o seu sentimento de revolta como faz em relação aos pais. No período de perguntas após a palestra, um estudante nas últimas fileiras do auditório expressou certa perplexidade. Não deveríamos temer a Deus?

A palavra “temor” é complexa. O hebraico possui inúmeros termos equivalentes para “medo”, “pavor” e “temor” e utiliza todos eles para expressar tanto um sentido positivo de reverência e submissão quanto um sentido mais negativo de estar temeroso ou assustado. Com certa frequência, ao ler sobre o temor de Deus nas traduções da Bíblia, deve-se substituir mentalmente a expressão por outras como “assombro diante de Deus”, “reverência”, “submissão” ou “obediência” a Deus. Assim, quando estamos em um relacionamento correto com Deus, as palavras para temor assumem conotações positivas. Quando a nossa relação com Deus não é correta, as conotações são negativas. Com efeito, as nossas ações definem essas conotações.

A palavra hebraica mais comum para medo ou reverência aparece quatro vezes no salmo 76, a qual traduzi por “temor” em cada ocorrência. Em todas elas, pode-se compreender o termo possuindo tanto uma conotação positiva quanto negativa, para ilustrar como (nesse caso) os homens fortes da terra, os que trazem tributo ou os reis decidem se as implicações são positivas ou negativas.

O salmista olha para o passado, quando Deus se estabeleceu em Jerusalém, por meio da ação de Davi que tomou a cidade das mãos dos jebuseus e a tornou no santuário principal do povo israelita. Ele, então, imagina um daqueles tempos em que Jerusalém estava sob ataque de povos como os assírios, mas a sua natureza como um hino de louvor que poderia ser usado regularmente significa que a tentativa de associar o salmo a um evento particular, provavelmente, é um equívoco. A referência ao sopro de Deus, a carruagens e a cavalos pode, igualmente, sugerir a libertação no mar de Juncos. Todos foram eventos com a mesma dinâmica, que estabeleceram que Yahweh deveria ser reverenciado (caso a pessoa estivesse disposta a se submeter a Deus) ou temido (caso estivesse

propensa a contrariar o propósito divino).

Nos dois versículos derradeiros e nas duas últimas referência a “temor”, o salmista volta a sua atenção a Israel. Trata-se de um encorajamento para nós que Deus opere com o fim de apresentar aquela escolha diante dos outros povos. Igualmente, os dois versículos finais explicitam que esses eventos também colocam essa escolha diante de nós.

Uma de nossas alunas procurou-me para pedir que eu me encontrasse com outra aluna, cuja vida parecia estar desmoronando e que, por isso, estava falando em suicídio. A mulher permanecera casada por vinte anos; o seu primeiro marido havia sido “o amor da sua vida”. Então, ele adoeceu gravemente e morreu. Ela odiava a solidão e, mais rápida do que sabiamente (pode-se ver isso em retrospectiva), envolveu-se com outro homem e casou-se com ele. O segundo marido trabalhava como freelancer em tecnologia da informação e, na época em que se casaram, os seus negócios iam bem, porém veio a recessão, e ele atingiu o fundo do poço. Na tentativa de alavancar os negócios, eles obtiveram uma segunda hipoteca sobre a casa que pertencia a ela e ao seu primeiro marido, mas a tentativa se mostrou um grande fracasso. Por conseguinte, agora o casal corre o risco de perder a casa por inadimplência, e ela, de abandonar o seminário.

O salmo 77 me faz pensar nessa mulher. O aspecto principal de sua presente situação é a maneira com que as circunstâncias em sua vida mudaram. Cinco anos atrás, ela gozava de felicidade em seu casamento, de segurança financeira, além de estar muito envolvida na vida da igreja. Todavia, o seu problema não reside apenas nas mudanças em sua vida. A exemplo do que expressa o salmista, Deus mudou.

Assim, aquela mulher reflete a respeito do contraste entre o presente e o passado. Pensar sobre o passado pode ser algo doloroso, mas também construtivo. Existem inúmeras passagens bíblicas que falam sobre Deus mudar o seu pensamento, e essa possibilidade, às vezes, preocupa as pessoas. Deus é volúvel? Ele não é confiável? Deus pode afirmar uma coisa hoje e, amanhã, outra? Resposta: sim, Deus pode, mas ele não o faz de forma arbitrária. A maioria das referências sobre Deus mudar o seu pensamento relaciona-se a não impor uma punição com a qual ameaçou as pessoas, pelo fato de elas abandonarem as suas transgressões. Portanto, no próprio ato de mudar, Deus está sendo consistente ao mostrar sua misericórdia.

O dilema no salmo 77, do mesmo modo que para a mulher com quem falei, é duplo. A mudança de Deus foi da bênção à aflição, e não parece haver um motivo para isso. Não obstante, o salmo prossegue para expressar uma determinação quanto a recordar como as coisas eram no passado. Além disso, há, então, uma característica surpreendente da recordação. Poderíamos supor que a lembrança fosse relacionada a ações realizadas por Deus em benefício da

pessoa que está orando. No entanto, a recordação está relacionada a atos feitos em prol de todo o povo. O salmo poderia, então, ser usado por um rei ou outro líder, que estivesse orando sobre uma situação na qual todo o povo sofre. Mas a seção de abertura o faz parecer mais como um salmo para uso individual. Quando uma pessoa comum lança mão dele, a lembrança, então, relaciona-se a algo maior do que as ações passadas de Deus na vida dessa pessoa. Ela associa o indivíduo com os atos grandiosos que Deus operou para o povo no êxodo e no mar de Juncos. O equivalente para um cristão seria relembrar o que Deus fez para o seu povo ao enviar Jesus Cristo com o objetivo de viver, morrer e ressuscitar dentre os mortos por nós.

Portanto, qual é o sentido em recordar esses eventos? Quando o faço, por um lado, estou relembrando a mim mesmo os grandiosos atos que Deus operou por todos nós, além de reafirmar intimamente que o presente não pode ser a palavra final. Do outro, também estou lembrando Deus dos seus maravilhosos atos e, com efeito, estou lhe dizendo: “Não podes parar agora! O que permites agora não está de acordo com o que fizeste no passado.”

Estar ciente de que posso relembrar a Deus o passado, então, energiza a oração com a qual o salmo inicia. O salmista não possui atos de libertação para os quais olhar (os guardas dos olhos são as pálpebras) e pelos quais louvar a Deus (e, desse modo, há restrições no louvor). Tudo o que a pessoa pode fazer, nessas circunstâncias, é clamar a Deus para retomar o padrão de atos divinos já manifestados no passado.

Ontem, na igreja, a leitura do Antigo Testamento foi sobre a entrega dos Dez Mandamentos, em Êxodo 20, e seguimos essa leitura com um tempo de discussão congregacional sobre quais desses mandamentos pareciam mais importantes em nosso contexto e se havia características intrigantes quanto a eles. Um dos presentes perguntou sobre a advertência de que Deus castigaria aqueles que fizessem imagens até a terceira ou a quarta geração; outra pessoa foi capaz de citar as palavras de Deus que se seguiram não muito depois, em Êxodo 32, a respeito de cada indivíduo morrer por seu próprio pecado (fiquei impressionado com a sua facilidade em citar o versículo). Mais tarde, a primeira a se manifestar pediu desculpas por achar que fizera uma pergunta tola. Eu lhe assegurei que não existem perguntas tolas e que as que ela, corajosamente, fizera são perguntas que outras pessoas querem fazer, mas ficam com receio.

Uma característica interessante do salmo 78 é a suposição inicial de que o povo de Deus precisa falar sobre o seu ensino. Isso implica que há um papel de ensino a ser cumprido pelos professores; o salmo inicia-se assim: “Ouçam-me.” O salmista presume a capacidade de dar ao povo um relato crível e distinto dos “mistérios”, as profundas verdades da história de Israel. Contudo, o salmo também reconhece que qualquer professor está em meio a um processo contínuo. O ensino é possível apenas se o aluno ouve e é efetivo somente se a geração seguinte prossegue com o relato. Ouvir e transmitir envolve a fala, não apenas a escrita e a leitura. A Torá enfatiza o papel dos pais em assegurar que os seus filhos conheçam a história dos atos de Deus em relação a Israel. Igualmente, sublinha o papel de questionamento dos filhos: “O que isso significa?” Não existem perguntas tolas.

A abertura do salmo evidencia a ligação entre os atos divinos em benefício de Israel e a obediência e a confiança dos israelitas a Deus. Há duas armadilhas nas quais é possível cair. Uma delas é presumir que, dado o amor incondicional de Deus, o nosso modo de vida não tem muita importância; que ele não afeta a nossa relação com Deus. A outra é concluir que o amor de Deus por nós está condicionado à nossa maneira de viver e que a nossa prioridade é ganhar a aprovação divina ao vivermos corretamente. A abertura do salmo habilmente negocia o espaço entre essas duas ciladas. A relação de Deus com Israel resultou das ações divinas em benefício desse povo, mas a resposta dos israelitas, confiando e submetendo-se ao caminho de Deus, foi essencial. A transmissão e o relato do qual o salmo fala relacionam-se tanto aos atos de Deus quanto às

expectativas sobre a resposta correta. O trecho principal do salmo fornece uma ilustração mais concreta da relação sutil entre os generosos atos divinos e a nossa resposta. O povo declinara de guardar a aliança de Deus (a referência objetiva a Efraim se tornará mais clara quando nos aproximarmos do fim do salmo), e os israelitas assim agiram apesar de Deus ter operado tantas maravilhas em benefício deles. Com efeito, estavam provando Deus. Sem perceberem isso, tentaram ver até onde poderiam ir com Deus. Um aspecto da resposta divina era fornecer-lhes o que explicitamente pediram: comida dos céus; pão e carne. Contudo, outro aspecto foi o de castigá-los. A provisão ilustrava como Deus seguia sendo generoso; no entanto, o castigo ilustrava que, independentemente das circunstâncias, nunca é uma atitude sábia tentar brincar com Deus. Eles voltariam, e Deus os receberia de volta, mas o retorno deles jamais seria totalmente confiável. Ainda, a desobediência do povo e a disciplina divina jamais seriam o fim da história.

Alguns meses atrás, um dos membros da nossa igreja, uma vivaz senhora, com mais de noventa anos, que sempre tinha alguma contribuição a fazer, de repente deixou de ser assídua em nossos cultos e, então, ficou ausente por duas ou três semanas sucessivas. Então, recebemos a notícia sobre o seu falecimento. O estranho nesse episódio é que ele nos chocou. Na noite passada, fomos tomar a ceia do Senhor com outras duas senhoras da nossa igreja, ambas na casa dos noventa anos; ambas incapacitadas de ir à igreja nos últimos dois domingos. Uma delas sente instabilidade em suas pernas; a outra sofre com feridas em seus membros inferiores que não melhoram. Concordamos que ambas pareciam estar enfermas. Elas já haviam conversado sobre o funeral que desejavam. (Na verdade, enquanto escrevia este volume, uma delas faleceu e estarei conduzindo o seu funeral nesta semana.) Estar na companhia dessas pessoas e testemunhar a sua crescente fragilidade é uma experiência solene. Entre outras coisas, isso nos faz refletir sobre a nossa própria precariedade.

A boa notícia no salmo 78 é que Deus pensa em nossa fragilidade e faz concessões quanto a ela; Deus tem ciência de que somos carne, “um vento passageiro que não retorna”. Quando Paulo escreve sobre sermos carne, ele tem em mente a nossa fraqueza moral. Embora o salmo deixe claro que o Antigo Testamento reconhece que somos debilitados moralmente, ao falar sobre sermos carne, o salmista reflete sobre a fragilidade física comum que é expressa em nossa mortalidade. Somos como o vento, não no sentido de um vento genuinamente poderoso, mas com o significado de que, após fazer muito barulho, ele se vai.

Assim, Deus faz concessão à nossa efemeridade e não sopra sobre nós o seu próprio vento poderoso para nos destruir. Ele o retém por compaixão. Além disso, Deus expia a nossa transgressão. Trata-se de uma declaração ainda mais notável, pois, por definição, expiação de pecados é o que os seres humanos fazem pela entrega de ofertas adequadas. Mas esse processo funciona apenas porque Deus o provê, e as ocasiões nas quais o Antigo Testamento fala sobre a ação divina de expiação expressam a maneira pela qual a purificação e o perdão sempre resultam da graça e do amor de Deus.

Deus tem à sua disposição inúmeras oportunidades de exercitar o seu autodomínio e a sua compaixão. O salmista segue revendo a história do envolvimento de Deus com o povo de Israel. Ele começa com uma longa

recordação do que Deus fez no Egito, na tentativa de convencer os egípcios a permitir a saída dos israelitas do seu território. Ainda, relembra a provisão divina para os israelitas durante a jornada a Canaã e a distribuição dos lotes a cada clã ali. Seria esperado que esse envolvimento gerasse uma resposta de gratidão e de compromisso, mas tudo o que suscitou foram desafios, irritação e sofrimento. Portanto, Deus respondeu com ira, rejeição e abandono. Por três vezes, o salmista faz menção ao povo "testar" Deus para ver até onde eles poderiam esticar a corda. Será que fizeram Deus abandoná-los completamente? Resposta: não, eles não conseguiram isso. Quando parece que lograram isso e que Deus está adormecido em relação a eles, Yahweh desperta e age.

No início do salmo, há uma intrigante referência a Efraim; o significado dessa menção emerge próximo ao fim do salmo. Uma das maneiras de Deus buscar o equilíbrio entre ser fiel ao seu povo e não ignorar as transgressões dos israelitas é expulsar parte do povo, mas manter a existência da outra parte. Efraim é maior do que Judá e seria o centro religioso e político mais óbvio para Israel. No entanto, em vez disso, Deus fez de Judá o centro. Os livros históricos enxergam isso somente como uma ação de Davi; o salmo está preparado para ver Deus por trás da ação davídica. Davi se tornou o mais habilidoso pastor do povo.

Caso pertencesse a Judá, você poderia ser tentado a se sentir superior ao chegar ao fim do salmo. Você faz parte do povo que Deus escolheu, em lugar daqueles efraimitas do Norte! Mas, então, percebe a dinâmica da história à medida que o salmista a relata. Quando Deus exerce alguma escolha ou mostra certa graça, a questão é em relação à resposta dos beneficiários. O destino das gerações anteriores de Israel e de Efraim, em particular, deve servir de advertência para você; caso contrário, seguirá o mesmo caminho trilhado por elas — o que, na realidade, foi exatamente o que aconteceu. Existe uma dinâmica equivalente quanto a uma leitura cristã do salmo e do Antigo Testamento em geral. Em 1Coríntios 10, Paulo nos alerta para o fato de que é melhor evitarmos ter o mesmo destino deles.

A expressão “fadiga por compaixão” já existe há algum tempo. A natureza da mídia moderna significa termos consciência instantânea do sofrimento em diferentes regiões do mundo. Todavia, não podemos lidar com toda essa dor ou convivermos com essa consciência, e precisamos nos desligar delas. Ao cuidar da minha esposa durante os anos de sua enfermidade, convivi com a tentação de sentir culpa por não ser um bom marido, pois era incapaz de “solucionar” a doença dela. As pessoas que estão um passo mais distantes de alguém enfermo, com frequência, são propensas a permanecer nessa posição, pois uma maior aproximação significa envolvimento no sentido de impotência e culpa. Caso essa experiência seja uma realidade em relação a indivíduos, muito mais será realidade em relação ao sofrimento de comunidades e nações inteiras. Um recente artigo na mídia observou como isso se aplica ao problema do desemprego, do despejo e da fome. Pode ser constatado que, apesar da injeção dos milhões provenientes de dinheiro público, além da generosidade individual, o problema persiste e se agrava (na realidade, ouvimos sobre desvios de dinheiro por aproveitadores da desgraça alheia).

Uma oração, similar à do salmo 79, pelo menos, nos fornece uma forma de orar por cidades, nações e comunidades. Presume-se que, em sua origem, era uma oração que as pessoas de Jerusalém recitavam por si mesmas, mas para a maioria dos ocidentais a leitura desse salmo significa um meio de acessar a dor e a ira de uma comunidade sofredora e unir-se a ela na transmissão dessa dor e ira a Deus.

Primeiro, seguindo o padrão comum aos salmos de protesto, descrevemos a situação a Deus em detalhes concretos. Relatamos o que aconteceu: destruição, profanação, lida com a morte e desonra. Fazemos a Deus perguntas objetivas — Até quando permitirás tudo isso? —, desafiamos Deus quanto ao que é mais apropriado: trazer tribulação sobre o povo causador desse sofrimento ou permitir que o seu povo continue a sofrer? Insistimos com Deus para que reconheça o descrédito que angaria para si mesmo ao permitir a impressão de que as pessoas podem fazer o que bem entenderem e ainda escaparem ilesas. Apelamos para a compaixão divina; se a fadiga por compaixão é uma realidade para os seres humanos, então precisamos que Deus resista aos seus efeitos. Suplicamos a Deus para que efetue a reparação não por nós mesmos, mas por causa das outras pessoas; não pelos insultos dos nossos agressores a nós, mas pelas injúrias que dirigem ao próprio Deus.

Orarmos dessa forma não é uma tendência natural, o que, provavelmente, constitui parte do motivo pelo qual um salmo assim é importante. Se Deus não se incomoda em obter reparação pelo insulto das pessoas, então trata-se de sua prerrogativa. Todavia, se não sentirmos indignação pelas injúrias das pessoas a Deus e, portanto, não desejarmos que Deus faça reparação, isso levanta questões quanto a nós. Em nosso mundo, pode ser mais natural que pessoas submetidas a esse tipo de experiência protestem dessa forma. Se não nos unirmos a elas nesse protesto, então essa incapacidade também suscitará questões sobre nós.

No salmo 79, o povo de Deus que ora não faz nenhuma alegação quanto a não serem merecedores da tribulação que lhes sobreveio. Talvez o salmo pressuponha uma situação após algumas décadas da queda de Jerusalém em 587 a.C., como pode ser o caso do salmo 74. As pessoas sabem que nada podem fazer para corrigir o seu passado. Assim, fazem dois pedidos ousados com respeito a esse passado; um deles é para Deus tirá-lo de sua mente, para esquecê-lo. Os salmos consideram que Deus possui controle de sua memória e pode escolher não se lembrar dos fatos. A outra solicitação reafirma a primeira. A exemplo do salmo 78, este fala sobre Deus expiar as nossas ofensas, o ato pelo qual (por definição) somos responsáveis, mas que Deus pode ser instado a fazer essa expiação como uma expressão de compaixão. O salmista insinua o ponto ao falar de Deus agir assim “pelo bem do teu nome”. Em outras palavras, ele diz: “Tu és assim e, portanto, age com misericórdia e perdão a fim de seres tu mesmo.”

Passaram-se quase trezentos anos desde o Primeiro Grande Despertamento, um avivamento da vida religiosa na Grã-Bretanha e, ainda mais nas colônias britânicas, na América, poucas décadas antes da Guerra da Independência. Esse despertamento inicial foi, primordialmente, um movimento dentro da igreja. O Segundo Grande Despertamento, ocorrido nos Estados Unidos no início do século XIX, assumiu a forma de esforços evangelísticos bem-sucedidos para levar as pessoas à fé em Jesus Cristo. Como resultado, a palavra "avivamento" tornou-se sinônimo de uma campanha evangelística. Todavia, o significado original do termo sugere uma renovação da vida religiosa, a exemplo do primeiro movimento, em vez de significar um primeiro encontro com a vida religiosa.

Ao pregar e orar no sentido do Primeiro Grande Despertamento, o salmo 80 tem se tornado um texto favorito. Em muitas traduções, a segunda linha do versículo 18 suplica: "Vivifica-nos, e invocaremos o teu nome." Na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos do século XXI, pode-se ver como essa oração seria apropriada.

A oração se adequaria a Efraim em inúmeros pontos — nos derradeiros anos de sua existência como nação (essa compreensão estaria de acordo com a aparente referência ao rei próximo ao fim do salmo), logo após a sua conquista pela Assíria, ou nos séculos subsequentes. É como uma vinha na qual o seu proprietário investiu grande esforço. E Efraim, de fato, floresceu no passado, a exemplo da igreja na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, exercendo influência e poder. Contudo, Deus, o proprietário da vinha, passou, então, a negligenciá-la — na realidade, ele, pessoalmente, a destruiu. Esse tratamento dispensado a Efraim corresponde às advertências a Judá, em Isaías 5, sobre como a situação será quando a videira não produzir bons frutos; no entanto, essa oração, evidentemente, não pensa na transgressão do povo como explicação para o seu destino. (Claro que, como qualquer oração, em certas circunstâncias ela pode receber uma resposta atravessada de Deus a esse respeito; mas, então, pelo menos, o orador sabe o que necessitará fazer a seguir — i.e., se arrepender.) Talvez esse salmo trace um paralelo com os salmos 74 e 79, ao pensar que qualquer castigo seria adequado em algum estágio, mas que a geração atual não merece as aflições que está vivenciando. O salmo, na verdade, inicia-se com uma outra imagem clássica relativa ao povo judeu: além da imagem da videira, Efraim é um rebanho que conta com Yahweh como o seu pastor e líder. Assim, por que o pastor está negligenciando o seu rebanho — isto é, nós?

Além de ser o pastor, Yahweh é o rei, aquele que está entronizado sobre os querubins. O salmista repete variantes do título real Yahweh dos Exércitos. Um dos aspectos da responsabilidade de um monarca é estar atento às súplicas de seus súditos, quando estão passando por necessidades e/ou estão sob ataque, e agir para os libertar. Por que Deus não está agindo como um rei? Por que está agindo como se estivesse irritado com as súplicas de seu povo em vez de ser solidário a ele? Por que os faz parecer estúpidos aos olhos do resto do mundo?

Eles necessitam que Deus os traga de volta, os restaure, os vivifique. Todavia, o motivo pelo qual eles necessitam de restauração, e a chave para ela é que o povo precisa da volta de Deus. Os dois apelos, “Traze de volta” e “Volta”, estão relacionados tanto no texto hebraico como nas traduções, e o uso das variantes do mesmo verbo expressa a natureza fundamental do problema. Deus se afastou. Caso haja restauração do povo, ela deve ocorrer pela restauração da presença de Deus. Atualmente, o povo experimenta uma rajada do rosto de Yahweh (“rosto” ou “face” é o termo hebraico para “presença”). O que eles necessitam é a experiência do rosto radiante e sorridente de Deus, pois isso significa tanto o calor pessoal quanto a libertação e a bênção provenientes desse calor pessoal.

Talvez a característica mais notável do salmo seja o fato de a negligência e a devastação de Deus não impedirem o povo de buscá-lo para falar sobre o que ocorreu. Na verdade, isso os motiva.

Ontem, comparecemos ao primeiro culto regular da capela do seminário, no trimestre, e houve o ressoar de muitos cânticos, gritos (harmoniosos) e melodiosos sons de guitarra e de piano (equivalente à harpa?). Não houve trombetas dessa vez, mas espero que sejam usados na próxima semana. O culto foi seguido por um sermão que, por acaso, foi baseado no relato de Êxodo 17, sobre o confronto entre os israelitas, Moisés e Deus, ao qual o salmo 81 se refere. Nos Estados Unidos, é comum os cultos de adoração incluírem uma sequência litúrgica simples, constituída de: (a) um longo período de músicas e cânticos e (b) um sermão. Por ser oriundo da Igreja da Inglaterra, ainda considero um plano muito simples e básico, embora, pelo menos, seja consistente com a natureza de um sanduíche nos Estados Unidos (uma grande porção de pão envolvendo uma grande porção de carne).

O salmo 81 me repreende por minha estreita mente britânica, pois segue uma sequência simples. Em um sentido formal, ele também segue a sequência regular de um salmo de louvor. Primeiro, as pessoas se dirigem umas às outras; pode-se imaginar um ministro dirigindo as linhas inaugurais ao coro ou à congregação como um todo. A menção à lua nova e à lua cheia sugere que o salmo pertence ao mês de tishrei, no outono, que inicia com o ano-novo e apresenta o festival do Sucote como seu ponto intermediário. Essa cronologia adequa-se ao fato de o Sucote lembrar o povo da entrega da Torá a Moisés, evento ao qual grande parte do salmo irá se referir.

O salmo, então, segue a exortação de adorar com os motivos corretos. Mas aqui o salmo começa a trilhar um caminho distinto. Normalmente, os motivos para a adoração também são o conteúdo da adoração. No salmo, assumem mais o papel de explicações para ela, o fato de Deus estabelecer essas expectativas de louvor em conexão com “sair contra o Egito” — isto é, agir para resgatar os israelitas das mãos dos egípcios.

O trecho principal do salmo começa com o ministro iniciando uma pregação sobre a expectativa, a qual agora ele percebe, de dar ouvidos a Deus, e insinua que todo o povo também precisa fazer isso. Deus sempre precisa relembrar o seu povo da necessidade de estabelecer uma conexão entre o que ele realizou por eles e a maneira de o povo lhe responder. Os israelitas eram obrigados a carregar tijolos para os egípcios; Yahweh os aliviou desse fardo. Eles enfrentaram dificuldades no mar de Juncos; Yahweh os resgatou, vindo do seu lugar secreto

entre as nuvens. Trovões, regularmente, vinham de lá, e isso pode ser uma metáfora para a chegada trovejante de Yahweh a fim de intervir na terra. O povo "contendeu" com Moisés sobre não haver água no deserto, e Yahweh fez fluir água de uma rocha. Todavia, em relação às experiências vividas no deserto, durante a jornada até Canaã, Yahweh indicou que, como resposta à maneira pela qual agira como seu Deus, ele esperava que os israelitas vivessem como seu povo. Além disso, essa sequência também seria, então, o padrão para o futuro. Deus estava comprometido com a provisão futura a eles como um fundamento contínuo, e ele assim o fez, pois, quando o salmista menciona o trigo e o mel, ele está, obviamente, referindo-se à vida na terra prometida e ao cumprimento das promessas divinas, feitas em Deuteronômio 32.

No entanto, os israelitas jamais deram a Yahweh a resposta adequada ao fato de serem o povo de Deus. O verbo "ouvir" é recorrente no salmo, mas o ouvir propriamente dito não aparece muito. Deus parece estar impotente para mudar esse aspecto da situação; tudo o que pode fazer é exclamar: "Se apenas." Tudo o que Deus pode fazer é permitir que as pessoas exerçam a sua liberdade, tomem as suas próprias decisões e vivam com as consequências. Amamos elaborar planos (para a família, para a carreira, para a aposentadoria etc...), controlar o nosso futuro, o nosso destino. Trata-se de uma situação assustadora quando Deus nos entrega à nossa própria disposição, aos nossos próprios planos. O salmo termina com uma relembrança final da maneira com que Deus proveu o povo, e isso, portanto, coloca a congregação em cheque. Vocês persistirão no padrão do passado? A bola está com vocês.

Portanto, a relação entre a adoração e o sermão é menos confortável do que, em geral, ocorre em nossa adoração.

Dois amigos, que vivem nas Filipinas, almoçaram conosco, cerca de uma semana atrás, ao retornarem por um breve período aos Estados Unidos. Um deles, um sino-americano, contou-nos que nas Filipinas ele sentiu a presença de espíritos malignos como nunca sentira nos Estados Unidos. Então, lembrei-me de um comentário, feito por uma antiga colega, quando ela retornou de um período na Índia, durante o qual ela passou pela mesma experiência. Não estou concluindo que países como a Índia ou as Filipinas sejam mais afetados por espíritos malignos que os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha; minha esposa comentou que já há tanto mal nos países ocidentais que os espíritos malignos nem precisam se preocupar muito conosco. Expressando de outra forma e adaptando um comentário de C. S. Lewis, em sua obra Cartas de um diabo a seu aprendiz, o Diabo, às vezes, é esperto o bastante para não realizar a sua obra de forma tão óbvia, de modo que até nos esquecemos da sua existência.

O salmo 82 reconhece que existem, de fato, entidades sobrenaturais envolvidas no governo do mundo. Embora o Antigo Testamento confesse que há somente um Deus, ele também reconhece que há inúmeros deuses — são as figuras também referidas como ajudantes (anjos), ou como líderes (a palavra que aparece no fim do salmo). Em nosso idioma, seguimos a convenção de distinguir entre os termos para “Deus” e para “deus”, com o uso da inicial maiúscula. Estranhamente, pode-se pensar, a palavra hebraica em referência a “Deus” e a “deuses”, no primeiro versículo do salmo 82 é a mesma. Assim, ocasionalmente, há certa ambiguidade quanto a uma passagem estar se referindo a Deus ou a deuses, mas o contexto sempre deixa claro qual o sentido correto a ser usado para o termo. O retrato é de Deus como presidente da assembleia de seres divinos. Pode-se esperar que Deus esteja sentado, mas estar em pé é a atitude que o presidente de uma assembleia deve adotar ao decretar uma decisão ou iniciar uma ação.

O salmo, mais tarde, faz alusão a uma diferença entre Deus e os deuses; estes podem morrer. Eles vêm à existência e podem expirar. O ser de Deus é eterno, sempre existente para trás ou para a frente; todavia, o salmo, primeiro, preocupa-se com outra distinção: Deus é a autoridade suprema; os deuses são subalternos a Deus, que exerce autoridade na assembleia. Contudo, os deuses exercem autoridade no mundo, que é derivada, referendada a eles por Deus. Em outras passagens, o Antigo Testamento insinua que há um deus para cada uma das nações — por exemplo, Camos é o deus dos moabitas — e, aqui, o salmista faz

essa suposição, e pode estar preocupado com o exercício de autoridade por parte dos deuses sobre suas áreas individuais de responsabilidade no mundo como um todo. A menção final do salmista a todas as nações como pertencentes a Deus reforça a ideia de que o salmo cita os deuses como autoridade sobre diferentes nações. Por outro lado, a conversa sobre exercer autoridade pelos pobres e vulneráveis estabelece um paralelo com a maneira pela qual os profetas falam a pessoas que detêm o poder humano em Israel, e o salmista pode ter o mesmo foco. Os deuses devem se preocupar com o exercício da autoridade em benefício dos necessitados.

Certamente, os deuses estão seguindo o comportamento das pessoas com poder humano em Israel. A ideia de liderança é de que o líder deve usá-la para manter os poderosos e ricos sob controle, além de proteger os fracos e vulneráveis. No entanto, normalmente, os líderes usam o poder em benefício próprio, empobrecendo as pessoas comuns. Por trás dessa atividade dos líderes humanos, o salmista vê a influência de seres divinos. Eles exaltam os perversos e infiéis e falham em agir com fidelidade no resgate dos vulneráveis. Desse modo, os infiéis são capazes de evitar o pensamento sobre como deveriam estar agindo e quanto às implicações morais de seus atos. Eles são livres para vaguearem nas trevas no tocante ao seu exercício de poder e de influência. Por consequência, eles solapam as fundações da vida humana em sociedade.

Durante quase todo o salmo, não fica claro quem está repreendendo os deuses, porém pode-se concluir que o motivo de Deus estar em pé é para fazer isso. Todavia, em um salmo, o orador, regularmente, é um ser humano, e, com certeza, esse é o caso no fim do salmo, quando o orador lança um desafio a Deus. A implicação do versículo final é de que Deus tem uma placa sobre a sua escrivaninha, que diz: “A responsabilidade é minha.” Por que os problemas no mundo existem? Se um dos fatores é a maneira com que os deuses exercem a sua autoridade, então Deus não pode usar isso como desculpa, dizendo: “A culpa não é minha.” Os deuses estão subordinados a ele e, portanto, Deus precisa fazer algo a respeito.

Quão corajosa uma oração pode ser!

O erudito bíblico Michael V. Fox possui o que se pode chamar de um histórico tipicamente judeu. Nos primórdios do século XX, o seu avô escapou por pouco dos massacres na Rússia, durante os quais centenas de judeus foram assassinados e milhares estuprados, mutilados e despojados. Ele descreveu como, simplesmente, ocorreu de ele nascer fora do alcance do poder nazista e de, portanto, escapar ao Holocausto. Em um estudo intitulado Character and Ideology in the Book of Esther [Caráter e ideologia no livro de Ester] ([Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2001], p. 12), Fox escreve sobre o significado do livro de Ester para ele, à luz da história de sua família e de seu povo. Ele comenta sobre como Deus parece estar oculto na história de Ester: "do mesmo modo que tem sido, tantas vezes, tão inexplicável e imperdoavelmente, ao longo de toda a história".

O salmo 83 pressupõe essa presença oculta. Deus está silente, mudo, quieto, inativo e oculto, em um momento no qual o seu povo está sob uma apavorante pressão. O salmo deseja que as pessoas em sua época, que desempenham o papel de pretensos destruidores, destruam a si mesmas, e sugere inúmeras imagens para essa destruição. Algumas são provenientes da história bíblica, no livro de Juízes, o que mostra que não há nada bizarro ou estranho nesse pedido — ele está de acordo com o agir anterior de Deus. Portanto, essas histórias representam um encorajamento às vítimas de atrocidades do presente. O silêncio pode não ser a última palavra de Deus, pois ele já mostrou, no passado, a disposição de agir contra aqueles que buscaram a eliminação de Israel, para haver esperança quanto a uma nova ação divina. Além disso, a referência a esses eventos anteriores, em uma oração, implica que eles também são importantes para Deus. Com efeito, eles afirmam: "Tu agiste daquela maneira antes — precisamos que ajas assim novamente." No presente momento, Deus está em silêncio, como, com frequência, está.

Talvez Deus tenha um bom motivo; pode ser que esteja dando aos opressores uma chance para se arrependerem. É possível que esse também seja o motivo pelo qual Deus parece manter silêncio na igreja do Ocidente, em nossos dias. A segunda forma pela qual o salmista fala sobre a ação de Deus é em termos de um fogo que persegue pessoas. Todavia, às vezes, as pessoas fogem do fogo e conseguem ficar distantes dele. O fogo as aterroriza, mas elas logram escapar. Então, o salmo fala sobre Deus humilhar os agressores para levá-los a buscar o socorro divino. As traduções, em geral, falam sobre eles "buscarem o nome de

Deus", mas isso não expressa claramente o que, nesse caso, significa o verbo "buscar". Significa recorrer a alguém, procurar a orientação e o apoio de alguém. Podemos considerar a confiança uma atitude positiva, mas, quando a confiança é falsamente depositada (p. ex., em nossos próprios recursos quando estamos contrariando o propósito de Deus), a humilhação, a vergonha ou a desgraça passam a ser a experiência positiva; a pessoa volta-se para Deus; isso a faz reconhecer Deus.

Ou antes, no salmo, leva ao reconhecimento de Yahweh. A oração do salmista preocupa-se com os ataques perpetrados por outras pessoas, e é plausível imaginá-las menosprezando o Deus daqueles que elas atacam, do mesmo modo que os assírios, abertamente, fazem no relato de Isaías 36 e 37. O salmo, portanto, sugere inúmeras possibilidades para o destino dos agressores de Israel, nem todas mutuamente compatíveis. Podia ser morte, e/ou escape, e/ou humilhação, e/ou submissão, e/ou reconhecimento de Yahweh. A decisão das nações é que define o destino delas.

Interpretando literalmente, afirmar que Yahweh é o único Deus cujo nome é Yahweh é expressar o óbvio. No entanto, a declaração é concisa e pressupõe que Yahweh é o único Deus e que, portanto, ele é o Deus Altíssimo sobre toda a terra. É apropriado que o salmo 83, iniciado com uma menção dupla a "Deus", termine com uma referência igualmente dupla a Yahweh. Os salmos 42—83 são mais econômicos no uso que fazem do nome Yahweh do que os demais salmos; o salmo 84 sinaliza uma reversão a um uso mais frequente desse nome.

Cada uma das igrejas às quais pertenci como ministro na Inglaterra costumavam realizar uma espécie de retiro, todos os anos — não um retiro focado em negócios (a conotação, normalmente, associada com essa palavra, nos Estados Unidos), mas um fim de semana ou mesmo uma semana durante o(a) qual a comunidade concentrava-se em sua relação com Deus. Obviamente, a congregação focava Deus e o seu relacionamento com ele por uma hora ou pouco mais, a cada domingo; mas esses retiros possibilitavam às pessoas um período maior para esse objetivo, longe das preocupações do seu dia a dia. Com frequência, houve momentos em que toda a congregação avançou em sua compreensão e em seu compromisso, bem como momentos de progresso individual. Havia certa sobriedade, e até mesmo tristeza no ar, enquanto as pessoas faziam as malas e subiam em seus carros para voltar ao lar, pois elas sabiam (ou, pelo menos, sentiam) que aquela sensação do envolvimento de Deus conosco, vivenciada durante aquele curto período, não poderia ser mantida ao retornarem às preocupações e ocupações da vida cotidiana.

O salmo 84 reflete essa dinâmica e fala desse sentimento de sobriedade ou de tristeza. Embora fosse possível aos que viviam em Jerusalém ir ao templo, a maioria dos israelitas, provavelmente, seria capaz de realizar uma única visita anual, caso tivesse sorte, para participar de um festival como o Sucote. Pode-se imaginar, então, o sentimento de expectativa enquanto faziam essa peregrinação. Eles têm as estradas, os caminhos que levam até Jerusalém, em sua mente. Não conhecemos um lugar chamado “vale de Baca”, porém a palavra para bálsamo (uma planta ou árvore) tem o mesmo som que a palavra para “pranto” — daí a expressão “vale de lágrimas”. Portanto, a ideia é de que as pessoas entristecidas ou que passem por aflições sejam capazes de encontrar renovo, restauração. Caso estejam peregrinando no Sucote, em setembro/outubro, esse período marca o fim da estação seca, quando o povo espera que a temporada de chuvas se inicie em breve para o novo ano agrícola. Decerto, essa necessidade será um dos assuntos da sua oração, ao chegarem em Jerusalém — daí a referência à primeira chuva e à bênção que isso representa. Em Jerusalém, andarão ao redor das muralhas da cidade, celebrando a presença na cidade de Sião, cuja força vem da proteção de Yahweh dos Exércitos, e eles orarão pelo rei, como o seu líder terreno, por meio de quem Deus opera.

Por fim, eles serão capazes de se assentarem nos átrios do templo, do mesmo modo que os convidados em visita a amigos se assentam no jardim para uma

refeição. Guardo comigo uma foto de uma pomba pousada em uma das fendas existentes nas pedras que constituem o muro do templo — o salmista se sente como uma ave que faz daquela fenda a sua morada. A ave pode parecer insignificante, a exemplo dos peregrinos, mas elas possuem essa liberdade de relaxarem na segurança e no privilégio dos pátios do templo, o lugar no qual Deus habita. Não admira que eles considerem um dia nesses átrios, um dia à porta da casa de Yahweh, melhor do que mil dias comuns, passados em suas cidades de origem, ao lado de pessoas que não honram Yahweh corretamente, ou não o honram de forma alguma. (Talvez a referência a mil dias sugira que sejam capazes de ir aos festivais somente a cada três anos.)

No entanto, os mil dias também apontam para um paradoxo que as igrejas às quais pertenci procuravam mostrar aos seus membros. Se o Deus que as pessoas encontram em um retiro da igreja é real, então esse Deus também é real em seu local de trabalho, ou na escola em que estudam. Se Deus não for real na vida cotidiana, ele não será verdadeiramente real em lugar algum. O salmista fala da bem-aventurança daqueles que vivem em Jerusalém e podem ir ao templo todos os dias, como Simeão e Ana, no relato de Lucas 2. O salmo também fala da boa sorte daqueles que encontram a fonte da sua força em Yahweh, que pode significar a energia de resistir a uma longa jornada, mas também pode implicar receberem de Yahweh a força para viver a sua jornada diária, com os desafios, demandas e tentações. Igualmente, discorre sobre a felicidade dos que confiam em Yahweh, e não há dúvidas de que essa descrição é relativa aos mil dias, não apenas a um dia. Portanto, a alegria e o encorajamento de um dia na casa de Yahweh atuam para edificar a confiança nele e tornar possível viver os mil dias em integridade e esperança.

Por ser britânico, é fácil me sentir ressentido com as críticas da mídia norte-americana dirigidas à Grã-Bretanha e à Europa. “Por que acham que estão no direito de criticar quando os Estados Unidos não conseguem solucionar os seus próprios problemas?”, questiono-me. “Será que a mídia britânica é tão crítica em relação aos Estados Unidos?” Mas, então, lembro-me de que a mídia norte-americana é tão ou mais crítica quanto o seu próprio país. Atualmente, existe uma percepção de que os Estados Unidos não mais ocupam o primeiro lugar como outrora — na educação, na economia, no sistema de saúde, no transporte e assim por diante. Os comentaristas parecem estar dizendo: “Somos norte-americanos, e o resto do mundo parece melhor quando visto pelo nosso retrovisor. Portanto, precisamos questionar os motivos que nos levaram a perder a nossa posição de liderança, e descobrir o que pode ser feito a esse respeito, além de definir quais devem ser os nossos objetivos e expectativas.”

É quase possível ouvir as palavras de abertura do salmo 85 nos lábios daqueles que veem os Estados Unidos como o povo escolhido de Deus. Israel dificilmente ocupou o primeiro lugar no Oriente Médio, mas os israelitas sabiam como era experimentar o favor, a vida, o bem-estar e a prosperidade. Durante grande parte de sua história, a vida deles, certamente, foi “boa o suficiente”. Do mesmo modo que os norte-americanos podem olhar para a Grande Depressão, os israelitas podiam relembrar os períodos mais difíceis e, então, os mais auspiciosos. O salmo fala a pessoas que, agora, experimentam outro retrocesso.

O salmo inicia-se relembrando a restauração vivenciada no passado, que soa como a restauração da comunidade após o exílio. De fato, aquele foi um tempo no qual Yahweh carregou as transgressões do povo, abriu mão de sua ira contra eles e lhes possibilitou a reconstrução do templo, da cidade de Jerusalém e da sua comunidade. Caso desejarmos um contexto mais atual para usarmos o salmo, então Calvino apresenta uma sugestão iluminadora. Ele imagina o salmo sendo orado três ou quatro séculos mais tarde, nos anos 160 a.C., quando a relativamente benigna autoridade dos persas foi sucedida por Alexandre, o Grande e, portanto, pela autoridade mais opressora do Império Grego, centralizado na Síria (trata-se da opressão refletida nas visões de Daniel). A adoração a Yahweh, de acordo com a Torá, foi proibida, e aqueles em Jerusalém que insistiam em sua fidelidade a Yahweh eram martirizados. Assim, Deus irou-se novamente contra eles, e há motivos para essa atitude?

O salmista prossegue e faz uma pergunta, aparentemente retórica, ao longo dessas linhas, mas que, em certas situações (pelo menos), causaria preocupações. O povo precisa considerar seriamente a possibilidade de haver um bom motivo para o desagrado de Deus. Todavia, o orador, presumidamente um líder de adoração, avalia que conhece a resposta à questão. Certamente, é incontestável. Se o povo for comprometido com Yahweh e guardar o temor a ele, ao contrário de se entregar à insensatez (i.e., comprometer-se com outras divindades), então, seguramente, Yahweh levará a cabo a libertação que o povo necessita em primeira instância, restaurará a sua honra na terra e, então, possibilitará que eles experimentem o bem-estar. Expressando de outra forma, quando a veracidade humana brotar da terra, a fidelidade divina olhará dos céus para baixo.

O salmista faz essa afirmação pela fé e contra as evidências da presente experiência. Ele se levanta ousadamente diante de Deus, desafiando-o a não viver pela fé que declarou. O líder de adoração, igualmente, se levanta com ousadia diante do povo, desafiando-o a crer que Deus irá justificar as declarações que o salmo faz. Se, novamente, imaginarmos o povo orando o salmo no contexto da dominação opressora do Império Sírio, nos anos 160 a.C., então sabemos que essa declaração de fé foi justificada. Deus, de fato, restaurou a liberdade do povo para adorá-lo segundo os preceitos da Torá — embora, no devido tempo, veio o governo opressor dos romanos, o cenário do Novo Testamento. Desse modo, no período neotestamentário, o povo poderia estar orando esse salmo novamente.

Não vejo qualquer motivo para que norte-americanos ou britânicos reivindiquem a perspectiva do salmo 85 e busquem a bênção de Deus novamente sobre eles. Todavia, a sua palavra sobre nos trazer “novamente à vida” o torna favorito entre as pessoas que pensam e oram por um avivamento na igreja, a exemplo do salmo 80. De igual sorte, não vejo motivos para não reivindicarmos essa perspectiva nesse contexto.

A mídia, dois dias atrás, reportou que cristãos no Egito fizeram uma manifestação relativa aos obstáculos enfrentados para a construção de uma igreja. O ato, então, tornou-se uma expressão da insatisfação com o governo militar egípcio, de maneira que os muçulmanos se uniram aos cristãos naquela manifestação. A polícia e o exército tentaram dispersar os manifestantes; a situação tornou-se violenta, com os veículos militares sendo conduzidos na direção da multidão, resultando na morte de mais de vinte pessoas, vitimadas pelos veículos ou por tiros. Um sacerdote protestou contra o que classificou como uma perseguição aos cristãos; contudo, os muçulmanos também descreveram a ação como uma traição à revolução política que o Egito havia visto, um pouco antes, naquele mesmo ano. A manchete de hoje apresenta a foto de uma mulher pranteando sobre o caixão de um parente.

Como descrito pelo salmo 86, agressores obstinados e terríveis ignoram Deus, buscam tirar a vida das pessoas e, portanto, as ameaçam com uma descida ao Sheol antes do tempo. Nesse contexto, esse salmo torna-se adequado para orarmos em favor dos nossos irmãos de crença. Essa oração é imperiosa, persistente e urgente na busca pela atenção de Deus. Ela baseia-se na grande necessidade das pessoas que oram — humildes e desfavorecidas, pessoas sem poder e influência, desprovidas de armas ou tanques. Fundamenta-se também na relação delas com Deus: são pessoas comprometidas com ele, que confiam apenas nele, não em outros deuses ou em seus próprios recursos, pessoas comprometidas a caminhar na veracidade divina — isto é, viver de maneira verdadeira, honesta, perseverante e ser símplice de coração.

Essa oração tem como base o que Deus é: bom, perdoador e longânimo. Essas pessoas não fingem serem perfeitas, mas sabem que Deus não retém os nossos pecados contra nós, quando os enfrentamos diante dele. Isso é parte da natureza do compromisso grandioso do próprio Deus, ao qual respondemos com o nosso compromisso. Elas sabem que não existe outro Deus como Yahweh e que, assim, não existe um Deus real, exceto ele. A descrição das características divinas segue a própria autodescrição de Deus em Êxodo 34, e, assim, implicitamente, a oração indica a Deus que ele não tem alternativa, exceto responder a ela. Ele precisa ser fiel a si mesmo.

Yahweh é aquele que realiza atos maravilhosos e extraordinários, iniciados no êxodo, e as pessoas que oram esse salmo precisam ver tais atos repetidos em sua

própria vida. Aquelas ações inspiram temor por parte dos que oram, um temor que se expressa na submissão e na obediência. Igualmente, ele transbordará na confissão de fé nesse Deus e na honra a ele diante de outros que professam a mesma fé, bem como diante dos agressores, que são confundidos pelos atos divinos.

Entremeadas na compreensão dupla do salmo sobre maravilha e temor e a sua tripla menção ao compromisso (nosso e de Deus), estão quatro variantes da palavra "graça". A ideia de graça ou favor é a de que não estamos reivindicando nenhum direito a ela nem que Deus nos deve alguma coisa. Tudo o que podemos fazer é nos lançarmos à misericórdia e ao amor de Deus. Assim, o salmista suplica: "Sê gracioso comigo." As nossas orações são "orações por graça"; a própria natureza da oração é suplicar por algo que Deus não é obrigado a nos conceder, mas que ainda dá com liberalidade. Você pode imaginar que haja alguma contradição com a implicação de que Deus está, realmente, obrigado a responder a essa oração por causa do que ele é, mas, talvez, apelar para a graça divina seja, simplesmente, outra forma de expressar o mesmo ponto. Embora, por um lado, Deus não esteja obrigado a nos responder, por outro, ele está, pois isso é intrínseco ao seu caráter, e Deus precisa ser verdadeiro consigo mesmo. Yahweh é "o Deus gracioso", e, portanto, próximo ao fim, uma vez mais o salmista suplica: "Sê gracioso comigo." Acho estranho que as pessoas, às vezes, presumam que o Antigo Testamento seja baseado na lei e que apenas o Novo Testamento seja alicerçado na graça.

No entanto, em outro leve paradoxo, ao lado da súplica pela graça, há um apelo sêxtuplo ao fato de Yahweh ser "Senhor". A palavra "Senhor" (em letra maiúscula) é recorrente nas traduções bíblicas, pois os tradutores, normalmente, substituem a menção a Yahweh por ela, mas, no salmo 86, a própria palavra hebraica para "Senhor" é utilizada seis vezes. Sua implicação é a de que oramos como um servo ao seu senhor, e os senhores possuem obrigações em relação aos seus servos, do mesmo modo que estes aos seus senhores. Trata-se de outro fundamento para nos apoiarmos em Deus, em nosso próprio benefício e no dos outros.

Há poucas semanas, recebemos a visita de alguns amigos de Londres que nos fizeram relatos encorajadores sobre os progressos na paróquia deles, na qual há um reitor cheio de ideias para alcançar a comunidade externa e manter a igreja em crescimento. A exemplo de muitas congregações em nossa vizinhança, a igreja da qual sou ministro honorário está diminuindo, e não sei o que fazer a respeito disso (afinal, sou apenas um professor de Antigo Testamento que não possui os mesmos instintos e as ideias do reitor londrino). Uma senhora vivaz e sincera, presente no conselho da igreja, declarou no mês passado: “Precisamos descobrir meios de alcançar a comunidade externa; caso contrário, logo estaremos mortos.” No passado, era fácil para as igrejas do Ocidente presumirem que, se apenas continuassem fazendo o que sempre fizeram, seriam capazes de sobreviver — o que não é mais verdadeiro nos Estados Unidos, muito menos na Grã-Bretanha.

O que o salmo 87 oferece é uma promessa de que Deus ainda possui uma visão para o seu povo — a de que ele deveria abranger o mundo inteiro, não definhar até a inexistência. Durante grande parte da história de Israel, seria tentador concluir que esse seria o destino de Jerusalém. Após alcançar o seu apogeu em termos de importância política, nos reinados de Davi e de Salomão, a situação despencou morro abaixo, persistindo até o fim do período do Antigo Testamento. Portanto, imaginar esse salmo sendo orado em praticamente qualquer período da história israelita seria algo improvável (falando em termos de uma analogia, utilizada por um pastor da minha primeira esposa, seria o mesmo que um povo indígena imaginar a própria ascensão e o domínio sobre a América do Norte). Talvez esse seja o motivo de o salmo parecer menos uma oração a ser entoada pelo coro do templo e mais como a palavra de um profeta, a exemplo de outros salmos, como o salmo 110.

Primeiro, a declaração lembra que Yahweh fundou Sião, que, assim, lhe pertence, e ele se entrega, dedica-se a Sião (a palavra, com frequência, é usada para “amor”). Com certa regularidade, Jerusalém sofreu e, algumas vezes, foi conquistada, mas, evidentemente, Yahweh não toleraria a sua captura como uma realidade duradoura. Ele a fundou entre as montanhas santas — isto é, na terra santa — e é mais comprometido com Sião do que com as demais cidades em Israel (as outras cidades foram capturadas mais vezes que a própria Jerusalém). Ela é honrada por ele como a sua cidade, o lugar no qual ele se digna a habitar.

Após a expressão de tamanho entusiasmo pela capital israelita, pode ser surpreendente descobrir Yahweh falando sobre a sua importância potencial em relação a outros povos. Obviamente, Israel não deve ignorá-los. Deus fala às pessoas que o reconhecem (i.e., a Israel) sobre povos que não o reconhecem, porém não com o objetivo de menosprezar estes. Deus discorre sobre o Egito, o grande opressor do Sul. “Raabe” é um termo para Egito (no hebraico, é escrito de forma distinta do nome Raabe em Josué); trata-se de um termo para um monstro marinho que expressa oposição a Deus. Ainda, Deus cita a Babilônia, o grande opressor do Norte, que destruiu Jerusalém e levou muitos cativos ao exílio. A Filístia, um tradicional inimigo local de Judá, é citada, além de Tiro, um poder relevante a noroeste de Efraim, e Sudão, com frequência associado com o Egito. “Cada qual nasceu ali”, afirma Yahweh. A declaração aparece três vezes, e o salmista acrescenta que Yahweh registrará os nomes desses povos nessa conexão. Eles não nasceram, literalmente, em Sião, mas serão considerados como povos nascidos lá; se tornarão cidadãos adotados de Sião (o verbo “nascer” pode ser usado com o significado de “adotar”).

O salmo, portanto, repete a mesma declaração dos profetas, embora use uma imagem distinta. As nações irão a Jerusalém para reconhecer a sua importância, pois reconhecerão que o verdadeiro Deus está ali; serão aceitas como cidadãos genuínos, e haverá cânticos e danças enquanto elas se alegram pela importância da cidade para elas. Isso dá a Israel uma base para a esperança de que Deus cumprirá o seu propósito de ganhar o reconhecimento do mundo por meio de Sião (estranhamente, o hino “Glorious Things of Thee Are Spoken” [Coisas gloriosas sobre ti são faladas], parcialmente baseado nesse salmo, não inclui essa esperança). Sim, Deus tem uma visão para o seu povo de incluir o mundo todo, não de definhar até a inexistência.

Ontem à noite, assistimos a um filme chamado Incêndios, sobre uma família que se vê em meio a um conflito civil no Líbano, nas décadas de 1970 e 1980. Trata-se de um filme fictício, mas grande parte do enredo poderia replicar relatos reais do que aconteceu às pessoas durante essas duas décadas. A figura central na história é uma mulher cristã que testemunhou membros de uma outra comunidade assassinarem o pai do filho que ela trazia no ventre. Ela é, então, expulsa de sua própria comunidade e obrigada a abrir mão da criança. Mais tarde, ela descobre para qual orfanato o seu filho havia sido levado e que o local fora destruído durante o conflito. Ainda, subsequentemente, a mulher é levada cativa e repetidas vezes estuprada e engravidada. Um fato que enfurecia os seus captores era que a mulher não cessava de cantar; ela se tornou conhecida como "a mulher que canta".

Sem conhecer o idioma árabe, não sou capaz de entender o que ela cantava, porém o salmo 88 constituiria um lamento apropriado àquela mulher. Ela, de fato, estava morrendo desde a sua juventude, e é possível imaginar esse salmo sendo orado por uma mulher. Dentre os salmos com súplicas a Deus, os quais ocupam grande extensão no Saltério, o salmo 88 é o mais extremo. Sua introdução possui a mais longa sequência de epítetos de todos os salmos; pergunto-me se esse fato significa que ele estava presente em uma série de coletâneas de salmos das quais o Saltério foi compilado e se, por esse motivo, era especialmente conhecido e entoado. (Hemã era outro dos líderes de adoração do templo, a exemplo de Asafe; ele é citado em 1Crônicas 6:39.)

Em geral, esses salmos de lamento possuem uma série de características regulares: são dirigidos a Deus; descrevem o sofrimento de alguém; suplicam a Deus para que escute e aja; testificam o compromisso com os caminhos de Deus; afirmam a confiança em Deus; declaram a expectativa de que Deus irá libertar; e anseiam retornar à adoração para testemunharem a ação de Deus. Embora nem todas essas características estejam presentes em todos os salmos de lamento, isso ocorre de maneira consistente em grande parte deles. No entanto, esse não é o caso do salmo 88. Ele inicia com uma invocação a Yahweh, como Deus é conhecido em Israel; dirige-se a Yahweh como "meu Deus" e, objetivamente, denomina esse Deus como aquele que liberta. A invocação, portanto, inclui um conjunto de declarações teológicas básicas subjacentes ao conteúdo do salmo. O salmista, então, suplica a Deus para ouvi-lo. Contudo, essa é a única oração no salmo, e pressagia o que se seguirá pela urgência de seu apelo, não apenas pelo

uso da palavra “grito”. Presta atenção no barulho que faço, o salmista implora.

Após os dois primeiros versículos, todo o restante do salmo é ocupado por uma dolorosa descrição de sofrimento e de medo, acompanhada por uma série de protestos sob a forma de perguntas. Uma característica imediata é a forma de o suplicante se descrever em termos de estar praticamente morto; ele não se preocupa em ser muito lógico em sua forma de descrever a própria situação. Ele está às portas do Sheol; ou é como alguém que, na verdade, já desceu ao Poço, que é outra forma de descrever o lar final dos mortos, derivada do fato de os mortos serem sepultados em uma cova. Na verdade, ele foi lançado às profundezas desse poço e, portanto, na mais profunda escuridão. Ou ele é como um guerreiro, tão exaurido pela batalha que já não possui forças para seguir vivendo, ou como alguém que não teve um enterro apropriado, cujo corpo ainda jaz no campo de batalha. Pelo fato de o nosso corpo ser uma parte intrínseca de nós, não encontraremos descanso se ele for simplesmente esquecido e abandonado dessa maneira.

O problema de estar no reino da morte é o fato de ser um reino no qual Deus não está presente. Na verdade, talvez a lógica desse lamento opere na direção contrária — ele sabe que está em um reino no qual Deus está ausente, portanto esse local deve ser o reino da morte. Deus e morte são incompatíveis; Yahweh é o Deus da vida, e não há outro deus que possa ser retratado como o deus da morte, como outros povos pensam. Deus não opera maravilhas no reino da morte; uma vez no Sheol, para sempre lá. Ali, não há celebração quanto ao compromisso e a fidelidade de Deus, pois ele não age lá; os fantasmas não se levantam para testemunhar o que Deus tem feito por eles. (Claro que Deus, no devido tempo, agirá no Sheol, operando para ressuscitar Jesus dentre os mortos, mas isso ainda não ocorreu então. E, se uma mulher em nossa própria época passar pela experiência descrita no salmo, é como se Jesus ainda não tivesse morrido e ressuscitado da morte.) Deus não se lembra das pessoas no Sheol; é uma terra extraída da mente, a terra esquecida.

O salmo termina em incoerência; as palavras hebraicas são uma expressão adequada de uma experiência que não faz sentido. O salmo como um todo constitui a dádiva mais extraordinária de Deus, presente no Saltério, para a pessoa cuja experiência a leva a orar dessa maneira.

Minha esposa, outrora, viveu em uma casa ao lado de um vale, na Califórnia, que parecia capaz de cair no oceano, em caso de um terremoto. Assim, após um preocupante abalo sísmico, não muito distante da região na qual morava, ela passou a verificar os relatórios semanais sobre terremotos. Aparentemente, a Califórnia sofre cerca de quinhentos abalos por semana, quase todos eles imperceptíveis à superfície. Ela parcialmente concordou que aquele acompanhamento constante era sem sentido, pois não poderia revelar o que realmente aconteceria no futuro. Todavia (ela argumentou), se há muitos pequenos abalos, isso significa boas notícias, pois sinaliza que as tensões na terra estão encontrando expressão. Quando não há alterações na terra e a tensão se eleva é que existe o perigo de um terremoto sério. Quanto a mim, assusto-me mais com os sinais vindos do oceano, anunciando a entrada em uma zona perigosa de tsunami, e/ou com instruções imprecisas sobre em que direção correr na ocorrência desse evento de grande magnitude.

Sinto-me, portanto, encorajado pelos salmos, a exemplo do salmo 89, que chamam a atenção para o fato de que a segurança do mundo reside na criação segura de Deus. Os céus e a terra dão testemunho da veracidade divina — essa palavra aparece oito vezes, nos versículos 1-37. Isso manifesta a firmeza, a confiabilidade e a credibilidade de Deus. Portanto, associar a criação com esse aspecto divino estabelece uma declaração extremamente forte. Deus imprimiu a sua própria veracidade no mundo criado por ele. Segue-se, naturalmente, que a criação também incorpora e reflete o compromisso de Deus; essa palavra surge sete vezes. O mundo é seguramente construído e estabelecido. Os poderes dos céus reconhecem essa realidade e que Yahweh é o único que o criou assim. Quando a terra se agitar ou os oceanos se elevarem, Yahweh pode acalmá-los. O ato da criação envolveu esse domínio, quando Deus colocou em seu devido lugar forças poderosas como o monstro marinho Raabe (não a Raabe do livro de Josué, cujo nome possui uma grafia distinta no hebraico, mas o mesmo ser mencionado no salmo 87). O brado que as pessoas reconhecem será a aclamação de que Yahweh é, de fato, o grande Criador.

O primeiro par de referências à veracidade e ao compromisso de Deus aparece nos dois primeiros versículos do salmo, mas, então, o salmo faz uma súbita transição para falar do juramento da aliança de Deus a Davi, a qual também é seguramente edificada e estabelecida. Similarmente, o longo trecho referente à estabilidade da criação faz uma inesperada transição para falar do rei de Israel, e

os versículos 19-37, então, focam a aliança de Deus com Davi. Há uma relação paternal entre Deus e o rei davídico. O ponto sobre essa imagem é duplo e implica um compromisso mútuo e, igualmente, a disciplina do pai sobre o filho. Todavia, o pai jamais expulsará o filho. Marido e esposa podem se divorciar; você pode deixar de ser o cônjuge de alguém, mas jamais deixará de ser um pai, uma mãe, um filho ou uma filha, ainda que queira.

Portanto, há uma conexão e uma consistência entre os atos divinos na criação e na história de Israel. Bem, claro que há; como Deus poderia ser inconsistente em suas ações em esferas distintas? Uma implicação é que a convicção sobre uma das esferas pode reforçar a convicção sobre a outra. Suponha que a criação pareça instável; a reflexão sobre a veracidade dos atos de Deus na história de Israel, em Jesus e no Espírito Santo ajuda a reforçar a convicção sobre a estabilidade da criação. Ou imagine que não podemos ver as ações de Deus na história, em Jesus e no Espírito; a reflexão sobre a confiabilidade da obra divina na criação ajuda a reforçar a nossa convicção quanto ao envolvimento de Deus na história.

O Etã mencionado na introdução é, presumidamente, outro dos líderes de adoração do templo (a exemplo de Asafe), o mesmo citado em 1Crônicas 6:42.

Aqui está uma coisa estranha. No culto episcopal, usamos o livro de Salmos em todos os nossos cultos dominicais e nos dias especiais. Utilizamos a primeira parte do salmo 89 na noite de Natal, em outras ocasiões durante o período natalino e no Dia de São José. Às vezes, usamos esse salmo, novamente, em um dos domingos do mês de junho. Considerando esse relato da promessa de Deus a Davi e aos seus sucessores, pode-se ver por que devemos usá-lo em conexão com o nascimento de Jesus. O estranho é jamais usarmos a parte final do salmo (exceto em um ciclo diário separado que inclui todo o Saltério). Preferimos a primeira parte.

A ironia é que não se pode compreender o ponto da primeira parte sem alcançar essa última, que constitui uma extraordinária transição após a celebração prévia quanto à aliança, à veracidade e ao compromisso de Deus. Esse trecho final questiona: “O que aconteceu com a aliança, o compromisso e a veracidade então?”

O movimento é tão abrupto que é possível imaginar se esse trecho não foi acrescentado ao salmo posteriormente. Em princípio, não há motivos para se pensar nisso. As sobreposições entre diferentes salmos indicam que os salmistas posteriores podiam pegar salmos antigos e retrabalhá-los, ou fazer isso com os seus próprios salmos. O mesmo ocorre com os hinos cristãos. Portanto, o salmo 108 reutiliza material dos salmos 57 e 60. Contudo, não existe uma indicação concreta desse processo em relação ao salmo 89, e a versão completa é a forma incluída por Israel em seu hinário. Além disso, a maneira pela qual a seção final utiliza palavras da primeira parte, tais como aliança, veracidade e compromisso, demonstra que ela foi designada a seguir a primeira. E, olhando em retrospectiva, a própria extensão da celebração da primeira seção intensifica o impacto do questionamento presente na parte final. Quando mais longa a celebração, mais imperioso é o protesto que diz: “Portanto, o que está acontecendo?” (Somente os salmos 78 e 119 são mais longos do que o salmo 89.)

Uma série de salmos de protesto possui como parte de sua genialidade a sua obstinada insistência em enfrentar dois conjuntos de fatos. O salmo 22 é o exemplo mais complexo, mas o salmo 89 é o mais ardiloso. A garantia dada por Deus à estabilidade da criação e ao rei davídico constitui um conjunto de fatos. A permissão de Deus para o rei davídico ser derrotado e insultado, e a sua capital

ser devastada, é outro conjunto. Talvez a referência ao término da sua pureza considere o fato de ele, como ungido, ser colocado na mesma posição de um sacerdote (os sacerdotes também foram ungidos). A menção à criação, na parte final, considera o outro lado do tema, presente na primeira parte do salmo: o tema da criação ao lado do tema do compromisso de Deus a Davi. A glória da criação é comprometida pela facilidade com que as pessoas possam ser privadas pela guerra de viverem a sua vida em toda a sua duração.

Não sabemos a qual derrota e devastação em particular o salmo se refere, embora, de qualquer maneira, a sua presença no Saltério, normalmente, indique que o salmo não seja relativo a apenas um evento; ele podia ser usado em outras ocasiões comparáveis. Deus colocou-se em um beco sem saída, ao estabelecer a espécie de compromissos relacionados na primeira parte. Ainda assim, permitiu-se margem de manobra suficiente para infligir pequenas derrotas como consequência da desobediência do rei ao ensino divino, mas o salmista considera que a derrota e a humilhação impostas por Deus excedem os limites permitidos por ele. A parte final do salmo desafia Deus sobre como, agora, é possível a primeira parte fazer sentido; portanto, Deus é desafiado a agir em cumprimento a esses compromissos.

Existe uma peça, escrita por Elie Wiesel, intitulada O julgamento de Deus, que retrata um campo de concentração e se baseia em algo testemunhado pelo próprio autor. Ao fim do julgamento, Deus é declarado culpado de crimes contra a criação e a humanidade. Após um período de silêncio, um erudito do Talmude, que participara do julgamento, eleva os olhos ao céu e diz: “É hora das orações da noite”, e os membros do tribunal recitam o serviço noturno da sinagoga.

Esse versículo, encerrando o salmo 89, possui algo em comum com a dinâmica da peça. Observei anteriormente, na introdução a esse volume, que o Saltério é dividido em cinco “livros” e que o salmo 89 sinaliza o fim do Livro Três. Esse versículo marca que alcançamos esse ponto — pode-se ver um versículo similar ao término do salmo 106, assinalando o fim do Livro Quatro. Portanto, esse versículo não faz, de fato, parte do salmo 89, porém é uma notável declaração de fé quando confrontado com ele. O salmo 89 é encerrado com protestos sem resposta. Esse versículo adicional, ousadamente, declara que, mesmo assim, adoramos a Deus e expressamos “Amém” a tudo o que vem antes (o que inclui a parte final do salmo 89).

A minha primeira sogra costumava dizer que o tempo passa mais rápido à medida que envelhecemos, e eu sempre dizia a mim mesmo que, na verdade, ela simplesmente tinha medo da proximidade da morte. Agora que estou mais velho, percebo que ela estava certa e vejo que a minha percepção não indica apenas que estou com medo da proximidade da morte; existe um motivo para termos essa impressão. Hoje, na igreja, celebramos os aniversários de alguém com treze anos de vida e de outra pessoa, que completava 92 anos. Quando se tem treze anos, o ano anterior representa 1/13 (um treze avos) de sua vida, de maneira que, proporcionalmente falando, trata-se de um longo período em relação ao que a pessoa viveu e experimentou até ali. Todavia, quando se completa 92 anos, o ano anterior representa 1/92 (um noventa e dois avos) da vida, e a duração de toda a vida pode dar a impressão de esse ser um período muito curto, que passa rapidamente. Tenho uma tia que ainda está viva e me lembro, agora, de que, ao completar 92 anos, ela comentou que, após fazer oitenta anos, o tempo passou voando. Ainda que o tempo seja um parâmetro objetivo, a nossa experiência em relação a ele é subjetiva.

O salmo 90 nos lembra que, em qualquer idade, devemos considerar a nossa experiência em relação ao tempo no contexto não somente da nossa própria vida, mas à luz da "idade" de Deus. Isso não quer dizer que Deus seja atemporal, embora ouso dizer que os israelitas não teriam assumido isso. Antes, declara que a "idade" de Deus remonta ao tempo antes de o mundo vir à existência (de modo incomum, o salmo descreve o ato de criação do mundo como um ato de entrar em trabalho de parto e dar à luz) e que seguirá por um período equivalente — dura de "eternidade a eternidade". Em comparação, setenta, oitenta ou noventa anos terrestres tornam-se insignificantes. O jovem com treze anos que mencionei ilustra como, pela manhã, a vida floresce e cresce vicejante; nessa conexão, nem quero pensar sobre como, à noite, a vida seca e murcha, mas havia outro rapaz jovem, por cuja família oramos hoje; aos dezesseis anos, ele foi diagnosticado com câncer e, aos 21 anos, faleceu. E, embora outra de nossas idosas senhoras, com mais de noventa anos, seja apenas pele e osso e seu corpo não pareça estar rejuvenescendo ou se aperfeiçoando, ela mantém o brilho nos olhos, a vitalidade, o humor e o amor.

O salmo 90, tradicionalmente, tem sido usado em funerais, e nesse contexto ele é um solene lembrete às pessoas de que, não importa quão vigorosos e pujantes possamos ser agora, a nossa vitalidade secará e murchará. Não é um fato para

nos deprimir ou nos paralisar, mas para nos dar uma verdadeira perspectiva sobre a vida. Quando temos a perspectiva correta, podemos viver como pessoas que nada têm a esconder e nada a perder.

No entanto, o salmo, pelo menos, preocupa-se com a relação da comunidade com Deus ao longo das eras. No Antigo Testamento, setenta anos não é uma figura para a duração da vida humana (a maioria das pessoas morria bem antes dessa idade), mas um valor para o tempo durante o qual Israel poderia estar sob o juízo divino. A ideia de poder atingir oitenta anos torna o ponto ainda mais solene. O salmista olha no retrovisor, para os longos períodos durante os quais Israel conheceu as bênçãos de Deus e a proteção divina contra os seus agressores, que foram simplesmente varridos. Se, algumas vezes, parecia que os seus opressores triunfariam para sempre — bem, isso ocorreu quando Israel precisava lembrar de que o que parece eterno para nós (mil anos) é apenas um dia para Deus, ou somente uma vigília noturna (umas poucas horas). Além disso, se o juízo durar setenta ou oitenta anos, talvez ainda haja uma pessoa ou duas que se lembre de como era a vida debaixo da bênção de Deus ou, pelo menos, haverá pessoas cujos pais ou avós passaram por essa experiência e a relataram a elas.

Essa experiência de bênção e de proteção contrasta com a experiência mais recente da comunidade, isto é, de secar e murchar, a exemplo dos agressores de outrora. É como se Deus não conseguisse parar de olhar para os seus malfeitos. A forma de o salmista orar corresponde ao sentimento da comunidade à medida que o exílio perdurava — com frequência, a duração do exílio tem sido retratada como sendo de setenta anos. É como se Deus ainda estivesse preso à transgressão que os levou ao exílio. Mas, em relação a isso, também o salmista pede para ser capacitado a enfrentar os fatos sobre o tempo e aprender o que precisa ser aprendido dessa experiência disciplinadora de Deus. Então, finalmente, pergunta: “Já não é suficiente?”

Guardo uma vívida lembrança da adolescência quando assisti a uma película de filme (um antecedente pré-histórico do DVD) contando a história de cinco jovens norte-americanos que foram a uma floresta tropical no Equador, com o objetivo de levar a mensagem de Cristo ao povo auca, residente ali. A tribo, conhecida por sua violência, assassinou aqueles cinco jovens missionários. Anos mais tarde, Elisabeth Elliot, a esposa de um dos rapazes, escreveu um perfil de Jim, seu marido, e o intitulou À sombra do Todo-poderoso. O perfil foi baseado, em parte, no diário do seu marido, que incluía a frequentemente citada sentença: "Não é tolo aquele que abre mão do que não pode reter para ganhar o que não pode perder." No entanto, o título do livro foi extraído do primeiro versículo do salmo 91, da ACF.

Adotar esse título foi um ato de grande ousadia, pois, se há alguém cuja vida suscitou questões sobre a veracidade do salmo 91, essa pessoa foi Jim Elliot. O salmo é uma declaração de confiança em Yahweh, que uma pessoa pode transmitir a outra como um convite a assumir a mesma posição. Não seria surpresa se a pessoa a quem a declaração de confiança é transmitida fosse um líder, como um rei, alguém que precisasse liderar o seu povo em batalha, portanto objeto da atenção especial do inimigo. Ele é o que corre maior perigo. Aquele que fala e nos revela que fez dessas promessas o alicerce da sua própria vida pode, então, ser um sacerdote e, desse modo, alguém que, igualmente, medeia a promessa direta de Deus nos versículos de encerramento. Todavia, não há nada no salmo que limite essas promessas a uma pessoa como um rei. E, seja você um rei ou uma pessoa comum, decerto, estaria familiarizado(a) com exemplos de pessoas, iguais a você, que não experimentam o cumprimento das promessas divinas, a exemplo de Jim Elliot.

Uma característica estranha das atitudes cristãs do Ocidente é a maneira pela qual esses exemplos tanto nos perturbam, a ponto de deixarmos de ouvir as promessas. O livro de Salmos deixa claro que as pessoas perceberam as ocasiões nas quais as promessas não se cumpriram; ainda assim, essa consciência não teve esse efeito. Talvez seja outra faceta do que denominamos "enfrentar dois conjuntos de fatos", no tocante ao trecho final do salmo 89.

Nem sempre é possível explicar o motivo de Deus não cumprir as suas promessas, embora, às vezes, seja possível ver o resultado que Deus traz com o não cumprimento delas. Eu não fui o único profundamente impactado pela

história da morte desses cinco missionários norte-americanos. O evento provocou um efeito positivo sobre os cristãos nos Estados Unidos e inspirou outros a prover o suporte financeiro para tornar isso possível. Bem mais irônico e paradoxo é o resultado da citação dessas promessas que Satanás faz a Jesus (veja Mateus 4:6). Considerando a suposição de que as promessas foram, originariamente, dirigidas a um rei, então aplicá-las a Jesus seria um movimento inteligente, caso Jesus tivesse alguma reivindicação de ser o rei messiânico. É possível que Jesus tenha percebido o uso indevido de Satanás, em sua tentativa de usá-las como fundamento para Jesus se jogar do pináculo do templo e provar que Deus cuidaria dele (e os cristãos poderiam cair na cilada de assumir riscos em nome de Deus para os quais Deus não os chamou e, então, esperarem a proteção divina). No entanto, a própria morte de Jesus constitui o maior exemplo do descumprimento das promessas, contudo a sua morte produz um fruto estranho, e esse resultado torna essa “falha” no cumprimento das promessas algo insignificante.

Considerando esse resultado, somos encorajados a meditar nas promessas a fim de fundamentarmos a nossa vida nelas e não perdermos o impacto delas pela preocupação nas ocasiões em que elas não se cumprirem.

Se estou pregando no domingo, em lugar de pregar um sermão de dez a quinze minutos após a leitura da Escritura (os episcopais não estão acostumados a longos sermões), adquiri o hábito de falar por uns poucos minutos, logo após cada uma das três leituras extraídas do Antigo Testamento, das Epístolas e dos Evangelhos. Conclui que dividir o sermão auxilia na manutenção da atenção dos presentes e na assimilação da mensagem e, a julgar pela reação espontânea das pessoas, creio que o objetivo tem sido alcançado. Ainda, senti-me igualmente encorajado pelo comentário de uma mulher que afirmou que estava aprendendo mais com a divisão do sermão, pois, caso contrário, segundo ela, as leituras entram por um ouvido e saem pelo outro. O principal motivo da pregação é provocar alguma mudança nas pessoas, não meramente levá-las a aprender algo, mas se, pela menos, estão aprendendo, não tenho do que reclamar.

O salmo 92 é o único salmo que menciona o sábado. Isso pode parecer estranho, pois somos propensos a concluir que o sábado seria o principal dia de adoração no templo, do mesmo modo que o domingo é para a igreja atual, mas o paralelo, na verdade, não se sustenta. A adoração era oferecida no templo diariamente, e não havia grande diferença para a adoração oferecida no sábado. O ponto principal em relação ao sábado era o fato de ser um dia de interrupção do trabalho, e, claro, praticamente todos os israelitas viviam distantes do templo, o que os impossibilitava de ir até ele semanalmente. Dessa forma, eles participavam da adoração no templo e recitavam os salmos somente durante os festivais e em ocasiões especiais. Mas, quando eles adoravam em suas casas, no sábado, não seria surpresa se, igualmente, usassem esse tempo para aprender sobre a fé que a Torá esperava do povo.

Há um aspecto de ensino no salmo 92, e a maneira com que o sábado e o ensino surgem juntos no salmo é sugestiva. Grande parte dos versículos de abertura sugere que ele será um salmo de ação de graças ou de testemunho, que celebra o que Deus recentemente fez em favor de um indivíduo ou de uma comunidade, mas ele não foca detalhes dessa experiência do mesmo modo que um salmo o faz regularmente. Além disso, a natureza do salmo 92 é possuir um caráter de ensino, e as suas palavras inaugurais: “É bom confessar Yahweh” já sublinham essa intenção didática, incentivando as pessoas a louvá-lo. A preocupação com o ensino surge mais claramente nas declarações gerais sobre a pessoa bruta ou moralmente estúpida não reconhecer e, então, nas afirmações sobre o que Deus faz com aquele que é fiel. Na verdade, são declarações de louvor. Assim, o

salmo sugestivamente mescla louvor pelo que Deus faz e testemunho quanto ao que as pessoas necessitam aprender com tudo isso. Isso não é tudo o que o culto de domingo pode abranger (a oração é a principal característica adicional), mas possui características-chave nesse sentido.

Acabei de ver uma foto incrível da Terra tirada acima do Polo Norte. Sei que, em teoria, o Canadá, a Groenlândia, a Rússia e a Noruega quase se encontram no Ártico; mas, estou tão habituado ao mapa-múndi Projeção de Mercator que, normalmente, não penso nesses termos. A foto em questão era fabulosa, mas, igualmente, preocupante, pois mostrava quanto da área ocupada pelo gelo ártico diminuiu durante a última década. Isso abre novas possibilidades no tocante à exploração do óleo e da pesca. No entanto, o outro lado da moeda é que isso sinaliza quão rápido o mundo pode, em breve, ser tomado pelo oceano. A terra é segura?

O salmo 93 declara que a criação foi o momento a partir do qual Yahweh começou a reinar; portanto, a terra está fundada em segurança. O salmo não implica que alguém mais está reinando antes desse momento, mas que Yahweh confirmou a sua autoridade no cosmos no tempo da criação e declarou que o mundo criado permaneceria firme porque ele, Yahweh, permanece firme. Havia forças que buscaram resistir à soberania de Yahweh ou poderiam ter feito isso — forças que possuíam um poder dinâmico próprio, resumido no poder esmagador dos oceanos e dos rios que inundavam —, mas Yahweh agiu de maneira verídica e confiável ao longo dos milênios, assegurando que a santidade divina seja reconhecida em seu palácio celestial por todos os pretensos poderes.

Sim, o mundo é seguro; ele não estará vulnerável a outros poderes sobrenaturais porque Yahweh determinou a submissão deles. Claro que Yahweh não é propenso a forçar a submissão dos poderes humanos. Parece que temos uma espécie diferenciada de livre-arbítrio. Portanto, não ousemos assumir que podemos destruir o planeta.

Enquanto escrevo estas palavras, centenas de pessoas estão acampadas em um parque próximo a Wall Street, em protesto pelo fato de que somente 1% da população norte-americana, do qual Wall Street constitui um símbolo, possui um patrimônio líquido maior do que os 90% de toda a base da pirâmide. Muitos dos manifestantes são pessoas desempregadas e, portanto, na parte mais inferior da base de 90% (mas a minha esposa gosta de lembrar que no Ocidente estão 6% dessa base). Nas cidades de Israel, centenas de seus cidadãos estão, igualmente, acampados em cidades-acampamentos, em nome de uma causa similar, com o ressentimento adicional, às custas de gastos com segurança e de concessões aos interesses de grupos especiais. Na Índia, na qual a prosperidade também passa longe dos milhões de pessoas comuns do povo, um homem chamado Anna Hazare, recentemente, empreendeu uma greve de fome durante doze dias até que o Parlamento concordasse com algumas de suas demandas com respeito a medidas anticorrupção para responsabilizar agentes públicos.

O salmo 94 fala pelas vítimas dessa desigualdade e corrupção. Há uma percepção de que elas, por definição, são impotentes e indefesas. Manifestações e greves de fome constituem um dos meios de sobrepujar a impotência e a vulnerabilidade; a oração é outro. Talvez a mescla dos dois seja uma boa combinação. As pessoas das quais o salmista reclama são eminentes, importantes e poderosas, além de serem infiéis. A infidelidade delas se expressa na arrogância e na confiança das suas palavras; sempre têm muito a dizer sobre si mesmas. Isso é expresso na maneira com que elas tratam as pessoas comuns e, especialmente, na forma de ignorarem as carências dos vulneráveis ou, até mesmo, de obterem vantagens da fraqueza dessas pessoas. Expressam-se contra Deus ao presumirem que ele não percebe o que está acontecendo. Talvez não o façam de modo explícito, mas isso está implícito em suas ações. É muito difícil o poder e a infidelidade não andarem juntos: quer obter poder por meio da infidelidade, quer ser tentado à infidelidade pelo poder.

O lamento “Até quando?”, logo no início do salmo, sinaliza o desespero que pode caracterizar os salmos de protesto, mas o tom subsequente do salmista está mais para uma gentil confiança. A seção intermediária apresenta essa confiança contra as pessoas prósperas, pois são estúpidas o bastante para presumirem a falta de interesse de Yahweh quanto ao que está acontecendo no mundo. Yahweh é aquele que disciplina e que instrui; sendo assim, é pouco provável que não preste atenção à sua disciplina e instrução. Obedecer a elas é, portanto, o

caminho para a bênção, ainda que, às vezes, pareça o contrário, no curto prazo. A seção intermediária termina com uma corajosa declaração de confiança de que, no longo prazo, a corrupção não prevalecerá. A autoridade voltará ao seu fundamento adequado, e as pessoas retas serão capazes de apoiar o governo, em lugar de protestar contra ele.

Uma vez mais, a queixa em forma de pergunta, “Quem?”, abrindo a seção final, é a espécie de indagação que, com frequência, marca o desespero, porém aqui ela introduz uma declaração adicional de confiança. O início do último versículo fala como se Deus já tivesse agido contra os malfeitores, embora o restante dele sugira que esse processo ainda não foi concluído. Talvez a questão também seja uma forma de recrutar a próxima geração para uma posição de fidelidade, ou de ação, caso possam. É possível que o salmista esteja certo de que alguém irá se levantar e esteja observando a geração vindoura para ver quem será. No entanto, o ponto implícito é o de que Deus não fica sentado de braços cruzados para sempre, quando 1% ou 10% prospera e a maioria vive empobrecida. Na verdade, esse é um salmo assustador para os que o leem no mundo ocidental, especialmente os leitores de Wall Street.

Uma das experiências mais pedagógicas da minha vida foi participar do coro na catedral da minha cidade natal, na Inglaterra. Aprendi a cantar, ler e escrever música, e não me teria tornado um fanático por música caso não a tivesse vivenciado. Contudo, o mais importante é que fui atraído para a adoração real dos cultos nos quais cantávamos, o que não acontece com todos os membros do coro e, portanto, não me teria tornado um sacerdote anglicano sem essa experiência. Uma das minhas lembranças é como todos os cultos dominicais, pela manhã, começavam com o Venite, que é o título tradicional do salmo 95. Venite é o termo em latim para o chamamento inicial, “Venham”.

Não sei ao certo quando percebi que cantávamos somente as duas primeiras seções do salmo e que essa prática comum envolvia algumas ironias de primeira classe. A lógica de usar o salmo naquele momento do culto é que, além de convidar os presentes a se unirem ao louvor, isso os desafia a prestarem atenção ao que Deus tem a dizer por meio das leituras bíblicas subsequentes. Todavia, ao usarmos apenas as duas seções iniciais, omitimos o trecho que transmite esse desafio e, assim, desconsideramos a parte que torna o salmo distinto. Enquanto as duas primeiras seções seguem a estrutura regular de um salmo, de nós para Deus (ou melhor, neste caso, de algumas pessoas para outras sobre Deus), na derradeira seção Deus fala em resposta.

Por si só, as duas primeiras seções formam um exemplo didático de um salmo de louvor. Elas abrangem um convite à adoração, seguido pelos motivos para a adoração ou o conteúdo dele; então, há outro convite e mais motivos. As duas seções inaugurais complementam-se e formam uma sequência significativa. O salmo começa com um convite a uma ruidosa e entusiástica aclamação de Deus, mais semelhante aos brados e cânticos ouvidos no interior de um estádio de futebol, distante cerca de seis quilômetros da nossa catedral, do que ao canto elegante e gracioso do nosso coral. O fundamento para essa aclamação é a grandeza de Yahweh como o supremo Deus. A segunda seção renova o convite. Trata-se de um chamado a um reconhecimento externo e ousado de Deus, mas o ato, agora, envolve uma prostração física, similar àquela dos muçulmanos em oração e distinta da genuflexão parcial característica do culto anglicano. A base para essa atitude de prostração de toda a pessoa é o assombroso reconhecimento de que Yahweh, o supremo Deus sobre todo o mundo, dignou-se de ser o nosso Deus e o nosso pastor.

O salmo termina perfeitamente bem após aquelas duas seções, e gosto de imaginar que ele existia muito bem como um salmo de louvor, até o dia em que Yahweh se cansou de toda aquela aclamação e prostração, que facilmente poderiam estar desacompanhadas de um compromisso sincero com Deus, fora da adoração. Assim, Deus transmitiu a algum sacerdote ou profeta a mensagem do trecho final. Ele inicia-se como se a pessoa estivesse falando sobre Deus, mas, então, faz uma transição para falar como Deus, o que, com frequência, ocorre nas palavras de profetas. O trecho refere-se a incidentes do passado cujos relatos podem ser encontrados em passagens como Êxodo 17. Dois capítulos antes, em Êxodo 15, encontramos os israelitas orando a Deus com grande entusiasmo, a exemplo das duas seções iniciais do salmo 95, mas o entusiasmo e a prostração logo cessaram.

Como uma alternativa à minha imaginação, pode ser que as três seções fizessem parte do salmo desde o princípio e que ele desempenhava um papel na adoração semelhante ao desempenhado no culto anglicano, quando era usado na íntegra. No templo, o salmo, então, prepararia as pessoas para a audição da leitura da Torá, como no livro de Êxodo, quando logo após Deus dar o seu ensino, no Sinai, segue-se o relato do que ocorreu em “Contenção e Teste”, isto é, Meribá e Massá.

Outra ironia é que, quando o Novo Testamento cita o salmo, em Hebreus 3 e 4, ele menciona somente o trecho final, não as duas primeiras seções. A exemplo da congregação israelita, a comunidade cristã precisa aprender a não crer em sua própria publicidade, caso não deseje se tornar objeto da irada rejeição divina.

O noticiário de hoje inclui um relato sobre as forças no Iêmen atirarem na direção de manifestantes que protestavam contra o governo, assassinando alguns deles. No Afeganistão, soldados afegãos e norte-americanos enfrentam ataques cada vez mais contundentes dos insurgentes de sua base no Paquistão. Nesse ínterim, no estado de Kansas, um bispo está sendo indiciado por não denunciar um sacerdote flagrado com imagens pornográficas de crianças em sua congregação. Na Líbia, Muammar Kadafi foi sumariamente executado pelas forças revolucionárias, que, por fim, ocuparam a cidade na qual ele estava refugiado; ele é a última — ou melhor, provavelmente uma das últimas — dentre os milhares de pessoas a morrer em um conflito naquele país. Na Somália, uma mulher cadeirante morreu após ser sequestrada do Quênia.

É difícil acreditar que Yahweh reina ou que tenha começado a reinar. Igualmente, se a vinda de Jesus trouxe o reino de Deus para perto, parece que ele foi embora. No entanto, o salmo 96 declara que Yahweh, de fato, começou a reinar e, aparentemente, fala não somente do reino da criação e da natureza (a exemplo do salmo 93), mas do reino da política e da história. O seu autor e o povo estavam bem cientes das realidades no próprio contexto deles, que eram equivalentes àquelas que vemos na mídia de nossos dias.

O salmo 96 opera de modo similar ao salmo anterior, ao começar com uma exortação a adorar e, então, expressar os motivos ou o conteúdo dessa adoração. Ele, porém, segue essa sequência não uma ou duas vezes, mas três vezes. Contudo, enquanto o salmo 95 diz: “Venham, adoremos”, o salmo 96 apresenta uma exortação: “Cantem... contem... deem.” O motivo para essa distinção é que o salmo 95 fala sobre a adoração de Israel, enquanto o salmo posterior discorre sobre a adoração do mundo. Ao abordar a adoração de Israel, o líder ou o coro pode falar para “nós”, as pessoas que estão presentes; ao falar sobre a adoração das nações, as pessoas a quem a exortação é dirigida estão ausentes. O chamado, simplesmente, é lançado ao vento. Se alguém ouvir o chamado, de novo, será Israel, que, ao ouvir, será lembrado de que Deus é, de fato, o Deus das nações, que ele merece ser reconhecido por todos os povos e que esse destino já está traçado. Por outro lado, quando o salmo convida os ouvintes a contarem os feitos de Yahweh entre as nações, isso implica que uma nação conta à outra? Ou significa que Israel é que deve proclamar os atos divinos entre as nações? Quando, no devido tempo, cada vez mais gentios se tornaram prosélitos ou “tementes a Deus”, talvez isso fosse uma indicação de que os judeus, consciente

ou inconscientemente, estavam cumprindo essa comissão de anunciar os atos de Yahweh entre os povos da terra.

Por que as nações deveriam cantar louvores a Yahweh, como o início do salmo convida, e qual é a evidência de que Yahweh começou a reinar? A resposta jaz na libertação realizada por Yahweh e em suas maravilhas, termos referentes a eventos como a libertação de Israel do Egito, operada por Yahweh, a sua vitória no mar de Juncos, e também a restauração dos judaítas do exílio na Babilônia. Esses eventos constituem a evidência de que os deuses adorados pelas nações nada significam, enquanto Yahweh reina em glória em seu santuário celestial.

Do mesmo modo que a história em Êxodo e as mensagens dos profetas, o salmo considera que os atos, realizados em benefício de Israel, são significativos não apenas para os israelitas, mas para todo o planeta. Eles mostram o padrão do envolvimento de Deus no mundo inteiro e indicam o propósito que Deus está perseguindo para toda a terra. Dessa forma, são motivos pelos quais as nações podem celebrar com Israel, mesmo que elas ainda não saibam disso. Há motivos para que as nações se unam a Israel na apresentação de ofertas a Yahweh e para se prostrarem diante dele. Elas podem ir diretamente ao palácio de Yahweh, aos seus átrios, trazendo aquelas ofertas.

Igualmente, esses eventos constituem a evidência de que Yahweh, de fato, começou a reinar. Inúmeras vezes, tanto Israel quanto as nações não conseguiram ver a evidência desse reino, do mesmo modo que é tentador, no contexto do caos mundial em nosso próprio tempo, imaginar que o mundo está colapsando politicamente. O salmista nos encoraja a ver os eventos, tais como a libertação dos israelitas do jugo egípcio e do cativeiro babilônico (podemos acrescentar a morte e a ressurreição de Jesus), como indicadores mais confiáveis da direção para a qual o mundo ruma do que os sinistros eventos que eles e nós conhecemos em nossa própria experiência (ou dos quais tomamos conhecimento por meio do noticiário diário). Eles são a evidência de que Yahweh virá para implementar a sua autoridade sobre todo o mundo. Na verdade, não são apenas motivos para a adoração de Israel e de todas as nações a Deus, mas o fundamento para que todo o mundo natural louve a Deus, segundo a capacidade que lhes foi dada.

Segundo o noticiário, Muammar Kadafi, que governou a Líbia por cerca de quatro décadas, certa feita declarou: “Eu sou um líder internacional, o decano dos governantes árabes, o rei dos reis da África e o imã dos muçulmanos, e o meu status internacional não me permite descer a um nível inferior.” Dois dias atrás, o rei dos reis foi retirado de um esgoto de concreto, onde estava escondido, e morto. Não sei, precisamente, como associar Deus com a derrocada de Kadafi, mas posso ver como o povo líbio crerá que Deus, por fim, o livrou da tirania desse governante e que Deus reina um pouco mais na Líbia do que antes.

Os salmos 97 e 98 são similares, de maneira que os considero juntos. Se fôssemos ligá-los a um evento particular na história de Israel, seria com um que, de alguma forma, guarda similaridades com a queda do regime de Kadafi, ou seja, a queda da Babilônia, em 539 a.C., que possibilitou aos judaítas exilados retornarem a Judá e reconstruir a cidade. Quando a Babilônia estava prestes a cair nas mãos dos persas, Isaías 52:7 usa a mesma expressão presente nesses salmos, quando declara: “O seu Deus começou a reinar!” Foi uma convulsão na história mundial, que é retratada no salmo 97 como se refletisse uma espécie de convulsão nos céus, quando Yahweh desce para agir de modo assombroso.

De forma mais explícita do que os salmos precedentes que, igualmente, falam sobre o reino de Yahweh, esses dois salmos enfatizam as implicações para Israel do fato de Yahweh afirmar a sua autoridade como rei. O ato de Deus no mundo resulta do seu zelo pelo compromisso e pela veracidade para com a casa de Israel. Isso dá a Sião e às suas cidades-filhas (i.e., as demais cidades de Judá) motivo para júbilo. É como se Deus tivesse semeado sementes que produzirão luz (uma imagem para libertação e bênção) e alegria. Não surpreende que esse evento demande um “cântico novo” e o ressoar de todos os instrumentos que se possa encontrar.

Não se deve imaginar as cidades judaítas como meras ruínas vazias, porém a queda da Babilônia significou que Yahweh cumpriu suas promessas e derrotou o soberano opressor sobre eles. Yahweh lançou mão de sua autoridade e agiu em fidelidade — o exercício da autoridade da maneira correta, que é fundamental ao seu reino. Ele mostrou que as imponentes imagens de deuses que os babilônios desfilavam não passam disso, estátuas vazias — não há verdadeiro poder por trás daquela imponência exterior. Como de hábito, o Antigo Testamento não nega a existência de outros deuses; simplesmente, nega que eles possuam um poder

semelhante ao de Yahweh. Há muitos deuses, mas apenas um único Deus. Judá tem motivos para alegrar-se, com certeza.

Igualmente, esses salmos que falam sobre Yahweh reinar e agir em benefício de Israel prosseguem, portanto, instando o mundo a reconhecer Yahweh. Esse é motivo suficiente para o mundo se alegrar. Muitos outros povos, além de Israel, foram beneficiados com a queda da Babilônia. Mesmo a costa estrangeira do Mediterrâneo deveriam celebrar, embora não tenham sido diretamente afetadas por aquele evento. A ação autoritativa de Yahweh é um sinal de que a própria história deles, por fim, obterá benefícios de seu reino beneficente. Mesmo o mundo natural deveria usar a sua ampla capacidade para ressoar e bater palmas em aclamação a Yahweh.

No entanto, as referências dos salmos a Israel e a Sião tornam apropriado que Sião, em particular, celebre. O salmo 97 segue incentivando o povo de Sião a reconhecer Yahweh. O salmo refere-se a eles como o povo que é dedicado a Yahweh — o verbo também significa “amor”, mas isso sugere compromisso, não somente sentimentos ternos. A implicação dessa dedicação é que o povo repudia o mal — por seu turno, esse verbo também significa “odiar”; mas o termo, igualmente, sugere ser contra algo e se opor a isso, não apenas ter sentimentos hostis. No contexto, o mal que deve ser repudiado pelas pessoas é o mal de reconhecer outros deuses como se fossem o próprio Deus. E a motivação desse repúdio é a fidelidade que Deus mostra àqueles que são comprometidos com ele.

Sim, a luz e a alegria foram semeadas para os fiéis e retos. Não obstante, na verdade, foram semeadas para toda a comunidade, pois a queda da Babilônia beneficiou a todos: fiéis e retos ou não. Qualquer um pôde desfrutar da luz e do júbilo que a asserção do reino de Deus trouxe. Parece que a fidelidade e a retidão são tanto uma resposta ao semear da luz e da alegria por Yahweh quanto uma condição para elas. Constituem respostas adequadas para o dom da luz e da alegria de Deus.

Ontem, recebi o que, a princípio, parecia um convite enigmático para uma reunião de oração semanal, cedo de manhã, descrita como um “espaço sagrado para uma variedade de tradições de oração”. Pareceu-me enigmático porque sempre pensei no espaço como um lugar físico, mas claro que é possível falar sobre espaço como um período de tempo. Agora, descobri que a ideia desse espaço sagrado assumiu certa importância na forma de as pessoas pensarem sobre espiritualidade. Igualmente, suspeitei que parte da sacralidade significava que esse tempo seria de quietude e de reflexão, tão necessárias em nossa barulhenta e ocupada vida.

A ideia de um espaço sagrado no sentido de lugar físico é importante no salmo 99, a exemplo de muitos outros salmos; na verdade, está implícito na maioria deles (o Antigo Testamento também pensa em termos de um tempo sagrado, como o sábado e os festivais). A maneira pela qual o Saltério pensa sobre o espaço sagrado não é idêntica ao uso moderno da palavra, mas sobrepõe-se a ele. Em Israel, o espaço sagrado, o lugar santo, é o monte Sião e o seu santuário. O monte Sião é a montanha santa de Yahweh, que se assenta invisivelmente entronizado sobre os querubins, no Lugar Santíssimo do templo, e ele possui o baú da declaração como seu estrado ou suporte ali — portanto, o estrado também é santo.

Esse, porém, não é o início da história no salmo 99. O salmo começa com o mesmo motivo que apareceu nos salmos precedentes, o fato de Yahweh ter começado a reinar. A menção às pessoas tremendo corresponde ao relato da vitória de Yahweh no mar de Juncos, em Êxodo 14 e 15, no qual Israel declarou que Yahweh reinará para sempre e retratou o tremor de outros povos. Aquele evento significou que eles deveriam reconhecer que o nome de Yahweh é santo — naturalmente, pois isso resume o que Yahweh é (daí a advertência, nos Dez Mandamentos, para não usar o nome de Yahweh em vão).

O reinado de Yahweh foi, então, novamente expresso na conquista da terra de Canaã e na sua distribuição aos clãs de Israel. Essa história atinge o clímax com a conquista de Jerusalém e a construção do templo ali, o lugar que se tornou ou que abrigou o estrado de Yahweh. O reinado manifesta-se, uma vez mais, no retorno dos judaítas do exílio e na reconstrução do templo, após sua destruição. Um lugar se torna santo por ele pertencer a Yahweh, por ter sido apropriado por ele como um lugar para ele habitar. Talvez, de maneira surpreendente, não seja

preciso, necessariamente, guardar distância de um lugar que é sagrado. Era proibido adentrar no Lugar Santíssimo do templo, que preservava a ideia de que a santidade de Yahweh possuía uma onda poderosa e perigosa, similar a uma corrente elétrica, mas era permitido entrar no interior do próprio templo, sobre o monte santo, o que abrangia a ideia de que a natureza sobrenatural de Yahweh não o tornava inacessível.

A santificação de um lugar requer, pelo menos, a cooperação divina. Segundo Gênesis, o sábado tornou-se um espaço ou tempo sagrado porque Deus assim o declarou. O monte Sião tornou-se um local sagrado porque Davi tomou a iniciativa, e Deus aceitou. Assim, podemos tomar a iniciativa e declarar: "Este tempo ou lugar será sagrado para nós", mas devemos fazê-lo de forma humilde e inquiridora, na esperança de que Deus possa aquiescer. Construa o local e, talvez, ele venha.

A última parte do salmo 99 reprisa a história, relembrando os papéis-chave de Moisés, de Arão e de Samuel, mas também omitindo referências aos próprios reis, aqueles que tomam iniciativas que podem ser perigosas ou presunçosas. A importância de Moisés, de Arão e de Samuel é que eles oraram e fizeram o que Yahweh disse. Nenhum deles foi infalível, e eles experimentaram os dois lados de Yahweh nessa relação. Yahweh foi capaz de "carregar" a transgressão deles, aceitar a responsabilidade de lidar com as consequências, em lugar de obrigá-los a isso. Igualmente, Yahweh foi capaz de exigir reparação pela transgressão deles. É necessário submeter-se às decisões autoritativas de Yahweh com respeito a um determinado momento ser de misericórdia ou de disciplina. Eis a razão de o salmo terminar com a óbvia, porém culminante, declaração: "Yahweh, o nosso Deus, é santo."

O salmo 100 pressupõe a noção de espaço sagrado no sentido de um lugar que foi santificado por Yahweh e transformado em sua morada (isso fornece outro exemplo didático sobre como louvar, a exemplo de inúmeros salmos precedentes: convide as pessoas a louvarem a Yahweh; diga-lhes por quê; convide-as novamente; diga-lhes, uma vez mais, por quê). Assim, a adoração envolve o extraordinário privilégio de ir à casa de Yahweh, entrar em seus portais e em seus átrios, como convidados bem-vindos ao jardim da família para um prazeroso churrasco. Os adoradores vêm trazendo presentes, do mesmo modo que você faz ao comparecer a um churrasco, que, nessa ocasião, é um evento de agradecimento. Os convidados chegam fazendo barulho, outra característica dessa celebração. Suspeito que as pessoas que participam da

organização desse local sagrado para a oração matinal, com a qual iniciei esse comentário, vejam a sua quietude como parte de sua sacralidade, e, na cultura do Ocidente, precisamos dessa tranquilidade. Todavia, a Bíblia, frequentemente, expressa que a aclamação apropriada de Deus requer sons elevados, a exemplo de uma aclamação feita a um rei, a um presidente, ou a uma equipe esportiva campeã. A adoração envolve o barulho sagrado, para acompanhar os atos sagrados, durante aquele tempo sagrado, no lugar sagrado.

O noticiário de ontem relatou que uma pesquisa recente indica que a desconfiança das pessoas em relação ao governo dos Estados Unidos está mais elevada do que nunca e que os cidadãos possuem uma profunda sensação de ansiedade econômica e dúvidas quanto ao futuro. O aparente ar de surpresa que acompanhou a reportagem foi estranho, pois esse fenômeno é claramente perceptível. Isso reflete a percepção expressa naquela sentença: “É a economia, estúpido”, que desempenhou um relevante papel na campanha presidencial de Bill Clinton, em 1992. Isso lembra os candidatos de que os eleitores não estão interessados na política externa ou em questões morais importantes. A inquietação da população é com a sua própria segurança, e é difícil culpar as pessoas por pensarem assim.

No entanto, o salmo implica que, se os líderes cederem a esse pensamento, fugirão à vocação deles. Lendo a abertura do salmo, pode-se, a princípio, presumir que ele abrange um ato de louvor com respeito ao compromisso e o exercício de autoridade por parte de Deus, mas a maior parte do salmo sugere algo mais. Ele ainda anuncia que descreverá o caminho que possui integridade, que vem a ser o caminho de retidão com o qual a pessoa que entoa esse salmo está comprometida. Essa vereda não é a de uma pessoa comum, mas a de um líder, de modo que o significado do salmo para as pessoas comuns é que ele tanto indica como orar por um líder quanto como avaliar os líderes ou aspirantes a líderes. Expressando de outra forma, a “capacidade de liderança” é, acima de tudo, uma questão de caráter e de compromisso moral.

O apelo “Quando virás a mim?” talvez indique que o salmo resulte da consciência do líder quanto à necessidade da intervenção divina. A ideia, provavelmente, não é de que ele necessite do auxílio de Deus para cumprir a visão moral pela qual ele aceitou a responsabilidade, embora isso seja verdade, mas que a própria descrição que faz de seu compromisso é uma versão estendida de um elemento que aparece em muitos salmos de oração: uma declaração de estar comprometido com o caminho de Yahweh, e de que não há, portanto, motivos para Deus hesitar em agir com base no fato de a pessoa que ora não ser moral ou religiosamente merecedora. Assim, esse elemento simples que aparece em inúmeros salmos domina o salmo 101. Fundamentado na própria afirmação quanto ao seu compromisso moral, o salmista pode apelar para que Yahweh o visite e o proteja ou o liberte de possíveis ataques.

Grande parte de seu compromisso de liderança é expressa em negativas. A liderança envolve adotar ações duras, interromper coisas que precisam ser interrompidas. Alguns desses compromissos negativos são expressos em termos gerais — ele é intolerante com as transgressões e a indignidade (moral) no interior de sua "casa", o equivalente ao corpo de funcionários da Casa Branca, do mesmo modo que ele próprio, igualmente, vive com integridade naquele contexto. Em vez de permitir que os membros de sua equipe façam o serviço sujo em seu lugar, ele se cerca de pessoas moralmente confiáveis. O ponto geral sobre a transgressão e a credibilidade também sugere uma ligação com o caráter interior do líder e de sua equipe: a posição deles envolve tanto uma integridade exterior quanto interior. Falar inverdades sobre outra pessoa estabelece esse ponto de modo mais concreto, e também ser uma pessoa que se considera muito importante, ou de mente aberta quanto ao compromisso moral de outras pessoas. O salmista encerra com uma reivindicação de ser duro consigo mesmo e com os membros de sua equipe, do mesmo modo que está preparado para ser duro com as pessoas lideradas por ele. É pela manhã que o rei lida com os casos que lhe são trazidos e age em defesa do inocente e contra o opressor.

Muitos dos envolvidos na liderança política frequentam as igrejas aos domingos, e é função do pastor esfregar no nariz desses líderes as expectativas implicadas por um salmo como esse.

A cada manhã, ao acordarmos, a minha esposa faz as nossas orações matinais e quase invariavelmente agradece a Deus por mais um dia maravilhoso. Uma hora mais tarde, sento-me diante da minha escrivaninha e reflito sobre a passagem do dia para a série O Antigo Testamento para todos. Hoje, o sol está brilhando e, em minutos, aproveitarei para tomar o meu café da manhã na área externa. À noite, iremos a um bar ouvir uma banda, Flat Top Tom and His Jump Cats, que toca vários estilos musicais, e pretendo dançar muito, pela primeira vez desde a minha cirurgia, algum tempo atrás (necessitei restringir as minhas atividades físicas por algumas semanas). Há uma grande bênção em nossa vida pessoal. Entretanto, existe um contraste entre essa bênção e a situação da igreja, que não pode ser considerada "maravilhosa". As igrejas no Ocidente estão em declínio, embora não seja esse o caso em outros lugares. Considerando o ritmo atual, a nossa própria congregação deixará de existir em uma década ou pouco mais. Contra essa perspectiva, oro todos os dias pedindo que Deus tenha misericórdia pela igreja em meu país de origem e também no país que me adotou. Ainda, sinto-me perplexo diante do contraste entre a bênção de Deus sobre a nossa vida pessoal e o abandono dele por sua igreja.

Igualmente, sinto-me impactado pela diferença entre a minha experiência, reflexão e oração e aquelas presentes no salmo 102, pois a experiência que o salmista pressupõe, a reflexão e a oração que expressa, são quase opostas às minhas. Por um lado, o indivíduo que faz essa oração, o faz a partir da sensação de abandono por parte de Deus aos insultos dos inimigos. Ele se tornou a espécie de pessoa sobre a qual as pessoas lançam maldições, implicando: "Que eu seja como ele, caso eu esteja mentindo!" Ele está só, como uma coruja ou um pássaro isolado; murcha como a grama sob o sol escaldante. Sua vida lembra uma pessoa ao entardecer, quando as sombras se estendem, o que significa que a escuridão está prestes a cair.

Em contraste, a cidade de Deus é um lugar com um futuro. De fato, no presente, é um lugar que foi submetido à destruição, de maneira que o que resta para ser amado pelo povo são suas pedras e o seu pó. Todavia, na imaginação e na antecipação do salmista trata-se de um lugar edificado, no qual Deus apareceu. Ele sabe que o local voltará a ser como antes, porque Deus está comprometido com ele. As cidades perecem, do mesmo modo que as pessoas, porém Sião permanecerá, pois o seu Deus não morre e a compaixão divina por Sião também não. Na verdade, o salmo afirma com ousadia: "Porque a hora indicada é

chegada”, desafiando Deus a discordar. A fé do salmista é tamanha que ele pode facilmente imaginar a situação na qual a cidade já está restaurada e pode falar disso como um fato atual.

O mesmo não ocorre com o seu sofrimento pessoal. A terceira seção do salmo retoma o tema de sua realidade pessoal. Há um pequeno sinal de antecipação e imaginação aqui, apenas uma renovada sensação de contraste entre a brevidade da nossa vida humana e a eterna duração da existência de Deus. Ou melhor, existe uma percepção renovada da brevidade da vida humana. Embora o corpo físico pareça designado a durar cerca de setenta ou oitenta anos, em uma sociedade tradicional a maioria das pessoas morre “no meio dos meus dias”. O cosmos é muito mais seguro do que a minha vida individual, mas é possível imaginá-lo sendo desgastado pelo tempo (essa imaginação é muito mais possível agora, considerando as realidades como o aquecimento global e as chances de sermos atingidos por algum meteoro errante). O ponto do salmista não é que o cosmos irá perecer, mas apenas imaginar essa possibilidade, somente imaginar Deus fazendo isso. De modo até comovente, o salmo termina com uma súplica implícita: “Está bem, talvez tu não impeças que a minha vida seja cortada. Então, considerando que tua vida continuará, por favor, torna possível que a próxima geração viva diante de ti”, com a tua bênção. Tais esperanças são fundamentadas no que Deus é, e em seu compromisso com a continuidade da vida da cidade de Deus, que também é a cidade do salmista. Conheço uma mulher que se comprometeu a orar todos os dias pela próxima geração, a de seus filhos e a de seus netos também, cuja vida adulta ela talvez jamais veja. Na verdade, trata-se de uma oração prioritária.

Há alguns anos, atravessei um daqueles períodos nos quais Deus não parecia ser real. Não quero dizer que passava por um período de questionamento intelectual, embora isso tenha ocorrido em outras ocasiões; antes, que eu não “sentia” a presença de Deus ali. Eu frequentava os cultos, semanalmente, na capela do seminário principal, onde podia ver muitas pessoas tendo uma entusiástica “experiência com Deus”, enquanto tudo o que eu sentia era uma experiência de fria indiferença. Quando, certa feita, eu disse isso a alguém após o culto, ele comentou que talvez essa experiência era o que Deus desejava para mim naquele período. Parece-me uma resposta um tanto insensível, agora que penso nela, mas talvez ele estivesse certo. Seja como for, com o tempo, aquela sensação de indiferença desapareceu.

Considerei o salmo 103 muito útil, ao conviver com aquela experiência. Primeiro, embora a adoração possa, às vezes, vir naturalmente, ele presume que talvez precisemos nos agitar para a adoração. A exemplo de outros salmos, este considera que, em certas ocasiões, é necessário que argumentemos conosco. Assim, “eu” digo ao “meu coração” e a “todo o meu ser” que eles devem adorar e bendizer a Deus. O termo para “coração”, geralmente, é traduzido por “alma”, mas refere-se à pessoa em sua totalidade ou ao eu em vez de apenas a uma parte imaterial. Assim, o salmo, de fato, espera que dialoguemos com nós mesmos.

No entanto, o que você diz ao seu coração ou ao seu eu? Não é apenas dizer a si mesmo para sentir coisas que não sente, ou cantar em voz alta quando isso não lhe parece ser natural. Antes, é para lembrar dos motivos para adorar e bendizer; dos atos de Deus em relação a nós. Ao expressar o ponto de maneira mais específica, o salmista aponta para dois deles, perdão e cura, sobre os quais as linhas seguintes dão mais detalhes.

Em vez de “anistia”, as traduções, normalmente, usam “perdão”, mas o salmista utiliza um termo que se aplica ao indulto ou anistia concedida por um rei, não à maneira que um ser humano comum carrega o delito de outro ser humano comum. Mais tarde, o salmo explica as implicações. Deus não é o tipo de pessoa que se apega às coisas, como se esperasse pelo momento estratégico para descer sobre você como uma tonelada de tijolos. Antes, ele desconsidera as nossas rebeliões (essa palavra também sugere a relação entre um súdito e um rei), mandando-as para um exílio tão distante quanto o Oriente dista do Ocidente; se o salmista soubesse disso ou não, essa distância é infinita.

Você poderia dizer que a expressão “anistia todas as nossas transgressões” é uma hipérbole; se você não pedir pela anistia, provavelmente não a receberá. Da mesma forma, “cura todas as nossas enfermidades” pode parecer um exagero; muitas doenças não são curadas (o período na minha vida, ao qual me referi, foi aquele durante o qual a minha primeira esposa começou a ser mais crescentemente afetada pela sua esclerose múltipla, e Deus jamais a curou). Mas, pelo menos, Deus pode curar todas as doenças e é a origem de qualquer cura que ocorra — ninguém mais é capaz de curar. O salmo expressa o significado da cura como algo muito mais espetacular do que aparenta ser. Na semana passada, contraí um resfriado (aparentemente, como resultado de receber a vacina contra a gripe, mas os especialistas dizem que isso é impossível; então, quem sabe?). Orei por cura e a obtive, mas a espécie de cura que o salmista tem em mente envolve o resgate de pessoas quando elas estavam prestes a descer à cova, o que envolve vestir uma guirlanda celebratória em volta do pescoço, pois é algo tão espetacular que demanda rejúbilo e vestir os mais finos adornos. É como se elas rejuvenescessem vinte anos.

Falar em anistia e cura pode soar como se Deus estivesse apenas interessado nas necessidades pessoais dos indivíduos. Na verdade, Deus também é aquele que age em benefício dos oprimidos, a exemplo da experiência de Israel sob a liderança de Moisés. Como um salmo poderia omitir aquele fato? Essas e todas as ações divinas constituem expressões magníficas de compromisso, compaixão, graça e longanimidade. A combinação desses termos indica que o salmo está usando a própria autodescrição de Deus em Êxodo 34 e dizendo a ele: “Sim, tu és o que disseste que eras.” Considerando que “compaixão” é o termo para o ventre de uma mulher e que isso sugere os sentimentos de uma mãe por seus filhos, é notável que o salmo considere que a compaixão possa também ser uma característica paterna. Ainda, que essa compaixão paterna encontra uma expressão adicional ao fazer concessões pelo fato de os mortais serem frágeis, feitos de pó, como originariamente fomos formados, segundo o relato de Gênesis. Deus sabe quanto dependemos dele e aceita bem esse fato. Tudo o que Deus pede é que o temamos — isto é, que sejamos submissos a ele e vivamos diante dele de modo obediente, como filhos.

Não são apenas os seres humanos que apropriadamente honram Yahweh pelo que ele é. Todo o mundo sobrenatural também o faz, mas o salmista finaliza retornando ao “meu coração”, minha alma e meu ser, ou seja, o salmo termina onde começou, mas trata-se de um lugar diferente por causa da estrada na qual viajamos.

Quando o meu filho mais velho entrou na adolescência, ele declarou que não mais iria à igreja conosco, sua mãe e eu. Felizmente, a sua decisão não foi por ele achar que toda a igreja era estúpida, mas por considerar que a nossa recatada igreja anglicana não era interessante e animada o suficiente; ele pretendia frequentar uma igreja mais dinâmica com alguns de seus amigos. Obviamente, ficamos aliviados por essa rebelião contra a posição dos pais sobre igreja assumir essa forma, não simplesmente significar a sua desistência dela. Assim, algumas vezes, fui com ele na igreja de sua preferência. Numa dessas ocasiões, o pastor pregou sobre os versículos do salmo 104 que falam sobre pão, vinho e azeite, estabelecendo uma relação com Jesus como o pão vivo, com o Espírito Santo que foi derramado como vinho e com a unção de poder que Deus nos concede.

Considero não haver problemas em adaptar versículos das Escrituras para expressar algo diferente do que eles literalmente dizem (desde que esse "algo mais" também seja bíblico); afinal, o Novo Testamento faz isso. Todavia, é igualmente importante verificar o que os versículos realmente expressam, e a importância inerente do salmo 104 reside no que ele afirma sobre a relação de Deus com o nosso mundo normal e na maneira com que ele nos conclama à adoração por esse relacionamento.

O salmo inicia com um retrato vívido e poético da ação criadora de Deus no princípio, mas não descreve Deus simplesmente estabelecendo o mundo e, então, deixando-o funcionar por conta própria. A segunda seção do salmo discorre sobre como Deus está, agora, ativo no mundo. Deus faz brotar as fontes da terra; ele está assentado nos céus com o seu regador, aguando as encostas nas quais as árvores e as plantações crescem. O salmista observa como a ecologia do mundo funciona. Plantas, árvores, animais e seres humanos fazem parte de um todo, do qual Deus cuida constantemente. A provisão de azeite, vinho e demais alimentos é parte desse zelo. Os movimentos do sol e da lua constituem um aspecto dessa ecologia; eles sinalizam às criaturas da noite quando elas devem sair para realizar o seu trabalho, do mesmo modo que sinalizam aos seres humanos, como criaturas diurnas, quando devem sair para o seu labor.

A riqueza da obra criativa de Deus não está confinada às plantas e aos animais que estão disponíveis para a humanidade. Há o mar com seus navios e a sua abundância exótica, incluindo (o salmista observa com um sorriso) uma criatura

como o Leviatã. No salmo 74, o Leviatã é retratado como uma figura de imenso poder afirmado contra Deus, mas é um poder que Deus não tem dificuldades em derrotar, de maneira que, aqui, ele se torna meramente uma figura de humor, a exemplo do monstro do lago Ness. As criaturas do mar, do mesmo modo que as criaturas da terra, olham para Deus em busca do sustento. É possível suspeitar que elas não façam literalmente isso, mas, de fato, dependem de Deus a cada dia. Quando a provisão divina vem, elas vivem; quando Deus a retém, elas perecem. Deus é Senhor tanto da vida quanto da morte; somente ele tem a vida em si mesmo para dar. Se Deus dá o sopro vivente, as criaturas vivem; se Deus o retém, elas morrem.

O salmo, portanto, reconhece o lado escuro da criação — as trevas do mesmo modo que a luz, a fome e também a suficiência, a morte e a vida, o tremor e a estabilidade da terra. Talvez haja uma ligação entre aquele reconhecimento duplo e resoluto e a surpreendente nota que é incluída quase ao final do salmo: uma súplica para que os pecadores e infiéis desapareçam da terra. A rebelião humana e a transgressão arruínam o mundo criado por Deus e continuam existindo. A oração, igualmente, significa que os adoradores nos termos desse salmo não podem assumir o risco de se tornarem infiéis e pecadores.

O Dia de Ação de Graças e o Advento estão se aproximando, e estou pedindo aos membros da nossa igreja para refletirem sobre as seguintes questões:

“Qual o seu motivo particular de agradecimento neste ano?”

“Na sua fé cristã, o que você considera inspirador ou encorajador no momento?”

“Quais os seus questionamentos quanto à fé cristã?”

“O que você se compromete a fazer no próximo ano?”

Os membros responderão anonimamente na igreja; nós recolheremos a suas respostas e as apresentaremos a Deus; eu as lerei e usarei alguns dos temas em sermões ao longo do próximo ano.

Ocorreu-me que o salmo 105 oferece indicadores para o conjunto de respostas de Israel a essas perguntas. Pode-se dizer que tudo começa com a pergunta: “Pelo que devemos ser gratos?” A resposta a essa questão não se relaciona ao que Deus fez em benefício de uma geração em particular, às pessoas que estavam vivas em 900, 700 ou 500 a.C., embora em outros contextos o Antigo Testamento indique a expectativa de que Israel reflita sobre essa questão. A sua resposta convida Israel à gratidão pela extraordinária sequência de eventos que jazem na fundação de cada século na vida de Israel, como um povo. Contudo, como forma de resposta a essa série de eventos, a gratidão não é a única atitude diante de Deus que o salmista procura. A história que irá contar estabelece como Yahweh é aquele em quem Israel deve buscar socorro, a quem deve recorrer; essa é a outra resposta. Existem duas outras direções para as quais Israel sempre foi tentado a olhar em relação a isso; o povo sempre foi propenso a olhar para diferentes divindades ou para outras nações como aliados políticos. A história que é contada fornece os fundamentos para olharmos firmemente para Yahweh.

A grande extensão do salmo, portanto, compreende uma revisão da história descrita de Gênesis a Josué, principiando com referências à aliança estabelecida entre Deus e os ancestrais israelitas. O salmo utiliza a palavra “aliança” no sentido complementar àquele que o termo tem quando a nossa congregação

pensa sobre uma aliança; no caso do salmo, a palavra é referente à aliança de Deus, não à nossa. “Aliança” é uma forma de expressar um compromisso, que é assumido solenemente e do qual não se pode escapar. As referências a “selar” e a “jurar” essa aliança, e estabelecê-la como um “estatuto”, sublinham o ponto. Quão arriscado é Deus fazer uma aliança com seres humanos dos quais se espera apenas decepção!

O compromisso de aliança de Deus a Abraão é o alicerce de tudo o que vem a seguir na história resumida pelo salmista. Desde o princípio, ao proferir as implicações da aliança, o foco do salmo é quanto a Deus dar a Israel uma terra para sua posse; essa é a dádiva da aliança. Assim, ela começa relatando como Deus protegeu os ancestrais e Israel no início da história, quando eles viviam na terra certa, mas ainda eram controlados por outro povo. O salmo não considera a questão sobre quão “justa” foi a desapropriação para os habitantes precedentes daquele território, porque isso não está na agenda; a Torá responde a essa pergunta ao observar como os cananeus eram merecedores da disciplina divina.

Então, a história precisa empreender um desvio estranho e longo. Deus traz fome ao território; ela não ocorreu naturalmente, mas Deus a causou; o salmo não questiona o motivo, a exemplo do que fariam os ocidentais. Uma vez mais, a sua perspectiva da história complementa a perspectiva presente na Torá, que simplesmente registra que a fome veio, não que Deus, deliberadamente, a provocou. A fome obrigou os ancestrais a deixarem o território cananeu em busca de alimento, porém Deus antecipa-se à crise que isso traz aos israelitas e envia José adiante deles para o Egito, em uma posição que lhe permite cuidar do seu povo. Novamente, o salmo complementa Gênesis, que se abstém de dizer que a providência divina estava envolvida na presença de José no Egito, até o próprio José interpretar a sua história dessa maneira, no capítulo final do livro. O salmo vê o envolvimento ativo de Deus na maneira com que os egípcios se puseram contra os israelitas, pois essa oposição é o meio pelo qual Deus irá operar a fim de cumprir aquela palavra dita a Abraão. Em outras palavras, o ponto sobre deixar o Egito não foi apenas para encontrar a liberdade do cativeiro ali, mas para obter acesso à terra que Deus lhes prometera. Desse modo, Deus protegeu e proveu aos israelitas durante a jornada rumo à terra de Canaã.

A abertura do salmo sugere dois motivos da importância da história relatada pelo salmo: trata-se da base para adorar a Yahweh e confiar nele. O fim do salmo apresenta um ponto adicional. Se o salmo tem um motivo para Yahweh dar a Israel a terra pertencente aos cananeus, é para que os israelitas vivam lá pelas

leis e pelo ensino de Yahweh. Talvez isso sugira o mesmo raciocínio presente em Gênesis 15 — os cananeus são expulsos daquele território por causa da sua transgressão; Israel é conduzido até Canaã para viver de maneira diferente. Embora o salmo não afirme que Israel também deve fazer uma aliança de compromisso com Yahweh, a exemplo da aliança feita por Yahweh com Israel, essa é a sua implicação. A relação entre Deus e Israel se inicia como uma aliança estabelecida por Deus, mas prossegue como uma aliança que Israel também sela. Obviamente, a falha em guardar esse compromisso significa o risco de os israelitas serem tratados da mesma forma que os cananeus, o que, de fato, acontece. Portanto, o salmo finaliza dando a Israel algo mais sobre o qual refletir.

Distante quase dez mil quilômetros, sinto-me atônito ao acompanhar em Londres o equivalente a uma ocupação de Wall Street, com os manifestantes acampados nos arredores da Catedral de São Paulo, na qual fui ordenado, próximos ao centro financeiro de Londres, similar à Wall Street. Não fiquei surpreso ao descobrir que a catedral irá à corte para obter a remoção legal dos manifestantes, embora eu tenha ficado feliz ao saber que alguns integrantes da direção da catedral renunciaram aos seus cargos, pela convicção de que a catedral deveria estar, evidentemente, do lado dos manifestantes. Nessas ocasiões compartilho a mesma convicção e, tristemente, considero a ação da catedral típica da capacidade da igreja de atirar no próprio pé.

Sinto-me levemente reconfortado pela lembrança do salmo 106 de que isso sempre ocorreu. Desde o início, a história do povo de Deus é um relato que confirma a nossa perda de foco, a nossa falha em relação a Deus. Claro que a história da igreja pode ser contada de outras formas; como uma história que, constantemente, ilustra o compromisso do povo com Deus, no compartilhamento do evangelho ao mundo e na expressão do amor divino. O salmo 105 contou a história de Israel como um relato da proteção e da fidelidade de Deus; no entanto, o salmo seguinte segue, em grande parte, a mesma história (embora principie mais tarde e termine idem), a fim de transmitir uma mensagem diferente. Embora repita a bênção e a libertação de Deus sobre o povo, esse salmo concentra-se na indiferença dos israelitas. Embora o salmo 105 corresponda amplamente ao período e mensagem dominantes de Gênesis a Josué (período no qual a indiferença de Israel é enquadrada nos atos de graça de Deus), o salmo 106 corresponde mais ao período e mensagem dominantes de Êxodo a Juízes (que se encerra com a infidelidade de Israel). Se o salmo 105 constitui, portanto, mais uma história de salvação, o salmo 106 é mais um relato sobre a desobediência.

A insensibilidade do povo em relação a Deus remonta ao período no Egito, quando Moisés e Arão enfrentaram muitas dificuldades para convencer o povo de que Deus estava agindo para o bem deles. Deus os libertou, apesar disso, e eles reconheceram esse fato, mas logo se esqueceram dele, e a história da jornada israelita em direção à terra prometida é de testes em relação a Deus, de ciúmes pela posição de Moisés, de confecção de imagens, de falhas em confiar na qualidade da terra que Deus lhes estava dando, e de união ao culto aos Mestres. A história prosseguiu em Canaã; eles falharam em eliminar os povos

que já estavam estabelecidos naquele território e, além disso, seguiram as práticas pelas quais aquelas nações tinham suscitado a ira de Deus, tais como o sacrifício de seus filhos. No entanto, Yahweh não conseguiu evitar a lembrança da sua aliança com os israelitas. Aqui reside uma nota comum aos salmos 105 e 106. A aliança da parte de Deus é que constitui a base para a vida do povo, quer eles sejam responsivos a Deus quer não.

Por esse motivo é que o salmo pode começar daquela maneira. Por outro lado, a sua abertura é surpreendente à luz do rumo que o salmo eventualmente toma, pois essa direção não é condizente com a introdução. Um longo relato sobre as falhas do povo de Deus torna-se o tema dominante desse salmo que se inicia com louvor, pois a descrição da falha e da infidelidade, na verdade, realça a fidelidade e a misericórdia de Deus. A abertura e o encerramento do salmo apontam para outras implicações. Uma delas emerge do fato de que Deus disciplina o seu povo, mesmo que não os rejeite por completo. O corolário é que a bênção repousa sobre os que se entregam a agir fielmente na maneira com que tomam decisões autoritativas. No nível mais egoísta, as pessoas inferem do compromisso de Deus que podem agir como bem lhes parecer. A história de Israel comprova que esse não é o caminho para a bênção.

Outra implicação é que essa ousadia torna possível orar por misericórdia e libertação quando estamos em uma merecida confusão. Deus é imprudente o suficiente para mostrar que ele enfrenta dificuldades em sua resistência para agir compassivamente, de maneira que o encerramento do salmo tira proveito desse fato. Pode-se acrescentar que essa motivação levará Deus a ser reconhecido e louvado. Não obstante, outra inferência é que todo esse padrão é aplicável tanto ao povo como um todo quanto a indivíduos. O ponto é expresso no fato de a bênção alcançar os fiéis, mas os indivíduos se beneficiam da incapacidade de Deus de fugir à sua fidelidade em relação ao povo como um todo.

Enquanto o amém, ao final do Livro Três do Saltério, estabelece um contraste com o conteúdo do salmo 89, do qual constitui um anexo, o amém em questão, ao final do Livro Quatro, harmoniza-se com o salmo 106, embora, talvez, isso resulte num desafio, pois envolve o reconhecimento de que a nossa história, como povo de Deus, é, de fato, uma história de rebelião e de transgressão.

Quando adolescente, eu costumava ir a acampamentos organizados pela National Young Life Campaign, atualmente conhecida como Young Life (a qual não creio estar relacionada com a Young Life dos Estados Unidos, embora seus propósitos não sejam muito diferentes). Íamos à praia ou subíamos às montanhas durante o dia e tínhamos cultos às noites. Foi num desses acampamentos na Inglaterra ou no País de Gales que senti o chamado de Deus para o ministério. Creio ter ocorrido no mesmo evento em que Raymond Castro, um dos líderes, costumava realizar períodos de "Assim digam", durante os cultos noturnos, quando incentivava os presentes a se voluntariarem para falar sobre o que Deus estava fazendo na vida deles, ou o que Deus lhes estava dizendo. Ele sabia que dar o nosso testemunho daquela maneira produzia um poderoso efeito sobre os demais jovens, mais eficiente que o testemunho de adultos sobre o tema. Isso, igualmente, tinha um importante impacto sobre os que compartilhavam.

Foi com base na abertura desse salmo que esses períodos foram denominados "Assim digam". Na King James Version, em Salmos 107:2, lemos: "Let the redeemed of the

Lord

say so" [Que os redimidos do

Senhor

assim digam]. Embora o salmista queira incentivar Israel, como comunidade, a testificar o que Deus tem feito por eles, a sua pressuposição é a mesma usada por Raymond Castro. Os três versículos de abertura sugerem que o testemunho encorajado pelo salmo tenha relações com o retorno do povo do exílio e com o significado desse evento para eles. As seções seguintes celebram a sua restauração de quatro experiências em vez de quatro lugares distintos. Para alguns, a experiência significou estar perdido, faminto e sedento. Para outros, significou cativeiro e escuridão; ainda para outros, representou enfermidade ou danos e a probabilidade da morte. Por fim, para alguns significou uma perigosa travessia pelo oceano a fim de começar uma nova vida em algum outro local da costa mediterrânea.

Havia aspectos dessa experiência comuns a todas as pessoas. Primeiro, ninguém

podia reclamar dela; pois resultava da própria falha delas, fruto da categoria de transgressão descrita em 1 e 2Reis e ainda nos profetas. Contudo, segundo, clamaram a Yahweh em meio à tribulação. Terceiro, Yahweh respondeu e as libertou, independentemente da espécie de tribulação — tipicamente, Deus não foi impedido de resgatá-las por causa da pecaminosidade delas. Em cada caso, o resgate lida com a tribulação específica na qual elas estão — Yahweh as capacita a encontrarem o caminho no qual há alimento; ou rompe as portas da prisão; ou cura e as traz de volta dos portões da morte; ou acalma as ondas que ameaçam a travessia marítima delas. Todas essas pessoas, então, foram redimidas ou restauradas por Yahweh, e devem assim dizer — pois o testemunho delas honra o nome de Yahweh, edifica as pessoas que testemunham e encorajam as que ouvem o testemunho.

A derradeira grande seção do salmo implica uma ênfase nessa última consideração. O fato de as pessoas serem livres para retornarem a Judá, no decorrer das décadas, não resolveu os seus problemas como elas esperavam. Você pode ler a história nos livros dos profetas, tais como Ageu e Zacarias, e nos livros de Esdras e de Neemias. Portanto, é importante que as pessoas extraiam as conclusões corretas das quatro vinhetas do salmo. Os atos por meio dos quais Yahweh resgatou as pessoas não constituíram eventos únicos, porque as tribulações não vinham uma única vez. Eles mostraram a espécie de Deus que Yahweh é e o modo pelo qual ele, caracteristicamente, age. No entanto, o decréscimo, a opressão, a aflição e a tristeza reafirmaram-se na experiência do povo. E, assim, era necessário que ouvissem o testemunho que a geração anterior podia dar. Os redimidos do Senhor devem assim dizer, para o bem de seus netos e bisnetos. Desse modo, pessoas de discernimento meditarão sobre a história delas, a fim de abrir possibilidades em sua imaginação e orar da maneira que os seus avós oravam.

Num dia desses, eu estava conversando com um amigo que tem sido pastor associado em uma próspera igreja pentecostal, por cerca de um ano. Ele não possui o típico histórico pentecostal, mas esse fato era de menor importância, pois nada muito pentecostal havia restado naquela igreja. Ela se tornara indistinguível de outras igrejas avivadas, fora das denominações principais. Esse meu amigo afirmou não ter visto ninguém profetizando, falando em línguas ou sendo miraculosamente curado, durante seu ano naquela igreja. Esse relato mostrou-se coerente com as impressões que recebi de outras pessoas e de visitas ocasionais a igrejas pentecostais nos Estados Unidos (a situação é diferente em dois terços do mundo). Sinto-me triste pelo fato, embora não esteja, necessariamente, acusando as igrejas. A profecia, o falar em línguas e a cura são dons divinos, não algo que somos capazes de gerar. Entretanto, esse aspecto da situação atual nas igrejas do Ocidente levanta algumas questões. Deus, certa feita, prometeu derramar o seu Espírito sobre o seu povo (veja Joel 2). Ele não está fazendo isso.

Um tópico concreto e distinto é o foco do salmo 108 (que retrabalha o material que também aparece nos salmos 57 e 60), mas há similaridade em uma questão subjacente. O que você faz quando Deus não cumpre as suas promessas? A seção intermediária do salmo relembra realizações de Deus que remontam ao início da vida de Israel. Foi, de fato, um empreendimento solene — Deus falou por sua santidade, colocando a sua própria natureza como Deus na mira.

As promessas são referentes à conquista da terra de Canaã. Elas pressupõem a situação na qual Yahweh e Israel ainda não estavam na terra prometida. Eles estão prontos a entrar nela, localizados no sul ou no sudeste daquele território, próximos ao fim da jornada desde o Egito. Yahweh pretende lotear a região situada no lado oeste do Jordão, que é simbolizada por Siquém, a moderna Nablus, a maior cidade de então, no princípio da história israelita, quando Jerusalém era desimportante. Similarmente, Yahweh planeja medir e, portanto, alocar o vale do Sucote, no lado leste do Jordão, que, em geral, representa aquela área. Falar, então, sobre Gileade e Manassés sugere uma referência aos clãs israelitas que se assentaram a leste do Jordão, enquanto Efraim e Judá são os clãs mais proeminentes estabelecidos a oeste do Jordão. Os clãs israelitas serão os beneficiários do loteamento das terras por parte de Yahweh, tornando-se seus inquilinos. Mas, em primeira instância, os clãs são agentes de Yahweh na conquista daquela região; é como se Efraim fosse o capacete usado pelo

guerreiro Yahweh, e Judá fosse o bastão com o qual esse general comanda as suas tropas.

Será impossível a qualquer um se colocar no caminho de Yahweh. Moabe, Edom ou a Filístia podem tentar, mas fracassarão. Edom constitui a área que Yahweh e Israel alcançarão primeiro, de modo que Yahweh pergunta quem assumirá a liderança à medida que eles se aproximam de Edom. Você pode ler a história sobre Edom e Moabe em Números 20 e 21. Os filisteus não aparecem nesse relato por algum tempo, pois eles chegam na fronteira de Canaã praticamente ao mesmo tempo que os israelitas, mas, no lado oposto, vindos do outro lado do Mediterrâneo. Ciente desse fato, é possível ler um relato dessa promessa na história do Antigo Testamento presente na Torá; essa narrativa da promessa resume as implicações das promessas de Yahweh, já que elas podiam ser expressas em uma geração posterior.

O problema é que a realidade da experiência subsequente de Israel, com frequência, contrastou com o que era explícito ou implícito nas promessas. Então, o que você faz? O salmo possui duas respostas, expressas nos dois lados da recordação das promessas. Como esperado, a lembrança leva ao protesto, à oração e à declaração da convicção de que Deus irá cumpri-las. O mais surpreendente é a maneira com que o salmo começa, com uma expressão extensa de louvor pelo compromisso de Deus e sua veracidade ou confiabilidade, embora esse louvor também termine com uma oração. É possível haver uma ironia aqui; o louvor irá, no devido tempo, implicar que a (alegada) realidade do compromisso e da confiabilidade de Deus é o motivo pelo qual Deus deve responder à oração.

A minha intenção é orar cada vez mais a Deus pelo cumprimento das promessas expressas em Joel e louvar a Deus por seu compromisso e por sua confiabilidade.

Neste fim de semana, planejo ver um filme sobre certas vítimas do colapso financeiro, ocorrido na primeira década deste século. Elas fazem parte da equipe de funcionários de um condomínio de luxo que descobrem que o ocupante da cobertura está envolvido em uma fraude de bilhões de dólares e que (entre outras coisas) roubou o fundo de pensão deles. Então, decidem obter a devida reparação roubando o magnata financeiro. Um dos críticos comentou: “Pelo menos, por um breve tempo, isso o fará rir em vez de chorar pela condição atual, o que é muito mais do que é possível dizer sobre inúmeras outras coisas.” Na vida real, no rescaldo desse colapso, a mídia tem reportado como as vítimas desse tipo de vigarista ameaçaram matar a própria esposa e filhos deles.

A espécie de pessoa para a qual o salmista fala é alguém que, de fato, deseja obter uma reparação daqueles que a enganaram. Considero a longa seção intermediária (v. 6-19) como suas palavras sobre a pessoa que ora esse salmo. As palavras dos vigaristas são citadas; eles planejam fazer que essa pessoa seja condenada por atos que ela não cometeu, para que isso resulte em sua ruína pessoal ou mesmo morte, no confisco de sua terra e propriedade e também na rejeição por parte da comunidade. Ainda mais assustador é que eles incluem Deus em seu modo de falar. Essas palavras fornecem um grande exemplo do que significa usar o nome de Yahweh em vão, vincular o nome de Yahweh a algo que é desprovido de realidade e de verdade. Nesse sentido, os vigaristas citam os nomes dos pais da vítima em vão, falando como se fossem grandes pecadores e merecedores de terem seus nomes riscados da memória, a exemplo do que o salmista faz. Por ironia, o acusam das ofensas pelas quais eles mesmos são culpados — falta de compromisso, insensibilidade, amor por amaldiçoar em lugar de abençoar, que esperam recaia sobre ele.

Como você lida com a experiência de ser tratado com falsidade? Podemos considerar que há duas maneiras alternativas. Ou você age em defesa das vítimas desse trapaceiro fictício ou real, incluindo recuperar o que lhe foi tomado, ou engole o choro e oferece a outra face. Ao lado de outras partes das Escrituras, o salmo 109 considera que você deve orar. Ao mesmo tempo que assimila o golpe, você também bate no peito de Deus a respeito disso; há motivos para estar enfurecido, e você tem o direito de expressar a sua ira diante de Deus em vez de fingir que nada aconteceu. No salmo, pelo menos, parte do motivo pelo qual a vítima precisa que Deus aja contra os trapaceiros é para libertá-la de suas ciladas; é necessário que eles sejam derrotados. Mas a ira do salmo vai além

disso, indo para a necessidade mais geral de ver a reparação do delito praticado.

Passagens do Novo Testamento, tais como Mateus 23, reafirmam a posição do salmo a esse respeito; a retribuição deve recair sobre aqueles que praticam o mal contra outros. A citação do salmo 109 no Novo Testamento, em conexão com Judas, em Atos 1, sugere que não foi estranho a Deus incluir esse salmo em seu livro. Caso não sejamos pessoas que necessitam orar esse salmo, somos chamados a nos colocarmos na posição de pessoas para as quais essa oração é necessária. Essa identificação é, particularmente, arrepiante se imaginarmos pessoas em outras partes do planeta orando esse salmo em relação a nós, que vivemos no Ocidente. De fato, a importância dos salmos para nós, com frequência, emerge quando percebemos que desempenhamos neles um papel distinto daquele que presumíamos. Somos aqueles dos quais os salmos reclamam, não as pessoas que têm o direito de reclamar. Pode ser um dos motivos pelos quais nos sentimos desconfortáveis em relação aos salmos.

Minha esposa, constantemente, fala sobre poder. Não considero isso de modo pessoal. Na verdade, isso trabalha a meu favor, pois a fixação dela reside em como o pensamento ocidental contemporâneo se preocupa com questões sobre quem tem poder e como ele se apresenta nos relacionamentos entre homens e mulheres, pais e filhos, pastores e congregações, e professores e alunos. Ela acha que a nossa apreciação e compreensão dessas relações está sendo prejudicada pelo excessivo foco no poder e pela obsessão em obtê-lo, com os impotentes ganhando poder ou com o empoderamento das pessoas. As dinâmicas são paralelas àquelas aplicadas em relação à importância de lugares sagrados, como o templo. Essa relevância é pervertida pela maneira com que esses locais se tornam símbolos de poder, de tal modo que nos dias atuais a questão-chave quanto ao monte do templo, em Jerusalém, é sobre quem o controla. Todavia, essas considerações confirmam o princípio de que a obstinação humana torna perigosa a concentração de poder e reforça a necessidade de difundi-lo.

Esse princípio torna o salmo 110 preocupante. Em Israel, o poder religioso era partilhado por sacerdotes, reis e profetas. Os reis não podiam realizar as tarefas dos sacerdotes, sendo passíveis de morte caso o fizessem, a exemplo do ocorrido com o rei Uzias (2Crônicas 26). Aos profetas era permitido confrontar reis e sacerdotes. Aqui, no salmo 110, provavelmente, é um profeta que está falando, no exercício de uma espécie de poder possuído por Natã ou Gade, na corte de Davi (veja 2Samuel 7), e ele declara que Yahweh indica o rei também como um sacerdote. Isso significa que Davi é alçado a uma posição similar à de Melquisedeque. Gênesis 14 fala sobre esse rei de Salém, que o salmo 76 confirma como sendo a mesma cidade conhecida por Jerusalém. Conforme a prática comum nas sociedades tradicionais, Melquisedeque era tanto sacerdote quanto rei em Salém. Isso significava que a sua posição não era diferente daquela de Abraão, que, com efeito, detinha os dois tipos de poder no clã, em Gênesis. Mas, quando Israel se tornou uma nação, pode-se dizer que o poder foi distribuído entre Moisés, que exercia o mesmo papel de um rei, Arão, responsável pelo papel sacerdotal, e Miriã, na posição de profetisa. No período de Juízes, não há reis, e não lemos muito sobre sacerdotes ou profetas. Quando há reis e um templo em Jerusalém, a história torna-se um pouco ambígua quanto ao poder que os reis tinham no templo. Em contrapartida ao relato sobre a morte de Uzias, há narrativas sobre reis oferecendo sacrifícios sem serem punidos por isso — mas, talvez, isso signifique que os reis providenciaram o sacrifício e, na realidade, um sacerdote o realizou.

No salmo 110, as palavras inaugurais e de encerramento de Yahweh são promessas de que o rei logrará liderar o seu povo com sucesso, que eles servirão voluntariamente em seu exército, e que ele derrotará os seus inimigos. Essas promessas parecem servir de encorajamento para que o rei se envolva em guerras designadas meramente a ampliar o poder de Israel no mundo, embora inúmeras considerações reduzam essa preocupação. Uma delas é que Israel jamais alcançou a posição de uma grande potência, como os Estados Unidos ou a Grã-Bretanha. Normalmente, assumiu a posição de um pequeno poder sob a constante pressão de grandes potências ou de seus vizinhos, cujas forças, pelos menos, eram equiparáveis às suas. Outra consideração é o ponto que aparece nos versículos finais, sobre Israel e seu rei serem os meios de Yahweh exercer autoridade no mundo. Caso tentassem usar esse poder para construírem um império próprio, os israelitas correriam o risco de serem tratados por Yahweh do mesmo modo que ele agiu contra outras potências mundiais.

Talvez a solene declaração de Yahweh quanto ao rei também ser sacerdote atue como uma restrição. Se o rei também for um sacerdote, isso poderia significar que ele está em posição de reivindicar sanção religiosa por guerras travadas unicamente por motivos políticos. O rei não é meramente o comandante-chefe, mas deve enfrentar Deus pelas guerras que vier a empreender, e deve fazê-lo de maneira pública e oficial. Além disso, ele é um sacerdote à maneira de Melquisedeque, que aparece no Antigo Testamento não como alguém que empreende guerras, mas como alguém que abençoa.

O Novo Testamento usa o salmo 110 para ajudar na compreensão da relevância de Jesus, mas o próprio salmo não fornece qualquer indicação de que fala sobre o Messias, e, como ocorre com frequência, este também é um caso no qual o Novo Testamento está dando ao salmo um significado diferente, ao aplicá-lo a Jesus.

Observei em meu comentário sobre o salmo 105 que para o próximo Dia de Ação de Graças/Advento estamos sugerindo aos membros da nossa igreja que reflitam sobre o que têm a agradecer a Deus no ano que está acabando e qual a aliança que pretendem estabelecer para o ano vindouro. Não me ocorreu que os compromissos de aliança dos membros para o próximo ano poderiam ser uma resposta à reflexão deles sobre o ano que se aproxima do fim, mas esse ponto fica evidente ao pensarmos na proposta. Hoje, apresentamos à congregação as quatro questões citadas em meu comentário anterior, para que as pessoas pensem nelas antes de as usarmos no contexto de nosso culto do próximo domingo. Assim, no caminho de volta para casa, a minha esposa perguntou se eu mesmo iria refletir sobre elas antecipadamente. Quer reflita quer apenas confie no que vier à minha mente no próximo domingo (o que está mais de acordo com a minha abordagem normal diante da vida), devo, agora, vincular a minha aliança ao modo pelo qual Deus me abençoou ao longo do ano.

O salmo 111 aponta na mesma direção, pois começa estabelecendo o compromisso de confessar Yahweh e finaliza com uma referência a “cumprir” os requisitos da sua aliança. A primeira parte do salmo refere-se ao compromisso de aliança estabelecido por Yahweh com Israel; próximo ao fim, o salmo fala sobre Yahweh “ordenar” uma aliança, sugerindo o compromisso de aliança que Yahweh espera das pessoas. De modo similar, por três vezes, o salmista cita as “obras” ou “feitos” de Yahweh em benefício do povo; então, no final, expressa o que as pessoas precisam “fazer” em resposta às “obras” de Yahweh. O compromisso de aliança de Deus e a sua obra devem vir antes, mas devem ser seguidos pelo nosso compromisso de aliança e a nossa ação. Em nossa congregação, no exercício quanto à ação de graças e à aliança, iremos refletir sobre as bênçãos pessoais que recebemos de Deus e a resposta específica e pessoal que daremos. O salmo reflete sobre as bênçãos fundamentais concedidas ao povo por Deus e a resposta fundamental deles.

Pode-se dizer que isso resume a natureza da relação do povo com Deus, e, portanto, é adequado que esse seja um salmo alfabético — isto é, após as palavras de abertura, “Louvem a Yah!”, cada linha dos versículos começa com uma letra diferente do alfabeto hebraico. Há, portanto, 22 linhas para as 22 letras do alfabeto, e o salmo é capaz de cobrir a natureza do culto e da relação com Deus de A a Z.

As questões sobre ação de graças e aliança correspondem à primeira e à última sobre as quais consideraremos. O salmo também oferece discernimento quanto às duas perguntas intermediárias. A segunda questão fala sobre quais aspectos da fé cristã são especialmente importantes e úteis às pessoas; o A a Z pode ajudar na consideração dessa questão. A terceira pergunta versa sobre possíveis preocupações que as pessoas têm sobre a fé cristã; assim, é digno de nota que esse salmo, iniciado com motivo de louvor, termine falando sobre discernimento ou sabedoria. Isso sugere que o que Deus fez e disse contém as respostas ao nosso questionamento. Igualmente, sugere que a sabedoria é uma questão da atitude que adotamos em relação a Deus e ao que ele diz, tanto quanto à maneira com que vivemos essa atitude.

Minha esposa trabalhou para uma das pessoas mais prósperas e ricas dos Estados Unidos (isso não resultou em um maravilhoso dote para o nosso casamento). O seu trabalho consistia em auxiliar essa pessoa a investir bem o seu dinheiro; os projetos nos quais ela estava envolvida eram notáveis, impressionantes, interessantes e, com frequência, educacionais. Um deles consistia na remodelagem de uma mansão, situada em uma região chique, na Europa, na qual ela sonhava viver com toda a nossa família estendida. Outro projeto objetivava a restauração de inúmeras aeronaves militares da Segunda Guerra Mundial. Os projetos, com frequência, beneficiavam diretamente pessoas comuns ou necessitadas, e o seu chefe havia se comprometido a dar a maior parte de seu dinheiro em vida.

A Bíblia não possui o ideal de que todos tenham a mesma riqueza. Isso sugere a ciência de que certas pessoas são melhores que outras, o que pode ser devido ao fato de serem agricultores mais eficientes ou mais esforçados, ou, ainda, apenas com mais sorte. Isso presume que há uma correlação entre a fidelidade da vida de um fazendeiro e o sucesso de sua fazenda, embora também reconheça que nem sempre as coisas sigam esse roteiro. Isso não presume que a sua habilidade, o seu trabalho duro e a sua fidelidade, simplesmente, assegurem o direito de sua família de usufruir dos frutos de uma vida melhor que a dos demais, ignorando os menos favorecidos.

O salmo 112 é outro salmo de A a Z, a exemplo do salmo anterior. Implicitamente, talvez ofereça um ciclo espiritual de riqueza e de atitude em relação à vida. Usando certa estrutura, contudo, isso também permite que os salmistas, a exemplo de todos os poetas, pensem coisas que, de outro modo, não teriam pensado. O salmo inicia-se como se desse aos fazendeiros fiéis uma desculpa para a autocongratulação no tocante à prosperidade que resulta de sua fidelidade, mas, então, os confunde ao redefinir as bênçãos provenientes da fidelidade. Essa bênção não reside no fato de o fazendeiro fazer o bem a si mesmo e à sua família, mas reside no fato de ele poder levantar quando ainda está escuro a fim de trazer luz aos que são retos, graciosos, compassivos e fiéis. Essa declaração em si implica o reconhecimento de que nem todos os que são retos, graciosos, compassivos e fiéis se dão bem na vida. E a declaração talvez tenha um duplo significado. Luz e trevas são símbolos comuns para bênção e calamidade. Assim, o salmo pode estar dizendo que o fazendeiro rico está em posição de levantar quando está literalmente escuro a fim de ser uma bênção

para outra pessoa. Ou pode significar que ele está em posição de se levantar quando as coisas estão escuras para a família de outra pessoa fiel, que enfrenta dificuldades, e trazer luz para ela. Ou, ainda, pode ter os dois significados.

Seja como for, por ser alguém com alguma riqueza, ele é capaz de ser gracioso e emprestar a uma outra família que enfrenta tempos difíceis, a fim de mantê-los até a próxima colheita. Ele, portanto, utiliza uma ação decisiva com os bens de sua própria família para beneficiar outra família em necessidade. Como de costume, o Antigo Testamento presume que, quando você dispõe de bens excedentes, não deve emprestar visando obter mais lucros; empresta como exercício de compaixão pelos necessitados e não fazer deles fonte de lucro. Mas, ao viver essa vida fiel e generosa, e manter a sua confiança em Deus, o salmo promete que os seus bens irão aumentar. Não apenas isso, mas você receberá as honras da comunidade e prosperará mais do que aqueles que focam apenas em suas próprias necessidades, que ridicularizam o fiel e que, por fim, descobrem que a sua preocupação egoísta em obter cada vez mais para si não os levará a lugar algum.

Em meu comentário sobre o salmo 108, referi-me à igreja de um amigo pentecostal que parecia não ter mais expectativas quanto a Deus agir do que as principais denominações evangélicas. Mas, ontem, enquanto eu aguardava na sala de espera do oftalmologista, lia um livro que fora recomendado pelo meu chefe (assim, obviamente, tinha que lê-lo), da autoria de James K. A. Smith, com o provocativo título Pensando em línguas (Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021). Um dos capítulos começa com o testemunho de uma mulher sobre como ela e o seu marido tentaram conceber um filho durante oito anos, sem êxito, resultando em frustração, desesperança e ira contra Deus. Contudo, no mês anterior, as mulheres do grupo de estudo bíblico que frequentava impuseram as mãos sobre ela e oraram. Ela estava cansada demais para crer que histórias como a de Ana poderiam se tornar a sua própria história e, assim, não pensou muito a respeito disso nos dias posteriores. Todavia, agora ela está grávida.

Yahweh é aquele que permite que as mulheres sem filhos tomem assento no lar como a alegre mãe de filhos, o salmo diz. Claro que nem sempre é assim. Inúmeras mulheres estéreis permanecem nessa condição, e muitas outras orações não são respondidas. O salmista não deixou esse fato passar despercebido, mas isso não o fez recusar-se a reconhecer que Yahweh, às vezes, responde às orações, muito menos o fez ceder à tentação de concluir que a inesperada gravidez de uma mulher estéril fosse apenas mais uma daquelas situações estranhas, explicáveis com base em algum evento hormonal, sem nenhuma relação com Deus. Pode ser mais confortável presumir que sabemos como a vida funciona e como Deus age e que, hoje, ele não realiza mais milagres dessa categoria, ainda que isso ocorresse nos tempos bíblicos. É mais inquietante reconhecer a nossa ignorância sobre como a vida funciona e sobre como Deus age e que não possuímos critérios para decidir por que algumas orações encontram respostas e outras não. O salmo 113 nos encoraja a viver uma vida inquieta e sugere que, então, poderemos ver milagres que, de outra forma, não veríamos. James Smith expressa isso em termos de nos mantermos abertos às surpresas divinas, de esperar o inesperado. Não é a sua abertura que faz o inesperado acontecer; ela não é nem mesmo uma condição para que isso ocorra (a mulher, no livro, já havia perdido a esperança, embora seja importante enfatizar que as suas amigas não). Deus é quem decide quando agir; e, se não esperarmos o inesperado, podemos não reconhecer quando isso acontecer.

Para uma família israelita, o fato de uma mulher não ser capaz de gerar filhos constituía uma grande tristeza, pois tê-los era uma função-chave que ela desempenhava para assegurar o futuro do seu povo e também de sua própria família. No caso de um homem, uma infelicidade da mesma magnitude era vinculada à sua incapacidade de fazer o negócio da família prosperar. Podia ser por sua própria incompetência de gerenciamento, por sua má sorte ou, talvez, por sua preguiça; é possível que fosse vítima de agiotas ou sofresse com invasões dos inimigos em sua propriedade; seja como for, o seu fim é no pó, no monturo. Como ocorre em nosso mundo, às vezes isso pode ser uma metáfora ou, outras vezes, uma realidade literal. Sem dúvida, muitos empreendedores fracassados jamais conseguem recuperar os seus negócios. Mas, às vezes, Deus lhes possibilita recomeçar e recuperar a sua posição de honra junto aos anciãos da sua vila, como líderes da comunidade. Uma vez mais, o salmo convida as pessoas a não verem aquele evento como um mero acaso ou o resultado de iniciativa humana, mas como a dádiva surpreendente de Deus.

Tais experiências por parte de um marido ou de uma esposa são reflexos do fato de que Deus é aquele que tanto se assenta entronizado nas alturas quanto olha para baixo a fim de ver o que está acontecendo na terra e se envolver aqui. Nessa conexão, o salmo 113 não é tanto uma oração a ser feita por alguém que está sobre um monturo (seu trabalho é orar por si e por socorro para sair dali) ou pela mulher estéril (nesse caso, ela deve orar por si e para obter alimento suficiente). Esse salmo é para ser usado pelas pessoas em geral, como uma expressão de louvor e de oração, parcialmente para que saibam como responder quando mulheres não conseguem engravidar ou homens estão sobre um monturo.

O salmo 114 oferece um encorajamento paralelo ao do salmo anterior, mas orientado à comunidade em vez de ao indivíduo. Nos séculos posteriores, esses dois salmos eram usados em conjunto, no início da refeição da Páscoa. Quando as pessoas se reuniam para esse evento familiar, elas podiam considerar significativo que o salmo 113 nos convide a celebrar o modo com que Deus se envolve com a vida das famílias, enquanto o salmo 114 seria, especialmente, adequado à Páscoa. Ele começa recordando o êxodo, a libertação do povo junto ao mar de Juncos, além de levá-los do outro lado do Jordão a uma nova terra, e retrata a natureza pulsando com o que vê Deus fazendo por Israel — um som diferente da tagarelice dos egípcios em sua língua estrangeira.

Em um contexto posterior, quando o povo não era, de fato, livre, subjugado por uma superpotência, haveria certa pungência nessa recordação. Não se podia

acusá-los por pensarem que ainda não tinham experimentado a espécie de restauração da comunidade que viria, segundo os profetas. Então, é com esse relato que o salmista termina, com a referência a um tanque de água e uma fonte, porque Isaías 41 prometeu essa provisão aos pobres e necessitados (o que nos leva de volta ao salmo 113), como um modo de descrever a restauração vindoura e o retorno do povo do exílio. Assim, o salmo diz: “Vocês sabem como Deus proveu ao povo na jornada do Egito até a terra prometida? Bem, isso não foi algo que Deus fez uma vez, lá no início, mas algo que Deus realizou novamente, ao trazer o povo de volta do exílio. Isso é o que Deus faz, ao libertar e restaurar o seu povo. Portanto, é a espécie de ação pela qual podem esperar novamente.”

Hoje, recebi um e-mail, daqueles de corrente, contando uma história comovente sobre uma mulher que agiu generosamente em relação a um desabrigado e seu amigo com problemas mentais, que apareceram em um restaurante de comida expressa. O e-mail prometia que, caso retransmitisse aquela mensagem aos meus amigos, eu poderia fazer um pedido, e ele seria atendido. Se o enviasse a cinco pessoas, o meu desejo se realizaria em três meses; se o enviasse a dez pessoas, em cinco semanas; e assim por diante. As pessoas que retransmitem esse tipo de mensagem querem ter o controle de sua vida e de seu destino e acham que sabem como obter esse controle.

As pessoas descritas pelo salmista buscam cumprir o mesmo desejo pela fabricação de imagens de deuses para uso próprio. Uma imagem é algo que você pode ver e controlar, e, assim, os deuses representados por elas são seres que você pode controlar. Apresente as ofertas certas diante das imagens, e você obterá o resultado desejado. Essa teologia não difere muito daquela defendida por alguns cristãos, a teologia da máquina automática de vendas: insira a moeda certa, e a barra de chocolate será disponibilizada pela máquina. Similarmente, embora o salmo fale dos fabricantes de imagens como pertencentes a outras nações, os israelitas, com frequência, recorriam às imagens, de modo que um dos objetivos do salmo (talvez o principal) é falar a eles.

Os fabricantes de imagens poderiam, naturalmente, alegar: “Onde, então, está o seu Deus?” Em outras passagens, o Saltério se refere a essa questão em contextos nos quais as pessoas estão zombando de alguém porque Deus está falhando em agir em seu benefício, mas aqui a questão considera um significado distinto. As pessoas zombam porque não conseguem ver o Deus no qual os israelitas criam (ou deveriam crer). O salmo transforma aquela aparente fraqueza em força: “Sabe por que você não consegue ver o nosso Deus? Porque ele está nos céus, seu tolo!” Claro que os escarnecedores também acreditavam que os seus deuses estavam nos céus; claro que não criam que os deuses estavam contidos em suas imagens (pelo menos, em teoria). Contudo, eram incapazes de enxergar a conclusão óbvia de que, portanto, fabricar imagens desses deuses não fazia sentido. Se você crê que esses deuses podem realizar coisas, a imagem deles é pura incoerência. A própria natureza de uma imagem estabelece esse ponto; ela possui todas as partes corporais corretas para sugerir a capacidade de agir. Contudo, nenhuma dessas partes funciona. O resultado de confiar em entidades que nada podem realizar é que a pessoa que nelas crê, igualmente,

nada pode fazer — um resultado triste, de fato, pois é o oposto do objetivo primário que motivou a sua fabricação, isto é, o de controlar a própria vida e destino.

Yahweh possui boca, olhos, ouvidos, mãos, pés e cordas vocais que funcionam à perfeição. Não se deve usar de literalidade na compreensão desse ponto, mas também não devemos descartá-lo como simples metáfora. Fomos criados à imagem de Deus como seres dotados de boca, olhos, ouvidos, mãos, pés e cordas vocais, e, por Deus possuí-los, é que, como personificação do Pai, Jesus também os teve. Estar nos céus e, portanto, em uma posição de poder, e possuir a capacidade de realizar coisas, significa que Yahweh é o verdadeiro Deus capaz de agir neste mundo. Ele pode ser um socorro e um escudo, aquele que nos abençoa e capacita as mulheres a gerarem filhos. Em certo sentido, é mais difícil confiar o seu futuro a um Deus que você não pode ver, mas, na verdade, isso é mais sensível. Você não terá aquele sentimento de estar no controle, mas, na realidade, terá mais segurança.

A referência aos mortos surge como uma surpresa, mas, talvez, seja pelo fato de ser mais uma forma pelas qual as pessoas tentam controlar o futuro, pela consulta aos mortos, especialmente familiares já falecidos, pedindo-lhes sua mediação junto a Deus em favor delas. O salmo, portanto, fecha outra avenida, vista como alternativa a confiar diretamente em Yahweh. Os mortos são inúteis, tanto quanto as imagens; não podem adorar a Yahweh (isso só será possível, claro, no dia da ressurreição, mas essa é uma outra história). Você pode. Uma vez mais, o salmo força as pessoas a buscarem relações diretas com o verdadeiro Deus.

Ontem à noite, jantei com um jovem rapaz que tem sido um fiel adorador por grande parte de sua vida. Todavia, ele não está muito seguro se a adoração da qual participa é real no sentido de corresponder à verdade. Segundo expressou, ele não está certo quanto à veracidade da história cristã. Ele foi criado como um cristão e, realmente, deseja que ela seja verdadeira, e está disposto a entregar a sua vida ao serviço de Deus. Contudo, não tem certeza de que Deus está lá para ser servido e não sabe como mover-se dessa incerteza para uma certeza maior, seja como for. Não me ocorreu grandes ideias de como ajudá-lo a se mover, exceto (em resposta aos seus questionamentos) dizer-lhe como e por que eu vivo com base na sua veracidade.

O salmo 116 aponta para uma resposta a essas perguntas, embora haja uma percepção de que ela não ajuda muito o meu amigo. Ela não lhe fornece um procedimento para ser seguido, como aqueles usados para resolver problemas matemáticos ou científicos, nem evoca um sinal semelhante aos que ele acha que os demais receberam. O que, em geral, convence as pessoas de que a história cristã e a israelita são verdadeiras é a forma com que Deus as alcança pessoalmente, mas o salmo 116 sugere que, se isso lhe ocorreu, então o seu trabalho é falar da sua experiência aos outros. Embora apenas ouvir sobre como Deus alcançou a humanidade pode não ser tão eficaz quanto o próprio Deus alcançá-lo, pelo menos é melhor do que nada.

Portanto, o salmo 116 constitui um exemplo de salmo que é, ao mesmo tempo, de ação de graças e de testemunho. Próximo ao fim, o salmista fala, especialmente de ação de graças e de ofertas de gratidão que as pessoas podem apresentar a Deus quando estão conscientes de que suas orações foram respondidas. Esse salmo, igualmente, pressupõe que, em meio a experiências que levam as pessoas a clamarem a Deus (como uma grave enfermidade ou a hostilidade de outros), elas possam declarar a Deus: “E esperarei ansiosamente para apresentar diante de ti uma oferta que expresse a minha gratidão.” O salmista, então, alegra-se em ser capaz de adentrar os átrios da casa de Deus para fazer aquela oferta. E a experiência de libertação das pessoas é reforçada pela articulação de sua gratidão e por expressá-la por meio de algo concreto, como uma oferta. Igualmente, é intensificada por sua união à refeição festiva que acompanha esse tipo de sacrifício, que envolve familiares e amigos, participantes no consumo do animal que foi sacrificado como parte da adoração, e todos na presença de Deus.

A experiência de libertação é, ainda mais realçada pelo fato de a ação de graças também ser um testemunho — isto é, embora a última parte do salmo seja dirigida a Deus, grande parte dele direciona-se a outros adoradores, pessoas como aqueles familiares e amigos que acompanhavam um indivíduo ao templo para apresentar uma oferta e partilhar a alegria. Então, há outro aspecto para o indivíduo cumprir as suas promessas; ele assim faz ao "clamar no nome de Yahweh", enquanto expressa a sua gratidão e proclama a grandeza de Yahweh. A confiança das demais pessoas em Deus é edificada por ouvir o seu testemunho. Podemos nos preocupar com a possibilidade de outras pessoas se entristecerem por testemunharmos sobre a ação de Deus em nossa vida e Deus não agir na delas. Um amigo meu comentou que, às vezes, hesita em dar graças a Deus por não desejar que outras pessoas se sintam mal. Seria insensibilidade agradecer a Deus pela cura enquanto outras pessoas permanecem enfermas, apesar de suas orações? Posso responder que durante todos aqueles anos durante os quais oramos pela cura da minha primeira esposa, sem que jamais Deus a garantisse, os testemunhos foram uma bênção em vez de outra ferida. A minha confiança foi reforçada por ouvir o testemunho de outras pessoas.

O salmo inicia-se de um modo levemente abrupto. A palavra para "entrego-me" é também a palavra para "amor", mas, quando falamos em amar a Deus, com frequência nos referimos a ternos sentimentos por Deus, apesar de observarmos no comentário sobre o salmo 98 que "amor", na Bíblia, significa "ação". Jesus diz, em João 14:15: "Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos." Aqui também "amar" significa entregar-se a Deus; trata-se de outra forma de declarar a ele: "Sou teu servo." Eis por que Deus está ligado a mim e o motivo da minha entrega e da minha confiança — o verbo "confiar" também é utilizado no salmo de uma forma abrupta. O objeto da minha entrega e confiança é Deus, mas, nas duas vezes, o salmo deixa de lado o objeto e foca a atitude.

Estou orando a Deus para que alcance o meu amigo de modo pessoal, ou que outros lhe digam como Deus tem agido na vida deles, e que esse testemunho o leve a uma convicção de que tanto a história cristã quanto a israelita correspondem à realidade.

Se você deseja saber como louvar a Deus, aqui está a resposta. Convoque as pessoas a fazer isso e, então, forneça os motivos.

Passei a integrar o corpo docente do meu seminário na Inglaterra na época da mudança para um novo campus, em uma outra cidade, de maneira que o início do meu primeiro ano ocorreu em um grande momento para a instituição, não apenas para mim. Enquanto caminhava pelo campus, naquela primeira manhã, recordo-me de haver cantado “This is the Day That the Lord Has Made” [Este é o dia que o Senhor fez]. Ocorre que iremos cantá-lo como nosso hino de abertura na igreja amanhã, mas o organista está preocupado por ele ser muito curto. Provavelmente, ele está certo ao considerar que dificilmente haverá tempo para a procissão sair do fundo da nossa pequena igreja e ocupar os seus lugares antes de o hino terminar. Portanto, disse-lhe que a cantaremos duas vezes, ou três. A questão mais interessante é o que queremos expressar ao cantarmos esse hino. Será o domingo o dia que Deus fez? Ou ele se aplica a todos os dias? Ou o quê?

Na origem, no contexto do salmo 118, o título da canção refere-se ao dia em que Yahweh agiu de forma espetacular para libertar o seu povo de uma crise. É bem provável que a melhor tradução seja: “Este é o dia em que Yahweh agiu”, mas eu não quero estragar a música. A exemplo do salmo 116, trata-se de um salmo de gratidão e de testemunho e envolve toda a congregação. Contudo, ele, particularmente, envolve a voz na primeira pessoa, de alguém como o rei, um líder como Neemias, durante um período no qual Israel não possuía reis ou um líder de adoração. Inicialmente, esse líder convoca a congregação como um todo a se unir em louvor, então conclama os sacerdotes em particular e, por fim, as pessoas tementes a Yahweh (nos séculos posteriores, aquela expressão denotava os estrangeiros que tinham se comprometido com Yahweh, e talvez essa ideia se aplique aqui).

Então, o líder fala e recorda alguma crise — as palavras são de escopo geral, talvez porque, como de costume, o salmo fosse designado a ser usado em qualquer ocasião, quando o povo se reunia para dar graças por uma libertação. Isso inclui recordar o passado com afirmações sobre a contínua importância do que ocorreu. Pelo fato de haver experimentado a ação de Deus em prol da minha libertação, essa experiência reforçou a minha confiança nele. Uma das implicações é que posso enfrentar a próxima crise com menos temor. Outra consequência é constatar que confiar em Deus é melhor do que depositar a confiança em recursos humanos — isto é, confiar em alianças com outros povos e seus líderes. No meio do caminho, o líder dirige-se a um oponente como se ele estivesse presente — talvez estivesse literalmente ali, posicionado diante do

povo, mas pode ser apenas a imaginação do líder, enquanto ele recorda a crise. Tratou-se de uma experiência de severa disciplina, que colocou uma enorme pressão sobre ele para que aprendesse as lições sobre em quem confiar e sobre como experimentar essa confiança.

Ao nos aproximarmos da última seção do salmo, torna-se mais explícito que ele envolve alguma alternância entre a fala do líder e a do povo. Podemos imaginar o líder, de fato, posicionado à frente dos portões da cidade ou do templo. Eles são os "portões fiéis" porque conduzem ao que era considerado ser um lugar fiel e, portanto, um local para o qual as pessoas fiéis podiam ir. O líder e o povo apresentam uma oferta de ação de graças como uma expressão concreta de sua gratidão pelo que Deus fez. Portanto, essa oferta festiva deve ser amarrada com cordas e levada ao altar para o sacrifício. A súplica a Deus, agora, para libertar e assegurar o sucesso, reflete a consciência de que um ato particular de libertação jamais é a última ação divina da qual você necessitará, mas, em geral, constitui somente um estágio na confirmação de Deus por sua segurança real. As declarações anteriores quanto a confiar e não temer não são apenas uma teoria piedosa; essa atitude precisa ser implementada em novos contextos.

Quando Jesus entrou em Jerusalém no lombo de um jumentinho e as pessoas gritaram "Hosana", em Marcos 11, elas usaram uma expressão hebraica, que significa: "Tu nos libertarás?" Isso não é mera coincidência, pois, logo após, complementam: "Abençoado seja aquele que vem em nome de Yahweh." Então, em Marcos 12:10, Jesus cita o versículo sobre a pedra, que parece um provérbio, ilustrado pela maneira com que os atacantes da cidade tinham desconsiderado o povo e o seu líder, mas ele triunfou contra todas as probabilidades. De maneiras distintas, o povo e Jesus veem o salmo lançando luz sobre o que Jesus é.

Hoje, após o culto, um amigo questionou-me sobre um tema que surgiu durante uma conversa entre ele e seu colega de trabalho. O meu amigo ficou surpreso por seu colega se dispor a trabalhar nos sete dias da semana — e quanto ao mandamento sobre o descanso no sábado? O colega replicou que todas as leis do Antigo Testamento haviam sido abolidas por Jesus. A princípio, fiquei perplexo, pois o colega é uma testemunha de Jeová, e ouvimos que esse grupo religioso possui regras bem inflexíveis (como recusar transfusões de sangue), mas creio que essas normas sejam para gentios e cristãos. O colega do meu amigo estava certo em observar que a exigência quanto ao sábado não era requerida de gentios e havia cessado como uma obrigação para os judeus que vieram a crer em Jesus (como observado por Paulo, em Colossenses 2). Todavia, consideramos que os demais mandamentos ainda têm algo a nos ensinar, e esse parece ser o caso com a ordem sobre o sábado, algo sobre um tempo para dedicar a Deus e ao descanso. As regras no Antigo Testamento não eram tabus ou impedimentos meramente aleatórios, designados a evitar que você desfrute da sua vida, mas foram estabelecidas para nos ajudar a viver de maneira verdadeiramente humana.

O salmo 119 é repleto de entusiasmo por essas regras. O seu autor era tão apaixonado por elas que isso resultou em outro salmo alfabético — trata-se de uma expressão lírica da palavra de Deus de A a Z. Isso não significa meramente começar um versículo com cada letra do alfabeto hebraico; o salmo compreende 22 seções, cada qual constituída de oito versículos, iniciados com a mesma letra. Portanto, os oito primeiros versículos começam com a letra hebraica equivalente ao A em nosso alfabeto; os versículos 9-16, com a letra equivalente ao B, e assim por diante. Uma das consequências da adoção desse padrão é que não há muito sequenciamento no conteúdo dos versículos — o que eles possuem em comum é a letra inicial (“Bem, o que mais a letra B me faz pensar?”). Por outro lado, isso significa que podemos meditar em cada versículo, de modo independente de seu contexto. Não pretendo comentar cada versículo — você pode tornar qualquer versículo um objeto daquela meditação.

Primeiro, o salmo ensina que a obediência às regras de Deus é o caminho para a bênção. A sua vida irá bem; você poderá andar de cabeça erguida; poderá esperar que Deus esteja sempre com você e jamais o abandonar. Caso contrário, uma maldição repousa sobre aqueles que se desviam dos mandamentos divinos. A terceira seção indica que o salmista não anda de olhos fechados para as

realidades da vida. A despeito da declaração na primeira seção de que a obediência às regras de Deus significa ser capaz de andar de cabeça erguida e não se envergonhar, a terceira seção articula o sentimento de alguém que está sendo envergonhado. As pessoas que deveriam ter maior conhecimento falam contra o salmista, mas isso não faz o salmista abrir mão do seu compromisso de seguir essas regras. Algumas vezes, é preciso viver à luz do caminho no qual se acredita que as coisas funcionarão no devido tempo. Se essas pessoas importantes mostram que as suas palavras não devem ser consideradas, tanto pior para elas que deveriam ser boas conselheiras. O comportamento delas reforçará a convicção do salmista quanto às declarações de Deus serem as melhores conselheiras.

Assim, as leis de Deus constituem um prazer. Essa palavra aparece duas vezes nessas seções inaugurais; é um termo que, em outras passagens, descreve a felicidade e o deleite que uma criança traz à sua mãe. Os filhos constituem uma alegria. Você percebe que, ainda que compreenda os seus filhos razoavelmente bem, sempre haverá mais a aprender com eles. Você dedica toda a sua energia em manter a sua mente centrada neles e, então, em viver para eles. O salmo pode falar de pessoas que não cometem falhas em relação a essas leis, que mostram que não estão seguindo um padrão elevado e impossível. Os Dez Mandamentos ilustram esse ponto. Não é muito complexo adorar somente a Yahweh e não cultuar outros deuses, evitar fabricar imagens, guardar o sábado, evitar o adultério, e assim por diante. Não é tão esotérico, embora possa ser de difícil obediência, considerando que outras pessoas cultuam diferentes deuses e imagens, trabalham sem descanso e se envolvem em relações extraconjugais. A questão é se desejamos agir assim. O salmo nos encoraja a lembrarmos continuamente de que desejar viver pelas leis divinas é algo valioso. Não é a única chave que nos capacita a fazer esse compromisso, mas é uma delas.

Ontem, encorajei a nossa congregação a colocar no papel seus motivos de gratidão, suas incertezas e os compromissos para o próximo ano, em alinhamento ao plano que mencionei em meu comentário sobre o salmo 105. Pouco antes de propor isso, percebi que havia outra questão cuja inclusão seria muito positiva (mas me pareceu tarde para acrescentá-la): Pelo que eles poderiam orar durante o próximo ano? Seria interessante verificar as respostas a essa questão depois de um ano. Hoje, percebo que ainda há uma pergunta que pode subsidiar a anterior: Quais promessas feitas por Deus a nós poderiam formar a base para as nossas orações?

O salmo 119 estimulou esse pensamento, pois uma de suas notáveis características é a maneira em que entremeia o discurso sobre os mandamentos e as promessas de Deus. Isso sugere que não podemos, na verdade, esperar reivindicar as promessas divinas, caso não estejamos vivendo à luz dos mandamentos de Deus. Por outro lado, o salmista presume o contrário: que, se estiver vivendo à luz das leis de Deus, pode esperar reivindicar suas promessas. Isso não sugere uma teologia da máquina automática de vendas, questionada pelo salmo 115; a exemplo de inúmeros salmos, esse pressupõe e, com frequência, se refere ao fato de que a vida, em geral, não funciona dessa maneira. Há um lado positivo em relação a isso: quando ignoramos os mandamentos divinos, com frequência, Deus revira os olhos, mas, apesar disso, mantém as suas promessas. Mas o salmo não se detém na experiência contrária, nas ocasiões em que a aplicabilidade limitada do princípio opera em nosso desfavor e coisas ruins atingem pessoas boas. O salmo ainda considera que vale a pena viver com base na existência de uma ligação entre mandamento e promessa.

Embora o salmista persista falando sobre as promessas divinas, não encontramos a palavra “promessa” no salmo. O idioma hebraico não possui uma palavra para as promessas feitas por Deus — há um termo para as promessas humanas, mas ele implica um voto, e o salmo não usa essa expressão em relação às promessas divinas. Elas são apenas a sua “palavra”; Deus diz, e isso significa que ele fará. Portanto, essa parte do salmo começa com o fato de que caí e estou prostrado no pó. Talvez a ideia seja a de que sou tão bom quanto um morto, porque o ser humano veio do pó e a ele retornará. Assim, eu oro, Deus, traze-me (de volta) à vida, “de acordo com a tua palavra”, isto é, a promessa de que garantes a vida aos que vivem de acordo com a tua palavra de comando. Ou, novamente, “O meu espírito chora de tristeza”. Literalmente, o meu espírito se derrete, mas

talvez o meio de isso ocorrer seja pelo pranto. Assim, oro para ser removido da minha tristeza, “de acordo com a tua palavra”, a promessa divina de não abandonar a pessoa naquela posição.

Eu poderia ser tentado a olhar em outros lugares pela solução dos meus problemas, procurar outros meios de ser removido da minha tristeza; assim, oro para que Deus faça essas tentações irem embora, porque no âmago do meu coração sei que os demais recursos são vazios. No caso de um israelita, as coisas vazias podiam ser outras divindades — o leitor cristão pode preencher a lacuna em seu caso. Portanto, aqui, eu oro, Deus, dá-me vida pelo teu caminho — pelo meu caminhar na vereda de Yahweh. Peço a Deus, então, para estabelecer e confirmar e, portanto, cumprir e realizar o que ele disse ao prometer ser essa espécie de Deus; ele é essa espécie de Deus para os que o temem e, assim, obedecem à sua palavra de comando. É desse modo que o compromisso de Deus se tornará uma realidade, quando ele age para me libertar “de acordo com o que [Deus] disse”, ao fazer as promessas. Posso ignorar as palavras de outras pessoas (aquelas que me insultam ao afirmar que Deus não está ao lado de pessoas como eu), pois eu confio nas palavras de Deus. E, se Deus mantiver a sua palavra, isso significa que terei uma chance de testificar a sua verdade; assim, pedir para Deus não retirar a sua palavra de verdade da minha boca é outra forma de pedir que cumpra as suas promessas, que implemente a decisão autoritativa da qual necessito, para me libertar da minha crise.

Estou avaliando os trabalhos dos alunos, e um dos efeitos que isso causa em mim (além de me levar a pensar em suicídio) é me fazer refletir sobre o que capacita as pessoas a aprender. Há aqueles que leem as Escrituras com olhos arejados, que veem coisas que lhes eram invisíveis antes; algumas que nem mesmo eu havia visto (talvez estabelecendo ligações com o que viram antes ou com experiências anteriores) — motivo pelo qual obtêm um A. Outros insistem em escrever o que aprenderam com seus professores da escola dominical quanto ao que a Bíblia diz em vez de lerem por si mesmos o texto bíblico. Existem pessoas para as quais descobrir o que a Bíblia diz constitui uma aventura estimulante; enquanto outras desejam apenas uma confirmação do que já acham que sabem.

O narrador, no salmo 119, persiste pedindo para ser ensinado por Deus. Conforta-me saber que Deus também reflete sobre como capacitar as pessoas ao aprendizado e como poder levá-las a pensar de novas maneiras. A natureza do aprendizado não permite impô-lo às pessoas, ainda que você seja Deus. No entanto, pelo menos, você consegue chegar em algum lugar se as pessoas desejam aprender. Caso seja o aprendiz, não o professor, isso o introduz a outro paradoxo. Você quer aprender, mas sabe que pode não "apreender". Assim, uma das notáveis expressões recorrentes no salmo 119 é a súplica: "Ensina-me", que surge duas ou três vezes nessas três seções.

Quando o salmista roga: "Ensina-me as tuas leis", creio que a súplica não significa meramente: "Informe-me sobre o conteúdo das tuas leis." Os israelitas sabiam muito bem que deviam cultuar somente Yahweh, renunciar à fabricação de imagens, serem cuidadosos com o uso do nome de Yahweh, guardar o descanso sabático, e assim por diante. Eles precisavam ser ensinados sobre esses mandamentos. Se tivessem alguma dúvida sobre que animais poderiam consumir e quais não, por não memorizarem as listas presentes na Torá, eles podiam consultar um sacerdote. Não havia a necessidade de serem ensinados por Yahweh nesse sentido. O problema do ensino e aprendizado é quanto esses mandamentos estavam internalizados, seja sobre adorar apenas a Yahweh ou renunciar às imagens, e assim por diante. Os mandamentos de Yahweh vão contra a corrente; o mais natural é cultuar inúmeros deuses e, assim, aumentar as suas chances; é ter uma imagem para lhe ajudar na adoração, anexar o nome de Deus aos seus projetos favoritos, ou trabalhar sem descanso, 24 horas por dia, sete dias por semana, para assegurar o alimento suficiente para sua família.

Pelo menos, é algo que o salmista deseja aprender. Esse desejo é um pensamento necessário, não uma condição suficiente para o aprendizado. Mas podemos saber que desejamos aprender, mas sermos impedidos por uma força interior da qual quase sempre não temos consciência. Como Deus responde à oração para nos ensinar?

Uma das respostas indesejadas do salmista é que ser afligido pode nos ajudar. O salmo refere-se à humildade, tornar-se fraco, ser levado para baixo — em cada citação, há uma variação da mesma palavra. O salmista sabe o que é ser derrubado. “Quando você não tem nada, não tem nada a perder”, diz uma canção de Dave Morrison, um dos meus compositores favoritos. Ou ainda: “Liberdade é apenas outra palavra para não ter nada a perder”, como Janis Joplin costumava cantar. O salmista sabe que a humilhação pode levar a pessoa a ser mais confiante e aberta ao que Deus precisa lhe ensinar. Um auxílio mais bem-vindo é a consciência de fatos positivos que me conduzem à obediência. O salmo fala de Yahweh ser a minha “partilha”, usando a mesma palavra que descreve a distribuição da terra para uma família israelita. Talvez seja significativo que a sua partilha não é exatamente propriedade sua. Legalmente falando, não é possível vendê-la, tampouco alguém pode tirá-la de você. Nesse sentido, a sua posse está segura. Termos um relacionamento com Deus com a mesma segurança constitui uma motivação à obediência (em lugar de nos encorajar a considerá-lo como garantido). Outra consciência que é quase uma inversão da primeira é poder ver a evidência do compromisso de Deus em todo o mundo, não apenas em meu pequeno pedaço de terra; ela também me leva a obedecer a esse gracioso Deus. No entanto, outra percepção é a da bondade de Deus, demonstrada a mim de maneira pessoal, e como Deus mantém as suas promessas.

Dependemos de Deus para nos ensinar, mas isso não significa que não necessitamos lançar mão das chaves ao aprendizado que estão ao nosso alcance.

Ontem, após alguns meses, conversei com um amigo que perdeu o seu emprego no ramo da construção, alguns anos atrás, não muito tempo depois de se mudar com a esposa e o filho para outra cidade, na qual lograram comprar uma casa e a situação no mercado de trabalho parecia melhor. Mas, então, o negócio da construção despencou novamente. Tenho pensado em ligar para ele, há algum tempo, mas segui falhando em fazê-lo. Ele e a sua esposa tinham um plano de abrir um negócio para auxiliá-los até que o setor de construção se reerguesse, mas pareceu-me um plano implausível, e um dos motivos pelos quais relutei em ligar é com medo que tenho das possíveis notícias. Transpareceu que eles ainda aguardam pela recuperação da construção (embora o seu negócio os tenha amparado). Enquanto pensava nesse casal, dirigi-me à capela do seminário, e lá começamos com uma meditação que falava sobre elevar o teto da nossa esperança. É muito fácil estabelecer um teto para a nossa esperança, acima do qual a perdemos.

A parte central dessas três seções anteriores do salmo 119 trabalha com esse fato. A espera pode se mostrar muito difícil; ela pode consumir você. É como estar privado de alimento físico e o seu corpo começar a se autoconsumir. Aqui, a espera não é por alimento físico, mas pelo cumprimento das promessas divinas. É como se esforço pela espera e a vigília cansassem tanto os seus olhos a ponto de você não conseguir mais mantê-los abertos. Repetindo, a espera é por uma resposta à pergunta de quando Deus trará consolo. “Quando?”, o salmo pergunta duas vezes. “Quantos dias ainda viverei sendo molestado pelas pessoas?” E, como de costume, perguntar “Quando?” não é, na verdade, um pedido por informação (não mais do que quando os filhos perguntam: “Falta muito para chegarmos?”, quando a viagem ainda está na metade). Se Deus responder: “Cerca de quatro anos”, aquele que questiona, provavelmente, não replicará: “Ah, então está bem. Obrigado.” Perguntar “Quando?” é uma forma indireta de suplicar: “Que seja agora.” Esse fato conecta-se a algo sobre a natureza de “consolo”. No Antigo Testamento, às vezes, o consolo é uma questão de palavras (como no idioma inglês), mas, outras vezes, é uma questão de ação — Deus nos consola agindo. O segundo caso é o que o salmista tem em mente. O mesmo aplica-se à menção de consolo e também ao compromisso de Deus, no versículo 76. A compaixão divina não consiste apenas em Deus dizer: “Está tudo bem, não chore!”, mas em ele fazer algo pela nossa aflição.

Outra maneira de expressar a necessidade pela ação divina é sugerida pela

imagem de um odre na fumaça. Na verdade, não sabemos ao certo o significado dessa imagem, embora a suposição tradicional seja de que um odre iria murchar e enegrecer na atmosfera esfumaçada do pátio de uma família israelita. Contudo, é fácil compreender que essa imagem sugere uma experiência desagradável. Assim, o salmista diz, o meu espírito é consumido, os meus olhos são consumidos — na verdade, todo o meu ser está quase totalmente consumido.

Contra o cenário da demanda de vivermos à espera do cumprimento da palavra de Deus, a terceira seção apresenta declarações notáveis de fé na palavra divina. A seção sugere dois motivos pelos quais é possível manter essa fé. Um deles é ter provado a veracidade da palavra de Deus antes; eu a experimentei pela dádiva da vida, no sentido de que a minha obediência à palavra de Deus significa que ele a mantém por mim. O outro é sugerido pelo último versículo, embora esteja expresso de modo obscuro, mas o seu ponto está alinhado com este pensamento: “Tenho visto as limitações ou os limites de todas as coisas, como a espécie de prioridades e ações nas quais os meus perseguidores acreditam, mas sei que os mandamentos de Deus abrem panoramas mais amplos para a minha vida do que essas prioridades, crenças e ações.” Com frequência, as pessoas pensam que os mandamentos de Deus estreitam o nosso pensamento e a nossa vida. O salmista sabe que eles agem de modo contrário.

Portanto (retornando ao início dessas três seções), o salmista sabe que a espera valerá a pena e que as demais pessoas reconhecerão esse fato. Na verdade, mesmo a obrigação da espera pode contribuir para a nossa edificação.

Após a minha aula sobre os profetas, na noite passada, convidei os alunos à minha casa para alguns petiscos e chá. Durante a nossa conversa, uma aluna me perguntou o que eu mais apreciava em minha função de professor. Respondi que amava instruir as pessoas a lerem um trecho do Antigo Testamento e vê-las retornando com os olhos arregalados (isso pode ser algo positivo ou negativo!). Depois, desejei chamar a atenção dela para um aspecto da aula daquela noite, quando pedi a alguns alunos que lessem um diálogo entre os profetas Naum e Jonas, que havia sido escrito por outro aluno na sala de aula. Uma das recompensas de lecionar é beneficiar-se com as percepções e a criatividade dos seus alunos. Os questionamentos deles são parte integrante da dinâmica, pois, com frequência, levam à reflexão de elementos que, caso contrário, seriam desconsiderados. Houve exemplos desse processo também na aula daquela noite.

Em certos pontos, pelo menos, estudar as Escrituras torna os estudantes mais sábios do que os seus próprios professores ou mentores, quanto mais os seus inimigos. Nos Estados Unidos, os meus alunos são propensos a pensar que possuo todas as respostas, como se eu tivesse acesso a um apêndice secreto do Antigo Testamento, contendo as soluções para questões suscitadas pelo texto principal. Trata-se de um aspecto da confiança que depositam nos especialistas, que é mais comum na cultura norte-americana do que na britânica, que glorifica o amador (uma atitude que também possui as suas fraquezas). Nos Estados Unidos, portanto, parte do meu trabalho é levar os alunos a compreender que diante da Bíblia todos nós estamos na mesma posição. Os comentaristas podem, às vezes, nos ajudar, mas o nosso papel não é ler a Bíblia por meio dos olhos de outra pessoa (incluindo os olhos do autor da série O Antigo Testamento para todos).

A Bíblia é fonte de sabedoria (não a única fonte, claro, mas é sobre ela que estamos debruçados no momento). Assim, vale a pena entregar todo o meu dia ao seu estudo. Por diferentes motivos, seria fácil imaginar que todas as pessoas dotadas de sabedoria no mundo sejam professores, anciãos e inimigos, mas a sabedoria no ensino de Deus coloca todas essas pessoas à sombra. Portanto, estudar a Escritura é como degustar algo doce; desliza pela nossa garganta como mel. É como uma lanterna que nos possibilita andar por um caminho que, sem ela, seria escuro e perigoso, no qual seríamos incapazes de ver cobras e outros obstáculos (quando a minha vida está na palma da minha mão, como expressa o salmista — i.e., em uma posição na qual qualquer um pode tomá-la). O seu

estudo é algo que nos traz alegria, embora, paradoxalmente, seja algo que nos faz estremecer. Sabemos que os riscos são elevados quando estudamos esse ensino. Trata-se de uma questão de vida ou morte.

A palavra para “ensino” é torah, e não seria surpresa se o salmista tivesse em mente especialmente a Torá, ou seja, Gênesis a Deuteronômio, que, em sua capacidade como o Ensino, relata a Israel o início do relacionamento de Deus com o povo e estabelece as expectativas consequentes de Deus. O estudo do ensino de Deus, enfatizado pelo salmo, envolve “murmuração”. O salmo utiliza essa palavra algumas vezes nessa conexão. Quando os judeus estudam a Torá, tradicionalmente eles a murmuram; fazem isso não apenas como declamação, mas para que se torne parte do próprio ser deles, do seu próprio corpo.

Uma de minhas antigas colegas costumava se divertir ao falar de sua primeira reunião com o seu chefe. Suas primeiras palavras para ela foram: “Como posso servi-la?”; “O que posso fazer por você?”; “Como posso ajudá-la a fazer o seu trabalho?” De certa forma, as perguntas parecem bajuladoras (definição de bajulador no Dicionário Oxford: “insinuar e elogiar de uma forma que é percebida como insincera ou excessiva”). Todavia, conheço o chefe em questão, e sei o que ele pretendia dizer. Ocasionalmente, ele era obrigado a tomar ou recomendar decisões autoritativas que eram difíceis para os funcionários, o corpo docente e os alunos (nos períodos mais graves, isso podia resultar em dispensas), mas sei que ele apenas estava buscando ser servil quando fez isso. O chefe, o “senhor”, possuía um coração de servo, e os funcionários conheciam a natureza do seu coração e sabiam que podiam apelar a ela.

O salmo faz essa suposição quanto ao coração de Deus. A relação de Deus conosco é a mesma de um senhor para com o seu servo, e podemos pensar que esse modelo de relacionamento nos coloca firmemente em nosso lugar. Essa premissa é encorajada pelo fato de a palavra para servo ser, em geral, traduzida por “escravo”. No entanto, o Antigo Testamento descreve a relação entre um senhor e o seu servo em termos muito mais ternos do que está implícito na compreensão geral. Além disso, a Escritura não mostra, praticamente, nenhum reconhecimento de escravidão no sentido em que a conhecemos, de uma pessoa possuir a vida de outra e ser livre para fazer o que desejar com ela. A relação de mútua confiança entre Abraão e seu servo, a quem Abraão comissiona a missão de encontrar uma esposa para Isaque, seu filho (Gênesis 24), constitui mais uma reveladora indicação da relação entre senhor-servo, idealizada pelo Antigo Testamento. Seria quase possível afirmar que o senhor é também um servo.

À luz dessa compreensão é que essa seção do salmo 119 apela cinco vezes ao estado de servo do suplicante. A sua implicação é que o servo, de fato, possui obrigações em relação ao seu senhor, mas este também possui obrigações com respeito ao seu servo. Primeiro, isso significa que, quando o servo estiver em dificuldades, o senhor é obrigado a ficar do lado dele e esforçar-se para oferecer proteção e resgate quando necessário. Com certa ousadia, o salmista insta o senhor a fazer uma promessa ao seu servo; em geral, as promessas perpassam o caminho contrário. O servo prossegue (segundo) para conclamar o seu senhor a agir à luz do seu compromisso. Trata-se de outra imagem ousada. Você faz uma promessa a alguém quando está em débito com ele e precisa oferecer alguma

garantia de que irá cumprir com as suas obrigações. No caso, a implicação é que o senhor assume obrigações das quais não pode escapar.

Ao mesmo tempo, o relacionamento implica que o servo tem obrigações a cumprir com seu senhor, embora mesmo aqui o servo possa colocar alguma responsabilidade sobre os ombros do seu senhor. Assim, em terceiro lugar, o servo diz: “O senhor precisa me dizer quais são as minhas obrigações. Estou disposto a cumpri-las, mas é preciso que o senhor as estabeleça e me ajude a compreendê-las.” O servo de Abraão, de fato, se relaciona com o seu senhor dessa maneira, com respeito ao seu comissionamento. Há ainda mais retidão na maneira com que o servo prossegue. Ele me faz lembrar de mim mesmo, quando ainda era um professor novato e irritei-me pelo que considerei ser uma lentidão da administração na tratativa de um assunto. Invadi a sala do meu chefe para lhe dizer que era hora de ele se recompor, tomar as rédeas da situação e resolvê-la. É incrível que eu não tenha sido demitido. Na verdade, o servo age da mesma maneira que eu agi. É quase possível vê-lo se apresentar diante de seu senhor, aos gritos: “Yahweh, é tempo de agires! As pessoas estão violando o teu ensino e não estás fazendo nada a respeito.”

Há um contraste com o seu quarto apelo ao fato de ser um servo: “Faze resplandecer o teu rosto sobre mim.” Quando um suplicante se apresenta diante de um rei ou de um senhor, se o rei ou o senhor franzir a testa, o suplicante está em grandes apuros. Todavia, se o senhor sorrir, então, significa que o pedido do suplicante será concedido. O resultado final depende, em parte, da espécie de servo que ele tem sido. Por fim, nesses versículos, o servo declara que tem se entregado ao que o seu senhor diz, cuja comprovação é abundante. No passado, ele já teve a chance de descobrir que as palavras do seu senhor são sábias, confiáveis e eficazes — isso pode referir-se tanto aos seus mandamentos quanto às suas promessas. O servo já comprovou que elas assim são e, portanto, entrega-se a elas. O verbo, com frequência, é traduzido por “amar”, mas, uma vez mais, o verbo não denota meramente um terno sentimento. Na verdade, não importa se nos sentimos entusiasmados ou confusos com respeito às palavras de Deus. A questão é se fundamentamos a nossa vida com base nelas, em plena confiança e obediência.

É revelador que essas seções do salmo, que abordam o relacionamento entre senhor e servo, também abordem a ideia de fidelidade; elas começam citando a fidelidade do servo, mas discorrem muito mais sobre a fidelidade do senhor.

Um pastor beduíno relatou como ele cuidava de um rebanho de cabras no deserto da Judeia, próximo ao mar Morto. Antes de dormir, os pastores contavam os animais dos seus respectivos rebanhos, mas, por algum motivo, aquele pastor deixou de fazer a contagem por dois dias. Na manhã do terceiro dia, ele o fez e descobriu que faltava uma cabra. Assim, ele contou aos demais pastores que iria deixar o restante de seu rebanho com eles e sair à procura da cabra perdida. Ele descreveu como precisou subir colinas e descer vales e, portanto, ir bem longe do seu rebanho e dos outros pastores. Depois de algum tempo de busca, ele chegou a uma caverna, cuja entrada ficava no topo, como se fosse uma cisterna. Ele pensou na possibilidade de a cabra ter caído dentro da caverna e, assim, jogou uma pedra para ver se assustava o animal. Mas o que ele conseguiu foi atingir um vaso, e ouviu o som de cerâmica quebrando. Essa busca pela cabra perdida resultou na descoberta dos manuscritos do mar Morto.

Esse salmo gigantesco termina com a súplica de uma ovelha perdida. O relato em questão sugere que a ovelha se perdeu mais pela negligência dos pastores do que por sua própria obstinação e vontade, e o salmo implica que podemos nos perder mesmo quando não vagamos obstinadamente. O longo versículo de encerramento afirma: “Não tenho ignorado os teus mandamentos.” O salmo pressupõe um cuidadoso estudo da Torá, do que Yahweh disse. Por um lado, isso significa estudar as leis, as declarações, os mandamentos e as ordens de Yahweh. Por outro, significa estudar a palavra de promessa de Yahweh e as suas decisões autoritativas sobre o que irá acontecer, as quais são expressões do seu compromisso e da sua fidelidade. O salmo, implicitamente, reconhece a nossa contínua necessidade de nos acautelarmos quanto a meramente seguir os nossos instintos humanos naturais, ou nos moldarmos às atitudes vigentes em nossa cultura. Portanto, sempre será necessário prestar atenção a esse estudo. Isso se aplica tanto ao modelamento moral da nossa vida quanto à moldagem das nossas expectativas e esperanças. Esse cuidado na consideração da Torá não significa um mero estudo teórico que resulta no conhecimento do que a Escritura diz. Trata-se de um estudo que se preocupa em observar as expectativas da Bíblia, em guardá-las e amá-las, no sentido de dedicar-se a elas, permanecer no temor delas, de obedecer a elas. Isso também implica invocar, clamar por socorro, suplicar por graça e aguardar a ação de Deus — isto é, em uma oração que leve Deus a agir em conformidade com os compromissos que ele assumiu, a agir como o pastor que dá tudo o que possui para resgatar uma única ovelha perdida, quer o animal seja responsável pela sua situação errante quer não.

Portanto, o estudo da Torá é estabelecido no contexto de uma vida de oração, quando a vida de oração é inserida no contexto de uma vida de estudo. O ponto é expresso, de forma mais vívida, na conversa sobre antecipar o crepúsculo e as vigílias. O crepúsculo é o momento de transição do dia para a noite e, assim, constitui um daqueles momentos nos quais os sacrifícios eram apresentados a cada dia, no templo, e quando as orações eram proferidas e os louvores oferecidos. A alusão às vigílias parece uma referência complementar ao período de transição entre o dia e a noite, outro momento no qual os sacrifícios diários eram apresentados. É outro tempo natural de oração, ainda que o indivíduo não estivesse em Jerusalém e, portanto, impossibilitado de ir ao templo para orar nessas ocasiões. Dessa maneira, o salmista fala de não ser capaz de aguardar pelo momento "oficial" de oração. As duas antecipações relacionam-se tanto à oração quanto à murmuração, ou à leitura da Torá em voz alta. A hipérbole envolvida no uso do verbo "antecipar" é complementada pela fala de louvar a Deus sete vezes por dia, cinco vezes mais do que as duas ocasiões oficiais que faziam parte da regra de vida da comunidade.

Parte da genialidade do salmo 119 reside em sua natureza unificada. Talvez o fato de ser um salmo alfabético ajude; ele cobre a vida com Deus de A a Z. As quatro seções finais, portanto, abrangem oito versículos cada, principiando com as quatro últimas letras do alfabeto hebraico, correspondentes a q, r, s e t (se tiver curiosidade quanto às letras posteriores do nosso alfabeto, então a resposta é que o u não está presente, porque o hebraico inclui apenas consoantes; v, w, y e z aparecem antes no alfabeto; e quem precisa do x, quando se tem k e s?). Isso expressa, mais consistentemente do que qualquer outra coisa, a suposição que perpassa o Saltério: que as pessoas de Deus tanto devem como podem se comprometer a obedecer ao que Deus diz. Isso desencoraja qualquer ideia de podermos oferecer desculpas por falharmos em viver uma vida que seja consistente com a Torá.

Após uma jornada de 24 horas, alguns amigos chegaram ontem à capital de um dos países mais difíceis e pobres do continente africano, o qual visitam, periodicamente, procurando auxiliar refugiados ali e fazer suas vozes serem ouvidas no Ocidente. O trabalho dos meus amigos não é, exatamente, admirado pelo governo local, que os transformou em refugiados, submetidos a perigos constantes, do mesmo modo que aqueles que buscam ajudá-los. Nós, que apoiamos as pessoas que fazem essas viagens, vivemos com certa ansiedade, durante as semanas em que elas permanecem na África, e respiramos aliviados após completarem a missão, serem transportadas à capital e embarcarem no voo que as levará de volta ao país de origem, na Europa.

Durante o período dessa missão, pelo menos, eu expresso esses dois cânticos de peregrinação em favor deles. Eles vão a esse contexto pela paz, mas as pessoas a quem os nossos amigos buscam auxiliar são vítimas daqueles que se opõem à paz e buscam a guerra, mesmo reivindicando o contrário. O governo alega que os refugiados são rebeldes e desejam a guerra, enquanto ele, governo, deseja a paz; assim, usam essa alegação como desculpa para ações militares violentas. Trata-se de um contexto no qual não se pode assegurar a confiabilidade das palavras e das intenções do governo de origem dos refugiados. Ser pela paz e viver em paz não exclui a ideia de alguém estar furioso pelos enganos e agressões dessas pessoas.

O primeiro salmo segue um padrão comum, cujo início é recordar a maneira em que Deus respondeu à oração no passado. Essa recordação renova a confiança para orar pedindo a Deus para agir novamente. Com esse fundamento, o salmo declara que o engano não alcançará o seu objetivo; pelo contrário, recairá sobre os próprios enganadores. O salmo fala para alguém que não tem alternativa no momento, mas apenas viver longe de casa. Meseque fica na Turquia, e Quedar na Arábia; assim, elas são expressões metafóricas do viver em algum lugar muito distante de Jerusalém.

Enquanto a frustração e a raiva são mais dominantes que a tranquilidade, no salmo 120, a proporção, no salmo 121, se inverte. As montanhas cercam Jerusalém, e o salmo 125 indica como elas fornecem uma metáfora para o cerco de Deus àquela cidade. Desse modo, olhar para as montanhas não é causa de preocupação, como se o inimigo pudesse surgir diante dos seus olhos a qualquer instante (o inimigo, provavelmente, viria pelas planícies). Ao contrário, são

motivo de encorajamento, não porque as montanhas em si fossem uma proteção, mas pelo que elas simbolizam. Olhar na direção delas providencia a resposta à questão sobre de onde o socorro virá, a resposta explicitada na declaração de que o socorro vem de Yahweh. Afinal, ele é o criador e, portanto, aquele capaz de proteger você.

Nesse ponto, igualmente, o salmo 121 complementa o salmo anterior. Uma base para a confiança é a resposta de Yahweh à oração no passado; outra é quem Yahweh é. Ele tem o mundo todo em suas mãos; portanto, ele tem você e eu, irmã, você e eu, irmão, nas mãos. Yahweh não é o tipo de vigia que cai no sono no meio da noite, quando tudo parece calmo, mas, na realidade, o inimigo está avançando na direção da cidade ou do acampamento. Ele está alerta o tempo todo, dia e noite (a referência à lua é uma espécie de equilíbrio poético pela menção ao sol, não uma indicação de que as pessoas pensavam que a lua era tão perigosa quanto o sol do meio-dia). Ele o guarda quando você deixa a cidade para ir à batalha ou cuidar dos campos; ou retornar de um lugar distante como Meseque ou Quedar, após a sua peregrinação, ou quando vai para o exílio; ele o guarda quando você volta da batalha, do dia de trabalho no campo, do exílio, ou quando faz a sua peregrinação, novamente, no ano seguinte, e por todo o tempo entre as duas jornadas.

Quando as pessoas me perguntavam do que esperava sentir falta ao deixar a Inglaterra e me mudar para os Estados Unidos, eu dizia que uma das principais coisas seria da proximidade de Israel. Partindo de Londres, eu poderia chegar lá em cerca de quatro horas, e costumava desfrutar das viagens em que levava um grupo de estudantes para ver a Bíblia surgir bem diante dos nossos olhos. No entanto, em outro sentido, não me importei pelo fato de essas viagens se tornarem menos práticas. Embora a situação em Jerusalém sempre tenha sido turbulenta e preocupante, ela se agravou cada vez mais. Não era a cidade da paz, sugerida por seu nome. Além disso, a exemplo dos países ocidentais, Israel como um todo tornou-se um lugar que conheceu grande prosperidade, mas cuja distribuição acabou sendo cada vez mais desigual.

O salmo 122 nos conclama a orar pelo shalom de Jerusalém. Para os israelitas, a importância da cidade como o local central de adoração e de administração da justiça, a transformou em um lugar pelo qual era natural orar, quer vivêssemos lá quer não. O termo shalom possui duas conotações: orar por shalom implica orar pela paz, como o discurso paralelo sobre segurança indica. Igualmente, implica orar por um bem-estar mais amplo, do mesmo modo que a conversa paralela sobre boas coisas sugere. As pessoas oram por Jerusalém dessa maneira, tanto pelo bem dos parentes e dos amigos, porque a capital importa a todos os que vivem em vilarejos distantes, e pelo bem da casa de Yahweh. A coisa mais importante sobre Jerusalém era o fato de o templo estar lá. Yahweh vivia ali.

A exemplo do salmo 84, esse fala aos que tinham tido a oportunidade de ir a Jerusalém para um festival anual, para a Páscoa, na primavera, Pentecostes, no início do verão, ou Sucote, no outono, e que, agora, retornavam às suas casas para retomar a sua rotina. Talvez isso indique que eles não podiam participar de todos os três festivais anuais, ainda que a Torá fale nesses termos; era necessário que priorizassem as tarefas da vida na fazenda. Todavia, naquele ano eles assumiram um compromisso coletivo de ir, e tiveram a experiência de realmente estarem junto aos portões de Jerusalém, a cidade que é tão impressionante e solidamente construída. Uniram-se a outras pessoas de todos os clãs de Israel, na adoração a Yahweh. Os tronos para o rei davídico e outras pessoas da capital, envolvidas na tomada de decisões autoritativas, relacionavam-se à importância política da cidade, ou podiam, mais imediatamente, estar relacionados ao fato de a administração real ser a suprema corte do povo. Se os anciãos da sua vila não fossem capazes de lidar e com uma situação de conflito local e decidir quanto a

ela, então a decisão sobre o caso caberia à administração real, e o caso seria levado a Jerusalém, quando você peregrinaria até lá.

Deus, ultimamente, não tem respondido às orações pela paz de Jerusalém. Talvez devêssemos orar mais e à maneira do salmo 123. A forma pela qual os cristãos discutem com os judeus e muçulmanos sobre Jerusalém, e como esses diferentes grupos conflitam entre si, constitui um bom motivo para os descrentes escarnecerem de nós e para nos sentirmos envergonhados. O que podemos fazer é ir envergonhadamente diante de Deus, como jovens servos e servas. Os servos não detêm nenhum poder ou prestígio, mas possuem um senhor ou uma senhora que tem poder e prestígio e pode intervir em favor do seu servo ou da sua serva. A exemplo das falhas de nossa relação com Jerusalém e em outros aspectos da nossa vida, tudo o que podemos fazer é rogar a Deus por graça, a exemplo do que o salmista faz em três ocasiões.

No fim de semana passada, ouvimos uma conversa, enquanto estávamos no metrô de San Francisco, na qual o pai de duas crianças pequenas, a caminho do aeroporto com outras pessoas de diferentes partes do país, relatava uma história. A família vive em Illinois, e os filhos tinham se impressionado com os arranha-céus quando visitaram Chicago. Então, ao viajarem de férias para o Parque Nacional de Yosemite, as crianças maravilharam-se com o El Capitan, o imponente monólito de granito. Um dos filhos comentou: “Puxa, Deus é um construtor muito mais incrível que os seres humanos, não é mesmo?”

Quando as traduções apresentam os salmos comparando Deus a uma montanha, a palavra hebraica, em geral, denota algo mais do que um simples rochedo. Os salmos 94 e 95, por exemplo, descrevem Deus como o rochedo que nos providencia refúgio e que nos liberta. O salmo 121 fala sobre olhar para as montanhas com um sentido mais simbólico da força e da proteção de Deus. O salmo 125, igualmente, começa com o fato de que, de Jerusalém, pode-se avistar as elevações maiores, como o monte das Oliveiras. A imagem se tornaria mais forte à medida que retrocedêssemos aos tempos do Antigo Testamento, porque a Jerusalém de Davi situava-se na região mais baixa da cidade e, com o passar do tempo, a cidade desenvolveu-se em direção a áreas mais elevadas (embora, desde o início, esteja cercada por colinas íngremes que fornecem proteção contra os ataques dos inimigos): “Jerusalém — as montanhas estão ao redor dela”, como se fossem os braços de uma mãe envolvendo o seu bebê. Assim, essa expressão forneceu ao povo uma imagem encorajadora: “Yahweh — ele está ao redor do seu povo” também.

As montanhas também são um símbolo de estabilidade e permanência. Quando ocorre um terremoto, há mudanças no solo, mas elas não são comparáveis em espetáculo ou perigo ao colapso que os abalos sísmicos causam aos arranha-céus construídos pelo ser humano. De modo geral, pode-se concluir que as montanhas em torno de Jerusalém sempre estarão lá, e a mesma suposição pode ser feita em relação à cidade. O salmo também incorpora outra elevação nessa imagem. O monte Sião possui uma força e uma invulnerabilidade derivadas do fato de ser não apenas um monte como os demais, mas o pico com o qual Yahweh se comprometeu. Portanto, do mesmo modo que Yahweh é forte e permanece firme, o monte Sião é forte e firme, e assim também o são as pessoas que confiam em Yahweh. Dado o nosso modo de pensar ser psicologicamente influenciado, somos propensos a inferir que essa firmeza reside em uma força interior que as

pessoas desenvolvem pela confiança em Yahweh e que há veracidade nessa suposição, mas esse não é o ponto do salmista. A segurança das pessoas reside não em uma força interna, mas no fato de a confiança delas em Yahweh significar a constante vigília e proteção divina sobre elas. Yahweh não lhes dá meramente força interior, mas, em uma situação na qual elas estão objetiva e externamente vulneráveis, ele as protege de sucumbirem diante da autoridade de algum poder estrangeiro que agite o seu bastão sobre a terra que lhes foi dada por Deus. É bom que Deus assim os proteja, pois um evento desses pode pressioná-los a buscar os caminhos infiéis de seus conquistadores — a adorar os deuses deles ou seguir os seus caminhos em outros aspectos.

A convicção expressa na primeira parte do salmo não dispensa a necessidade de orar a Deus por proteção. Pelo contrário, a encoraja. A espécie de testemunho manifestada no salmo 124 também possibilita isso. A segurança com a qual o salmo 125 se expressa não descarta crises e ameaças. Houve, de fato, ocasiões nas quais Jerusalém esteve sob ataque e quase caiu. Nos dias de Isaías, Senaqueribe, rei da Assíria, relata ter sitiado o rei Ezequias em Jerusalém, a sua própria capital, “como um pássaro em uma gaiola”. No entanto, a gaiola estava fechada pelo lado de dentro, e também do lado externo, e a cidade não caiu na mão dos assírios (claro que isso ocorreu quando Yahweh decidiu retirar a sua proteção como um ato de punição). Na verdade, a proteção da cidade era o próprio Yahweh. A cidade subsiste até hoje.

A exemplo de todo mundo, quando estou aflito, ansioso ou preocupado, não consigo pegar no sono. Em certas ocasiões, nem mesmo sei o que está me preocupando. Embora tenha tido problemas para dormir, logo após o falecimento da minha primeira esposa, em geral, enfrento menos dificuldades agora do que quando era mais jovem. Lembro-me, em particular, de ter noites de insônia na época da minha primeira ordenação e envolvimento no ministério paroquial, creio que por toda a ansiedade desse início. Devo ter contado esse problema ao meu reitor, pois recordo-me de ele ter citado o salmo 127 para mim: “Ele concede o sono aos seus amados.” Creio que sua intenção foi no sentido de eu me apropriar dessa promessa. Esse comentário sobre o sono, na verdade, relaciona-se a uma questão que jaz por trás do nosso problema com a insônia. Li em algum lugar que os países campeões mundiais no quesito insônia são os Estados Unidos, a Alemanha e o Reino Unido, apesar de os dois primeiros constituírem as maiores economias do mundo e da Europa. Um dos motivos desse sucesso econômico é o fato de os seus cidadãos trabalharem duro. A mensagem do salmo é, portanto: “Alto lá! Recuem! O que vocês pensam que estão fazendo e por quê?” Você pode investir o máximo de energia na busca por realização e proteção, mas, no longo prazo, ou mesmo no curto, isso pode levar a lugar nenhum. O salmista não está sugerindo que as pessoas não devem construir casas ou proteger as suas cidades do ataque inimigo. Isso nos adverte de que não temos tanto controle assim sobre o nosso destino e o nosso futuro como imaginamos. A implicação paradoxal é: “Relaxe. Deus ama você. E, de qualquer forma, é a atividade construtora de Deus que importa.”

Um amigo meu costuma reclamar que o seu pai gastou tanto tempo trabalhando para salvaguardar o futuro da família que não tem tempo para ela no presente. Seria bom se a segunda parte do salmo 127 fizesse essa ligação, mas o que estabelece é um ponto distinto. O salmo não faz uma desvalorização implícita das filhas, mas comenta sobre o aspecto particular do valor dos filhos. Quando envelhecemos, não temos mais a força que outrora tivemos e, claro, é de grande auxílio ter um punhado de jovens grandes e fortes para nos acompanhar quando há algum conflito que precisa ser resolvido e que sozinhos não conseguimos solucionar (ou quando há todo um campo para ser semeado e os bois sejam difíceis de manejar).

Não seria surpresa se a insônia também estivesse por trás do salmo 126. A cada outono e inverno, é possível que a pessoa sinta alguma ansiedade enquanto sai

do seu vilarejo para arar os campos e semear as suas sementes. É possível que tenha chorado enquanto fazia isso, afinal nunca se sabe se haverá chuva suficiente e na época certa, durante os próximos meses, para produzir uma boa colheita. O salmo começa encorajando as pessoas a recordarem como, anteriormente, já haviam substituído o silencioso pranto pelo ruidoso regozijo. Foi algo que não passou despercebido pelas demais pessoas, levando-as a reconhecer quão grandioso é Deus. Numa situação na qual a comunidade, uma vez mais, necessita de restauração, o salmista relembra a si mesmo e a Deus do evento anterior. Talvez semear em lágrimas e colher em júbilo seja uma metáfora para outra e mais ampla restauração da comunidade, a exemplo da ocorrida após o exílio. Seria como a época na qual, chegando o verão, os fazendeiros foram capazes de voltar para casa carregando muitos feixes de grãos. Todavia, a experiência anual de ser capaz de fazer isso seria indescritivelmente jubilosa, quando as pessoas constatassem que haveria alimento suficiente até a próxima colheita. O salmo é, com frequência, usado no Dia de Ação de Graças, e isso nos faz refletir sobre as lágrimas vertidas pelos colonos ingleses originais, espalhados nas colônias, em seu primeiro ano, quando praticamente não havia quase alimento, e o júbilo que devem ter experimentado ao verem a sua primeira colheita.

No jornal eletrônico satírico The Onion [A Cebola], uma das manchetes mais recentes anunciava: “A falta de interesse da mídia torna desnecessário o acobertamento de genocídios.” A “matéria” explicava que um senhor da guerra africano havia declarado que o global desinteresse sobre o assassinato em massa de um dos grupos étnicos daquele país o havia levado a se arrepender dos esforços investidos no ocultamento das atrocidades — o sepultamento dos corpos em covas coletivas secretas, o incêndio de vilas inteiras para destruir evidências, e assim por diante. Ele esperava que houvesse o escrutínio da mídia ou uma missão investigativa da ONU. “Na próxima vez, deixarei os corpos exatamente onde caíram, com os facões ainda cravados na cabeça.” Esse jornal especializou-se em matérias de péssimo gosto, mas a reportagem nos leva a exclamar: “Misericórdia!” O genocídio no Sudão suscita um interesse inexpressivo na mídia do Ocidente.

É como se uma milícia estivesse deitando as pessoas no solo e passando o arado sobre elas, abrindo a espécie de sulcos que o agricultor abre no solo com essa ferramenta. O salmo 129 usa essa imagem para descrever a experiência de Israel. O povo conta a sua história nacional como se fosse um indivíduo submetido a esse tratamento bárbaro e vê esse abuso como característico de toda a sua história, de toda a sua vida como nação. Tudo começou com o ataque unilateral dos amalequitas, quando os israelitas eram uma multidão fatigada, sedenta e faminta de servos, que tinham fugido do Egito (Êxodo 17). Foi um ataque do qual escaparam com vida somente por causa de um milagre. Quando consideramos a subsequente experiência do povo judeu, ao longo dos séculos, o milênio que o salmista desconhece, é, de fato, miraculoso que as nações não tenham “prevalecido” sobre eles.

Os ocidentais são propensos a desconsiderar uma oração como a expressa pelo salmo, porém a oração é o único recurso de uma pessoa indefesa, sem metralhadoras ou drones à sua disposição. O salmista considera correto que as vítimas indefesas de uma pretensa limpeza étnica olhem para Deus não apenas por proteção, mas também pela derrota dos perpetradores de atrocidades. Implicitamente, o site que mencionei no início adota essa mesma visão quando satiriza a tolerância do Ocidente aos crimes de guerra.

A justaposição dos salmos 128 e 129 sobrepõe, perfeitamente, conjuntos de convicções e experiências que se tensionam, embora façam parte da experiência

do povo de Deus. Israel não permite que a experiência descrita no salmo 129 o faça desapegar das promessas do salmo 128. Na realidade, a esperança de que os opressores podem ser derrubados é, praticamente, impossível sem a convicção de que as bênçãos vêm sobre os que temem Yahweh. Israel não nega a realidade de sua experiência de abuso, tampouco permite que essa realidade os faça cessar de crer que Deus é aquele que abençoa. Talvez seja significativo que o salmo 128 fale da vida familiar, enquanto o salmo posterior discorra sobre a vida da nação. Os crimes de guerra, presentes no salmo 129, certamente afetam as famílias, e as promessas do salmo 128 são feitas à nação. No entanto, a possibilidade de fechar o portão ao mundo exterior e alegrar-se na vida da família é, em geral, um recurso do mundo ocidental, e talvez fosse assim para o chefe de uma família israelita, da qual o salmo 128 fala diretamente. Você cumpre com as suas responsabilidades na liderança da sua família e no desempenho de seu papel junto aos líderes da vila, segundo os caminhos de Yahweh, não dos cananeus do outro lado do vale, e aprecia os frutos na vida da sua família. A referência à bênção/coisas boas vindas de Sião/Jerusalém sugere que o salmo pertence ao contexto de um festival como Páscoa, Pentecostes ou Sucote, quando as pessoas celebravam os feitos de Yahweh em benefício do povo e oravam para que ocorressem novamente. Seria a celebração do festival, com suas recordações dos feitos de Yahweh, que encorajavam o povo a crer que a visão no salmo 128 era mais importante que as atrocidades descritas no salmo seguinte.

Estamos no início do Advento, quando começamos a pensar sobre a primeira vinda de Jesus, mas também em sua segunda vinda. No domingo, o sermão versou sobre a importância da sua segunda vinda e o motivo de crermos que ela ocorrerá. Ela importa porque Jesus ainda tem um trabalho a ser finalizado; o fundamento para crer que a segunda vinda ocorrerá é por Jesus, na realidade, já a ter iniciado. Lembrei-me de uma conversa que tive na semana passada sobre o jantar de Ação de Graças, com uma enfermeira que havia ido diretamente ao jantar após um dia de trabalho na emergência do hospital. Perguntei-lhe: “Que tipo de coisas levam as pessoas ao pronto-socorro no Dia de Ação de Graças?” “Bem, houve o adolescente que foi baleado durante o jantar e, então, claro, há as costumeiras tentativas de suicídio que ocorrem nos feriados.” Sim, há um trabalho a ser finalizado por Jesus. Felizmente, o fato de Jesus trazer harmonia a muitas famílias e dar a inúmeras pessoas um motivo para persistirem vivendo constitui um dos elementos que fornecem a evidência de que ele já iniciou o trabalho que, com certeza, concluirá.

Os salmos 130 e 131 usam os verbos “esperar” e “aguardar” cinco vezes, e, próximo ao fim, ambos incluem exortações para “esperar por Yahweh”. Algumas traduções usam a palavra “esperança”, que é boa, embora possa ser incompreendida. Podemos falar sobre ter esperança ou ser esperançoso sem implicar nada a respeito do objeto da nossa esperança. Esse termo sugere uma atitude. Todavia, as palavras “esperar” e “aguardar” precisam de um objeto — esperamos por algo ou aguardamos alguém. Assim, os cristãos não são meramente pessoas esperançosas, mas que esperam que Cristo venha e aguardam pela sua vinda. O salmo, portanto, discorre sobre esperar por Yahweh ou por sua palavra e sobre aguardá-lo.

O verbo “aguardar” pode, igualmente, ter uma implicação equivocada. Ele pode sugerir uma atitude de paciência e de maturidade. No Antigo Testamento, ela é de impaciência e implica urgência. No entanto, o salmo 131 também sugere que há um lado paciente nessa expectativa. Tudo estando bem, um bebê amamentado por sua mãe está contente e tranquilo; ele sabe que não há nada com que se preocupar. Os israelitas podem estar em uma posição similar; não precisam ter grandes ideias sobre a própria importância; não precisam se sentir responsáveis por seu próprio destino e o do mundo; não é trabalho deles converter o mundo, mas de Deus. Assim, eles podem relaxar. Contudo, ao mesmo tempo, podem e devem aguardar, em expectativa, pela conclusão do trabalho por parte de Deus.

A combinação do relaxamento tranquilo e a expectativa urgente é mais exigente, importante e complexa quando o indivíduo está “nas profundezas”. Regularmente, os salmos são orados nessas situações, mas o salmo 130 detalha a natureza do abismo. “Das profundezas” sugere um lugar no qual estamos sobrecarregados pelo sofrimento e pela opressão — não apenas emocional, mas física e material (duas vezes o salmo 69 usa a expressão com respeito a estar sendo oprimido pelos inimigos). A exemplo do que Steve Smith escreveu em um poema sobre um homem que, metaforicamente, havia mergulhado em águas profundas na sua vida, não estamos acenando, mas nos afogando. O salmo 130 pressupõe essas profundezas. Sua distinção reside na maneira pela qual associa essa experiência com a nossa transgressão. Com frequência, o fato de você estar se afogando não é por sua culpa; no caso desse salmo, a culpa é sua. Em certas circunstâncias, não se pode dizer a Deus: “Você tem que me resgatar — não mereço essa experiência.” Tudo o que se pode fazer é apelar para a graça e a misericórdia de Deus, para a capacidade divina de anistiar.

Então, uma vez mais, você precisa aguardar. A exemplo do salmo 103, o salmo 130 usa o verbo “anistiar” em lugar de “perdoar”. “Perdão” é uma palavra pertencente a um contexto de relações familiares e de amizade, enquanto “anistia” diz respeito a relações com pessoas no poder. Quem apela por anistia ou indulto é alguém que cometeu um crime e se apresenta diante de um rei ou presidente esperando encontrar misericórdia, sem ter a certeza de que o seu pedido será concedido. O rei ou presidente precisa equilibrar a importância da misericórdia com a importância de preservar os padrões e deve fazê-lo a fim de atrair a atenção para essa importância. Portanto, o criminoso aguarda esperançosamente, sem considerar nada como garantido. Será que a palavra de anistia sairá da boca do rei? O indivíduo aguarda por aquela decisão com um senso de urgência maior do que o de um vigia noturno que espera a chegada da alvorada e, assim, pela certeza de que a cidade não corre o risco de sofrer um ataque secreto e/ou pelo momento de poder ir para sua casa e dormir. Ou, ainda, pode aguardar com mais antecipação do que os serviçais do templo observando a chegada do amanhecer, pelo momento de proferir as orações matinais e de oferecer os sacrifícios.

Um aspecto claro da analogia é que não há dúvidas de que alvorada virá, ainda que, às vezes, seja difícil acreditar nisso. Em certo sentido, não se pode considerar como garantido que Yahweh concederá anistia, porém a analogia com um rei ou presidente é incompleta. Você sabe que Yahweh é grande em compromisso e em redenção; sabe que deve pagar por sua transgressão, mas que,

na verdade, Yahweh o fará. Ele pagará o preço para que você não fique preso nas profundezas para sempre.

Em uma hora, sairei para a nossa convenção diocesana, na qual clérigos e leigos tomarão decisões sobre as políticas e iniciativas para o próximo ano. Iniciaremos pedindo pela orientação e pela sabedoria de Deus em nossas discussões e decisões, mas, então, não esperaremos por intervenções divinas para nos dizer o que devemos decidir. Creio que, teologicamente, presumimos, esperamos ou confiamos que a sabedoria de Deus opera por meio do exercício de nossa sabedoria humana. Nas Escrituras, há indicações de outra forma de enxergar esse processo. Deus se relaciona conosco como um pai se relaciona com seus filhos (adultos), dizendo-nos para irmos e tomarmos as nossas decisões e, então, arcarmos com as consequências delas. Pode-se dizer que é um aspecto assustador da maneira divina de governar o mundo; deixar as decisões para nós dessa forma.

O salmo 132 aponta para um exemplo espetacular; ele oferece outra perspectiva sobre a história quanto à origem do templo de Jerusalém, relatada em 2Samuel 6 e 7. Naquele relato, a ideia de levar o baú da declaração a Jerusalém e de construir um templo na cidade é de Davi. Deus não aprecia muito a ideia de um templo. “Gosto de ser capaz de me mover por aí, de não estar fixo em um só lugar”, Deus diz, “e, de qualquer maneira, essa iniciativa sua contraria o relacionamento apropriado entre mim e você. Eu é que irei construir uma casa para você” (nesse caso, o sentido de “casa” é uma linha de sucessão). “Essa construção precisa vir primeiro.”

No relato de 2Samuel 6 e 7, não há indicações de Yahweh haver escolhido Sião (como o salmista afirma). Todo aquele empreendimento foi ideia de Davi, e é fácil ver o pragmático pensamento político subjacente a ela. A nova nação necessita de um centro, de preferência em um lugar que seja tanto seguro quanto neutro, ao qual nenhum dos clãs esteja especialmente associado. Pelo fato de Jerusalém ainda ser ocupada pelos jebuseus, localizar o templo na capital de Davi reforça a sua posição como um centro para os clãs israelitas. Não se pode criticar Yahweh por reagir negativamente ao fato de estar sendo usado para impulsionar a administração de Davi. Não obstante, Yahweh faz mais do que concordar com relutância ao plano de Davi. Yahweh coloca um selo de aprovação retroativo sobre a escolha de Sião como um local de habitação. Sua posição é similar à sua atitude com relação a ter reis, que também foi uma ideia do povo de Israel, não sua, além de ser algo que colidia com o próprio pensamento de Yahweh. Todavia, ele abraçou a ideia com entusiasmo — o que é

corroborado pelo salmista.

A primeira metade do salmo incorpora uma espécie de reconstituição dos eventos que levaram à construção do templo. De fato, inicia-se com a ação de Davi e, portanto, aponta para aquela inter-relação entre a iniciativa humana e o desejo divino. Começa com a carga que Davi impôs sobre si mesmo e fez uma promessa solene, referente à localização do baú da declaração. Primeiro Samuel 4—6 relata como os israelitas levaram o baú à batalha, resultando na sua captura pelos filisteus, os quais descobriram que o baú se tornava muito quente ao ser transportado por eles, e, por fim, o baú acabou sendo deixado na Cidade de Florestas [Quiriate-Jearim], situada abaixo das montanhas de Jerusalém, dentro do território judaíta. Ali, o baú permaneceu por décadas. Nos dias de Davi, aparentemente, ninguém na liderança de Israel conhecia a localização certa do seu paradeiro, mas Davi decidiu-se a encontrá-la, sendo bem-sucedido, e determina ir até lá e prostrar-se diante desse símbolo da presença de Yahweh em Israel. De lá, Davi convida Yahweh a subir a Jerusalém, cidade na qual o rei determinou providenciar uma habitação digna de Yahweh. Assim, os sacerdotes e o povo como um todo (as pessoas comprometidas com Yahweh) unem-se em fidelidade e celebração durante o translado do baú a Jerusalém. Seguindo a reconstituição desse ato por parte de Davi, e à luz disso, o salmo suplica a Deus para que dê atenção às orações do rei ungido atual.

Em sua metade inicial, portanto, o salmo fala da congregação para Deus, na maneira regular de um salmo. Todavia, às vezes, o salmo torna-se uma conversação na qual Deus responde, e o salmo 132 é um exemplo. Na segunda metade, Deus fala — ou melhor, a reconstituição prossegue, quando o salmo também apela ao compromisso de Deus com Davi, de volta ao início de seu reinado e à sua inciativa de construir um templo. Deus fez a promessa de que sempre haveria um descendente de Davi assentado no trono. A reafirmação conecta-se ao pedido para Deus dar ouvidos às orações de seu ungido, pois essa expressão denota o rei davídico atual. Portanto, isso oferece a segurança de que a oração será respondida. De Sião, Deus abençoará todo o povo. Além disso, o salmo aponta para outro aspecto da relação bilateral entre Deus e Davi. A promessa quanto aos sucessores davídicos pressupõe a fidelidade deles com respeito à sua parte da aliança. Talvez Deus, em sua graça, venha a ser misericordioso quando eles forem infiéis, mas eles não podem presumir que Deus irá manter a sua parte na aliança, caso falhem em cumprir a parte que lhes cabe. Na realidade, após 587 a.C., nenhum rei davídico se assentou no trono em Jerusalém.

Quando minha esposa e eu nos casamos, quase um ano atrás, descobrimos as "Devoções diárias para indivíduos e famílias" [Daily Devotions for Individuals and Families], do Livro de Oração Episcopal, quatro conjuntos de uma página de salmos, leituras bíblicas e orações para serem usadas ao acordar, almoçar, jantar e antes de dormir. Trata-se de uma versão da Liturgia das horas, que remonta aos séculos iniciais do cristianismo, apresentada em inúmeras formas, em diferentes confissões cristãs. Descobrimos nessa versão uma excelente maneira de enquadrar a nossa vida — é possível, invariavelmente, começar e terminar o dia com essas devoções, e usamos as formas do meio-dia e do começo da noite quando estamos em casa, no almoço e no jantar. Assim, redefinimos a nossa mente em Deus durante o dia.

O salmo 134 dá início às orações no formato "para encerrar o dia". Imagino que, na sua origem, o salmo pertencia ao término do dia no sentido do pôr do sol, quando os sacrifícios da noite eram oferecidos e as orações proferidas no templo; quando, em certo sentido, o dia terminava. O corpo de Israel como um todo não se apresentava na casa de Yahweh a cada noite; assim, aqui, os servos de Yahweh talvez sejam os sacerdotes e os levitas, cujo serviço era oferecer os sacrifícios e as orações em favor de todo o povo. Mas pode-se imaginar que os israelitas, em geral, espalhados por todo o território, se lembrassem, ao cair da noite, de que aquele era o momento dos sacrifícios e orações e, em espírito, uniam-se àqueles no templo. Há um paralelo com a maneira pela qual o pároco, ao tocar o sino, avisa aos trabalhadores no campo que ele está prestes a fazer as orações na igreja, convidando-os, assim, a estarem com ele em espírito.

Embora as linhas de abertura sejam dirigidas aos servos de Deus como um grupo, a linha final é endereçada a um indivíduo; talvez seja a resposta dos ministros ao seu líder. A palavra para "adorar" é, tradicionalmente, traduzida por "abençoar", embora a ideia de "abençoar a Deus" seja um pouco estranha, de maneira que "adorar" talvez transmita melhor o conceito. A palavra em questão é similar ao termo para "joelhos"; assim, sugere nos ajoelharmos diante de Deus. Contudo, o uso duplo do salmista por palavras que, pelo menos, parecem ser iguais ("adorar" e "abençoar") aponta para a natureza recíproca da relação entre adorar e abençoar. Nós adoramos; Deus abençoa. Deus abençoa; nós adoramos.

O salmo 133 termina com uma nota similar à sua menção de bênção. Não seria surpreendente se houvesse uma ligação entre a bênção e a unidade ou harmonia

da família estendida, o tema inicialmente abordado pelo salmo. Essa harmonia familiar é uma grande bênção. A ligação entre os cânticos de peregrinação e a viagem realizada pelas famílias por ocasião dos festivais anuais em Jerusalém podia fazer as pessoas se alegrarem no sentimento de unidade que marcava tais ocasiões. Isso também podia conscientizá-los da necessidade de preservar aquela harmonia. No Ocidente, sabemos que eventos como o Dia de Ação de Graças e o Natal são ocasiões nas quais as famílias passam por grande tensão, e não seria surpreendente se o mesmo fosse verdadeiro em relação aos festivais de peregrinação de Israel — como sugere a história da jornada de José e Maria para a Páscoa em Jerusalém (Lucas 2), e a história de Elcana, Ana e Penina (1Samuel 1).

Contudo, no Antigo Testamento a “bênção” é concreta e prática; ela sugere a fecundidade dos seres humanos e dos animais, além da produtividade das colheitas. Portanto, é fácil compreender que a ausência de unidade e de harmonia poderia colocar em risco o trabalho da família e, por consequência, ameaçar a sua própria subsistência. Por motivos práticos, então, além de seu valor inerente, a unidade e a harmonia são passíveis de certa poesia, a exemplo do que o salmo faz. Essa harmonia, como a maquiagem, faz o rosto brilhar, e a referência à unção abundante também expressa o compromisso de Deus com os sacerdotes e com a festividade inerente ao ministério deles. O “orvalho” do Hermom é, presumidamente, uma metáfora. Uma montanha nativa como Hermom dificilmente seria conhecida por seu orvalho, mas pela neve em seus picos, que derrete e escoa para alimentar os rios que nascem dela, mesmo durante a aridez do verão. O orvalho metafórico do Hermom, portanto, desempenha um papel-chave no suprimento de água para Israel e constitui um meio divino de abençoar a região.

Duas noites atrás, houve uma enorme tempestade de vento em nossa cidade, com rajadas de mais de 150 km/h. O fenômeno derrubou centenas de árvores, incluindo carvalhos centenários e palmeiras altíssimas. Centenas de milhares de pessoas ficaram sem energia elétrica, e muitas ainda estão às escuras. Escolas e restaurantes tiveram as suas portas fechadas. A queda de árvores sobre edifícios levou à evacuação de um bloco de apartamentos e o abandono de, pelo menos, quarenta prédios que, simplesmente, precisarão ser demolidos. Em outros lugares, caminhões foram arrastados nas rodovias. Não sei quanto tempo será necessário para remover todos os detritos das ruas.

Eis o que acontece (o salmo 135 diz) quando Deus faz sair os ventos de seus depósitos. Coincidentemente, hoje é o segundo domingo do Advento, o domingo de João Batista, ocasião na qual recordamos a sua declaração de que Jesus batizará com o Espírito Santo e com fogo — com vento santo e fogo, pode-se facilmente usar essa tradução. A tempestade de vento forneceu uma atemorizante ilustração de como seria ser atingido pelo Vento Santo. O salmo considera que essa experiência poderia ser, igualmente, assustadora.

Embora tenhamos sido afortunados pela tempestade de vento não ter sido acompanhada por chuva ou fogo, o salmo observa que os relâmpagos e a chuva são fenômenos que naturalmente acompanham os fortes ventos, quando as nuvens se levantam no horizonte distante e enchem o céu. O salmista segue citando mais alguns aspectos aterradores da atividade divina no mundo, associados com o escape dos israelitas de seus opressores no Egito, e de seus agressores na fronteira de Canaã, e com a própria entrada deles na terra prometida. A Bíblia não implica que os massacres e desastres naturais, em geral, surjam do propósito deliberado de Deus; normalmente, constituem “mais uma daquelas coisas que acontecem no mundo”. Após o forte vendaval, perguntamo-nos se a queda de uma grande árvore sobre a nossa propriedade ou o nosso carro na rua nos tornaria financeiramente responsáveis pelo conserto dos danos ou poderíamos lançar a conta “na ação de Deus”? A minha esposa comentou que talvez a tempestade seja mais um daqueles resultados do aquecimento global. Se assim for, é possível que conte tanto como algo pelo qual somos corporativamente responsáveis quanto como um evento que significa o juízo de Deus sobre nós.

Para o pequeno e impotente povo israelita, o poder de Deus, personificado nos

eventos naturais e políticos, não foi assustador, mas tranquilizador. Eles facilmente se sentiam oprimidos pelo poder das nações poderosas em derredor e se impressionavam com o poder dos deuses que os povos vizinhos cultuavam. O salmo lembra os israelitas do poder manifestado por Deus em sua história e da importância que esse insignificante povo recebeu por Deus os ter escolhido como sua possessão especial. Ainda, o salmista os faz recordar a impotência das imagens que representavam outros deuses. Essas imagens parecem impressionantes e possuem as características físicas dos seres vivos, responsivos, sensíveis e falantes, mas essas características não funcionam. Embora os israelitas possam até ser tentados a pensar que esses deuses são poderosos, as suas imagens fornecem um retrato da real inutilidade e impotência deles. Em contraste, Yahweh governa o seu povo e os lidera segundo o que tem em mente para eles. Yahweh concede alívio em relação a eles — isto é, ele vê a opressão que eles sofrem de povos como os egípcios ou os amorreus e abomina o que vê. Assim, move-se para pôr um fim à aflição deles, para expressar o zelo que sente. Ao contrário, as pessoas que confiam nos deuses representados pelas imagens, ou nas próprias imagens, terminam tão desamparadas, débeis e vulneráveis quanto as imagens que fizeram.

Um dos meus ex-alunos serviu como capelão das Forças Armadas no Iraque por dois anos, após se formar no seminário. Certo dia, ele me ligou de lá, pois se sentiu compelido a pregar sobre o amor inabalável de Deus. Lembrou-se da noite em que expliquei sobre o termo hebraico que representa esse amor, ou seja, hesed. Acrescentou que, ao mesmo tempo em que falava sobre essa ideia, eu servia a Ann, a minha esposa com deficiência, a sua fórmula pelo tubo de alimentação, e ele foi impactado por não estarmos apenas "falando" sobre o amor inabalável ou de aliança; ele viu esse amor sendo manifestado na prática. (Peço desculpas por essa ser uma história a meu respeito, embora a considere mais como uma história sobre Ann e sobre o que Deus operou por meio de sua enfermidade, e rogo que pense como eu.) Ele contou esse episódio em seu sermão. Alguns dias mais tarde, um dos soldados que ouviu o sermão foi morto em um ataque de morteiro, e o capelão orou com o soldado, pouco antes de ele morrer. O capelão consolou-se com a ideia de que o último sermão que aquele soldado ouviu foi sobre o amor inabalável de Deus. No domingo seguinte, o salmo determinado para o nosso culto na igreja era o 51, e em meu sermão sobre a abertura do salmo, que apela para o amor inabalável de Deus, contei essa história. Após o culto, uma mulher me procurou em lágrimas porque desde a sua infância ela havia sido ensinada que Deus era cheio de ira. Ela não era capaz de internalizar a ideia de Deus ser caracterizado pela graça, pelo amor inabalável e pela compaixão.

É essa palavra para amor inabalável que se repete na segunda linha de cada versículo do salmo 136. Creio que a palavra "compromisso" é a que melhor representa a ideia do termo hebraico em nosso idioma. Deve haver mais de um motivo para a recorrência dessa palavra. Um deles é que se trata de uma espécie de refrão — pode ser que o coro do templo cantasse a primeira linha e o povo, em uníssono, respondesse com a segunda linha. No entanto, outro motivo talvez seja o de estimular, pelo efeito da repetição, o processo pelo qual as pessoas internalizam o fato de o compromisso ser uma das características divinas básicas. Na descrição fundamental do caráter de Yahweh, que é transmitida a Israel no Sinal, em Êxodo 34, ao lado de palavras como "compassivo", "gracioso" e "longânimo", essa palavra é a única citada mais de uma vez.

As declarações sobre Deus, que acompanham esse testemunho sobre o compromisso divino, são comparáveis àquelas no salmo 135. Pode-se dizer que elas são resumidas nos dois primeiros versículos. Por um lado, Deus é bom. Essa

bondade encontra expressão no fato de Deus não ter ficado sentado, de braços cruzados, alheio à opressão dos israelitas pelos egípcios, ou quando eles estão vagando pelo deserto, ou sendo atacados por reis poderosos como Seom e Ogue. Deus está atento à humilhação imposta aos israelitas. Israel é um povo inexpressivo e impotente, e Deus leva esse fato em consideração. Mas de nada valeria essa atenção se Deus fosse incapaz de fazer algo para mudar a situação deles. Assim, a outra verdade-chave sobre Deus é que ele é o Deus dos deuses, Senhor dos senhores, o criador que possui um braço forte para estender contra os opressores e agressores de Israel. Como o salmo vividamente afirma, ele pode separar Israel dos seus inimigos, como um ladrão arrebata a bolsa da senhora incauta, ou como o vento pode dividir uma montanha (é a mesma palavra usada quando esse evento ocorreu diante de Elias, em 1Reis 19). Ele pode fornecer alimento a todos.

Durante grande parte de sua existência no Antigo Testamento, Israel não viu Deus agir assim. Por quase toda a sua história, os israelitas viveram sob a autoridade de superpotências como Assíria, Babilônia, Pérsia e Grécia, sem condições de determinar o próprio destino e submetidos a toda sorte de ataques, perseguições, negligências e impostos opressivos. A despeito de, às vezes, merecerem essa experiência, nem sempre foi assim. Israel viveu na perpétua necessidade de internalizar a verdade de que o amor inabalável de Deus dura para sempre, porque, decerto, a realidade não parecia confirmá-lo. A exemplo da adoração cristã, a adoração israelita envolvia o povo indo ao santuário e declarando como verdadeiras coisas que a realidade fora do templo parecia desmentir. Os adoradores recordavam os fatos da história do seu povo, com o fim de providenciar evidências da veracidade da sua fé, a fim de prosseguirem vivendo, mesmo em uma situação na qual aquelas verdades pareciam estar suspensas.

A canção “Rivers of Babylon” [Rios da Babilônia], gravada pelo grupo Boney M, tornou-se um dos compactos mais vendidos de todos os tempos na Grã-Bretanha. Em minha inocência, levei alguns anos para perceber o seu significado. Em sua origem, trata-se de uma canção rastafári, uma de uma série de músicas baseadas nos salmos, que forneceram aos cantores caribenhos matéria-prima para expressarem o seu protesto e lamento sobre o colonialismo e a opressão relacionada a ele, além do anseio pela liberdade. Os rastafáris não estavam em campanha por uma revolução violenta, mas conclamando o seu povo a simplesmente parar de aceitar a dominação da Babilônia e os seus valores culturais. Assim, articularam uma voz diferente e uma determinação para não meramente se entregarem à autopiedade e à desesperança. A ironia da inocência dos britânicos como eu, que amaram a canção, é que éramos a Babilônia referida por eles.

Saber o que o salmo 137 significou para o povo caribenho, que ansiava pela libertação dos seus dominadores imperiais, nos ajuda a entender o significado do salmo para aqueles que originariamente o entoaram. A exemplo de muitos outros salmos, ele pode parecer ofensivo aos leitores ocidentais, e é correto que nos sintamos assim, pois o salmista fala sobre pessoas como nós, o povo da Babilônia. Podemos sentir um leve alívio pelo fato de o salmo, como de hábito, não oferecer qualquer indício de que as pessoas que o entoam irão se levantar em uma rebelião militar contra seus dominadores. O povo israelita jamais fez isso, do mesmo modo que os povos caribenhos. O que fizeram foi algo mais perigoso; eles oraram, disseram a Deus o que ansiavam ver e, então, deixaram a cargo de Deus o cumprimento do que pediram.

Parte da confiança em fazer isso seria pelo fato de saberem que estavam simplesmente pedindo a Deus para cumprir o que ele havia prometido. Livros proféticos, como Isaías, Jeremias, Ezequiel e Obadias, contêm promessas de que Deus irá punir Edom por sua transgressão e, especialmente, por seu tratamento a Judá por ocasião da queda de Jerusalém. Eles, igualmente, contêm promessas quanto a Deus derrubar a Babilônia, e a chocante declaração de bênção com a qual o salmista termina retoma os detalhes da descrição, em Isaías 13, quanto ao que Deus levará o medo a fazer aos babilônios. Reconhecidamente, não devemos considerar de modo muito literal a compreensão da profecia ou do salmo, pois ambos lançam mão da liberdade poética. Comparam-se às imagens do Novo Testamento sobre pessoas chorando e rangendo os dentes no inferno. A

mensagem subjacente às promessas de que Deus punirá os inimigos de Israel é que ele não abandona permanentemente o seu povo ao jugo de uma superpotência que usa Israel apenas como um meio de atingir os seus próprios objetivos e que Deus julga. Presume-se que uma oração como a contida no salmo 137 é apropriada para lembrar Deus de suas promessas.

A recordação é um tema-chave no salmo. É possível a um grupo de exilados esquecer de onde eles vieram e abandonarem qualquer esperança ou intenção de retornar. A vida, de fato, tornou-se muito confortável para inúmeros judaítas exilados na Babilônia, o que levou muitos a não retornarem quando tiveram chance. Embora a lembrança possa ser uma questão de acaso, a recordação consciente é um ato deliberado. As pessoas assentadas às margens dos canais, que transportavam água do rio Eufrates para as regiões vizinhas, possibilitando o cultivo das terras, estavam envolvidas em um ato de adoração, quando recordavam de maneira deliberada e intencional. Elas também se envolviam em um ato de ensino, ao instruírem os seus filhos (que jamais tinham pisado em Jerusalém) quanto à importância daquela cidade. Elas resistirão à repreensão dos babilônios que os fazem lembrar da destruição de Jerusalém e, zombeteiramente, os convidam a cantarem salmos que falam da imponência da cidade, que não parece tão imponente agora. A recusa por cantarem a canção de Yahweh em solo estrangeiro não resulta da convicção de que Yahweh não pode estar com eles ali, pois eles oram a Yahweh na parte final do salmo. A recusa pode resultar da consciência de que cantar a canção de Yahweh envolve cantar sobre o que ele fez, e eles sabem que Yahweh os abandonou e não está agindo mais em favor deles. Assim, eles podem orar, mas não podem cantar em gratidão pelo que Deus fez e está fazendo por eles. O compromisso de seguir lembrando de Jerusalém é encorajado por uma maldição autoimposta: a de perderem a capacidade de tocar a harpa ou de cantar caso tirem Jerusalém da mente. A natureza essencial da relação de Deus com Jerusalém significa que esse esquecimento seria o fim da fé.

Hoje, pela manhã, recebi a mensagem de uma mulher que, um ano atrás, foi atacada e esfaqueada por um homem, enquanto ela e uma amiga caminhavam em uma floresta; a amiga foi morta, mas ela sobreviveu porque o homem erroneamente achou que ela já estivesse morta. Recentemente, ela compareceu à corte para testemunhar sobre os eventos; o homem foi considerado culpado dos ataques e sentenciado à prisão perpétua. As pessoas têm expressado a ela a esperança de que essa condenação lhe traga solução à trágica experiência, mas ela mesma nutre dúvidas. A ocorrência foi tão selvagem e sem sentido que é impossível apagá-la. Sua antiga vida não existe mais e, agora, ela já não sabe mais quem é. Aquela mulher não está descontente pelo fato de o assassino não ter recebido a pena de morte, mas feliz porque "Deus é um juiz justo, um Deus que manifesta cada dia o seu furor" (Salmos 7:11, NVI). Ela não pensa em iniciar uma nova vida em outro lugar, distante da área na qual sofreu o ataque. Há, portanto, algo desafiador a seu respeito.

Ao lado do salmo 7, o salmo 138 é um salmo que essa vítima poderia ecoar. No dia em que ela clamou, Deus lhe respondeu e a tornou desafiadora em espírito, com força. Deus não agiu dessa maneira em relação a todo israelita que clamou a ele, mas o salmo sugere que as ocasiões nas quais Deus respondeu são muito mais importantes do que as vezes nas quais ele silenciou. Elas, naturalmente, significam que as pessoas às quais Deus responde confessam Deus de todo o coração, e o fazem diante de deuses, diante dos reis da terra e na presença dos seus inimigos (não seria surpreendente se o salmo fosse, especialmente, usado por reis ou líderes, como Neemias).

O salmista vê todo o caráter de Deus expresso na espécie de libertação ocorrida no passado e na espécie de libertação que agora busca. Há o compromisso e a veracidade de Deus. Talvez as duas características estejam expressas no versículo paralelo. A veracidade de Deus significa que ele mantém sua palavra, suas promessas. O nome ou o caráter de Deus é manifestado mais centralmente no compromisso que ele exibe em relação ao seu povo. Os atos que demonstram o compromisso e a veracidade de Deus são motivos para ele ser honrado pelo povo que, diretamente, experimenta essas caraterísticas divinas e pelos demais aos quais essas histórias são contadas. Elas são a ligação entre Deus ser exaltado e estar nas alturas, mas ainda ser capaz de ver e reconhecer os humildes. Isso significa que ele está em posição de intervir nos assuntos da terra em favor dos símplices, para preservar a vida deles quando a aflição os assaltar, para estender

a sua mão quando forem atacados por seus adversários. O fato de Deus ser compromissado e verdadeiro lhe confere o caráter moral para intervir daquela forma, para dar um fim à aflição, para persistir nas obras das suas mãos. O fato de o seu palácio estar nos céus significa haver um sentido no qual ele está "distante", mas isso não o leva a permanecer distante. Ele faz coisas para nós, ou para pessoas que conhecemos, e elas, então, nos contam o que Deus lhes fez.

Portanto, é possível orar o tipo de oração com a qual o salmo termina.

Em sua bolsa, a minha esposa carrega uma fotografia de sua futura neta, uma imagem do ultrassom do bebê da sua filha. É extraordinário ter esse lembrete vívido do firme desenvolvimento de um bebê no útero da sua mãe. Quando a futura mãe adoece, como ocorreu com a minha enteada, todos nós nos preocupamos com o efeito da enfermidade na gestação do bebê. Em certas culturas, mãe e avó estariam tricotando roupas para o futuro bebê, de maneira que o entretecimento dos membros daquele novo ser no ventre da sua mãe encontra paralelo na criatividade que ocorre fora dele. Não estou certo se o encantamento por esse processo seja intensificado pelo nosso conhecimento de como o bebê se desenvolve, estágio por estágio, ou se seria ainda maior, caso não fôssemos capazes de acompanhar a evolução do feto no ventre, sendo confrontados com um bebê perfeitamente formado no parto.

O salmo 139 expressa a maravilha por esse processo e pelo envolvimento divino nele. Os israelitas sabiam que a concepção e o nascimento constituíam processos naturais, em certo nível, embora igualmente soubessem que Deus operava por meio de processos naturais. Do mesmo modo, os israelitas evidentemente sabiam, como nós, que há um sentido no qual tudo o que seremos e faremos é moldado antes de nascermos — que tipo de pessoas seremos, qual será a natureza de nossas forças e fraquezas, que realizações nos serão possíveis e que enfermidades nos afetarão e limitarão a duração da nossa vida. Não significa que tudo esteja predeterminado, mas as possibilidades e as restrições já estão definidas. E o fato de Deus estar envolvido na formação da pessoa significa que ele também conhece esses dados e possui a informação em seus arquivos. O volume de dados é espantoso, tão numerosos quanto a quantidade de grãos na areia da praia. Eles abrangem toda a minha vida, e isso significa que ainda estarei dentro do conhecimento de Deus quando chegar ao fim.

O salmo manifesta maravilha não apenas pelo envolvimento divino, mas pelo próprio processo. É muito comum, mas também é extraordinário, tanto quanto foi o processo por meio do qual Deus trouxe o mundo à existência, do mesmo modo que a Israel. Falar em termos de ser bordado “nas profundezas da terra” evoca a imagem da “mãe terra” e vira a ideia do avesso — é como se a nossa mãe fosse a terra. O salmo constitui uma peça poética e, dificilmente, oferece um texto favorável à convicção de que o aborto é errado. Contudo, o maravilhoso processo que leva ao nascimento de um bebê, e o envolvimento divino nesse processo, certamente torna mais difícil ver a decisão sobre o aborto como uma

simples decisão relativa ao corpo da mulher. Envolve a decisão de interromper um processo no qual Deus está envolvido e para a qual seriam necessários motivos imperativos.

Leituras ocidentais do salmo apresentam, pelo menos, dois outros ângulos de interesse. Um deles diz respeito às implicações quanto ao conhecimento e à soberania de Deus sobre todas as coisas. Parece óbvio ao pensamento ocidental a onisciência de Deus — isto é, que Deus conhece todas as coisas. O salmo sugere uma interessante abordagem a esse raciocínio; isso implica que Deus, de fato, pode descobrir qualquer coisa, embora não que ele conheça tudo "automaticamente", apenas pela virtude de ser Deus. O salmo retrata Deus descobrindo a nosso respeito por meio de nos examinar, de olhar para nós, de olhar o processo pelo qual viemos a existir. Ainda, retrata Deus como plenamente capacitado a realizar o que desejar conosco, embora isso não implique que tudo o que fazemos ou experimentamos ocorra porque Deus assim deseja. A soberania divina é seletiva, mas Deus escolhe o que saber e o que fazer à luz das iniciativas que deseja realizar ou das orações que fazemos.

A outra perspectiva a partir da qual a leitura ocidental olha para o salmo diz respeito à sua importância para a nossa espiritualidade. Pode ser extremamente encorajador saber que jamais poderemos ir além do domínio do cuidado de Deus por nós. Todavia, existe um outro lado para o significado de Deus poder nos alcançar em qualquer lugar. Amós 9 usa a mesma linguagem e imagens ao falar de pessoas descendo ao Sheol, ou subindo aos céus, e de a mão de Deus ser capaz de nos alcançar lá, mas o profeta faz isso para lembrar Israel de que não é possível escapar do juízo divino. A cada respiração que der, a cada passo que der, Deus observa você. A capacidade divina de saber tudo sobre nós e de nos alcançar onde estivermos pode tanto ser positiva quanto negativa. Na verdade, a maior parte do salmo pode ter as duas leituras. É quase como se o salmo fosse sistematicamente ambíguo, cuidadoso ao afirmar os fatos sobre Deus ter acesso a nós, deixando-o neutro, quer esse acesso constitua boas notícias quer más notícias. Como se o salmista estivesse nos desafiando a decidir. Sua técnica é um aspecto da maneira pela qual o Saltério (e outras partes do Antigo Testamento) estão nos lendo, tanto quanto os lemos, ou nos levam a uma autoleitura. Quer o acesso de Deus a nós seja positivo quer negativo, para o autor do salmo não é nem uma coisa nem outra. A questão é a de que modo as pessoas que usam o salmo necessitam lê-lo.

A ambiguidade prossegue nos versículos 1-18, embora as seções finais do salmo

possam resolvê-la. O salmo é outro daqueles que os cristãos, normalmente, usam de modo seletivo — lemos apenas as três primeiras seções e nos sentimos perturbados com a derradeira. Os dois últimos versículos são indicações de que o salmo reconhece quão questionável é o desejo de que Deus mate os malfeitores? Como uma pessoa tão sensível espiritualmente, como a que escreveu a primeira parte, poderia chegar à severidade da última parte?

Essa dramática transição ocorre fácil e naturalmente à luz do lado sinistro sobre Deus ter o tipo de acesso a nós, que é descrito pelo salmo. Não apenas é impossível andarmos além de algum reino que esteja oculto a Deus; mas igualmente impossível é fugirmos para algum domínio no qual Deus não possa nos alcançar e saber tudo a nosso respeito. Somos incapazes de prevalecer sobre a capacidade da onisciência divina. Deus pode ouvir mesmo as palavras que pronunciamos em segredo. À luz da parte final do salmo, podemos ver a lógica pela qual o salmo como um todo funciona. Trata-se de uma expressão de compromisso com os caminhos de Yahweh. O salmista sabe tudo sobre pessoas infiéis e assassinas, que ostentam o nome de Yahweh em seus lábios, em juramentos e em seu testemunho no tribunal, mas o fazem em conexão com a inverdade, o “vazio”. Há membros assim na comunidade. Talvez o salmista tenha sido acusado de ser assim e, portanto, prefere declarar que, na realidade, é totalmente contra tais pessoas e contra tudo o que elas representam. Não há nenhuma relação entre eles. O salmista as trata como inimigos em vez de amigos (o comentário de Agostinho sobre sermos chamados a amar os nossos inimigos, mas não a amar os inimigos de Deus, está de acordo com a posição do salmista). Como um sinal de que não é essa pessoa, o salmista clama a Deus para lidar com os infiéis. Seria uma oração muito perigosa caso ele, na realidade, pertencesse à companhia dos infiéis.

O convite de encerramento do salmista para Deus examiná-lo é, então, uma entrega de si mesmo à sondagem divina, para ver se o seu compromisso é real. As seções anteriores é que acrescentam peso a essa autoexposição. Ali, ele deixou claro que compreende a seriedade dessa sondagem. Não há como enganar Deus quanto à natureza do nosso compromisso com os seus caminhos. Não há como escapar de Deus se fingirmos ser algo que não somos.

Não surpreendentemente (li em uma revista), o melhor lugar para se comprar um colete à prova de balas é Bogotá, na Colômbia, país no qual dois estudantes da Universidade dos Andes notaram que os guarda-costas não vestiam o seu colete à prova de balas por ser incômodo e pesado. Assim, decidiram desenvolver algo mais "vestível". A empresa deles, hoje, confecciona uma armadura corporal, de acordo com a moda vigente, para policiais, artistas de hip-hop e executivos de negócios, além de vestimentas para religiosos, que correm o risco de serem assassinados caso falem algo contra o tráfico de drogas ou a corrupção. Igualmente, produzem uma Bíblia de grandes dimensões, à prova de balas, que os religiosos podem usar como escudo protetor.

No entanto, a aquisição de um desses produtos requer alguns milhares de dólares, e a maioria daqueles sob risco de violência não tem dinheiro suficiente. O salmo 140 existe para essas pessoas. Do Saltério, pode-se, às vezes, ter a impressão de que Jerusalém ou alguma vila israelita era quase tão perigosa quanto a cidade de Bogotá. As armas desses malfeitores israelitas eram, com frequência, não tangíveis, mas legais, e a referência a cobras e aranhas venenosas mostra que eram também ameaçadoras. A história sobre Nabote e a sua vinha, em 1Reis 21, ilustra a vulnerabilidade de um israelita comum, quando cruzava o caminho de pessoas "importantes" com recursos para perverter o sistema legal e obter lucro às custas da vida de um cidadão comum.

Quando as pessoas possuem propósitos que envolvem a sua vida, então a oração é o que lhe resta. Tudo o que podem fazer é orar pedindo que Deus lhes mostre graça. Uma vez mais, o salmista lembra Deus da sua própria natureza como aquele que possui força para proteger e recorda as ocasiões do passado, nas quais Yahweh providenciou proteção. Uma vez mais, o salmo declara a convicção de que Deus está ao lado dos humildes e dos necessitados, quando eles são fiéis e retos. De novo, o salmo insta Deus a tornar os pretensos assassinos em vítimas de seus próprios planos. Não seria surpresa caso os conspiradores participassem dos mesmos cultos do templo que a pessoa que ora esse salmo e a possibilidade de a resposta de Deus à oração movê-los a reconsiderar os seus planos.

Às vezes, a minha esposa, coloca a sua mão sobre a minha boca para me impedir de dizer algo ou para me calar. Isso funciona. Certa feita, um amigo me disse, com um pequeno sorriso: “Você precisa aprender a autocensura.” Não sou muito bom em pensar nos possíveis efeitos das minhas palavras antes de proferi-las. Às vezes, descubro isso somente quando as expresso verbalmente e ouço o que digo, mas, então, pode ser muito tarde. Posso magoar pessoas ou causar problemas que não pretendia. Reconheço que há outras ocasiões nas quais falo para causar algum impacto e fico satisfeito por fazê-lo. Isso significa que alguma questão ali precisa ser considerada e discutida.

O salmo pede a Deus por alguma forma de autocensura e denota um senso de urgência nesse apelo. O uso duplo do verbo “clamar” é que implica o ponto, especialmente a primeira e taxativa ocorrência do verbo quando expressa não meramente “clamo a ti”, mas “eu te clamo”, mais como um senhor chamando o seu servo do que um servo falando a um senhor. O imaginário também estabelece o ponto. Quando se oferece o sacrifício com a sua oferta de incenso associada, pode-se ver o sacrifício queimar e o incenso subir. A verbalização de uma súplica ou o levantar de mãos em uma oração, especialmente em um local da vida cotidiana que seja distante do templo, pode parecer menos contundente quando desacompanhados desses símbolos de louvor e de oração. Assim, o salmista pede a Deus para tratar as suas súplicas com a mesma seriedade que elas receberiam caso fossem complementadas pelos acompanhamentos naturais de oração no culto.

Metaforicamente, o salmo pede para Deus colocar a sua mão sobre a minha boca. Claro que, por trás do que verbalizamos regularmente, está o que pensamos, e, desse modo, o salmo prossegue pedindo a Deus para exercer algum controle também sobre a minha mente. Como Deus faz isso na prática? Presumo que não seja assumindo o controle do meu pensamento, ao diretamente determinar como a minha mente deve funcionar, a exemplo de uma agência política que impede o acesso a certos arquivos. Decerto a nossa vida seria mais fácil, caso Deus assim procedesse, mas não me parece alinhado com o objetivo divino de que devemos aprender a viver de forma adulta e responsável. Considero que Deus opera influenciando-nos por meio dos pais, pela maneira com que buscam influenciar os seus filhos adolescentes ou recém-chegados à vida adulta, enfatizando fatos, argumentando, mostrando exemplos e persuadindo, em vez da opressão que, às vezes, os pais ou responsáveis exercem

sobre os seus filhos mais jovens.

O salmista sabe que necessitamos dessa influência porque somos submetidos a pressões que nos forçam em outras direções, rumo à infidelidade e a seus (aparentes) deleites; o salmo deixa lacunas em branco para preenchermos, para identificarmos a forma de infidelidade que mais nos atrairia. Longe de permitir que sejamos tragados por essa infidelidade, o salmo nos convida a nos apegarmos à ideia de sermos disciplinados por pessoas nas quais confiamos verdadeiramente e à autodisciplina. Se somos sinceros em nosso apelo a Deus para que nos proteja de cedermos à pressão dos prazeres e deleites das outras pessoas, talvez seja necessário nos engajarmos, com seriedade, em alguma autonegação.

Como de costume, os ocidentais podem se sentir ofendidos pela súplica para que os infiéis caiam em suas próprias ciladas. Um dos seus significados é tratar-se de uma oração arriscada, possível de ser feita apenas por pessoas que realmente tenham se afastado de caminhos infiéis e permanecido longe deles.

Em meu comentário sobre os salmos 120 e 121, mencionei a viagem que um grupo de amigos estava realizando a um dos países mais pobres e perigosos do continente africano, com o objetivo de permitir que as vozes dos refugiados ali fossem ouvidas no Ocidente. Nesta semana, eles retornaram em segurança para casa. Não existe educação formal nos campos de refugiados, e um dos financiadores dessa aventura tem a visão de levar um punhado de adolescentes desses acampamentos para um internato em outro país africano, para que possam, eventualmente, retornar como professores para o seu próprio povo. Todavia, os obstáculos ao cumprimento dessa visão são monumentais. Dinheiro é o menor deles. Como refugiados de um país A, vivendo no país B, obtêm os documentos para viajarem ao país C? Como fazer Deus possibilitar que impossibilidades se tornem realidades?

O salmo 142 sugere quatro percepções sobre como obter respostas às orações. Primeira, deixe Deus ouvir o que você está dizendo e pensando. Com frequência, há um bom motivo para temermos que Deus ouça o que proferimos, mas também sabemos que quando ouvimos alguém dizer algo que não é dirigido a nós, mas se refere a nós, isso pode ter um efeito imediato em nossa atenção. Assim, o salmo começa falando sobre Deus. Segunda, fale diretamente a Deus sobre as suas necessidades ou as carências das pessoas com as quais você se preocupa. O salmo discorre sobre o meu murmurar, a minha aflição, o meu espírito desfalecer. O salmista explicita o nosso reconhecimento de que não revelamos nada que Deus já não saiba (“Tu és aquele que conhece a minha vereda”, a experiência pela qual estou passando). Deus tem ciência de todos esses fatos, não obstante as orações bíblicas jamais se privam de contar a Deus coisas que ele já sabe, ao contrário de um adolescente que evita dizer à sua mãe coisas que ela sabe. Um dos pontos sobre não ocultar nada é que isso nos faz sentir melhor; o outro é mover o agir de Deus, tornar impossível o silêncio de Deus em relação às nossas orações.

Terceira, fale com Deus sobre não ter mais a quem recorrer. “Ninguém me dá atenção; então tu deves me ouvir. Ninguém em cargos de poder se importa com a situação desses jovens nos campos de refugiados. Eles têm o melhor refúgio que o UNHCR [Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados] pode lhes proporcionar, mas, por outro lado, mesmo esse refúgio não os protege o suficiente. Ninguém se importa com eles. A não ser que tu intervenhas, Senhor, nada mudará.” Quarta, instigue Deus a fazer o que é necessário e indique como

isso trará honra a Deus.

Primeiro Samuel 22 descreve a ocasião em que Davi foi obrigado a se esconder em uma caverna, e podemos imaginá-lo orando dessa maneira. As introduções a muitos salmos referem-se a incidentes na vida de Davi, relatados em 1 e 2 Samuel. A leitura da narrativa desses incidentes, normalmente, produz dois resultados. Um deles é a possibilidade de imaginar Davi orando o salmo no interior da caverna. No entanto, também é possível vislumbrar, no salmo, outros elementos que não se encaixam no relato. O salmo 51 fornece um bom exemplo. A possível implicação é que as referências às introduções não significam que Davi, de fato, orou o salmo naquela situação; antes, que talvez seja esclarecedor considerar o salmo e a história em conjunto, por haver essa sobreposição.

Ao contrário da decisão que ela anunciou, alguns dias atrás, a primeira coisa que a minha esposa fez, nesta manhã, foi sentar-se à frente do seu computador e verificar as notícias. Depois de algum tempo, perguntei-lhe o que havia acontecido com a decisão de iniciar o dia com um período de devoção e, com horror, ela admitiu que havia se esquecido. A minha esposa, então, correu a preparar o café da manhã. (Ela tem feito as suas devocionais desde que escrevi esse comentário e, como você pode deduzir dos meus agradecimentos, eu jamais incluiria essa informação sem a concordância dela, portanto ela não me percebe como sendo passivo-agressivo.) Ainda bem que a relação entre Deus e nós não depende da nossa fidelidade quanto depende da fidelidade divina; a minha esposa sabe desse fato e confia nele, de uma forma positiva. Somos propensos a contar com a certeza da fidelidade de Deus e não nos obrigarmos a cumprir a nossa. No cristianismo ocidental contemporâneo, segundo a minha experiência, o maior risco que corremos é a presunção de que a nossa fidelidade determina a fidelidade de Deus, que ele se relaciona conosco em resposta ao nosso relacionamento com ele.

Os versículos inaugurais do salmo 143 expõem a questão de como a fidelidade divina e a nossa própria se relacionam e apontam para o fato de a fidelidade de Deus ser a determinante. O argumento deles é o mesmo abordado por Paulo em Romanos 3, a fim de mostrar como as Escrituras deixam claro que somos todos transgressores, judeus e gentios. O apóstolo, explicitamente, menciona uma sequência de passagens oriundas, principalmente, do Saltério e, então, no versículo 10, resume o ponto do início do salmo 143: “Não há nenhum justo, nem um sequer” (NVI). A ênfase de Paulo é a mesma do salmista: estabelecer que a relação entre Deus e nós depende, fundamentalmente, mais da fidelidade divina do que da nossa. Com efeito, quando Paulo fala sobre “justiça”, ele usa a palavra no sentido do Antigo Testamento, expressando que Deus está fazendo a coisa certa e sendo fiel. A suprema manifestação da fidelidade divina é o envio de Jesus para nos redimir; a única contribuição que fazemos para a nossa salvação é a nossa disposição de confiar em Jesus.

O evangelho, portanto, está em conformidade com o salmo. Ao reconhecer que nenhum de nós é contado como fiel ou faz a coisa certa quando Deus olha para nós (alguns podem se sentir satisfeitos apenas comparando-se a outras pessoas), o salmista pode encarar esse fato, pois já apelou à veracidade e à fidelidade de Deus. O tema é, então, é retomado nos dois últimos versículos do salmo, com o

apelo ao compromisso e à fidelidade de Deus.

Na seção intermediária, o salmo também deixa claro que reconhecer que ninguém pode alegar ser totalmente fiel e, assim, ter o direito e, portanto, uma reivindicação sobre Deus, não implica que todos somos igualmente pecaminosos. Ambos os Testamentos reconhecem que há pessoas boas e más; a maioria de nós situa-se entre os dois extremos. O salmista admite que o fato de não ser, em última análise, fiel não me serve de desculpa para eu não ser tão compromissado quanto posso ser, e, sem nenhuma contradição, esse compromisso é parte da base para suplicar a Deus que tome o meu lado contra os que me perseguem. Por implicação, se não posso alegar ter um grau razoável de comprometimento, é melhor considerar essa questão com Deus antes de tentar pedir a sua intervenção.

Talvez o mais surpreendente seja o fato de que a alegação quanto ao comprometimento no passado não ser incompatível com o pedido para que Deus me guie pelo caminho certo no futuro. Quando os cristãos me falam da orientação ou liderança de Deus, de modo característico eles desejam saber se devem namorar com uma pessoa em particular ou se devem aceitar determinado emprego. Deus é propenso a deixar essas questões para a nossa decisão, como um bom pai ou uma boa mãe. Quando a Bíblia fala sobre a orientação e a liderança de Deus, caracteristicamente refere-se a reconhecermos o caminho moralmente correto. O salmo implica que andar no caminho certo no passado não exclui a possibilidade de nos desviarmos no futuro.

Anos atrás, realizei uma pequena pesquisa no rastreio de meus ancestrais. Eram tempos anteriores à Internet, a investigação envolveu debruçar-me sobre volumes antigos no arquivo desses registros, em Londres. Às vezes, deparava-me com outro “John Goldingay”, que vivera havia mais de um século. Em outras, estava lendo o registro de casamento de um ancestral analfabeto, cuja assinatura era um mero X, o que me fazia refletir sobre quão privilegiado eu sou, por nascer e crescer em uma época na qual, alguém oriundo de um cenário tão comum, tivesse a oportunidade de receber a mesma educação de uma pessoa de uma classe muito superior. Algumas vezes, surpreendia-me por encontrar um ancestral do século XIX que viveu além dos noventa anos, quando a expectativa de vida era bem menor que a dos dias atuais.

Há muita diferença quando nos comparamos com pessoas de um século ou dois atrás, mas existe também muita similaridade, não apenas o fato de todos nós morrermos. O salmo 144 comenta que o ser humano é um mero sopro; seus dias são como uma sombra passageira. A pergunta para a qual essa definição é uma resposta: “O que é um ser humano?”, vem do salmo 8, mas o salmo 144 leva essa questão a uma direção distinta. O salmo 8 maravilha-se pelo fato de Deus colocar meros seres humanos no controle do mundo; o salmo 144 maravilha-se pelo fato de Deus colocar um ser humano em particular, o rei ou o governador, a cargo de Israel. Ironicamente, outro aspecto da resposta à pergunta sobre o motivo de Deus designar um mero ser humano a cargo de Israel é: “Bem, fiz isso porque Israel me pediu.” Primeiro Samuel 8 relata como Deus designou um rei sobre Israel por causa do desejo dos israelitas, não de Deus. É assustador pensar que o que é ligado na terra possa ser ligado no céu (Mateus 16:19).

Essa disposição da parte de Deus torna-se tanto uma maldição quanto uma bênção para Israel e para os seus reis. O salmo144 convida o líder a se alegrar no extraordinário apoio e proteção de Deus. O compromisso assumido por Deus em relação a Davi é para o encorajamento de cada Davi subsequente. Esse suporte é a base para o sentimento de admiração pelo fato de Deus prestar atenção nele, apesar de ser um mero ser humano. A última parte do salmo pode, igualmente, reforçar o comentário sobre os seus dias serem semelhantes a uma sombra efêmera. Embora o líder disponha de um plano de saúde melhor do que os israelitas comuns, quando chega a batalha ele passa a ser o principal alvo daqueles que fingem ser aliados, mas cujas palavras são vazias e cuja aliança não é digna de confiança. Ele, de fato, precisa apelar para que Deus o resgate da mão

direita que se propõe a oferecer tratados, mas, na verdade, oculta uma espada. É alguém cujos dias são como uma sombra passageira, provavelmente, uma que passa rapidamente. Ele precisa que Deus esteja preparado para separar a aparentemente firme e contínua vastidão do céu e intervir no mundo, e viver de acordo com a descrição das linhas inaugurais do salmo.

A derradeira seção olha para além de qualquer crise que possa confrontar o líder, para a bênção que Deus trará, e personifica o lembrete de que o envolvimento de Deus com ele não é para o seu próprio bem, mas para o bem de seu povo. Em última análise, Deus escolheu o povo como um todo, não Davi e seus sucessores.

Certa feita, um aluno perguntou-me porque a Oração do Senhor, conhecida como Pai-nosso, tão diferente das orações presentes no Saltério que, caracteristicamente, clamam e lançam protestos a Deus por causa das necessidades prementes das pessoas. Eu não sabia ao certo o que responder naquele momento, mas durante um tempo elaborei o que imaginei ser uma resposta notável com relação ao contexto da Oração do Senhor no ministério de Jesus. Contudo, não irei incomodar você com isso, pois percebo agora muitos equívocos. A oração é, de fato, diferente dos salmos de protesto, mas é similar a outros salmos que focam mais o louvor.

O salmo 145 ilustra esse ponto de variadas formas, e o faz por seu foco no reino de Deus. A diferença na Oração do Senhor é a sua expressão do desejo: “Venha o teu reino.” O salmo fala do reino de Deus como uma realidade presente. Há certa adequação nas duas abordagens. Deus é soberano; o mundo não está fora do controle divino; e ele mostra esse poder real com a provisão para o mundo e para seu povo. Mas o reino de Deus não é, de modo algum, uma realidade completa no mundo ou na igreja.

Na Oração do Senhor, esse anseio, “Venha o teu reino”, está presente no contexto de outros anseios: “Santificado seja o teu nome” e “Seja feita a tua vontade”. Tais anseios significam mais do que um compromisso de nossa parte em relação a cada uma dessas prioridades em nossa vida. Caso fossem apenas atos disfarçados de autocompromisso, eles perderiam o seu significado como orações. Contudo, igualmente perderiam a sua validade como orações se não implicassem atos de compromisso da nossa parte. O salmo 145 foca o aspecto de compromisso em relação ao nosso reconhecimento de Deus.

Uma terceira comparação e contraste aparece na fala sobre alimento e temas associados. O salmo observa que Deus concede aos seres humanos e aos animais o alimento no tempo devido. A Oração do Senhor, portanto, pode pedir que nos seja dado o nosso pão de cada dia. É possível fazer uma ligação adicional entre as declarações sobre a proximidade de Yahweh com as pessoas que clamam a ele, especialmente quando estão sob pressão, e a súplica para Deus nos livrar do mal e não nos deixar cair em tentação. No entanto, outra ligação reside no mesmo contexto, no pedido de perdão que aparece na Oração do Senhor, cujo fundamento teológico está no fato observado pelo salmista de que Yahweh é gracioso e compassivo, longânimo e grande em compromisso.

Há um significado adicional na última parte do histórico. O salmo possui todas aquelas conexões com o futuro, no fato de Jesus retomar os seus temas na Oração do Senhor. Ainda há uma importante conexão com o passado, inserindo-o no cenário da revelação anterior de Deus. Ao declarar que Yahweh é gracioso e compassivo, longânimo e grande em compromisso, o salmo retoma aspectos da autodescrição de Yahweh no Sinai, em Êxodo 34. Quando Deus deseja que saibamos as coisas básicas sobre ele, essas são elas. A descrição é retomada inúmeras vezes nos Salmos e em outras passagens.

Além disso, o fato de ser outro salmo alfabético, a exemplo dos salmos 111 e 119, adequa-se às ligações passadas e futuras do salmo. Em outras palavras, cada versículo do salmo é iniciado com uma das letras do alfabeto hebraico (exceto o N, por algum motivo — daí o fato de, na realidade, o salmo possuir 21 versículos). Se deseja saber como é o louvor de A a Z, o salmo 145 pode lhe dar a resposta. Pergunto-me como seria uma oração ou ato de louvor com base nas 26 letras do nosso alfabeto!

Lembro-me daquele dia de inverno, quando anunciei na faculdade teológica em Londres, da qual era o diretor, que iria sair no próximo verão. Para minha surpresa, o anúncio gerou um sentimento de ansiedade entre inúmeros estudantes. Talvez estivesse enganando a mim mesmo ao avaliar que a mudança não faria muita diferença para eles; o corpo diretivo, certamente, indicaria outra pessoa, cujas visões, atitudes e aspirações não seriam muito divergentes das minhas. É possível que eu estivesse equivocado quanto à diferença que um indivíduo faz na liderança de uma instituição, tal como um seminário ou igreja. Ainda, não há dúvidas de que muitas pessoas confiam nos líderes de uma instituição por apreciarem a maneira com que ela está sendo administrada. A liderança é um ídolo.

Portanto, é positivo e importante para a igreja do Ocidente que o salmo 146 advirta a congregação de não confiar em líderes. O salmo aponta três dos muitos motivos pelos quais essa é uma relevante exortação. Primeiro, os líderes não são capazes de libertar ou socorrer o seu povo. Essa pode ser uma afirmação surpreendente, mas os dois verbos possuem um grande peso no Saltério. "Libertação" é, por definição, algo que somente Deus pode realizar. "Socorrer" não está longe de ter a mesma implicação; o verbo não denota assistir pessoas com algo que elas não podem fazer por conta própria, mas, em vez disso, expressa resgatar alguém que, de outra forma, afundaria.

O segundo fundamento para afirmar que não devemos confiar em líderes aponta para o particular motivo de eles não serem capazes de libertar ou socorrer; eles morrem. Ou, pelo menos, vão embora. Os planos que eles têm em mente se tornam irrelevantes; o tempo deles chega. O corpo docente do meu seminário atual sabe que o presidente não pode permanecer em seu cargo indefinidamente; cedo ou tarde, ele irá se aposentar. E, quando pensamos nisso, esse fato suscita certa ansiedade em nós. Quem será o próximo presidente? Seremos capazes de confiar nele(a) e amá-lo(a) como o presidente atual? Quando pastores de igrejas vão embora ou morrem, as congregações, com frequência, são impactadas. Por que isso ocorre?

Desvie o seu olhar dessas questões, diz o salmo, e lembre-se de quem realmente está no cargo. Aquele a quem as expressões "para sempre" e "por todas as gerações" podem ser anexadas, acerca do qual pode-se ter expectativas de que não irá falhar por causa da sua morte, aposentadoria ou partida.

O salmo implica um terceiro motivo para não confiarmos em líderes. Com frequência, nos sentimos chocados e surpresos por ver como os líderes usam a sua posição em benefício próprio e/ou erram moralmente, mas isso não deveria nos surpreender ou chocar, pois o desejo de estar em uma posição de poder, em geral, sugere que há algo questionável quanto ao caráter dessa pessoa. Estou escrevendo no dia da morte do escritor Christopher Hitchens, que foi muito criticado por defender a visão de que os políticos fazem coisas más porque, na verdade, são homens maus. Ainda que não haja algo questionável sobre o caráter de um candidato a líder, a posição de poder irá impor enormes pressões sobre o seu caráter. Muito provavelmente, os líderes não serão o tipo de pessoa que guarda a fé ou exercita autoridade em favor dos oprimidos, concede alimento aos famintos, cuida dos estrangeiros ou alivia órfãos e viúvas. Portanto, é melhor confiarmos em Deus, porque ele é essa espécie de líder.

Aos próprios líderes, então, o salmo diz: “Lembrem-se de que vocês não conseguem libertar; lembrem-se de que morrerão; e lembrem-se de serem como Deus na maneira de agir em relação às pessoas.”

Seiscentos anos antes de Cristo, a cidade de Jerusalém foi destruída, e grande parte de seu povo foi levado para o exílio na Babilônia. Não surpreendentemente, com o tempo, eles se tornaram desmoralizados e acharam difícil crer que Deus iria se envolver com eles novamente. As profecias em Isaías 40—55 são dirigidas aos judaítas nesse estado de descrença e desmoralização, e uma das maneiras pelas quais as profecias buscam restaurar a fé do povo é pela lembrança de que o Deus deles é o grande Criador. Aquele que, no princípio, criou o mundo, é capaz de agir, no presente, com criativo poder na vida deles.

O salmo 147, igualmente, mescla o discurso de Deus como criador e como construtor de Jerusalém, e talvez o faça pelo mesmo motivo. As três seções funcionam segundo o modelo clássico de um hino de louvor no Saltério. Por três vezes o salmo conclama o povo e a cidade a louvarem a Deus, e por três vezes o salmo prossegue dando motivos para eles louvarem, indicando o conteúdo de louvor sugerido. Em cada vez, o conteúdo desse louvor mescla afirmações sobre o relacionamento de Deus com o povo e sobre a criação.

A primeira seção implica o contexto do exílio. A cidade foi devastada e privada dos seus habitantes, e, contrariando todas as evidências, o salmo declara que Yahweh é o construtor de Jerusalém e aquele que reúne os exilados, o curador dos espíritos quebrantados, o enfermeiro que enfaixa as feridas, aquele que levanta os humildes e derruba as superpotências. Como acreditar nessas declarações? Pode-se crer nelas com base no fato de que o Deus de quem o salmista fala é aquele que controla as estrelas e que não pode ser controlado. Os babilônios acreditavam que as estrelas controlavam o que acontecia na terra; o salmo não discute essa crença, mas indica que há alguém que controla as próprias estrelas. Em teoria, os israelitas criam nisso; eles precisavam ver as implicações em seu próprio destino. No mundo ocidental, somos propensos a crer que controlamos o nosso destino.

A seção intermediária traz o trabalho do criador mais próximo de casa. Teoricamente, os israelitas acreditam que Yahweh é aquele que faz a natureza funcionar e, portanto, que assegura alimento suficiente a todas as criaturas da terra. Em teoria, creem que Yahweh não se preocupa com o poderio militar de uma nação; essa consideração não é o que decide o destino de um povo. A questão é: Que atitude um povo humilde adota diante de Deus? Imagina que o

próprio destino depende de si mesmo?

A terceira pergunta faz parecer como se a restauração da cidade já tivesse ocorrido, embora possa estar se referindo ao passado, quando Deus guardava a cidade em seu apogeu, antes do exílio. Seja como for, uma vez mais, o salmo entrelaça a obra de Deus como senhor da natureza e como senhor do destino da cidade. Então, no encerramento, passa a falar sobre a marcante revelação que Deus fez da sua vontade a Israel. Outros povos não sabiam sobre adorar apenas a Yahweh, ou sobre a proibição de usar imagens, ou sobre a guarda do sábado. Quão privilegiados os israelitas são por conhecerem essas expectativas divinas. Quão irônico é falharem frequentemente em cumpri-las. Essa falha é o motivo de a cidade ter sido destruída e de eles terem sido levados para o exílio.

Na adolescência, não aprendi a dançar ou atirar com uma arma por diferentes motivos. A dança por ser considerada uma atividade “mundana”; não era adequada aos jovens realmente comprometidos com Deus. Não aprendi a atirar porque optei por não me unir à “força de cadetes” no colégio, o equivalente britânico ao ROTC [Corpo de Treinamento dos Oficiais da Reserva], que treinava os jovens alunos nas disciplinas e habilidades que seriam úteis (entre outras coisas) caso, no devido tempo, eles entrassem para o Exército. Creio que não tinha motivos profundos para recusar essa “força”; apenas não dispunha de motivação suficiente. Ainda não sei como atirar e, na verdade, ainda não sei dançar, mas isso não me impede de me lançar na pista de dança com entusiasmo.

O salmo 149 implica que os israelitas eram capazes de dançar e de atirar; ele considera que a dança é uma parte natural da adoração e, igualmente, o uso de instrumentos como o tamborim e a harpa (as traduções, às vezes, apresentam “lira”, mas a harpa é o equivalente moderno da lira). Sua implicação é que a adoração envolve toda a pessoa; como poderia expressar entusiasmo por seu Criador e Rei se permanecesse imóvel? Essa presunção deixa os cristãos ocidentais desconfortáveis; pelo menos, poucas igrejas se comportam como se a adoração envolvesse toda pessoa. A suave transição da dança para o brandir da espada também nos perturba. Na verdade, o Novo Testamento não faz referência à dança ou ao uso de instrumentos na adoração; por consequência, certas tradições cristãs os têm evitado. Em contraste, o Novo Testamento refere-se ao uso da espada (p. ex., Romanos 13:4), todavia algumas tradições cristãs também são reservadas quanto a esse assunto.

A liberdade do salmista com respeito à adoração é, portanto, reconfortante, do mesmo modo que o seu compromisso com a queda do mal. O salmista não espera que o povo de Deus cruze os braços quando o mal é feito, nem intervenha apenas quando o suprimento de petróleo é ameaçado. Aqui, o povo de Deus aceita a responsabilidade por derrubar o mal. Quando Israel está sob ataque, o livro de Salmos considera que o seu trabalho é confiar em Deus, não buscar a autodefesa. Todavia, o quadro muda quando o mal deve ser punido e há pessoas indefesas a serem resgatadas. A presunção de que um povo pequeno como Israel pode derrubar reis e impérios é loucura, embora não o seja se você crê em Deus e sabe que há uma decisão divina que precisa ser implementada.

A ideia adicional que, de fato, domina o salmo 148 também é estranha ao

pensamento cristão ocidental. Pelo mesmo motivo que nos impede de considerar com naturalidade a dança como expressão de adoração, temos dificuldades de imaginar a adoração sendo oferecida pelo sol e pela lua, pelos monstros marinhos, pelas árvores frutíferas ou pelos rebanhos. Pensamos na adoração como algo que essencialmente envolve a mente e o coração. Os salmos, certamente, expressam que a mente e o coração fazem parte dela, mas eles permitem outras verdades sobre a adoração. A expressão “Louvem a Yah!” aparece em ambas as extremidades dos salmos 146—150; normalmente é transliterada como “Aleluia”. Essa palavra hebraica particular para louvor, halal, sugere a emissão de um som ululante, como “Lalalá”. Se as palavras são menos essenciais à adoração do que imaginamos, e o envolvimento do corpo é mais importante, deixa de ser estranho pensar em árvores adorando, quando seus galhos balançam, de animais louvando com seus uivos, rugidos e silvos. Se há uma “música das esferas”, então o seu som é para o louvor de Deus.

Caso foquemos o louvor oferecido pelos seres conscientes, uma vez mais o salmo expande o nosso horizonte, ao nos lembrar de que o corpo convocado a louvar inclui todos os ajudantes e exércitos divinos. Ao lado da referência aos monstros (e a reis, líderes e autoridades), o salmo nos lembra que há inúmeras entidades nos céus e na terra mais interessadas em resistir a Deus do que louvá-lo, mas tem uma visão de todos eles sendo atraídos ao louvor. Considerem a própria majestade de Deus; sejam realistas, rapazes. No entanto, o salmo termina com um motivo complementar para o próprio louvor de Israel. Como o louvor sem palavras dos céus e da terra deveria inspirar o louvor sem palavras e verbal, racional e sincero de Israel!

O título que dei a esse salmo final é a nota de rodapé dos rabinos ao texto hebraico do livro de Salmos. Percorremos um longo caminho, desde o salmo 1, onde começamos com uma exortação a prestar atenção ao ensino de Yahweh e, então, passamos a uma promessa ao rei, no salmo 2. Pode-se dizer que o segundo salmo a partir do fim (salmo 149) corresponde ao segundo salmo a partir do início em suas afirmações sobre as nações sendo repreendidas e reis sendo derrubados, mas o último salmo contrasta com o primeiro. Igualmente, contrasta com o desenvolvimento do livro de Salmos após aquela abertura: a primeira metade do livro foi dominada pela oração e pelo protesto, porém o louvor é mais proeminente na segunda metade, culminando com os salmos 146—150. O título hebraico do livro de Salmos, Louvores, não é apropriado ao livro como um todo, mas corresponde ao encerramento do livro, no qual a dor, o abandono e o desapontamento são esquecidos — e isso corresponde a onde tudo deve terminar.

Observamos que o louvor no Saltério, normalmente, envolve duas características: uma exortação ou compromisso pessoal com o louvor e os motivos para ou o conteúdo desse louvor. Algumas vezes, um salmo de louvor omite a primeira característica e salta direto para a segunda, o conteúdo do louvor. Apenas o salmo 150 abrange somente a primeira característica (embora o v. 2 aluda brevemente ao conteúdo do louvor que o salmo conclama), que, em outras passagens, representa algo mais como uma introdução. O salmo 150 não é uma introdução a nada; antes, é mais como uma conclusão. Com efeito, ele diz: “Muito dissemos a respeito de Deus em todos esses salmos; à luz do que dissemos, você conhece todos os motivos para louvar a Deus. Faça isso.”

Há pessoas que precisam ser lembradas de que a Bíblia está interessada na manifestação de compaixão aos necessitados por parte delas, não apenas na oferta de uma adoração entusiasmada. Outras necessitam ser lembradas de que a Bíblia está interessada na oferta de uma adoração entusiástica, não apenas de compaixão aos necessitados.

GLOSSÁRIO

Ajudante. Um agente sobrenatural por meio do qual Deus pode aparecer e operar no mundo. As traduções, em geral, referem-se a eles como “anjos”, mas essa designação tende a sugerir figuras etéreas dotadas de asas, ostentando vestes brancas e translúcidas. Os ajudantes são figuras semelhantes aos humanos; por essa razão, é possível agir com hospitalidade sem perceber quem são (Hebreus 13:2). Ainda, eles não possuem asas; por isso, necessitam de uma rampa ou escadaria entre o céu e a terra (Gênesis 28). Eles surgem com a intenção de agir ou falar em nome de Deus e, assim, representá-lo plenamente, falando como se fossem Deus (Gênesis 22). Estão envolvidos em ações dinâmicas e firmes no mundo (Salmos 34—35); os ajudantes, portanto, trazem a realidade da presença, da ação e da voz de Deus, sem trazer aquela presença real que aniquilaria os meros mortais ou danificaria a sua audição.

Aliança. A palavra hebraica berit abrange alianças, tratados e contratos, mas todas essas são formas pelas quais as pessoas estabelecem um compromisso formal sobre algo. Onde há um sistema legal ao qual as pessoas podem apelar, os contratos pressupõem um sistema para resolver disputas e ministrar justiça que pode ser utilizado caso uma das partes não cumpra com os seus compromissos. Em contraste, um relacionamento de aliança não pressupõe uma estrutura legal executável dessa espécie, mas a aliança envolve algum procedimento formal que confirme a seriedade do compromisso solene que as partes assumem uma com a outra. Desse modo, o Antigo Testamento frequentemente fala sobre “selar” uma aliança; textualmente, “cortá-la” (o pano de fundo reside no tipo de procedimento formal descrito em Gênesis 15 e Jeremias 34:18-20, embora esse tipo de procedimento dificilmente fosse exigido toda vez que alguém assumia um compromisso de aliança). Às vezes, as pessoas selam alianças para outras pessoas e, às vezes, com outras pessoas. A primeira implica algo mais unilateral; a outra envolve algo mais recíproco. Igualmente, as alianças envolvendo Deus podem ser mais unilaterais (denotando o compromisso que Deus faz ou o que ele espera), ou bilateral (denotando o compromisso mútuo

entre Deus e Israel).

Altar. Trata-se de uma estrutura para oferta de sacrifício (o termo vem da palavra para sacrifício), feita de terra ou pedra. Um altar pode ser relativamente pequeno, como uma mesa, e o ofertante deve ficar diante dele. Ou pode ser mais alto e maior, como uma plataforma, e o ofertante tem de subir nele.

Asafe. Asafe era um dos líderes de música na adoração do templo, designados por Davi, segundo 1Crônicas 6:39. Com frequência, Crônicas cita os descendentes de Asafe nessa função, e a referência a ele, nas introduções dos salmos, pode aludir a esse coro asafita, do mesmo modo que "Davi" pode ser usado em relação aos reis davídicos em geral.

Assíria, assírios. A primeira grande superpotência do Oriente Médio, os assírios expandiram o seu império rumo ao Ocidente, até a Síria-Palestina, no século VIII a.C. Primeiro, a Assíria anexou Efraim ao seu império. Quando Efraim persistiu tentando retomar a sua independência, os exércitos assírios invadiram Efraim e destruíram a sua capital, Samaria, levando cativo grande parte de seu povo e substituindo-os por pessoas oriundas de outras partes do seu império. Invadiram também Judá e devastaram uma extensa área do país, mas não tomaram Jerusalém. Profetas como Amós e Isaías descrevem o modo pelo qual Yahweh estava, portanto, usando a Assíria como um meio de disciplinar Israel.

Autoridade, autoritativo. As traduções, normalmente, traduzem o termo hebraico mishpat por palavras como "julgamento" ou "justiça", mas a conotação subjacente a essa palavra é o exercício de autoridade e a tomada de decisões. Trata-se de uma palavra para "governo". A princípio, então, o termo possui implicações positivas, embora seja possível aos que detêm autoridade tomar decisões injustas. A função do rei é exercer autoridade de acordo com a fidelidade a Deus e ao povo, com o fim de trazer libertação.

Exercer autoridade significa tomar decisões e agir com firmeza e determinação em favor de pessoas em necessidade e aquelas prejudicadas pelos poderosos. Portanto, falar de Deus na posição de juiz significa boas-novas (exceto se você for um grande malfeitor). As "decisões" de Deus também podem denotar as declarações autoritativas de Deus quanto ao comportamento humano e sobre o que ele intenciona fazer.

Babilônia, babilônios. Um poder menor no contexto da história primitiva de Israel, ao tempo de Jeremias, os babilônios assumiram a posição de superpotência da Assíria, mantendo-a por quase um século, até ser conquistada pela Pérsia. Profetas como Jeremias descrevem como Yahweh estava usando a Babilônia como um meio de disciplinar Judá. Suas histórias sobre a criação, códigos legais e textos mais filosóficos nos auxiliam a compreender aspectos de escritos equivalentes presentes no Antigo Testamento, embora sua religião astrológica também constitua o cenário para polêmicos aspectos nos profetas.

Baú da declaração. A ACF, bem como outras versões bíblicas, faz referência a uma "arca", mas a palavra significa uma caixa, embora seja apenas usada ocasionalmente para expressar baús usados para outros fins. Nas traduções bíblicas em geral, aparece como "a arca da aliança", mas a expressão não usa a palavra comum para "aliança", mas um termo que significa uma declaração solene. Portanto, a "arca da aliança" é o "baú da declaração". O objeto mede pouco mais de um metro de comprimento e cerca de setenta centímetros de altura e de largura. A conexão com aliança é pelo fato de o baú conter as expectativas que Deus "declarou" a Israel com respeito à aliança, isto é, as tábuas de pedra inscritas com os Dez Mandamentos, expectativas-chave que Deus estabeleceu em relação ao seu relacionamento de aliança com Israel.

Bem-estar, veja paz

Canaã, cananeus. Como designação bíblica da terra de Israel, como um todo, e referência a todos os povos autóctones daquele território, "cananeus" não constitui, portanto, o nome de um grupo étnico em particular, mas um termo genérico para todos os povos nativos da região.

Cânticos de peregrinação . Estes são os salmos 120—134, os quais não têm muito em comum, exceto esse título, de maneira que eles não parecem ter sido originariamente designados para serem usados em conjunto. O mais provável é que formam uma coletânea de salmos, separados na origem, que eram entoados pelos peregrinos que subiam a Jerusalém para os festivais. Igualmente, são conhecidos como salmos de romagem ou cânticos dos degraus.

Chorar, clamar. Ao descrever a reação dos israelitas quando eles estão sob a opressão dos inimigos, o Antigo Testamento, com frequência, utiliza a mesma palavra usada para descrever o sangue de Abel clamando a Deus, o clamor do povo de Sodoma debaixo da opressão dos perversos, o grito dos israelitas no Egito, bem como o clamoroso lamento das pessoas injustamente tratadas dentro de Israel nos últimos séculos. O termo denota um choro urgente que pressiona Deus por libertação, um brado que Deus ouve, mesmo quando as pessoas merecem a experiência pela qual estão passando.

Composição. Essa é a palavra hebraica normalmente traduzida por "salmo". Sua origem é derivada do termo hebraico para música, sugerindo referir-se a uma composição musical, mas não necessariamente uma composição relativa ao louvor ou à oração. (O termo grego psalmos, origem da palavra "salmos" em nosso idioma, denota um cântico entoado com o acompanhamento de um instrumento de cordas.)

Compromisso, comprometido. O termo corresponde à palavra hebraica hesed, que as traduções expressam de modos distintos: amor inabalável, benignidade, bondade ou fidelidade. É a palavra, presente no Antigo

Testamento, equivalente à palavra especial para amor incondicional, agapē, presente no Novo Testamento. O Antigo Testamento utiliza a palavra "compromisso" em referência a um ato extraordinário por meio do qual uma pessoa se dedica a alguém, numa atitude de generosidade, lealdade ou graça, quando não há uma relação prévia entre as partes e, portanto, nenhuma obrigação para isso. Portanto, em Josué 2, Raabe fala, apropriadamente, de sua proteção aos espias israelitas como um ato de compromisso. Pode também referir-se a um ato extraordinário similar que ocorre quando há uma relação prévia, na qual uma das partes decepciona a outra e, assim, não tem o direito de esperar qualquer fidelidade da outra parte. Caso a parte ofendida continue sendo fiel, trata-se de uma demonstração desse compromisso. Em resposta a Raabe, os espias israelitas declaram que irão se relacionar com ela dessa maneira.

Coraítas. Um dos grupos corais do templo, de acordo com 2Crônicas 20:19. Os salmos coraítas (e.g., salmos 84, 85, 87 e 88) formavam, provavelmente, parte do repertório desse grupo.

Decisão, decisivo, veja autoridade

Efraim. Após o reinado de Salomão, a nação de Israel se dividiu em duas. A maioria dos clãs israelitas estabeleceu um Estado independente, separado de Judá, de Jerusalém e da linhagem de Davi. Por ser o maior dos dois Estados, o reino do Norte manteve o nome Israel como a sua designação política, o que é confuso porque Israel também é o nome do povo que pertence a Deus, como um todo. Nos profetas, às vezes, é difícil dizer se "Israel" refere-se ao povo de Deus ou apenas ao Estado do Norte. No entanto, em algumas passagens, esse Estado também é apresentado com o nome de Efraim, por ser um dos seus clãs dominantes. Assim, uso esse termo como referência ao reino do Norte, na tentativa de minimizar a confusão.

Egito, egípcios. Era o principal poder regional ao sul de Canaã e a terra na qual a família de Jacó encontrou refúgio, mas acabaram como servos e, então, precisaram fugir de lá. No tempo de Moisés, o Egito controlava Canaã; nos séculos subsequentes, o Egito oscilou entre ser uma ameaça a Israel ou um aliado em potencial.

Exílio. No final do século VII a.C., a Babilônia se tornou o maior poder no mundo de Judá, mas os judaítas estavam determinados a se rebelar contra a sua autoridade. Então, como parte de uma campanha vitoriosa para obter a submissão de Judá, em 597 a.C. e 587 a.C. os babilônios transportaram muitos israelitas de Jerusalém para a Babilônia, particularmente pessoas em posições de liderança, como membros da família real e da corte, sacerdotes e profetas (Ezequiel foi um deles). Essas pessoas foram, portanto, compelidas a viver na Babilônia durante os cinquenta anos seguintes ou mais. Pelo mesmo período, as pessoas deixadas em Judá também estavam sob a autoridade dos babilônios. Assim, não estavam fisicamente no exílio, mas também viveram em exílio por um período de tempo.

Fiel, fidelidade. Nas Bíblias do idioma inglês, essas palavras hebraicas (saddiq, sedaqah) são, normalmente, traduzidas por "righteous/righteousness" [justo/justiça ou retidão], mas isso denota uma tendência particular quanto ao que podemos exprimir com esses termos. No original, significam fazer a coisa certa à pessoa com quem alguém está se relacionando, aos membros de uma comunidade. Dessa maneira, as palavras "faithful/faithfulness" [fiel/fidelidade] estão mais próximas do sentido original do que "righteous/righteousness".

Filístia, filisteus. Os filisteus eram um povo oriundo do outro lado do Mediterrâneo para se estabelecer em Canaã, na mesma época do estabelecimento dos israelitas na região, de maneira que os dois povos formaram um movimento acidental de pressão sobre os habitantes já presentes naquele território, bem como se tornaram rivais mútuos pelo controle da área.

Grécia. Em 336 a.C., forças gregas, sob o comando de Alexandre, o Grande, assumiram o controle do Império Persa, mas, após a morte de Alexandre em 333 a.C., o seu império foi dividido. A maior extensão, ao norte e a leste da Palestina, foi governada por Seleuco, um de seus generais, e seus sucessores. Judá ficou sob o controle grego por grande parte dos dois séculos seguintes, embora estivesse situado na fronteira sudoeste desse império e, às vezes, caísse sob o controle do Império Ptolomaico, no Egito, governado por sucessores de outro dos generais de Alexandre.

Infiel, infidelidade. Termos para o pecado que sugerem o oposto de fiel/fidelidade, eles sugerem uma atitude em relação a Deus e aos outros que expressa um desprezo pelo que os relacionamentos corretos merecem.

instrução. Esse termo introdutório pode ser uma indicação de que o salmo em questão seja designado como um modelo para oração ou louvor.

Israel. Originariamente, Israel era o novo nome dado por Deus a Jacó, neto de Abraão. Seus doze filhos foram, então, os patriarcas dos doze clãs que formam o povo de Israel. No tempo de Saul e Davi, esses doze clãs passaram a ser uma entidade política. Assim, Israel significava tanto o povo de Deus quanto uma nação ou Estado, como as demais nações e Estados. Após Salomão, esse Estado dividiu-se em dois, Efraim e Judá. Pelo fato de Efraim ser maior, manteve como referência o nome de Israel. Desse modo, se alguém estiver pensando em Israel como povo de Deus, Judá está incluído. Caso pense em Israel politicamente, Judá não faz parte. Uma vez que Efraim não existe mais, então, para todos os efeitos, Judá é Israel, do mesmo modo que é o povo de Deus.

Judá. Judá era o nome de um dos doze filhos de Jacó e, portanto, o clã que traça a sua ancestralidade até ele e que se tornou dominante no sul dos dois

Estados, após o reinado de Salomão. Mais tarde, como província ou colônia da Pérsia, Judá ficou conhecido como Jeúde.

Libertar, libertador, libertação. Traduções modernas do Antigo Testamento, com frequência, utilizam as palavras "salvar", "salvador" e "salvação", mas elas transmitem uma impressão equivocada. No contexto cristão, elas normalmente se referem ao nosso relacionamento pessoal com Deus e ao deleite do céu. O Antigo Testamento, de fato, fala sobre a nossa relação com Deus, porém não utiliza esse grupo de palavras nessa conexão. Antes, elas fazem referência à intervenção prática de Deus para tirar Israel ou um indivíduo de alguma dificuldade, como, por exemplo, acusações falsas por membros da comunidade ou a invasão de inimigos.

Líder. Esse termo, presente nas introduções dos salmos, provavelmente se refere ao líder de adoração (veja o comentário sobre Asafe, no salmo 50, e compare com Hemã, no salmo 88).

Mar de Juncos. A palavra é a mesma que aparece em Êxodo 2:5, quanto ao local no qual Miriã deixou o cesto com Moisés, à margem do Nilo. Pode ser referente a um dos braços ao norte do que chamamos de mar Vermelho, nos dois lados do Sinai, ou pode ser uma região de lagos pantanosos no interior do Sinai.

Mestre, mestres. Baal é um termo hebraico comum para designar um mestre, senhor ou proprietário, mas também é utilizado para descrever um deus cananeu. É, portanto, similar ao termo para "Senhor", usado para descrever Yahweh. Na verdade, "Mestre" pode ser um nome adequado, como "Senhor". Para deixar essa distinção clara, em geral o Antigo Testamento usa "Mestre" para um deus estrangeiro e "Senhor" para o verdadeiro Deus, Yahweh. A exemplo de outros povos antigos, os cananeus cultuavam inúmeros deuses, e, nesse sentido, o Mestre era apenas um deles, embora fosse um dos mais proeminentes. Além disso, um título como "o

Mestre de Peor” sugere que o Mestre era crido como manifesto e conhecido de variadas formas em lugares distintos. O Antigo Testamento também usa o plural, “Mestres”, como referência aos deuses cananeus em geral.

Nome. O nome de alguém representa a pessoa. O Antigo Testamento fala do templo como um lugar no qual o nome de Deus habita. Trata-se de uma das maneiras de lidar com o paradoxo envolvido em falar do templo como um local da habitação de Deus. Isso reconhece a ausência de sentido: como pode um edifício conter o Deus que não pode ser contido pelos céus, não importa quão amplo ele seja? Não obstante, os israelitas sabem que Deus, em algum sentido, habita no templo e que podem falar com Deus ali; eles têm consciência de que podem falar com Deus em qualquer lugar, mas há uma garantia especial desse fato no templo. O povo de Israel sabe que pode apresentar ofertas lá e que Deus irá recebê-las (supondo que sejam ofertada em boa-fé). Uma forma de tentar explicar o inexplicável ao abordar a presença de Deus no templo é, portanto, falar do nome de Deus como presente ali, pois o nome representa a pessoa. Proferir o nome de alguém, como se sabe, evoca a realidade daquela pessoa; é quase como se ela estivesse ali. Ao dizer o nome de alguém, há um sentido no qual você o evoca. Quando as pessoas murmuram “Jesus, Jesus” em suas orações, isso traz a realidade da presença do Filho de Deus. Igualmente, quando Israel proclamava o nome de Yahweh em adoração, isso trazia a realidade da presença de Deus.

Pausa. O termo hebraico selah, com frequência, surge ao fim das linhas nos salmos e, às vezes, no meio. Significa algo como uma “pausa”, mas não sabemos ao certo o sentido da palavra aqui. As pessoas devem se levantar, ou elevar o tom, ou o quê? A minha teoria favorita é a de que essa foi a palavra usada por Davi para suspender a execução do salmo, após a corda do seu instrumento se romper — o que reforça o fato de não conseguirmos enxergar um padrão na ocorrência da palavra.

Paz. A palavra hebraica shalom pode sugerir paz após um conflito, mas,

com frequência, indica uma ideia mais rica, ou seja, da plenitude de vida. A ACF, às vezes, a traduz por "bem-estar", e as traduções mais modernas usam palavras como "segurança" ou "prosperidade". De qualquer modo, a palavra sugere que tudo está indo bem para você.

Pérsia, persas. A terceira superpotência do Oriente Médio. Sob a liderança de Ciro, o Grande, eles assumiram o controle do Império Babilônico, em 539 a.C. Isaías 40—55 vê a mão de Yahweh levantando Ciro como um instrumento para restaurar Judá após o exílio. Judá e os povos vizinhos, como Samaria, Amom e Asdode, eram províncias ou colônias persas. Os persas permaneceram por dois séculos no poder, até serem derrotados pela Grécia.

Querubins. Eram incríveis criaturas aladas que transportavam Yahweh. Havia estatuetas dessas criaturas no templo, mantendo guarda sobre o baú da aliança; portanto, eles indicam a presença de Yahweh ali, invisivelmente entronizado acima deles.

Restaurador, restaurar. Um restaurador é uma pessoa em posição de agir em nome de alguém dentro de sua família estendida, que está em necessidade, a fim de restaurar a situação à qual esse familiar deveria estar. A palavra é sobreposta com expressões como "parente" "próximo", "guardião" e "redentor". "Parente próximo" indica o contexto familiar que o "restaurador" pressupõe. "Guardião" indica que o restaurador está na posição de responsável pela proteção e defesa da pessoa. "Redentor" indica a posse de recursos que o restaurador está preparado a despender em prol da pessoa a ser redimida. O Antigo Testamento usa o termo como referência ao relacionamento de Deus com Israel, bem como à ação de um ser humano em relação a outro, para implicar que Israel pertence à família de Deus e que Deus age em seu benefício da mesma maneira que um restaurador faz.

Sheol. O nome hebraico mais frequente para o lugar ao qual vamos quando

morremos. No Novo Testamento, é chamado de “Hades”. Não se trata de um lugar de punição ou sofrimento, mas simplesmente de um local de descanso para todos, uma espécie de análogo não físico para a sepultura, como lugar de repouso para o nosso corpo.

Sião. Um nome alternativo para Jerusalém. Enquanto “Jerusalém” é um termo mais político ou geográfico, “Sião” possui conotações mais religiosas ou teológicas (ironicamente, considerando o sentido moderno de “sionista”). Sião representa o lugar de habitação de Yahweh no meio do seu povo e o local de encontro com eles.

Sucote. O termo hebraico sukkot significa “cabanas” ou “tendas”; é o nome do festival realizado em setembro/outubro que marca o fim da colheita e também lembra o período no qual os israelitas viveram em tendas improvisadas na jornada pelo deserto, do Egito até Canaã.

Torá. A palavra hebraica torah significa ensino e, nos Salmos e em outras passagens, pode ter esse sentido geral; todavia, também é o termo hebraico para os cinco primeiros livros da Bíblia. Eles, em geral, são referidos como a “Lei”, mas esse termo propicia uma impressão equivocada. No próprio livro de Gênesis, não há nada como “lei”, bem como Êxodo e Deuteronômio não são livros “jurídicos”. A palavra “ensino” fornece uma impressão mais correta da natureza da Torá.

Yah. Trata-se tanto de uma versão anterior do nome de Deus, do qual Yahweh, então, é uma elaboração (cf. a história em Êxodo 3), ou uma abreviação do nome.

Yahweh. Na maioria das traduções bíblicas, a palavra “Senhor” aparece em letras maiúsculas ou em versalete, como ocorre, às vezes, com a palavra

“Deus”. Na realidade, ambas representam o nome de Deus, Yahweh. Nos tempos do Antigo Testamento, os israelitas deixaram de usar o nome Yahweh e começaram a usar “o Senhor”. Há dois motivos possíveis. Os israelitas queriam que outros povos reconhecessem que Yahweh era o único e verdadeiro Deus, mas esse nome de pronúncia estranha poderia dar a impressão de que Yahweh fosse apenas o deus tribal de Israel. Um termo como “o Senhor” era mais facilmente reconhecível. Além disso, eles não queriam incorrer na quebra da advertência presente nos Dez Mandamentos sobre usar o nome de Yahweh em vão. Traduções em outros idiomas, então, seguiram o exemplo e substituíram o nome de Yahweh por “o Senhor”. O lado negativo é que isso obscurece o fato de Deus querer ser conhecido por esse nome. Por esse motivo, o texto utiliza Yahweh, com frequência, não algum outro nome (assim chamado) deus ou senhor. Essa prática dá a impressão de Deus ser muito mais “senhoril” e patriarcal do que ele o é na realidade. (A forma “Jeova” não e uma palavra real, mas uma mescla das consoantes de Yahweh e das vogais da palavra Adonai [Senhor, em hebraico], com o intuito de lembrar as pessoas que na leitura da Escritura elas deveriam dizer “o Senhor”, não o nome real.)

Yahweh dos Exércitos. Esse título para Deus, em geral, no texto bíblico é traduzido por “

Senhor

dos Exércitos”, todavia é uma expressão mais intrigante do que ela implica. O termo para Senhor é, na realidade, o nome de Deus, Yahweh, e a palavra para “Exércitos” é a palavra hebraica regular para as forças militares; é a palavra que aparece na traseira de qualquer caminhão militar israelense. Assim, mais literalmente, a expressão significa “Yahweh [dos] Exércitos”, que é tão estranho em hebraico quanto seria “Goldingay dos Exércitos”. Todavia, em termos gerais, a implicação da expressão é decerto clara: ela sugere que Yahweh é a personificação do ou o controlador de todo o poderio de guerra, quer no céu quer na terra.

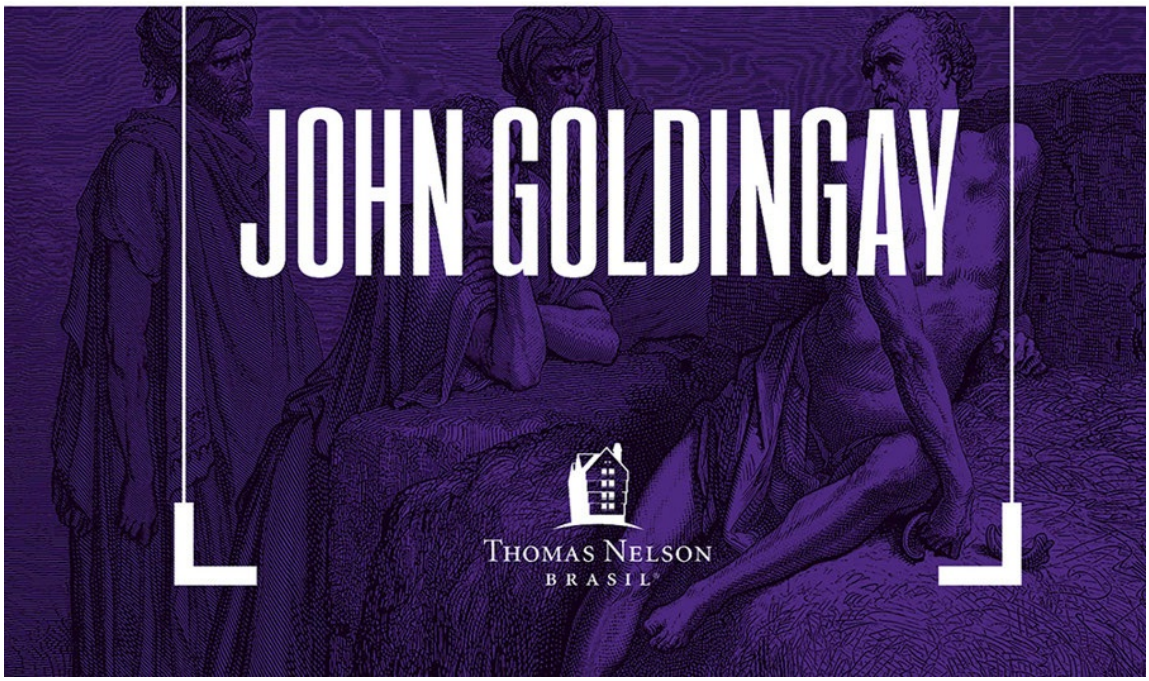
SOBRE O AUTOR

John Goldingay é pastor, erudito e tradutor do Antigo Testamento. Ele é professor emérito David Allan Hubbard de Antigo Testamento no prestigiado Seminário Teológico Fuller em Pasadena, Califórnia. É um dos acadêmicos de Antigo Testamento mais respeitados do mundo com diversos livros e comentários bíblicos publicados. O autor possui o livro Teologia bíblica publicado pela Thomas Nelson Brasil.



POÉTICOS PARA TODOS

PROVÉRBIOS, ECLESIASTES E CÂNTICO DOS CÂNTICOS



JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL®

POÉTICOS PARA TODOS

PROVÉRBIOS, ECLESIASTES E CÂNTICO DOS CÂNTICOS

JOHN GOLDINGAY

THOMAS NELSON
BRASIL®

AGRADECIMENTOS

A tradução no início de cada capítulo (e em outras citações bíblicas) é de minha autoria. Tentei me manter o mais próximo do texto hebraico original do que, em geral, as traduções modernas, destinadas à leitura na igreja, para que você possa ver, com mais precisão, o que o texto diz. Embora prefira utilizar a linguagem inclusiva de gênero, deixei a tradução com o uso universal do gênero masculino caso esse uso inclusivo implicasse dúvidas quanto ao texto estar no singular ou no plural — em outras palavras, a tradução, com frequência, usa “ele” onde em meu próprio texto eu diria “eles” ou “ele ou ela”. Às vezes, acrescentei palavras para tornar o significado mais claro, colocando-as entre colchetes. Ao final do livro, há um glossário contendo alguns termos recorrentes no texto, tais como expressões geográficas, históricas e teológicas. Em cada capítulo (exceto na introdução ou nas seleções da Escritura), a ocorrência inicial desses termos é destacada em negrito.

As histórias presentes na tradução, em geral, envolvem meus amigos, assim como minha família. Todas elas ocorreram, de fato, mas foram fortemente dissimuladas para preservar as pessoas envolvidas. Em algumas, o disfarce utilizado foi tão eficiente que, ao relê-las, levo um tempo para identificar as pessoas descritas. Nas histórias, Ann, minha primeira esposa, aparece com frequência. Três meses depois de eu ter começado a escrever O Antigo Testamento para todos, ela faleceu, após negociar com a esclerose múltipla durante 43 anos. Compartilhar os cuidados, o desenvolvimento de sua enfermidade e a crescente limitação, ao longo desses anos, influencia tudo o que escrevo, de maneiras facilmente perceptíveis ao leitor, mas também de formas menos óbvias.

Em seguida, cerca de um ano antes de eu começar a escrever este volume em específico, apaixonei-me e casei-me com Kathleen Scott e sou muito grato por minha nova vida ao lado dela e por seus lúcidos comentários sobre o manuscrito, tão criteriosos e elucidativos que, na realidade, ela deve ser creditada como coautora. Minha gratidão, igualmente, a Matt Sousa por ter lido o manuscrito e me indicado o que precisava ser corrigido ou esclarecido no texto, e a Tom Bennett por ter conferido a prova de impressão.

INTRODUÇÃO

No tocante a Jesus e aos autores do Novo Testamento, as Escrituras hebraicas, que os cristãos denominam de Antigo Testamento, eram as Escrituras. Ao incluir essa observação, lanço mão de alguns atalhos, já que o Novo Testamento jamais apresenta uma lista dessas Escrituras, mas o conjunto de textos aceito pelo povo judeu é o mais próximo que podemos avançar na identificação da coletânea de livros que Jesus e os escritores neotestamentários tiveram à disposição. A igreja também veio a aceitar alguns livros adicionais, como Macabeus e Eclesiástico, tradicionalmente denominados "apócrifos", os livros que estavam "ocultos" — o que veio a implicar "espúrios". Agora, com frequência, são conhecidos como "livros deuterocanônicos", um termo mais complexo, porém menos pejorativo; isso simplesmente indica que esses livros detêm menos autoridade que a Torá, os profetas e os Escritos. A lista exata deles varia entre as diferentes igrejas. Para os propósitos desta série que busca expor o "Antigo Testamento para todos", consideramos como "Escrituras" os livros aceitos pela comunidade judaica, embora na Bíblia judaica eles sejam apresentados em uma ordem distinta, classificados como a Torá, os profetas e os Escritos.

Elas não são "antigas" no sentido de antiquadas ou ultrapassadas; às vezes, gosto de me referir a elas como o "Primeiro Testamento" em vez de "Antigo Testamento", para não deixar dúvidas. Quanto a Jesus e aos autores do Novo Testamento, as antigas Escrituras foram um recurso vívido na compreensão de Deus e dos caminhos divinos no mundo e conosco. Elas foram úteis "para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra" (2Timóteo 3:16-17). De fato, foram para todos, de modo que é estranho que os cristãos pouco se dediquem à sua leitura. Assim, o objetivo, com esses volumes, é auxiliar você a fazer isso.

Meu receio é que você leia a minha obra, não as Escrituras. Não faça isso. Aprecio o fato de esta série incluir grande parte do texto bíblico, mas não ignore a leitura da Palavra de Deus. No fim, essa é a parte que realmente importa.

UM ESBOÇO DO ANTIGO TESTAMENTO

Embora o Antigo Testamento cristão contenha os mesmos livros da Bíblia judaica, eles são apresentados em uma ordem diferente:

Gênesis a Reis: Uma história que abrange desde a criação do mundo até o exílio dos judaítas na Babilônia.

Crônicas a Ester: Uma segunda versão dessa história, prosseguindo até os anos posteriores ao exílio.

Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos: Alguns livros poéticos.

Isaías a Malaquias: O ensino de alguns profetas.

A seguir, há um esboço da história subjacente a esses livros (não forneço datas para os eventos em Gênesis, o que envolve muito esforço de adivinhação).

1200 a.C.	Moisés, o êxodo, Josué
1100 a.C.	Os “juízes”
1000 a.C.	Saul, Davi
900 a.C.	Salomão; a divisão da nação em dois reinos: Efraim e Judá
800 a.C.	Elias, Eliseu
700 a.C.	Amós, Oseias, Isaías, Miqueias; Assíria, a superpotência; a queda de Efraim
600 a.C.	Jeremias, rei Josias; Babilônia, a superpotência
500 a.C.	Ezequiel; a queda de Judá; Pérsia, a superpotência; judaítas livres para retornar para casa
400 a.C.	Esdras, Neemias
300 a.C.	Grécia, a superpotência
200 a.C.	Síria e Egito, os poderes regionais puxando Judá de uma forma ou de outra
100 a.C.	Judá rebela-se contra o poder da Síria e obtém a independência
0 a.C.	Roma, a superpotência

PROVÉRBIOS, ECLESIASTES E CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Os três livros abordados neste volume aparecem juntos no Antigo Testamento porque são todos associados a Salomão. O nome desse rei é citado no primeiro versículo de Provérbios e de Cântico dos Cânticos e ele jaz sob a superfície de Eclesiastes (como veremos quando nos debruçarmos sobre Eclesiastes 1—2). A exemplo do que ocorre com a associação dos Salmos com Davi, o vínculo com Salomão não implica que ele, pessoalmente, tenha escrito os livros em questão (apesar do conhecido ditado rabínico quanto a Salomão ter escrito o Cântico dos Cânticos com a ingenuidade da juventude, Provérbios com a maturidade da meia-idade, e Eclesiastes com a desilusão da velhice). Na realidade, os ditados como aqueles incluídos em Provérbios não têm, exatamente, uma autoria definida; eles, de alguma forma, surgem. Além disso, os provérbios 25, 30 e 31, explicitamente, referem-se a outros autores ou compiladores do material presente neste livro. Eclesiastes não cita o nome de Salomão, e o uso que faz do idioma hebraico mostra que o texto não pertence aos dias desse rei — é como se Shakespeare escrevesse as suas obras no inglês moderno. E a história de Salomão, em Reis, mostra que ele não era um especialista no quesito amor e, portanto, improvável como autor de poesia romântica. O ponto quanto ao vínculo com Salomão é ele ser considerado o santo padroeiro da sabedoria, do mesmo modo que Davi o é em relação à salmodia. Primeiro Reis 3 relata o pedido de Salomão a Deus por sabedoria, e Deus lhe dá uma mente sábia e discernente; ele se torna o modelo de um rei sábio (por algum tempo). Assim, toda a sabedoria pode ser vista como salomônica.

A natureza dos ditados em Provérbios, provavelmente, significa que eles se acumularam ao longo dos séculos. Muitos irão remontar a dias anteriores aos de Salomão e têm o foco na vida familiar e na educação de filhos por seus pais. Portanto, quando os ditados reproduzem o ensino de um pai ou de uma mãe aos seus filhos, pode não ser um texto totalmente metafórico. Outras passagens em Provérbios abrangem, especialmente, questões concernentes ao relacionamento entre um rei e a sua equipe de servidores, e ensinos dessa natureza, em outros países do Oriente Médio, pertencem ao contexto da “faculdade” da corte, na qual as pessoas eram preparadas para a vida política e administrativa. Em contraste, outros textos em Provérbios relacionam-se mais a questões que seriam abordadas

em uma faculdade teológica ou seminário, considerações sobre o significado da criação, a natureza do relacionamento de Deus com o mundo, e a possibilidade de haver respostas para os grandes questionamentos da vida. Foi durante o período do Segundo Templo que as escolas teológicas, locais típicos nos quais os rabinos recebiam treinamento, se desenvolveram em Israel; esse pode ser o cenário de tais elementos em Provérbios e Eclesiastes.

Os livros de Provérbios e de Eclesiastes, de maneira explícita, focam a natureza da sabedoria. Cânticos dos Cânticos, ao expor a natureza do amor sexual, se afasta dessa linha, mas o que possui em comum com os outros dois livros salomônicos é o foco na vida cotidiana. A única característica dos três livros atribuídos a Salomão é não haver neles menção ao êxodo, à aliança, à Torá, à profecia ou ao Dia do Senhor. Discorrem sobre Deus como Yahweh, e o ensino deles traça um paralelo com o ensino da Torá; assim, eles são claramente israelitas. Entretanto, os livros não afirmam que o ensino neles contido é proveniente do que Deus falou ou que constituem uma resposta ao agir divino. Os livros olham para a vida e refletem sobre essa experiência, encorajando as pessoas a viverem alicerçadas no modus operandi normal da vida. Eles não incentivam as pessoas a viverem com base na própria experiência, mas afirmam que podemos aprender com a experiência dos outros e buscam transmitir as reflexões de homens e mulheres de sabedoria que emergem da experiência deles. Consideram que podemos aprender com outras pessoas e com as experiências do passado. Não é necessário seguirmos reinventando a roda. Os livros apelam à experiência, o que os conecta com obras equivalentes produzidas em países como a Babilônia e o Egito. Esses livros não emergem das tratativas especiais de Deus com Israel, as quais permitiram aos israelitas conhecer coisas sobre o propósito divino no mundo, que outros povos desconheciam. Eles resultam da consciência sobre a vida, a respeito da qual qualquer pessoa pode conhecer algo, por termos sido feitos à imagem de Deus e vivermos no mundo criado por ele.

Provérbios e Cântico dos Cânticos possuem em comum o fato de serem livros poéticos, de cabo a rabo; Eclesiastes inclui um dos poemas mais conhecidos em toda a Escritura, mas as suas seções poéticas aparecem em uma estrutura de prosa. Em termos de forma, a principal característica da poesia hebraica é ser composta de linhas breves, com cerca de seis palavras cada, de maneira que a segunda metade de cada versículo repita, complemente, ilustre ou contraste com a primeira.

Ouça a disciplina do seu pai, filho,

não abandone o ensino de sua mãe.

Provérbios 1:8

Beije-me com os beijos da sua boca,

porque o seu amor é melhor que o vinho.

Cântico 1:2

Os dois exemplos ilustram como a poesia em Provérbios inclina-se a ser mais realista, enquanto a poesia de Cântico dos Cânticos é mais lírica. Toda poesia lança mão do imaginário para expressar declarações mais profundas, e o livro de Cânticos dos Cânticos é repleto de imagens — algumas um tanto obscuras para nós, dado o nosso contexto cultural distinto.

Provérbios e Cântico dos Cânticos também possuem em comum uma atitude profundamente esperançosa em relação à vida. Ambos consideram que a vida pode ser entendida e apreciada. Eclesiastes, ao contrário, está ao lado de Jó, por levantar mais perguntas do que fornecer respostas. Portanto, Provérbios e Cântico dos Cânticos, de um lado, e Eclesiastes e Jó, de outro, cumprem um papel complementar na Escritura. Os primeiros lembram aos inquietos, aos incertos e aos cínicos percepções positivas e possibilidades para reestruturar as suas atitudes. Eclesiastes e Jó apresentam aos confiantes, aos seguros e aos ingênuos as questões que precisam ser consideradas em vez de presumirem que possuem a verdade toda esquadrinhada.

Eclesiastes e Cântico dos Cânticos, igualmente, pertencem ao mesmo grupo de livros — conhecidos como os “Cinco Rolos” — dentro da ordenação diferente dos livros da Bíblia hebraica. Os demais livros desse grupo são Rute, Lamentações e Ester. Esses livros eram lidos em cinco diferentes festivais anuais — Cântico na Páscoa (por ser compreendido como uma alegoria da história de Deus com Israel) e Eclesiastes no Sucote ou Tabernáculos (talvez por sua ênfase na alegria e na provisão de Deus, mesmo no contexto de seu conhecimento sobre

a transitoriedade da vida). A tradução grega do Antigo Testamento é que reposicionou esses livros ao lado de outros textos poéticos, de maneira a chamar a atenção para o fato de não serem livros que contam uma história (a exemplo de Gênesis até Ester) ou que anunciem o que Deus fará no futuro (a exemplo de Isaías até Malaquias), mas textos relacionados diretamente à vida cotidiana no presente.

PROVÉRBIOS

Dirigi-me à autoestrada perto da minha casa, aumentei a velocidade na rampa de acesso e, quando alcancei as faixas principais, percebi que havia uma lacuna no trânsito, mas que um punhado de carros estava se aproximando. Então, acelerei a 120 km/h ou mais para permanecer com segurança à frente deles. Infelizmente, o grupo de carros incluía um patrulheiro, que apontou o seu radar portátil na minha direção e, a seguir, ligou as luzes e a sirene do seu carro. Ao pararmos no acostamento, ele me perguntou: “Senhor, sabe qual o limite de velocidade nessa rodovia?” Respondi que sim; sabia que era 100 km/h. No entanto, se estivéssemos em Israel e conversando em hebraico, eu não teria tanta certeza de como responder, porque no hebraico bíblico, pelo menos, o verbo para “conhecer”, com frequência, denota não apenas conhecer algo intelectualmente, mas conhecer algo em suas ações. Ter conhecimento da lei ou de Deus não implica apenas saber o que a lei diz ou conhecer Deus de um modo pessoal, mas reconhecer a lei ou Deus pelo comportamento — submeter-se e obedecer ao que se conhece.

A seção de abertura do livro de Provérbios, portanto, chega ao clímax pela declaração de que o primeiro princípio do conhecimento é o temor de Yahweh, enquanto pessoas estúpidas desprezam a sabedoria e a disciplina; por seis vezes, o capítulo inicial do livro de Provérbios refere-se ao conhecer ou ao conhecimento. Contudo, o conhecimento não é expresso meramente em termos de uma avaliação de QI elevado, ou de uma pontuação alta em algum teste padrão de admissão. O ponto perpassa todo o trecho inicial, que introduz muitas palavras-chave de Provérbios. A conexão entre o que se passa na cabeça e o que ocorre na vida surge, imediatamente, na ligação entre sabedoria e disciplina. O crescimento da sabedoria é vinculado ao aumento de disciplina. Há um vínculo com a ideia de “obter” disciplina ou “obter” sabedoria — a palavra é o verbo hebraico que significa obter, adquirir, ganhar. A obtenção de sabedoria envolve ação. Falamos de “apreender” ou “agarrar” as coisas, e o termo aqui está relacionado à palavra para “obter”. Agarrar é uma atividade. Em essência, ganhar sabedoria refere-se a entender palavras que expressam compreensão — o termo hebraico para compreensão relaciona-se com a palavra para “entre”, o que indica a capacidade de distinguir entre elementos ou ver sob a superfície das coisas.

A palavra hebraica para “prudência” ou “sensatez”, com frequência, é traduzida por “astúcia”; trata-se da capacidade atribuída à serpente em Gênesis 2. Sugere a

capacidade de convencer as pessoas a fazer o que se deseja. Pode ter uma conotação boa ou má. Similarmente, o termo “critério” sugere uma habilidade em refletir sobre as coisas e formular planos, o que, em outros contextos, podem ser planos maus. Essa ambiguidade aponta para a importância de outros temas nesse parágrafo inaugural. Ao lado das referências à sabedoria e ao conhecimento, surge uma súbita menção à fidelidade, ao exercício de autoridade e à retidão. As duas primeiras expressões aparecem com frequência nos profetas e, igualmente, na Torá; normalmente, são traduzidas por termos como justiça e virtude, mas elas denotam algo mais próximo de fidelidade na tomada de decisões. Aqui, elas implicam que o conhecimento, a prudência e o critério precisam estar a serviço dessas qualidades morais.

Juntas, as referências a essas qualidades morais e ao temor a Yahweh constituem um ponto duplo. Pode ser tentador tratar as questões sobre economia, negócios, educação, consultoria ou política externa como temas fechados em si, que não deveriam ser misturados com questões sobre religião ou ética. Em certos contextos culturais (como o dos Estados Unidos com sua separação entre Igreja e Estado), pessoas como judeus e cristãos podem não ter a alternativa de viver com base nessa suposição em algumas áreas da vida. Contudo, precisamos ver quanto é antinatural e antibíblico considerar questões políticas, éticas e Deus como esferas separadas. O livro de Provérbios começa incentivando os seus leitores a considerá-las como esferas entrelaçadas. Cristãos e judeus não podem adotar as teorias do mundo ou as práticas das áreas de negócios, de consultoria ou de educação sem inseri-las no contexto do que conhecemos sobre ética e sobre Deus. O livro de Provérbios, portanto, modela como proceder para aprender com o mundo secular; precisamos estar abertos a esse aprendizado, mas devemos estabelecer as teorias e descobertas deste século introduzindo-as em uma estrutura que inclua Deus e a ética.

Talvez esse fato se conecte com a promessa adicional de que o ensino de Provérbios é designado a auxiliar pessoas a compreender parábolas e enigmas. As parábolas são histórias diretas e objetivas, cujo significado real é deveras hermético; por seu turno, os enigmas são os tópicos misteriosos que os sábios buscam compreender, tais como a natureza da criação e o problema do mal. Jamais teremos total compreensão sobre esses temas, mas cresceremos no entendimento deles se inserirmos a ética e Deus em nossa reflexão.

O parágrafo subsequente de ensino sobre um tópico específico oferece uma perspectiva correlativa a essas questões. Os pais são, naturalmente, preocupados

quanto aos seus filhos se envolverem com pessoas que os levarão ao desvio. O tópico suscitado por essa seção deixa claro que as menções de Provérbios aos filhos não deveriam ser presumidas como referentes a filhos pequenos. É melhor partir do pressuposto de que o autor tinha em mente adolescentes e jovens adultos. O livro de Provérbios sugere que o pai e a mãe continuem sendo os cabeças da família enquanto viverem. Mesmo se filhos adultos ou na meia-idade estiverem à frente da administração da fazenda familiar, os seus pais permanecem sendo o receptáculo de sabedoria.

O parágrafo de abertura estabeleceu o ponto positivo de que o viver ético também será um viver sábio (viva eticamente e você prosperará na vida, certo?). O ensino quanto a evitar más companhias estabelece o ponto negativo correlacionado de que viver sem ética é estupidez. Se você estender uma rede, em um espaço aberto, para capturar um pássaro, irá falhar; isso não será tão tolo quanto cair na própria armadilha. No entanto, o tipo de comportamento proposto pela gangue sugere a tentativa de ser apanhado. É similar a armar uma emboscada para si mesmo.

Os meus alunos vêm em vários sabores. Alguns começam a sua composição com uma desculpa pelo fato de jamais terem lido o Pentateuco ou os profetas antes das nossas aulas (ou qualquer que seja o tema). Outros, estudaram o suficiente para baterem o pé no chão e apresentarem questões e observações aguçadas. Ainda outros, com base no que lhes foi ensinado sobre o Antigo Testamento pelo professor da Escola Dominical, mostram-se resistentes a fazer uma leitura por conta própria e descobrir algo diferente do que esperavam. Alguns ficam intrigados com essa descoberta. Por fim, alguns alunos visam apenas obter uma nota mínima que lhes permita avançar e usam o tempo em sala de aula para escrever e-mails e responder a eles em vez de participarem.

O livro de Provérbios possui quatro audiências-alvo relacionadas. Há os ingênuos, os jovens, aqueles que podem ser, literalmente, abordados por sua mãe ou seu pai. Estes necessitam adquirir discernimento para a vida. Entretanto, isso não significa que o que eles têm a ensinar seja irrelevante aos mais velhos, que já adquiriram certa percepção. Provérbios crê no aprendizado vitalício e que as pessoas já consideradas sábias precisam prosseguir para crescer em sabedoria; o parágrafo de abertura já estabeleceu esse ponto. Algumas vezes, nos perguntamos quais novas verdades precisamos aprender, mas, com frequência, necessitamos obter uma compreensão mais segura e revigorada de coisas que, em teoria, já conhecemos.

Para ambos, ingênuos e sábios, o livro de Provérbios traz alguma esperança. Quanto aos outros dois grupos, o quadro é mais desesperador. A sabedoria é a antítese da estupidez. Pessoas estúpidas não são aquelas com dificuldades acadêmicas de aprendizado, mas as que viram as costas ao tipo de sabedoria que possui implicações morais. A estupidez, portanto, anda ao lado da arrogância. Os arrogantes são aqueles que zombam do ensino dos sábios, pois acham que já sabem tudo. Sua boca está sempre aberta, mas os ouvidos permanecem fechados.

Provérbios retrata a sra. Sabedoria como uma personificação de seu ensino e a imagina semelhante a um profeta que se coloca em pé, em praça pública, na qual comerciantes e outros pregadores se reúnem para vender os seus produtos. Do mesmo modo que um profeta, a sra. Sabedoria estimula as pessoas a prestarem atenção, as adverte quanto às consequências de seu estilo de vida insensato e as conclama a saírem desse caminho. O ensino da sabedoria é muito similar ao da Torá e dos profetas, embora argumente o seu ponto sobre um fundamento

diferente. Em lugar de anunciar: “Ouçam, pois eu assim disse”, a exemplo de Moisés, ou “Deem ouvidos, ou Deus intervirá em juízo”, do mesmo modo que um profeta, a sra. Sabedoria diz: “Ouçam, ou verá a sua vida em confusão como um resultado natural das escolhas que está fazendo. E acho que não irei chorar quando isso acontecer. Pensarei que está apenas recebendo o que merece.” A minha mãe costumava dizer: “Não venha me procurar chorando quando isso ocorrer.” Todavia, ela jamais quis, de fato, expressar isso, e creio que a sra. Sabedoria também não: a exemplo de uma mãe, ela sabe que, na verdade, lamentará e responderá ao seu filho. Mas ela está disposta a tentar qualquer coisa para penetrar o espesso crânio de sua criança, para fazê-la prestar alguma atenção.

No segundo parágrafo, Provérbios se torna mais parecido com Moisés ou um profeta, ao falar sobre o envolvimento divino em nossa vida de uma forma pessoal. A vida não se resume apenas a uma questão natural de causa e efeito, como se Deus tivesse colocado o mundo em movimento, no princípio, com seu sistema inerente de causa e efeito, para abandoná-lo à própria sorte. Yahweh é aquele que dá, fala, armazena, cuida, zela e protege.

A transição para o discurso sobre adultério, ao término do capítulo, parece repentina. Observaremos os inúmeros motivos possíveis para esse assunto ser o foco nos capítulos 1—9 de Provérbios. Essa passagem traz uma das poucas referências bíblicas explícitas ao casamento como uma aliança, um elemento-chave no raciocínio teológico e ético, que enxerga o adultério como um erro. Além disso, a expressão “mulher estrangeira” pode indicar que, por ser de outro povo, ela cultua outro deus que não Yahweh, o Deus de Israel, relacionando a infidelidade conjugal com a infidelidade a Yahweh. É fácil imaginar que havia em Israel mulheres que abandonavam o seu casamento (talvez fugindo para outros povos) por causa de abusos ou adultério do próprio marido, e isso, naquele contexto cultural, praticamente as impossibilitaria de ter um lar e acesso a alimentação regular, exceto em um contexto familiar (a família de nascimento ou do marido). As pressões, talvez, não fossem muito diferentes das que vemos no mundo moderno, muitas vezes forçando as mulheres ao comércio sexual. Todavia, a passagem não nos fornece o outro lado da história, o da mulher, pois esse não é o foco, mas o de ensinar os homens sobre a necessidade de ser sensato, não estúpido, na forma de lidarem com a tentação sexual. Em quase todas as culturas, o envolvimento em relações sexuais ilícitas, em geral, leva a vida dos infratores à ruína, uma possibilidade sobre a qual as linhas finais da seção de encerramento fornecem outro retrato hiperbólico.

Um membro sênior da nossa congregação morreu na semana passada. Joe lutou na Segunda Guerra e foi, então, um dos primeiros afro-americanos a formar-se no Art Center College of Design, em Los Angeles. Inúmeros de seus quadros encontram-se pendurados no salão da família. Um deles retrata dois braços levemente misteriosos, nenhum deles ligado a um corpo; a mão de um dos braços segurava o outro braço. O seu filho me explicou que o quadro representava uma visão que Deus tinha dado ao seu pai quando ele sofreu um derrame, quinze anos antes de falecer. O seu pai havia visto o braço de Deus se estendendo para alcançar o seu braço e ajudá-lo a levantar-se; e Deus assim havia agido. Ele se recuperou e teve uma vida normal durante a maior parte dos anos subsequentes. Ele lutara o bom combate da fé, seu filho comentou.

Joe personificou essa seção de Provérbios, não apenas a parte sobre confiança. Mas, de modo especial, a confiança em Yahweh. Pode-se dizer que esses capítulos iniciais de Provérbios discorrem sobre confiança na sabedoria, não sobre a confiança em Deus, mas a sabedoria que esses versículos incentivam é a sabedoria de Yahweh, e dar atenção à sabedoria é o equivalente, em Provérbios, a prestar atenção a Yahweh — Moisés fala sobre estar atento à Torá, e os profetas advertem sobre atentar às palavras de Yahweh; todos eles referem-se à mesma coisa.

A Torá e os profetas concordariam com a ideia de que o oposto de confiar em Yahweh é confiar em si mesmo, ou apoiar-se no próprio entendimento. A palavra hebraica para “apoiar” pode referir-se a alguém que, literal ou metaforicamente, apoia-se na mão ou no braço de outra pessoa, e isso me faz recordar, novamente, do quadro pintado por Joe. O livro de Provérbios nos convida a nos apoiarmos no braço de Yahweh que está nos segurando.

Expressando de outra forma, confiar no próprio entendimento é ser sábio aos próprios olhos. Provérbios 26:12 declarará que cometer esse erro é pior do que ser simplesmente tolo. Reconhecidamente, a pessoa pode não perceber que está caindo nessa armadilha. A sentença refere-se a pessoas que adquiriram uma pequena sabedoria e pensam que já não há mais nada a aprender. No caso do tolo ou do insensato, pelo menos, ainda há a possibilidade de ele “cair em si”, como dizemos, e buscar a sabedoria. Contudo, alguém que pensa que já a encontrou pode ter chances remotas de voltar atrás.

O capítulo cita a confiança duas vezes mais. Declara que aqueles que dão atenção à sabedoria seguirão em seu caminho com confiança. Essa confiança não se revelará equivocada; seus pés não tropeçarão. O capítulo expressa o mesmo ponto com palavras distintas, ao prometer que Yahweh será a confiança dessa pessoa e que guardará os seus pés de serem aprisionados. O termo hebraico para "confiança" é também uma das palavras para "ser estúpido" — relaciona-se à palavra para "tolos" na última linha. A confiança em Deus pode parecer estúpida, mas, na realidade, é a atitude mais sensata no mundo, ao passo que a sabedoria do mundo é que é estúpida (como o apóstolo Paulo observará, repercutindo o ponto de Provérbios).

A outra referência à confiança aparece quando o capítulo fala sobre o próximo que está vivendo em confiança com você; assim, você não deve maquinar algum plano contra ele. Uma definição de amor é tornar o mundo seguro para a outra pessoa, que pode, então, saber que é possível contar com você para isso. Assim, a confiança não constitui apenas um elemento-chave em nosso relacionamento com Deus, mas também em nossa relação com o próximo. O meu pai era uma pessoa confiável, e a minha mãe, às vezes, se desesperava pelos riscos que ele corria por imaginar as demais pessoas tão confiáveis quanto ele. Sigo o meu pai, enquanto a minha esposa faz o papel da minha mãe. A complementaridade nos dois casamentos é positiva; o livro de Provérbios já deu bons motivos para discernir em quem confiar. Seria possível a uma pessoa sem princípios obter vantagem de uma pessoa ingênua, como o meu pai ou eu, e Provérbios conclama as pessoas a não fazerem isso. Obter vantagens e auferir lucros da confiança de outra pessoa corrói a possibilidade de ela persistir. Uma das implicações é a inexistência de compatibilidade entre desonestidade e sabedoria. No mundo da política e dos negócios, a parcimônia com a verdade, caso não signifique mentir descaradamente, pode parecer necessária para você avançar ou alcançar fins que sabe serem bons. Contudo, no longo prazo, ela se revela uma visão destrutiva.

Provérbios não consegue encontrar formas suficientemente espetaculares para exaltar a sabedoria de Yahweh aos olhos de sua audiência. A sabedoria é uma árvore de vida, o livro diz. A sentença é recorrente em outras obras do Oriente Médio. No contexto do Antigo Testamento, trata-se de uma promessa notável. Você sabe como Adão e Eva poderiam ter obtido vida eterna se tivessem comido da árvore da vida? Bem, prestar atenção à sabedoria pode lhe dar uma vida realmente plena e gratificante. Provérbios vai além. Você sabe que Deus criou o mundo, certo? Como acha que ele fez isso? Ele usou a sua sabedoria. Apenas olhe para o mundo e veja quanto ele é incrível; é uma amostra do que você pode

alcançar se der atenção à sabedoria.

Outro dia, falávamos sobre o que faz as pessoas mudarem. A minha esposa perguntou-me se eu havia mudado ao longo dos anos; e, se mudei, como isso tinha acontecido. Sei que sou mais maduro do que costumava ser e tenho mais facilidade em sair da cama pela manhã. Claro que essas diferenças podem, em parte, ser resultantes do processo de envelhecimento, mas o fator principal dessas mudanças foi o longo período de enfermidade da minha primeira esposa. Com efeito, foram anos de disciplina, parecidos, de certa forma, com a disciplina à qual as pessoas se submetem no treinamento de levantamento de peso. No meu caso, a disciplina veio do lado externo. Eu poderia ter me recusado a aceitá-la; algumas vezes, o fiz, mas, no geral, submeti-me a aprender a forma correta de levantar os pesos, e a disciplina fortaleceu os meus músculos. Talvez tenha sido, principalmente, por meio dessa disciplina forçada que amadureci, tornei-me mais suave e fácil de lidar.

Provérbios é um entusiasta da disciplina; é vital impormos a disciplina a nós, embora o livro também explicite a premissa de que a vida e Deus nos fornecem a maior parte das nossas fontes de disciplina. Assim, esse capítulo começa com uma exortação a prestar atenção à disciplina oferecida pela figura paterna. Embora um pai literal possa “impor” a disciplina, um pai-professor não pode fazê-lo. A disciplina precisa ser aceita e internalizada pelo pupilo, pelo discípulo. Pode-se dizer que um discípulo é alguém que aceita a disciplina de outro. O termo grego para “discípulo” significa, mais literalmente, um pupilo, um aprendiz, o que igualmente se encaixa em Provérbios. Aprender envolve submeter-se à disciplina de outra pessoa, não “decidir pela própria cabeça”.

Preferimos a segunda opção e, portanto, necessitamos de exortação para retermos a disciplina e não a deixarmos ir, para guardá-la, pois é a nossa vida. O professor em Provérbios mostra certa ansiedade em levar os seus discípulos a enxergarem o ponto e viverem por ele. Quando os meus alunos observam a ênfase sobre a disciplina no livro de Provérbios, logo me perguntam se o Novo Testamento fala nos mesmos termos, esperando que seja uma característica apenas do Antigo Testamento que pode ser vista como substituída em Cristo. Divirto-me por ser capaz de indicar que Hebreus 12 retoma esse tema de Provérbios e enfatiza o modo pelo qual Deus se relaciona conosco como um pai na imposição de disciplina. O texto cita Provérbios 3:11-12 e, então, retoma a exortação de Provérbios 4:26, sobre ponderar a trilha para os seus pés. O Sermão do Monte também implica aceitar a disciplina como um discípulo.

Vinculada à conexão entre discipulado e disciplina está a premissa em Provérbios de que o aprendizado deveria ser incorporado à vida e abraçado pela mente. A educação ocidental, tradicionalmente, tem dissociado a teoria da prática; é possível obter um diploma em teologia pelo estudo teórico e frequência nas aulas, sem, na realidade, fazer algo “teológico” e sem ser transformado como pessoa. Provérbios não enxergaria isso como uma genuína educação. O curso em ética que a minha esposa está fazendo envolve a sua participação em algum serviço comunitário; não havia essa exigência quando estudei ética, décadas atrás. Como seria assustador se a professora tivesse que avaliar se os seus alunos “sabiam” algo com base em como ela via a vida deles ou testemunhava a transformação dos hábitos deles como resultado da aquisição de novos conhecimentos. Quão embaraçoso seria se o professor precisasse ser a ética em pessoa, não alguém apenas bem-informado sobre o assunto.

Um casal conhecido e amado, ambos pastores, acabou de se separar. A esposa confrontou o marido sobre o relacionamento dele com outra mulher. Não houve adultério físico, mas era uma relação íntima que comprometia o convívio conjugal. A confrontação o levou a confessar à esposa que ele mantinha o vício por pornografia durante muitos anos. Sua esposa, agora, sente-se duplamente traída, e a crise resultou na dissolução do ministério conjunto. Alimento alguma esperança de que a separação não se configure permanente e que a relação entre eles possa encontrar a cura plena, mas o próprio casal está menos esperançoso do que eu. Admito que as ações extraconjugais daquele marido constituem uma ameaça mortal ao seu casamento, aos seus respectivos ministérios e a grande parte das promessas e planos individuais que cada um deles tinha em mente.

Provérbios aborda situações dessa espécie — ou melhor, procura antecipá-las. O autor sabe que os homens são propensos a se meterem em confusões de cunho sexual e busca prevenir esse processo. Pode-se, às vezes, questionar se a igreja e a sociedade não se preocupam em demasia com os pecados sexuais, mas, na realidade, essa preocupação reflete a importância abrangente, profunda e intensa do sexo para a humanidade. Quando o sexo é infiel, os seus efeitos são profundamente perturbadores e disruptivos sobre as relações pessoais e familiares.

O livro de Provérbios analisa a política sexual de sua sociedade somente em termos da atividade sexual masculina; o objetivo é levar os homens a pensarem com a sua mente em vez de outras partes de sua anatomia. Na maioria das sociedades, é mais comum que os homens se envolvam com a infidelidade sexual. Além disso, uma das funções de Provérbios é treinar os homens para o serviço no governo e na administração (essas funções apresentam as suas próprias oportunidades para o flerte sexual). Na cultura do Ocidente, as oportunidades e as pressões são mais inclusivas quanto ao gênero, de modo que uma mulher, ao ler Provérbios, deverá inverter os papéis sexuais ali retratados. O homem alheio é que se torna o tentador.

As expressões “alheia” ou “estranha”, nessas exortações, podem ter inúmeros cenários. A comparação com Esdras e Neemias sugeriria o envolvimento com mulheres de outros povos ou “estrangeiras”. Observamos em nosso comentário sobre Provérbios 2 que as mulheres estrangeiras representam, em certos contextos, uma tentação particular. Mas, no linguajar popular, a mulher com

quem o homem mantém uma relação adúltera é citada como “a mulher alheia” ou “a outra”, o que pode ser uma expressão equivalente à usada em Provérbios. Seja como for, ela é uma mulher que anseia por uma nova relação amorosa, o que pode resultar em uma tentação ao homem. Talvez o anseio da mulher tenha motivos compreensíveis para esse anseio — é possível que o próprio marido seja infiel, ou a tenha abandonado; talvez ela se sinta só e carente. No contexto ocidental, ela pode ser uma dedicada mulher de carreira que, com o tempo, se dá conta de sua solidão e, por consequência, as suas carências emocionais a tornam vulnerável e, ao mesmo tempo, a transformam em uma tentação não intencional. A preocupação de Provérbios não está em compreender a história da mulher, mas em evitar que a sua audiência masculina entre nesse jogo. Provérbios, de modo típico, não enfatiza o fato de o envolvimento em um caso extraconjugal ser errado (embora essa suposição esteja implícita), mas o foco está no fato de ser um ato realmente estúpido e insensato. Isso arruinará a sua vida.

Unicamente nesses capítulos iniciais, Provérbios prossegue fornecendo uma abordagem positiva quanto ao perigo que descreve, para acompanhar a advertência negativa. A atitude-chave para não se tornar vulnerável a essa tentação é cultivar a própria relação conjugal. O livro de Provérbios expõe essa abordagem positiva por meio de imagens na segunda seção. O ponto geral é muito claro, embora os detalhes das imagens sejam menos evidentes, talvez porque Provérbios esteja tentando ser um pouco delicado na tratativa do tema. Para um homem restringir a sua atividade sexual à sua própria esposa, ele deve cultivar o seu relacionamento com ela e expressar a sua apreciação. Por todos os meios possíveis, seja louco de amor, Provérbios sugere, mas certifique-se de que é por ela que você é louco, pois, do contrário, fará apenas o papel de louco e pagará um elevado preço por isso.

O homem do controle de pragas veio à nossa casa, num dia desses, para verificar se não havia sinais de cupim ou outros hóspedes indesejados. O fato lembrou-me de uma experiência, ocorrida poucas semanas depois de nos mudarmos para a Califórnia, quando outro professor de Antigo Testamento, que estava na cidade, veio nos visitar para o chá da tarde. Ele me observou, enquanto eu, orgulhosamente, abria uma lata na qual havia guardado alguns bolinhos caseiros. Eu estava prestes a colocar geleia e creme sobre eles quando ambos compartilhamos a horrenda visão dos bolinhos cobertos de formigas (embora somente eu tenha ficado embaraçado). Devo admitir que deveria ficar menos surpreso por encontrar formigas em nossa casa na Califórnia, onde elas são endêmicas, bem mais frequentes que na Grã-Bretanha. Pode-se vê-las saindo de algum espaço entre os azulejos e a parede, marchando em uma fila perfeita, na direção de algumas migalhas esquecidas na bancada para, então, retornarem. Aquelas formigas sabiam o que estavam fazendo.

Desse modo, aprenda com elas, o livro de Provérbios adverte. Isso pressupõe uma atitude diferente em relação à pobreza da presente em outras passagens do Antigo Testamento. Os profetas falam sobre a pobreza como uma maldição que os mais afortunados (pessoas como nós, com recursos para comprar livros) trazem sobre os menos afortunados. A Torá mantém o foco sobre o que as pessoas como nós, com recursos, fazem pelos necessitados. Provérbios estabelece um ponto complementar. Nem todo aquele que perde a fazenda da família pode alegar má sorte ou injustiça; a causa pode ser a preguiça. Assim, a preguiça é um exemplo de estupidez, enquanto as formigas personificam a sabedoria. Alguém com um escudo representa uma pessoa que você não consegue sobrepujar.

No parágrafo inicial do capítulo 6, Provérbios indica outra forma de entrar em confusão financeira. A Torá e os profetas sugerem que a pessoa com recursos tem a obrigação de auxiliar uma família cuja colheita fracassou, mas esse auxílio pode comprometer a viabilidade da própria fazenda (p. ex., ao entregar parte da colheita do ano que seria semeada no ano seguinte). Deus, às vezes, inspira pessoas a ações arriscadas e impetuosas como essa, mas Provérbios expressa uma advertência complementar quanto à irresponsabilidade. Portanto, ao perceber que se comprometeu além do que seria sensato, talvez por desejar ser visto como um herói, faça o que for possível para se livrar do compromisso assumido.

De modo geral, Provérbios reconhece o ponto estabelecido pela Torá e pelos profetas; o terceiro parágrafo oferece um exemplo. A desonestidade pode ser a causa da ruína de uma família, possibilitando que a sua fazenda e, por consequência, que os seus meios de subsistência sejam roubados. A exemplo da Torá e dos profetas, Provérbios afirma que enganadores e desonestos pagarão pela destruição que causam. Aqui, o livro pensa em termos de os malfeitores receberem a devida recompensa por meio de um processo natural, já embutido na maneira com que Deus criou o mundo. Nenhuma intervenção divina é necessária para promover a queda de pessoas que tentam agir da forma descrita por Provérbios.

Ditados numéricos, como aquele encontrado no quarto parágrafo, com frequência, atingem o clímax com a última sentença da sequência. Essa compreensão faz sentido aqui. As primeiras seis coisas, de fato, são graves, mas constituem lugar-comum no ensino do Antigo Testamento. A condenação de alguém que estimula discussões e disputas entre irmãos é mais enfática; ela segue a referência similar presente no terceiro parágrafo. O termo “irmão” pode significar, literalmente, membros de uma família, ou, de modo mais abrangente, membros de uma comunidade. Seja como for, encorajar contendas é prejudicial à vida deles. Nem o trabalho da família nem o da comunidade são feitos de forma eficiente, caso estejam divididos por desavenças. No contexto urbano do Ocidente, os irmãos podem viver mais isolados do que em uma sociedade tradicional, possuir diferentes ofícios e empregos, serem independentes dos demais familiares de uma forma significativa, que é reforçada pelo amor, e dependentes apenas das relações funcionais. Isso facilita o surgimento de ressentimentos e de discussões em vez de evitá-los.

A exortação adicional com respeito à infidelidade conjugal está ligada a esse conceito. O adultério pode destruir famílias e comunidades. A linha sobre a prostituta pode ser referente a uma mulher que comercializa o sexo, ou a uma mulher imoral, e o pedaço de pão pode ser o valor da relação sexual ou significar quanto o seu valor é reduzido pelo envolvimento com ela. De qualquer forma, Provérbios não está implicando que recorrer a uma prostituta ou ter um caso com uma pessoa descompromissada é correto; antes, indica que o envolvimento amoroso com a esposa de outro custará muito mais do que uma espécie de flerte. Pode significar vergonha, desgraça e rejeição por parte da comunidade, além da possibilidade de violência física perpetrada pelo marido traído, cuja ira dificilmente será aplacada pela oferta de uma compensação. O sexo e a infidelidade conjugal são graves demais para qualquer oferta funcionar.

No domingo passado, lemos o salmo 62, que inclui a linha: “Não confiem na extorsão” (v. 11), mas a pessoa que liderou a leitura do salmo a leu como “não confiem na exortação”. Chocou-me o fato de a leitura equivocada resultar em algo profundo (isso lembrou-me de outra ocasião na qual alguém leu a passagem em Romanos sobre sermos “libertos dos grilhões da mortalidade” como “libertos dos grilhões da moralidade”). Como fazer as pessoas mudarem? Talvez essa seja a questão que mais ocupa o coração dos pastores. É sempre tentador presumir que a mudança ocorre porque exortamos as pessoas a mudarem e a operar com base nisso, mas, ao refletirmos por um instante, vemos a desconfortável verdade de que a realidade é outra.

Provérbios 7 implica essa consciência e apresenta uma série de exortações aos homens, em especial os mais jovens, a não se envolverem com uma mulher casada. Então, passa a pintar um quadro ou contar uma história, na tentativa de fazê-los escrever o seu ensino em tábuas da mente. O objetivo é que os ensinamentos estejam sempre diante deles, como num grande quadro-negro, ou que sejam escritos nos padrões neurais que formam o seu comportamento. Uma vez mais, a mulher é comparada com uma prostituta, mas a descrição que se segue sugere que a palavra é usada em um sentido mais livre. Ela não é alguém inserida no comércio sexual, mas uma mulher solitária. Ela se contentaria com qualquer amante, mas dará a esse homem a impressão de que ele é único. O ponto sobre ela oferecer sacrifícios pode ser referente à sua purificação, após o período menstrual e, assim, em condições de ter relações sexuais. Quem conseguiria resistir a uma proposta como a dela?

Provérbios sabe que ela está convidando o jovem à morte. Os capítulos anteriores já abordaram dois motivos para isso. A consequência normal é o adultério ser descoberto e o marido traído ir atrás do rapaz; dentro dos termos dessa história, seria provável que o homem retornasse mais cedo do que o esperado de sua viagem de negócios, algo recorrente na ficção e na vida real. Subjacente a esse motivo está o fato de que a própria natureza da ordem moral do universo significa que as transgressões não ficam impunes, sem receber a devida recompensa.

Por que Provérbios 1—9 sempre retoma o tema sobre os jovens e seus envolvimentos sexuais? Trata-se da seção da Escritura que mais atenção dedica à infidelidade sexual. Talvez um dos motivos seja a pressão especial que os

contextos culturais exercem sobre as pessoas, a exemplo do que ocorre na Califórnia, onde trabalho. Provérbios 1—9 surge de um cenário social pós-exílico, no qual certas certezas haviam desaparecido do seio do povo de Deus (Eclesiastes ilustra bem essa condição) e as antigas estruturas sociais não mais prevaleciam. A conjuntura multiétnica, multicultural e multirreligiosa da vida judaíta, no período do Segundo Templo, de fato, encorajava a abertura a outros meios de pensamento que podiam ser abrangentemente positivos, mas também a outros excessivamente errados e nocivos. Provérbios 1—9 sugere uma audiência envolvida no estudo de questões teológicas profundas e enxerga o discernimento personificado como uma mulher, a sra. Sabedoria. Isso implica o desejo de que os seus destinatários estejam abertos a aprender com as mulheres. Pode-se ver como os rapazes podem permitir que um tipo correto de abertura se torne nociva.

Ontem, quando nos dirigíamos à capela, demos de cara com o reitor (sua posição está entre o diretor e o vice-diretor, em termos de Reino Unido). Antes de assumir esse posto, meses atrás, jantamos com sua esposa e ele, mas raramente o vimos desde então. Não recordo as palavras exatas que ele usou para descrever como as coisas estavam, mas eu sabia que ele estava lidando com uma série de grandes questões. No contexto de uma grave crise financeira global, o seminário precisou avaliar, novamente, o seu orçamento, e o bibliotecário havia saído; assim, era preciso contratar outro. Ainda, pelo fato de o reitor ter sido promovido do cargo de deão, necessitávamos de outro deão e, portanto, o reitor estava encabeçando a procura por essa pessoa. Por fim, estamos em meio a uma importante reflexão sobre como facilitar a formação espiritual dos alunos. Quem possui a sabedoria para preencher todas essas responsabilidades?

Aqui, o segundo parágrafo aborda a questão da responsabilidade de um líder e observa como a sabedoria é a chave para cumpri-la. Provérbios 1—9 preocupa-se em fazer com que as pessoas, em geral, levem a sabedoria a sério e, por esse motivo, é que faz menção ao líder. A sra. Sabedoria declara: “É por mim que os reis reinam, que os governantes legislam o que é certo, que os líderes governam, que os soberanos e outros decidem o que é justo.” A história de Salomão ilustra bem esse ponto. Primeiro Reis 3—4 relata como Deus perguntou a Salomão pelo que ele gostaria de orar. Salomão respondeu que pediria por sabedoria; Deus o atendeu, e ele, então, demonstrou sabedoria ao julgar o caso entre duas prostitutas que disputavam quem era a mãe de um bebê e também na constituição de seu corpo administrativo. Salomão, portanto, ilustra a reivindicação da sabedoria de que ela se entrega a pessoas que se entregam a ela; “pessoas que me buscam intensamente me encontram”. O capítulo também reafirma a ligação entre a sabedoria, que lhe permite fazer as coisas, e o temor de Deus ou submissão a ele, ao lado do compromisso com a fidelidade no exercício de autoridade, além da resistência à tentação de ser enganoso ou de se achar mais do que é.

Provérbios deseja que os líderes exerçam essa sabedoria, mas o seu ponto é que, pelo menos, as pessoas comuns vivam com base nisso; essa preocupação é a implicação da estrutura do capítulo, os seus parágrafos de abertura e de encerramento. Portanto, o capítulo redireciona a sua exortação às pessoas comuns, dizendo: “Os líderes confiam na sabedoria — por que vocês não?” No terceiro parágrafo, apresenta outro argumento ainda mais incisivo: “Como

sabedoria de Deus, estive envolvida na criação do mundo — então, vocês não deveriam confiar em mim também?”

O capítulo, aqui, retoma a personificação da sabedoria, já apresentada algumas vezes, e amplia ainda mais os limites do que pode ser dito por meio dessa personificação. O capítulo 3 expressou o ponto de que Deus usou a sua sabedoria na criação do cosmos; dificilmente teria empreendido essa tarefa sem fazer uso dela. A sra. Sabedoria não reafirma esse ponto explicitamente no capítulo 8, mas foca outros aspectos do seu envolvimento na criação. Primeiro, o texto indica que Deus possuía a sua sabedoria desde o princípio. É como se a sra. Sabedoria estivesse lá, na criação, como uma pessoa distinta de Deus, embora sendo um aspecto dele. É como se Deus tivesse gerado a sua sabedoria no início de todas as coisas. Deus, portanto, “adquiriu” a sua sabedoria lá atrás (Provérbios utiliza o mesmo verbo já usado por Eva, em Gênesis 4, quanto a ela “adquirir” Caim como seu filho). Assim, a sra. Sabedoria foi capaz de estar lá, quando Deus criou o cosmos. A sabedoria é o princípio de concepção que fez e faz as coisas funcionarem no mundo; ela é um membro do gabinete divino a quem Deus consulta e que faz parte da tomada de decisão sobre o mundo e mantém a vigilância sobre ele.

Há um aspecto adicional ao seu testemunho. A sabedoria soa como alguém de extrema seriedade, mas que se revela como algo bem lúdico. Não é certo que a sra. Sabedoria descreva a si mesma como uma “criança” — diferentes traduções apresentam “artífice” ou “arquiteto”; mas, nas linhas seguintes, fica explícito que ela estava tendo um tempo divertido e animado, agindo de modo brincalhão e infantil, enquanto Deus criava o mundo. Pode-se inferir que o próprio ato da criação tenha sido uma atividade alegre; aquela alegria criou o mundo. A sra. Sabedoria ficou entusiasmada com a criação que Deus estava trazendo à existência e não menos empolgada com a própria humanidade. Gênesis 1 descreve cada elemento da criação como bom, mas o faz de modo solene. A sra. Sabedoria bate palmas e dança. O capítulo é lúdico, apesar de sério, como mostra o último parágrafo, quando o texto retoma a solenidade e a sobriedade.

Quando os primeiros cristãos precisaram falar sobre Jesus como existente antes de se tornar um ser humano, e tão divino quanto, porém distinto do Pai, eles lançaram mão da ideia da Sabedoria de Deus, que passagens como Provérbios 8 descrevem como divina, embora a retratem como distinta da pessoa de Deus (claro que no contexto de Provérbios esse retrato é mais metafórico do que quando falamos de Jesus como a personificação da sabedoria de Deus). A

descrição de Jesus como a Palavra de Deus, em João 1, utiliza os termos que descrevem a Sabedoria de Deus em Provérbios 8. A implicação não é de que devemos ver Jesus em Provérbios, mas que devemos compreender Jesus à luz de Provérbios. O ensino de Cristo é expressão da sabedoria escrita na criação.

Acabei de voltar de um simpósio sobre exploração sexual na igreja, que incluiu material em vídeo contendo testemunhos de vítimas e exploradores (alguns reais e outros encenados por atores). Um elemento perturbador foi o comentário de um explorador sobre como ele enganara a si mesmo quanto à propriedade de sua ação. Isso trazia felicidade aos dois lados (no curto prazo). Assim, o que poderia haver de errado? Outro elemento preocupante foi a interpretação de expressões de arrependimento. Como saber se as expressões indicam um arrependimento genuíno, nos termos do Antigo Testamento, no qual a palavra hebraica, mais frequentemente traduzida por "arrependimento", literalmente significa "virar" e, portanto, indica uma mudança de comportamento? Pode-se temer tanto não se alegrar com o genuíno arrependimento quanto de contentar-se com um mero remorso. No passado, duas vozes eram direcionadas ao explorador; uma declarando que a ação era errada, e a outra afirmando que era uma expressão de amor. As duas vozes são internas e continuarão expressando as suas respectivas visões. Tudo depende de como o explorador responderá, no futuro, ao ser abordado por aquelas vozes.

Provérbios 9 fala dessas duas vozes — ou melhor, as articula. Ele constitui o último dos capítulos inaugurais de Provérbios, que abrangem uma série de homilias entrelaçando discursos sobre sabedoria e a fidelidade conjugal. Aqui, a promiscuidade sexual e a estupidez estão intimamente identificadas. A infidelidade sexual é a insensatez suprema, e tanto a infidelidade quanto a insensatez estão associadas com a falha em viver no temor de Yahweh — isto é, em obediência a ele. A proeminência da exploração sexual e das transgressões nessa área, na igreja do Ocidente, torna a consideração dessa ligação especialmente perturbadora, e ainda mais inquietante a negligência quanto ao tema. Trata-se de um assunto que muitas igrejas evitam por ser desconfortável; um jovem presente em nosso simpósio sentiu-se perturbado apenas por pensar na possibilidade de um ministro estar envolvido na exploração (a maioria dos exemplos de exploração apresentados envolvia ministros). É mais fácil evitar a reflexão sobre esse tema. Assim, é uma grande dádiva de Deus haver um livro como Provérbios que foca com grande interesse a tentação sexual.

A sra. Sabedoria já se destacou o suficiente. Então, no parágrafo derradeiro, a sra. Estupidez é concebida como a sua contraparte negativa. Elas são como dois profetas, um verdadeiro e outro falso. A exemplo do que ocorre com os profetas, é fácil confundi-los, especialmente quando há uma predisposição para isso,

agravado pelo fato de as duas vozes estarem dentro da sua cabeça. Ambas se colocam em posições proeminentes, tentando atrair pessoas ingênuas, pessoas carentes de bom senso (não é uma falha ser ingênuo ou desprovido de sensatez, mas é preciso crescer rumo à maturidade). Ambas convidam as pessoas a se aproximarem e comerem, a virem e desfrutarem do banquete que oferecem.

A casa da sabedoria possui sete pilares; ela contém toda a sabedoria necessária a uma pessoa. A sra. Estupidez é a antítese da sra. Sabedoria, pois personifica a ingenuidade, ainda que pense de si mesma como a personificação da sofisticação; vive em negação e/ou justificação do ensino que incorpora a sua falta de sabedoria. Como poderia saber que está agindo assim? A sua própria ingenuidade é um motivo do porquê é importante permitir que outros e a Torá nos disciplinem e nos forneçam um parâmetro para o nosso comportamento. Igualmente, é a personificação da presunção e da arrogância (outra antítese da sabedoria em Provérbios), por não reconhecer nada além de si mesma. Busca desviar as pessoas que sabem para onde estão seguindo — que percorrem uma vereda reta (é a palavra que também pode ser traduzida por “justa”). A exemplo do explorador sexual, ela busca desviá-las para um caminho sobre o qual devem manter sigilo. Quando contemplamos uma ação que pode ser considerada errada, não temos a propensão de verificar isso primeiro com os outros. Ela objetiva desviar pessoas para um relacionamento que terá a emoção que acompanha um caso amoroso, algo que, inicialmente, parecerá vivificante, mas que, por fim, exalará os odores da morte. Os incautos que se rendem às suas lisonjas não conseguem ver que a sua morada abre a estrada para o reino da morte.

O que você faz quando suspeita que alguém em sua igreja está envolvido com exploração sexual? Como abordá-la sobre a sua suspeita? Com quem deve falar sobre a sua suspeita? O parágrafo intermediário de Provérbios 9 oferece alguns comentários sóbrios que abordam essas questões. Pode haver um preço a ser pago, embora não tão elevado quanto o preço pago pela pessoa que aceita o convite da sra. Estupidez.

Fui dirigindo para o funeral da minha mãe na companhia do nosso pároco, que me contou uma história pungente e curiosa sobre ela. A exemplo de toda mãe, ela tinha uma percepção exagerada da importância do seu filho. Certo dia, ela perguntou ao pároco se ele achava que eu havia desperdiçado a minha vida sendo um sacerdote e um professor de teologia. Creio que ele absorveu qualquer entendimento de insulto pelo fato de a minha mãe implicar, por tabela, que ele também havia desperdiçado a sua vida ou não, o que, por seu turno, sugeriria que a vida dele era menos importante do que a minha. Ambos rimos do humor acidental da história. Em contrapartida, descrevi o dia em que, com 18 anos, contei aos meus pais, muito apreensivo, que havia sentido o chamado ao ministério. Ainda posso lembrar daquele domingo de setembro, com o sol do entardecer adentrando a nossa sala de estar. O meu pai respondeu: “Bem, não é o que teríamos escolhido para você, mas apenas queremos que você faça o que deseja.”

A despeito desse comentário, espero e creio ter sido um filho que trouxe mais alegria do que sofrimento aos meus pais, ainda que eles imaginassem haver um sentido no qual fui insensato ao decidir gastar a minha vida assim. No entendimento de Provérbios, a sabedoria reside no temor diante de Yahweh e na obediência ao que ele diz; a estupidez se expressa pelo ignorar as expectativas de Yahweh (v. 27). Estando tudo bem, a sabedoria de Deus é expressa pelo ensino dos pais; daí a expectativa de Provérbios de que alguém também tomará nota dele (e quanto ao ensino moral dos meus pais, espero ter feito isso). Assim, não importa tanto que Provérbios seja ambíguo com respeito a quais mandamentos deve-se aceitar (v. 8) e a quais correção e repreensão deve-se atender (v. 17). O ponto é que a estupidez reside na presunção de que não há nada a ser aprendido e na preferência em possuir uma boca em vez de dois ouvidos bem abertos (v. 8,19). A estupidez é um sinal de rebeldia (v. 19), não de limitação da capacidade mental, que fará descer uma vara sobre as costas da pessoa estípida (v. 13), que abrirá a porta da sua casa à ruína (v. 14) e que significará perder-se no caminho para a vida em vez de encontrá-la (v. 17). Por outro lado, as palavras de sabedoria são valiosas, nutritivas e frutíferas (v. 20-21,31).

Antes de sentir o chamado para o ministério (que foi mais surpreendente para mim do que para os meus pais), eu planejava estudar economia, no que poderia haver mais sabedoria por me levar a uma vida na qual obteria mais dinheiro. Entretanto, Provérbios não enxerga aquela vida como mais sábia do que a vida

para a qual senti-me impulsionado por Deus. Não que Provérbios seja irrealista a respeito de dinheiro e de pobreza (v. 15). Contudo, a sua observação introdutória (v. 1) leva diretamente à consideração do fato de que, no fim, não há ganho real na obtenção de dinheiro por meio da infidelidade (v. 2). No final, a fidelidade compensa, ela vê os seus desejos cumpridos, produz alegria, permanece firme, enquanto a infidelidade "age para o pecado" (i.e., é pecaminosa e deve ser tratada como tal), vê as suas expectativas serem frustradas, perde a sua terra e recebe a devida recompensa (v. 2,16,24,28,30). Expressando de maneira menos financeira, o fiel é tão abençoado que o seu nome é usado em bênçãos, quando as pessoas oram: "Que Deus o abençoe como abençoou fulano", enquanto o oposto é verdadeiro em relação ao infiel (v. 7). A integridade gera segurança; os caminhos tortuosos são descobertos (v. 9). A pessoa infiel é como uma casa de madeira que é levada pelo tornado, ao passo que a pessoa fiel é uma casa de tijolos com um alicerce sólido (v. 25).

Como a fidelidade resgata da morte (v. 2) e traz vida (v. 16,27)? O livro de Provérbios implica diversas maneiras; às vezes, apenas um fator pode estar em ação e, em outras, mais de um fator. O primeiro é que há uma ligação de causa e efeito embutida na forma com que a vida funciona. Essa convicção está explícita na observação de que a pessoa preguiçosa não obtém o suficiente para se alimentar, ao passo que a pessoa diligente, sim (v. 4).

O segundo é que a fidelidade edifica a comunidade, e, quando a comunidade funciona bem, ela favorece os membros fiéis. Um dos aspectos da ligação entre o indivíduo e a comunidade surge em como a falha ou negligência em obter o máximo da terra por meio da colheita e, assim, poder guardar o suficiente para garantir o plantio e a colheita no ano seguinte, não apenas indica estupidez, mas também traz vergonha sobre você e a sua família (v. 5). Os versículos apresentam uma posição contrária com respeito aos fiéis dentro da comunidade, cuja posição na comunidade será reforçada, fazendo-a funcionar bem. O engano ou a conspiração (v. 10), a animosidade e o repúdio (v. 12,18), a mentira ou a calúnia (v. 18), os esquemas (v. 23) e a desonestidade (v. 31-32) enfraquecem a comunidade e terão recompensas negativas (v. 18,31-32). Não ser confiável provoca o mesmo efeito (v. 26). Por outro lado, a honestidade (v. 11) e a abnegação ou entrega pessoal edificam e fortalecem a comunidade (v. 12); o discurso que é apoiado pela fidelidade significa plena aceitação da pessoa na comunidade (v. 32).

O terceiro fator é que Deus faz isso funcionar, às vezes, por meio dos dois

primeiros; outras, intervindo a fim de assegurar que isso ocorra. Se os fiéis passam fome e os infiéis realizam os seus desejos, isso vem do envolvimento de Yahweh (v. 3). Falar de bênçãos sobre a cabeça da pessoa fiel implica esse envolvimento divino, pois Yahweh é quem abençoa (v. 6). Por Yahweh ser a fonte de bênção é que você não pode abençoar-se por seu próprio esforço (v. 22), mesmo que o indivíduo renuncie a isso, não se esforçando na vida. Yahweh é uma fortaleza ou uma causa de ruína, de acordo com o grupo ao qual a pessoa pertence (v. 29).

As coisas nem sempre funcionam para que a fidelidade resgate da morte. Às vezes, as pessoas pagam por sua fidelidade com a própria vida, ou a pobreza pode ser resultante da opressão de outros povos. Todavia, Provérbios assume que as suas generalizações funcionam com frequência suficiente para serem consideradas e obedecidas. Ainda, presume que este mundo criado por Deus, provavelmente, seria muito estranho, caso as suas generalizações não fossem amplamente verdadeiras. Ainda, espera que as pessoas sejam fiéis, mesmo quando a fidelidade não as resgatar da morte; as pessoas não devem ser fiéis apenas porque a fidelidade compensa.

Provérbios 10 é diferente de Provérbios 1—9, pois esse capítulo abrange uma série de versículos isolados que cobrem uma ampla gama de assuntos em vez de uma exposição conectada de um tema. Grande parte de Provérbios 10—31 assume a mesma forma do presente capítulo. Às vezes, há pequenas sequências de provérbios sobre temas correlatos. Outras vezes, a ordem das linhas é menos aleatória do que parece, pois há ligações verbais no hebraico que não são evidentes em nosso idioma. No entanto, em termos de assuntos, na maioria das vezes, os versículos saltam de um tema ao outro. As divisões do capítulo são aleatórias e, durante a leitura, é possível explorá-las como preferir até chegar a uma passagem que mais desperte o seu interesse para dedicar mais tempo. Ao fim dos comentários sobre o livro de Provérbios, há uma lista dos versículos sobre alguns de seus tópicos, organizados por assunto.

Em um dos volumes anteriores desta série, referi-me ao fato de ser propenso a pensar que nada do que eu faço como professor, escritor ou pastor faz diferença na vida de outras pessoas. Na semana passada, recebi uma mensagem de alguém que leu o volume no qual fiz esse comentário e escreveu para me repreender, o que sobremodo apreciei. Divertiu-me a sua referência a outro escritor, o qual muito admiro, que havia feito o mesmo comentário e também foi repreendido por ele. Assim, senti-me devidamente repreendido, mas, provavelmente, nunca deixarei de ter esse sentimento e não acho que me fará mal continuar sem me levar muito a sério. A versão de repreensão da minha esposa é para eu não subestimar quanto as pessoas me levam a sério; as minhas palavras casuais e meio sem sentido, bem como os meus exageros, podem ter um efeito bem maior do que eu imagino.

Sinto-me apoiado e, ao mesmo tempo, desafiado por Provérbios 11. O capítulo adverte sobre o perigo de se levar muito a sério (v. 2); como diz o conhecido ditado, o orgulho precede a queda. Por outro lado, a exemplo do capítulo 10, ele observa a importância e o poder das palavras, pois é possível destruir uma pessoa apenas com elas (v. 9). Nos Estados Unidos, as pessoas valorizam a polidez, e os alunos são respeitosos em relação aos professores. Posso magoar um aluno por uma observação casual à qual não dou muito importância, posso inibi-los e desencorajá-los a fazer mais perguntas se sorrir e fizer piadas de suas questões. Para mim, é um sinal de apreciação pela pergunta feita, pelo interesse e atenção que demonstram, mas a minha reação pode parecer desrespeitosa e insensível no entendimento deles, a exemplo da ação de alguém que despreza o seu próximo e a quem falta bom senso, em contraste com a pessoa de discernimento que é mais contida (v. 12) e que também é capaz de guardar uma confidência (v. 13).

Provérbios sabe que as palavras podem ser nocivas de formas mais contundentes. Caso minta sobre o seu vizinho na assembleia dos anciãos, junto ao portão da cidade, isso pode, literalmente, significar a morte dele, exceto se houver alguma pessoa fiel que use a sua sabedoria em defesa do acusado (v. 9). Tais eventos ameaçam a existência da comunidade. Portanto, as palavras são importantes para a própria comunidade — tanto palavras mentirosas quanto palavras de bênção (v. 11).

A exemplo dos profetas, Provérbios está, desse modo, interessado na

honestidade e enfatiza a importância de não ludibriar nos negócios (v. 1). Assegura que a honestidade compensa e que a desonestidade não é tão lucrativa quanto imaginam os fraudadores (v. 18). De forma geral, no fim, a integridade vale a pena (v. 3,5-6), em parte porque Yahweh está envolvido no modo pelo qual as relações humanas funcionam (v. 20,31). Pode haver a impressão de que a infidelidade compensa e os fiéis saem perdendo, mas, no fim das contas, os infiéis e os fiéis trocarão de posição (v. 8). Expressando de forma mais contundente ou paradoxal, viver de forma altruísta e generosa pode beneficiar os seus próprios interesses, enquanto uma vida egoísta pode ser autoprejudicial (v. 17). Um exemplo concreto é reter o próprio excedente de grãos quando há escassez na comunidade, pois você espera obter lucros ao vendê-lo mais tarde (v. 26). Ironicamente, enquanto os anseios do fiel resultam em coisas boas, as "expectativas" dos infiéis são frustradas (v. 23). A pessoa generosa pode acabar melhor, a despeito de sua generosidade, enquanto a mesquinha pode terminar com prejuízos, apesar de todo o cuidado com seus bens (v. 24). Assim, um subproduto de abençoar outras pessoas (aqui a bênção provavelmente significa algo concreto em vez de apenas palavras com bons desejos) pode ser ganhar algo para si, e um subproduto de dar alívio a alguém pode ser também recebê-lo (v. 25).

Uma vez mais, um dos motivos para fazer essas declarações é que as exceções à regra podem nos impactar mais do que os exemplos de obediência; a comunidade precisa do encorajamento para crer na regra, mesmo que, com frequência, pareça o contrário (v. 10). Sua confiabilidade geral é fundamental para o bem-estar comunitário, até para a continuidade de sua existência (v. 11). O comentário sobre direção (v. 14) estabelece um ponto mais geral em relação à comunidade sobre a necessidade de haver uma liderança coletiva. Muitas cabeças pensam melhor do que apenas uma. No contexto dos comentários posteriores de Provérbios sobre os reinados, isso implica que a comunidade necessita de uma liderança forte e que para um líder decidir sozinho é insensatez. Um líder pode ser talentoso para inspirar e comunicar, mas tais habilidades não são necessariamente acompanhadas pela capacidade de discernir a ação correta, ou pelas qualidades pessoais que fornecem salvaguardas contra uma ação errada. (Na Almeida Corrigida e Fiel, o v. 14 apresenta: "onde não há profecia [visão], o povo perece", o que é um comentário edificante, embora dificilmente seja o que o ditado denota: o termo hebraico para "direção" refere-se à habilidade de manejar bem o leme de um navio.)

Obter riquezas não o ajudará a solucionar uma crise que ameace a sua vida (v. 4).

O dia da ira pode ser quando Deus agir para punir você (talvez com uma morte prematura), especialmente se a punição estiver relacionada à obtenção da sua riqueza por meios desonestos. Ou, talvez, quando a ira humana cair sobre você. As mesmas possibilidades aparecem mais tarde (v. 23). Similarmente (v. 21), o juiz que não irá absolver a pessoa má pode ser Deus, ou o provérbio pode ser uma declaração de confiança na integridade do tribunal, que se reúne junto ao portão da cidade, ou, ainda, uma exortação implícita aos seus membros. ("Mão na mão" talvez implique: "pode apertar as mãos a esse respeito"; é certo que acontecerá.) De uma forma ou outra, a justiça será feita. Uma ambiguidade similar ocorre no provérbio sobre buscar o que é bom para si (v. 27), que nos aconselha a buscar favor — pode ser uma referência ao favor de Deus ou de outras pessoas. A segunda metade desse provérbio usa o termo "mal" em dois sentidos; se você busca o que é moral e socialmente maligno, experimentará sobre si algo igualmente maligno.

É tentador usar meios violentos para obter riquezas (v. 16); o provérbio, de maneira provocativa, estimula a reflexão sobre as diferentes prioridades que podem caracterizar homens e mulheres (Provérbios reconhece que as mulheres possuem as suas próprias tentações: veja o v. 22). Os infiéis, então, são aprisionados por seus desejos (v. 6); eles podem pensar que a riqueza garantirá a segurança deles diante de qualquer ameaça, mas tais expectativas são expostas como falsas, e eles perecem (v. 7). A confiança na riqueza conduz ao desastre, enquanto a fidelidade leva à prosperidade (v. 28). Provérbios sabe a importância de possuir riqueza suficiente para manter a sobrevivência da sua família e auxiliar pessoas em necessidade e conclama você a não ser insensato e irresponsável com os recursos que possui (v. 15) — o estranho será um forasteiro que pode desaparecer tão rapidamente quanto apareceu na vila. Você pode arruinar a sua casa e terminar de mãos vazias, servindo a alguém menos estúpido que você (v. 29). É melhor ser uma pessoa fiel que é uma árvore de vida à sua casa do que alguém que dá a uma pessoa mais sábia a chance de obter o controle sobre outras pessoas (v. 30: mas esse é um provérbio obscuro).

Ontem à noite, como de costume, consegui dormir bem, mas, a exemplo do que ocorre, às vezes, acordei após algum tempo e permaneci acordado por cerca de três horas. Senti uma dor em meu braço que não me preocuparia caso estivesse totalmente desperto; mas, no meio da noite, a dor despertou uma vaga consciência de que poderia ser um sinal de ataque cardíaco. Além disso, ainda estou lidando com o fato de (após ter me ausentado da cidade por nove dias) estar atrasado com várias obrigações e não avançar com a necessária rapidez. Essas são as ansiedades que estou pronto a revelar; há uma ou duas outras que não. Contudo, durante o café da manhã, a minha esposa me perguntou o que eu estava pensando e lhe contei o que me incomodava; ela me disse algumas palavras e me senti um pouco melhor.

Ela é, portanto, a minha coroa em vez de ser a decadência dos meus ossos (v. 4), e creio ser o mesmo para ela. “A ansiedade na mente de uma pessoa é um peso, mas uma palavra boa a faz alegrar-se” (v. 25). Provérbios já expressou o seu interesse na fecundidade das palavras (p. ex., 10:11,21); o livro reconhece a importância do que dizemos e também do que não dizemos. Igualmente, interessa-se pelo que se passa na mente e no coração, não apenas na vida exterior. O provérbio sobre ansiedade traz consigo os dois interesses. A língua de uma pessoa sábia pode trazer cura (v. 18). A referência à queixa leva a pensar nos amigos de Jó que muito falaram sem conseguir curar nada. Ainda, aponta para o paradoxo de que a língua pode curar sem falar muito, e por ouvir primeiro, e somente, então, falar. Afinal, pessoas perspicazes falam menos do que sabem, mas pessoas tolas tagarelam as suas tolices (v. 23). Provérbios valoriza as palavras em proporção inversa à sua quantidade. O capítulo, uma vez mais, reconhece a abrangente importância das palavras verdadeiras (v. 17) e o poder e o efeito, tanto positivos quanto negativos, que podem estar associados com as palavras e que podem recair sobre quem as profere (v. 13-14). O que fala falsamente não dura mais do que uma árvore com raízes superficiais (v. 19; comp. v. 7). De forma mais ampla, os que levam outros ao desvio, em vez de lhes mostrarem o caminho reto, acabam, eles mesmos, se desviando (v. 26) e não encontram a vereda para a vida (v. 28).

Ninguém gosta de ser colocado em seu devido lugar, mas o livro de Provérbios sabe que a correção e a repreensão constituem chaves para o crescimento (v. 1). Expressando à maneira de Provérbios, são chaves para a sabedoria. Assim, os que desejam ser sábios não aceitam a correção e a repreensão meramente com

má vontade ou relutância, mas a recebem como amigos ou se entregam a elas. Provérbios usa palavras para amor e ódio, que denotam não apenas emoções, mas expressões da vontade — render-se como oposto a repudiar. Pessoas estúpidas, simplesmente, presumem que sabem o que estão fazendo, mas a sábia busca conselhos (v. 15). Ao contrário, quando corrigidas, as estúpidas reagem de imediato, mas a perspicaz evita agir assim (v. 16). A sabedoria, dessa forma, é fundamental para alcançar um lugar respeitado no seio da comunidade (v. 8).

Por outro lado, é melhor não ter uma posição de destaque na comunidade e cuidar de si do que fingir ter status e não ter o suficiente para comer (v. 9). Os versículos 10-12, 24 e 27 conectam-se em tema e na preocupação com a vida de pessoas comuns do campo e no modo pelo qual a fidelidade se expressa ali. É bom, na verdade é excelente, trabalhar duro e cultivar o solo arduamente em vez de desperdiçar a própria energia em projetos que não levam a lugar nenhum, porém não é bom forçar muito os seus animais (v. 10-11). Igualmente, é um pouco patético invejar o resultado da caça de outras pessoas em lugar de prestar atenção à sua própria fidelidade e provar que ela produz resultados (v. 12). A negligência ou a preguiça significará não ter caça para assar ou não ter disposição de assá-la (v. 27), mas pessoas determinadas e diligentes obtêm recursos. Na verdade, a negligência resulta na perda da fazenda, levando o seu ex-proprietário a trabalhar como servo de alguém mais determinado e diligente quanto ao seu trabalho (v. 24).

O capítulo fala muito sobre planejamento. O oposto de ser uma boa pessoa é ser uma pessoa de esquemas (v. 2). Pessoas infiéis planejam emboscadas para os outros, ao passo que a fidelidade oferece alguma proteção (v. 6). Provérbios 12 usa a imagem de direção do capítulo anterior, aplicando-a, agora, à forma tortuosa com que as pessoas infiéis exercem a autoridade no governo, enquanto manejam o leme da nau estatal (v. 5). O paralelismo no provérbio sobre pessoas que planejam coisas malignas (v. 20) sugere uma espécie de ironia apreciada por Provérbios. Elas estão planejando coisas perversas para outras pessoas, mas o contraste com a alegria daqueles cujos planos objetivam a paz sugere que os infiéis acabam gerando coisas malignas para si mesmos. De forma irônica, porém apropriada, coisas más recaem sobre os infiéis quando eles mesmos se tornam vítimas das perversidades de outras pessoas infiéis (v. 21).

Ao assegurar que os que armam esquemas obtenham a devida retribuição, a atividade de Deus e a ordem embutida das coisas caminham juntas. De um lado, um homem bom ganha o favor de Yahweh, enquanto este trata o que engendra

esquemas maus como um infiel (v. 2); a veracidade obtém o favor divino, mas Deus trata a mentira como ela merece ser tratada (v. 22). Do outro, de modo análogo à natureza, uma pessoa fiel será como uma árvore que permanece firme, não como aquela cujas raízes logo colapsam. Em nossa cidade, houve um violento vendaval, meses atrás, que causou danos da ordem de 17 milhões de dólares, apenas aos cofres públicos, e derrubou centenas de árvores que pareciam ter raízes muito firmes. “Derrube os infiéis, e eles não mais estarão lá, mas a casa dos fiéis permanece” (v. 7).

Recentemente, uma mãe me contou como especialistas em educação cristã a haviam encorajado a disciplinar fisicamente os seus filhos; alguns instruíram para fazer isso apenas até as crianças começarem a falar; outros, a qualquer demonstração de obstinada rebeldia, independentemente da idade. A recusa em disciplinar constituía desobediência ao mandamento divino. As instruções foram enfatizadas com relatos sobre os infortúnios de pais que ignoraram essa ordem de Deus, com resultados trágicos. Se educarem os filhos com disciplina, eles serão adultos de valor; caso contrário, disseram, colherão grandes problemas. Ela prosseguiu, perguntando com um sorriso tímido, se teria um espírito menos rebelde caso fosse disciplinada quando criança, mas também se o Novo Testamento tinha algo a dizer sobre o assunto.

Provérbios, de fato, afirma que o pai que poupa a sua vara ou bastão está repudiando o seu filho, enquanto aquele que se entrega ao seu filho cedo o desperta para discipliná-lo (v. 24); os verbos, uma vez mais, são aqueles convencionalmente traduzidos por amor e ódio. Observamos, em nosso comentário sobre Provérbios 4, que o Novo Testamento não nos deixa de fora em relação a provérbios sobre disciplina. Todavia, outra mulher sugeriu um modo de aliviar os pais. Caso consideremos esses versículos em Provérbios como mandamentos, a exemplo dos incluídos na Torá, igualmente teremos que disciplinar pessoas estúpidas, escarnecedores e pessoas impuras (19:25; 20:30; 26:3), cortar a língua de pessoas traiçoeiras (10:31), sujeitar pessoas preguiçosas a trabalhos forçados (12:24), lançar sortes para revolver disputas (18:18) e cortar a nossa garganta se o nosso apetite for exagerado (23:2). Em outras palavras, muitos provérbios neste livro parecem figurativos e hiperbólicos, a exemplo da exortação de Jesus para arrancar o nosso olho (ou, falando nisso, seguir a própria recomendação da Torá quanto a um olho por outro). Além disso, em passagens como Provérbios 1, as palavras hebraicas para “disciplina” ou “correção”, com frequência, referem-se à instrução e nem sempre sugerem castigo físico, mesmo de modo metafórico.

É igualmente significativo que outros provérbios sobre disciplinar um filho (p. ex., Provérbios 22) o descrevem como um jovem. Embora o termo possa ser usado em referência a uma criança pequena, frequentemente refere-se a alguém mais velho, ainda não casado; em Israel, certa feita, fui citado por esse termo com 30 anos de idade. O termo para criança, em oposição a um jovem solteiro, jamais é utilizado em Provérbios. Ainda, quando o Antigo Testamento, em

outras passagens, levanta questões sobre disciplina por pais e rebelião de seus descendentes, isso diz respeito à relação dos pais com seus filhos adultos, a exemplo do relacionamento de Salomão com seus pais, ou de Davi com Amom e Absalão. Assim, Provérbios está conclamando os cabeças das famílias, de meia-idade, para controlarem os seus filhos adolescentes ou jovens adultos, não seus filhos pequenos.

As expectativas de Provérbios são, portanto, ainda mais preocupantes para os pais. Elas sugerem certa aspereza nas observações sobre a atitude desses jovens adultos em relação aos seus pais (v. 1). Os pais sabem o que é ser ridicularizado quando tentam disciplinar ou repreender. Eles se alegram quando os filhos falam e se alimentam bem, mas sofrem quando mostram um apetite para a violência e com a sua boca se envolvem em confusão (v. 2-3). Os pais anseiam que os filhos busquem conselhos (pelo menos deles!) em vez de agirem como encrenqueiros arrogantes (v. 10). Sabem que amigos podem exercer maior influência do que eles mesmos (v. 20) e esperam que os filhos deem ouvidos aos mandamentos (não apenas às ordens paternas!) em vez de trilharem os seus próprios caminhos e entrarem em apuros (v. 13). Os pais almejam que seus filhos vejam que o ensino sábio (não apenas o ensino dos pais!) é o caminho para a vida e para o favor de outras pessoas, evitando, assim, as ciladas da vida, um destino do qual não podem escapar, além de propagar a própria insensatez ou de atrair outros a ela (v. 14-16,21). Eles se alegram quando os filhos falam a verdade e sofrem quando enganam e exalam o cheiro do mal na comunidade, trazendo vergonha sobre si mesmos e sobre os seus pais (v. 5). Os pais se alegram quando os filhos se comprometem com o trabalho diligente e, portanto, prosperam, mas sofrem quando não o fazem (v. 4). Contentam-se quando os filhos são membros que desfrutam a confiança da comunidade e de seus líderes para realizarem uma tarefa em benefício deles (v. 17). Rejubilam-se quando os filhos personificam como a fidelidade significa uma vida de integridade, mas padecem quando a infidelidade lhes arruína a vida por serem pecadores (v. 6) — o ditado usa termos abstratos, mas se refere às pessoas que encarnam essas abstrações. Provavelmente, não há nada mais importante para os pais do que ver os filhos crescerem como pessoas fiéis, cuja vida prospera, de maneira que, de novo, há certa contundência nas declarações sobre essa dinâmica (v. 9).

É possível tratar o provérbio sobre a conexão entre aceitar a disciplina e evitar a pobreza (v. 18) como uma ligação entre o interesse pela instrução parental e o capítulo que fala sobre a riqueza. Se prestar atenção à disciplina, é mais provável que vá bem na vida e angarie honra na comunidade do que seja humilhado por

ela. Há, talvez, uma aspereza adicional nas declarações do capítulo sobre a riqueza; ela pode lhe permitir comprar uma saída da correção; mas, se você não possui nenhuma riqueza, pode ser mais arrogante diante de uma ameaça, pois nada tem a perder (v. 6). Paradoxalmente, há pessoas que fingem estar indo bem quando não estão, talvez por sua autoestima e por sua posição perante as demais pessoas dependerem do fato de serem bem-sucedidas (v. 7). Existem também aquelas pessoas que estão indo bem, mas ocultam o fato, talvez para evitar que as outras pessoas, então, passem a procurá-las em busca de empréstimos, por temerem que o sucesso seja temporário ou, ainda, pela possibilidade de se exporem à pressão para comprar o seu espaço entre as pessoas (v. 7). Seja como for, não considere os indivíduos com base no valor que aparentam. Pode ser tentador buscar a riqueza por meio de projetos que prometem gerar dinheiro fácil, mas que, provavelmente, não dão certo no longo prazo; o progresso lento, porém firme, é mais sábio (v. 11) — ajuntar com as mãos é, talvez, uma imagem referente à colheita dos fazendeiros (podemos contrastá-la com o uso de uma colheitadeira mecanizada). Pode-se, então, ter riqueza suficiente para deixar como herança, enquanto a riqueza obtida por meios desonestos acaba no espólio da pessoa fiel (v. 22).

Um corolário da maneira pela qual a riqueza pode ser adquirida desonestamente é que a pobreza pode resultar da transgressão dos fraudadores e da falha das pessoas com poder de combatê-la (v. 23). Essa experiência por parte de pessoas comuns é, então, ilustrada pela forma como a postergação da esperança, alimentada pelo cabeça da família, de que verá a sua família abastecida, adoece o seu coração; mas a realização desse desejo será uma experiência vivificante (v. 12). Testemunhar a realização dos seus anseios é doce em mais sentidos do que apenas um, e é uma esperança à qual vale a pena apegar-se, em vez de persistir em um estilo de vida maligno que somente leva a um fim igualmente maligno (v. 19). Provérbios não deseja abrir mão da ideia de que a fidelidade e a infidelidade recebem um fim apropriado (v. 25).

Na semana passada, certo amigo me contou sobre um jantar que ele e a sua esposa tiveram com outro casal. A outra mulher era ex-esposa do meu amigo, mas os dois casais eram felizes em seus casamentos atuais e, portanto, essa parte anterior da história deles não seria um problema. Assim, todos desfrutaram de uma noite agradável, durante a qual o meu amigo e a sua esposa deram o seu bem ensaiado relato sobre as circunstâncias incomuns de quando eles se conheceram, o que rendeu boas risadas. Mas, ao voltarem para casa, a esposa do meu amigo revelou quanto estava aborrecida pela noite, por considerar difícil encontrar-se com alguém que tinha uma história de vida com o seu marido mais longa que ela própria e também por ele parecer extremamente contente em passar algum tempo com a ex-esposa. Na verdade (ele me confidenciou), o meu amigo não apreciou o evento tanto quanto demonstrou, e preferia tê-lo evitado, mas não se sentiu à vontade para recusá-lo.

“Mesmo em riso um coração pode sofrer, e a celebração pode terminar em tristeza” (v. 13). Há inúmeros sentidos nos quais isso pode ocorrer. Sempre é tolo presumir que as emoções exibidas pelas pessoas são as que elas, de fato, estão sentindo no íntimo. Com frequência, fico surpreso quando alguém descreve outra pessoa e compartilha como ele ou ela “honestamente” se sente, como se expressões verbais de alegria ou de tristeza fossem genuínas. As pessoas podem ser ótimos atores e atrizes. Mais instigante ainda é que, mesmo que você conheça a verdadeira natureza dos sentimentos de alegria ou de tristeza de alguém, não pense que você realmente partilha deles (v. 10). Há, talvez, um sentido no qual cada um de nós está sozinho com as próprias experiências interiores; existem limites para a empatia. Ou, pelo menos, não há uma empatia barata. Partilhar da experiência de alguém envolve um grande esforço para resistir à tentação de expressar: “Eu me solidarizo com você.” A outra pessoa é que precisa decidir se você fez isso ou não.

“Um coração saudável é vida para a carne, mas a paixão é podridão para os ossos” (v. 30). Trata-se de outro provérbio que soa como expressão de uma verdade invariável, quando, na realidade, é uma padronização que funciona de maneira geral. Às vezes, o ser interior de uma pessoa pode estar em boas condições, mas ela pode contrair uma enfermidade devastadora. Em outras, sentimentos passionais, como ciúmes e ira, são reações apropriadas a determinada situação, levando pessoas a adotarem as ações necessárias. Por outro lado, reprimir sentimentos tão fortes em lugar de expressá-los pode, de

fato, prejudicar toda a pessoa, tanto corpo quanto espírito.

A exemplo do nosso idioma, a Bíblia refere-se ao coração em várias conexões. Com frequência, ao falarmos das emoções, nos referimos ao coração enquanto a Escritura, de modo geral, refere-se à mente ou à vontade. Os dois usos enxergam o coração como o centro do ser interior de uma pessoa, o manancial de quem a pessoa é. O último uso irá se sobrepor aos outros. Quando o coração da pessoa se desvia do caminho correto em vez de prosseguir andando no bom caminho, isso resulta em experimentar o fruto da própria ação (v. 14). O desvio envolve diretamente a vontade, mas isso reflete algo que ocorreu bem mais profundamente no ser interior. A sabedoria residir no coração implica residir na mente (v. 33), mas isso também permeia, de modo mais abrangente, o ser interior. Faz-se conhecer “no centro” de uma pessoa e afeta as emoções e a vontade. Há uma sabedoria interior que pode, de algum modo, discernir o que é sábio, independentemente de pensar as coisas intelectualmente.

A sabedoria, portanto, afeta toda a vida, não apenas as margens. A linha inaugural sobre edificar uma casa ou derrubá-la (v. 1) traça um paralelo com a sra. Sabedoria e a sra. Estupidez, no capítulo 9, mas fala da mulher que personifica a sabedoria, a mãe sábia a quem o ensino de Provérbios, frequentemente, se refere. A “casa”, ali, denotava um lugar ao qual se podia ir para aprender a sabedoria; fora desse contexto, poderia denotar uma casa edificada pela mulher sábia (i.e., a sua família). Seja como for, ela terá de estar consciente das forças que podem demolir o que ela deseja edificar. No entanto, Provérbios também promete que a casa dos infiéis será destruída, enquanto a tenda dos retos florescerá (v. 11); “tenda” pode denotar uma moradia regular, embora, aqui, comparar uma tenda com uma casa apresenta um excelente contraste entre uma moradia que parece sólida, mas não é, e uma que aparenta ser frágil, mas não é. No final, as coisas irão dar certo (v. 19,22). No fim, os infiéis podem enfrentar a morte com medo, mas os fiéis podem fazê-lo com um senso de segurança (v. 32). Provérbios sabe que as pessoas não podem esperar por uma vida muito interessante após a morte, mas somente uma enfadonha existência no Sheol; portanto, é uma declaração e tanto. Igualmente notável é a afirmação de que a sabedoria se faz conhecida no meio de pessoas estúpidas, embora, na verdade, esteja na mente de uma pessoa discernente (v. 33). Talvez a ideia seja a de que mesmo pessoas insensatas serão compelidas a reconhecer a natureza da sabedoria quando ela os atingir de frente.

Assim, o sábio terminará bem, e o insensato receberá a sua própria recompensa

por ser como é (v. 24). Os primeiros expressarão sabedoria trabalhando diligentemente, em vez daqueles que gostam de ficar sentados jogando conversa fora (v. 23), e reconhecerão que é preciso aturar certa bagunça e trabalho duro se quiserem prosperar (v. 4).

Igualmente, será necessário aceitar o fato de que todos, então, desejarão ser seus amigos, enquanto evitam os pobres que, provavelmente, os solicitarão para suprir as carências deles (v. 20). O capítulo apropriadamente justapõe essa observação realista a outra, indicando como o fato de os instintos humanos agirem dessa maneira não significa que sejam aceitáveis (v. 21). Há um argumento teológico que reforça esse ponto (v. 31). Portanto, o temor de Yahweh é a chave para viver em retidão (v. 2). Por consequência, constitui uma chave para a segurança e para a vida da própria pessoa e dos seus filhos (v. 26-27).

O oposto de temor e submissão é escárnio, deboche, do arrogante que pensa não ter mais nada a aprender (v. 3). Descrever o arrogante buscando sabedoria (v. 6) é quase paradoxal; talvez a ideia seja a de que os escarnecedores têm consciência de que precisam tomar decisões sensatas, mas a arrogância deles evita que obtenham a sabedoria para fazê-lo. O discernimento deles com respeito à ação que deveriam praticar mostra-se enganoso (v. 8). Agem impulsivamente e com excesso de confiança em situações nas quais a precaução seria uma atitude mais sábia (v. 16,29). A falta de temperança pode lhes trazer problemas, embora a falsidade possa lhes acarretar piores consequências (v. 17; tb. v. 5,25). A impopularidade, então, poderá ser um processo irreversível; não há meios pelos quais compensar os seus atos insensatos e gerar as relações amistosas que ocorrem entre os retos (v. 9).

Portanto, aqueles que desejam aprender necessitam ser criteriosos sobre onde buscar sabedoria (v. 7). O caminho que parece reto pode se mostrar um caminho tortuoso, um fato que até mesmo os sábios precisam guardar na mente (v. 12), embora os ingênuos necessitem mais desse cuidado (v. 15,18). Os líderes, às vezes, podem reconhecer esse fato e valorizar de modo apropriado a perspicácia de seu grupo de trabalho (v. 35) — mesmo que o paralelismo nesse provérbio sugira que, como de costume, presume-se que o discernimento ande de mãos dadas com a integridade. Na falta de discernimento, a nação pode merecidamente declinar (v. 34), da mesma forma que a honra de ser o líder dessa nação (v. 28).

Em breve, tentarei escrever um terceiro rascunho de uma resposta a uma mensagem que recebi sobre encerrar o longevo emprego do jardineiro da nossa congregação, por ele estar envelhecendo e apresentar cada vez mais dificuldades em realizar o serviço que necessita ser feito. Sua filha ficou profundamente irritada com a nossa decisão e pela forma em que ela ocorreu. Eu não pretendia responder ao seu protesto, ponto a ponto, mas fiquei preocupado com a ameaça que ela fez de ir à mídia local e decidi dizer algo sobre as suas declarações na mensagem que, simplesmente, pareciam equivocadas. Ao mesmo tempo, entretanto, precisava levar em consideração o seu sentimento de indignação pelo tratamento que dispensamos ao seu pai.

“Uma resposta gentil desvia a fúria, mas uma palavra ofensiva suscita a ira” (v. 1). Não é apenas a língua dos sábios que aumenta o conhecimento, e a boca dos insensatos derrama estupidez (v. 2); a caneta também. É melhor acalmar uma discussão pelo agir longânimo do que piorá-la com respostas acusatórias que alimentem o conflito (v. 18). Precisei falar comigo mesmo e com outras pessoas antes de responder à sua mensagem, em lugar de simplesmente derramar palavras, como um especialista que sou (v. 28). Conheço a importância do conselho sábio (v. 28).

Todavia, ainda assim, mesmo que seja satisfatório formular uma resposta adequada, o tempo correto de responder também é importante (v. 23). Se a matéria chegar à mídia local, não tomarei a iniciativa de responder pelo mesmo meio, pois, quando leio as cartas à imprensa, enviadas por pessoas que buscam dar o seu lado da história, em geral não me impressiono ou, por não ter lido a história original, me interesso. “Um coração alegre realça o rosto, mas pela mágoa no coração o espírito é esmagado” (v. 13). A língua que busca ser uma fonte de cura é melhor do que aquela que fere (v. 4). Será excelente se as nossas expressões de agradecimento e um olhar amistoso e apreciativo, quando nos encontrarmos, nos ajudarem a encontrar uma solução para o caso (v. 30). Todas essas considerações também funcionam no contexto familiar (v. 17).

Contudo, igualmente, disciplina e repreensão são restauradoras e revigorantes; assim, é uma atitude sábia dar ouvidos a elas em vez de desprezá-las (v. 5,10,12,20,31-32). Como sempre, Provérbios enfatiza a necessidade de prestar atenção ao bom senso, que também é vivificante (v. 7,14,24), enquanto a aparente alegria da estupidez é enganosa (v. 24).

De fato, o temor de Yahweh é a disciplina da sabedoria, e aceitar uma posição humilde diante dele é um pré-requisito à honra (v. 33). O temor de Yahweh resultará em nosso bem-estar; afinal, ele sabe o que está acontecendo (v. 3). O provérbio sobre o Sheol e o Abadom — outro título para a morada de pessoas mortas — observa que Yahweh possui acesso até mesmo aos nossos pensamentos (v. 11). Certamente, Yahweh age de acordo com esse conhecimento, por exemplo, demolindo a casa dos arrogantes, mas protegendo a terra da viúva (v. 25). A casa e a renda de fiéis e infiéis, portanto, contrastam (v. 6). O que vale para a casa igualmente vale para as pessoas que ali vivem (v. 27) — no caso, o "presente" será um suborno, o que, desse modo, traça um paralelo com "ganho desonesto".

Esses provérbios são unilaterais e irrealistas, se considerados como generalizações invariáveis, a exemplo da observação de que os preguiçosos colocam a culpa nos obstáculos que enfrentam, enquanto os retos, de alguma forma, parecem não enfrentar nenhum obstáculo (v. 19). No entanto, Provérbios também observa que é melhor ter pouco, mas viver no temor de Yahweh, do que possuir tesouros acompanhados de tumulto e confusão (v. 16). Isso, portanto, implica que a vida é mais complexa do que podem sugerir essas promessas quando consideradas isoladamente. Provérbios sabe que suas "regras" nem sempre funcionam e que, mesmo nesse caso, há um lado positivo, uma vez que a riqueza pode aumentar os problemas de uma pessoa em vez de eliminá-los.

Não obstante, Yahweh entrega-se ao que é fiel; em contraste, os infiéis constituem uma abominação a ele (v. 9). Igualmente, há um contraste na atitude de Yahweh em relação ao sacrifício e à oração de ambos (v. 8) — uma das raras alusões de Provérbios à nossa vida religiosa. Embora haja um sentido no qual Yahweh está presente em toda parte, existe outro no qual ele permanece distante dos infiéis e perto dos fiéis para ouvir as súplicas destes (v. 29). Os planos malignos — isto é, planos para prejudicar os outros — também são abomináveis a Yahweh; ao contrário, palavras graciosas, generosas, benevolentes e sinceras são puras aos seus olhos (v. 26).

Então, redigi um terceiro rascunho e, agora, tenho respostas de alguns membros do conselho da nossa igreja; assim, devo finalizar a mensagem e enviá-la ainda hoje. Em certo sentido, é fácil refletir sobre as questões, porém pode ser mais difícil elaborar o que exatamente escrever, sem passar uma impressão equivocada e colocar mais lenha na fogueira. Isso, agora, me fez lembrar de um comentário do amigo ao qual me referi, em minhas observações sobre Provérbios 14. Quando ele e a esposa tentavam descobrir o que havia acontecido entre eles, ele constatou que havia uma diferença entre a sua visão da situação e o que ele imaginou ser sábio dizer à esposa. O meu amigo reconheceu que a sua visão podia não estar certa, mas, ainda que fosse correta, não seria de muita valia dizer tudo como ele via.

O provérbio de abertura do capítulo (v. 1) me faz refletir sobre as dinâmicas presentes em nossas inter-relações com as demais pessoas. Reconhecidamente, o ditado é esquivo e oblíquo, mas provérbios que nos fazem refletir e que podem ser entendidos de várias maneiras podem ser tão úteis quanto aqueles que são claros e diretos. Em relação à mensagem que preciso finalizar, a reflexão que ela suscita é que dependo de Deus para redigir as palavras certas que terão um efeito construtivo e não destrutivo (comp. v. 21,23-24). A pessoa a quem preciso escrever não é minha inimiga, mas será de grande valia se Deus estiver envolvido em nossa correspondência para trazer paz quando houver tensão (v. 7). As palavras são poderosas e, com frequência, podem levar a fins maus (v. 27-30).

Outra implicação possível do primeiro provérbio é que temos menos controle das nossas palavras do que dos nossos pensamentos. Essa ideia concorda com outros aspectos das percepções expressas nessa seção de Provérbios, na qual o foco muda para uma consideração mais explícita do envolvimento divino em nossa vida. Você pode decidir o que planeja fazer, mas Yahweh é quem estabelece os seus passos (v. 9). A exemplo de outros, o provérbio pode ter mais de uma implicação. Este lembra do envolvimento de Deus em nossa vida para nos ajudar a cumprir nossos planos e nos encorajar a olhar para ele, dependermos dele e depositarmos a nossa confiança nele (comp. v. 3 com a sua clara imagem; igualmente, v. 20,25). De igual modo, constitui um lembrete de que planejar é uma coisa e implementar os planos é outra, pois Deus pode organizar os eventos para que funcionem diferentemente do que planejamos. Ainda, nos instrui a sermos humildes diante de Deus. Somos tolos se

imaginamos ter total discernimento quanto aos nossos motivos (v. 2), ou se formos arrogantes (v. 5); “mão na mão”, uma vez mais, talvez implique: “pode apertar as mãos a esse respeito”; é certo que ocorrerá (veja ainda v. 18-19). Por outro lado, o compromisso e a fidelidade de Yahweh podem, de fato, abrir a possibilidade de a nossa transgressão ser expiada, embora essa purificação também demande que nos voltemos ao temor de Yahweh e abandonemos a arrogância e os caminhos errados (v. 6). Além disso, somos tolos caso usemos a nossa consciência de que “o homem propõe, mas Deus dispõe” como uma justificativa para a indolência ou a preguiça; podemos acabar sem nada para comer (v. 26).

Esses princípios aplicam-se mesmo a pessoas que agem de modo infiel (v. 4), que estejam perseguindo a sua própria agenda, porém Deus pode usar a ação delas a fim de lidar com alguma situação que demande uma resposta (p. ex., Yahweh levantar poderes imperiais, como a Assíria e a Babilônia, para afligir Judá).

Além do tema quanto ao envolvimento divino em nossa vida, o capítulo tem muito a dizer sobre governo ou liderança. A justaposição desses dois assuntos é sugestiva; o ensino sobre o qual já comentamos nesse capítulo aplica-se, especialmente, a pessoas em posições de liderança. O provérbio sobre o rei (v. 10) pode, novamente, ser lido de mais de uma perspectiva iluminadora. A adivinhação nos lábios do rei pode implicar o reconhecimento de que o que o rei diz vale e que ele deve reconhecer a responsabilidade que está sob seus ombros quanto a assegurar o cuidado com as próprias palavras; o comentário paralelo sobre a maneira de ele exercer autoridade, então, complementa essa exortação implícita. Ainda, o poder do rei é que torna a sua ira mortal para suas vítimas — portanto, procure acalmá-lo, caso necessário, em vez de insistir em seu ponto (v. 14). Por outro lado, quando o rei está satisfeito com você, o poder real também possui a capacidade de dar vida, como as chuvas que caem na primavera e levam as plantações a um pleno desenvolvimento (v. 15). Desse modo, os líderes precisam ter cautela e autocontrole no exercício do seu poder (v. 32).

No entanto, a adivinhação nos lábios do rei pode, igualmente, ser uma espécie de promessa ou oferta (veja v. 33). O rei possui acesso a fontes de orientação divina para os assuntos da nação e tem a possibilidade de governar de maneira fiel e justa. O comentário sobre o governo, de modo significativo, vem logo após a declaração de que o pouco com fidelidade é melhor do que uma renda excessiva sem o governo correto (v. 8), o que sugere um princípio para a própria vida do

rei, suas políticas governamentais e econômicas. A sabedoria é mais importante que o Produto Interno Bruto (v. 16). O alicerce do seu trono é a fidelidade (v. 12; comp. v. 13). Novamente, trata-se de um provérbio que pode levar a inúmeras reflexões. A estabilidade do trono depende da fidelidade do rei a Deus e ao seu povo, além da fidelidade mútua. Nesse contexto, uma vez mais, o comentário precedente sobre a honestidade comercial (v. 11) sugere uma política que o líder precisa implementar para encorajar a fidelidade dentro da comunidade.

Caso o rei leia este capítulo que tem muito a dizer sobre ele próprio, descobrirá que deve prestar atenção à sabedoria e à ordenação reta e fiel de sua vida. Isso poderá capacitá-lo a sobreviver às ameaças ao seu trono e à sua vida (v. 17,22,31).

Um ano depois de nos mudarmos para a Califórnia, num domingo à noite, o meu filho nos ligou para avisar sobre o nascimento do seu primeiro filho, na manhã da segunda-feira, em Londres. Assim, logo que o dia raiou aqui na Califórnia, corri para comprar passagens aéreas com destino a Londres e viajar no fim de semana seguinte, para conhecermos o nosso primeiro neto. Durante aquele fim de semana, fiquei surpreso ao me permitirem retirá-lo do carrinho e me descobri olhando para o meu neto com ar confuso. Aquele bebê realmente era o filho do meu filho? Ou eu era o meu filho e, na realidade, aquele bebê era o meu filho? Dois anos mais tarde, nasceu a sua irmãzinha, e concluí que havia cumprido o meu trabalho como ser humano. Desempenhei o meu papel para assegurar a continuidade da raça humana.

Os netos são a coroa dos idosos (v. 6). A declaração de que os pais são a glória dos seus filhos levou o meu pensamento a outra direção. Obviamente, isso não se enquadra nos instintos ocidentais ou, pelo menos, nos europeus; existe uma diferença de atitude entre a Europa e os Estados Unidos que talvez derive da forma precoce com que os filhos ganham independência econômica na Europa, em relação aos Estados Unidos, por causa da política de apoio do governo em relação à educação — pelo menos, era assim no passado, embora na Grã-Bretanha ela seja menos presente agora. É possível que esse versículo em Provérbios pareça descritivo, mas, na verdade, ele é prescritivo e visa às dinâmicas implícitas em outros provérbios com respeito aos filhos não darem suficiente atenção ao ensino e padrões dos pais (v. 2,21,25). Talvez seja possível também ouvir o lamento parental no provérbio sobre festas turbulentas (v. 1). A alusão aos sacrifícios será uma referência à maneira pela qual os sacrifícios de comunhão eram alegremente compartilhados por Deus e a família e que constituem uma ligação entre um ato de adoração e a celebração familiar. Pode-se imaginar pais na meia-idade ficando cada vez mais desgastados por seus filhos jovens se preocuparem mais em divertir-se e/ou discutirem sempre à mesa após beberem muito. Eu me contentaria com um sanduíche e uma boa soneca, diria o pai.

Não tenho queixas quanto aos meus filhos nesse quesito. Se fosse mencionar uma, diria que reclamam de eu ser muito barulhento. Assim, eles estão certos, caso questionem a sabedoria do pai, pois pessoas sábias são propensas a falar menos (v. 27). Talvez saibam que é preciso tempo para pensar; ou saibam (a exemplo de Eclesiastes) que as coisas são complexas e que a maioria dos

problemas não tem resposta; ou, ainda (como os amigos de Jó), sabem que as respostas raramente trazem algum bem. Portanto, mesmo pessoas insensatas podem dar a impressão de serem sábias se falarem pouco (v. 28). Essa posição pode até mesmo dispô-los à sabedoria; talvez não precisem olhar tão longe quando pensam ou implicam com a natureza dispersa de sua atenção (v. 24). O dilema é que, mesmo tendo acesso à sabedoria, falta-lhes bom senso para se apegarem a ela (v. 16). Todavia, é melhor dar de frente com uma ursa que perdeu os seus filhotes do que enfrentar a costumeira tagarelice de uma pessoa insensata (v. 12).

Se há uma coisa pior do que um tolo verborrágico é uma pessoa cujas palavras também são tortas (v. 20). Ainda pior é um líder cujo discurso é cheio de mentiras (v. 7). A mentira dá ouvidos a uma língua destrutiva (v. 4) — isto é, um mentiroso age assim. Há, então, uma espécie de conluio entre pessoas que falam sobre fazer o mal e as que lhes dão ouvidos, dispostas a se unirem a elas, usá-las ou, simplesmente, se recusam a manter distância delas, contrariando a Escritura quando ela diz para repudiar ou odiar o mal e os malfeitores. Relacionados a esses provérbios estão os comentários do capítulo sobre os subornos, que constituem uma forma eficaz de perversão do exercício de autoridade (v. 8,23). Uma pedra favorável é uma pedra mágica, como um amuleto da sorte. A liderança deve garantir que, quando houver uma disputa na comunidade, a pessoa fiel seja tratada como tal e a infiel também; Yahweh odeia quando os anciãos ou um líder como o rei agem de forma contrária (v. 15). Nem Yahweh ficaria surpreso caso alguém com poder, como o rei, tratasse pessoas idosas — talvez pessoas que o confrontassem — dessa maneira (v. 26).

O capítulo inclui observações complementares sobre a rebelião contra a autoridade. Os rebeldes precisam reconhecer que as autoridades tomarão conhecimento e agirão (v. 11). Para a sociedade, o problema é o conflito que a rebeldia acarreta (v. 19). O choque causado por isso pode ser referente ao rebelde ou à sociedade (desconhecemos o significado de “construir um portão elevado”). Dado o problema desse conflito, em geral é melhor abandonar a disputa antes de ela escapar ao controle e romper uma grande represa (v. 14).

Como amigo de um rebelde, você deve equilibrar a sua responsabilidade como cidadão e a sua relação de amizade com ele (v. 9). Talvez o rebelde seja alguém que não se encaixe na categoria de pessoas perversas, e a ação em pauta seja menos radical ou apenas uma questão de diálogo. Isso não significa que você deve se manter calado, como se a ação não importasse muito. É possível que seja

melhor falar com o seu amigo do que com as autoridades, e talvez isso seja do interesse delas — uma palavra sua pode ser mais eficaz do que a punição delas (v. 10). O capítulo reconhece que a amizade e a vizinhança são importantes, ao lado do compromisso mútuo que esses relacionamentos acarretam (v. 13). Igualmente, reconhece que o sangue é mais espesso do que a água (v. 17) e que há limites quanto ao que uma pessoa deve fazer por um amigo ou um vizinho (v. 18), como, talvez, não haja no caso de um irmão. O compromisso mútuo dentro da família, no Antigo Testamento, é fundamental para a sociedade funcionar bem, apesar de o repetido provérbio sobre zombar de uma pessoa pobre (v. 5) pressupor que a obrigação de uma pessoa não se restringe apenas à sua família. O ditado, aqui, expressa como o escárnio é uma expressão de schadenfreude, isto é, o prazer ou alegria diante do dano ou infortúnio de um terceiro.

Em relação a todos esses temas, Yahweh prova a mente ou o coração das pessoas (v. 3). Voltando ao início do capítulo, pode haver uma adoração exultante que reflita o ardor por Deus e uma adoração efusiva que expresse — bem, apenas entusiasmo, ou a necessidade de sentir alegria. Em Israel, mesmo se a adoração pública fosse oferecida a Yahweh, a adoração privada podia ser oferecida a outro deus. Isso podia constituir atitudes exteriores amistosas em relação aos outros, de uma pessoa cujo interior está cheio de ressentimento ou planos negativos. Deus está realmente interessado mais em nosso coração do que em nossas ações externas? O Antigo e o Novo Testamentos assumem que Deus interessa-se por ambos. É igualmente apropriado que as pessoas analisem o próprio coração, uma vez que um coração alegre intensifica a cura, mas um espírito esmagado resseca os ossos (v. 22).

Recentemente, permanecemos nove dias em um país ao qual nunca havíamos viajado antes. Por algum tempo, de antemão, a minha esposa ficou apreensiva, pois tinha a sensação de que espíritos demoníacos estavam em plena ação naquele país. Kathleen raramente fala nesses termos, e nem eu sou sensível quanto a demônios. Quando ela me falou sobre as suas apreensões, não tive muito o que dizer, exceto expressar a convicção de que não havia, no mundo, um lugar no qual os demônios estariam mais ativos do que em Los Angeles, onde moramos. O grupo de estudo bíblico das mulheres foi mais útil. Elas encorajaram Kathleen a assumir uma posição contra tais espíritos, a reivindicar esse país em nome de Jesus e a confiar no nome do Filho de Deus como ela o fez. Durante a nossa permanência naquele país, em duas ocasiões, pareceu-lhe ter visto algo demoníaco; ela seguiu a recomendação das mulheres, e as "coisas", de fato, desapareceram.

A experiência da minha esposa pressupõe a verdade descrita por Provérbios, ao referir-se ao nome de Yahweh como uma torre forte, para a qual a pessoa fiel pode correr e ficar em segurança (v. 10). Isso também ilustra o comentário deste capítulo sobre o casamento (v. 22). O próprio Antigo Testamento não fala muito sobre o demônio (o que pode ser o motivo de eu não pensar muito nesse assunto), talvez, em parte, por causa de a cultura dos povos vizinhos já fazer isso em profusão e o texto desejar ignorá-lo para reforçar a declaração israelita radical quanto a Yahweh ser o único Senhor. Mas, quando os israelitas deparavam com essas realidades e esse modo de pensar, poderiam agir segundo Provérbios. Poderiam também fazer isso ao serem ameaçados por poderes simplesmente terrenos, como os seus inimigos humanos.

Para alguém que vive no Ocidente, é mais fácil afirmar que a riqueza de uma pessoa constitui a sua cidade fortificada (v. 11). O abismo social entre ricos e pobres, no país que visitamos, é ainda mais marcante que o abismo nos Estados Unidos. Contudo, aqui, e creio que lá também, a resposta do povo é esperar que possam, de alguma forma, realizar o sonho americano. A reveladora qualificação, "em sua visão", é mais difícil de considerar.

A imagem de uma cidade fortificada reaparece em uma conexão diferente quando o capítulo equipara um irmão rebelde a uma cidade assim, comparando o conflito que se segue às defesas de uma fortaleza (v. 19). Nessas passagens, "irmão", provavelmente, significa não um membro direto da família, mas um

membro da comunidade; o Antigo Testamento considera os demais moradores de uma vila ou de uma cidade como irmãos e irmãs. O tumulto presente no século XXI nos faz lembrar de que esse conflito é uma força mais poderosa que a riqueza mundial. A situação é exacerbada pela posição dura das nações ricas em relação às mais pobres (v. 23). Preferimos ser vizinhos que agem de acordo com essa relação, com um mínimo de generosidade e proximidade para com os outros, a fim de não comprometermos a nossa própria posição, do que sermos aquela espécie de vizinho que ama e se comporta mais como um irmão no sentido mais literal da palavra (v. 24). Entretanto, a grande riqueza das maiores potências não lhes permite uma forma de suprimir a determinação dos povos que não partilham dela. Pode-se ver o comentário inicial do capítulo (v. 1) como um modo de descrever a rebeldia em ter a sua partilha, que não é desencorajada ou retida. Por outro lado, há sabedoria (pelo menos nas disputas pessoais) em permitir que as questões sejam resolvidas na base do cara ou coroa (v. 18); pode-se até mesmo confiar em Deus para garantir que o lançamento de sortes mostre o resultado correto.

O capítulo incorpora mais provérbios sobre palavras. Pessoas estúpidas estão mais interessadas em responder do que em ouvir o seu interlocutor; isso também resulta em vergonha (v. 13). Uma ilustração mais abrangente do princípio sobre o ouvir é a possibilidade de convencimento por aquele que fala primeiro em um debate ou em um julgamento, mas o quadro pode se mostrar diferente após ouvir a resposta da oposição (v. 17). Isso também está relacionado com ter um maior interesse em instruir do que em aprender (v. 2) Essa prioridade não é o caminho que conduz à sabedoria, a qual depende da ação do ouvir (v. 15). Se ignorarmos esse princípio, as nossas palavras podem ser abundantes e, ao mesmo tempo, intangíveis (v. 4), mas não em um sentido positivo. Durante uma reunião ontem, o meu superior recordou a observação do filósofo Ludwig Wittgenstein, de que o que deve ser dito deve sê-lo claramente, embora isso possa levar alguém que leu Wittgenstein ao riso. Aqueles que não entendem as coisas podem ser ininteligíveis ao tentar explicá-las, ao passo que, se há compreensão, há capacidade para isso. Quando os alunos me perguntam como podem explicar alguma questão à sua congregação, respondo que eles precisam focar, primeiro, na sua própria compreensão do ponto; a comunicação, então, virá por si só. Embora palavras profusas e profundas possam ser sábias, elas podem apenas ser obscuras. Palavras sábias são mais como águas cristalinas que fluem em um riacho ou aluvião, após a chuva, enquanto escoam.

A obscuridade não é o único problema em relação às palavras das pessoas

insensatas, pois elas podem não se dar conta do que estão falando e gerar conflitos (v. 6), tão desastrosos para elas quanto para a sociedade (v. 7). A fofoca ou a calúnia ilustra essa dinâmica, por mais saborosa que ela possa ser para quem a propaga e para o ouvinte (v. 8). Para ambos, sábios e insensatos, o bem-estar pode ser estabelecido por suas palavras. Metaforicamente falando, a língua decide o que você come; decide o seu destino. De forma mais literal, esse órgão decide se você desfruta a vida ou é subjugado pela morte (v. 20-21). A associação entre sabedoria e fidelidade significa que, de maneira menos dramática, a infidelidade resulta em desprezo, e a humilhação em repreensão (v. 3). Portanto, é possível ser respeitado e confiar em sua própria posição na comunidade, mas descobrir que perdeu tudo; assim, é melhor ser alguém de uma posição humilde que pode chegar a um lugar de honra (v. 12). A perda pode tornar a própria vida dura de suportar e incapacitar a pessoa de lidar com mais reveses (v. 14). A associação entre sabedoria, fidelidade e o trabalho diligente sugere outro discernimento relacionado (v. 9).

A língua também pode determinar o destino de outras pessoas, do mesmo modo que a sua própria, caso permita, por meio dela, prejudicar alguém que esteja certo, ao tomar uma decisão sobre um caso e, ao contrário, “elevar o rosto da pessoa infiel” — isto é, possibilitar que alguém realmente culpado e que está olhando o chão, envergonhado, ou em simples submissão e súplica diante da corte, levante o seu rosto (v. 5). Essa ação pode, com frequência, refletir um suborno, sobre o qual o capítulo comenta em outra conexão (v. 16).

Os estudantes que desejam descobrir o seu caminho ao magistério, às vezes, questionam como me tornei professor, visando fazer planos para sua carreira. Respondo que flutuei à deriva até chegar onde estou. Claro que eles não gostam da resposta, pois ela não os ajuda em seus planos, todavia é a mais pura verdade. Meu ministério começou com um período como pastor; então, me deixei levar pela corrente por um tempo como professor de seminário quando me convidaram a ensinar. Depois disso, a corrente me levou a um período como administrador para atender a uma necessidade do seminário. A seguir, fui novamente levado à posição de professor, dessa vez na Califórnia, em atenção a um convite e pela possibilidade de ter mais tempo para me dedicar à escrita, por não estar envolvido na administração. Agora, estou sendo levado a ser pastor pela necessidade da minha igreja.

Provérbios não é, exatamente, contra fazer planos em relação à carreira, mas gosta de advertir as pessoas quanto à presunção de estarem no controle de sua vida e, assim, poder implementar o que planejaram. Você pode fazer planos para a sua vida, mas "o conselho de Yahweh é o que permanece" (v. 21). Considerando a maneira com que a Escritura fala sobre conselho, plano ou propósito de Deus, a implicação não é de que Deus possui um plano para os detalhes da nossa vida e que, portanto, devemos manter o foco em buscar o conselho divino quanto a esses detalhes. A exemplo de todo o bom pai, Deus não tem um plano detalhado para a nossa vida — ele deseja que a nossa vida seja conduzida por nós. A vida humana se desenrola no contexto de um propósito divino soberano para o mundo que é maior e abrange muito mais do que apenas os detalhes da nossa vida. Então, não devemos ficar surpresos pelo fato de, às vezes, esse propósito soberano maior envolver situações que colidam com os nossos planos. É possível que algum aspecto da nossa vida possa estar diretamente relacionado com um aspecto desse plano divino. Portanto, não devemos negligenciar o alinhamento da nossa vida a esse contexto e, ainda, nos mantermos abertos a descobrir se Deus tem um plano específico para nós. Todavia, quando a nossa busca não der em nada, a resposta não deve ser mais busca e maior preocupação. Somos, então, sábios em nos deixar levar pela correnteza.

Assim, Provérbios não diz às pessoas para buscarem o conselho de Deus, mas também não afirma que devemos, simplesmente, seguir o que vier à nossa mente; o livro nos instrui a seguir o conselho das demais pessoas (v. 20). A

conexão dessa recomendação com a exortação para aceitar a instrução sugere que o autor não tem em mente a consulta aos colegas, mas buscar o conselho de mestres sábios, que constituem os meios regulares de instrução em Provérbios. O "fim" desse processo pode ser referente ao tempo de graduação em nosso curso de instrução em sabedoria, embora os sábios de Provérbios impliquem que esse momento jamais ocorre; eles acreditam no aprendizado permanente (cf. v. 25). Ainda, o "fim" pode significar a conclusão do processo por meio do qual descobrimos a resposta para uma questão particular da nossa vida. Mas também pode significar o fim da nossa vida. Essa ideia se encaixaria na observação de que as pessoas que observam os mandamentos de seus instrutores guardam a vida, enquanto aquelas que desprezam os seus caminhos (os seus próprios ou dos instrutores) perecerão (v. 16). Todavia, talvez os mandamentos a serem guardados sejam os de Deus. O temor de Yahweh, certamente, conduz à vida e significa, por exemplo, que, ao seguirmos em nossa jornada, podemos comer bem e, então, dormir, sem preocupações quanto a possíveis ataques noturnos (v. 23).

Na prática, é fácil tomar decisões com base em nossa própria sabedoria, que se mostra tola e insensata. E, quando os planos não dão certo, preferimos acusar Deus em vez de assumirmos a culpa (v. 3). Parar e buscar conselho é mais sábio do que precipitar-se na direção de algo (v. 2). Portanto, adquirir sensatez significa fazer um favor a nós mesmos, pois obtemos coisas boas (v. 8). O ponto não é, meramente, que há sabedoria pragmática nessa reflexão; ela traz à tona um caráter que é bom e positivo em vez de um ofensivo e pecador. Mas ignorar a sabedoria acarreta danos e aflição. Aqueles que zombam da sabedoria terminam diante dos anciãos que decidem a punição deles (v. 29). Quer o castigo leve os escarnecedores ao bom senso ou não, ele pode ter um efeito benéfico sobre os ingênuos (v. 25).

A referência a essas decisões e aos escarnecedores sugere uma continuação de três outros provérbios sobre a tomada de decisão comunitária. Provérbios enfatiza a vital importância da honestidade por parte das testemunhas desse processo. Testemunhas potencialmente desonestas devem estar cientes da gravidade dessa atitude, que zomba do processo decisório e da necessidade de honestidade (v. 28). Essa atitude constitui uma "impiedade"; trata-se da palavra hebraica para "Belial", que, com o tempo, tornou-se um nome para Satanás. A palavra, igualmente, parece ter alguma relação com o termo hebraico para "engolir", que, aqui, surge no mesmo provérbio — pessoas infiéis e desonestas engolem a perversidade como se fosse um alimento saboroso, enquanto esperam

que as demais pessoas “engulam” o seu testemunho desonesto e mentiroso. Provérbios reforça a sua preocupação em advertir as testemunhas desonestas do preço a ser pago pela desonestidade (v. 5,9).

O provérbio de abertura do capítulo (v. 1) estabelece suposições relacionadas. É melhor ser pobre e viver retamente do que ter um discurso torto e obter riquezas, além de ser moralmente insensato. Todos buscam obter o compromisso ou a fidelidade das demais pessoas, de maneira que o pobre não é apenas moralmente melhor do que o mentiroso, mas alguém mais apreciado (v. 22). Reconhecidamente, uma pessoa abastada sempre tem amigos — de igual nível; mas, se cair na pobreza, poderá perder os únicos amigos que já teve (v. 4) — os quais acabam por corresponder a certo tipo de amizade. Na realidade, tanto a família quanto os amigos e vizinhos podem se afastar do pobre. Pode-se imaginá-los citando os provérbios sobre preguiça e argumentando que os pobres devem apenas culpar a si mesmos (v. 15,24).

Se assim agirem, ignoram as expectativas da Torá, mas, de modo realista, pode-se imaginá-los crendo que não devem colocar em risco a própria família tentando ajudar o pobre (v. 7) — a última condição, talvez, sugira a impossibilidade de convencê-los por meio de palavras. Com outra dose de realismo, Provérbios observa como o dinheiro compra posição social, oportunidade e influência (v. 6), mas se preocupa com outros fatos. Não é apropriado que as pessoas insensatas prosperem na vida, do mesmo modo que é inadequado inverter a ordem natural das coisas, como, por exemplo, quando servos passam a governar sobre oficiais (por causa da incompetência desses oficiais ou da arbitrariedade do rei?). Provérbios é realista em relação à riqueza, mas também lança diante de nós o desafio para mudarmos o nosso olhar e vermos que Deus se identifica com os pobres, embora ao fazê-lo não seja preciso nos reconciliarmos com nós mesmos para sermos altruístas (v. 17).

O capítulo considera inúmeros aspectos de conflitos no seio da comunidade. Existem problemas causados por pessoas propensas a sair do controle e que, provavelmente, jamais mudarão (v. 19). A vida delas contrasta com a vida de pessoas preparadas ou capacitadas a ser longânimas (v. 11). Passar por cima da rebelião sugere alguém com autoridade, e, portanto, esse provérbio conecta-se àquele sobre a ira do rei (v. 12), que pode levar a consequências desastrosas, similares a encontrar um leão, embora o poder do rei também possa significar que, em outro dia, a ação real seja como o orvalho que desempenha um papel vital no crescimento e frutificação das colheitas durante a aridez do verão.

A vida familiar tem ciência dos conflitos entre pais e filhos, os quais podem ignorar a sabedoria que os pais buscam inculcar na mente dos filhos (v. 13,27). Com o passar do tempo e com a chegada da velhice e incapacidade dos pais, esses filhos passam a ser os membros da família com energia e autoridade suficientes para obter o controle sobre os bens da família, pertencentes aos seus pais (v. 14). Em contrapartida, os filhos detêm o poder de ignorar o mandamento sobre honrar os pais e podem agir de modo contrário (v. 26). A vida familiar também conhece o conflito entre marido e esposa (v. 13), o que torna o marido que encontra a esposa certa eternamente grato a Deus (v. 14).

Certo amigo, que é um alcoólatra em recuperação, às vezes comenta, com uma pitada de ironia, sobre o processo pelo qual a bebida arruína a vida das pessoas. Pelo menos, arruinou a sua vida e a de muitos outros conhecidos. No início, beber parece mais uma grande aventura que estimula a sua criatividade e o leva a ter ideias brilhantes. A pessoa se sente livre para ter relações significativas e desimpedidas e compreender o seu pleno potencial como protagonista de sua própria história. Então, um dia, descobre-se em um beco escuro e fétido, perguntando-se como foi parar ali, incapaz de encontrar o caminho de volta e tentando escapar daquele labirinto. Em outras palavras, a bebida é uma grande mentira que deseja a sua destruição; trevas que buscam tragar você.

Provérbios 20 inicia-se com um belo eufemismo: “não é sábio”, afirma, em relação ao que se desvia como resultado da bebida (v. 1). Não seria algo surpreendente caso a expressão de insensatez pelo ato de beber não viesse acompanhada por outra expressão de insensatez, desta vez relacionada à negligência pelo trabalho. De fato, é tentador relaxar depois do período da colheita, no outono (v. 4). A história de Eli e de Ana, em 1Samuel, reflete como a celebração pela colheita era, incidentalmente, uma ocasião para a embriaguez. Após uma boa colheita, a pessoa dispunha de alimento suficiente para os próximos meses e, após trabalhar duro para lograr esse êxito, por que não tirar algumas semanas de descanso? Mas, se o agricultor não começar logo o trabalho para o próximo ano, colocará em risco todo o ciclo agrícola e acabará não tendo o que comer em poucos meses — terminando, de fato, como um ébrio. Se quiser comer amanhã, não pode se render ao instinto do sono hoje (v. 13).

Outra expressão de insensatez que pode levar uma família ao desastre, à qual Provérbios já se referiu, é colocar em risco a condição financeira da família por se colocar como fiador de outra pessoa. Ser fiador de estranhos é especialmente arriscado, pois podem sumir da noite para o dia, do mesmo modo que, talvez, já tenham feito antes, quando deixaram a sua terra de origem (v. 16). A exortação a tomar o casaco e penhorá-lo é dirigida ao credor, encorajando-o a insistir que a pessoa insensata aceite a responsabilidade pelo empréstimo, mas atua como uma forma vívida de desencorajar as pessoas de aceitarem o papel de fiador. Algo similar é verdadeiro quanto aos votos (v. 25). É insensato prometer, impulsiva e precipitadamente, dar algo a Yahweh sem pesar antes nas consequências e avaliar os custos. Ao contrário, comprar algo de maneira irrefletida, talvez porque pareça, a princípio, uma barganha, pode se mostrar uma ação insensata

(v. 21).

Um exemplo adicional de uma atitude estúpida dentro da comunidade é entrar em discussões frequentes; isso apenas acarreta má reputação à pessoa que assim age (v. 3). Outro é compartilhar confidências com uma pessoa que aprecia falar com todos sobre tudo (v. 19). Ainda outro é começar a acreditar em sua própria publicidade (v. 9). Você pode ser sábio e ser um modelo do viver reto, como Provérbios espera e sabe ser um ideal possível. Contudo, não se faça de tolo, imaginando não ser vulnerável à falha religiosa e moral. Igualmente, não seja ingênuo com respeito a outras pessoas: muitas podem afirmar ser compromissadas com você, ou dizer que alguém mais é um amigo comprometido (a compreensão do v. 6 também é possível), mas é insensato considerar tais alegações ou testemunhos como fiéis. Pessoas genuinamente confiáveis e firmes são difíceis de encontrar. De maneira similar, uma das implicações do provérbio sobre o conselho na mente de alguém (v. 5) é que não devemos presumir o que as pessoas estão pensando, mesmo que elas nos digam. É possível que nem mesmo elas conheçam a própria mente. Alcançar a mente demanda discernimento. As limitações inerentes do discernimento de uma pessoa têm outro aspecto. Podemos decidir o que fazer, e tomar as melhores decisões possíveis, mas elas sempre estarão sujeitas à ação de Deus, que pode agir de maneira diferente da que esperamos (v. 24).

O provérbio sobre Deus ser o criador dos olhos e dos ouvidos (v. 12) age como um encorajamento para qualquer um que busque por discernimento. Deus nos criou com essas capacidades. A mesma implicação emerge do provérbio sobre o nosso fôlego ser uma espécie de lâmpada instalada em nós por Deus (v. 27). Trata-se de uma imagem levemente enigmática, cuja implicação é suficientemente clara; Deus nos criou com capacidade para verificarmos o que há em nosso interior. Ao lado dessa convicção, está o fato menos confortável de que o castigo pode ter um efeito não apenas de revelar o que há em nosso coração, mas de purificá-lo (v. 30). Portanto, a sabedoria que podemos obter é mais valiosa do que pedras preciosas (v. 15).

Provérbios considera uma questão sobre os jovens já considerada de um modo geral, enfatizando que o índice de comprometimento real é uma ação exterior, não apenas uma atitude de coração ou de palavras; o fato é como uma pessoa se comporta (v. 11). Outra questão sobre a juventude é o contraste entre a glória dos jovens e a majestade dos idosos (v. 29). O jovem possui energia; os cabelos grisalhos do mais velho simbolizam a sabedoria. Assim, deixem que os dois

exerçam a sua potencialidade e respeitem a força um do outro.

Então, há a necessidade de considerar o poder e as deficiências do rei, especialmente se você trabalhar com administração. O rei detém poder de vida e morte instantânea (v. 2). A autoridade do rei, portanto, tem o potencial de ser uma grandiosa força no exercício desse poder a fim de apoiar a fidelidade e expurgar a transgressão (v. 8). Ele pode peneirar as pessoas infiéis, separar o joio do trigo, lançando no ar e deixando que o vento leve a palha para bem longe, após a debulha (v. 26). Trata-se de uma imagem forte que tanto pode assustar os infiéis quanto encorajar as suas vítimas. O rei tem um interesse pessoal na fidelidade e no compromisso como características da administração e da comunidade; o seu trono depende disso (v. 28). O provérbio igualmente sugere um desafio ao próprio rei; o seu trono depende do seu compromisso e da sua veracidade com relação ao seu povo. O sucesso de suas políticas também depende de seu bom planejamento e discernimento, que se aplicam especialmente ao seu papel de comandante-chefe (v. 18), e da sua responsabilidade como dirigente.

Por duas vezes, o capítulo faz referência à abominação de Deus quanto às pessoas enganarem umas às outras em suas transações comerciais (v. 10,23): expressões como “medida e medida” significam usar medidas inadequadas a fim de reduzir a quantidade na venda e aumentar na compra. No fim, a desonestidade não compensará (v. 17). O ponto é estabelecido com humor ácido; contudo, há ainda mais ironia em outra imagem do processo pelo qual as pessoas negociam umas com as outras (v. 14). Pechinchar significa negociar com astúcia e, com frequência, implica alegar que a outra pessoa está sendo rígida demais quando, na verdade, você está fazendo uma boa compra (lembre-se de que não havia dinheiro na maior parte do período abrangido pelo Antigo Testamento, de modo que as permutas constituíam o meio regular de se desfazer de bens excedentes em troca de produtos que a pessoa não havia plantado ou não possuía). Como vítima de um trapaceiro, seria tentador obter reparação pelas próprias mãos, porém Provérbios, tipicamente, advoga contra a implementação desse instinto, com base na ciência do envolvimento de Deus nesses temas (v. 22).

A fidelidade compensa não apenas na própria vida do fiel, mas também na vida dos seus filhos (v. 7). Do mesmo modo que os pecados dos pais podem afetar a sua família imediata, o compromisso deles pode afetar mil gerações; da mesma forma que os pais se alegram com os benefícios que a sua fidelidade traz aos seus filhos, estes também se alegram com a fidelidade dos seus pais, e não

cedem à tentação de derrubá-los, quando os pais envelhecem e se tornam um fardo (v. 20). Eles podem até ansiar que a lâmpada dos pais se apague, mas acabam descobrindo que a luz deles é que se extingue.

Um casal recém-casado nos procurou para conversar sobre uma tensão presente no relacionamento deles (como se fôssemos especialistas, depois de um ano de casamento). O marido é um homem jovem e vivaz, a quem sua esposa considera bonito. Ele pode ser efusivo em suas relações casuais com outras mulheres jovens, as quais ele não vê como ameaças ao seu casamento. Afirma que não está interessado nelas, mas o aparente encorajamento que dá ao interesse delas por ele aborrece a sua esposa e causa esse mal-estar entre o casal. Ela não teme, exatamente, que o marido vá embora com alguma dessas mulheres; apenas se sente magoada ou ameaçada pela maneira com que ele as trata.

O caminho de um homem pode ser tortuoso e estranho, embora a sua ação possa ser inocente e reta (v. 8). O livro de Provérbios possui inúmeros termos hebraicos que têm sido, tradicionalmente, traduzidos por “homem”, mas são referentes a um ser humano, não ao sexo masculino, motivo pelo qual traduzo essas palavras por pessoa, mas, aqui, a passagem usa uma palavra que denota mais especificamente alguém do sexo masculino. O dicionário define esse termo como “homem forte, distinto de mulheres, crianças e não combatentes” (uma palavra relacionada significa um guerreiro). Contudo, as ações, tanto de homens quanto de mulheres, podem parecer enigmáticas e abertas a uma interpretação equivocada (implica Provérbios); dessa forma, não presuma que os está lendo corretamente. Claro que tanto o homem quanto a mulher podem estar iludindo a si mesmos; talvez aquele jovem marido esteja se enganando quanto à inocência de seus relacionamentos com outras mulheres. Embora as suas ações possam parecer estranhas, mas “retas” aos seus próprios olhos, elas também podem ser algo mais aos olhos de Deus, que possui mais discernimento quanto aos nossos pensamentos (v. 2). Esse fato não é meramente ameaçador, mas potencialmente encorajador; Deus pode nos conceder discernimento interior. Isso é positivo, pois há outras formas pelas quais a nossa mente pode nos causar problemas (v. 4). Na metáfora ocidental, ter a mente aberta é algo positivo, mas no Antigo Testamento é uma característica negativa; sugere ser muito grande para as suas botas ou o seu chapéu. A ideia é acompanhada pela imagem de ter olhos elevados ou altivos, o que possibilita olhar as pessoas de cima para baixo. Assim, o jugo ou domínio dessas pessoas infiéis é ofensivo a Deus.

Há, igualmente, alívio e encorajamento no fato de Deus estar em posição de direcionar a mente do rei, do mesmo modo que direciona a mente de qualquer outro ser humano (v. 1). A implicação não é de que Deus force o rei a agir contra

o seu melhor juízo, não mais do que ocorreu com o faraó, cujo endurecimento da própria atitude acompanhou o endurecimento de Deus. Isso quer dizer que Deus pode estimular o rei, da mesma forma que é capaz de encorajar os outros, na direção certa. O rei detém a responsabilidade particular de exercer autoridade de uma forma fiel, o que Deus considera mais importante do que comparecer ao templo para adorar (v. 3). Um princípio similar se aplica a qualquer um propenso a unir esquemas com fidelidade na adoração (v. 27). O exercício correto de autoridade é um encorajamento aos fiéis, não apenas por significar a sua segurança ou libertação, mas também por implicar a ruína do malfeitor (v. 15). O provérbio sobre a pessoa fiel fazer algo para derrubar os infiéis (v. 12) aplica-se, particularmente, ao rei; em outros capítulos, pelo menos, Provérbios não se refere a pessoas comuns do povo nesses termos.

Se, ao contrário, o rei se torna a pessoa infiel que se entrega à violência na opressão ao seu povo, ele mesmo será aniquilado pela própria violência (v. 7). Trata-se de uma das passagens nas quais Provérbios não fala da intervenção divina na produção daquele resultado; existe uma lógica embutida sobre essa consequência. O capítulo é encerrado com provérbios que afirmam o envolvimento direto de Deus. Não importa quão cuidadosos os líderes são na confecção de seus planos; eles precisam reconhecer que Deus detém a última palavra. O princípio aplica-se, especialmente, quando o rei exerce o seu papel de comandante-chefe, na definição de planos para a guerra (v. 30-31). Ao contrário, o rei deve reconhecer que a sabedoria do seu adversário pode prevalecer sobre o mero poderio de sua força de combate e as defesas da sua cidade.

O rei, ou qualquer um que elabore planos que visem a ganhos, necessita ter cautela para não agir muito rapidamente, pois a precipitação pode resultar em perdas (v. 5). Uma reflexão relacionada é que entregar-se à autoindulgência significa acabar na pobreza (v. 17). Pessoas insensatas, simplesmente, consomem os recursos; as sábias os conservam (v. 20). O desejo envolvido nesse consumo pode significar a nossa queda em mais de uma forma. Isso pode nos levar ao egoísmo e à falta de generosidade com as demais pessoas (v. 26). Em combinação com a preguiça, pode resultar na morte (v. 25), caso o desejo seja por não fazer nada ou por ter coisas que jamais se materialização como resultado da própria letargia. Além disso, perseguir planos para obter lucro desonesto é como repelir o sopro de vento que se busca capturar — isso envolve, na verdade, colocar em risco a própria vida (v. 6).

Por seu turno, para expressar o ponto mais vividamente, as pessoas que

vagueiam para lugares distantes do caminho da sensatez repousarão na congregação dos fantasmas (v. 16), uma clara descrição da vida no Sheol. Os infiéis não têm como resgatarem a si mesmos das consequências mortais de seus atos, enquanto o fiel não precisa de resgate nenhum (o v. 18 expressa esse ponto de modo oblíquo). Eles podem parecer fortes, mas não são eles que estabelecem os próprios caminhos (v. 29); podem agir em um frenesi de arrogância e escárnio, mas a queda deles virá, e eles se tornarão uma lição para outras pessoas (v. 24,11). Em contraste, aqueles que são cautelosos quanto ao que dizem evitam problemas (v. 23). A promessa aplica-se particularmente à área de prestar testemunho, na qual é sábio ouvir bem antes de falar (v. 28).

As pessoas que perseguem a fidelidade e o compromisso encontram vida, fidelidade e honra (v. 21). A atitude dos infiéis é tão dominada pela ganância e pelo lucro que eles não se preocupam com os relacionamentos pessoais (v. 10). O provérbio envolve um claro uso de palavras similares, pois as palavras para “coisas más” e “próximo” são quase iguais. Uma das formas pelas quais os infiéis podem pagar o preço por sua atitude é que aqueles que se recusam a ouvir a súplica dos pobres podem, eles mesmos, clamar por socorro e não obterem resposta (v. 13). Aqui há, novamente, um processo natural; a comunidade é edificada pelo ouvir mútuo, e, assim, a recusa em fazer isso resulta na sua ruína. Ao contrário, mas talvez com dose maior de cinismo, quando alguém se irrita, a compra de sua calma pode compensar, mesmo que secretamente (v. 14).

Claramente, o provérbio sobre o homem que se comporta de modo estranho pode ser colocado ao lado daqueles sobre a tensão conjugal que o marido pode provocar e que pode se voltar contra ele. O marido, na realidade, não pode acusar a sua esposa por ela ser briguenta e, provavelmente, preferir ficar em um canto sossegado do telhado (no qual as pessoas do Antigo Testamento, com frequência, buscavam refúgio e tranquilidade) do que compartilhar a casa com ela (v. 9), ou mesmo ter algum lugar isolado no deserto (v. 19).

Ao me vestir, hoje de manhã, percebi que não havia trocados em meu bolso. Lembrei-me de que os dera a alguém na rua e me perguntei se ajudei a pessoa a conseguir uma refeição ou apenas outra bebida. Ainda, pensei sobre o fato de que, mais tarde, devo pedalar e passar por cruzamentos nos quais as pessoas pedem moedas enquanto os motoristas aguardam o sinal de trânsito abrir; o que será que se passa na mente dos pedintes e dos motoristas? No noticiário, então, vi uma matéria sobre uma agência de marketing que contratou moradores de rua para andar ao redor de uma conferência de tecnologia, portanto dispositivos móveis de wi-fi, para oferecer aos delegados acesso à Internet em troca de doações; a experiência causou certo desconforto entre os delegados. Amanhã, devo estar com membros da minha igreja cozinhando e servindo o jantar a pessoas que vivem nas ruas próximas à minha residência.

Na cultura ocidental, o encontro entre ricos e pobres pode estar, na grande maioria das vezes, restrito a esses contextos. Em nossa igreja, é possível encontrar os sem-teto nas imediações, mas não logramos muito êxito convidando-os a entrar. Em Israel, a situação seria, provavelmente, bem diferente. Pobres e ricos tinham o templo em comum; ambos iam ali para adorar. A adoração em si os lembraria de que ambos haviam sido criados por Deus (v. 2). Provérbios, tipicamente, deixa para os seus leitores a reflexão sobre as implicações (embora o versículo informe que a opressão ou escárnio em relação a uma pessoa pobre constitui um insulto ao seu criador: veja 14:31; 17:5). As pessoas que estão prosperando na vida podem considerar esse fato como uma afirmação de Deus e tomar a difícil situação do pobre como indicativo do juízo divino sobre a vida dele. A inferência, às vezes, é correta, porém pode, facilmente, ser uma reação automática e injustificada, que deixa de lado quem é o criador da pessoa pobre.

A explícita consequência do fato de Deus ser o criador tanto de ricos quanto de pobres aparece no provérbio de encerramento (v. 16). O versículo não fala sobre o julgamento divino, mas faz uma declaração que opera dentro da outra estrutura do livro quanto ao pensamento sobre a vida, de que ela mesma elabora as consequências de nossas ações em nossa própria vida. Há uma espécie de estrutura moral que define o funcionamento da vida e que se impõe com frequência suficiente para ser válida e levada em conta pela pessoa sábia. Não é necessário apelar a Deus visando reforçar isso como um ato de sabedoria aos que não consideram Deus em seus pensamentos. Paradoxalmente, quanto mais

pobres as pessoas são, tanto maior é a propensão para oprimi-las. Com frequência, a palavra hebraica para “oprimir” significa “extorquir”, e essa é a forma de opressão comum; as pessoas já são pobres e carentes, mas são elas que perdem a maior parcela de sua renda na forma de impostos.

Essa situação ocorre porque os ricos e poderosos são exatamente aqueles que definem o sistema de impostos. O rico governa sobre o pobre, e os que tomam emprestado servem aos que emprestam (v. 7). Ao contrário, quanto mais ricos, mais propensos à cobiça e ao desejo de aumentar a sua riqueza e poder, seja dentro da lei ou por meio de suborno, exatamente por possuírem riqueza e poder. No fim das contas, a expectativa dos ricos está fadada ao desapontamento, afirma Provérbios. Misteriosa, porém apropriadamente, aqueles que exploram os pobres podem acabar acumulando recursos para os próprios pobres; pessoas que dão aos ricos estão fadadas a terminar na pobreza. Expressando a ideia de maneira mais metafórica e concreta, os que semeiam transgressão colhem maldade (i.e., tornam-se alvo da infidelidade de outras pessoas) e descobrem que não mais conseguem levantar a vara contra os pobres (v. 8). Por outro lado, a bênção virá sobre aqueles que compartilham os seus bens e recursos (presumidamente obtidos por meios honestos) com os mais necessitados. Eles, portanto, mostram que são “bons de olho”, ou possuem olhos bons — isto é, que olham os outros com bondade (v. 9). É preciso ser realista quanto às dinâmicas que, às vezes, arrastam as pessoas à pobreza, como observa uma das mais vívidas linhas de Provérbios (v. 13). Mas tais pessoas não podem usar essa consideração como desculpa para a dureza de coração ou maldade no olhar.

O provérbio sobre o rei (v. 11) estabelece outro comentário sobre o poder. Um líder sábio necessita e recebe, de bom grado, pessoas que são puras de mente (p. ex., pessoas cujos pensamentos não são influenciados pela ambição pessoal) e graciosas no falar (i.e., as palavras provenientes de sua mente pura são honestas e, portanto, dizem o que precisa ser dito, mas o fazem com delicadeza). Expressando de outra forma (segundo a provável intenção de Provérbios), se for amigo ou confidente do rei, certifique-se de ser uma pessoa com as duas características; caso contrário, o rei poderá considerar você inútil e ineficaz como conselheiro(a), colocando a sua vida em perigo. O comentário seguinte quanto a pessoas traiçoeiras (v. 12) terá um significado especial para os que estão envolvidos em atividades administrativas. Comporte-se de maneira criteriosa e sábia, e Deus verá que o seu conselho é eficaz. Conspire contra a administração e espere pelo seu fracasso. Cuide para que o seu falar seja gracioso em vez de escarnecedor, caso almeje encorajar a unidade na equipe

administrativa e na comunidade e salvaguardar a sua própria posição (v. 10).

Pode ser difícil de acreditar, mas um bom nome e o favor da comunidade são mais valiosos do que a riqueza (v. 1). Por outro lado, a riqueza, ao lado da honra e da vida, resulta da humildade, da simplicidade ou da fragilidade e de seus correlatos, o temor e a submissão a Yahweh (v. 4). Em oposição, a vida do trapaceiro torna-se obstruída por espinhos e laços, enquanto as pessoas que atentam para a correta formação de sua vida evitam tais ameaças e perigos (v. 5). Portanto, essa atenção e prudência são expressões de perspicácia, o tipo de sabedoria que contrasta com a irreflexão ingênua que falha em ver as armadilhas potenciais e evitá-las; pelo contrário, estes tropeçam nelas e pagam o devido preço (v. 3). Tal ingenuidade é esperada em pessoas jovens demais para serem perspicazes: daí a necessidade de iniciar os jovens na sábia formação de seus caminhos, que terá um prolongado efeito, caso realizado de maneira adequada (v. 6). A palavra “adequada” pode necessitar de uma abordagem mais livre (v. 15); alguns jovens não são apenas ingênuos, mas, de fato, insensatos. Nesse caso, um tratamento mais severo pode ser necessário. Certa feita, ouvi de um professor que o meu filho poderia ter sido um bom matemático, mas não lhe era mais permitido usar nenhum método de disciplina física. A advertência quanto à mulher alheia, cuja independência da comunidade lhe permite liberdade das expectativas morais (v. 14), é um daqueles versículos que Provérbios, com frequência, associa com os rapazes de pouca idade, pois estes podem ser especialmente suscetíveis aos seus encantos, pagando um terrível preço por isso.

Quando eu era estudante e trabalhava na biblioteca, às tardes, Jim, o meu amigo, enrolava o cachecol em volta da cabeça, a cobria com o capuz do seu casaco, inclinava-se sobre a mesa e tirava um cochilo. Em vez disso, por me faltar essa habilidade, sentava-me com as linhas das páginas de um livro dançando diante de mim, enquanto lia a mesma linha inúmeras vezes, sem compreendê-la. Durante as décadas subsequentes, desenvolvi a habilidade do meu amigo Jim e, quando concluir o presente capítulo, devo tirar uma boa soneca e, então, avaliarei melhor as tarefas dos meus alunos. Entre essas duas fases na minha história em relação ao sono, às vezes consegui dormir, após o almoço, mas o fazia por uma hora ou até duas e, após esse longo período, normalmente, não conseguia fazer mais nada pelo restante do dia. Hoje, por conseguir cochilar, sinto-me bem melhor.

Talvez a sonolência, da qual Provérbios discorre ao fim dessa seção, seja aquela sonolência incapacitante, ou talvez o dorminhoco em questão seja apenas alguém que simplesmente não quer sair da cama pela manhã. Essa dificuldade pode estar ligada com a referência a se embriagar e se empanturrar, nos três versículos finais da seção. O Antigo Testamento vê o banquetear-se com entusiasmo, porém associa essa indulgência com ocasiões especiais, tais como o festival da colheita, no fim do ano agrícola, quando as pessoas também celebravam o que Deus fez quando os libertou do Egito. No entanto, ao relaxar em demasia, pode ser difícil retomar o trabalho, segundo sugeriu Provérbios, anteriormente, ao descrever o perigo de não arar o campo no tempo certo após a ceifa, caso queira colher algo no ano seguinte. Esse provérbio é ainda mais solene. Embora a exortação do pai a retrate como dirigida aos filhos jovens, ela se aplica, pelo menos tão solenemente quanto, aos cabeças das famílias. Se você não der a devida atenção ao trabalho na fazenda da família, a perderá. Mesmo ter algo com que se vestir depende da abundância das colheitas, tal como o linho, ou ter um excedente de outras colheitas para usar em permutas. A pessoa não deve se dar ao luxo de dormir indulgentemente por longo tempo ou com muita frequência.

Embora, por muitos capítulos, os provérbios compreendam um único versículo, nesta seção e na próxima eles são constituídos por dois ou três versículos, e a introdução, aparentemente, descreve as duas seções como uma coletânea de trinta dessas unidades. Inseri as letras (a), (b), (c) e assim por diante. Há, igualmente, um documento egípcio organizado em trinta unidades numeradas,

expresso como o ensino de um pai ao seu filho; Amenemope, esse professor, talvez tenha vivido um século após a época de Moisés. Inúmeros de seus ditados são similares demais aos do livro de Provérbios para ser mera coincidência, embora Amenemope e Provérbios possam ser versões distintas da sabedoria comum do Oriente Médio em vez de serem diretamente dependentes um do outro. A ligação não reflete a maneira com que o livro de Provérbios, em geral, estabelece a premissa de que podemos aprender com base na experiência de vida de outras pessoas e as suas reflexões a respeito, além da nossa própria, dentro do povo escolhido. Deus estabeleceu a vida para fazer sentido, se as pessoas usassem o bom senso, divinamente dado, mesmo antes de conhecerem a plenitude de quem Deus é. Mas, a exemplo da própria abertura de Provérbios, a introdução a esses trinta ditados estabelece o seu ensino no contexto do relacionamento do indivíduo com Yahweh, uma relação específica de confiança nele. A referência “aos que o enviaram”, igualmente, implicará que essa seção de Provérbios está especialmente preocupada em oferecer ensino a pessoas envolvidas na administração. Isso indica que essa administração precisa ser operada no contexto daquela confiança.

Os trinta provérbios se entrelaçam onde há um significado especial a pessoas envolvidas na administração e aqueles que são de aplicação geral. A preocupação característica de Provérbios pelos pobres é aplicada à arena pública (unidade a), onde é possível àqueles que decidem quanto a questões legais, reunidos no portão da cidade, tomar decisões em detrimento de direitos e necessidades dos mais necessitados. Provérbios, de imediato, apresenta o envolvimento de Yahweh nesses assuntos. Nos capítulos anteriores, o interesse característico pela ira (unidade b) indicava a importância dessa área para os que estavam a serviço do rei; a ira pode trazer sérios problemas à pessoa. O pragmático conselho do pai quanto à carreira do filho afirma que ele deve mostrar-se entusiasmado e ligeiro (unidade e); “pessoas na escuridão” talvez seja referente aos que trabalham na obscuridade em vez de serem proeminentes na vida pública. Igualmente, o filho deve cuidar de seus modos à mesa (unidade f). O alimento que é colocado diante de você é enganoso no sentido de poder tentá-lo ao excesso de indulgência e, por consequência, transmitir uma má impressão.

Na vida, em geral, é sábio ter cautela quanto a assumir compromissos financeiros em nome de outra pessoa; apertar as mãos refere-se à formalização dessa espécie de compromisso. Claro que você não deseja ver os oficiais de justiça pondo as mãos em tudo o que possui, até mesmo a cama na qual repousa (unidade c). É seu dever respeitar a propriedade de outras pessoas, pois constitui

o meio de subsistência e a vida delas (unidade d) — esse compromisso teria implicações sobre as obrigações daqueles envolvidos na administração. O tópico aparece mais tarde (unidade j), com um lembrete adicional de que Yahweh, o grande restaurador ou resgatador, tomará a defesa das pessoas que você enganou e expulsou da terra — que podem ser órfãos, após a morte do pai e proprietário. Dentro da família estendida, alguém com poder e recursos tinha a obrigação moral de socorrer o familiar que estivesse em apuros financeiros, a fim de acertar as dívidas e "restaurar" a situação, como ela deveria ser (a palavra, com frequência, é traduzida por "redimir"). O Antigo Testamento usa essa imagem para retratar a forma de Deus agir em favor do seu povo, e, aqui, em prol do proprietário que foi ludibriado e expulso da sua terra, que é vital para a vida da sua família.

Não permita que a riqueza se torne a preocupação maior na sua vida (unidade g). A riqueza é apenas outro engano, pois ela pode desaparecer muito mais facilmente do que é obtida. Paralelo à advertência quanto a comer na corte (unidade f) é o alerta quanto a sair para jantar na vida comum (unidade h), quando o seu anfitrião pode ser alguém que não o veja com bons olhos. Sua hospitalidade tem segundas intenções; talvez ele o tenha convidado apenas para obter algum benefício próprio. Os petiscos que ele oferece, portanto, não são agradáveis e podem até mesmo fazê-lo vomitar, tornando inútil a sua conversa. Recuse o convite, se puder. De maneira geral, não desperdice palavras com alguém insensato (unidade i).

O ouvinte é encorajado a aceitar a correção (unidade k) e, portanto, alegrar o seu pai (unidade m). Igualmente, deve estar preparado para corrigir, por sua capacidade de livrar as pessoas de um destino pior (unidade l). Ele deve ter inveja (unidade n), mas inveja ou ambição para imitar pessoas que vivem no temor de Yahweh, não as que o ofendem. A exortação não convida os ouvintes a uma posição desinteressada. Mas a inveja é desnecessária, pois viver no temor de Yahweh permite à pessoa ter um futuro e uma base para crer que a vida correrá bem. Isso não ocorre com quem opta por viver como um ofensor.

Agora, vou tirar a minha merecida soneca.

Enquanto caminhávamos de volta ao nosso carro, após um concerto, passamos diante de uma loja, na qual um homem operava uma máquina tipográfica Heidelberg. Achei curioso, pela hora avançada, porque não imaginei que alguém ainda imprimia daquela forma nos dias atuais e porque o homem estava bem vestido (a impressão tipográfica faz muita sujeira). Para mim, também foi uma cena estranhamente pungente, pois o meu pai costumava operar uma versão maior daquela máquina. Na verdade, lágrimas rolaram pelo meu rosto, e a lembrança da cena me fez chorar novamente esta manhã, enquanto eu e a minha esposa conversávamos sobre retornar ao local. A minha reação deveu-se ao fato de o meu pai ter sido um trabalhador comum, que passou grande parte de sua vida operando uma dessas máquinas, mas que muito se orgulhava do seu ofício. De minha parte, tenho motivos suficientes para honrá-lo como alguém que (com a minha mãe) era fonte de sabedoria, disciplina e entendimento, cujas palavras eram dignas de ser ouvidas com atenção; alguém que não devia ser desconsiderado ou desprezado, e que, tenho certeza, se alegrava em mim.

Assim, os meus pais se enquadram na abertura da metade final desses trinta provérbios (unidade p), e não quero crescer além da sabedoria deles. Não me recordo de eles terem tido receio de que eu me envolvesse em apuros com mulheres (unidade q). Talvez esse fato expresse algo quanto às diferenças no contexto social, as quais mudaram desde a minha juventude. Hoje em dia, os pais, provavelmente, se preocupam mais com suas filhas do que com seus filhos, com os sites pornográficos e de relacionamento social. Em nosso comentário sobre o capítulo 5, observamos a preocupação de Provérbios com respeito a mulheres “estrangeiras” ou “estranhas”. Aqui também a sequência da exortação geral para dar atenção à sabedoria proveniente dos pais leva a uma advertência sobre o sexo, o que expressa a convicção de que não há nada mais estúpido ou insensato do que a infidelidade sexual.

Amanhã será celebrado o Dia de São Patrício, e sinto-me surpreso e, ao mesmo tempo, triste, pelo fato de os norte-americanos desconhecerem a importância desse dia; esse homem pregou o evangelho na Irlanda, após ter sido, inicialmente, capturado no País de Gales ou na Inglaterra e, então, levado para lá como escravo. Amanhã, o meu pub irlandês favorito abrirá às seis da manhã; o Dia de São Patrício é, simplesmente, uma ocasião para beber grandes quantidades de cerveja verde. Assim, as pessoas provarão a veracidade das advertências de Provérbios sobre como o álcool gera brigas, discussões, visão

turva, insensibilidade e a incapacidade de se lembrar como se meteu em confusão. No entanto, após tudo isso, a pessoa ainda deseja beber novamente, no dia seguinte (unidade r). O vinho ou a cerveja cintilam dentro do copo, o que lhes dá um aspecto convidativo; resista ao seu olhar, Provérbios conclama. Pode haver uma ligação com a exortação para não invejar pessoas más (unidade s); elas podem dar a impressão de estarem desfrutando um tempo prazeroso, mas, no fim, o colocarão em apuros: talvez estejam planejando algum ato violento (p. ex., roubar alguém), e é possível que a própria bebida as encoraje a fazer isso. Se você deseja possuir uma bela casa, repleta de coisas finas, siga o caminho sábio, isto é, o caminho da honestidade (unidade t). Provérbios não vê nada de errado nesse desejo (a exemplo do álcool, caso consumido com moderação); a questão é como você procura preenchê-la.

Igualmente, Provérbios não vê problemas com o exercício do poder e considera a sabedoria como a chave caso queira fazer isso (unidade u). A declaração é seguida pelo comentário quanto a uma forma particular de exercer o poder, aquele envolvido na vitória em batalha, o que nos faz lembrar, uma vez mais, do significado desses trinta provérbios para as pessoas envolvidas em assuntos administrativos. Ela reafirma o lembrete de Provérbios de que um aspecto da sabedoria reside em não confiar apenas na própria sabedoria. A segunda linha da unidade também enfatiza uma implicação da primeira. O ponto não é meramente que a sabedoria auxilia na obtenção de poder, mas que ela é, em si mesma, uma forma de força. No levantamento de peso, a chave não é a força bruta, mas o conhecimento sobre como usar bem a própria força; essa percepção é aplicável na vida de forma mais abrangente. Uma pessoa sábia detém uma força que não é encontrada em uma pessoa fisicamente forte, porém estúpida. Outra indicação desse fato é como o insensato não consegue influenciar em debates que levam à tomada de decisões (unidade v). Ou uma pessoa estúpida pode apresentar sugestões, aparentemente plausíveis, para realizar algo, mas que são erradas e ofensivas a Deus; no fim, toda a comunidade é que se indignará (unidade w).

O provérbio sobre mostrar-se fraco (unidade x) envolve outro uso hábil de palavras relacionadas. Se os líderes parecem fracos no dia da tribulação ou da pressão, levantam questionamentos sobre si mesmos e podem enfraquecer a própria posição. Pode haver uma ligação com o provérbio sobre agir quando pessoas estão correndo perigo (unidade y). Em uma situação na qual as pessoas em risco precisam que você aja com decisão, é inútil alegar desconhecimento quanto ao que está acontecendo. É sua atribuição saber, e Deus saberá que você falhou no exercício de sua responsabilidade. Em Provérbios, um dos contextos

nos quais as pessoas vivem em perigo é aquele em que elas se entregam à insensatez e à maldade, de uma forma ou de outra; a exortação, então, se aplicaria à responsabilidade em relação a elas que pertence aos que possuem sabedoria. Não podemos, meramente, dizer que não é da nossa conta. Deus cuidará para que paguemos pela nossa negligência.

O provérbio sobre o mel (unidade z) funciona como uma parábola. A princípio, parece estar encorajando a autoindulgência ou, pelo menos, levar o leitor a se perguntar por que está falando sobre algo como o mel. A resposta vem no versículo seguinte. Precisamos ter a mesma atitude em relação à sabedoria como se saboreássemos algo doce como o mel. A promessa vinculada à sabedoria sugere um contraste com a unidade precedente. A sabedoria é uma expressão da atitude que o resgata de pertencer à companhia dos que estão a caminho da morte ou à congregação dos que falham em advertir o primeiro grupo e se arrisca a juntar-se a eles. A exortação subsequente aos infiéis (unidade aa), na verdade, talvez seja destinada a ser ouvida pelos fiéis e sábios. Estes não precisam temer que os infiéis representem a morte para eles; é possível que caiam muitas vezes, mas se levantarão tantas vezes quanto caírem, enquanto o mesmo não ocorre aos infiéis (cf. a unidade cc). No entanto, quando isso acontecer, não celebre (unidade bb), pois essa reação pode levar Deus a ficar mais descontente com você do que com o seu agressor.

O trigésimo provérbio (unidade dd) retorna à vida na área administrativa. Respeito e submissão são aconselháveis tanto em relação a Deus quanto ao rei. A lealdade a Deus e ao rei é parte da responsabilidade da pessoa, e falhar nessa área a coloca em apuros com ambos. Não corra esse risco.

A exemplo de muitos líbios envolvidos na rebelião contra o governo de Muammar Kadhafi, Abdul Ghani Aboughreis, líder de adoração em uma mesquita de Trípoli, poderia se sentir, compreensivelmente, amargurado contra os apoiadores de Kadhafi. Ele apoiou a rebelião com um sermão, durante as orações da sexta-feira em sua mesquita, transformada em centro de resistência. Muitos de seu povo foram mortos; ele foi enviado à prisão. Cinco dias depois de os rebeldes ganharem o controle da área na qual a penitenciária se situava e o libertarem, Abdul estava, novamente, pregando na mesquita. Segundo um órgão de notícias, a mensagem que, agora, ele estava pregando aos líbios era sobre a necessidade de haver perdão mútuo, de permitir a implementação da justiça e da lei, e de não ceder ao desejo de vingança.

Dois parágrafos dessa seção advertem contra a retaliação. O primeiro é uma espécie de complemento à lista de trinta provérbios, enquanto o segundo constitui o início de outra coletânea de ditados que se estende por cinco capítulos e mescla unidades de uma linha, duas linhas e alguns mais longos. A primeira advertência (v. 29), simplesmente, afirma: “Não faça isso”, sem dar motivos, a exemplo de muitos dos Dez Mandamentos. O fato de o autor não se sentir obrigado a isso implica que, na verdade, não é necessário fornecer motivos para essa classe de exortação. As pessoas sabem, no íntimo, que a vingança é errada, do mesmo modo que o adultério, o assassinato e o furto, exceto se, talvez, tenham reprimido a própria consciência e sufocado essa percepção — em outras palavras (na estrutura de Provérbios), a não ser que tenham se tornado insensatas ou estúpidas. Somos criados com uma consciência dessas obrigações como aspectos da própria humanidade. Isso reflete o fato de Amenemope (citado em relação aos trinta provérbios) e outros povos do Oriente Médio possuírem ditados e princípios similares aos deste livro. Mas a nossa humanidade também inclui o nosso aspecto pecaminoso (a nossa insensatez, na estrutura de Provérbios) e, portanto, outras passagens bíblicas, de fato, nos fornecem argumentos para agirmos como sabemos que devemos agir, e o segundo parágrafo (v. 21-22) faz o mesmo. Ele vai além do provérbio anterior quanto a não apenas refrear a vingança, mas também fazer algo positivo para a pessoa que lhe causou danos, sugerindo duas motivações. A segunda é suficientemente clara — Deus o recompensará. O ensino de Jesus, portanto, está de acordo com Provérbios, ambos conclamando as pessoas a amarem os seus inimigos e prometendo que se assim agirem serão recompensadas por moldarem a sua vida por esse ensino (e.g., Mateus 5—6). A primeira motivação é mais enigmática,

embora um dos ditados de Amenemope refira-se à outra pessoa chegando ao seu limite e chorando, o que apoia a ideia de que as brasas vivas sugerem um sentido de vergonha ardente e de arrependimento pela ação hostil. Ao considerar os provérbios, Paulo observa que nós, portanto, sobrepujamos o mal com o bem em vez de sermos vencidos por ele e forçados a agir da mesma forma que o inimigo (Romanos 12).

Os parágrafos incluem inúmeros outros provérbios sobre o relacionamento com o nosso próximo, com os outros moradores da nossa vila ou cidade. Eles começam enfatizando que devemos tratar todos de forma imparcial ao tomarmos decisão sobre alguma disputa (v. 23) em vez de levar em conta quem são as pessoas envolvidas na causa e favorecer os ricos em detrimento dos pobres, os poderosos em prejuízo das pessoas comuns do povo, ou os israelitas em relação aos estrangeiros (lit., não se deve levar em conta o rosto). Portanto, pessoas como os anciãos reunidos junto ao portão da cidade não devem tomar decisões em favor da pessoa que está errada, em desfavor daquela que está certa; todos sabem que tal ação é injusta (v. 24). Em contraste, a bênção vem sobre aquele que reprova quando a reprovação é necessária (v. 25). O ditado sobre o beijo (v. 26) afirma um ponto relacionado. Quando você fala direta e sinceramente a alguém, utiliza os seus lábios de uma forma que é similar ao beijo que expressa compromisso e amizade. Ao contrário, não engane com os seus lábios ao prestar um testemunho sem fundamento (v. 28).

O outro tópico no primeiro parágrafo é a necessidade de prestar atenção ao trabalho. Os resultados da preguiça e da apreciação de uma boa soneca são claramente visíveis (v. 30-34: um campo coberto de ervas daninhas; uma vinha cujos muros perderam a função de protegê-la contra a invasão de animais selvagens, o que, por seu turno, significa que a pobreza entra pela porta da frente, tão bem protegida que você jamais será capaz de sobrepujá-la. Mas o compromisso com o trabalho diligente não é a única necessidade, pois deve-se também observar as prioridades corretas na execução desse trabalho. Não é bom dedicar toda a sua energia na construção de uma boa casa (talvez o provérbio tenha em mente um homem construindo uma casa para ele e a sua noiva, onde podem viver separados de seus respectivos pais) às custas do trabalho na fazenda, que significará ter algo para comer (v. 27).

Os provérbios compilados pela equipe de Ezequias iniciam-se com um material apropriado a pessoas naquela posição. Os primeiros dois (v. 2-3) comparam e contrastam Deus e o rei. Deus está acima de todos, incluindo o rei, e, se Deus

não deseja revelar algo, isso permanecerá em segredo; essa declaração aplica-se a algumas relevantes questões sobre temas como a criação e o sofrimento. Sujeito a essa qualificação, o rei possui ampla capacidade de investigar coisas e patrocinar a pesquisa; o Antigo Testamento retrata reis, como Salomão e Ezequias fazendo isso. Como único membro da Suprema Corte, o rei também possui vasta capacidade e obrigação de investigar e resolver questões complexas que envolvem a comunidade. Além disso, ele tem a liberdade de guardar o seu pensamento para si; caso aja assim, a sua equipe administrativa nada pode fazer. A tarefa deles, então, é garantir a eliminação, do ambiente da corte, de pessoas que possam confundir as decisões do rei, ou que coloquem em risco a sua posição pela infidelidade de suas ações com relação à verdade ou mesmo ao rei (v. 4-5). Agiriam melhor também se evitassem ser essa pessoa. Com respeito à sua própria posição dentro da equipe real, seria mais sábio se não forçassem uma notoriedade, arriscando-se ao embaraço (v. 6-7). Esse é outro conselho abordado por Jesus (veja Lucas 14) que contrasta com a convicção, comum em culturas ocidentais, de que a autopromoção é importante.

Ao voltar-se para as relações dentro da comunidade, o segundo parágrafo também traz advertências quanto a acusações injustificadas contra o próximo e para evitar acusações precipitadas; isso pode levar a pessoa a ser considerada estúpida (v. 7-8). Caso faça uma acusação com base em uma informação confidencial de outra pessoa, não de algo que tenha visto pessoalmente, tenha cautela ao revelar a sua fonte e, simplesmente, crer em um monte de fofocas e calúnias, tornando, assim, a situação pior para você (v. 9-10). Nesses contextos, aja com sabedoria (v. 11-12). O ouvido atento pode ser dos anciãos ou do próximo; seja como for, é mais provável que uma palavra adequadamente dita seja ouvida do que aquela expressa em um momento errado e de forma inapropriada. De fato, a língua gentil tem a capacidade de convencer uma pessoa difícil, do mesmo modo que você pode ser capaz de prevalecer sobre o seu oficial comandante caso mantenha a calma e argumente racionalmente (v. 15).

O provérbio sobre o mel (v. 16) leva a outro sobre permanecer em excesso na casa de seu vizinho (v. 17). Então, Provérbios observa as devastadoras implicações que podem estar ligadas ao falso testemunho diante dos anciãos (v. 18). Mesmo que o seu caso seja menos grave do que o de alguém falsamente acusado e em grande perigo, a infidelidade do próximo ainda é nociva (v. 19). Similarmente, é desapontador fazer promessas que não se pode cumprir, do mesmo modo que o clima, quando promete chuva e ela não cai (v. 14). Ser incapaz de confiar nos ajudantes que você envia em seu nome é um fardo

deprimente, mas, se você conseguir alguém para agir fielmente em seu nome, isso traz um profundo alívio ao seu espírito (v. 13). O provérbio sobre tirar um casaco, o vinagre sobre a ferida e a canção para alguém com um coração entristecido (v. 20) expressa três ações, uma depois da outra. Igualmente, são ações relativas ao próximo, caso seja o tipo de provérbio que alcança o seu ponto real com a sua linha principal.

A nossa mudança para os Estados Unidos, em 1997, ocorreu em um momento no qual Ann, a minha primeira esposa, tornou-se totalmente dependente da cadeira de rodas. Quando me ofereceram um emprego aqui, alguns meses antes ela ainda conseguia se movimentar com a ajuda de um andador, mas, na época de nossa viagem, Ann já havia perdido o pouco de mobilidade que tinha. Foi assustador descobrir que o primeiro restaurante que visitamos não dispunha de um banheiro com espaço suficiente para o acesso de uma cadeira de rodas (desde então, ele fechou) e que os táxis não levavam cadeiras de rodas como os taxistas londrinos, porém foi encorajador ver que uma lei, a Americans with Disabilities Act (ADA) [Ato dos Americanos com Deficiência], levou a avanços em termos de acessibilidade em inúmeras áreas da vida, nos Estados Unidos. Igualmente, era uma época em que qualquer atitude que parecesse preconceituosa em relação a pessoas com deficiência estava sob intensa pressão. Essa pressão incluiu um questionamento quanto ao modo de a Bíblia falar sobre deficiências e usar a cegueira e a surdez como imagens negativas. Ann costumava rir dessa atitude, pois a considerava uma espécie de bravata política que perdera a visão das questões reais.

Não me recordo se alguma vez discutimos o provérbio que compara as pernas pendentes de uma pessoa com deficiência (como era o caso da minha esposa) com um aforismo ou postulado na boca de uma pessoa estúpida (26:7), mas tenho certeza de que o provérbio a faria sorrir. Decerto, Ann também se divertiria com o provérbio anterior, sobre a vara ser tão necessária quanto eficaz nas costas de uma pessoa insensata, do mesmo modo que o chicote é para o cavalo e o freio é para o jumento (v. 3), e com o conflitante conselho sobre como responder a questões de uma pessoa estúpida (v. 4-5). Responder a elas implica aceitar que são boas questões. Talvez a inferência seja de que deveríamos indicar as falhas de estruturação da pergunta ou com a sua fundamentação. É possível que seja apenas para as ignorarmos. No entanto, se as ignorarmos, podemos deixar a pessoa preocupada com a questão e propensa a apresentá-la a outra pessoa. Assim, talvez seja melhor tratá-la como uma questão sensata e fornecer uma resposta que, de alguma forma, satisfaça a pessoa que a fez, a fim de evitar que ela confie em sua própria sabedoria —, pois essa suposta sabedoria é, na realidade, insensatez. E, se existe algo pior do que a estupidez regular, é o autoengano sobre quanto se é sábio (v. 12). Um provérbio relativo declara, em uma reveladora imagem, que, se não reconhecermos que cometemos erros, não aprenderemos com eles e apenas os repetiremos (v. 11). A seção expressa

preocupação com a autoilusão quanto a outro de seus tópicos favoritos, ou seja, a preguiça, por meio de uma série de cômicas, porém afiadas, comparações (v. 13-16). Ainda, as complementa com outra sobre alguém com uma fraqueza oposta: uma inclinação para interferir nos conflitos de outras pessoas (v. 17), um provérbio com uma aplicação política no Ocidente, onde algumas nações são ávidas por se envolverem nos conflitos alheios.

Há um significado mais amplo para a inserção dos provérbios referentes a responder a questões de pessoas estúpidas. Ao considerá-los isoladamente, é fácil providenciar evidências de que Provérbios possui uma visão muito simplificada da vida. Na verdade, nem sempre o uso da vara em pessoas insensatas é eficaz (v. 3); nem sempre a discórdia cessa quando não há fofoca (v. 20). Ainda, os coveiros, em geral, não caem nas covas que cavam (v. 27). Aqueles que formulam e reúnem provérbios e ditados não são, eles mesmos, tolos ou estúpidos; mas sabem que a vida é mais complexa do que pressupõe a generalização que fazem. Eles são capazes de afirmar que a riqueza é a fortaleza das pessoas ricas (10:15), que a riqueza não prevalece no dia da ira (11:4) e que a confiança de uma pessoa em sua riqueza não evita a sua queda (11:28). Sabem que há alguma veracidade em todas essas declarações. A justaposição dos provérbios sobre responder a uma pessoa insensata explicita a consciência deles quanto a vida ser mais complexa do que sugere a citação simplória de uma percepção. O ensino de Provérbios oferece às pessoas recursos para a abordagem da vida, mas elas precisam de sabedoria para definir qual discernimento é aplicável em determinado contexto. A ausência de sabedoria no seu uso é que torna esses provérbios tão úteis quanto as pernas para uma pessoa com deficiência. Ainda pior, tornam-se mais perigosos do que um espinheiro nas mãos de uma pessoa embriagada — ela própria pode se machucar ou ferir alguém que cruze o seu caminho (26:7,9).

A necessidade por essa espécie de sabedoria também encontra expressão na forma pela qual o significado de um provérbio isolado pode demandar certa reflexão. Nessa seção, metade dos provérbios opera na direção contrária. Primeiro, eles fazem uma declaração sobre algo que não é o assunto real — o vento norte, uma nascente barrenta, comer mel, uma cidade sem muros, a neve no verão, e assim por diante. As traduções, em geral, invertem as sentenças para auxiliar a compreensão dos leitores, mas a ordem original é deliberada. Com efeito, os provérbios começam levantando uma questão que o leitor deve responder, como um enigma. O que é o vento norte, uma nascente barrenta ou se alimentar de mel? Os provérbios o levam a envolver-se com a pergunta em vez

de ficar ali sentado escrevendo a resposta sem nenhum envolvimento. Igualmente, demandam a sua concordância de que o vento norte, uma nascente barrenta e o consumo excessivo de mel são coisas ruins, mesmo antes de saber o pensamento com o qual está prestes a concordar. Então, os provérbios apresentam o discernimento almejado, quando já é muito tarde para o leitor recuar. Desse modo, a pessoa é levada a aceitar que uma língua dissimulada, o colapso de uma pessoa fiel e buscar a própria honra são coisas, igualmente, ruins.

Os provérbios sobre pernas que não se movem e sobre responder a uma questão estúpida estão relacionados com um tema recorrente: a importância das palavras. A seção inicia-se com o efeito negativo de uma língua dissimulada (25:23), que sugere a dificuldade para guardar confidências, e, então, da propensão a discussões (v. 24). Os provérbios posteriores, implicitamente, reconhecem que essa disposição para iniciar discussões ou altercações não é exclusiva das mulheres, que a fofoca e essa disposição encorajam a discórdia, mas que a fofoca é mais difícil de resistir, tanto para quem a transmite quanto para quem a ouve (26:20-22). Por outro lado, a difamação injustificada não irá mais longe do que o voo sem rumo de pequenas aves (v. 2). Ainda que receber boas notícias seja como beber um revigorante copo de água fria em um dia quente (25:25), enviar palavras por meio de pessoas estúpidas (26:6) é causa provável de problemas futuros (a mensagem jamais chegará ao destino, ou será truncada, ou transmitida de uma forma pouco diplomática), similar a cortar o próprio pé ou, voluntariamente, incitar a violência. De modo geral, contratar alguém insensato ou um estranho que passa, os quais não têm nenhuma obrigação com você, é motivo mais que provável de deixar você em apuros (v. 10). O mesmo é verdadeiro em relação a alguém que engana e alega estar brincando (v. 18-19) quanto a alguém ser honesto ou desonesto. Palavras finas podem esconder um propósito traiçoeiro e esmagar pessoas, mas, no devido tempo, a intenção será exposta e o engano terá um efeito contrário (v. 23-28).

Essa promessa contempla uma adequada reversão de coisas, mas há outras inversões a serem lamentadas. Há a pessoa fiel que é sobrepujada pela infiel (25:26), talvez diante dos anciãos, junto ao portão da cidade, quando uma decisão injusta é tomada contra alguém que está certo. Há a honra de uma pessoa insensata (26:1); a comparação com uma pedra amarrada a uma atiradeira (v. 8) sugere, talvez, a falha em atingir o alvo. No entanto, o fato de a honra ser bem recebida não indica que a preocupação excessiva com o próprio prestígio seja apropriada (25:27).

Austin Farrer, o diretor da minha faculdade, foi um dos grandes pregadores de sua época, mais pela sabedoria e discernimento de seu conteúdo do que pelo estilo musicado de sua pregação. Meus amigos e eu não fazíamos questão de ir à capela, no domingo à noite, quando já havíamos participado do culto pela manhã, mas, se Austin fosse o pregador da noite, lá estávamos nós. Certa ocasião, ele pregou sobre a alegria cristã e contou à congregação que ela não consistia em cumprimentar o vizinho cedo de manhã em voz alta; ato contínuo, meus amigos, espalhados pela capela, olharam para mim.

Ele extraiu a sua citação da presenta seção (v. 14), e suponho que seja inútil negar a sua aplicação, especialmente quando a minha esposa também protesta por meu entusiasmo ao me levantar e realizar as tarefas matutinas (embora ela deseje enfatizar que também acorda animada e logo diz “eu te amo”). Caso contrário, como eu conseguiria concluir a série o Antigo Testamento para todos? Já observei, neste volume, que eu mesmo tenho de aplicar a esse projeto a advertência sobre não se vangloriar pelo dia de amanhã (v. 1). Quem sabe se conseguirei cumprir o cronograma que fez o editor elevar as sobrancelhas quando aceitei o projeto? Igualmente, devo resistir à tentação de ficar muito satisfeito comigo mesmo, ao entrar na reta final, restando somente mais quatro volumes a serem escritos (v. 2). Deixem que os outros decidam se foi uma boa ideia. Devo seguir com o meu olhar realista. Não tenho muitos problemas com a ira; não aprecio a ideia de ser um peso para as pessoas pela irritação excessiva (v. 3), nem com o tipo errado de paixão (v. 4) — nesse contexto, a palavra hebraica para “paixão” terá uma conotação mais específica de ciúmes ou inveja. Posso, ocasionalmente, invejar outros eruditos por seus livros que eu gostaria de ter escrito, ou pela reputação e influência que eles possuem, as quais gostaria de possuir também.

Caso eu passe a impressão de me ter em elevada consideração, de ser irritadiço ou de ser consumido pela inveja, a exemplo dos amigos de Jó, os meus amigos é que devem dizer. Um amigo o repreende olhando nos seus olhos (v. 5-6). Deve-se confiar nas declarações dolorosas expressas por um amigo, como bem-intencionadas e confiáveis. Esse princípio aplica-se mesmo se a repreensão for feita em público, o que é melhor do que um apoio mantido em segredo e, certamente, bem melhor do que a amizade efusiva de alguém que, na realidade, pode operar contra você. Do mesmo modo que um ferro de amolar aguça o fio de uma arma ou ferramenta de ferro, um amigo aguça o “fio” de outro (v. 17).

Somente pessoas estúpidas permanecem incorrigivelmente obtusas (v. 22), comportam-se de maneira que não dão nenhum motivo de orgulho aos pais (v. 11), não percebem os perigos ao longo do caminho no qual andam (v. 12), ou aceitam ser fiadores de pessoas que podem desaparecer e deixar as suas responsabilidades para trás, (v. 13).

Igualmente, o princípio de cautela quanto a efusivas demonstrações de suposto apoio fornece um contexto no qual é possível aplicar o provérbio sobre o mel (v. 7). Se você tiver bons amigos, não precisará implorar por afirmação; mas, se não os tiver, poderá, ingenuamente, confundir inimizade com amizade. Em contrapartida, talvez o provérbio sobre deixar a casa (v. 8) seja um complemento daquele sobre os amigos. Provérbios, então, faz uma comparação com duas atitudes que emergem na cultura ocidental. Temos certa simpatia pela visão greco-romana de que um homem deve ter amigos do mesmo sexo e as mulheres idem. Mas, com frequência, somos propensos a presumir que a nossa esposa deveria ser a nossa melhor amiga e ansiar que seja assim, e posso ter a certeza de que ela não me decepcionará quando eu precisar de uma repreensão útil e direta. Talvez o ditado adicional sobre a mulher briguenta (v. 15) indique que Provérbios partilha da mesma suposição que os gregos e os romanos e, talvez, seja uma advertência ao homem quanto ao perigo de considerar uma repreensão amorosa como contenciosa, ou de ignorá-la e, então, levar a uma situação de discórdia. O provérbio seguinte (v. 16) também pode ter um duplo sentido. A esposa pode considerar como um elogio que a tentativa do marido de controlar a vida dela seja similar a tentar controlar o vento; o ponto sobre o óleo na mão do marido pode significar que ele não consegue evitá-la, e que o perfume da esposa permanece com ele, mesmo quando pensa que escapou dela. O equívoco de deixar o lar pode, igualmente, sublinhar o ditado duplo sobre abandonar um amigo ou o amigo de seu pai (v. 10), se a ideia for a de que um amigo que more perto de sua casa é um recurso mais sábio durante uma crise do que um irmão que vive distante.

A repreensão e o conselhos dos amigos são importantes salvaguardas contra a confiança nos próprios instintos (v. 9); são mais doces do que luxos caros. Não seria surpresa se alguns israelitas (a exemplo de alguns ocidentais), acidentalmente, tivessem os olhos e o nariz afetados pelo incenso e, portanto, não o achassem doce. Similarmente, o conselho de um amigo pode não parecer doce, mas, se somente receber conselhos que sejam doces ao seu paladar, você teria amigos verdadeiros? Ou prefere sair apenas com bajuladores ou pessoas cujas palavras favoráveis são uma espécie de antídoto para a sua pobre

autoimagem?

O capítulo tem outras percepções sobre o indivíduo e o autoconhecimento. Provérbios 17 observa que Yahweh precisa testar o nosso coração ou ser interior; podemos estar autoiludidos. Ao mesmo tempo, o ser interior é o núcleo da pessoa, de maneira que ele indica o verdadeiro eu. Um indivíduo necessita olhar dentro de si mesmo para encontrar o ser real, não se deixar levar pela imagem que deseja projetar. O ditado sobre ver o reflexo na água (v. 19) estabelece o ponto; pode implicar que a outra pessoa também precise esquadrinhar o seu interior para encontrar o eu real, não simplesmente confiar na projeção exterior. Os provérbios seguintes detalham o ponto. Considere os seus desejos e a sua natureza consumidora (v. 20); analise a sua reação ao ouvir elogios, considere os objetos do seu louvor ou, ainda, de quais pessoas vêm os elogios e o louvor (v. 21).

Uma contrapartida positiva às recorrentes advertências de Provérbios sobre a preguiça aparece na descrição do trabalho com o qual a maioria dos israelitas estaria envolvida. Os bons pastores conhecem as suas ovelhas, e conhecer o rosto de seus animais indica quão profundo é esse conhecimento — o mesmo se aplica aos seres humanos. A riqueza e a coroa são coisas excelentes, todavia não duram. Um fazendeiro vê que ele e a sua família podem ter um futuro. Há um ciclo anual que rege o crescimento da forragem necessária aos animais, e, se você os tratar bem, eles lhe fornecerão material para as suas roupas e alimento para o seu sustento (a menção às jovens garotas talvez seja devida ao papel-chave que desempenham no cuidado dos rebanhos).

O significado direto das linhas, então, faz todo sentido, mas, caso o homem que usasse, literalmente, a coroa e agisse como o pastor da nação as considerasse como uma alegoria da maneira pela qual ele deveria conduzir o cuidado ao seu rebanho, decerto os autores de Provérbios não teriam nenhuma objeção. Seria o outro lado da moeda em relação ao provérbio sobre cuidar de uma figueira (v. 18).

Estamos na terceira semana da Quaresma e, hoje à noite, teremos a terceira reunião dos nossos grupos de estudo da Quaresma. Estamos estudando Salmos, e tenho ficado animado em ver como as pessoas têm descoberto neles um meio de obter novos recursos para as suas orações, pois estão fazendo a sua "lição de casa" semanal (na verdade, não chamo de lição de casa). Ao mesmo tempo, sei que o livro de Salmos começa lembrando às pessoas que o relacionamento com Deus funciona apenas se elas estudarem a Torá e colocarem a sua instrução em prática.

Esses temas aparecem juntos em Provérbios 28. A Quaresma constitui um período para confessarmos e abandonarmos as nossas rebeliões, em lugar de tentar escondê-las sem sucesso. É, ainda, um tempo no qual podemos encontrar compaixão, e permanecermos no temor poderia ser aplicado em relação às autoridades humanas e a Deus, apesar de considerarmos mais arriscado o primeiro do que o segundo. Seria preciso certa coragem para nos acertarmos com o rei, contra o qual estávamos tramando um golpe de Estado, acreditando na misericórdia real. Talvez o objetivo do provérbio seja encorajar o próprio rei a tomar essa atitude. O capítulo acrescenta o comentário de que tal rebelião leva a uma desordem contínua (v. 2), algo confirmado pela própria história do reino do Norte, em Israel. A história está permeada de sucessivos golpes e também fornece evidências quanto à afirmação de Provérbios de que a instabilidade de um país deriva da falta de sabedoria de seus governantes (o sentido de Provérbios quanto ao temor de Yahweh). O versículo levemente incoerente sobre o governante opressivo e insensato (v. 16) estabelece um ponto relacionado. No contexto, é possível aplicar ao rei o provérbio seguinte sobre alguém oprimido por um assassinato (v. 17), considerando-se que os reis estavam sob o risco constante de causar a morte injustificada de muitas pessoas; o texto afirma que os assassinos estão a caminho do Sheol, e assim deve ser. O ditado seguinte (v. 18) generaliza o ponto sobre pessoas tortas não encontrarem libertação e, de novo, pode ser aplicado a um governante em particular. Relacionados a essas reflexões, há outros efeitos devastadores resultantes do fato de o soberano de um povo ser infiel (v. 15) e da forma com que a sociedade colapsa e a população se torna escassa quando a infidelidade se instala no governo de uma nação (v. 12,28).

É mais fácil ter essa expectativa de Deus do que de um rei? Muitos têm medo de Deus e da ira divina, mas a Bíblia o retrata como um (amoroso) pai ou mãe.

Venha limpo, e descobrirá compaixão (sem dúvida, a exemplo de inúmeros pais, Deus tem ciência das coisas antes de nos purificarmos, mas a saúde do relacionamento envolve ação da nossa parte). A Quaresma é uma boa ocasião para iniciarmos a nossa purificação e abandonarmos as coisas que devemos renunciar, nessa confiança. Na verdade, toda ocasião é boa para se fazer isso. O mesmo se aplica a estar no temor de Deus. A linha anterior deixa claro que o temor é diferente do medo (a palavra que aparece em algumas traduções). Você não precisa ter medo do rei ou de Deus; deve viver no temor e em submissão. É o oposto de endurecer o coração ou a sua determinação. Em outros contextos, essa dureza pode ser um recurso, mas a expressão é aquela usada em relação ao faraó, em Êxodo, quando ele resiste a Deus. A história mostra que essa atitude é uma má ideia. Provérbios associa temor e confiança em vez de vê-los como conflitantes: Deus é alguém sólido, em quem podemos nos apoiar por causa de sua grande força, e dotado de uma enorme compaixão, em cujos braços podemos nos deixar cair. Esse capítulo inicia-se com a confiança que uma vida de fidelidade possibilita, que contrasta com o temor que oprime ou que deveria oprimir, os infiéis (v. 1)

Pode-se conceitualizar novamente o temor diante de Deus como a busca pela orientação divina (v. 5). Esse provérbio é o único no qual Provérbios fala sobre buscar a orientação ou o auxílio de Deus; mais frequentemente, fala sobre buscar a sabedoria, o que em sua estrutura teria um significado similar. Trata-se de outro tema da Quaresma. O ditado apresenta a extraordinária promessa de que essa busca resulta na compreensão de todas as coisas. A natureza de “todas as coisas” é detalhada pela advertência de que as pessoas más não compreendem o adequado exercício de autoridade, de como tomar as decisões corretas na comunidade. Na realidade, elas não desejam essa compreensão; assim é a natureza do seu mal. Todavia, os que buscam a face de Deus saberão como tomar todas as decisões que precisam ser tomadas, de uma forma justa e apropriada. Eles terão a verdadeira sabedoria em lugar de se iludirem e também escaparão da calamidade (v. 26).

O capítulo enfatiza a “instrução”, utilizando o termo em quatro ocasiões. Trata-se da mesma palavra torah, que em um contexto como o do salmo 1 refere-se à “instrução de Yahweh”, cuja suprema personificação é “a Torá de Moisés”, à qual, normalmente, nos referimos como a Lei de Moisés. No livro de Provérbios, o termo torah é usado, em seu sentido mais amplo, à instrução dos pais ou dos sábios, porém muito de seu conteúdo será o mesmo. Portanto, aqui, seguir a torá ou instrução é lutar contra as pessoas infiéis em vez de louvá-las (v. 4); significa

não se associar a glutões — em outras palavras, não seguir o mesmo estilo de vida (v. 7); a moderação no comer e no beber é uma virtude em Provérbios, daí o motivo comum de a disciplina da Quaresma se enquadrar nessa ênfase. Ainda, significa que Deus pode ouvir as nossas orações; pelo menos, não dar ouvidos à torá torna a sua oração abominável a Deus (v. 9), a exemplo da arrogância ou da desonestidade. O salmo 1 e as advertências dos profetas corroboram essa chocante declaração, além de fornecer subsídio à reflexão da Quaresma para o que estão aprendendo lições novas sobre a oração.

Tão reveladora quanto é a triste observação de que até mesmo pessoas pobres podem oprimir outras pessoas igualmente necessitadas (v. 3); elas, então, se tornam como uma chuva forte que destrói as plantações. Embora seja positivo pensar que as dificuldades unem as pessoas, isso também pode levar as famílias a agirem de maneira egoísta: imagine-se como um chefe de família, cujos filhos estão chorando de fome. Como pai, você pode ser tentado a compactuar com a injustiça por algo para comer (v. 21). Melhor é ser uma pessoa pobre, mas que anda em integridade, ainda que tenha pouco, do que alguém que segue caminhos tortuosos, porém abastada ou que se alimenta bem (v. 6). É possível que você tenha mais entendimento da vida do que a pessoa rica (v. 11). Ainda, é melhor ser alguém que vive razoavelmente do que alguém que empilha emprestando aos pobres e cobrando juros deles, um procedimento que a Torá proíbe (emprestar deve ser um meio de apoiar os necessitados, não uma forma de obter lucros). A advertência é que a pessoa não logrará reter o seu lucro, mas o perderá para alguém que será gracioso para com os pobres que ela mesmo explorou (v. 8; comp. v. 20). As pessoas íntegras é que tomarão posse de coisas boas (v. 10).

É muito pior ser alguém que rouba dos próprios pais o meio de subsistência ao assumir o negócio da família quando os seus pais envelhecem e não tem consciência disso (v. 24). De modo geral, manter um olho nas oportunidades principais e ignorar as pessoas carentes significará terminar em situação miserável (v. 22; comp. v. 27). Essa ganância também produz divisão e conflito entre os membros da comunidade (v. 25). Ao contrário, pode descobrir que repreender alguém pela ganância (entre outras coisas) edifica os relacionamentos na própria comunidade (v. 23). Como de hábito, Provérbios mescla a sua preocupação pelos pobres com a consciência de que eles precisam evitar a acusação de serem os responsáveis pela própria pobreza por meio da preguiça ou por empregarem energia excessiva em projetos outros que não o cuidado da sua terra (v. 19).

O noticiário está tomado pela história de um soldado do exército norte-americano que perdeu o controle e matou dezesseis pessoas no Afeganistão. Ontem à noite, em nosso grupo de estudo, ao discutirmos sobre essa notícia e orarmos pelo soldado e por suas vítimas, um dos participantes falou sobre a sua própria experiência como soldado no Afeganistão e no Iraque. Ele entendia como um homem em sua quarta missão dentro daquele contexto podia perder o juízo. A pessoa deseja, desesperadamente, voltar para casa e se ressente pelo fato de as pessoas do país no qual ele está destacado serem o motivo de ele estar ali. Uma ação daquele tipo expressa todo o ressentimento do soldado e representa o seu retorno ao lar. No caso do participante de nosso grupo, o relacionamento que ele desenvolveu com o motorista do capelão, com quem ele, frequentemente, compartilhava a guarda, não apenas o manteve no curso, mas também mudou a sua vida. O motorista estava sempre lhe contando coisas bíblicas, e isso o levou a se tornar um leitor da Escritura.

Sua história ressoa com Provérbios. Os militares são pessoas que recebem muitas repreensões (v. 1). O funcionamento das Forças Armadas depende de uma disciplina interiorizada que diz “Sim, senhor” de modo automatizado, sem reflexão. No entanto, a disciplina pode remar contra a corrente. Pode haver um ponto interno de resistência na pessoa. Na realidade, é necessário haver esse local, caso contrário a pessoa pode ser levada a empreender ações às quais deveria resistir. Isso, igualmente, significa que a pessoa pode se tornar resistente e, subitamente, ficar totalmente destruída emocional e mentalmente, sem possibilidade de cura; é difícil vislumbrar alguma possibilidade de restauração naquela história sobre o Afeganistão. O relato que ouvimos em nosso grupo também ilustra a forma com que ansiedade age como uma cilada para a pessoa ansiosa, mas a confiança em Deus pode fazer toda a diferença (v. 25). É tentador imaginar que a autoridade do seu oficial comandante é o que conta, mas não é assim (v. 26).

Na rebelião de uma pessoa má há, portanto, um laço — isto é, a rebelião é uma cilada na qual o rebelde cai; em contraste, os fiéis terão motivos para regozijar em alta voz sobre o resultado da vida deles (v. 6). Malfeitores e infiéis de um lado, pessoas retas e fiéis, inexoravelmente, posicionados um contra o outro (v. 27). Contudo, em que sentido aquele soldado é uma pessoa má? Um dos participantes do grupo observou que é perigoso imaginarmos que ele é uma pessoa inerentemente pior do que qualquer um de nós; era apenas um homem

sob uma pressão terrível. Quem de nós pode afirmar que reagiria melhor àquela pressão do que ele? Mesmo aquele ex-soldado em nosso grupo, que nos transmitiu uma ideia daquela pressão, ainda dizia: “Sigo apenas pela graça de Deus.” Com efeito, ele estava considerando o que um homem pobre e aquele propenso a atos violentos têm em comum; o fato de Yahweh iluminar os olhos de ambos (v. 13). O que age com violência contra uma pessoa pobre precisa levar em conta esse fato: a pessoa pobre também pode encontrar encorajamento nisso. O provérbio que fala sobre alguém que divide os lucros de um roubo e oculta evidências quando os anciãos julgam o crime estabelece o ponto de outro maneira bem vívida (v. 24); tais pessoas estão prestando um desserviço a si mesmas.

Outro pensamento relacionado é o de que o escárnio agita uma cidade, mas os sábios desviam a ira (v. 8). Às vezes, eu e um amigo conversamos sobre a tentação de cair na ingenuidade (minha tentação) ou no cinismo (a tentação dele). O escárnio ou a zombaria tem estreita relação com o cinismo; sempre suspeita da motivação e quase nunca crê em boas notícias. A ingenuidade acredita quando devia questionar. A sabedoria discerne a ocasião de questionar e de crer. Quando os cínicos desprezam os planos dos líderes da cidade, designados a lidar com alguma questão que desperta fortes sentimentos na população, pessoas sábias da comunidade precisam decidir se permitirão que a ira fomentada pelos cínicos piore ainda mais a situação. Elas também precisam ter cautela para não ultrapassar os limites com os próprios escarnecedores (v. 9), os quais são uma variante dos estúpidos que não retêm nenhum dos seus sentimentos (lit., nada do seu espírito), enquanto os sábios são mais contidos (v. 11). Os zombadores não são apenas estúpidos, mas também perigosos, tanto por provocarem conflitos quanto por mostrarem como a ira leva à rebelião (v. 22). O escarnecedor está intimamente relacionado com a pessoa que não possui mecanismos de censura quanto às próprias palavras, que é um caso irremediável (v. 20); também reconheço o meu próprio cinismo.

Os sábios reconhecerão que os cínicos podem muito bem-estar certos ao suspeitarem da motivação da liderança da comunidade. Instintos assassinos são estão restritos a pessoas sob intensa pressão; eles podem ser sentidos por pessoas que alcançam posições de liderança, que desejam o melhor para si mesmas e, para isso, estão dispostas a pisar em pessoas de integridade, caso necessário (v. 10). O capítulo contém uma série de outras observações sobre a liderança e observa como a comunidade sofre quando o seu líder ou governante é uma pessoa infiel (ela sabe que irá padecer), mas se alegra quando pessoas fiéis

aumentam em número em seu meio (v. 2). Um governante pode ser alguém disposto a prestar atenção à “informação” que sabidamente é falsa; se o fizer, então, encoraja a ação de outros infiéis em todo o seu governo (v. 12). Essa disposição terá implicações sobre as pessoas comuns do povo, porque as que são infiéis não terão interesse em políticas que consideram os pobres (v. 7). Esse fato conecta-se ao modo pelo qual o rei pode assegurar estabilidade à sua nação de acordo com o exercício de sua autoridade governamental, que pode ser mais propenso a aumentar os impostos a fim de financiar o seu estilo de vida, os seus planos bélicos e projetos arquitetônicos. Assim, ele pode arruinar a estabilidade por meio do enfraquecimento da viabilidade econômica do povo (v. 4), a exemplo da advertência a Israel quando o povo sonhou com a ideia de ter um rei. A real medida de um governo é determinada pela avaliação de como os pobres e as pessoas menos importantes vivem, não pela constatação de sucesso de algumas pessoas apenas. Quer o rei perceba ou não, as suas decisões em benefício dos pobres também fazem diferença quanto à estabilidade do seu próprio trono (v. 14). O estímulo à infidelidade entre os integrantes de seu governo e no povo, em geral, provavelmente recairá sobre ele mesmo (v. 16). Talvez implicações similares estejam associadas ao provérbio sobre visão e instrução (v. 18), caso sugira a importância de um líder dar ouvidos à instrução dos sábios e estar aberto à mensagem de Deus, que constituem elementos-chave para abençoar a sua liderança ou governo e manter a ordem social.

O capítulo incorpora inúmeros provérbios referentes à família e oferece algumas variantes sobre a recorrente ênfase de que os filhos devem prestar atenção aos pais, e estes devem disciplinar os seus filhos (v. 3,15-16). Disciplinar um adolescente ou um jovem adulto pode envolver violência; permitir que façam o que bem entenderem pode trazer vergonha aos pais (v. 15). A disciplina dos filhos é acompanhada da promessa de paz e deleite ao espírito de quem assim age (v. 17). Ver os descendentes se entregando à sabedoria significa alegria para os pais, porém um dos motivos de o desvio sexual ser uma escolha estúpida é a perda que isso acarreta (v. 3). A exemplo de outros provérbios ao longo dos capítulos do livro, a permissividade sexual é a personificação da estupidez. O outro lado da moeda no contexto familiar é que, se um pai tratar o seu servo como filho, ele pode terminar como seu herdeiro (v. 21). Esse tratamento significa disciplinar o servo com diligência, da mesma forma que a um filho, porque meras palavras podem levar a lugar nenhum, a exemplo do que ocorre com um filho (v. 19). A implicação não é de que as pessoas podem tratar os seus servos como mera propriedade, que podem agir ao bel-prazer; Êxodo 21 é explícito quanto a esse ponto. Outros capítulos de Provérbios implicam que o

servo tomar o lugar de um filho é uma inversão da devida ordem, de maneira que, aqui, talvez, o provérbio sirva como uma advertência a um filho obstinado.

Os que recebem o ensino da sabedoria e todos os outros precisam ter cautela quanto à bajulação e a não se considerarem mais do que são (v. 5,23).

Habitualmente, a minha esposa permanece sentada à escrivaninha, localizada ao lado da minha, trabalhando muito mais do que eu, em um curso que faz parte de seu programa de graduação. Há certa incompatibilidade entre a disciplina e/ou o método de ensino do professor que está levando Kathleen à loucura. Ela investiu três vezes mais horas no seu trabalho, durante as três primeiras semanas do prazo e, até agora, conseguiu apenas um B em lugar do seu usual A. Ela também acha que não está aprendendo nada, embora eu alimente a esperança de que essa convicção se revele equivocada. Com frequência, o que ocorre com ela também afeta outras estudantes e, com o passar do tempo, o contrário emergirá, ou seja, a abundância do aprendizado. No entanto, a experiência é frustrante, e tudo o que ela pode fazer, além de enviar seguidos e-mails ao professor e murmurar para mim, é sentar e trabalhar no material, dia após dia.

Ao que parece, Agur também experimentou o mesmo sentimento de Kathleen, porém em uma frente mais ampla. Desconhecemos quem foram Agur, Jaque, Itiel ou Ucal, e não seria surpreendente descobrir que eram estrangeiros, a exemplo de Lemuel, no próximo capítulo, assim como os personagens do livro de Jó. Eles, portanto, refletem as conexões internacionais com Provérbios que emergem daqueles trinta provérbios, dos capítulos 22—24, e testificam a consciência dos povos fora de Israel quanto à necessidade de compartilhar a sua sabedoria, mesmo com Israel. Yahweh não é um Deus que se fez conhecido apenas ao povo escolhido. Outros povos também podem descobrir a verdade sobre Deus e sobre a vida, mesmo que não descubram as verdades-chave sobre o que Deus tem feito para concluir a libertação e a restauração de todo o mundo por meio de seu envolvimento com Israel.

Igualmente, Agur nos faz lembrar de Balaão, o vidente da Mesopotâmia, em Números 22—24, a quem Deus aparece e usa para abençoar Israel. “Oráculo” é uma palavra que pode ser usada para descrever uma profecia: o mesmo ocorre com “declaração” que, na realidade, é a palavra utilizada para descrever a profecia de Balaão. Portanto, a história de Balaão e a de Agur também testificam a liberdade de Deus para falar a e por meio de pessoas fora de Israel, não apenas israelitas.

Contudo, o que Deus tem a dizer por intermédio de Agur é, então, um tanto paradoxal. Basicamente, não compreendo nada. O livro de Provérbios está trilhando um caminho em direção a um fim intrigante. Já observamos que, com

frequência, o livro dá a impressão de que possui respostas às grandes questões da vida, e as regras sobre como a vida funciona estão todas costuradas. A consciência de que as coisas são, de fato, bem mais complexas do que qualquer provérbio sugere torna-se, agora, mais explícita. Os seus derradeiros capítulos formam uma imagem espelhada dos capítulos iniciais. Os capítulos 1—9 falaram da sabedoria como transmissora de uma compreensão da revelação e da criação. Provérbios como um todo é, portanto, uma imagem espelhada de Jó e de Eclesiastes, que foca em afirmações confiantes, mas nos impede de considerá-las como um pacote fechado que encerra todas as coisas. O foco de Jó e Eclesiastes é levantar questões, porém eles o fazem para impedir que consideremos as suas perguntas como um indicativo de que elas contêm as respostas.

Outra característica das palavras de abertura de Agur sublinha a sua ênfase. Além de não sabermos nada sobre os quatro nomes ali citados, há o fato de que eles fazem soar o sino em outro sentido, particularmente os dois últimos. A expressão no hebraico para “a Itiel” é, praticamente a mesma para “Cansei-me, Deus”, enquanto “e Ucal” é muito similar a “e estou exausto”. Desse modo, Agur está, mais ou menos, dizendo: “Cansei-me, Deus; cansei-me, Deus, e estou exausto.” Essas palavras alinham-se bem ao que se segue. Agur se entregou a buscar o entendimento sobre as grandes questões da vida e fracassou. Paradoxalmente, o seu oráculo de Deus, a sua declaração de Deus, expressa que devemos reconhecer que não sabemos as respostas àquelas questões — pelo menos, não as sabemos “debaixo do sol”, a exemplo do que afirma Eclesiastes; não podemos conhecê-las com base na experiência humana cotidiana comum. Nesse aspecto, não sou melhor do que um animal, Agur reconhece. Não possuo o mesmo tipo de entendimento dos anjos. Ninguém mais possui. Ele segue a sua declaração quanto à própria ignorância com algumas perguntas que nos convidam a reconhecer que ele não está sozinho; nenhum ser humano possui o conhecimento sobre o qual ele está falando. Ninguém jamais foi capaz de subir aos céus e controlar o cosmos a fim de compreendê-lo. Talvez essas perguntam apontem para o significado do próprio nome de Agur, que é relacionado à palavra hebraica para um estrangeiro residente e que poderia ser entendida como: “Eu resido como estrangeiro, sou um peregrino.” Em outras palavras, sou apenas um residente temporário neste mundo. O que eu saberia?

Assim, dependemos de Deus nos alcançar. Podemos obter a compreensão que ansiamos apenas se Deus a conceder. E, na realidade, temos essa revelação, conforme o segundo parágrafo afirma. A descrição de Agur como alguém com um oráculo, uma declaração, não é meramente irônica, como se essa afirmação

profética tivesse apenas as implicações sombrias de suas linhas iniciais, mas também possui conotações positivas. Temos palavras de Deus que são testadas, nas quais podemos confiar, e que seria tolice tentar expandi-las. As sentenças utilizadas por Agur são provenientes de outras partes do Antigo Testamento, como Deuteronômio e o salmo 18, que apoiam a suposição de que a revelação à qual Agur se refere é aquela contida na Torá, e em outras passagens do Antigo Testamento, que discorrem sobre Deus descer para agir e falar.

O acréscimo às palavras de Deus faria da pessoa alguém mentiroso. Agur não se refere meramente a uma inverdade específica, mas em ser transformado em alguém que se expôs abertamente não como um servidor das palavras divinas, mas como um traidor delas — praticamente, um apóstata. Agur, portanto, ora para que ele mesmo não se torne um mentiroso, para que nem a pobreza nem a riqueza possam levá-lo a se afastar de Deus, como, por diferentes motivos, ambas são capazes.

A linha sobre não falar de um servo ao seu senhor (não reclamar ou denunciar) para que ele não o insulte por interferência parece estar isolada. Nos quatro provérbios seguintes, podemos ver Agur declarando o tipo de palavra de Deus à qual ele se referiu, a exemplo de um profeta, denunciando o que ele vê como tentações persistentes da comunidade na qual vive.

Certa feita, um gambá surgiu desfilando sobre a grama, além do nosso pátio, em plena luz do dia, o que foi algo extraordinário, pois esses animais têm hábitos noturnos. Eles são belos, mas, igualmente, assustadores por causa do terrível cheiro que podem exalar quando se sentem ameaçados. Pouco depois, o animal desfilou mais algumas vezes. Observamos e concluímos que era uma mãe carregando os seus filhotes recém-nascidos, um por um, do local onde dera à luz para outro local. A princípio, imaginamos que o motivo pelo qual ela os estava transportando era por estarem todos mortos, mas uma pequena pesquisa feita sobre o animal sugeriu que não havia motivo para aquela sombria inferência; a mãe, simplesmente, estava levando os filhotes do seu refúgio de inverno e local de nascimento para um novo lar, onde cuidaria deles durante o crescimento. Ela era a personificação do cuidado maternal.

Provérbios assume que há muitas coisas a serem aprendidas com a vida animal. Isso não surpreende, pois a Bíblia, em inúmeras passagens, descreve como o mesmo Deus criou os seres humanos e os animais, e a ciência confirma que somos seres relacionados. Aqui, Provérbios começa citando sanguessugas, que são praticamente insaciáveis em sua sede por sangue. O parágrafo observa esse fato e é também um dos muitos que usam números para propor uma espécie de enigma. Quais as duas, três ou quatro coisas que são insaciáveis? São elas a morte; uma mulher estéril que anseia por um filho; uma terra como Canaã que não recebe chuva suficiente e o fogo que pode consumir toda a floresta ou cidade.

O parágrafo seguinte discorre sobre animais para observar uma conexão ainda mais assustadora. Eles não somente ensinam, mas também são os meios pelos quais um destino que merecemos cruza o nosso caminho. Portanto, o ditado sobre os corvos e a águia, uma vez mais, presume a unicidade da criação humana e da criação animal, mas também vê a segunda como parte da realidade interconectada, pela qual ações erradas ou insensatas colhem as consequências “naturais”. Isso torna o mundo animal e a sabedoria em aliados. Ignorá-los significa pagar o preço pela estupidez. De maneira constante, Provérbios contradiz o conhecido ditado: “A ignorância é uma bênção.”

Segue-se um parágrafo adicional, mesclando números e criaturas. Quais as três ou quatro coisas que parecem extraordinárias? São elas o voo de uma águia, o serpentear de uma cobra, as aventuras e perigos de um navio no mar e a natureza

humana amorosa. Aqui, Provérbios nos convida a reunir realidades que não pensaríamos reunir e observar o que elas têm em comum. O ditado sobre a mulher adúltera forma um adendo doloroso ao parágrafo; pode até mesmo ser o seu ponto. É possível maravilhar-se diante do amor entre um homem e uma mulher, mas haverá sofrimento e descrença quando um casamento iniciado com tamanha alegria termine em separação. Ontem à noite, vimos um filme chamado Jovens adultos [Young Adult], sobre uma mulher divorciada infeliz que retorna para a sua cidade natal, disposta a reconquistar o seu ex-namorado, agora casado e com uma filha. Com efeito, ela limpa a sua boca e diz: “Nada fiz de errado.” Ele realmente me pertence — ele não é feliz com ela. A tristeza na vida de um homem ou de uma mulher pode levá-los a olhar para as situações somente de sua perspectiva pessoal.

O terceiro provérbio numérico não faz referência ao mundo animal, mas começa com a própria terra e exibe outro aspecto da unidade da criação. Na realidade, ele descontrói a distinção entre a criação animada e a inanimada, ao retratar a própria terra como incapaz de suportar o que vê. O terremoto representa a terra estremecendo pelo que testemunha. Provérbios é socialmente conservador no sentido de sua consciência quanto ao perigo resultante da inversão da ordem social. No entanto, isso dificilmente implica que as três ou quatro coisas que agitam a terra sejam inerentemente erradas. Pelo menos, isso é verdadeiro quanto à circunstância feliz na qual uma mulher rejeitada ou divorciada se casa novamente. Mais provavelmente, a seção diz respeito à maneira com que pessoas que estão prosperando contra todas as probabilidades pode levar a problemas. Por exemplo, e se o servo(a) não tiver o que é necessário para ser um rei ou uma senhora? E se a pessoa insensata se comportar segundo o que descreve o último parágrafo do capítulo? Portanto, esses desenvolvimentos são motivos para a terra sentir certa ansiedade.

O quarto ditado numérico observa a inteligência das formigas, dos arganazes (criaturas parecidas com uma cobaia grande), gafanhotos e lagartos; são a própria personificação da sabedoria, um complemento adequado para um livro como Provérbios. O quinto ditado descreve quatro seres que simbolizam a confiança, por sua atitude diante do mundo: o leão, algo com cinta nas coxas (talvez um cavalo aparelhado para a guerra), o bode e, então, um rei. Os derradeiros versículos atraem a atenção para algumas outras formas nas quais a natureza e a experiência humana mostram-se como partes integrantes da realidade. Em termos de tema, constituem comentários sobre as seções precedentes, oferecendo conselhos para a pessoa insensata e àquelas criaturas

autoconfiantes (como um rei).

Um estudante me procurou, nesta semana, por estar confuso quanto à atitude negativa, de tudo ou nada, de sua igreja em relação ao álcool. Os pastores podem beber ou devem ser como os nazireus, no Antigo Testamento, que se abstinham de álcool, ou como os sacerdotes, que eram instruídos a não beber e evitar que apresentassem as ofertas de forma errada? A Bíblia não recomenda a moderação, embora reconheça que a bebida pode levar à queda ou a ruína? E quanto à bebida que Deus esperava haver nos festivais religiosos? E o fato de Jesus ter, aparentemente, bebido? Por outro lado, o estudante acreditava que havia muitos pastores em seu círculo que pregavam contra a bebida, do púlpito, mas bebiam de modo privado, até mesmo em excesso. Após algum tempo, o próprio aluno sugeriu que somos propensos a formular a questão em torno da antítese de certo ou errado, quando, na verdade, devemos questionar considerando a antítese de inteligência ou estupidez.

A mãe de Lemuel concordaria plenamente. Não sabemos quem foi Lemuel ou de qual nação era rei, embora, a exemplo de Agur, ao que parece, não era israelita (o Antigo Testamento não o menciona entre os reis de Israel). A rainha-mãe, com frequência, era uma figura poderosa no Oriente Médio, e não surpreende vê-la estabelecendo leis para o seu filho, a exemplo de qualquer mãe. Ela fala de Lemuel não apenas como um filho de seu ventre, mas, especialmente, como filho de seus votos ou promessas: isto é, similar a Ana, em 1Samuel, que orou por um filho e prometeu dedicá-lo a Deus, de maneira que a sua exortação ao filho resulta de seu compromisso com Deus.

O derradeiro capítulo de Provérbios começa com uma conclusão que equilibra os nove primeiros capítulos; o início e o fim do livro constituem uma estrutura de afirmação da importância da atividade e do ensino da mulher. A estrutura envolve os capítulos intermediários, que possuem um foco predominantemente masculino. Pode-se comparar a maneira com que a história da saída do povo israelita do Egito, em Êxodo 1—15, coloca Moisés e o faraó no contexto das ações e palavras de uma série de mulheres, sem as quais os eventos não seriam possíveis ou não ocorreriam daquela forma.

A mãe de Lemuel começa com a advertência padrão sobre não se envolver com muitas mulheres, que podem destruir reis; ironicamente, no contexto de Salomão, isso ocorreu com ele, de acordo com 1Reis. Todavia, o foco da mãe é em relação à bebida, pois ela destrói reis em outro sentido. O álcool desvia a

atenção deles do “que foi decretado”, o que é detalhado na segunda parte da linha. Como sempre, o Antigo Testamento presume que a primeira obrigação de um líder é proteger os seus liderados mais fracos, humildes e comuns. A bebida afastará a atenção do governante de sua vocação primária. As linhas sobre deixar a bebida para pessoas que necessitam de um lenitivo para a sua dor e que não precisam se preocupar com tarefas importantes das quais devem se lembrar são irônicas, outra maneira de tentar obter acesso ao líder. A mãe, então, reafirma a tarefa do filho, nos dois versículos finais. A sua função consiste em ser a voz das pessoas que não podem falar por si, pessoas que estão à beira da morte, os humildes, os necessitados. Acabe, o rei em 1Reis 21, colaborou com vozes que falavam contra alguém pertencente a esse grupo. O trabalho do rei é se levantar contra essas pessoas e fazer uso de sua autoridade em relação à liderança da comunidade, a fim de assegurar que a prioridade correta vigore ali.

A minha esposa está prestes a concluir o seu programa de graduação em teologia, e as pessoas lhe perguntam, de tempos em tempos, o que ela planeja fazer com o seu diploma. Ela, então, expressa a sua irritação a mim: “Eu já tenho duas carreiras [ela é arquiteta e gerente de projetos]; não preciso de outra. O que eu quero é cozinhar; ser esposa de um pastor; costurar e escrever. Desejo passar tempo com a minha neta.” No entanto, a questão surge naturalmente, porque, no Ocidente, atribui-se às mulheres a impressão de pouca valia, a não ser que se destaquem de alguma forma especial, por conta própria, fora do lar.

Nesse contexto, a descrição de Provérbios da mulher forte suscita variadas reações, pois é o retrato de uma mulher que exerce grande responsabilidade, ainda que apresente o lar como a sua base. Uma consideração a ser levada em conta é que as mulheres (e os homens) ocidentais são vítimas de um pressuposto cultural vinculado à urbanização e à industrialização que não apenas separou o mundo doméstico e familiar do mundo do emprego assalariado e da esfera pública, como também implicou que o segundo era o mais importante. Desse modo, se a pessoa permanecer em casa e trabalhar lá (como era mais comum para as mulheres), realizará algo menos relevante do que se trabalhasse fora de casa (como era mais comum para os homens). Portanto, para as mulheres contarem como seres humanos produtivos, era necessário que trabalhassem em empregos externos ao lar.

Provérbios pressupõe uma espécie diferente de sociedade — não, necessariamente, melhor ou pior, mas distinta. Imagine um vilarejo israelita ou algumas centenas de pessoas pertencentes a três famílias estendidas, as quais, então, abrangem um número de lares. Cada família estendida possui a sua figura masculina sênior, e cada lar possui o seu respectivo equivalente. Os homens de uma família passam as horas do dia lá fora, nos campos, enquanto as mulheres ficam na vila, cozinhando, assando, costurando e cuidando dos filhos, que são jovens demais para acompanhar os pais na lida do campo. Não há implicação de que o habilidoso trabalho realizado pelas mulheres na vila seja menos importante do que o valioso trabalho executado pelos homens nos campos. Presume-se que as figuras seniores, tanto masculinas quanto femininas, exerçam o papel de líderes, enquanto as demais cumprem as suas respetivas tarefas. Será, então, vital a uma mulher que o seu marido saiba o que ele está fazendo e, igualmente fundamental a um homem que a sua esposa saiba o que ela está fazendo.

A seção é a única no livro apresentada na forma de um poema alfabético — isto é, o primeiro versículo começa com o equivalente à letra A, no hebraico, o segundo, com o equivalente ao B, e assim por diante (há 22 letras no alfabeto hebraico). Um poema alfabético cobre todo o seu assunto, de A a Z. A ordem alfabética é que estabelece a "lógica" para a sequência dos versículos. Não há outra estrutura ou desenvolvimento. O poeta começa imaginando um provérbio iniciando com o equivalente à letra A; então, com a letra B, e assim por diante, sem se preocupar com ligações com a linha anterior. Contudo, inúmeros temas são recorrentes no poema como um todo.

Primeiro, enfatiza-se a importância da esposa para o seu marido. A questão com a qual o poema inicia-se (v. 10) não precisa indicar que a pergunta seja difícil; com frequência, Provérbios apresenta questões retóricas. O ponto da questão é a relevância do tema que ela suscita, não apenas para os jovens adultos que, em geral, Provérbios tem em mente. Ao procurar uma esposa, não foque apenas em sua aparência exterior. Em alguns países árabes, assim entendo, trata-se de um insulto dizer que a noiva é bonita, porque isso implica que ela não é valiosa em outros aspectos; pelo menos, tão importante quanto ser bela é ser inteligente e pertencer a uma família de boas relações. Provérbios diz para verificar o tamanho de seus músculos (v. 17) e a sua capacidade de trabalhar durante a noite (v. 18). O marido quer ter orgulho da esposa (v. 23,27-28,31).

Caso o homem e a mulher tenham sorte, há outros aspectos mais românticos na relação deles do que os enfatizados por esse poema (presentes em Cântico dos Cânticos), mas o foco, aqui, reside nas considerações práticas. O homem imaginado pelo poema conhece a capacidade da sua esposa e não precisa se preocupar quanto à parte dela na parceria. Embora ela tenha o lar como base de operações, a sua conduta nos afazeres da família é similar à de um guerreiro saindo para a batalha e retornando para casa com os espólios para o benefício familiar (v. 11). Falar em termos de imaginação também nos convida a não sermos muito realistas quanto ao retrato. Embora a mulher possa ser encorajada pela gama de responsabilidades que se espera dela, isso pode também intimidá-la. Lembre-se, trata-se apenas de um poema.

O papel das mulheres na confecção de roupas surge nas linhas sobre lã e linho (v. 13) e tecelagem (v. 19). Isso também significa que as pessoas não precisam se preocupar com os invernos gelados nas habitações estabelecidas nas montanhas (v. 21), de noite ou de dia (v. 22). Não há sinal de preguiça nessa mulher, ao contrário de alguns homens citados em Provérbios (v. 27). Isso significa que ela

não precisa se preocupar com a própria aparência ou pela provisão dos seus familiares no próximo ano (v. 25). O seu papel em relação ao forno e fogão aparece nas linhas sobre comida (v. 14) e sobre levantar-se cedo para preparar a mesa (v. 15).

Os dois comentários podem pressupor um cenário urbano, com o homem trabalhando, talvez em alguma função administrativa. Contudo, mesmo nas vilas, a aquisição de tecido e de gêneros alimentícios, além da sua manufatura, envolverá barganhas e permutas (cf. v. 18,24). Uma família não será, necessariamente, autossuficiente, mas usará o excedente para obter produtos dos quais necessita, mas não produz. A mulher está a cargo desse sistema e do processo pelo qual a família vê uma forma de ampliar a sua propriedade e plantar uma vinha extra (v. 16).

A sua família não é aquela que cuida apenas de si mesma (v. 20); a mulher certifica-se de cuidar de outros moradores da vila, em obediência aos princípios bíblicos. Da mesma forma, a sua provisão não está restrita apenas às necessidades materiais de sua família (v. 26). Caso tivéssemos dúvidas quanto à participação da mulher no ensino à família, esse poema removeu todas elas. Isso relaciona-se ao fato de ela não ser apenas uma mulher trabalhadora e dedicada ao ensino, mas pode ser alguém no temor de Yahweh (v. 30).

PROVÉRBIOS POR TÓPICOS

Já comentamos que muitos temas são recorrentes em diferentes capítulos de Provérbios. Presumivelmente, os compiladores objetivaram fazer isso, a fim de encorajar as pessoas a refletirem em um provérbio de cada vez. Provérbios espelha a Bíblia como um todo, ao não seguir uma ordenação sistemática. No entanto, é de grande valia reunir os seus ditados sobre diferentes tópicos. Assim, nas páginas seguintes, reunimos os provérbios sobre um mesmo tema.

IRA

6:34 Pois o ciúme [desperta] a ira de um homem;

ele não terá pena no dia da reparação.

11:23 O anseio do fiel é apenas para o bem;

a expectativa do infiel é a ira.

12:16 Uma pessoa estúpida — sua irritação se faz conhecida no momento,

mas a pessoa perspicaz oculta a humilhação.

14:16 Uma pessoa sábia teme e se afasta do que é maligno,

mas uma pessoa estúpida se enfurece e é confiante.

14:17 Aquele que é irascível fará coisas estúpidas;

uma pessoa de esquemas será repudiada.

14:29 A temperança é abundante no entendimento,

mas a brevidade de espírito exalta a estupidez.

14:35 O favor de um rei [será] para um servo de bom senso,

mas sua ira será [para] um vergonhoso.

15:1 Uma resposta gentil desvia a fúria,

mas uma palavra ofensiva suscita a ira.

15:18 Um homem acalorado provoca discussões,

mas o que é longânimo acalma a disputa.

16:14 A ira do rei é ajudante da morte,

mas a pessoa sábia a expiará.

16:32 Melhor ser longânimo do que um guerreiro,

e governar sobre o próprio espírito do que tomar uma cidade.

19:11 Uma pessoa de bom senso alonga a sua ira,

e a sua glória é passar por cima de um ato de rebeldia.

19:12 A ira do rei é como o rugido de um leão,

mas o seu favor é como orvalho sobre a grama.

19:19 Aquele que é grande em ira carrega uma penalidade;

se você [o] resgatar, fará isso de novo.

20:2 O terror do rei é como um rugido de leão;

aquele que o enfurece perde a sua vida.

21:14 Um presente em segredo acalma a raiva,

e um presente no bolso [acalma] a ira feroz.

21:19 Viver em uma terra deserta

é melhor do que uma mulher briguenta e irritante.

21:24 A pessoa soberba e presunçosa — arrogante é o seu nome —

age em um frenesi de altivez.

22:8 Aquele que semeia transgressão colherá a maldade;

a vara da sua fúria falhará.

22:24 Não faça amizade com uma pessoa caracterizada pela ira,

não vá com alguém irascível,

22:25 para que não aprenda os caminhos deles

e enlace a sua vida.

25:23 Um vento norte pode agitar a chuva.

e uma língua dissimulada, um rosto indignado.

27:3 Uma pedra é pesada e a areia também,

mas a irritação de uma pessoa estúpida pesa mais do que ambas.

27:4 Há a crueldade da fúria e a inundação da ira,

mas quem consegue resistir à paixão?

29:8 Pessoas que escarnecem agitam uma cidade,

mas os sábios desviam a ira.

29:22 Uma pessoa irascível provoca discussões,

e uma pessoa destemperada muito se rebela.

30:33 Pois pressionar o leite produz manteiga, pressionar o nariz produz sangue,

e pressionar a ira produz discórdia.

DISCUSSÕES

3:30 Não contenda com alguém sem motivo,

quando ele não lhe causou nenhum mal.

10:12 A animosidade agita a discórdia,

mas a abnegação cobre todos os atos de rebeldia.

13:10 Apenas por meio da arrogância alguém produz contendas;

a sabedoria está com as pessoas que buscam conselhos.

15:16 Melhor o pouco com temor a Yahweh

do que muito tesouro e tumulto com ele.

15:18 Um homem acalorado provoca discussões,

mas o que é longânimo acalma a disputa.

16:28 Uma pessoa torta provoca discussões,

e um boato separa um amigo.

17:1 Melhor uma crosta seca e tranquilidade

do que uma casa cheia de sacrifícios contenciosos.

17:14 O começo de uma discussão libera águas;

antes de a contenção irromper, abandone-a.

17:19 Aquele que gosta de rebelião gosta de conflito;

o que constrói um portão elevado busca a sua ruína.

18:6 Os lábios de uma pessoa estúpida entram na contenda,

e sua boca chama açoites.

18:18 O lançar sortes coloca um fim aos argumentos

e separa pessoas poderosas.

18:19 Um irmão que age rebeldemente [é mais forte] do que uma cidade fortificada,

e as discussões são como a barreira de uma fortaleza.

20:3 Dar fim a contendas é uma honra para uma pessoa,

mas toda pessoa estúpida se enfurece.

21:9 Viver em um canto do telhado

é melhor do que uma mulher briguenta e uma casa compartilhada.

21:19 Viver em uma terra deserta

é melhor do que uma mulher briguenta e irritante.

22:10 Expulse a pessoa arrogante, e as discussões irão embora;

a ação judicial e a humilhação cessarão.

23:29 Quem diz: "Oh"; quem diz: "Ai",

quem tem argumentos, quem tem queixas,

quem tem feridas sem motivo,

quem tem olhos turvos? —

23:30 pessoas que se demoram com vinho,

que vêm investigar vinho misturado.

25:7 O que os seus olhos viram

25:8 não deve resultar em discórdia rapidamente,

pois o que você fará ao fim disso,

quando o seu próximo o envergonhar?

26:17 Aquele que agarra as orelhas de um cachorro que passa

é o que se enfurece em uma disputa que não é sua.

26:20 Na ausência de lenha, uma fogueira se apaga,

E, quando não há fofoca, as discussões silenciam.

26:21 Carvão para as brasas, lenha para a fogueira

e uma pessoa briguenta para esquentar a discórdia.

27:15 Um gotejar contínuo em um dia chuvoso

e uma mulher briguenta são iguais.

27:16 Aquele que a esconde, esconde o vento,

e o óleo em sua mão direita a anuncia.

28:25 Aquele que tem grande apetite provoca discussão,

mas o que confia em Yahweh será revigorado.

29:9 Uma pessoa sábia pode discutir com uma pessoa estúpida,

mas ela se enfurecerá e rirá, e não haverá paz.

29:22 Uma pessoa irascível provoca discussões,

e uma pessoa destemperada muito se rebela.

30:33 Pois pressionar o leite produz manteiga, pressionar o nariz produz

sangue

e pressionar a ira produz discórdia.

AMIGOS E O VIZINHO OU PRÓXIMO

3:28 Não diga ao seu próximo: “Vá e volte,

pois amanhã lhe darei [isso]”, quando tem hoje.

3:29 Não planeje o mal contra o seu próximo,

quando ele vive em confiança com você.

13:20 Aquele que anda com o sábio torna-se sábio,

mas o amigo de pessoas estúpidas experimenta coisas más.

14:7 Fuja da presença da pessoa estúpida;

você não terá lábios instruídos conhecidos.

14:20 Uma pessoa pobre é repudiada mesmo por seu vizinho,

mas os amigos de uma pessoa rica são muitos.

14:21 Aquele que despreza o seu próximo é um ofensor,

mas o que é gracioso com os humildes é abençoado!

16:28 Uma pessoa torta provoca discussões,

e um boato separa um amigo.

16:29 Uma pessoa violenta ilude o seu próximo

e o faz ir em um caminho que não é bom.

17:9 Aquele que busca um relacionamento cobre a rebelião,

mas o que repete um assunto separa um amigo.

17:17 Um vizinho é um amigo em qualquer hora;

um irmão nasce na aflição.

17:18 Uma pessoa carente de bom senso penhora a sua mão,

tornando-se fiador do seu próximo.

18:24 Há vizinhos que agem como vizinhos,

e há o que se entrega, que se apega mais firme do que um irmão.

19:4 A riqueza faz muitos amigos,

mas uma pessoa pobre se torna separada de seu amigo.

19:6 Muitos buscam o rosto de um governante,

e todos se tornam amigos da pessoa com um presente.

19:7 Todos os irmãos de uma pessoa pobre a repudiam,

quanto mais os seus vizinhos mantêm distância dela.

22:24 Não faça amizade com uma pessoa caracterizada pela ira,

não vá com alguém irascível,

22:25 para que não aprenda os caminhos dele

e enlace a sua vida.

24:28 Não se torne uma testemunha contra o seu próximo sem razão;

você enganará com os seus lábios?

25:9 Lute por sua causa com o seu próximo,

mas não revele o segredo de outra pessoa,

25:10 para que alguém que ouça não o repreenda

e a acusação contra você não se afaste.

25:17 Retenha o seu pé da casa do seu vizinho,

para que ele não fique farto de você e o repudie.

26:18 Como um louco que atira

flechas flamejantes de morte,

26:19 assim é alguém que engana o seu próximo

e diz: “Eu estava brincando.”

27:6 As feridas de um amigo são fidedignas;

os beijos de um inimigo são inoportunos.

27:9 Azeite e incenso alegram o coração,

e a doçura do amigo, mais do que o próprio conselho.

27:10 Não abandone o seu amigo ou o amigo de seu pai,

nem vá para a casa do seu irmão no dia da calamidade.

Melhor aquele que mora perto

do que um irmão distante.

27:14 Aquele que abençoa o seu vizinho em voz alta

cedo de manhã será considerado por ele [o seu vizinho] como humilhação.

27:17 Ferro afia ferro,

e uma pessoa afia o fio de seu amigo.

28:7 Um filho compreensivo guarda a instrução,

mas o que é amigo de glutões envergonha o seu pai.

29:5 Um homem que bajula o seu próximo

estende uma rede para os seus pés.

MARIDOS E ESPOSAS, HOMENS E MULHERES

5:15 Beba da água da sua própria cisterna,

da água corrente do interior do seu próprio poço.

5:16 Deveriam as suas fontes jorrarem fora,

as suas correntes de água nas praças?

5:17 Elas deveriam ser somente para você,

e não haja nada para os estranhos com você.

5:18 Que a sua fonte seja abençoada,

que se regozije com a esposa da sua juventude.

5:19 Ela é uma corça para amar,

uma gazela graciosa.

Os seios dela devem satisfazê-lo em todo o tempo;

seja louco pelo amor dela sempre.

5:20 Então, por que ser louco por uma estranha, filho,

e abraçar o seio de uma estrangeira?

6:28 Se uma pessoa caminhar sobre brasas,

os seus pés não se queimarão?

6:29 Assim é com alguém que tem sexo com a mulher do seu próximo;

ninguém que a toque sairá livre.

6:30 As pessoas não desprezam um ladrão quando ele rouba

para saciar o seu apetite, quando está com fome.

6:31 Mas, se for descoberto, pagará sete vezes mais;

dará toda a riqueza da sua casa.

6:32 A pessoa que comete adultério com uma mulher está sem sentido;

aquele que age assim está destruindo a si mesmo.

6:33 Encontrará danos e desgraça;

a sua repreensão não será apagada.

6:34 Pois o ciúme [desperta] a ira de um homem;

ele não terá pena no dia da reparação.

6:35 Não terá consideração por nenhuma compensação;

não concordará, mesmo se o incentivo for grande.

11:16 Uma mulher de graça alcança honra;

homens violentos alcançam riqueza.

11:22 Como um anel de ouro em focinho de porco

é uma mulher bela que se desvia do discernimento.

12:4 Uma mulher forte é a coroa do seu marido,

mas a vergonhosa é como podridão em seus ossos.

14:1 A mais sábia das mulheres edifica a sua casa,

mas a estúpida a derruba com as suas próprias mãos.

15:17 Melhor uma porção de verduras quando há amor,

do que um boi cevado quando há ódio com ele.

17:1 Melhor uma crosta seca e tranquilidade

do que uma casa cheia de sacrifícios contenciosos.

18:22 Quando alguém encontra uma esposa, encontra coisas boas

e obtém o favor de Yahweh.

19:13 Um filho estúpido é um desastre para o seu pai,

mas os argumentos da mulher são um gotejar contínuo.

19:14 Casa e riqueza são herança dos pais,

mas uma mulher de bom senso vem de Yahweh.

21:9 Viver em um canto do telhado

é melhor do que uma mulher briguenta e uma casa compartilhada.

30:21 Sob três coisas estremece a terra,

e sob quatro ela não consegue suportar:

30:22 sob um servo quando se torna rei,

sob uma pessoa insensata quando se farta de comida,

30:23 sob uma mulher que foi repudiada, quando se casa,

e sob uma serva quando substitui a sua senhora.

Veja também a descrição da “mulher forte” em 31:10-31.

HONRA, HUMILDADE E ARROGÂNCIA

3:34 Se ele [Yahweh] mesmo se comporta arrogantemente com os arrogantes,

aos humildes ele dá graça.

6:16 Seis coisas Yahweh repudia,

sete lhe são abomináveis:

6:17 olhos altivos, uma língua mentirosa,

e mãos que derramam sangue inocente [...].

8:13 A superioridade, a autoimportância, o caminho do mal

e uma boca tortuosa, eu os repudio.

11:2 A arrogância vem, então a humilhação vem;

com pessoas modestas há sabedoria.

13:10 Apenas por meio da arrogância alguém produz contendas;

a sabedoria está com as pessoas que buscam conselhos.

13:18 Pobreza e humilhação — aquele que rejeita a disciplina,

mas o que acata a correção é honrado.

14:3 Na boca da pessoa estúpida há um broto de arrogância,

mas os lábios de pessoas sábias as guardam.

15:25 Yahweh derruba a casa dos arrogantes,

mas estabelece o território da viúva.

15:33 O temor de Yahweh é disciplina da sabedoria;

a humildade vem antes da honra.

16:5 Qualquer arrogante de mente é uma abominação a Yahweh;

mão na mão, não sairá inocente.

16:18 A arrogância vem antes da destruição,

e a majestade de espírito antes do colapso.

16:19 A humildade de espírito com os humildes

é melhor do que partilhar despojos com os arrogantes.

16:31 O cabelo grisalho é uma coroa esplêndida;

ela é obtida por meio da fidelidade.

17:6 Os netos são a coroa dos idosos,

mas os seus pais são a glória dos filhos.

18:12 Antes de ser quebrantada, a mente de uma pessoa é arrogante,

mas antes da honra vem a humildade.

20:3 Dar fim a contendas é uma honra para uma pessoa,

mas toda pessoa estúpida se enfurece.

21:4 Olhos exaltados e mente aberta;

o jugo dos infiéis é uma ofensa.

21:21 Aquele que persegue a fidelidade e o compromisso

encontra vida, fidelidade e honra.

22:1 É preferível ter um nome a ter muita riqueza;

o favor é melhor do que a prata e o ouro.

22:4 O efeito da humildade é o temor de Yahweh,

riqueza, honra e vida.

25:27 Comer muito mel não é bom,

nem é honroso buscar a própria honra.

26:12 Vi uma pessoa sábia aos próprios olhos;

há mais esperança para a pessoa estúpida do que para ela.

27:2 Um estranho deveria falar bem de você, não a sua boca;

um estrangeiro, não os seus lábios.

28:11 Uma pessoa rica é sábia aos seus próprios olhos,

mas uma pessoa pobre de entendimento vê por meio dela.

29:23 A majestade de um indivíduo o fará cair,

mas o humilde de espírito alcançará honra.

30:32 Se você é insensato ao exaltar-se

e se tem feito esquemas, coloque a mão sobre a boca!

A PESSOA INTERIOR (MENTE E CORAÇÃO)

3:1 Não desconsidere o meu ensino, filho;

a sua mente deve salvaguardar os meus mandamentos.

3:3 O compromisso e a veracidade não o devem abandonar;

amarre-os ao seu pescoço, escreva-os na tábua da sua mente.

3:5 Confie em Yahweh de toda a sua mente,

não se apoie em seu próprio entendimento.

4:23 Acima de tudo o que guardar,

proteja a sua mente.

5:11 Vocês gemerão no seu fim,

quando a sua carne e o seu corpo estiverem desgastados.

5:12 Vocês dirão: “Como repudiei a disciplina,

e a minha mente desprezou a repreensão.”

10:8 Aquele que é sábio de mente aceita os mandamentos,

mas o estúpido de lábios arruína-se.

11:20 Aqueles de mente torta são uma abominação a Yahweh;

pessoas de integridade em seu caminho são as que ele favorece.

12:25 A ansiedade na mente de uma pessoa é um peso,

mas uma palavra boa a faz alegrar-se.

13:12 A esperança adiada adoece o coração,

mas o desejo que se realiza é uma árvore de vida.

14:10 O coração conhece a sua amargura interior,

e da sua alegria um estranho não partilha.

14:13 Mesmo em riso um coração pode sofrer,

E a celebração — o seu fim pode ser sofrimento.

14:14 Alguém que se desvia em seu coração se encherá dos seus caminhos,

e a pessoa boa, de seus feitos.

14:30 Um coração saudável é vida para a carne,

mas a paixão é podridão para os ossos.

15:11 O Sheol e o Abadom estão diante de Yahweh;

quanto mais a mente dos seres humanos.

15:13 Um coração alegre realça o rosto,

mas pela mágoa no coração o espírito é esmagado.

15:14 A mente da pessoa de entendimento busca o conhecimento,

mas a boca de pessoas insensatas alimenta-se da estupidez.

15:15 Todos os dias de uma pessoa humilde são maus,

mas um coração bom é um banquete contínuo.

16:1 A ordenação da mente pertence ao ser humano,

mas a resposta da língua vem de Yahweh.

16:5 Qualquer arrogante de mente é uma abominação a Yahweh;

mão na mão, não sairá inocente.

16:9 A mente de uma pessoa planeja o seu curso,

mas Yahweh estabelece os seus passos.

16:21 Aquele que é sábio de pensamento é chamado prudente,

mas a doçura do falar aumenta a persuasão.

17:3 O cadinho é para a prata, o forno é para o ouro,

e Yahweh prova as mentes.

17:22 Um coração alegre aumenta a cura,

mas um espírito esmagado resseca os ossos.

19:21 Muitos planos estão na mente de uma pessoa,

mas o conselho de Yahweh é o que permanece.

20:9 Quem pode dizer: “Guardei a minha mente pura,

estou limpo da minha ofensa?”

20:27 O fôlego de uma pessoa é a lâmpada de Yahweh,

revelando os aposentos internos do coração.

21:2 Todo caminho de uma pessoa é reto diante de seus próprios olhos,

mas Yahweh pesa as mentes.

21:4 Olhos exaltados e mente aberta;

o jugo dos infiéis é uma ofensa.

23:7 Ele lhe diz: “Coma e beba”,

mas o coração dele não está com você.

23:17 A sua mente não deve ter inveja de pessoas que ofendem;

antes, de [pessoas que vivem no] temor de Yahweh o dia todo.

28:26 Aquele que confia em sua própria mente é estúpido,

mas o que anda em sabedoria escapará.

JUSTIÇA E JULGAMENTO

11:1 Balanças falsas são uma abominação a Yahweh;

o peso verdadeiro é o que ele favorece.

11:9 Com a boca a pessoa ímpia destrói o seu próximo,

mas por meio do conhecimento do fiel a pessoa escapa.

12:17 A pessoa que testifica verdadeiramente fala com fidelidade,

mas a testemunha falsa, com engano.

13:23 O terreno baldio do pobre produz abundância de alimento,

mas é varrido pela falta do [correto] exercício de autoridade.

16:11 Balanças e pesos para decisão pertencem a Yahweh,

todas as pedras na bolsa são feitura sua.

17:23 Uma pessoa infiel tira o suborno do seu bolso,

para desviar os processos de tomada de decisão.

18:5 Elevar o rosto de uma pessoa infiel não é bom,

ao colocar de lado a que é fiel quando tomar uma decisão.

18:17 A primeira pessoa em uma disputa parece certa;

então, o seu próximo vem e a examina.

19:28 Uma testemunha sem valor é arrogante em relação à tomada de decisões,

e a boca dos infiéis engole a perversidade.

20:7 Uma pessoa fiel anda com integridade —

abençoados são os filhos depois dela!

20:10 Pedra e pedra, medida e medida,

ambos são uma abominação a Yahweh.

21:3 O exercício de autoridade em um caminho fiel

é mais aceitável para Yahweh do que um sacrifício.

21:7 A violência dos infiéis os aniquilará,

pois se recusam ao [correto] exercício de autoridade.

21:13 Aquele que fecha os ouvidos ao clamor da pessoa pobre

também clamará e não será respondido.

21:15 O exercício [correto] de autoridade é alegria para o fiel,

mas ruína para o malfeitor.

21:28 Uma testemunha mentirosa perecerá,

mas a que ouve até o fim falará.

22:28 Não remova um marco limítrofe antigo,

um que os seus ancestrais fizeram.

23:10 Não remova um marco limítrofe antigo

e não vá para os campos dos órfãos.

23:11 Pois o restaurador deles é forte;

contenderá a causa deles com você.

24:23 Levar em conta a pessoa ao tomar uma decisão

não é bom.

24:24 Alguém que diz à pessoa infiel: “Você está certa”:

os povos o amaldiçoarão, as nações se indignarão com ele.

24:28 Não se torne uma testemunha contra o seu próximo sem razão;

você enganará com os seus lábios?

28:21 Levar em conta a pessoa não é bom,

mas um homem se rebelará por um pedaço de pão.

29:14 Um rei que decide pelos pobres em verdade:

o seu trono permanecerá firme para sempre.

31:8 Abra a sua boca para os mudos,

pela causa de todas as pessoas que estão falecendo.

31:9 Abra a sua boca, exercite fielmente a autoridade,

decida pelas pessoas humildes e necessitadas.

A BOCA

4:24 Mantenha distância da tortuosidade da boca;

fique longe da desonestidade de lábios.

10:11 A boca da pessoa fiel é uma fonte de vida,

mas a boca das pessoas infiéis oculta a violência.

10:18 A pessoa que oculta o repúdio [com] lábios mentirosos

e aquela que faz acusações são estúpidas.

10:19 Onde há uma multidão de palavras, a rebelião não está ausente,

mas aquele que refreia os seus lábios é sensato.

10:21 Os lábios de uma pessoa fiel apascentam muitos,

mas pessoas estúpidas morrem por falta de bom senso.

10:31 A boca da pessoa fiel frutifica sabedoria,

mas a língua tortuosa será cortada.

11:11 Uma cidade se ergue pela bênção dos retos,

mas pela boca dos infiéis ela desmorona.

12:6 As palavras dos infiéis são uma emboscada mortal,

mas a boca dos fiéis os resgata.

12:18 Há alguém cuja reclamação é como golpes de espada,

mas a língua da pessoa sábia é curadora.

12:19 Lábios verdadeiros permanecem firmes para sempre,

mas uma língua mentirosa dura por um piscar de olhos.

12:22 Lábios mentirosos são uma abominação a Yahweh,

mas pessoas que agem verdadeiramente são o seu prazer.

12:25 A ansiedade na mente de uma pessoa é um peso,

mas uma palavra boa a faz alegrar-se.

13:2 Do fruto de sua boca uma pessoa come o que é bom,

mas o apetite dos traiçoeiros é pela violência.

13:3 Aquele que guarda a sua boca preserva a sua vida,

mas o que abre amplamente os seus lábios se arruína.

15:1 Uma resposta gentil desvia a fúria,

mas uma palavra ofensiva suscita a ira.

15:4 Uma língua curadora é uma árvore de vida,

mas o desvio nela quebranta o espírito.

15:23 Na resposta de sua boca há alegria para uma pessoa,

mas como é boa uma palavra a seu tempo!

15:28 A mente de uma pessoa fiel fala a fim de responder,

mas a boca das pessoas infiéis derrama coisas malignas.

16:24 Boas palavras são como favos de mel,

doces para a alma e cura para o corpo.

17:9 Aquele que busca um relacionamento cobre a rebelião,

mas o que repete um assunto separa um amigo.

17:27 **Aquele com conhecimento retém as suas palavras;**

uma pessoa de entendimento é serena de espírito.

17:28 **Mesmo uma pessoa estúpida, mantendo silêncio, é tida por sábia;**

aquele que mantém os seus lábios cerrados [é considerado] entendido.

18:4 **As palavras da boca de uma pessoa são águas profundas;**

uma fonte de sabedoria é um ribeiro transbordante.

18:7 **A boca de uma pessoa estúpida é a sua ruína,**

e os seus lábios são uma cilada para a sua vida.

18:13 **Aquele que responde antes de ouvir**

é a sua estupidez e vergonha.

18:21 A morte e a vida estão nas mãos da língua;

os que se entregam a ela comem do seu fruto.

20:15 **Há ouro e abundância de joias,**

mas lábios com conhecimento são valiosos.

20:19 **Aquele que revela uma confidência segue como um caluniador;**

não compartilhe com alguém que tenha lábios abertos.

21:23 **Aquele que guarda a sua boca e a sua língua**

guarda sua vida das tribulações.

24:26 **Beija com os lábios**

o que responde com palavras retas.

25:11 Damascos dourados em salvas de prata

é uma palavra apropriadamente dita.

26:4 Não responda a alguém estúpido de acordo com a insensatez dele,

para que você não se torne como ele.

26:5 Responda a alguém estúpido de acordo com a insensatez

dele, para que ele não se torne sábio aos próprios olhos.

29:11 Uma pessoa estúpida expressa todos os seus sentimentos;

uma pessoa sábia os retém.

29:20 Caso veja alguém precipitado com suas palavras,

há mais esperança para uma pessoa estúpida do que para ele.

VIDA FAMILIAR E DISCIPLINA

3:11 Não rejeite a disciplina de Yahweh, filho,

não despreze a sua correção.

3:12 Pois a quem Yahweh se entrega, ele corrige,

assim como um pai ao filho a quem ele favorece.

6:20 Filho, guarde o mandamento de seu pai

e não dê as costas ao ensino de sua mãe.

6:21 Amarre-os sempre à sua mente,

ate-os ao seu pescoço.

6:22 Quando estiver indo, eles o guiarão;

ao deitar-se, o vigiarão;

ao despertar, falarão com você.

6:23 Pois o mandamento é uma lâmpada, e o ensino é uma luz,

e a repreensão que disciplina é o caminho à vida [...].

10:1 Um filho sábio traz alegria ao seu pai,

mas um filho estúpido traz sofrimento à sua mãe.

13:1 Um filho sábio [ouve] a disciplina do pai,

mas uma pessoa arrogante não dá ouvidos à repreensão.

13:22 Um bom homem deixa herança para os netos;

a força do ofensor é armazenada para a pessoa fiel.

13:24 A pessoa que poupa a sua vara repudia o seu filho,

mas a que o ama cedo o desperta com disciplina.

15:5 Uma pessoa estúpida desdenha a disciplina de seu pai,

mas a que acata a repreensão mostra perspicácia.

15:10 A disciplina é má para aquele que abandona a vereda,

mas o que repudia a repreensão morre.

15:20 Um filho sábio alegra o seu pai,

mas a pessoa estúpida despreza a sua mãe.

15:31 O ouvido que ouve a repreensão vivificante

aloja-se entre os sábios.

19:26 Aquele que destrói o pai ou expulsa a mãe

é um filho que traz vergonha e desgraça.

20:20 Aquele que humilha o seu pai e a sua mãe,

a sua lâmpada se apagará com a proximidade das trevas.

22:15 A estupidez está ligada à mente do jovem;

a vara da disciplina a afastará dele.

23:22 Ouça o seu pai, que o gerou,

e não despreze a sua mãe quando ela envelhecer.

25:12 Um brinco de ouro ou um ornamento de ouro fino

é uma pessoa sábia reprovando em um ouvido atento.

27:5 A repreensão aberta

é melhor do que a amizade oculta.

27:6 As feridas de um amigo são fidedignas;

os beijos de um inimigo são inoportunos.

28:7 Um filho compreensivo guarda a instrução,

mas o que é amigo de glutões envergonha o seu pai.

28:23 Aquele que reprova uma pessoa, no fim,

encontrará mais graça do que aquele que tem uma língua suave.

28:24 Aquele que rouba o seu pai e a sua mãe

e diz: “Isso não é um ato de rebelião” é

companheiro do que destrói.

29:1 Uma pessoa de muitas repreensões e que endurece a sua cerviz

subitamente se quebrará, e não haverá cura.

29:3 Alguém que se entrega à sabedoria alegra o seu pai,

mas alguém que mantém a companhia de mulheres imorais destrói a riqueza.

29:15 A vara e a repreensão dão sabedoria,

mas um jovem entregue a si mesmo envergonha a sua mãe.

29:17 Discipline o seu filho, e ele deixará você ter paz,

e muito deleitará o seu espírito.

30:11 Há uma companhia que humilha o seu pai

e não abençoa a sua mãe!

30:17 Os olhos que zombam do pai

e desprezam o ensino da mãe:

os corvos no ribeiro os arrancarão,

e águias jovens os comerão.

RIQUEZA E POBREZA

3:9 Honre Yahweh com toda a sua riqueza,

com as primícias de toda a sua renda.

3:14 Pois o seu lucro é melhor do que o lucro da prata,

a sua renda mais do que o ouro.

10:15 A riqueza da pessoa rica é a sua cidade forte;

a pobreza dos pobres, a ruína deles.

10:22 A bênção de Yahweh enriquece,

e o labor não acrescenta a isso.

11:4 A riqueza de nada adianta no dia da ira,

mas a fidelidade resgata da morte.

11:24 Há quem distribui e ainda obtém mais;

aquele que retém além do que é justo ainda sofre perda.

11:25 Uma pessoa abençoada prosperará;

alguém que refresca também será refrescado.

11:26 Aquele que retém grãos será amaldiçoado pela comunidade;

mas a bênção estará sobre a cabeça daquele que os vende.

11:28 Aquele que confia em sua riqueza cai,

mas o fiel floresce como folhagem.

14:20 Uma pessoa pobre é repudiada mesmo por seu vizinho,

mas os amigos de uma pessoa rica são muitos.

14:31 Aquele que oprime uma pessoa pobre insulta o seu criador,

mas o que é gracioso com a pessoa necessitada o honra.

15:16 Melhor o pouco com temor a Yahweh,

do que muito tesouro e tumulto com ele.

19:1 Melhor é aquele que é pobre e caminha com integridade

do que aquele que é torto com seus lábios e estúpido.

19:17 Aquele que é gracioso com uma pessoa pobre empresta a Yahweh,

e ele pagará a sua recompensa.

21:6 Trabalhar para obter tesouros por meio de uma língua mentirosa

é repelir o fôlego, pessoas buscando a morte.

21:13 Aquele que fecha os ouvidos ao clamor da pessoa pobre

também clamará e não será respondido.

21:20 Tesouro valioso e azeite estão na morada de alguém sábio,

mas uma pessoa estúpida os consumirá.

22:2 O rico e o pobre se encontram;

Yahweh faz cada um deles.

22:9 Aquele que é bom de olho será abençoado,

pois dá do seu pão para a pessoa pobre.

22:16 Aquele que oprime a pessoa pobre para obter lucro para si

e aquele que dá à pessoa rica o fazem apenas para ficar em necessidade.

23:4 Não se fatigue a fim de se tornar rico;

fora da sua compreensão, desista.

23:5 Se os seus olhos a contemplarem, logo se vai,

pois, definitivamente, ela faz asas para si;

como uma águia, voa para os céus.

27:20 O Sheol e o Abadom não ficam cheios,

e os olhos de um ser humano também não.

28:8 Alguém que aumenta a sua riqueza por meio de juros

e de exploração acumula para alguém que será gracioso com os pobres.

28:11 Uma pessoa rica é sábia aos seus próprios olhos,

mas uma pessoa pobre e de entendimento vê por meio dela.

28:22 Aquele que tem olhos maus apressa-se pela riqueza

e não reconhece que a falta virá até ele.

30:8 Mantém longe de mim o vazio e a palavra mentirosa,

não me dês nem pobreza nem riquezas,

deixe-me pegar o alimento que me é devido.

30:9 Para que não me farte, renuncie a ti e diga: “Quem é Yahweh?”;

para que não fique pobre e roube e desonre o nome do meu Deus.

TRABALHO E PREGUIÇA

6:6 Vá ter com a formiga, preguiçoso,

observe os caminhos dela e seja sábio.

6:7 Aquela que não tem comandante,

oficial ou governante,

6:8 produz o seu alimento no verão,

o reúne em provisões na colheita.

6:9 Até quando ficará deitado, preguiçoso,

quando se levantará do seu sono?

6:10 Um pouco de sono, um pouco de cochilo,

cruzar os braços para um pouco de descanso,

6:11 e a sua pobreza virá andando,

a sua necessidade como alguém com um escudo.

10:4 A mão frouxa causa pobreza;

a mão de pessoas determinadas enriquece.

10:5 Aquele que ajunta durante o verão é um filho sensato,

mas aquele que dorme durante a colheita é um filho vergonhoso.

10:26 Como vinagre para os dentes, como fumaça para os olhos,

assim é a pessoa preguiçosa para as pessoas que a enviaram.

12:11 Aquele que lavra a sua terra terá sua fartura de alimento,

mas o que segue propósitos vazios não tem bom senso.

12:24 As mãos de pessoas determinadas governam,

mas a negligência leva à sujeição.

12:27 A negligência não assará a caça,

mas a riqueza de uma pessoa é valiosa — determinação.

14:23 Em toda a labuta haverá lucro,

mas na [mera] palavra dos lábios [haverá] somente carência.

15:19 O caminho de uma pessoa preguiçosa é como uma cerca de espinhos,

mas a vereda dos retos é limpa.

16:26 O apetite do trabalhador trabalha por ele,

pois a sua boca o pressiona.

18:9 De fato, aquele que é negligente em seu trabalho

é irmão de alguém destrutivo.

19:15 A preguiça faz cair um sono profundo,

e a pessoa negligente passa fome.

19:24 A pessoa preguiçosa enterra a mão na tigela;

nem consegue levá-la de volta à boca.

20:4 Depois do outono, a pessoa preguiçosa não ara,

mas pede na colheita, e não há nada.

20:13 Não se entregue ao sono para que não empobreça;

abra os seus olhos — seja farto de alimento.

22:13 Alguém preguiçoso diz: “Um leão está na rua,

no meio da praça, eu serei morto!”

24:27 Estabeleça o seu trabalho do lado de fora,

apronte-o nos campos para si;

depois construa a sua casa.

24:30 Passei pelo campo de alguém que era preguiçoso

e pela vinha de um insensato.

24:31 Eis que ervas daninhas tinham crescido em tudo,

grãos-de-bico cobriam toda a superfície, seu muro de pedras estava em ruínas.

24:32 Quando olhei, apliquei a minha mente;

quando vi, compreendi uma lição.

24:33 Um pouco de sono, um pouco de cochilo,

cruzar as mãos um pouco para deitar,

24:34 e a sua pobreza virá como um ladrão,

a sua necessidade como alguém com um escudo.

26:13 Uma pessoa preguiçosa diz: “Há um puma na estrada,

um leão entre rugindo nas praças.”

26:14 A porta gira em sua dobradiça,

e a pessoa preguiçosa em sua cama.

27:23 Você deve realmente conhecer o rosto das suas ovelhas,

dar atenção aos seus rebanhos,

27:24 pois a riqueza não é para sempre

ou uma coroa de geração em geração.

27:25 O feno vai embora, e a grama nova aparece,

e o crescimento das montanhas é reunido.

27:26 Os cordeiros são para as suas vestes,

os bodes para o preço de um campo,

27:27 suficiente leite das cabras para o seu alimento,

para alimentar a sua casa e sustentar as suas jovens garotas.

28:19 Aquele que lavra a sua terra será farto de alimento,

mas o que persegue coisas vãs será cheio de pobreza.

ECLESIASTES

Em meu comentário sobre Provérbios 11, observei que sou propenso a pensar que nada do que faço produz algum efeito, embora, de tempos em tempos, Deus envie pessoas para me dizer que foram afetadas por algo que eu disse ou escrevi, o que me incentiva a ser menos melancólico. Todavia, se tenho dúvidas de que o tempo que invisto para escrever livros causa algum efeito nas pessoas, por que eu os escrevo? Creio que, em parte, por ser como um artista pintando um quadro; trata-se de uma forma de fazer algo criativo; em parte, porque aprendo muito; jamais li todo o livro de Eclesiastes no hebraico antes. Sou pago para ser um professor, mas tenho dúvidas quanto ao meu ensino promover algum impacto nas pessoas. Posso afirmar isso com base nos inúmeros trabalhos dos alunos que me chegam às mãos; e, ainda que alguns deles "aprendam", suspeito que esquecerão tão logo saiam do seminário. Eu celebro a Eucaristia, prego em todos os domingos e recebo a apreciação das pessoas por fazer isso; contudo, no mês passado, enterrei duas dessas pessoas, e não há sinais de que elas serão substituídas por novos membros. Então, qual é o objetivo?

Portanto, eu me identifico com "a observação de abertura do Eclesiástico de que tudo é totalmente vazio". Trata-se de um comentário notável vindo de um clérigo. A palavra hebraica para "eclesiástico" é qohelet, que dá o título ao livro no original hebraico. Ela deriva da palavra hebraica para "congregação", a qual pode denotar qualquer forma de assembleia, mas, mais frequentemente, refere-se a uma assembleia religiosa ou de adoração. Assim, "Eclesiastes" é uma boa palavra grega equivalente, pois deriva do termo grego ekklēsia, cujo significado é "igreja", e "eclesiástico" seria o equivalente em nosso idioma. Uma característica-chave do livro de Eclesiastes é que ele repete coisas que não imaginaríamos na boca de um clérigo ou religioso e, portanto, é significativo que faça isso desde o começo. As questões em Eclesiastes não são de um agnóstico ou ateu, mas indagações de um crédulo que deseja manter a fé honesta.

"Filho de Davi" contém as mesmas implicações; a expressão poderia sugerir qualquer um dos reis que descenderam de Davi e poderia ser uma referência a Salomão, mas o versículo não usa o seu nome, o que sugere que há algo mais em andamento. O mais provável é que o autor está associado com Davi como "eclesiástico", como o patrono da adoração de Israel, aquele responsável pela organização do prédio do templo e pela preparação dos utensílios de adoração. Nas indagações dessa pessoa é que devemos refletir. Torna-se evidente aos leitores que o livro não foi escrito com o hebraico que Salomão teria usado. É

como se uma peça fosse escrita por “um filho de Shakespeare”, mas usando o idioma inglês moderno.

A natureza radical dos questionamentos do livro é, imediatamente, anunciada na declaração sobre tudo ser “vazio”. A palavra, mais literalmente, significa um sopro, para sugerir que as coisas são transitórias, passageiras, que não possuem substância. O Antigo Testamento aplica os termos a imagens de um deus que não detém poder real, a planos que levam a lugar nenhum e a promessas que não são cumpridas. No entanto, metade das ocorrências dessa palavra ocorre no livro de Eclesiastes, onde ela descreve o prazer, a realização, o trabalho, a riqueza, a política e a aleatoriedade geral pela qual a vida funciona. A expressão “vazio absoluto, tudo é vazio” reaparece próximo ao fim do livro e, portanto, forma uma estrutura envolvente e declara uma convicção básica.

O versículo seguinte, quanto à inutilidade de todo o esforço que as pessoas colocam em sua vida, por seu turno, constitui um resumo do motivo de considerar tudo como vazio e nos ajuda a ver em que sentido as coisas são totalmente vazias. Não há sentido em se empregar esforços na tentativa de alcançar objetivos, pois o acaso da vida significa que jamais podemos saber se alcançamos algo no longo prazo. O acaso é que determina as coisas. Esse versículo explanatório introduz outra das expressões-chave do livro: “debaixo do sol”, usada 27 vezes. Embora ela jamais apareça em Provérbios ou Cântico dos Cânticos (ou em qualquer outra passagem na Bíblia), isso poderia ter ocorrido, pois esses livros contemplam a vida resolutamente desse ângulo, da perspectiva do que é visível. Isso não significa deixar Deus de fora da equação, ou abandonar o certo e o errado; significa focar no que podemos experimentar como seres humanos no presente, no plano terrestre. Esses livros não mencionam o êxodo ou a aliança, nem o céu ou o inferno, ou mesmo um messias vindouro. Antes, falam sobre o que podemos ver aqui e agora. Eles perguntam: “O que você pode aprender apenas focando o que consegue ver agora?” Aqui, o acaso, a aleatoriedade, com frequência governa. Esse fato constitui um dos aspectos de como são as coisas “debaixo do sol”.

O parágrafo principal, que vem a seguir, oferece outro comentário sobre como as coisas são “debaixo do sol”. Não há nada novo ali, afirma. As coisas apenas dão voltas e mais voltas. A natureza dessas observações introduz outra característica do livro. Pode-se considerar o seu ponto sobre nada ser novo tanto como boas notícias quanto como más notícias. Na cultura do Ocidente, somos propensos a impor uma estimativa positiva sobre tudo aquilo que é novo. As propagandas

objetivam nos levar a comprar produtos apenas pelo fato de serem novos. No entanto, o ciclo confiável do sol e da lua, o círculo imutável da água (evaporação, chuva, rios, mar; é possível afirmar que o Eclesiástico está falando sobre ecologia) fornecem uma importante sustentação à vida humana. Tudo depende do seu olhar sobre o fenômeno.

Ontem à noite, estávamos em um bar, apreciando uma banda tocando blues. Ao nosso redor havia pessoas que, àquela hora, cerca de 20h30, já estavam bastante alteradas. Minha esposa comentou que era possível encontrar aqueles mesmas pessoas ali todas as noites. À nossa frente, havia casais dançando com tamanha habilidade que me senti desestimulado a tirar Kathleen para dançar; claramente, os dançarinos tinham investido muito tempo para aprender os passos, e reconhecemos um ou dois casais de outros recintos aos quais vamos para ouvir música. O cantor e o baixista da banda eram muito bons, e isso me fez pensar (como quase sempre ocorre) o que esses músicos fazem durante os dias ou as semanas quando não estão tocando em alguma espelunca. Isso me lembrou da declaração feita no palco por uma famosa cantora de blues, de que ela somente se sentia viva quando estava cantando na frente de uma plateia. Quando a banda, os beberrões, os dançarinos e os funcionários do bar retornam às suas casas, será que eles se dão conta de que tudo é um absoluto vazio? Será que os arquitetos (o que Kathleen costumava ser) e os estudiosos (o que eu tento ser) fazem a mesma pergunta ao chegarem em casa?

O Eclesiástico fez isso. Aqui, ele fala como um rei em Jerusalém, e isso nos convida a pensar em Salomão, embora também nos convide a não considerar essa ideia com muita literalidade; ele evita falar que é Salomão, apesar de prestar um testemunho que apenas poderia vir dos lábios de alguém como ele. Salomão é o homem que possuiu tudo, e sua história, em 1Reis, registra como ele acumulou uma riqueza fabulosa, construiu Jerusalém, teve mil mulheres em seu harém, construiu o templo e iniciou ali a adoração, governou Israel e expandiu o reino à sua maior extensão, organizou a sua administração com habilidade, construiu uma frota oceânica, recebeu o reconhecimento dos povos em derredor e mesclou todas essas conquistas com a própria personificação da sabedoria. Se alguém estava em posição de refletir sobre o significado da realização humana, era Salomão.

O Eclesiástico, portanto, o imagina fazendo isso e concluindo que tudo era vazio. Ele não implica que as coisas por ele investigadas eram totalmente sem sentido, tampouco as seções posteriores do livro sugerem isso. Ele deseja expressar que não descobriu o significado supremo em nenhuma dessas buscas; que não descobriu o segredo da vida. Uma canção de Gretchen Peters começa com dois homens sentados em um bar, questionando se a vida se resume apenas a trabalhar, beber e dormir. O refrão declara que o segredo da vida é beber uma

boa xícara de café, ou não tirar os olhos da bola, ou colocar o pôster de uma bela mulher na parede. O garçom expressa de outra forma: o segredo da vida é que não há segredo algum.

Esse ponto se torna mais explícito nos comentários do Eclesiástico sobre discernimento, entendimento ou sabedoria. Ele começou a sua investigação quanto ao sentido da vida com o presumido valor da sabedoria. Eis onde um estudioso como o Eclesiástico deveria começar. Contudo, se Deus deu aos seres humanos o instinto de tentar descobrir a resposta a essa questão, então tratava-se de uma pegadinha que Deus estava fazendo conosco. Essa busca é similar a perseguir o vento: você jamais conseguirá agarrá-lo ou capturá-lo. A sentença poética sobre não ser possível endireitar algo torto (v. 15) pode muito bem ser um provérbio que o Eclesiástico está citando — motivo pelo qual a coloquei entre aspas. Tipicamente, o ponto desse provérbio reside na segunda metade. Do mesmo modo que não é possível endireitar algo irremediavelmente torto, não se pode contar algo que não está ali para ser contado. Não há um grande quadro (pelo menos, não está acessível a nós "debaixo do sol"), de maneira que é inútil tentar descrevê-lo. A busca por um sentido para a vida e para o mundo envolve tentar conectar alguns pontos a fim de gerar um quadro geral; seja como for, isso não pode ser feito. Tudo o que se consegue pelo esforço pessoal é se sentir ainda mais sombrio. Um dos rapazes na canção de Gretchen Peters diz: "Estive pensando", ao que o outro replica: "Isso não irá te levar muito longe."

Isso não quer dizer que o exercício da sabedoria é inútil. O Eclesiástico declara que ele tem dirigido a sua mente com discernimento, mesmo testando o prazer, e assim por diante. Ele não se lançou a esse experimento com o entretenimento, o vinho e as conquistas de um modo insensato, sem o devido controle. Mais tarde, ele falará sobre o prazer, o alimento, o vinho e as conquistas e não fará referência a uma indulgência pecaminosa, imoderada e irresponsável, mas, apenas, sobre desfrutar a vida no mundo que Deus nos deu. Era importante manter a capacidade de refletir sobre o experimento enquanto ele o conduzia, pois, caso contrário, não seria capaz de avaliá-lo. Assim, ele fez. A exemplo da própria sabedoria, essas expressões de autoindulgência (como escrever comentários sobre a Bíblia) não devem ser desprezadas, mas elas não dão um significado à vida, tampouco contêm o sentido da vida. Em relação a isso é que elas são vazias, sem proveito. O seu testemunho é, especialmente, contundente, pois, como rei, ele foi capaz de tentar todas essas coisas. Pode ser tentador imaginar: "A vida seria bem diferente se eu apenas tivesse isso ou tentasse aquilo; então, seria capaz de descobrir o segredo." Para o Eclesiástico, não

existia “se apenas”; ele estava lá e fez tudo aquilo.

Recebi, nesta manhã, a notícia da morte de alguém que conheci como colega, mentor e amigo. Toda vez que o ouvi pregar, aprendi com ele; tudo o que li de sua autoria me fez refletir. Quando me ofereceu algum conselho ou discernimento, sempre me foi valioso ponderar. Viveu pouco mais de oitenta anos e, em sua mensagem de Natal, ele fez menção a dois artigos teológicos por cuja publicação estava ansioso. Igualmente, falou sobre as suas limitações físicas e da tristeza que sentia pela demência de sua esposa que o obrigou a enviá-la a uma casa de repouso. Todavia, em meio à sua tristeza, ele falou: “Apoiei-me fortemente no amor, na presença e no socorro do Deus do evangelho, em quem creio e a quem tentei servir durante todos esses anos e que, agora, está me abençoando de formas novas, graciosas e gentis, por meio de sua generosa provisão, propiciando-me uma vereda clara em meio a tudo isso com uma esperança brilhante no fim.” Pouco tempo depois de enviar essa mensagem natalina, ele pegou uma infecção à qual não conseguiu resistir. Nesta manhã, um amigo mútuo comentou comigo: “É muito estranho imaginar que ele não estará mais por perto.”

Um destino único sobrevém a todos nós, o Eclesiástico observa. Também na manhã de hoje, li que, em 1950, havia 2.300 pessoas nos Estados Unidos com idades superiores a cem anos; por volta de 2050, esse número deve atingir a casa do meio milhão. Todavia, no devido tempo, esse destino chega para todas elas. O livro de Eclesiastes é recorrente nesse tema. Em geral, o Antigo Testamento aceita a morte como algo natural. Indo tudo bem, o ser humano nasce, cresce, vive a vida, envelhece e morre, unindo-se aos seus ancestrais no túmulo da família. Não há problemas quanto a isso. O problema com a morte é quando a história completa corre o risco de não ocorrer dessa forma — quando as pessoas são ameaçadas pela morte prematuramente (a exemplo do que ocorreu com muito mais pessoas nesse contexto do que no Ocidente). A preocupação do Eclesiástico é relacionada a isso. A sabedoria pode ser valiosa para impedir que você tropece no curto prazo, mas a morte o alcançará no fim.

Ele estabelece o ponto usando uma técnica recorrente no livro, ao usar um pensamento regular do ensino de sabedoria e levantar questões quanto a ele. Aqui, o provérbio é: “A pessoa sábia tem os olhos em sua cabeça; a pessoa estúpida anda em trevas.” Em outras palavras, pessoas sábias podem ver o caminho no qual andam, enquanto pessoas estúpidas são como os que andam às escuras sem uma lanterna à mão; decerto, tropeçarão em algo ou cairão em

algum buraco. Trata-se de um ditado que poderia estar presente em Provérbios. Primeiro, o Eclesiástico antecipa o ditado ao expressar o ponto em suas próprias palavras: “há valor da sabedoria sobre a estupidez, assim como o valor da luz sobre as trevas”. Todavia, depois de nos atrair a um falso sentido de segurança e/ou de nos assegurar que aceita, de fato, a verdade do ensino da sabedoria, ele adiciona ao pensamento a informação de que precisou encarar o fato de que o mesmo destino aguarda a todos, sejam sábios ou estúpidos.

Você pode ser o filósofo mais profundo ou o melhor professor do mundo, mas isso não evitará a sua morte. Talvez seja mais longevo do que uma pessoa estúpida, porém a sua sensatez, algum dia, será sobrepujada pela morte. Assim, não temos controle sobre o que acontece após morrermos. No caso de Salomão, o filho que o sucedeu no trono foi Roboão; este rei foi, certamente, estúpido e causou a dissolução do reino de seu pai (veja 1Reis 12). O Eclesiástico não tem objeções quanto ao fato de não haver motivos para guardar a memória da pessoa estúpida por suas conquistas, mas ele objeta o fato de a pessoa sábia também cair no esquecimento. Em certo sentido, a sua declaração contraria esse fato; o que estamos fazendo é exatamente trazer à tona a lembrança de Salomão e do Eclesiástico. Entretanto, no Antigo Testamento, lembrar implica mais do que a mera atividade mental; significa manter algo na mente e viver à luz dessa lembrança, e todos os professores e educadores sofrem com o fato de a maioria de seus pupilos não agir assim. Nesse sentido, Roboão não imitou a sabedoria de seu pai (na verdade, sugere 1Reis, ele seguiu e imitou os atos insensatos de Salomão, mas isso é uma outra história).

Igualmente, seria possível dizer que Roboão dilapidou todo o esforço empregado por seu pai para transformar Israel em uma nação capaz de manter sua cabeça erguida diante do mundo, por meio de sua administração e riqueza. Então, de que serve todo o esforço para alcançar um objetivo nobre quando o seu sucessor pode destruir tudo aquilo que você cuidadosamente conquistou? Durante dias e noites você reflete, planeja e trabalha, mas tudo isso pode ser desfeito.

Portanto, não coloque um foco excessivo em suas realizações e em seu legado, afirma “Salomão”, para que não deixe de desfrutar coisas boas de uma vida comum. Essas coisas vêm de Deus. Não me tenha como seu exemplo, considerando que fui uma pessoa que se entregou a comer e a se preocupar em vez de comer e beber. Reconheça como as coisas funcionam regularmente nos caminhos que desafiam o cálculo humano. Pode ser difícil ver o motivo moral ou de caráter pelo qual certa pessoa obtém o dom da sabedoria, do conhecimento e

da felicidade, enquanto outra é capacitada a obter grande riqueza que, por fim, beneficiará alguém mais. Quando o Eclesiástico fala de ser bom aos olhos de Deus ou ser um ofensor, ele se refere ao fato de não podermos ver porque uma pessoa ganha o favor divino e a outra não. Se Deus possui os seus motivos, não somos capazes de saber quais são ou de nos empenharmos para assegurar que sejamos nós os agraciados por ele. Essa é outra razão para nos contentarmos com aquelas coisas simples da vida, em lugar de estabelecermos alvos muito elevados.

Relativamente cedo, na Guerra do Vietnã, o cantor Peter Seeger escreveu uma canção intitulada “Turn! Turn! Turn!” [Volte! Volte! Volte!], cuja derradeira linha era: “Juro que não é muito tarde.” As demais linhas da letra dessa canção foram extraídas do poema de Eclesiastes 3, levemente rearranjadas. Nos anos 1960, quando a guerra estava em plena escalada, a banda Byrds fez uma gravação definitiva da música, que alcançou o primeiro lugar nos Estados Unidos, embora tenha ficado apenas entre as 30 mais tocadas na Inglaterra. Era mais óbvio nos Estados Unidos do que em terras britânicas de que se tratava de uma canção contra a guerra; de fato, como estudante seminarista, na Grã-Bretanha, não me lembro de ter reconhecido esse aspecto de sua importância, pois, naturalmente, tínhamos menos consciência sobre o conflito no Vietnã. Para nós, era apenas uma boa canção, enigmaticamente baseada na Bíblia. No contexto norte-americano, a exemplo dos profetas, a canção conclamava o país a “Voltar! Voltar! Voltar!”, afirmando que não era muito tarde para abandonar aquela guerra.

O poema, em si, é facilmente aplicado naquela direção. O ensino em Provérbios ou em Eclesiastes, às vezes, atinge o seu ponto real apenas na última linha, com todas as outras linhas convergindo para a derradeira. Cada uma das demais linhas inclui dois verbos; ao fim do poema, substantivos assumem o lugar dos verbos. No entanto, se o poema fosse designado para ser uma exortação ao estabelecimento da paz, não da guerra, poder-se-ia esperar o movimento contrário, dos substantivos para os verbos, com a explícita mensagem de que a paz é preferível à guerra. Além disso, Eclesiastes, em nenhum outro capítulo, incorre em uma exortação moral como pressuposto por essa aplicação musical do poema. É significativo que a canção tenha de acrescentar a exortação para “voltar”. Eclesiastes não faz isso.

O contexto no qual o poema é estabelecido sublinha o ponto. O capítulo inicia-se com a declaração de que há um momento ou um tempo para todas as atividades descritas pelo poema, que é seguida pela longa reflexão sobre a maneira com que Deus fez todas as coisas apropriadas ao seu devido tempo. Nascer e morrer, chorar e rir, silenciar e falar, e assim por diante, ao lado de guerra e paz — tudo faz parte da existência humana como Deus a criou, da experiência do ser humano “debaixo do sol”, como a vivenciamos. Não são exortações, mas descrições. (A alusão a pedras, talvez, seja referente à deliberada destruição dos campos inimigos e à correlativa remoção das pedras e/ou o ajuntamento delas

para uso em construções.) Na maioria dos casos, talvez em todos, um dentre os pares de verbos denota uma atividade que é preferível à outra, e, assim, um dos efeitos do poema é esfregar no nariz das pessoas a realidade da vida humana. A morte está tão presente nela quanto a própria vida, o assassinato tanto quanto a cura, o repúdio tanto quanto a entrega pessoal (essas são palavras normalmente traduzidas por ódio e amor). O status igual entre o positivo e o negativo torna-se mais evidente pela ordem aleatória na qual eles aparecem — às vezes, o positivo vem na frente; outras vezes, o negativo é citado antes. Em outras palavras, o próprio livro de Eclesiastes não os está avaliando como positivo ou negativo; trata-se apenas de realidades da vida.

A avaliação surge na reflexão em prosa. O soberano senhorio de Deus está subjacente a todas essas atividades, mas ele não possibilitou ao ser humano ter ciência delas como aspectos do mesmo todo. De modo enigmático, O Eclesiástico declara que Deus pôs a “perenidade” ou sentido de eternidade em nossa mente. A palavra hebraica aparece na expressão comum “para sempre”, mas ela pode referir-se apenas ao período de vida terreno de uma pessoa em vez de denotar algo que dura por toda a eternidade. Aqui, ela sugere que Deus colocou na nossa mente um anseio pela compreensão do grande quadro sobre a vida humana e sobre a atividade divina no mundo. O Eclesiástico implica a existência desse grande quadro, mas, da nossa posição dentro do contexto da vida terrena “debaixo do sol”, não nos é possível vislumbrá-lo. Tudo o que vemos é a, aparentemente, aleatória disposição das atividades contrastantes, descritas pelo poema. Afortunadamente, sabemos que Deus conhece o grande quadro e que podemos confiar nele quanto a isso.

Essa percepção não torna o Eclesiástico propenso ao desespero ou mesmo ao suicídio. Uma vez mais, isso o leva a conclamar as pessoas a se contentarem com o que podem ter e realizar — desfrutar a vida, fazer o que é bom, comer e beber, apreciar o fruto do próprio trabalho e aceitar tanto as dádivas quanto as limitações que Deus impõe a nós. A derradeira e enigmática sentença, igualmente, refere-se a confiar o passado a Deus.

Acabei de ser convidado para um chá de bebê, uma confraternização na qual você dá presentes a um casal que espera por uma criança. A diferença em relação a esse casal é que eles investiram grande parte de sua vida trabalhando para tornar conhecida a precária situação dos refugiados de Darfur, no Chade. Essas pessoas têm vivido em campos de refugiados por mais de uma década, após fugirem para salvar a própria vida de uma política de purificação étnica perpetrada pelo governo sudanês, parcialmente instigada pela possibilidade de haver substanciais reservas de petróleo na região de Darfur. O que me espanta não é somente a disposição desse casal em dedicar a vida no combate a esse ato genocida, mas também pela resistência em não perder a esperança por esse povo, mesmo quando forças poderosas agem contra eles e o mundo mostra-se indiferente quanto ao destino daquelas pessoas. Como eles conseguem resistir à desesperança? Nesse sentido, como não abandonam a esperança pela humanidade, em geral, pois, ao trazerem uma criança a este mundo horrendo, eles estão, afinal, dando o passo mais otimista que os seres humanos podem dar.

Pode-se, às vezes, imaginar que o Eclesiástico necessita consultar um terapeuta, por estar tão deprimido. Entretanto, a depressão clínica envolve uma tristeza paralisante, totalmente inadequada à situação da pessoa. O ceticismo do Eclesiástico é plenamente justificado pelo fenômeno contra o qual ele está reagindo. É difícil encarar os fatos sobre a opressão no mundo de olhos bem abertos. Claro que o Eclesiástico é mais afortunado do que nós, por não ter os recursos da mídia a lhe informar, diariamente, sobre todas as atrocidades perpetradas no mundo. Ele pode olhar apenas para o seu próprio povo. Mas isso é suficiente para levá-lo a falar como um profeta, quando descreve a infidelidade tomando o lugar que deveria ser ocupado pelo fiel exercício da autoridade. A vida da comunidade é designada a ter como base o cuidado mútuo entre as pessoas que a constituem, o apoio entre elas, o tratamento correto e a proteção mútua; isso é fidelidade. Os que detêm o poder na comunidade devem exercer essa autoridade de uma forma que expresse e promova essa fidelidade. Mas, em geral, os membros das comunidades preocupam-se principalmente consigo mesmos, e as pessoas no poder, normalmente, usam esse poder para encorajar os mais fortes a se aproveitarem dos mais fracos, em lugar de protegê-los; autoridades e pessoas conspiram em infidelidade.

O próprio Eclesiástico afirma que Deus, no devido tempo, exercerá autoridade na vida tanto de fiéis quanto de infiéis. Fazer isso significaria resgatar o primeiro

das mãos do segundo. Como poderia ser o contrário? (Claro que mesmo os fiéis têm um elemento de infidelidade em si; no entanto, a Bíblia considera haver diferença entre pessoas cuja vida, fundamentalmente, aponta na direção da fidelidade e outras cujo viver opera basicamente na direção contrária.) Contudo, quando a pessoa obtusa observa como as coisas são no mundo, ela chega a uma compreensão mais cínica do que é implicado pelo exercício de autoridade por parte de Deus na vida tanto de fiéis quanto de infiéis. Isso não significa que Deus resgata o fiel e derruba o infiel; simplesmente indica que ambos, fiéis e infiéis, morrem. Deus, desse modo, nos mostra que toda a superioridade sobre os animais, tão valiosa a nós, não passa de uma invenção da imaginação humana. Podemos pensar que somos divinos, por sermos feitos à imagem de Deus. Todavia, o fato é que nós morremos, mas ele não. A morte nos diferencia de Deus. Podemos imaginar que somos divinos; afinal, Deus soprou o seu espírito em nosso interior. Mas Deus também soprou o seu espírito nos animais, segundo o relato de Gênesis 7. Somos feitos do pó e ao pó retornaremos, conforme Gênesis 3.

Assim, não há distinção entre seres humanos e animais. Gênesis indica que, na verdade, a intenção de Deus era a de que seres humanos vivessem com ele e não simplesmente morressem, mas essa intenção foi frustrada. Por isso, é difícil aos seres humanos crerem que a morte é o fim de tudo e, assim, convencem-se de que a vida continua. O Eclesiástico pergunta se há quem saiba que é assim? Há alguma evidência? Até a ressurreição de Jesus dentre os mortos, não havia. Contudo, isso não faz o Eclesiástico concluir, em desespero, que não há sentido na vida e no trabalho. Pelo contrário, isso o leva a incentivar a apreciação do nosso trabalho. A morte significará que não poderemos mais nos envolver com ele, e que desconheceremos o que ocorrerá às nossas realizações após falecermos. Todavia, isso não exclui a possibilidade de nos comprometermos com ele enquanto o dia da nossa morte não chega.

Talvez nem ele ou nós estejamos convencidos; ele prossegue para chegar a uma conclusão ainda mais lúgubre. É possível, de fato, entregar-se ao trabalho sabendo quão desesperadoras as coisas parecem ser no mundo? Os opressores detêm o poder, e não há consoladores para os oprimidos. Aqui, as suas palavras ecoam com as de Lamentações 1, capítulo no qual está a maioria das ocorrências do verbo “consolar”, em descrições dos lamentos pela situação de Jerusalém após a cidade haver sido devastada pelos babilônios. O cenário dos versículos anteriores pode ser o de infidelidade de um judaíta para com o outro. Aqui, o paralelo com o livro de Lamentações pode implicar que o cenário seja o da

opressão de Judá por uma superpotência; a seu tempo, os sucessores dos opressores babilônios são os persas ou os gregos. A opressão desses impérios também é o cenário das visões em Daniel, nas quais os governantes gregos estão martirizando pessoas dentre o povo que insistem em permanecerem fiéis a Deus. Não há consolador para elas também. Existem dois aspectos quanto à ideia de consolo no Antigo Testamento. Como ocorre em nosso idioma, o termo denota oferecer conforto e encorajamento. No hebraico, a palavra também expressa agir para aliviar as causas da angústia. Em nenhum desses aspectos os oprimidos são consolados. O fato é tão desencorajador que as pessoas deveriam ser parabenizadas por morrerem e escaparem da opressão na qual viviam, ou seria até melhor que as pessoas nem nascessem para ver essa realidade opressora.

Deveria o Eclesiástico se entregar a aliviar o sofrimento das pessoas em vez de apenas lamuriar sobre isso? É possível que sim; não sabemos o que ele fez durante o tempo disponível, quando não estava escrevendo. Talvez a questão pressuponha que estivesse em posição de fazer isso, quando, na verdade, ele não estava; ele não é um cidadão da superpotência, mas um membro da comunidade oprimida. Seja como for, precisamos agradecer-lhe por esfregar os fatos em nossa cara e nos impedir de simplesmente ignorá-los.

Um amigo perdeu a sua esposa, alguns anos atrás, e se casou novamente com uma amiga da família, após três meses do falecimento da primeira. Senti-me dominado pela preocupação e também pela compreensão (ele havia sido muito bem cuidado pela falecida esposa e não fazia a menor ideia de como cozinhar), mas tudo correu bem. Quando a minha esposa faleceu, eu sabia que precisava me acostumar com sua partida e me envolver com outra pessoa. A princípio, odiava chegar em uma casa vazia, privada de sua presença, mas, com o tempo, acostumei-me com essa experiência, embora ainda sentisse a sua ausência naquela casa. Cerca de nove meses depois, houve uma ocasião na qual peguei a minha bicicleta e pedalei até a praia. Ao deitar-me na areia, pensei: “Posso fazer isso. Posso viver sozinho.” Não conseguia me imaginar conhecendo outra pessoa e, por isso, tive uma séria conversa com outra pessoa que vivia só. Concordamos que o preço a ser cobrado pelos ajustes necessários à convivência com outra pessoa não valia os benefícios. Vendo em retrospectiva, percebo que seria quase inevitável não estar, subconscientemente, procurando por outra mulher (assim, foi ótimo encontrar alguém que é ideal para mim).

Um dos motivos pelos quais essa busca seria inevitável é o ponto enfatizado nessa passagem. É melhor estar com alguém do que só. Expressando de forma bem terrena, se estiver na cama com alguém mais, provavelmente se aquecerá mais do que se estivesse só. O Eclesiástico não está pensando apenas no cenário do casamento, ou, talvez, nem tenha isso em mente. As observações que faz sobre evitar estar por conta própria são, de fato, surpreendentes; pelo fato de considerar a vida, de maneira geral, pouco confiável, poderíamos esperar que considerasse sábio assumirmos uma visão mais individualista e autoconfiante. No entanto, em outras passagens também, ele incentiva desfrutar da vida cotidiana em vez de consumir-se com grandes questões insolúveis. Ele não rejeita a vida. O conselho prático, aqui, condiz com aquela atitude.

Esse conselho, igualmente, estabelece uma boa parceria com os seus comentários na abertura dessa seção quanto à ligação entre trabalho e inveja. Podemos redefini-los em termos da conexão entre a ambição e a necessidade pelo trabalho duro. No mundo da erudição, alguém já idoso como eu pode relaxar, mas os que estão iniciando a carreira nessa área precisam transpirar sangue escrevendo artigos e fazendo apresentações, não porque tenham algo que precisa ser dito, mas devido ao princípio “publique ou pereça”. Fazer isso no mundo da erudição significa avançar à frente de outras pessoas que tentam o

mesmo, pois há mais pessoas olhando para os cargos do que cargos disponíveis. O Eclesiástico expressa a verdade no provérbio sobre a pessoa que se assenta em seu pátio de mãos cruzadas (i.e., sem fazer nada) e termina sem nada para comer; pode-se até dizer, literalmente, que as pessoas famintas e emaciadas comem a sua própria carne. Todavia, há, felizmente, um nível intermediário entre a preguiça e a ambição, que torna a pessoa consumida pelo próprio trabalho. A consideração dessa atitude é que conduz aos comentários sobre a insensatez de um isolamento individualista de outras pessoas. É melhor dois do que um. Três ainda mais.

Os versículos finais olham com o característico rigor para as realidades da política e da inconstância da lealdade do povo. Eles também nos levam a pensar, novamente, em Salomão, a quem o livro de Reis descreve como alguém que abandonou a sabedoria pela estupidez em seus derradeiros anos de vida. Ironicamente, pensar em Salomão nessa relação, igualmente, nos lembra de Jeroboão (que controlou a maior parte do reino de Salomão) como o homem jovem descrito pelo Eclesiástico. Ainda, pensar em Jeroboão pode nos lembrar de como a história do reino do Norte, em Israel, envolve uma série de golpes de Estado. Embora toda a nação possa se levantar em apoio a um novo governante, a próxima geração pode se desencantar com a sua dinastia. Não existe estabilidade na política.

No último sábado, fomos a um clube de jazz no qual um poema de Rumi, um místico persa do século XIII, foi pintado no teto. As palavras finais são: “Eu deveria vender a minha língua e comprar mil ouvidos quando alguém se aproxima e começa a falar.” Rumi está se referindo à voz que vem de dentro de nós, mas essas palavras, para mim, estabeleceram uma conexão com o texto que iríamos ler na igreja no dia seguinte. As palavras de Deus durante a transfiguração de Jesus: “Este é o meu Filho amado de quem me agrado. Ouçam-no!” (Mateus 17:5, NVI). A exortação confronta Pedro, que teve uma brilhante ideia alternativa quanto a uma resposta adequada à transfiguração de Jesus. Estávamos relembrando esse evento por ser o domingo anterior à Quaresma, quando ouvir em vez de falar é apropriado.

Há pessoas que se sentem inadequadamente temerosas em relação a Deus e há as que se sentem inapropriadamente familiarizadas. O Eclesiástico sugere que seja aconselhável um autoexame antes de ir à adoração. Pessoas estúpidas são as que nem se lembram de Deus em sua rotina diária e necessitam ser confrontadas por ele em relação ao seu viver, pois não reconhecem o mal em sua vida. A exemplo da nossa própria adoração, a oferta de sacrifício pressupõe que a relação esteja razoavelmente boa entre os ofertantes e Deus. Os cristãos, com frequência, presumem que o ponto principal sobre o sacrifício é a necessidade de lidar com o pecado, mas o Antigo Testamento deixa claro que ele consiste na necessidade de as pessoas expressarem de forma adequada, sua abnegação, adoração e comunhão em relação a Deus e umas com as outras. Com efeito, o Eclesiástico está indicando às pessoas, em geral, que elas podem estar apresentando a espécie de oferta que os tolos apresentam; estes podem ser tolos sem se aperceberem disso. Necessitam do autoexame encorajado pela Quaresma; precisam vender a sua língua e comprar mil ouvidos.

Lá atrás, no capítulo 2, o Eclesiástico expressa a sua convicção de que todo o nosso esforço mental e físico não é apenas sem sentido, mas também propenso a nos privar de um sono restaurador. O primeiro comentário sobre sonhos estabelece um ponto similar. Em lugar de nosso repousante sono, as preocupações do dia a dia encontram um canal de expressão em nossos sonhos. Contudo, a observação do Eclesiástico é uma daquelas nas quais o ponto aparece na segunda metade. Talvez ninguém concebesse o ponto de abertura sobre o sonho; o objetivo do Eclesiástico é fazer uma comparação entre a maneira com que as nossas preocupações diárias geram sonhos e a forma pela qual a fluência

em palavras gera estupidez. A linha de encerramento é enigmaticamente expressa, mas, talvez, reafirme o ponto. Do mesmo modo que os sonhos tendem a ser vazios e sem sentido, assim também são as palavras.

Na seção intermediária, o Eclesiástico refere-se a uma forma de as pessoas se dirigirem a Deus e que pode ser insensata; palavras de promessa. No contexto, sua advertência relaciona-se a promessas sobre fazer um sacrifício — os salmos, com frequência, fazem referência a tais promessas. Primeiro, ele diz, se fizer uma promessa, cumpra-a de imediato, pois é o mínimo que pode fazer, caso leve Deus a sério. Fazer promessas e não cumpri-las é estupidez — isto é, além de ser moralmente condenável, é provável que traga problemas, porque o não cumprimento de uma promessa tem efeitos negativos sobre o relacionamento. Assim, pense duas vezes antes de prometer algo e não prometa o que talvez não possa cumprir. Descobrimos na reunião do conselho de nossa igreja, no último domingo, que até aqui, neste ano, os membros estão contribuindo mais do que haviam empenhado; com base nesse compromisso é que definimos o nosso orçamento anual. Melhor assim do que o contrário. Na igreja, não é preciso ficar lembrando às pessoas que elas não estão cumprindo o compromisso assumido, embora nem sempre seja uma má ideia, e parece que o templo tinha ajudantes com essa tarefa. Portanto, tenha cuidado, o Eclesiástico adverte.

Alguns anos atrás, num dia ensolarado de janeiro, cheguei em casa após uma palestra e empurrei a minha esposa com deficiência para um centro comercial, no qual havia uma magnífica sorveteria que, infelizmente, fechou pouco tempo depois (evidentemente, não consumimos lá o suficiente). Pedi um fabuloso sorvete de chocolate e o consumi quase todo; na época, Ann ainda conseguia engolir um pouco de sólido e tomou uma colher ou duas. Depois, a empurrei de volta a nossa casa, cantando canções ingênuas e brincando que não conseguiria chegar ao topo da rua após tomar todo aquele sorvete, arrancando um sorriso dela. Ao chegarmos em casa, a deitei de lado no sofá, para aliviar a pressão em suas costas, onde feridas podiam surgir por sua dificuldade de engolir e a consequente desnutrição. Em outros dias, eu a levava para ficar ao lado da piscina, próxima ao nosso apartamento, onde tomávamos banho de sol; às vezes, levava uma garrafa de vinho. Claro que não era suficiente, mas era melhor do que nada. Essa percepção tornou-se uma espécie de mantra para mim.

Isso não está muito distante da convicção defendida pelo Eclesiástico, expressada no parágrafo intermediário dessa seção. Os três versículos incluem uma declaração tripla sobre a dádiva de Deus. Uma de suas afirmações favoritas sobre Deus é que ele é o que dá. Algumas dessas dádivas possui implicações negativas (“É uma tarefa terrível que Deus deu aos seres humanos para se ocuparem”, ele diz, no capítulo 1); mas, em outras passagens trata-se de uma questão-chave para sua positiva compreensão de Deus e da vida. Deus nos concede um período de existência terrena (reconhecidamente limitado), com liberdade para desfrutarmos as coisas básicas da vida: alimento, vinho e outras coisas que podem ser fruto de nosso trabalho diário, como o sorvete e o banho de sol. Não se permita refletir muito com respeito às grandes questões para as quais você jamais encontrará respostas, sugere, oferecendo um conselho que ele próprio não segue. Aprecie a vida que você tem no presente. Pode não ser o suficiente, mas é melhor do que nada.

Essas declarações aparecem em meio a outras sobre riqueza, embora ele comece com a pobreza e uma consciência realista do poder estrutural que a encoraja. As pessoas fazem uso do poder para construir os seus próprios ninhos à custa das demais, e a existência de uma estrutura de poder pode, em teoria, ser projetada para ser reguladora, mas, na prática, ela serve para encorajar a autoindulgência. O enigmático comentário sobre o rei, talvez, qualifique o ponto, considerando que a vocação do rei era assegurar que o povo pudesse manter a sua terra e,

portanto, não acabassem na pobreza. O Eclesiástico segue para enfatizar seus comentários sobre a futilidade de se buscar o acúmulo de riquezas. Primeiro, o aspecto estranho sobre a riqueza é que a pessoa jamais acha que tem o suficiente; portanto, essa busca não a levará a lugar nenhum. Um dos motivos é porque, quanto mais você tem, mais pessoas buscarão a sua ajuda, ou, de outra forma, o aliviarão da fortuna. Todo o prazer que você pode ter se resume a verificar os números em sua conta bancária. A pessoa que “serve” (i.e., trabalha para outra pessoa) e, assim, possui o suficiente, mas não vive no luxo, tem menos preocupações do que a pessoa que trabalha arduamente com o objetivo de enriquecer. Um cenário dessa realidade é que a riqueza jamais está segura; um erro e a pessoa pode perdê-la por completo e viver o resto dos seus dias “em trevas, com muito tormento, enfermidade e ira”, morrendo sem nada, do mesmo modo que nasceu, sem deixar nada aos seus descendentes. Algum estranho desfrutará dos benefícios em lugar da pessoa ou de sua família. Ela não tem melhor do que um natimorto, que nem mesmo tem um enterro adequado.

No contexto, o comentário sobre sabedoria e estupidez relaciona-se à questão sobre a riqueza; uma pessoa sábia pode também perder tudo por meio de algum infortúnio. Ter sabedoria pode não trazer nenhuma vantagem para a pessoa abastada. Por sua vez, nesse mesmo contexto, o comentário sobre a pessoa humilde extrai o ponto sobre a opressão dos pobres, no começo da seção. Ele acrescenta que nada se ganha pela sugestão de que é melhor ser humilde do que ser rico. A declaração final sobre a visão dos olhos considera o ponto de que ver a própria riqueza pode ser o único benefício que os ricos obtêm dela.

Ao ler, em Eclesiastes 4, sobre a corda de três dobras que não se rompe facilmente, lembrei-me de uma ocasião no seminário, quando dificultei a vida do meu professor de homilética por usar esse versículo para defender a ideia de que um sermão deveria ter três pontos. Eu o acusei de ser exegeticamente irresponsável. Eu estava certo, mas não agi corretamente. Agora, como professor, sou lembrado pelo encerramento dessa seção de como as avaliações dos alunos quanto ao curso ferem os professores no coração. Isso ocorre porque somos tolos, claro. Um dos meus colegas comenta que, quando se lê cinquenta avaliações, não damos muita atenção às positivas, mas somos atraídos pela única avaliação negativa. Sinto-me obrigado a ler as avaliações dos alunos, aprendo e mudo as coisas à luz delas. Todavia, procuro não as ler quando estou prestes a ir para a cama, a fim de não minar a esperança de ter uma noite de sono restauradora. Eu as leio quando estou me sentindo bem e renovado, com um cálice de vinho na mão, e não abro o site no qual alunos de todo o país (de todo o mundo, pelo que sei) avaliam os seus respectivos mestres.

Os professores são seres humanos, dotados de sentimentos como qualquer outra pessoa, mas também estamos em posições de poder sobre os nossos alunos. Essa relação é a ligação com o ponto de encerramento do Eclesiástico, quanto ao relacionamento entre senhores e servos. Isso deriva e se conecta com as linhas precedentes que mostram a senhores e professores, entre outros, que ninguém age sempre com correção. Ninguém é capaz de evitar falhas, ainda que a pessoa sábia seja, de fato, mais forte do que dez outras pessoas com posições oficiais na comunidade e a sabedoria ofereça melhores salvaguardas na vida do que o dinheiro. Senhores e professores podem se esquecer de que, inevitavelmente, cometem erros. Na verdade, costumo lembrar aos meus alunos de que 10% de tudo o que eu digo está errado; o problema é que não sei onde esses 10% estão (também sugiro que, provavelmente, não são os 10% que eles imaginam). Os erros podem não ser apenas quanto às matérias acadêmicas. O Eclesiástico já observou que mesmo uma pessoa sábia pode ser desviada pelo dinheiro — extorquindo ou cedendo a um suborno.

O ponto quanto à falibilidade humana conecta-se com os escandalosos comentários sobre não tentar ser excessivamente fiel ou sábio. Embora haja verdade na máxima de que ter a lua como objetivo pode apenas nos levar a atingir o poste de iluminação, o que é melhor do que nada, o ceticismo quanto ao que somos capazes de alcançar pode ser totalmente desanimador. Assim, aceite o

bem com o mal, e aceite que, se Deus fizer ou permitir coisas que interfiram no modo pelo qual você desejaria que a vida funcionasse, devemos apenas lidar com isso.

Embora a parte final dessa seção seja chocante, ela é menos sombria do que a sua abertura, a qual, no entanto, resume os pontos apresentados pelo Eclesiástico no início do livro. Por trás das palavras iniciais reside o fato de o termo hebraico para uma pessoa (humana) ser adam, e Adão foi feito da adamah, terra. Por ser uma criatura feita da terra, um simples ser humano não pode argumentar com Deus e forçá-lo a revelar mistérios quanto ao significado da vida que ele mesmo escolheu manter encobertos; nossas tentativas verborrágicas de fazer isso são fúteis. O Eclesiástico prossegue para se debruçar, mais longamente, sobre um de seus temas favoritos: todos nós iremos morrer. O ponto subsequente quanto à irritação pode, então, sugerir que é possível mesclar certa frustração quanto ao término da nossa vida (e por aquelas questões insondáveis) com alguma alegria interior genuína, mas, ainda assim, evitar a mera frivolidade, que é a posição adotada pelo livro como um todo. O texto prossegue para observar que há outras formas ou base para frustração que são insensatas.

Acabei de receber uma mensagem de uma jovem amiga que estará na cidade na próxima semana e deseja nos visitar. Faz apenas alguns meses que ela nos mandou um e-mail para nos contar que, talvez, tivesse conhecido o homem dos seus sonhos, alguém cujos instintos sobre o ministério cristão concordam com os dela e que gosta de esportes tanto quanto ela. Parece ser uma grande compatibilidade. Essa busca é algo que está apenas na mente "feminina"? Aparentemente não, porque, duas semanas atrás, recebi uma comovente mensagem de um amigo mútuo que acredita ter encontrado a mulher dos seus sonhos. Ele a descreveu como alguém que ama a Deus e as pessoas, o que também é uma boa descrição dele próprio. Ele enxerga a mão de Deus no fato de ambos terem sido atraídos um ao outro.

Então, o que há de errado com o Eclesiástico ao dizer aquelas coisas sobre as mulheres? No capítulo 9, ele implica que compreenderia a atitude tanto do meu amigo quanto da minha amiga, quando encoraja o leitor a desfrutar a vida com a mulher que ama. Assim, as suas declarações sobre as mulheres, aqui, não podem ser generalizações universais. Talvez esteja nos contando que não encontrou alguém para ele, ou que a pessoa que encontrou (ou que lhe foi apresentada) era um desastre. Suas experiências pessoais com mulheres foram negativas e, então, ele conclama os homens a evitar serem seduzidos pela mulher errada. Já observamos alguns pontos pelos quais o Eclesiástico, decerto, tinha o livro de Gênesis em mente, e mesmo à frente de seus olhos; é possível que os seus comentários sobre relacionamentos com mulheres sejam um outro exemplo disso. Eva fora designada para ser uma "auxiliadora" de Adão, compartilhando a vida e a vocação com ele, mas o desígnio não funcionou muito bem e ela o fez desviar (claro que ele foi tão responsável pelo desvio quanto ela). Talvez seja significativo que o Eclesiástico tenha dito que não encontrou nenhum "ser humano" (não um "homem") — ele usa a palavra adam.

O ponto feito pelo Eclesiástico nos recorda que as preocupações adicionais de um relacionamento sexual podem facilmente desencaminhar um homem em sua busca por sabedoria, especialmente quando se apaixona; ele perde a capacidade de pensar de modo crítico. Se Gênesis pode estar na mente do Eclesiástico, o mesmo ocorre com Provérbios. Este livro traz advertências sobre a maneira com que as mulheres podem levar os homens ao desvio e insere os seus comentários nos contextos da busca por uma compreensão da vida. A mulher que pode desviar um homem é a personificação da falsidade; A sra. Sabedoria é contrária à

sra. Estupidez.

Caso você seja uma mulher que esteja lendo essas sombrias afirmações, é necessário que considere as suas advertências do avesso. Para a mulher, será difícil encontrar um homem no qual ela poderá confiar. Talvez encontre alguns que também tenham ciladas, laços e correntes. Para ela, igualmente, pode ser mais fácil encontrar um ser humano entre mil, mas, nesse caso, encontrará uma mulher, não um homem. Além disso, as mulheres devem lembrar como elas mesmas podem constituir ciladas para os homens e partir o coração deles ou desviá-los do caminho, enquanto os homens devem lembrar o mesmo fato sobre eles.

O Eclesiástico prossegue, tecendo comentários em relação ao rei. A pessoa que recebe uma educação quanto ao ensino presente em Provérbios e Eclesiastes é alguém que pode estar a serviço do governo e que, portanto, necessita ser realista quanto aos fatores de poder em seu serviço. A sabedoria pode dar à pessoa uma atitude positiva em relação às demais, porém essa regra pode não se aplicar a pessoas no poder. Os subalternos ao rei serão sábios se considerarem a facilidade com que alguém pode se indispor junto ao rei, arriscando perder a sua posição e a própria cabeça.

Os comentários subsequentes sobre a tomada de decisão e o exercício de autoridade suscitam a simpatia pelo rei como a pessoa que deve dar a palavra final. Ele precisa tomar decisões, ainda que, regularmente, não conheça o suficiente para estar confiante de que a decisão que tomou é correta. As decisões do rei podem ter implicações fatais para si e para outras pessoas; ele deve decidir sem saber quais serão essas implicações. O último parágrafo, implicitamente, critica pessoas em posição de autoridade em vez de mostrar simpatia por elas. Existem circunstâncias nas quais o que deve ser feito é moralmente evidente, e as autoridades não agem para que a ação correta seja tomada. O Eclesiástico, de maneira característica, sofre por Deus nada fazer quanto a essas falhas. Em teoria, a fidelidade e a infidelidade deveriam receber recompensas condizentes a elas, mas parece que as coisas, na prática, nem sempre funcionam de acordo com a teoria, e Deus não intervém. Uma vez mais, a única solução apresentada pelo Eclesiástico é engolir isso e dedicar-se a apreciar as alegrias e os prazeres da vida terrena.

Gostaria muito de terminar esta série, O Antigo Testamento para todos, mas não estou considerando isso como certo e garantido. Precisarei de mais um ano, e quem sabe se viverei até lá? Ontem, recebi uma mensagem de pessoas de uma pousada cristã, na qual, certa feita, trabalhei. Um homem que lá viveu durante os anos de sua aposentadoria foi à recepção, como fazia quase todos os dias, "rindo e brincando com as pessoas, como de costume, quando, repentinamente, ele reclamou por não estar se sentindo bem", dizia a mensagem. "Pessoas da equipe vieram socorrê-lo e, naquele instante, ele perdeu a consciência." Aquele homem havia sofrido um ataque cardíaco, e os paramédicos nada puderam fazer para restaurar-lhe a vida. "Foi como se alguém tivesse desligado o interruptor, e as luzes se apagassem quieta e mansamente." Ele era apenas um pouco mais velho do que eu. Paul McCartney e eu temos a mesma idade. Um repórter, recentemente, perguntou-lhe o que ele pensava sobre morrer no palco, mas ele recuou e replicou: "Que tipo de pergunta é essa?"

Uma boa pergunta, diria o Eclesiástico; a morte é um tema recorrente. Nessa seção, ele lida com o assunto de modo mais sistemático. Novamente, começa com a magnitude da tarefa que pessoas como ele empreendem, na procura pela compreensão do mundo e do que acontece aqui. Ele sabe que busca pela compreensão de todo o propósito de Deus no mundo, mas, ainda que reflita nisso, dia e noite, não é capaz de compreender; estamos nas mãos de Deus. Em outros contextos, esse fato seria uma boa notícia, mas nesse não é. O ponto do comentário é que sabemos que Deus está no controle do mundo, mas não conseguimos ver a racionalidade desse domínio. Do mesmo modo, sabemos que nada escapa ao seu governo em relação à nossa vida e, portanto, à nossa morte, mas não sabemos quando chegará o momento no qual Deus removerá o fôlego de vida que ele mesmo soprou. Embora o seu amor e o seu repúdio por nós possa ser uma referência geral a quando Deus faz ou permite que coisas boas ou más nos ocorram, no presente contexto refere-se particularmente a Deus dar a vida ou retirá-la. Recentemente, vimos um filme cuja premissa era de que o nosso tempo de vida era como dinheiro, do qual a pessoa tinha certa quantidade, que era conhecida e que podia ser usada como meio de troca e, portanto, ser adicionada ao seu capital, ou gasta mais rapidamente do que o necessário. Quando o tempo estava próximo de se esgotar, as pessoas tinham de correr a fim de perseguir um meio de obter mais tempo. Na vida real, em qualquer dia, não sabemos de antemão se Deus nos dará vida ou se a removerá. E não faz nenhuma diferença quem somos.

Maldade e loucura caracterizam a vida humana. O Eclesiástico, de novo, concorda com a avaliação de Gênesis, dessa vez no capítulo 6. Você pode achar que essa observação é suficientemente sombria. Ele está ainda mais atemorizado pelo fato de a vida humana ser tudo o que há. "... e depois eles se justarão aos mortos." A austera realidade de estar morto significa que há algo a ser dito por estarmos vivos! Onde há vida, há esperança. É possível imaginar-se capaz de apreciar a vida segundo a recomendação que ele faz em outras passagens. A vantagem que cita é diferente e transforma a declaração positiva em ironia. Se você está vivo, sabe algo — que irá morrer. Se está morto, nada sabe. Você não obterá nada de sua existência quando estiver no Sheol; não será lembrado por ninguém e não se lembrará de nada. Em vida, você tem paixões, pois isso faz parte de ser humano; você ama e repudia, a exemplo de Deus. Quando está morto, a paixão acaba.

Encarar os fatos sobre a morte não faz o Eclesiástico rejeitar a vida. Uma vez mais, ele nos conclama a desfrutar da vida que temos com os seus prazeres humanos simples e reais, pelo tempo que tivermos. Dessa vez, ele inclui a alegria de um relacionamento com a pessoa amada. Deus concede a sua aprovação para isso — seja dando uma vida para ser vivida à humanidade em geral, seja nos dando, como indivíduos, a vida que temos até ele decidir terminá-la. O fato de não poder fazer nada no Sheol não deve ser motivo para paralisar a sua vida no presente, mas é incentivo para fazer exatamente o oposto.

Ontem foi Quarta-feira de Cinzas, e um dos seus temas é a importância de guardar na mente a nossa mortalidade (memento mori). O ensino cristão ortodoxo do Oriente é, particularmente, propenso a enfatizar a relevância de refletir sobre esse inexorável fato. Eclesiastes, então, afirma que encarar a morte não deve privá-lo de apreciar a vida, mas, repetindo, provocar um efeito contrário. Caso ignore a realidade da morte, mesmo assim isso estará em meu subconsciente, impedindo-me de, realmente, desfrutar a vida e fazer o que eu desejo, antes que seja muito tarde. Significa viver no presente com a consciência de que hoje pode ser o último dia, mês ou ano da minha vida. Portanto, seria sábio fazer tudo aquilo que desejo e planejo fazer em vida em vez de adiar ou desistir de realizar os meus sonhos ou esperar até que me sinta com disposição. Essa atitude acarreta profundidade e sentido à vida. A morte e a ressurreição de Jesus possibilitam, hoje, que as pessoas desfrutem da vida ressurreta, o que impede a morte de nos privar da possibilidade de vivermos uma vida terrena plena, mas isso não altera o fato de a morte poder fazer isso.

Eu quero concluir essa série O Antigo Testamento para todos.

Com frequência, durante a semana, descubro-me relatando à minha esposa algo do noticiário com um comentário explícito ou implícito: “Como as pessoas podem ser tão estúpidas?” Nesta semana, é o fato de as forças do Ocidente no Afeganistão terem queimado algumas cópias do Alcorão, que tomaram das mãos de alguns prisioneiros, suspeitos de serem membros do Talibã. Como esperado, isso provocou distúrbios por parte de afegãos, indignados pela queima do seu livro sagrado, e, agora, os comandantes do exército, com o presidente norte-americano, estão discutindo como controlar os danos. O cínico pode questionar se os revoltosos estão apenas aproveitando a oportunidade em vez de expressarem uma indignação religiosa genuína, mas, se for verdade, então isso torna os incendiários do Alcorão ainda mais estúpidos. A sequência de eventos similares, no passado, certamente significa que qualquer um poderia prever o resultado dessa desastrosa ação.

O Eclesiástico mostra-se desanimado por tanta estupidez, que assume variadas formas. Os versículos sobre uma cidade em particular podem ter como base algo que estava no noticiário durante os dias do Eclesiástico. Um homem comum do povo teve uma percepção que permitiu à cidade resistir ao ataque e, então, foi esquecido, ou alguém teve essa percepção, porém ninguém deu atenção à sua ideia exatamente por ele ser um homem comum do povo. Seja como for, o evento ilustra como a sabedoria é mais determinante em assuntos militares do que a mera força e que ela pode vir de uma fonte improvável, mas que também pode ser ignorada, esquecida ou frustrada pela ação de uma pessoa estúpida, do mesmo modo que uma pequena porção de algo podre pode contaminar tudo o que tocar. E, se é inevitável que algumas pessoas nas Forças Armadas não sejam muito sábias, é imperativo que os comandantes assegurem que pessoas sábias estejam distribuídas entre as unidades militares.

Uma vez que a seção retorna aos governantes, o contexto sugere aplicar, especialmente a eles, os comentários sobre a mente da pessoa sábia e da estúpida. Com frequência, imagina-se que a direita seja o lado da sorte de uma pessoa, enquanto o lado esquerdo é o do azar; o ditado quanto à direita e à esquerda deriva dessa suposição geral. Diz a história que Napoleão perguntava sobre um general em potencial: “Ele tem sorte?” Talvez uma das implicações seja a de que as pessoas, frequentemente, fazem a sua própria sorte por meio de sua sabedoria. Ao contrário, os comandantes militares que conduzem o seu exército de maneira errada ou falham em assumir o controle sobre uma cidade

considerada vulnerável são vítimas de suas próprias deficiências, não de mero azar. Eles revelam que são estúpidos.

A insensatez deles pode fazê-los se voltar contra você (o Eclesiástico prossegue), mas não entre em pânico. A volatilidade deles também pode significar que adotarão uma atitude diferente amanhã. Ele encerra a sua coletânea de provérbios sobre o problema com pessoas em cargos de autoridade com expressões adicionais de frustração. Platão sugeriu que o Estado deveria ser governado por reis filósofos; talvez o Eclesiástico tenha lido os textos de Platão. De maneira mais evidente, ele está deprimido pelo fato de muitos governantes não serem nem meramente medianos em relação à sabedoria, mas proeminentes em estupidez. Pode ser que as pessoas sábias também sejam egoístas e evitem cargos de liderança. O Eclesiástico, aqui, considera a regra regular de que as pessoas ricas são aquelas que detêm o poder na sociedade, a exemplo do que ocorre nas nações ocidentais, e que subverter essa ordem natural, provavelmente, colocaria em perigo a estabilidade da sociedade como um todo. E se os ricos forem pessoas estúpidas ou se acumularam a sua riqueza por meios injustos? Caso questionado, creio que ele diria que não está falando sobre essa espécie de pessoas ricas.

A maioria dos ditados no parágrafo intermediário simplesmente descreve alguns fatos infelizes sobre a vida. Esses provérbios não têm, necessariamente, implicações como: “Portanto, tenha cuidado!” Antes, a sua consideração é: “Se isso lhe acontecer, lide com o fato. Assim é a vida!” A exceção pode ser o ditado sobre o encantador de serpentes, caso o significado seja de que você perde a oportunidade de exercer a sua habilidade se permitir que as coisas aconteçam por si sós.

O terceiro parágrafo retorna às inter-relações entre liderança e sabedoria. Os provérbios sobre sabedoria e estupidez, novamente, assumem importância para alguém que trabalha com administração. As ideias básicas são três: fale pouco, pense antes de falar e não dê a impressão de que sabe o que, na verdade, não sabe. Em circunstâncias como as citadas no parágrafo, quando o rei é jovem e a sua equipe sênior é autoindulgente, pode ser mais do que tentador lhes dar o benefício da sabedoria, mas a discrição pode ser mais sábia. Essa discrição deve ser estendida a contextos nos quais a pessoa está falando em privado; as paredes possuem ouvidos. Em meio a essas advertências, o contexto sugere que, especialmente, o rei e os seus ministros é que necessitam estar cientes de que a negligência e a autoindulgência são insensatas e podem lhes trazer grandes

problemas. Contudo, aqui, também os provérbios estão descrevendo como as coisas são, em lugar de sugerir que poderiam ser de outra forma.

Lembro-me de quando assisti a uma apresentação de Ray Charles pela primeira vez. Por ser cego durante muitos anos, ele precisou ser guiado até o piano, porém necessitava de muito mais ajuda do que apenas a sua cegueira demandava. Ele era um homem idoso e de saúde frágil (ele morreu dois ou três anos depois). Todavia, assim que os seus dedos tocaram as teclas do piano, ele se encheu de vida, e ali tornou-se nítida e cristalina a enorme disparidade que havia entre o homem interior e o exterior. Aquele momento tornou-me consciente de como uma pessoa pode ser comoventemente viva no seu íntimo, mas frágil e claudicante em seu exterior. Paradoxalmente, o contrário também é verdadeiro. Antes, referi-me a um velho amigo e mentor que faleceu alguns dias atrás, cuja esposa está em boa condição física, mas seriamente afetada pela demência. Quem sabe o que ela fará em seu funeral na próxima semana? É assustador contemplar o declínio físico ou mental.

No mundo do Antigo Testamento, a decadência física era uma realidade mais familiar, e o Eclesiástico, ao se aproximar do fim do seu livro, conclama as pessoas a encarar esse fato. Uma vez mais, ele não faz isso com o objetivo de impedir que as pessoas apreciem a vida, mas visa a encorajá-las a isso, de uma forma que não ignore essa outra realidade. Trata-se de um exemplo da posição do Antigo Testamento em relação à vida. O livro de Salmos considera que, quando a vida é ruim, não devemos ceder à ideia de que ela nunca foi boa e que jamais poderá ser boa novamente, mas, igualmente, não devemos negar a severidade da realidade que nos cerca no presente. A atitude do Eclesiástico é similar. Portanto, ele encoraja as pessoas jovens a desfrutar da sua vida, mas não se esquecerem de que Deus, “por todas essas coisas”, irá levá-las a julgamento. Ele raramente cita o juízo após a morte, à qual ele se refere com frequência. O mais provável é que ele, simplesmente, considere a morte como sendo uma espécie de juízo, a implementação da decisão divina quanto a interromper a vida, decisão essa que, inexoravelmente, atinge a todos. Entretanto, o contexto pode ainda sugerir que o julgamento de Deus é uma avaliação divina sobre se desfrutamos plenamente da nossa vida ou se a desperdiçamos. Em outras palavras, a ideia de uma eventual aproximação da morte torna os jovens tão desgostosos e infelizes que eles falham em apreciar a juventude que lhes foi dada. No entanto, eles também devem sempre se lembrar do Criador, durante a juventude, pois ele, no devido tempo, irá realizar aquela avaliação e dará um veredito.

Os jovens devem estar atentos dessa forma antes de envelhecerem. Em parte, parece como se o Eclesiástico advertisse contra a ideia do arrependimento no leito de morte, ou do pesar e ressentimento na hora final, mas as dinâmicas da sua preocupação são diferentes. Ele não está dizendo que o arrependimento no leito de morte é impossível, ou que morte pode levar a pessoa antes de ela se arrepender, mas que deseja que as pessoas tenham uma vida humana autêntica, e que essa vida precisa ser caracterizada pela alegria quanto à dádiva divina e também pela veracidade com respeito ao fim do caminho seguido. O Eclesiástico apresenta uma vívida e poética descrição da última, não focando a morte, mas a velhice. Muitas das imagens poéticas são ambíguas, mas o quadro geral é cristalino. A velhice é quando a pessoa para de apreciar a vida porque a sua fragilidade física a impede disso. É quando a escuridão envolve a sua vida, quando os seus braços vacilam, as suas pernas enfraquecem, os seus dentes caem, os seus olhos embaçam. É quando o som desaparece dos seus ouvidos, e a voz se torna débil; quando você desperta com o gorjeio dos pássaros e não consegue mais dormir; quando o canto das moças se torna distante; quando passa a ter medo de lugares altos e dos perigos que espreitam lá fora. Quando os cabelos embranquecem como amendoeiras em flor e você se arrasta como um gafanhoto, e o seu desejo vai embora. Todas essas experiências indicam que você caminha a passos largos em direção à sua morada eterna, ao túmulo, ao Sheol; na verdade, os pranteadores já estão se reunindo como abutres rondando a futura carniça. Esse é o momento no qual o fio da vida se rompe, como uma tigela que atinge o chão; é quando o pó e o espírito retornam ao lugar de origem.

A parte de abertura dessa seção lida com a necessidade de viver, apesar das incertezas, e não ser paralisado por elas. Talvez esses versículos sejam conselhos dirigidos mais aos adultos do que aos jovens ou aos idosos. No comércio, é preciso estar atento para aproveitar as oportunidades. Não é bom ser como o homem na parábola de Jesus que escondeu o seu saco de ouro no solo. Há leis da natureza por meio das quais Deus opera e com as quais devemos viver, ainda que não sejamos capazes de compreendê-las (não mais do que compreendemos como um bebê se forma no ventre da sua mãe) ou como elas funcionarão em um dado dia.

Ontem, um aluno me procurou porque está tendo dificuldades com o meu curso sobre Salmos, bem como com o seu trabalho acadêmico em geral. Ele não estava preocupado em apresentar desculpas, mas apenas queria que eu entendesse o que estava ocorrendo. Ele está quase completando a sua graduação, mas não tem conseguido se concentrar em seu trabalho, em parte por já estar estudando durante um longo tempo. Ele entrou no seminário logo após formar-se em uma faculdade cristã, na qual também estudou teologia. Assim, ele precisa sair para o mundo, embora outro problema enfrentado por ele é não ter certeza quanto ao que fazer após a graduação. Igualmente, o aluno tem diante de si um problema clássico: ele chegou ao seminário com a perspectiva de encontrar respostas para todas as questões e, de fato, encontrou algumas, porém descobriu muitas mais questões novas do que respostas para as questões antigas.

O parágrafo de encerramento de Eclesiastes reconhece o problema enfrentado por esse aluno e oferece um conselho, embora não seja isso, exatamente, o que ele mais precisa. Ele também necessita de amigos, lazer e oração (eu orei com ele) para conseguir passar pelos próximos três meses e começar a respirar. A seção final inicia-se com a repetição do mantra com o qual o livro começa, cuja palavra-chave é repetida muitas vezes ao longo dos capítulos. Tudo é absolutamente vazio. A repetição dessa percepção deixa claro que Eclesiastes não é um livro que faz progressos, ou chega a uma conclusão, ou apresenta uma solução para os problemas e questões que ele mesmo suscita. No fim, tudo é tão vazio quanto no início. A implicação não é de que a vida em si é vazia; o autor deixou essa convicção suficientemente clara por meio de suas exortações quanto a desfrutar dos prazeres cotidianos da vida, tais como comer, beber e relacionar-se. Mas ele também escancara o fato de que “debaixo do sol” não existe resposta para as grandes questões sobre como o mundo opera, ou deixa de operar, e o seu significado.

Para descobrir as respostas para esses questionamentos, é necessário procurar em outros lugares. As declarações do Eclesiástico, implicitamente, seguem a pressuposição básica da Bíblia como um todo. As respostas residem no relato do que Deus fez na história por meio do seu envolvimento com Israel, que começa no êxodo e culmina na história de Jesus. O motivo de a Bíblia possuir autoridade é o fato de apenas ela poder nos contar essa história. O autor submete a si mesmo e a nós a uma experiência do pensamento. O que acontece quando você sai dessa história e restringe-se ao que consegue descobrir empiricamente? A

resposta é: “Tudo é vazio.” Por que ele se submete à experiência? Possivelmente, pelo fato de o êxodo ter ocorrido muito tempo atrás e, em séculos mais recentes, quase não ser possível perceber o envolvimento de Deus com Israel. Tudo bem, as pessoas afirmam que, um dia, Deus enviará o Messias, mas essa ideia é útil no presente? Hoje, com que fundamento podemos viver? A resposta do Eclesiástico é para olharmos o que nos é visível agora e vivermos à luz dos fatos que vemos. Ele pode, portanto, ser um encorajamento para as pessoas que vivem no século XXI, para as quais a história de Jesus pode parecer distante demais, e o seu propalado retorno ser teórico e remoto.

O parágrafo final do livro oferece a sua própria tentativa de enquadrar o círculo, ao reconhecer o valor de Eclesiastes, mas inserir o livro no contexto da fé israelita. O autor fala sobre o Eclesiástico na terceira pessoa, sugerindo ser a conclusão de uma outra pessoa, talvez as mesmas que desejavam assegurar que Eclesiastes se tornasse parte das Escrituras, do mesmo modo que o versículo de abertura se tornou a introdução delas ao livro. Caso os leitores questionem se deveriam considerar com seriedade uma coletânea de ensinamentos que termina onde começa, com igual comentário sobre o vazio, a conclusão afirma que o Eclesiástico era, de fato, alguém sábio, que escreveu com discernimento e precisão. Então, ele oferece uma observação quanto à natureza da sua sabedoria. As sábias palavras do Eclesiástico são como esporas. Quando os cavaleiros enterram as esporas no flanco dos seus cavalos, não é uma experiência muito agradável para os animais, mas é importante. Muitas das declarações do Eclesiástico nos fazem exclamar: “Essa doeu! Preferiria que não falasse isso”, mas sabemos que é real e que, portanto, era algo que precisava ser revelado, não escondido, caso desejemos avançar na vida. Expressando de outra forma, o Eclesiástico opera como um construtor, batendo pregos sobre uma parede e verificando para que estejam bem fixados. A cada batida, gememos de dor, mas sabemos que elas são necessárias para termos uma construção sólida. Assim, a conclusão afirma, esses provérbios dolorosos provêm de um pastor, que pode ser um líder humano israelita ou um pastor divino em Israel. Seja como for, o comentário afirma que eles contêm um ensino que é edificante e nutritivo para as ovelhas.

Por outro lado (a conclusão prossegue), embora um livro como o de Eclesiastes seja algo positivo, não haveria utilidade para a Bíblia estar cheia de livros similares a ele. O versículo favorito de qualquer aluno de teologia quanto à confecção excessiva de livros e à natureza cansativa do estudo, portanto, aplica-se, especificamente, a livros que são mais fortes em fazer perguntas do que em

oferecer respostas — que pode ser a natureza da maioria dos livros teológicos. Reflito nisso à luz da minha conversa com aquele aluno. Assim, os versículos de encerramento aconselham a não perdermos de vista o básico. Eles não direcionam o leitor aos fundamentos da fé israelita que compõem o Antigo Testamento, a história das promessas de Deus aos ancestrais de Israel, o êxodo, o Sinai, a dádiva da terra de Canaã, o compromisso de Yahweh com Davi, a construção do templo, o drama da monarquia, o exílio, a restauração e a atividade de Esdras e de Neemias. Eles se apegam aos fundamentos da fé presentes em Provérbios e Jó. Permaneça no temor de Deus, expresse esse compromisso, obedecendo o que ele diz. Por fim, lembre-se das palavras do Eclesiástico sobre o juízo divino.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Quando Kathleen e eu discutimos a possibilidade de nos casarmos no mês de dezembro, a princípio imaginei que passaríamos a nossa lua de mel em algum local tropical, como Bali. Em vez disso, fomos à Escócia, onde enfrentamos o mês de dezembro mais nevado e frio dos últimos dois séculos, mas foi desse país que alguns dos ancestrais da minha esposa, no século XVII, haviam sido forçados a ir para as colônias nas Américas. Bali ou Escócia, com certeza um desses destinos seria o cenário da nossa lua de mel. Um casal que se une para iniciar uma nova vida juntos precisa se afastar de todos. Sentimo-nos afortunados por não enfrentarmos oposição nesse passo. (Quando somos jovens, precisamos da aprovação dos pais para casar; quando somos velhos, da aprovação dos filhos.)

O casal que dialoga, na primeira parte de Cântico dos Cânticos, também deseja ficar longe de todos, embora esse afastamento seja mais relativo ao seu namoro. Não há nenhum motivo particular para considerar que todo livro gira em torno de um mesmo casal, do mesmo modo que não há motivos para imaginar que Salmos tenha uma só autoria; assim, considerar que Cântico dos Cânticos trata-se de uma coletânea de poemas distintos, em vez de ser um poema único, soluciona algumas questões relativas à compreensão desse livro. Essa ideia se encaixa no fato de o livro iniciar-se "no meio das coisas" e terminar da mesma forma; isto é, ele não segue uma história linear. O título do livro poderia, então, significar "Um cântico feito de cânticos" (compare a sentença "Vazio de vazios", i.e., "Vazio absoluto", em Eclesiastes).

A maioria dos poemas envolve um diálogo entre um homem e uma mulher. No idioma hebraico, normalmente é mais fácil diferenciar quem está falando, pois há palavras diferentes para o pronome "você", quando ditas por um homem ou por uma mulher, do mesmo modo que em nosso idioma, com "ele" e "ela". Por iniciativa própria, dividi a tradução em parágrafos de acordo com quem está falando; desse modo, pode-se ver facilmente como a alternância funciona. Igualmente, é possível ver que pode haver grandes diferenças no tamanho das seções, como ocorre em diálogos normais. A mulher, às vezes, refere-se ao seu homem com "ele" e, outras vezes, com "você", e isso pode ocorrer numa mesma linha; embora pareça estranho em nosso idioma, não é incomum na poesia do Oriente Médio. Além disso, não é necessário considerar as ocorrências do pronome "nós" de modo excessivamente literal. Às vezes, é como o "nós" majestático, quando alguém expressa, genericamente, "nós", mas quer dizer

“eu”.

Portanto, os dois primeiros parágrafos discorrem, parcialmente, sobre como o casal pode assegurar que estejam juntos por algum tempo durante o dia. Na imaginação do poeta, pelo menos, ambos são pastores, uma ocupação comum para rapazes e garotas jovens. A mulher deseja saber onde poderá encontrar o amado, particularmente, durante a pausa para o almoço e o descanso. Ela não quer enfrentar o embaraço de ter de negociar a sua passagem em meio aos outros grupos de pastores e deseja ir de modo velado. Então, o homem diz à mulher qual trilha pretende seguir, enquanto busca por pastagens para as suas ovelhas, e assim ela pode segui-lo com suas cabras.

Um diz ao outro quão adoráveis eles são. Na imaginação de ambos (mas, talvez, também na realidade), as demais mulheres reconhecem como o homem é bonito e, do mesmo modo, os demais homens reconhecem quanto a mulher é atraente. Ela mesma não se acha bonita, mas o poema reconhece que, quando alguém ama, vê o amado com outros olhos. Para a mulher, em uma cultura que valoriza a pele clara, ela não é atraente por ter a pele escurecida pela exposição contínua ao sol, pelo fato de, em outras ocasiões, ter sido enviada para montar guarda nas vinhas, para ir à procura de animais perdidos e/ou de soar o alarme quando invasores tentavam roubar as uvas. Talvez a ira dos irmãos resulte de ela desejar passar mais tempo com o seu jovem amado. Mas, nesse livro, a vinha pode ser uma imagem da própria mulher, especialmente o seu eu sexual, e o comentário a seguir pode implicar que, por ela ter de vigiar a vinha literal, não lhe foi possível cuidar do seu eu físico.

Ao mesmo tempo que retrata o casal como pastores ou guardadores de vinhas, o poema os retrata como um rei e uma princesa — ou, antes, assim é como eles se autorretratam. Aos olhos um do outro, é assim que os dois amantes se veem. Eles estão assentados no campo, à sombra das árvores, mas é como se estivessem recostados nos aposentos reais. As garotas, quando mais jovens, com frequência, imaginavam a sua cerimônia de casamento como coroações ou eventos palacianos, na época em que sonhava ser “rainha por um dia”. A inclusão dessa nova imagem nos lembra para termos cautela na adoção literal, mesmo da primeira imagem. Os poemas não descrevem, simplesmente, um casal de pastores verdadeiro, mas são imagens poéticas.

No livro de Cântico dos Cânticos, como um todo, a mulher fala primeiro e em maior extensão do que o homem, o que pode ser uma indicação de ter sido

escrito por uma mulher, no todo ou parcialmente. Isso contrasta com a ideia de que uma mulher não deveria assumir a iniciativa em um relacionamento ou em um diálogo. A descrição do livro como sendo de “Salomão”, na linha inaugural, não implica a ideia de esse rei ter sido o autor. O retrato de Salomão (com o seu harém), em 1Reis, enfraquece a ideia de ele ser alguém que escreveria poesias de amor. Do mesmo modo que Provérbios e Eclesiastes, a referência a Salomão indica que o conteúdo do livro é salomônico, no sentido de expressar verdadeira sabedoria.

Uma implicação da inclusão desse livro na Escritura é o reconhecimento de que o amor humano natural é uma dádiva divina, incluindo-se o amor de pessoas comuns do povo, representado no sentimento entre dois jovens pastores. O nosso instinto para amar, a nossa sexualidade e o nosso entusiasmo sexual são parte da forma como Deus nos criou e algo no qual Deus se alegra. O rapaz e a garota, nesses poemas, estão a caminho do casamento e ansiando por ele em vez de já estarem casados, mas o fato não os impede de se regozijarem no entusiasmo sexual um pelo outro. Talvez a suposição seja de que seja natural que esse aspecto do relacionamento deles cresça à medida que se aproximam do casamento. Sem isso, é menos provável que a união conjugal deles funcione. Os poemas não falam, de fato, sobre o casamento, embora dentro do contexto das Escrituras se possa assumir que esse relacionamento levará ao matrimônio. O Antigo Testamento não trabalharia com a ideia de um homem ou uma mulher estarem envolvidos em alguma relação sexual temporária, a cujo contexto esses poemas pertenceriam, pois os poemas implicam que a relação descrita por eles mostra um relacionamento envolvendo o amor da vida um do outro. No entanto, o casamento possui toda sorte de aspectos mais solenes do que o amor e o sexo, e é nos dois últimos que Cântico dos Cânticos está interessado.

Um dos meus melhores amigos, na adolescência, após esgotar as possibilidades de namoro entre as jovens da nossa comunidade, começou a sair com uma garota de outra igreja, e comentei que ela era bem simples, em comparação com algumas das garotas com as quais ele havia namorado. Ele entendeu o que eu quis dizer, mas replicou que, quando estamos saindo com alguém e nos apaixonamos, a outra pessoa se torna mais atraente aos nossos olhos. De fato, mais tarde reconheci que a sua nova namorada se tornou mais bonita aos meus olhos também e percebi que, quando somos amados, esse amor acrescenta um brilho especial à nossa face. Éramos adolescentes sofisticados, não acha? Hoje, esse amigo e aquela sua nova namorada estão casados por quase cinquenta anos; além disso, às vezes, a minha própria esposa me diz que eu sou bonito e, então, eu me olho no espelho e penso comigo: “Nem tanto assim!”

O tema do capítulo 1 reaparece no capítulo 2. Tradicionalmente, as traduções apresentam a mulher descrevendo-se como a rosa ou flor de Sarom, uma expressão que se tornou uma imagem para a beleza. Entretanto, Sarom é uma área costeira pantanosa de Israel, e o açafrões ali são tão comuns quanto flores selvagens. Da mesma forma, não haveria nada de especial quanto a lírios em um vale. O homem aceita a imagem de lírio, mas ele a retrata como um lírio entre espinhos. A intenção não é a de ofender as demais mulheres, mas indicar quanto ela é especial aos olhos dele.

Por outro lado, ele não é um enorme cipreste como aquele sob o qual eles se sentaram no capítulo 1, não é um cedro do Líbano, mas um damasqueiro; contudo, mesmo assim, essa árvore é suficientemente frondosa para eles se assentarem à sua sombra, além de apresentar a vantagem de produzir um refrescante fruto. Expressando de outra forma, é como se ele a levasse a um bar de vinhos; ela considera o amor dele inebriante. Ou, ainda, em outras palavras, ele é como um guerreiro, que coloca o seu estandarte de batalha sobre ela e a protege.

Nessa seção, dentro do drama do poema, a mulher está falando a outras pessoas (no hebraico, como em nosso idioma, há uma distinção entre “você” e “vocês” e, nesse caso, ela não está dirigindo a palavra ao seu amor). Assim, torna-se claro que ela está falando a outras garotas de Jerusalém. Uma vez mais, ela está separada de seu amado, e isso a machuca. Ela necessita que as demais lhe providenciem o mesmo revigoramento que teria caso estivesse com o seu

amado; por isso, a menção a damascos novamente ao lado de passas. Seriam equivalentes a uma indulgência revitalizante quando não fosse a temporada de frutas frescas. A exortação da mulher quanto a não despertar o amor antes do tempo adequado conecta-se com o pressuposto do poema de os dois não poderem estar juntos naquele momento. Talvez necessite que as demais garotas distraiam a sua mente e não queira ouvir cada detalhe do seu romance, pois é melhor não pensar muito no amado, quando não podem estar juntos durante todo o tempo. Ou, ainda, é possível que ela esteja apenas imaginando falar com as garotas de Jerusalém, conclamando-as a não se deixarem sobrepujar pelo amor, quando este ainda não atingiu o seu objetivo, pois essa é a dor que ela sente (como se fosse possível escolher!); talvez esteja falando consigo mesma e processando essa dor. Seja como for, suas palavras seriam um consolo aos ouvintes da leitura do poema, que possuem a mesma dor e estão se perguntando se são as únicas pessoas que sabem que o "amor machuca". Haveria significados distintos para jovens que se apaixonam pela primeira vez e para pessoas idosas que relembram o primeiro amor; isso poderia até ajudar a renovar os seus sentimentos por seu cônjuge.

No parágrafo mais longo, ela imagina o seu amado vindo e falando. A mulher, portanto, ignora o seu próprio conselho, o qual ela, talvez, perceba ser inviável. Do interior da casa de seus pais, ela o retrata se aproximando e chamando-a pela janela, convidando-a a sair e se juntar a ele. "Na primavera, a imaginação de um homem volta-se, ligeira, para pensamentos de amor" (Alfred Lord Tennyson), e o mesmo ocorre com a mulher. Do mesmo modo que ele está inacessível a ela, em sua imaginação (e, sem dúvida na realidade), ela também está inacessível a ele. Na casa dos pais, a amada está tão inacessível quanto uma ave refugiada em uma fenda na rocha, e ele deseja vê-la e ouvir a sua voz, enquanto ela deseja o mesmo, ouvir a voz do amado e vê-lo.

A linha sobre as raposas utiliza a imagem de uma vinha e expressa um apelo para que o amor deles não seja atacado e prejudicado, mas não está claro a quem se dirige; talvez a identificação não seja necessária. É comum alguém imaginar que o amado ou a amada será roubado(a) quando estiverem separados. O pano de fundo para o apelo é a direta e profunda descrição do compromisso mútuo: "O meu amor me pertence, e eu pertenço a ele." Se o Antigo Testamento falasse apenas da esposa como pertencente ao marido, seria possível inferir que houvesse uma compreensão de propriedade no casamento, mas o texto fala do "seu marido" e da "sua esposa" (lit., "seu homem" e "sua mulher"). O seu ideal é uma relação na qual cada pessoa possua a outra; o homem se entrega à sua

esposa, e a mulher se entrega ao seu marido (portanto, voluntariamente, eles se rendem um ao outro, abrindo mão do direito de se renderem a outra pessoa). Embora ainda não sejam casados, essa já é a natureza do compromisso mútuo assumido por esse casal. Eles não mais pertencem a si mesmos. Não há um amante e uma amada, como se o homem fosse o cabeça e a mulher a parte submissa (o Antigo Testamento jamais fala que a esposa deve obedecer ao seu marido). O relacionamento deve ser radicalmente mútuo e recíproco.

O capítulo é encerrado com um apelo que usa a figura anterior da descrição imaginativa da mulher quanto ao seu amado, conclamando-o (como se ele pudesse ouvir) a vir para ele, e vir agora!

Certa feita, uma aluna do sul da África fez-me um relato quanto aos aspectos de sua vida no lar natal. O seu avô teve onze esposas, e cada uma delas gerou seis a dez filhos. As cabanas das esposas formavam uma meia-lua em torno da cabana do avô, situada no centro, para que ele pudesse monitorar e controlar a sua família. Caso o avô irritasse outro homem, este não iria lutar com ele, mas espancaria uma de suas esposas. Quando uma das esposas engravidava e o avô desconfiava que não era o pai da criança, ele espancava a mulher grávida na frente das demais esposas até ela abortar. As esposas fugiam, mas retornavam com medo de animais selvagens e, então, como esposa líder, a avó da minha aluna era espancada. Nas décadas seguintes, a situação não se alterou; ela acabara de ouvir sobre a morte de uma amiga, após esta ser espancada pelo marido. Ela conheceu uma mulher que costumava fugir para a casa do seu irmão, por causa das frequentes agressões. O marido sempre aparecia para buscar a esposa, e o irmão nada podia fazer, exceto entregá-la, pois o marido tinha o direito de fazer o que quisesse com ela, isto é, a sua propriedade. Caso ela fugisse para a casa dos pais, ouviria da mãe uma pregação sobre submissão ao marido. Certo dia, ele a atingiu na cabeça com uma barra de ferro, e ela morreu. O mesmo entendimento de propriedade no matrimônio significa que as mulheres não têm o direito de se resguardarem do marido, caso este tenha contraído aids em razão de sua promiscuidade. Isso significa que incontáveis mulheres mortas em decorrência dessa enfermidade foram infectadas pelo marido.

Essas histórias possuem equivalentes nos diferentes contextos culturais do Ocidente. Um aspecto remediador seria os homens adotarem uma atitude em relação à sua esposa, similar à sugerida por Cântico dos Cânticos. Talvez essa possibilidade aponte para outro aspecto da importância de a perspectiva e as palavras da mulher dominarem o livro. Esse capítulo começa com o seu relato sobre um sonho no qual ela está deitada em seu leito, mas procurando pelo homem a quem ama. Sua descrição assume a qualidade surreal de um sonho quando ela passa a descrever a busca pela cidade, no desejo de encontrá-lo, mas que resulta infrutífera. Mesmo a polícia local, cuja função é saber tudo o que está ocorrendo e ter controle das pessoas que perambulam no meio da noite e que, potencialmente, estão dispostas a fazer o mal, não têm ideia de seu paradeiro. Por fim, ela o encontra, segura o seu braço e o arrasta para a casa da mãe dela. Ao citar a casa materna e o quarto da mãe, especificamente, ela implica, pelo menos, que o seu pai e a sua mãe mantêm espaços separados dentro da moradia da família, ou, talvez, vivam na verdade em casas separadas, como seria normal

em situações nas quais o homem possuía mais de uma esposa. Novamente, o sonho indica como ela anseia pelo momento no qual ela e o seu amado possam estar juntos o tempo todo. Uma vez mais, ela conclama as garotas de Jerusalém a não cometerem o mesmo erro que ela cometeu, de se apaixonar antes de estar em posição de fazer algo a respeito (ela não poderia mudar a situação de distância!). Trata-se, evidentemente, de um motivo importante; qualquer amor pelo qual não se possa fazer nada resultará apenas em dor e anseios não correspondidos.

O segundo parágrafo é outro poema notadamente imaginativo. Ele retrata a chegada de uma carruagem transportando Salomão, cercado por uma escolta militar que é, em parte, cerimonial, mas que também possui um significado prático. Salomão é reconhecido não apenas pelos jovens guerreiros por suas habilidades para a batalha, mas também pelas garotas de Jerusalém que, com seu amor, contribuíram para a confecção de sua carruagem, tornando-a adequadamente esplêndida. O derradeiro versículo indica que a carruagem o transporta em sua procissão matrimonial. A coroa a que o texto se refere não é a sua coroa regular de rei, mas uma coroa de casamento, confeccionada por sua mãe para aquela ocasião.

Agora, o restante do livro sugere que o conteúdo se refere ao relacionamento de um casal comum, a caminho de iniciarem uma jornada juntos, por toda a vida. Ele não sugere um rei e uma princesa ou rainha em potencial; certamente, não uma das setecentas princesas e trezentas esposas secundárias, que são mencionadas em 1Reis 11. Assim, por que o livro inclui um poema imaginário sobre um dos casamentos de Salomão? No capítulo 1, o “rei” parecia ser apenas uma forma de a mulher se referir ao seu amado — ele é um rei para ela, do mesmo modo que ela é uma princesa para ele. Portanto, aqui, a mulher, novamente, deixa a sua imaginação correr solta, enquanto faz a sua descrição da esplêndida chegada de um rei, para expressar toda a sua maravilha e admiração pelo seu amado, e retratar a chegada dele para tomar a sua mão, no dia do casamento deles. Literalmente, não haverá uma procissão como a descrita, quando ele sair de sua casa em direção ao local da cerimônia, mas, para ela, será exatamente assim. Novamente, ela atrai as outras garotas de Jerusalém para a sua própria admiração do amado; uma vez mais, trata-se de uma outra forma de expressar os próprios sentimentos sobre ele.

Surpreendi-me quando um amigo se apaixonou já com uma idade avançada (do mesmo modo que eu) e me pediu conselhos quanto ao relacionamento sexual com a sua noiva, que também era madura em idade. Como eu, igualmente, ele recebera uma educação na qual o beijo era o máximo de intimidade que os casais solteiros podiam se permitir. Contudo, vivemos hoje em uma cultura na qual as pessoas, normalmente, não esperam o casamento para terem relações sexuais. Meu amigo e a sua noiva pensam ser natural se permitirem a isso, porém sentem-se muito inibidos quanto a isso. Não se trata apenas de uma inibição legalista. Ambos desejam preservar algo para a noite de núpcias; querem que haja sincronia na posição deles em relação à igreja, suas famílias e a sociedade na qual vivem, que se relaciona com eles como se ainda não fossem casados; e que haja harmonia entre eles. Por outro lado, sentem ser natural que haja uma progressão na intimidade sexual entre eles, embora uma que não resulte em uma relação sexual completa.

Esse ideal parece se enquadrar com Cântico dos Cânticos. A despeito de, até aqui, a mulher dominar os poemas, no capítulo 4 o homem é que faz isso. Talvez seja significativo que ele fale mais sobre o lado visual do que a mulher, e igualmente significativo pode ser o fato de ela discorrer mais sobre fragrâncias. Contudo, não devo generalizar, pois, eu mesmo, não possuo um bom olfato. É possível que o fato de ele focar mais o lado visual é o que acentue o tom sexual de suas linhas e, assim, levante a questão sobre como um homem e uma mulher devem se relacionar nessa área antes de se casarem.

Imagino que os leitores do Oriente Médio ficariam espantados com as imagens usadas pela poesia romântica do Ocidente: “O meu amor é como uma rosa vermelha”, Robert Burns, ou “Beba-me apenas com os seus olhos”, Ben Jonson. Da mesma forma, as imagens presentes em Cântico dos Cânticos podem ser intrigantes para os leitores ocidentais. Não sabemos o motivo de a semelhança de uma pomba ser um elogio adequado aos olhos; contudo, há maior clareza quanto à imagem de um rebanho de cabras com pelos escuros, descendo a encosta de uma montanha, lembrar o fluir de cabelos. A exemplo das ovelhas, os dentes da mulher são brancos e bem ajustados, sem falhas, algo notável em uma cultura na qual os consultórios dentários são inexistentes. Uma romã dividida ao meio apresenta tanto cores escuras quanto luminosas, o que, talvez, sugira os tons luminosos da parte visível do rosto da mulher e do aspecto escuro sobre o véu. Ela tem um longo pescoço coberto de joias, como uma armadura; os seus

seios ostentam a mesma graciosidade de filhotes de corça ou gazelas. Decerto, está tudo bem com o olfato do seu amado, pois ele deseja saborear a fragrância que imagina ser exalada pelo corpo de sua amada.

Eles não podem estar juntos e, por propósitos práticos, é como se ela estivesse distante, nas montanhas da região Nordeste, nas quais animais selvagens vivem; ela encontra-se inacessível a ele, e este anseia que ela vá até ele como a sua noiva (chamá-la de “irmã” apenas sugere a intimidade de um relacionamento, similar ao existente entre familiares). No momento, ela é um jardim fechado ou uma fonte selada, sexualmente inacessível a ele, embora ainda seja um jardim exótico, pleno de delícias, e um jardim cujos portões ele, ansiosamente, sonha adentrar. Assim, ele convoca os ventos a virem e soprarem as fragrâncias da sua amada para que possa, pelo menos, senti-las.

A declaração longa e apaixonada de sua admiração e anseios sobrepuja, totalmente, a sua amada, que responde com sua própria expressão de anseio, para que ele vá até ela, do mesmo modo que ele deseja que ela seja levada a ele. Por seu turno, ele replica que já chegou. Portanto, os dois amantes, na imaginação do poeta, se deliciam na alegria da relação sexual, e o(a) próprio(a) poeta/poetisa, ou os seus amigos (talvez as garotas de Jerusalém), os encorajam a fazer isso.

Minha esposa e eu temos características recorrentes em nossos sonhos. Os de Kathleen inclinam-se a ser assustadores — ontem, em seu sonho, ela caiu debaixo de um carro. Nos meus sonhos, mais frequente do que ocasional é me ver empurrando Ann, a minha primeira esposa, em sua cadeira de rodas. Ambos sabemos que, em nossos sonhos, estamos processando eventos difíceis do passado; no caso de Kathleen, são algumas contingências traumáticas pelas quais ela passou antes de nos conhecermos. No meu, é a tristeza e o estresse pela enfermidade de Ann. Nós dois esperamos que, com o tempo, esse processo venha, eventualmente, a esmaecer, até mesmo pela cura que o nosso relacionamento nos traz.

A mulher, em Cântico dos Cânticos, também está processando enquanto sonha. Presumo que esteja fazendo algo assim em sua imaginação, descrita no capítulo 2. No capítulo seguinte, torna-se mais claro que ela está relatando um sonho, ao falar sobre deitar-se no leito, mas procurar pelo homem a quem ama e, novamente, nesse capítulo, no qual a sua descrição não assume apenas o caráter surreal de um sonho, mas também uma qualidade mais acentuada de um pesadelo. Ela descreve sonhos resultantes de uma mente desperta, enquanto dormimos; de fato, uma forma de descrição elegante e, ao mesmo tempo, extraordinária. Nesse estado, ela imagina ouvir sons, indicando a chegada do seu amor, e reage com algumas objeções levemente irracionais das que, em geral, ocorrem em um sonho. Ele, contudo, parece estar à porta, e ela se levanta para abri-la, mas as suas mãos escorregam da maçaneta e, quando ela, por fim, consegue abri-la, ele não está mais lá. A mulher sai para procurá-lo, como fizera no sonho anterior, mas, dessa vez, as sentinelas não são apenas inúteis; antes, a atacam, como se ela fosse um ladrão com más intenções, perambulando pela noite.

A sua súplica às garotas de Jerusalém as leva a questionar o que há de tão especial nesse homem para se unirem a ela em sua busca. A reação delas, por seu turno, ensejou a oportunidade de a mulher dar uma descrição do seu amor equivalente à que ele tinha dado sobre ela, no capítulo anterior, embora a sua descrição seja mais direta. Por fim, ela convence as garotas a participarem da sua busca.

Novamente, com a lógica desorientadora de um sonho, a sequência chega a uma conclusão, na qual ela, repentinamente, está na companhia do seu amor, ou,

antes, com ele na companhia dela, e os dois envolvidos em um amoroso abraço sexual. Na imaginação da mulher, ela é o jardim perfumado no qual ele apascenta, o leito de flores no qual ele colhe lírios. O pesadelo, as sentinelas e as garotas desapareceram. Isso é o que ocorre quando se encontra o verdadeiro amor; os temores e pesadelos e as opiniões das demais pessoas são sobrepujados pelo amor da outra pessoa. Ela pode, portanto, reafirmar a declaração anterior quanto ao compromisso mútuo (“Eu pertenço ao meu amor, e o meu amor pertence a mim”), embora, claro, a reverta e, assim, enfatize a mutualidade que a sentença expressa. Não há líder ou liderado nesse relacionamento.

O último parágrafo apresenta uma das raras contribuições do homem, na qual ele descreve a sua amada. Grande parte de sua descrição aplica à sua amada as mesmas palavras com as quais ela o descreveu. Tirza foi, por um período, a capital de Efraim e, assim, era uma cidade poderosa, a exemplo de Jerusalém. Portanto, as duas cidades citadas são imponentes e “embandeiradas”; são similares a um exército portando os seus estandartes. O homem prossegue na mesma trilha ao falar do empoderamento que ela lhe traz, usando um verbo incomum que está por trás do nome Raabe, e que aparece em outras passagens como o nome de um poderoso monstro marinho (não a Raabe, em Josué, cujo nome, no hebraico, é soletrado diferentemente). Apenas um olhar dela pode reduzi-lo a nada. Um homem poderia ter todas as mulheres do mundo, mas nenhuma seria comparável a ela.

Certa vez, tive de rever um comentário sobre Cântico dos Cânticos para um periódico. O autor considerou que o livro é sobre o relacionamento entre um homem e uma mulher e rejeitou a ideia de que, sob a superfície, o texto discorre sobre a relação entre Cristo e nós, que tem sido uma tradicional compreensão cristã. Simplesmente, observei esse fato e aprovei o texto. Então, recebi uma carta incisiva de uma freira que estava convencida de que a compreensão tradicional estava correta (ela estava escrevendo uma tese de doutorado sobre o tema), repreendendo-me por desconsiderar isso. Ela indicou que, embora, às vezes, se assuma essa interpretação quanto a Cântico dos Cânticos pela sua conotação, não existem mais evidências para essa convicção do que há para a visão de que a nossa sociedade sexualmente obcecada é que gera essa perspectiva sobre o livro ser apenas sobre sexo. Mantivemos uma amistosa correspondência e, na primeira oportunidade em que estive em sua cidade, aproveitei para visitá-la no convento, para uma xícara de chá.

Tenho inúmeros e variados motivos para seguir afirmando a visão questionada por ela e pensar que é importante enfatizá-la. Um deles é que não há nenhum sinal, em Cântico dos Cânticos, de que o seu significado aparente (i.e., sobre o relacionamento entre dois amantes) não seja o seu significado real. Ainda, a igreja precisa falar sobre sexo e não permitir que seja considerado um tema sem relação com Deus, ou que seja restrito a um discurso que relacione o sexo ao pecado. Outro motivo é que, isoladamente, Cântico dos Cânticos nos transmitiria uma impressão estranha da natureza da nossa relação com Deus, diferente da expressa por outras passagens da Escritura.

O capítulo 7 inclui a terceira e última ocorrência de uma sentença no livro, com leves variações: “Eu pertenço ao meu amor, e o seu desejo é por mim.” A palavra “desejo” tanto pode ter uma conotação positiva quanto negativa, seja no hebraico, seja em nosso idioma, não apenas em conexão com o sexo. No Antigo Testamento, o termo é usado apenas em outras duas passagens: em Gênesis 3, para descrever o desejo de Eva por Adão, e no capítulo seguinte, quando cita o desejo animalesco do pecado por Caim. Nesta segunda ocorrência, a conotação é negativa; na primeira, é ambígua. Aqui, em Cântico dos Cânticos, não há nada no texto que sugira que seja algo negativo; antes, o contexto sugere ser uma variante das diferentes expressões que o autor do livro usa para referir-se à atração mútua entre o homem e a mulher. Os versículos seguintes referem-se ao desejo compartilhado pelo casal de poderem fazer amor. No imaginário do livro,

a cidade possui conotações negativas; ali é que a mulher sofre agressões quando está procurando pelo seu amado. O campo apresenta implicações positivas, e imagens da natureza, como a vinha, e especialmente as romãs, contêm uma conotação de relação sexual. As mandrágoras contêm alucinógenos, o que pode explicar a tradição de terem efeitos afrodisíacos. Contudo, mais significativo é que, no hebraico, a palavra para mandrágora é muito similar aos termos para amor; nesse sentido, elas são “plantas do amor”. As coisas novas e velhas, nesse contexto, podem ser maneiras familiares de se relacionar sexualmente, bem como novas.

A natureza sensual do relacionamento amoroso em si o tornaria em uma forma estranha de falar indiretamente sobre a relação entre Deus e nós. A Bíblia não fala dessa relação em termos românticos; antes, a retrata como sendo similar à relação entre um pai ou uma mãe e o filho, entre um mestre e o seu pupilo, entre um rei e o súdito e entre um senhor e o servo. Todos esses relacionamentos podem envolver afeto e compromisso mútuo, mas são, essencialmente, hierárquicos. Deus é Deus, e nós, seres humanos. Não somos iguais, como o homem e a mulher, retratados em Cântico dos Cânticos. Embora o Antigo Testamento não diga às esposas para obedecerem ao marido, essa seria a expectativa provável em uma sociedade patriarcal, e, quando a Bíblia usa a relação marido-esposa como uma metáfora para o relacionamento Deus-homem, ela, então, não fala em termos da relação igualitária retratada em Cântico dos Cânticos.

Nos parágrafos iniciais dessa seção, a mulher, em sua imaginação, está indo ao campo, mas o jardim, o florescer e a vinha são, uma vez mais, metáforas para a relação sexual. A referência à surpresa sinaliza que ela está, de novo, relatando algo imprevisível e estranho, ocorrido em um sonho, no qual ela é, aparentemente, levada às “carruagens de Aminadabe”. A expressão sugere emoção com uma pitada de perigo e equipara-se à descrição do homem quanto a ela ter o poder de cidades embandeiradas. Talvez sejam as garotas de Jerusalém que, então, suplicam para ela virar-se e, desse modo, poderem contemplar a sua imponência. A sua resposta, novamente, utiliza o imaginário militar; contemplá-la é como olhar extasiado para a “dança” de dois acampamentos, ou exércitos, enquanto lutam entre si. Somente aqui é que a mulher é citada como a Sulamita; o homem é uma espécie de Salomão (Shelomoh), e ela é uma espécie de fêmea equivalente.

Um filme recentemente lançado conta a história de Edward VIII, que reinou no Reino Unido por 325 dias, em 1936. Antes de ascender ao trono, ele se apaixonou por Wallis Simpson, que não apenas cometeu o pecado de nascer nos Estados Unidos, mas também já havia se divorciado duas vezes. Certamente, os líderes da igreja e do Estado não aceitariam o casamento do rei com uma mulher assim. Após longo tempo de angústia e reflexão, Edward declarou à nação: "Descobri ser impossível carregar o pesado fardo da responsabilidade e cumprir os meus deveres como rei, como desejaria, sem o auxílio e o apoio da mulher que eu amo." Minha esposa comentou: "As mulheres sonham em ser amadas assim, a ponto de um homem renunciar ao seu reinado por ela." Edward abdicou do trono, casou-se com Wallis Simpson, e viveram felizes por 35 anos, até ele falecer em 1972.

O amor é tão forte quanto a morte, e a paixão é tão dura quanto o Sheol. Essa é uma comparação e tanto. Quando a morte alcançar você, ela não o(a) deixará ir. Sheol ou Hades (o termo equivalente em grego) possui portões que uma pessoa não é capaz de romper, a fim de sair. Aqueles portões apenas podem ser rompidos do lado de fora, afirmou Jesus, em Mateus 16. O amor possui o mesmo poder; é como um arqueiro que atira flechas flamejantes contra você, flechas que queimam com tamanha intensidade que você não encontrará água em quantidade suficiente para apagá-las. É como se a chama fosse sobrenatural. Literalmente, elas são a "chama de Yah" (o nome é uma forma abreviada de Yahweh — ou, talvez, Yahweh seja uma forma mais longa do nome). Essa é a única ocasião na qual o nome de Deus é mencionado em Cântico dos Cânticos. O amor é mais forte do que qualquer outra força terrena. Quando o amor vem, não há como escapar.

Você não se importa, o texto implica, ou, pelo menos, não se importa com o fato de estar arrebatado; tudo o que deseja é que a outra pessoa seja claramente marcada, como a sua alma e o seu corpo; o selo é colocado sobre o coração e sobre o braço. A referência dupla implica que o poema não está se referindo a um selo real, e não conhecemos nenhum símbolo (análogo ao anel de casamento, no caso do Ocidente) que indicasse que um israelita era casado, mas a imagem de um selo, tanto interno quanto externo, sugere uma referência ao casamento. Nessa conexão, uma vez mais, Cântico dos Cânticos exclui a ideia de que o matrimônio significa que o homem, doravante, tem algum direito de propriedade sobre a esposa, exceto como um dos participantes de um arranjo por meio do

qual a mulher também tem direitos sobre o homem. O selo de propriedade da mulher está no ser interior do marido e em seu corpo, para todos verem. Pressupostos culturais podem considerar que ela pertence a ele, como implícito na tradição da cultura do Ocidente, quando o pai entrega a noiva ao noivo, simbolizando a transferência da propriedade de um homem ao outro. Essa mulher contraria essa ideia; ele pertence a ela do mesmo modo que ela pertence a ele.

Entretanto, um casal assim, preparado para assumir esse compromisso mútuo, pode não ter condições ainda de se casar imediatamente, e a espera por esse dia torna-se agonizante; daí o anseio impossível expressado no primeiro versículo do capítulo final. Se o seu homem fosse o seu irmão, ela poderia expressar sua afeição a ele por meio de beijos e abraços, todavia essa expressão pública por outro homem seria inaceitável em sua cultura, exceto entre membros da mesma família. Ou ela poderia levá-lo para casa; a forma com que se refere ao abraço deles ali sugere que o refrigério da qual ela fala é uma metáfora para a relação sexual pela qual anseia. Quanto tempo mais devem esperar até as famílias encerrarem as suas negociações e os preparativos para a celebração estejam concluídos? A mulher repete a exortação para que o amor não seja despertado até que este o queira. Um casal não deve se sentir muito oprimido pelo amor, quando ainda não estão em posição de agir conforme os seus sentimentos e serem capazes de viver juntos. Todavia, a intensidade dessa chama torna essa declaração inútil.

A força do amor pode levar você a uma posição ainda mais difícil do que a enfrentada pelo rei Edward. Talvez a pessoa pela qual você se apaixone seja casada, ou é possível que você seja a parte casada. Talvez não tenha simplesmente que esperar um pouco, mas precise encarar o fato de que jamais será capaz de agir sobre os seus sentimentos. Pode até mesmo estar preparado(a) para ignorar os compromissos com a sua família e dedicar todos os seus recursos a um novo amor; mas, então, você se tornaria em objeto de vergonha em toda a comunidade. Talvez a pessoa por quem você se apaixonou não esteja interessada; mesmo que esteja disposto(a) a abrir mão de tudo para estar com a pessoa amada, isso de nada adiantará se o seu sentimento não for correspondido. “O dinheiro não pode comprar o amor.” Ou se a pessoa amada, cinicamente, concordar em aceitar a sua proposta por interesses egoístas, você se tornará motivo de chacota. Todos esses motivos aumentam a importância daquela exortação, que contraria o princípio de que o amor possui uma força irresistível. Não há como fugir do conflito entre os dois princípios.

Presumivelmente, as garotas exortadas pela mulher são as mesmas que questionam a exortação. Ela, então, replica com uma irônica admissão de que havia, de fato, despertado o seu homem quando estavam juntos no campo, pois ali podiam ficar mais à vontade do que na cidade, para a qual, agora, retornavam. Embora o texto insinue que a mãe dela conspire a favor do relacionamento entre a sua filha e o jovem rapaz, um dos seus problemas na cidade é que os irmãos dela não concordam. Sabemos, da primeira seção do livro, sobre a tensão existente na relação dela com os seus irmãos. Ela, agora, os cita novamente. Os seus irmãos dizem que ela ainda é jovem demais para pensar em um rapaz e que precisa se manter sexualmente segura para o dia do seu casamento. Ela responde que permanece um muro — isto é, que permanece sexualmente intacta. Durante toda aquela conversa sobre relações sexuais ao longo do livro, ela não foi violada. Portanto, tudo isso não passou de imaginação e antecipação, como o próprio texto, com frequência, indicou. Por outro lado, os seus irmãos ainda não tinham se apercebido de que a irmãzinha deles crescera. Ela é um muro e possui torres e, assim (argumenta, com presença de espírito), personifica a paz e pode trazer paz ao homem que reconhece os dois fatos.

Com mais sagacidade e ironia, ela acrescenta um ponto por meio de um comentário sarcástico sobre Salomão e a sua “vinha”. Como de hábito, a vinha é uma metáfora para uma mulher, e já observamos que 1Reis nos relata que Salomão possuía mil esposas. Há tantas, ela observa, que o rei teve que empregar guardas para garantir que as esposas estivessem sob controle ou protegidas. “Ele pode guardar as suas mil parceiras”, ela afirma. “Estou no controle da minha vinha e conheço quem irei convidar para entrar nela.” A maturidade implica que ela é capaz de proteger o seu muro, e a mulher sabe que necessita fazer isso até se casar e que pode confiar no homem que ama de uma nova maneira.

Os dois últimos versículos formam um diálogo de encerramento entre o homem e a mulher, que ainda estão separados, incapazes de se unirem. Cântico dos Cânticos é encerrado do mesmo modo que seguiu, desde o início: com anseio, não com realização. A mulher ainda pertence aos seus amigos; ele deseja ouvir a sua voz. O homem ainda está muito distante dela, e ela não pode esperar para que estejam juntos.

GLOSSÁRIO

Amor, veja entregar-se

Autoridade Líderes são pessoas que “exerciam autoridade” em Israel. A palavra hebraica para alguém que exerce tal autoridade, shopet, é tradicionalmente traduzida por “juiz”, mas essa liderança é mais ampla que isso. Exercer autoridade significa tomar decisões em qualquer área da vida. Isso pode incluir decidir questões de conflito na comunidade (“julgar”), mas, igualmente, qualquer outro exercício apropriado de autoridade ou de governo. A função dos líderes é exercer autoridade em conformidade com a fidelidade a Deus e ao povo e, portanto, de proteger os mais desfavorecidos.

Compromisso O termo corresponde à palavra hebraica hesed, que as traduções expressam de modos distintos: amor inabalável, benignidade, bondade ou fidelidade. É o equivalente, no Antigo Testamento, à palavra especial para amor, agapē, no Novo Testamento. O Antigo Testamento usa “compromisso” em referência a um ato extraordinário por meio do qual uma pessoa se dedica a alguém, numa atitude de generosidade, lealdade ou graça, quando não há um relacionamento prévio entre as partes e, portanto, nenhum motivo para isso. Pode também referir-se a um ato extraordinário similar que ocorre quando há uma relação prévia, na qual uma das partes decepciona a outra e, assim, não tem o direito de esperar qualquer fidelidade da outra parte. Caso a parte ofendida continue sendo fiel, trata-se de uma demonstração desse compromisso.

Decisão, veja autoridade

Fidelidade Nas Bíblias do idioma inglês, essa palavra hebraica (sedaqah) é,

normalmente, traduzida por righteousness [justiça ou retidão], mas isso denota uma tendência particular quanto ao que podemos exprimir com esse termo. No original, significa fazer a coisa certa à pessoa com quem alguém está se relacionando, aos membros de uma comunidade. Dessa maneira, a palavra faithfulness [fidelidade] está mais próxima do sentido original do que righteousness.

Infidelidade Termo para o pecado que sugere o oposto de fidelidade; uma atitude em relação a Deus e aos outros que expressa um desprezo pelo que os relacionamentos corretos merecem.

Entregar-se Utilizo essa expressão em muitas passagens para traduzir a palavra hebraica que, tradicionalmente é traduzida por "amor", porque, enquanto esta última palavra sugere, facilmente, apenas uma emoção, o termo hebraico denota uma atitude e uma ação, além de uma emoção.

Ódio, veja repúdio

Repúdio Essa palavra possui o sentido oposto ao de entregar-se. Tradicionalmente, a palavra é traduzida por ódio, mas, a exemplo da palavra "amor", ela denota uma atitude que se expressa em ação, não apenas uma emoção.

Sheol O nome hebraico mais frequente para o lugar para o qual vamos quando morremos. No Novo Testamento, é chamado de "Hades". Não se trata de um lugar de punição ou sofrimento, mas simplesmente de um local de descanso para todos, uma espécie de análogo não físico para a sepultura, como lugar de repouso para o nosso corpo.

Temor O hebraico utiliza as mesmas palavras tanto para expressar medo de alguém temível quanto para expressar respeito por alguém digno de reverência. Às vezes, torna-se difícil identificar qual a atitude objetivada pela palavra. Tenho usado "temor" quando o contexto implica a segunda atitude, que também inclui submissão e obediência. Nos livros de Sabedoria, o temor é visto como aspecto-chave de um relacionamento com Deus, de crucial importância para compreender Deus e a vida. O temor por Deus tem sido descrito com a expressão do Antigo Testamento para espiritualidade.

Torá Constitui o termo hebraico para os cinco primeiros livros da Bíblia. Eles, em geral, são referidos como a "Lei", mas esse título propicia uma impressão equivocada. No próprio livro de Gênesis, não há nada como "lei", bem como Êxodo e Deuteronômio não são livros "jurídicos". A palavra hebraica (torah) em si significa "ensino" ou "instrução", o que fornece uma impressão mais correta da natureza da Torá e do seu valor em Provérbios.

Yahweh Na maioria das traduções bíblicas, a palavra "Senhor" aparece em letras maiúsculas ou em versalete, como ocorre, às vezes, com a palavra "Deus". Na realidade, ambas representam o nome de Deus, Yahweh. Nos tempos do Antigo Testamento, os israelitas deixaram de usar o nome Yahweh e começaram a usar "o Senhor". Há dois motivos possíveis. Os israelitas queriam que outros povos reconhecessem que Yahweh era o único e verdadeiro Deus, mas esse nome de pronúncia estranha poderia dar a impressão de que Yahweh fosse apenas o deus tribal de Israel. Um termo como "o Senhor", ou "Deus", era mais facilmente reconhecível. Além disso, eles não queriam incorrer na quebra da advertência presente nos Dez Mandamentos sobre usar o nome de Yahweh em vão. Traduções em outros idiomas, então, seguiram o exemplo e substituíram o nome de Yahweh por "o Senhor". O lado negativo é que isso obscurece o fato de Deus querer ser conhecido por esse nome. Por esse motivo, o texto utiliza Yahweh, com frequência, não algum outro nome (assim chamado) deus ou senhor. Essa prática dá a impressão de Deus ser muito mais "senhoril" e patriarcal do que ele o é na realidade. (A forma "Jeova" não e uma palavra real, mas uma mescla das consoantes de Yahweh e das vogais da palavra Adonai [Senhor, em hebraico], com o intuito de lembrar as pessoas que na leitura da Escritura elas

deveriam dizer “o Senhor”, não o nome real.)

SOBRE O AUTOR

John Goldingay é pastor, erudito e tradutor do Antigo Testamento. Ele é professor emérito David Allan Hubbard de Antigo Testamento no prestigiado Seminário Teológico Fuller em Pasadena, Califórnia. É um dos acadêmicos de Antigo Testamento mais respeitados do mundo com diversos livros e comentários bíblicos publicados. O autor possui o livro Teologia bíblica publicado pela Thomas Nelson Brasil.

Livros da série de comentários

JÁ DISPONÍVEIS pela Thomas Nelson Brasil

Pentateuco para todos: Gênesis 1—16 • Parte 1

Pentateuco para todos: Gênesis 17—50 • Parte 2

Pentateuco para todos: Êxodo e Levítico

Pentateuco para todos: Números e Deuteronômio

Históricos para todos: Josué, Juízes e Rute

Históricos para todos: 1 e 2Samuel

Históricos para todos: 1 e 2Reis

Históricos para todos: 1 e 2Crônicas

Históricos para todos: Esdras, Neemias e Ester

Poéticos para todos: Jó

Poéticos para todos: Salmos 1—72 • Parte 1

Poéticos para todos: Salmos 73—150 • Parte 2

Poéticos para todos: Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos

Livros da série de comentários

JÁ DISPONÍVEIS pela Thomas Nelson Brasil

Mateus para todos: Mateus 1—15 • Parte 1

Mateus para todos: Mateus 16—28 • Parte 2

Marcos para todos

Lucas para todos

João para todos: João 1—10 • Parte 1

João para todos: João 11—21 • Parte 2

Atos para todos: Atos 1—12 • Parte 1

Atos para todos: Atos 13—28 • Parte 2

Paulo para todos: Romanos 1—8 • Parte 1

Paulo para todos: Romanos 9—16 • Parte 2

Paulo para todos: 1Coríntios

Paulo para todos: 2Coríntios

Paulo para todos: Gálatas e Tessalonicenses

Paulo para todos: Cartas da prisão

Paulo para todos: Cartas pastorais

Hebreus para todos

Cartas para todos: Cartas cristãs primitivas

Apocalipse para todos